

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – UFPEL**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**ESCOLAS ÉTNICAS ITALIANAS EM PORTO ALEGRE/RS  
(1877-1938): A FORMAÇÃO DE UMA REDE ESCOLAR  
E O FASCISMO**

**GELSON LEONARDO RECH**

Pelotas, 2015

**GELSON LEONARDO RECH**

**ESCOLAS ÉTNICAS ITALIANAS EM PORTO ALEGRE/RS  
(1877-1938): A FORMAÇÃO DE UMA REDE ESCOLAR  
E O FASCISMO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Elomar Antonio Callegaro Tambara.

Pelotas, 2015

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

R296e Rech, Gelson Leonardo

Escolas étnicas italianas em Porto Alegre/RS (1877-1938): a formação de uma rede escolar e o fascismo / Gelson Leonardo Rech; Elomar Antonio Callegaro Tambara, orientador. — Pelotas, 2015.  
451 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2015.

1. Escolas étnicas italianas. 2. Italianidade. 3. Fascismo. 4. Culturas escolares. 5. Rede escolar. I. Tambara, Elomar Antonio Callegaro, orient. II. Título.

CDD: 370

**GELSON LEONARDO RECH**

**ESCOLAS ÉTNICAS ITALIANAS EM PORTO ALEGRE/RS  
(1877-1938): A FORMAÇÃO DE UMA REDE ESCOLAR  
E O FASCISMO**

Tese aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Doutor em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 22 de dezembro de 2015.

Banca examinadora:

.....  
Prof. Dr. Elomar Antonio Callegaro Tambara (Orientador)  
Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
(UFRGS)

.....  
Prof. Dr. Eduardo Arriada  
Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

.....  
Profa. Dra. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin  
Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

.....  
Profa. Dra. Patrícia Weiduschadt  
Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
(UNISINOS)

.....  
Profa. Dra. Terciane Ângela Luchese  
Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
(UNISINOS)



## DEDICATÓRIA

À Nice e ao Arthur que fizeram comigo o caminho.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos professores da Universidade Federal de Pelotas, especialmente, à Giana Lange do Amaral, ao Eduardo Arriada, à Patrícia Weiduschaudt, ao Jovino Pizzi, ao Gomercindo Ghiggi e ao Avelino da Rosa Oliveira.

Ao meu orientador, professor Elomar Tambara, por ter acolhido o meu projeto, apostado no meu trabalho e pela crítica ponderada.

Ao professor Lúcio Kreutz e à professora Terciane Ângela Luchese por terem me apresentado para a apaixonante área da História da Educação.

Aos amigos Maurício e Manoel por me ajudarem a “escavar” os arquivos em Roma.

Às colegas de trabalho Juce, Lisele e Amanda, que contornaram minhas ausências.

À Francine e à Fabiana, que puseram os pingos nos “is”.

Aos professores Mário Gardelin e Dari Simi, que abriram seus acervos pessoais.

À Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul, que, comigo, quis saber de sua história.

Ao Consulado Geral da Itália no Rio Grande do Sul que permitiu o acesso aos arquivos.

À Universidade de Caxias do Sul por incentivar a pesquisa e ajustar meus horários de trabalho.

Aos amigos Adriano Malikoski, Everaldo Cescon e Evaldo Antonio Kuiava pelo apoio.

À dona Neli e à tia Cleri pela zelosa companhia ao Arthur na minha ausência.

À Solange e ao Gilmar pela torcida e compreensão.

À minha amada e sábia mãe pelo exemplo de educadora e pelas orações.

A Deus, que se fez história.

## EPÍGRAFE

*“Lutar, lutar sempre, até o sacrifício; levar alto, bem alto, o nome italiano, render-lhe em qualquer lugar respeito e amor [...].”*

Adelchi Colnaghi

**RESUMO:** o presente trabalho tem como objetivo investigar as escolas étnicas italianas na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no período compreendido entre 1877, marco da fundação da Sociedade Italiana *Vittorio Emanuele II*, e 1938, quando ocorreu o fechamento dessas instituições. Na esteira da História Cultural, a partir de fontes arquivísticas e periódicos, busca-se analisar o processo de constituição dessas escolas e de sua cultura escolar articulado à construção da italianidade e de sua defesa. Procura-se, também, demonstrar que, em Porto Alegre, ocorreu uma trajetória duradoura de manutenção e de preservação da escola étnica. Nesse contexto, pretende-se ressaltar o fato de as sociedades italianas, juntamente à representação consular sediada na capital, terem sido as instituições que lideraram e articularam as principais iniciativas escolares, formando, na década de 1930, uma rede escolar sob a égide da ideologia fascista. O processo histórico de constituição das escolas da capital foi marcado por distintas compreensões da italianidade e por diferentes fases. Pelo conjunto dos dados analisados, foi possível estabelecer ao menos três períodos: de 1877 até 1913; de 1914 até 1928; e de 1928 até 1938. Salienta-se que o período de 1928 a 1938 foi caracterizado pela retomada da italianidade na perspectiva do fascismo, o qual, entre várias estratégias, introduziu o ensino gratuito da língua italiana nos ginásios da capital e instituiu uma Direção Didática única para as escolas étnicas ligadas ao Consulado Geral da Itália em Porto Alegre, culminando na reorganização das instituições de ensino existentes e na abertura de novas escolas. Destaca-se, nesse último período, a constituição de uma rede escolar ítalo-brasileira, basicamente subsidiada pelo Governo Italiano e apoiada pelo Governo Brasileiro, caracterizada por um conjunto de atividades e de programas comuns, por uma unidade de orientação e de acompanhamento, por professores e por materiais didáticos enviados da Itália, visando à formação de “perfeitos *balillas* e bons italianos”.

**Palavras-chave:** Escolas étnicas italianas. Italianidade. Fascismo. Culturas escolares. Rede escolar.

**ABSTRACT:** the aim of this work is to investigate Italian ethnic schools in the city of Porto Alegre, Rio Grande do Sul, in the period between 1877, year of foundation of Italian Society *Vittorio Emanuele II*, and 1938, when these institutions were closed. In the wake of Cultural History, articulating archival and newspaper sources, it searches to analyse the process of constitution of these schools and their school culture articulated with the construction of Italianity and its defence. It was, also, tried to demonstrate that, in Porto Alegre, there was a long-lasting process of maintenance and preservation of ethnic school. In this context, it is important to highlight the fact that Italian societies, together with consular representation located in this capital city, were the institutions, which led and articulated the main school initiatives forming, in the thirties, a school net under the aegis of fascist ideology. The historic process of constitution of such schools, in Porto Alegre, was marked by different forms of understanding Italianity, and by different phases. By the analysed set of data, it was possible to establish, at least, three periods: from 1877 to 1913; from 1914 to 1928, and from 1928 to 1938. It is highlighted that the period of 1928 to 1938 was characterized by a revival of Italianity, in the perspective of fascism, which, among many strategies, introduced free teaching of Italian language at secondary schools of the capital, and instituted a sole Didactics Direction for ethnic schools linked to the General Consulate of Italy in Porto Alegre. This culminated in the reorganization of existing elementary Italian schools, and in the opening of new schools. The constitution of an Italian-Brazilian school net, in this last period, basically subsidized by Italian government and supported by Brazilian government, was characterized by a range of common activities and programs, by a unity in orientation and follow-up, by teachers and by didactic materials sent from Italy, aiming at education of “perfeitos balillas e bons italianos” (“*balilla* and good Italian majors”).

**Key words:** Italian ethnic schools. Italianity. Fascism. School cultures. School net.

**RIASSUNTO:** la presente tesi ha come obbiettivo ricercare le scuole etniche italiane nella città di Porto Alegre, Rio Grande do Sul, nel periodo tra il 1877, data della fondazione della Società Italiana *Vittorio Emanuele II* ed il 1938, quando è occorsa la chiusura di quelle iniziative. Nella scia della Storia Culturale, articolando delle fonti archivistiche e dei periodici, si cerca di analizzare il processo di costituzione di quelle scuole e la loro cultura scolastica articolato con costruzione dell'italianità e della sua difesa. Si è cercato quindi di dimostrare che a Porto Alegre è occorso un processo durevole di mantenimento e di preservazione della scuola etnica. In questo contesto si intende sottolineare il fatto che le Società Italiane insieme alla rappresentazione consolare con sede nella capitale siano state le istituzioni che hanno guidato ed articolato le principali iniziative scolastiche formando, nel decennio 1930, una rete scolastica sotto l'egida dell'ideologia fascista. Il processo storico di costituzione di tali scuole a Porto Alegre è stato segnato da distinte comprensioni dell'italianità e da diverse fasi. Dall'insieme dei dati analizzati è stato possibile stabilire almeno tre periodi: dal 1877 al 1913; dal 1914 al 1928; e dal 1928 al 1938. Si sottolinea che il periodo tra il 1928 ed il 1938 è stato caratterizzato dalla ripresa dell'italianità nella prospettiva del fascismo che, tra diverse strategie, ha introdotto l'insegnamento gratuito della lingua italiana nelle scuole medie della capitale ed ha istituito una Direzione Didattica unica per le scuole etniche legate al Consolato Generale d'Italia a Porto Alegre, culminando nella riorganizzazione delle scuole italiane elementari esistenti e nell'apertura di nuove scuole. Si sottolinea in quest'ultimo periodo la costituzione di una rete scolastica italo-brasiliana essenzialmente sussidiata dal Governo Italiano e sostenuta dal Governo Brasiliano, caratterizzata da un insieme di attività e di programmi comuni, da un'unità di orientamento e di accompagnamento, da insegnanti e da sussidi didattici inviati dall'Italia mirando alla formazione di "perfetti *balillas* e buoni italiani".

**Parole-chiavi:** Scuole etniche italiane. Italianità. Fascismo. Culture scolastiche. Rete scolastica.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Jornais em língua italiana publicados em Porto Alegre (1884-1935)	48
Quadro 2: Sociedades italianas de Porto Alegre (1877-1938)	114
Quadro 3: Sociedades italianas de Porto Alegre e iniciativas escolares (1877 - 1938)	115
Quadro 4: Cônsules italianos no Rio Grande do Sul (1875-1914)	119
Quadro 5: Agentes e correspondentes consulares no RS em 1938	120
Quadro 6: Escolas subsidiadas pelo governo italiano no RS (1894)	122
Quadro 7: Cônsules italianos no Rio Grande do Sul (1908-1950)	130
Quadro 8: Escolas étnicas das sociedades italianas e número de alunos em Porto Alegre em 1908 e 1914	145
Quadro 9: Sociedade <i>Principessa Elena di Montenegro</i> : cônsules italianos, presidentes da Sociedade, professores e diretores da Escola (1893-1938)	162
Quadro 10: Previsão de despesas das Sociedades <i>Umberto I</i> e <i>Principessa Elena di Montenegro</i> para manutenção das escolas (1929)	166
Quadro 11: Alunos que se destacaram nos exames escolares de 1911	171
Quadro 12: Disciplinas da <i>Scuola Umberto I</i> (1929)	176
Quadro 13: Programa dos exames do ano de 1926 da <i>Umberto I</i> e <i>P. Elena di Montenegro</i>	178
Quadro 14: Cursos de Língua Italiana da <i>Dante Alighieri</i> em 1935	186
Quadro 15: Disciplinas do Curso Comercial em 1925	204
Quadro 16: Alunos do Instituto Menegatti aprovados em 1929	215
Quadro 17: Alunos aprovados no Curso Comercial no ano de 1929	215
Quadro 18: Escolas leigas no RS apuradas por Luigi Arduini (1925)	222
Quadro 19: Escolas italianas no Brasil e número de alunos	225
Quadro 20: Instituições em que Gino Battocchio lecionou em Porto Alegre	257
Quadro 21: Escolas das sociedades italianas e número de alunos em Porto Alegre nos anos de 1924, 1925, 1927 e 1930	261
Quadro 22: Perfil dos alunos da <i>Scuola P. Elena di Montenegro</i> (1932)	266
Quadro 23: Perfil dos alunos da <i>Scuola Umberto I</i> (1932)	267
Quadro 24: Relação de material solicitado pelo cônsul Mario Carli	273
Quadro 25: Relação de material necessário para a abertura das escolas italianas de Porto Alegre para o ano de 1933	274
Quadro 26: Resumo da situação das escolas em maio de 1933	279
Quadro 27: Inscritos na <i>Scuola Umberto I</i> até o final de maio de 1935	286
Quadro 28: Inscritos na <i>Scuola Principessa Elena di Montenegro</i> até o final de maio de 1935	286
Quadro 29: Inscritos na <i>Scuola Dante Alighieri</i> até o final de maio de 1935	286
Quadro 30: Comparativo dos Programas Didáticos para a II série do ensino elementar da <i>Scuola Umberto I</i> de 1929 e 1938	297
Quadro 31: Sobre a frequência; sobre a O.G.I.E; sobre a assistência em setembro de 1937	308
Quadro 32: Evolução do número de alunos inscritos nas escolas da capital (1932 -1937)	312
Quadro 33: Professores das escolas italianas (1932-1938)	323
Quadro 34: Salários pagos pelo Consulado em 1934	324
Quadro 35: <i>Campeggi</i> e Colônias de 1933, 1936 e 1937	360
Quadro 36: Livros didáticos das escolas italianas de Porto Alegre	374

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Adelchi Colnaghi (1925).....	43
Figura 2: Cabeçalho do jornal <i>Stella d'Italia</i> em sua primeira edição de 30/03/1902.....	47
Figura 3: Cabeçalho do jornal <i>Correio do Povo</i> em sua primeira edição de 01/10/1895.....	52
Figura 4: Cabeçalho do jornal <i>A Federação</i> em sua edição de número 51, de 03/03/1884.....	55
Figura 5: Capa do jornal <i>Stella d'Italia</i> da edição de 20/09/1913.....	80
Figura 6: Cônsul Manfredo Chiostrri em 1924 .....	91
Figura 7: Sociedade Italiana de Mútuo Socorro <i>Vittorio Emanuele II</i> .....	104
Figura 8: Construção da sede da <i>Società Italiana di Beneficenza ed Istruzione Principessa Elena di Montenegro</i> (1908) .....	107
Figura 9: Campo da Redenção, reduto de italianos (1902) .....	111
Figura 10: A administração social da <i>Società Italiana Moranesi Uniti</i> (1925) ..	113
Figura 11: Sede do Consulado Italiano em Porto Alegre (1930) .....	124
Figura 12: Sede do Consulado Geral da Itália no Rio Grande do Sul (1969) ..	125
Figura 13: Cônsul Enrico Ciapelli.....	137
Figura 14: Fachada do prédio da Sociedade Italiana <i>Vittorio Emanuele II</i> em 1938 com a inscrição: “Colégio Ítalo-Brasileiro” .....	155
Figura 15: Anúncio da <i>Scuola Principessa Elena di Montenegro</i> em 1902....	157
Figura 16: Alunos da <i>Scuola Principessa Elena di Montenegro</i> com a professora Amélia Sanguin ao centro (1925) .....	161
Figura 17: Balanço da <i>Società Principessa Elena di Montenegro</i> (1916) .....	165
Figura 18: Correspondência sobre subsídios às escolas. ....	167
Figura 19: Sede da Sociedade <i>Umberto I</i> (1938) .....	168
Figura 20: Alunos da <i>Scuola Umberto I</i> com o professor Francesco Zuliani ao centro .....	169
Figura 21: Alunos da <i>Scuola Umberto I</i> de Porto Alegre em 1925 com a professora Giuseppina Maia .....	170
Figura 22: Programa da primeira classe da <i>Scuola Umberto I</i> (1929) .....	175
Figura 23: Sede da Sociedade Italiana <i>Dante Alighieri</i> (1935) .....	181
Figura 24: Primeira sede da Sociedade <i>Dante Alighieri</i> (1920) .....	182
Figura 25: Cabeçalho das folhas oficiais do comitê da <i>Dante Alighieri</i> de Porto Alegre .....	183
Figura 26: Hora de Arte na <i>Italica Domus</i> realizada pelos alunos de italiano da <i>Dante Alighieri</i> .....	186
Figura 27: Primeiro Congresso das Sociedades Italianas do Rio Grande do Sul (1937) .....	189
Figura 28: Barbarisi na abertura do Primeiro Congresso das Sociedades Italianas do Rio Grande do Sul (1937) .....	189
Figura 29: Anúncio do Instituto Ítalo-Brasileiro <i>Dante Alighieri</i> .....	196
Figura 30: Professores Augusto e Linda Menegatti .....	201
Figura 31: Professora Linda Vighi Menegatti em 1954 .....	202
Figura 32: Alunos do Instituto Ítalo-Brasileiro Augusto Menegatti com o uniforme alpino (1925) .....	202
Figura 33: Professores do Instituto Augusto Menegatti .....	206
Figura 34: Anúncio informando sobre o curso de datilografia. ....	208
Figura 35: Piero Parini (de pé, à esquerda) na <i>Italica Domus</i> (1931) .....	233



Figura 36: Cônsul Mario Carli .....	235
Figura 37: Autoridades na celebração do aniversário do Rei <i>Vittorio Emanuele III</i> , no consulado, em Porto Alegre (1935).....	239
Figura 38: Reinauguração da estátua de Anita e Giuseppe Garibaldi .....	240
Figura 39: Primeira reunião do Instituto de Cultura Ítalo-Rio-Grandense na Biblioteca Pública.....	242
Figura 40: Encerramento das aulas de italiano no Colégio Rosário (1937) ...	252
Figura 41: Encerramento das aulas de italiano do ano de 1939 no Colégio Rosário .....	253
Figura 42: Professor Gino Costante Battocchio (1925) .....	255
Figura 43: Inauguração oficial das quatro escolas italianas de Porto Alegre (1933) .....	277
Figura 44: Nota fiscal da Livraria Selbach (1934) .....	281
Figura 45: Mapa parcial de Porto Alegre com a posição geográfica das escolas italianas em 1936.....	290
Figura 46: Prédio da <i>Scuola Rosa Maltoni</i> (1938) .....	292
Figura 47: Cônsul Guglielmo Barbarisi .....	294
Figura 48: Programa didático da <i>Scuola Umberto I</i> (1938).....	296
Figura 49: Resumo das despesas de reformas das escolas <i>Dante e Rosa Maltoni</i> .....	303
Figura 50: Resumo das despesas com aluguel da <i>Scuola Rosa Maltoni</i> .....	304
Figura 51: Recibo de aluguel de depósito de material escolar .....	304
Figura 52: Resumo das despesas com materiais escolares de 1935 e 1936 .....	305
Figura 53: Despesas com professores e assistentes (1935-1936) .....	305
Figura 54: Despesas de telefone das escolas (1936) .....	306
Figura 55: Resumo das despesas com aluguel da <i>Scuola Umberto I</i> (1936) .....	306
Figura 56: Aviso de início das matrículas dos colégios italianos da capital ..	321
Figura 57: Professora Beatrice Lupi .....	328
Figura 58: Aldo Termignoni, primeiro à direita com nove anos (1934) .....	331
Figura 59: Anúncio do Concurso Guglielmo Marconi.....	333
Figura 60: Alunos da <i>Scuola Umberto I</i> antes da refeição (1935).....	338
Figura 61: Alunos da <i>Scuola Dante</i> na hora da refeição (1935) .....	338
Figura 62: Alunos da <i>Scuola Principessa Elena di Montenegro</i> durante a refeição (1935).....	338
Figura 63: Apresentação dos alunos da <i>Dante Alighieri</i> . .....	340
Figura 64: Assistência ao espetáculo dos alunos da <i>Dante Alighieri</i> . Cônsul Barbarisi (indicado) e sua esposa, à esquerda. ....	341
Figura 65: Secretário de Educação Coelho de Souza (indicado) durante inauguração da “Sopa do aluno pobre” (1938) .....	342
Figura 66: Alunos das escolas italianas de Porto Alegre no Campo Ítalo Balbo (1935) .....	345
Figura 67: Relatório de despesas com transportes para alunos(1936) .....	346
Figura 68: Ofício dos <i>Fasci Italiani All’Estero</i> .....	350
Figura 69: Celebração junto à <i>Scuola Rosa Maltoni</i> .....	352
Figura 70: Jornal <i>O Momento</i> e a crítica à ação fascista.....	355
Figura 71: Aspecto da assistência durante evento das escolas ítalo-brasileiras na <i>Dante Alighieri</i> (1936) .....	356
Figura 72: Desfile dos alunos liderados pelo cônsul Guglielmo Barbarisi, na praia do Casino, em Rio Grande (1937) .....	361
Figura 73: Alunos com o professor Adolfo Madile na praia do Casino (1937) .....	361

Figura 74: Colônia Marina Rosa Maltoni (1937) .....	362
Figura 75: Cabeçalho da folha timbrada da <i>Regia Scuola Principe di Piemonte</i> (1936) .....	364
Figura 76: Alunos da escola <i>Principe di Piemonte</i> de Caxias do Sul (1937) .	365
Figura 77: Capa e página interna do dicionário doado pelo cônsul Massimo Goffredo .....	369
Figura 78: Capa do livro <i>Consigli alle Fanciulle</i> (1889).....	370
Figura 79: Capa do livro <i>I fatti degli italiani e dell'Italia</i> .....	371
Figura 80: Livro da Classe Quinta (1925) .....	372
Figura 81: Reprodução do carimbo da Direção Didática .....	372
Figura 82: Capas de livros didáticos das escolas étnicas italianas de Porto Alegre .....	375
Figura 83: Cônsul Santovicenzo Magno .....	381
Figura 84: Coronel Oswaldo Cordeiro interventor Federal, durante ato de assinatura do Decreto 7.212 de 8/04/1938 .....	383
Figura 85: Manchete do <i>Correio do Povo</i> sobre o fechamento das escolas italianas da capital. ....	385

## LISTA DE SIGLAS

ACGIRS – Arquivo do Consulado Geral da Itália no Rio Grande do Sul

ADS: Acervo do professor Dari Simi – Canoas

AMG: Acervo do professor Mário Gardelin – Caxias do Sul

AHPAMV: Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho – Porto Alegre

AHRGS: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul – Porto Alegre

APERGS: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul – Porto Alegre

ASIRGS: Arquivo da Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul – Porto Alegre

ASMAE: *Archivio Storico del Ministero degli Affari Esteri* – Roma

Cor. : Correspondência

DGIE: Direzione Generale degli Italiani all'Estero

HDB: Hemeroteca Digital Brasileira

HJCP: Hemeroteca do Jornal Correio do Povo – Porto Alegre

MAE: *Ministero degli Affari Esteri* - Roma

MCSHJC: Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa – Porto Alegre

Rel.: Relatório

RS: Rio Grande do Sul

s/d: Sem data

s/n: Sem número

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>19</b>
<b>1. REFERENCIAL TEÓRICO E QUESTÕES METODOLÓGICAS.....</b>	<b>27</b>
1.1 A HISTÓRIA CULTURAL E A CULTURA ESCOLAR.....	27
1.2 A UTILIZAÇÃO DE PERIÓDICOS .....	34
1.3 JORNAIS E ARQUIVOS: ESCOLHAS E CAMINHOS .....	40
1.4 PORTO ALEGRE DE ITALIANOS: A ITALIANIDADE EM EVIDÊNCIA...61	
<b>1.4.1 Uma identidade que se constrói.....</b>	<b>65</b>
<b>1.4.2 Italianidade e fascismo.....</b>	<b>81</b>
1.5 FASCISMO E EDUCAÇÃO: APROXIMAÇÕES .....	83
1.6 ESCOLAS ÉTNICAS E SOCIEDADES ITALIANAS.....	97
<b>1.6.1 Escolas étnicas.....</b>	<b>97</b>
<b>1.6.2 As sociedades italianas de Porto Alegre .....</b>	<b>102</b>
<b>2. DA CRIAÇÃO DA SOCIEDADE <i>VITTORIO EMANUELE II</i> (1877) ATÉ A CRIAÇÃO DA SOCIEDADE <i>DANTE ALIGHIERI</i> (1914) .....</b>	<b>117</b>
2.1 CÔNSULES ITALIANOS E INICIATIVAS ESCOLARES EM PORTO ALEGRE .....	118
2.2 “SEREI OBRIGADO A SUSPENDER O FORNECIMENTO DE MATERIAL À ESCOLA” .....	131
2.3 “O GRAVE PROBLEMA DAS ESCOLAS ITALIANAS” .....	141
2.4 DURADOURAS E EFÊMERAS ESCOLAS ÉTNICAS ITALIANAS DA CAPITAL .....	153
2.5 DUAS AMÉLIAS E UM AUGUSTO .....	173
<b>3. DA CRIAÇÃO DA SOCIEDADE <i>DANTE ALIGHIERI</i> (1914) ATÉ A CHEGADA DE MANFREDO CHIOSTRI (1928).....</b>	<b>180</b>
3.1 O COMITÊ DA <i>DANTE ALIGHIERI</i> EM PORTO ALEGRE .....	180
3.2 PARA ALÉM DA ESCOLA ELEMENTAR .....	192
<b>3.2.1 Um instituto subsidiado .....</b>	<b>210</b>
<b>3.2.2 Exames e programas.....</b>	<b>212</b>
<b>3.2.3 Críticas ao Instituto Médio Ítalo-Brasileiro .....</b>	<b>215</b>

3.3 A PREOCUPAÇÃO COM A “DESNACIONALIZAÇÃO” .....	218
<b>4. DA CHEGADA DO CÔNSUL MANFREDO CHIOSTRI (1928) ATÉ O FECHAMENTO DAS ESCOLAS ITALIANAS DA CAPITAL (1938): A REORGANIZAÇÃO E A FORMAÇÃO DE UMA REDE ESCOLAR .....</b>	<b>230</b>
4.1 IMPULSO À ITALIANIDADE EM PORTO ALEGRE .....	231
4.2 CURSOS DE LÍNGUA ITALIANA NOS GINÁSIOS DA CAPITAL: UMA ESTRATÉGIA .....	246
4.3 A REORGANIZAÇÃO DAS ESCOLAS ITALIANAS .....	258
4.3.1 As escolas da capital na ótica do Diretor Didático antes da reorganização .....	261
4.3.2 Mario Carli: “não economizar no envio do material escolar” .....	269
4.3.3 “Foram inauguradas oficialmente as quatro escolas italianas de Porto Alegre” .....	275
4.3.4 Avaliando os frutos da reorganização .....	282
4.3.5 A <i>Scuola Rosa Maltoni</i> .....	287
4.3.6 “Cultura Fascista” no programa didático .....	293
4.3.7 Tafefa cumprida .....	307
4.4 SANTOVICENZO MAGNO E A PROPOSTA DA ESCOLA ÚNICA .....	313
<b>5. CULTIVANDO UMA REDE DE ESCOLAS .....</b>	<b>318</b>
5.1 HORÁRIOS COMUNS .....	320
5.2 PROFESSORES DAS ESCOLAS ITALIANAS DA CAPITAL .....	322
5.3 PRIMEIRA EXPOSIÇÃO DIDÁTICA DAS ESCOLAS ITALIANAS .....	329
5.4 GRANDE CONCURSO “GUGLIELMO MARCONI” .....	332
5.5 AS REFEIÇÕES ESCOLARES: UMA BOA PRÁTICA DAS ESCOLAS ITALIANAS .....	336
5.6 O SERVIÇO DE SAÚDE NAS ESCOLAS ITALIANAS DE PORTO ALEGRE .....	342
5.7 AS ESCOLAS ITALIANAS DA CAPITAL E A PARTICIPAÇÃO EM CERIMÔNIAS .....	344
5.8 O <i>CAMPEGGIO</i> MUSSOLINI E AS COLÔNIAS DE FÉRIAS .....	356

5.9 EXPANDINDO A REDE .....	362
5.10 UM POUCO SOBRE LIVROS DIDÁTICOS .....	367
<b>6. AS ESCOLAS ÉTNICAS ITALIANAS DA CAPITAL: JUNTAS ATÉ O FINAL .....</b>	<b>378</b>
6.1 “FECHADAS, ONTEM, CINCO ESCOLAS ESTRANGEIRAS NA CAPITAL” .....	382
6.2 UM POUCO DEPOIS DO FECHAMENTO .....	390
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>394</b>
<b>FONTES CONSULTADAS .....</b>	<b>406</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>415</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>429</b>

## INTRODUÇÃO

Na Universidade de Caxias do Sul, instituição em que trabalho, muitos são os estudos e incentivos para pesquisas referentes à área da imigração italiana, tradição investigativa que se desenvolveu a partir da comemoração do centenário da imigração, em 1975. Ao respirar, cotidianamente, um ambiente cultural, de certa forma preservador da herança e da memória da trajetória dos imigrantes italianos, aliado à vivência familiar com traços culturais italianos e mantendo proximidade com professores pesquisadores da linha de Filosofia e História da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, interessei-me em investigar a imigração italiana sob o ponto de vista da educação, unindo duas áreas de meu interesse: Educação e História.

No projeto inicial, para entrada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, em 2012, havia proposto investigar as iniciativas escolares entre imigrantes e descendentes na Antiga Região Colonial Italiana (ARCI). Deparei-me, todavia, com a dificuldade de novas fontes para fazer avançar a investigação desse objeto e com trabalhos já bem elaborados que mapeavam essas iniciativas escolares, especialmente a tese de Luchese (2007).

Nesse processo exploratório de fontes sobre a ARCI, tive contato com o jornal *Stella d'Itália* (doravante, *Stella*) e com suas notícias sobre as escolas étnicas italianas da capital do Estado, cujo editor era um dos inspetores de tais escolas e, inclusive, um de seus promotores. De imediato, pus-me a ler, atentamente, o livro do *Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud* (doravante, *Cinquantenario*), de 1925, o qual destaca algumas iniciativas étnicas em Porto Alegre, e, de forma muito sucinta, salienta a ação das sociedades italianas lá instaladas. O pequeno texto *Le Scuole*, constante no *Cinquantenario* (1925), apresenta um panorama do desenvolvimento de algumas iniciativas com poucos dados somente até 1925.

Na análise do estado da arte, considerando trabalhos de pesquisadores da História da Educação e da História da Imigração, observei que existiam poucas menções às iniciativas étnicas italianas da capital bem como, até então, nenhum artigo que tratasse, pontualmente, daquelas escolas e, por

consequência, que ampliasse as informações do *Cinquantenario*. Realizei, inicialmente, uma busca exploratória nos relatórios dos cônsules e agentes consulares, os quais se limitam até o final da década de 1910. Sobre tais documentos, particularmente trazidos à baila por pesquisadores que empreenderam os estudos sobre imigração na década de 1970, havia o entendimento de que seriam ricos em dados sobre a educação étnica na capital. No entanto, pouco se referem à questão e, quando a abordam, tratam-na de forma panorâmica e lacunar. Outros relatórios, bastante divulgados, tratam das Antigas Colônias e nada referem sobre Porto Alegre, cidade que chegou a ter, no início de 1900, por volta de seis mil imigrantes italianos e descendentes (PESCIOLINI, 1914) e, na década 1920, cerca de trinta mil.

De um lado, tratava-se, pois, de entrar num campo em que, a princípio, havia carência de produção, fato que facilitaria o ineditismo necessário a um trabalho de doutoramento. Por outro lado, renunciava-se o desafio de busca de fontes para dar conta de uma investigação consistente. A aparente carência de fontes não diminuía meu desejo de adentrar nessa seara. Havia, de fato, definido o meu objeto: as escolas étnicas italianas da capital do Rio Grande do Sul, especialmente as ligadas às sociedades italianas.

Muitas perguntas deviam ser respondidas: quais e quantas foram essas iniciativas escolares? Que subsídios recebiam? Quem eram seus professores? O que ensinavam? Qual sua cultura escolar? Quais as particularidades do processo escolar vivido em Porto Alegre? Qual a relação que estabeleciam com o consulado italiano que tinha a sede na capital? Como se relacionavam entre si? Quais as similaridades do processo escolar dessas escolas? Qual a relação das escolas com o fascismo? O conjunto de perguntas pode se resumido na seguinte interrogação/problema: Como foi o processo de constituição e de organização das escolas étnicas italianas em Porto Alegre?

Assim, definidos o objeto e o problema de pesquisa, determinei o período da investigação. Dessa forma, o marco temporal inicial se situa na fundação da primeira sociedade italiana na capital, Sociedade *Vittorio Emanuele II*, que, desde o seu início, em 1877, havia mantido atividades educacionais, bem como criara a *Scuola Vittorio Emanuele II*, segundo o *Cinquantenario* (1925). Como marco final, ficou determinado o ano de 1938, período em que as escolas remanescentes foram fechadas. Não adentrei na análise das escolas



confessionais de origem italiana, que também se estabeleceram em diferentes períodos na capital, constituindo-se em fenômenos importantes na consolidação da cultura da cidade de Porto Alegre. Essa análise, de fato, exigiria uma ampliação substancial do escopo deste trabalho.

É necessário dizer que há uma opção declarada pela perspectiva teórica da História Cultural, especialmente na esteira de Peter Burke (1991; 2000; 2008), Roger Chartier (1990; 1991) e Pesavento (2008a), com a qual vou às fontes cômico da não inocência dos dados e de que não há análise sem intencionalidade. Por consequência, não existe uma única história, mas várias histórias. Assim, aqui busquei estabelecer uma narrativa razoável que, sim, foi eivada de escolhas. É no âmbito da História Cultural que articulo os dados e as fontes as quais revelam a cultura escolar dentro da compreensão e da conceitualização de Julia (2001), Vidal (2005; 2010), Frago (1995; 2008) e Chervel (1990), especialmente.

Inicialmente, em vista de estudos preliminares, das poucas informações nos relatórios dos cônsules, bem como da aparente ausência de fontes arquivísticas a respeito das iniciativas educacionais em Porto Alegre, no âmbito desse recorte temporal e étnico, optei por privilegiar a imprensa como fonte de tessitura dessa trajetória ainda não sistematizada. Nesse sentido, no percurso metodológico, considero um *corpus* documental, constituído por jornais, como o jornal *Correio do Povo*, o jornal *A Federação*, o jornal *Stella d'Italia*, além de edições de outros periódicos escritos em italiano e em português, publicados especialmente na capital. Como afirma Nóvoa (2002), a imprensa permite uma aproximação com as realidades educativas, uma vez que nela, também, manifesta-se o conjunto de problemas dessa área.

Cabe aqui um destaque ao jornal *Stella d'Italia*, achado empírico que me inspirou para as questões das escolas da capital. O *Stella d'Italia* era um jornal bissemanal de notícias e possuía um caráter apologético com relação às escolas italianas, particularmente as de Porto Alegre, constituindo-se, assim, como uma fonte valiosa para os estudiosos da História da Educação relativa a Porto Alegre. Exceto alguns pequenos trabalhos (RECH, 2013; 2014; RECH e TAMBARA, 2015) e breves menções, não encontrei significativas publicações a respeito do jornal ou de pesquisas que dele se serviram para elaboração de materiais sobre as escolas italianas de Porto Alegre. Os textos recolhidos do

*Stella d'Italia* ajudaram a caracterizar e a ampliar as informações sobre as escolas étnicas, sobretudo as relativas ao final do século XIX e às primeiras duas décadas do século XX. Destaco, também, os jornais *Correio do Povo* e *A Federação*, entre outros editados em português, escolhidos como fontes, considerando o longo período aqui delimitado, pois, além de terem atendido essa extensão de tempo, foram editados em Porto Alegre.

Felizmente, no andar das investigações, acessei a seção do *Archivio Scuole* do *Archivio Storico del Ministero degli Affari Esteri* (ASMAE) da Itália, por meio do qual tive contato com os relatórios das escolas de Porto Alegre, escritos pelos cônsules, professores e diretores didáticos, e com as correspondências consulares e ministeriais que dizem respeito, especialmente, às décadas de 1920 e 1930. A documentação do *Archivio Scuole*, praticamente inexplorada pelos pesquisadores brasileiros, é fonte para muitas análises e considerações, que não foram esgotadas nessa pesquisa; contudo, servem para corroborar e ampliar os indícios e iluminar a opacidade de algumas notícias encontradas nos jornais a respeito das escolas étnicas.

Do *Archivio Scuole*, foram selecionados 1600 documentos, que tratam basicamente sobre questões relativas às escolas de Porto Alegre. Os materiais consultados no *Archivio Scuole* permitiram construir um quadro da trajetória das escolas urbanas das sociedades italianas de Porto Alegre. Além do *Archivio Scuole*, considerei como *corpus* documental os relatórios de cônsules italianos e de agentes consulares, bem como alguns relatórios do Governo do Estado do Rio Grande do Sul e da Intendência Municipal de Porto Alegre. Álbuns comemorativos, anuários, livros didáticos utilizados nessas escolas e documentos do Arquivo do Consulado Geral da Itália no Rio Grande do Sul compõem o conjunto do material empírico analisado. Nesse sentido, o capítulo primeiro detalha as escolhas do *corpus* empírico, bem como o referencial teórico utilizado.

Para o entendimento do fenômeno escolar étnico, em geral, e do italiano, em particular no Rio Grande do Sul, são importantes nesta tese os estudos de Luchese (2007; 2012; 2013; 2014a; 2015) e Kreutz (2000; 2003; 2011; 2014). Julguei necessário compreender a política italiana para as escolas no exterior que, com maior ou menor intensidade, influenciou a organização das escolas na capital. Para tal compreensão, destaco os estudos de Salvetti (2009;

2014) e Floriani (1974).

Se, por um lado, como afirmam Maestri (2005) e Giron (1994), ao longo do século XX, especialmente na primeira década, a escola étnica italiana do Rio Grande do Sul foi desaparecendo ou teve vida efêmera, sendo mal vista pelo governo estadual e mal assistida pelo governo italiano (LUCHESE, 2007). Por outro lado, pode-se identificar uma realidade e um processo histórico diferenciado nas escolas da capital do Rio Grande do Sul, particularmente na década de 1930.

Nesse sentido, a tese que defendo é que, em Porto Alegre, ocorreu uma trajetória duradoura de manutenção e de preservação da escola étnica, ressaltando o fato de as sociedades italianas, juntamente à representação consular sediada na capital, terem sido as instituições que lideraram e articularam as principais iniciativas escolares, formando, na década de 1930, uma rede escolar sob a égide da ideologia fascista.

À medida em que a tese foi formulada, os objetivos tornaram-se claros e as buscas mais direcionadas. Como objetivo geral, defini analisar o processo histórico de constituição e de organização das escolas étnicas italianas na capital do Rio Grande do Sul. Os objetivos específicos foram: a) identificar as iniciativas étnicas italianas da capital; b) compreender a relação das escolas com o consulado italiano; c) analisar a presença do fascismo nessas escolas; d) evidenciar elementos da cultura escolar dessas iniciativas.

Como se observa na formulação da tese, utilizei a expressão “rede escolar”. A categoria de “rede escolar” emergiu da análise documental e não estava suposta *a priori*, guiando a leitura ou mesmo como uma hipótese prévia. À medida que avançava na investigação dos arquivos e na leitura dos periódicos da década de 1930, os elementos que a corroboravam tornavam-se mais evidentes. Assim, estabeleci mais um objetivo específico: identificar os elementos que evidenciam a formação de uma rede escolar. Esse é um dos elementos centrais desta investigação, e que marca a trajetória das escolas étnicas de Porto Alegre, tornando-a *sui generis*.

Ao longo da narrativa e da análise da organização das escolas étnicas italianas da capital, busco descrever os elementos que caracterizam a “rede escolar”, bem como a influência do fascismo sobre ela. Para tal, os relatórios enviados ao MAE, elaborados pelo Diretor Didático das escolas da capital,

foram fundamentais.

Como o marco de tempo estipulado se estende para além da década de 1920, a reflexão sobre o fascismo se tornou necessária, posto que esse regime teve penetração no seio da coletividade italiana do Estado do Rio Grande do Sul, oscilando entre a rejeição, a adesão e a indiferença (GIRON, 1994). Ademais, tanto nos jornais como nos arquivos acessados, os dados sobre as escolas étnicas são mais frequentes a partir do final da década de 1920 e mais abundantes na década de 1930, período em que se destacam as ações ligadas à educação e à cultura na capital por conta desse regime.

Para a compreensão do fascismo e a explicitação de seu ideário, bem como sua implicação na educação entre os italianos e descendentes, na capital, utilizei, prioritariamente, autores como Bertonha (1991; 1998; 2000; 2001a; 2001b; 2009), Pretelli (2009; 2012), Giron (1994; 1998) e Rosa (2009).

Um fio condutor na análise histórica e na constituição dessa narrativa sobre essas escolas é a italianidade. Pensar a italianidade é pensar uma categoria que perpassa a investigação, como que seu pano de fundo. A identidade de um grupo é uma construção, ou seja, um processo dinâmico de reconhecimento e de diferenciação, conforme referem Poutignat e Streiff-Fenart (1997). A construção da identidade entre os italianos e descendentes teve sua passagem pela escola, num movimento recíproco de se reconhecerem como “italianos”, de construírem uma escola reforçando essa identidade e sua constituição.

Assim, a italianidade, como caráter étnico vinculado aos italianos, apresenta-se como categoria de análise sobre o processo vivido por membros dessa etnia e seus descendentes na capital. As escolas de Porto Alegre, como se verá, basicamente, foram mantidas pelas sociedades italianas, as quais mostraram-se importantes baluartes da italianidade.

A etnicidade não é aqui entendida como algo estático, mas como um processo de diferenciação afetado pelas relações que os indivíduos e os grupos estabelecem pelos fluxos culturais a que são expostos. Dessa forma, não se trata de algo biológico, natural, mas construído. Nesta investigação, considerando os trabalhos de Constantino (1991; 1997), Giron (1994) e Bertonha (1999; 2001a), entre outros, buscarei evidenciar que a afirmação/construção da italianidade foi um processo dinâmico e marcado ao

menos por duas fases: a primeira abrange o início da imigração até o começo do século XX, num transcurso de afirmação de uma identidade que precisava ser constituída, pois os imigrantes eram oriundos de uma Itália recém-unificada e com uma frágil consciência de pátria; a segunda fase, a partir da década de 1920, é caracterizada pela compreensão da italianidade como adesão ao ideário fascista.

Para a compreensão da italianidade, da identidade e da etnicidade, elementos que se interrelacionam, considero as reflexões de Franzina (1995; 2003), Trento (1982; 1989; 2013), Constantino (1990; 1991; 1997; 1999), Poutignat e Streiff-Fenart (1997) e Barth (1997).

De fato, a construção da identidade entre os imigrantes italianos e descendentes, em Porto Alegre, não ficou à margem dos desdobramentos políticos da Itália. Com o passar do tempo, as mudanças de regime estatal italiano, como é o caso da implantação do fascismo, tiveram importante influência na sua formação ou constituição. Ademais, influenciaram, também, o sistema de ensino, especialmente com a implantação da Direção Didática das Escolas Italianas, momento em que os cônsules fascistas veem a escola como uma aliada ao seu ideário de formar perfeitos *balillas* e bons italianos à moda fascista. A estratégia de propaganda cultural do fascismo tem, notadamente, na escola uma porta de entrada para o convencimento da visão de mundo do regime. Nesse contexto, a italianidade é identificada como adesão ao fascismo, ao menos no discurso das autoridades consulares, afetando a organização e a cultura escolar das escolas étnicas de Porto Alegre.

No desenvolvimento da pesquisa, pelo conjunto dos dados analisados, estabeleci a seguinte divisão do processo histórico das escolas étnicas de Porto Alegre: de 1877 até 1913; de 1914 até 1928; e de 1928 até 1938.

O segundo capítulo deste trabalho abordará o período entre 1877 e 1914. É a fase das primeiras iniciativas educacionais propostas pelas diversas sociedades italianas de Porto Alegre e por particulares, estas de curta duração, com foco na educação primária. É neste período que surgirão a maioria das sociedades italianas. Muitas delas desenvolverão atividades educacionais. Nesse contexto, buscarei evidenciar o desejo, por parte de professores e inspetores, de uma uniformidade de procedimentos e de programas nas escolas da capital, bem como as dificuldades das escolas. Darei ênfase às duas

iniciativas escolares que se destacaram no cenário das escolas étnicas de Porto Alegre, sobretudo pela longa permanência em atividade. Trata-se da *Scuola Principessa Elena di Montenegro* e da *Scuola Umberto I*.

Outro período, para o qual dedico o capítulo três, situa-se entre 1914 e 1928, no qual evidenciarei a criação do Comitê *Dante Alighieri*, braço da Sociedade *Dante Alighieri* de Roma, que buscava organizar e articular as diversas sociedades italianas de Porto Alegre. Nessa fase há a criação de uma instituição voltada para o ensino médio, como é o caso do Instituto Médio Ítalo-Brasileiro Augusto Menegatti, uma iniciativa privada ímpar na capital, no contexto étnico. Também enfocarei o processo de desnacionalização – na ótica das autoridades italianas. Esse fenômeno foi identificado e comentado por cônsules e agentes do governo italiano em diversos relatórios.

O terceiro período em análise situa-se entre 1928 e 1938, assunto do quarto e do quinto capítulos. Essa fase se caracteriza por um movimento de retomada da italianidade, em Porto Alegre, refletindo no fomento do ensino da Língua Italiana nos ginásios da capital, na criação de uma Direção Didática ligada ao Consulado Geral da Itália em Porto Alegre e, sobretudo, na reorganização das escolas da capital, na reinauguração de educandários que estavam fechados e na abertura de novas escolas.

Um conjunto de medidas que reforçam a italianidade serão articuladas a partir de 1928. Nesse último período, ficará evidente a formação de uma rede escolar italiana e o decisivo papel dos cônsules e de suas estratégias para a manutenção da mesma. Na sequência, a narrativa do sexto capítulo tratará do fechamento da rede de escolas étnicas italianas da capital.

Enfim, com o referencial teórico anunciado, que ilumina o conjunto de dados empíricos arrolados, penso ser possível uma narrativa razoável das duradouras escolas étnicas italianas da capital.

## 1. REFERENCIAL TEÓRICO E QUESTÕES METODOLÓGICAS

### 1.1 A HISTÓRIA CULTURAL E A CULTURA ESCOLAR

*“A história das práticas culturais é, com efeito, a mais difícil de reconstruir porque ela não deixa traço: o que é evidente em um dado momento tem necessidade de ser dito ou escrito?” (JULIA, 2001, p. 15).*

A História enquanto ciência passou por um processo de mudanças em seus pressupostos teóricos e epistemológicos. Particularmente no século XX, surgem decisivas proposições que questionam o *status* das teorias globalizantes, com aspirações à totalidade, no dizer de Pesavento (2008a), impondo a redução de certezas, a humildade científica, bem como a entrada de novas possibilidades de fontes e de objetos. O caminho de investigação proposto para a presente tese insere-se na perspectiva da História Cultural, que contempla, entre outros, a utilização de jornais como fonte, como é o caso desta investigação.

A emergência da História Cultural é, pois, um desdobramento da nova epistemologia. Obviamente, a História Cultural, não obstante também limitada, permitiu que ocorressem alguns avanços e possibilidades na investigação histórica. Ao consultar Chartier (1998, p. 27), nota-se que a História Cultural é entendida como “[...] estudo dos processos com os quais se constrói um sentido e se forjam os significantes do mundo social”. Nesse sentido, os processos passam a ser analisados a partir de objetos, anteriormente não reconhecidos como possíveis, ou seja, há uma ampliação da ideia de fonte. Isso enseja que sentimentos, mentalidades, modos de ser e de fazer bem como outros aspectos passem a ser objetos de investigação, fazendo nascer, assim, novas fontes de pesquisa. Pesavento argumenta:

Este, talvez, seja um dos aspectos que, contemporaneamente, mais dão visibilidade à História Cultural: a renovação das correntes da história e dos campos de pesquisa, multiplicando o universo temático e os objetos, bem como a utilização de uma multiplicidade de novas fontes. Figurando como recortes inusitados do real, produzidos por questões renovadoras, a descoberta de documentação até então não visualizada como aproveitável pela História, ou então a revisita de velhas fontes iluminadas por novas perguntas. (PESAVENTO, 2008a, p. 69).

Roger Chartier, no texto *A história hoje: dúvidas, desafios, propostas* (1994), lembra que a história, com o seu viés estruturalista e galileana, foi abalada e, dessa forma, a história social se afirmou:

Nos últimos dez anos, foram essas certezas, longa e amplamente partilhadas, que foram abaladas. De um lado sensíveis a novas abordagens antropológicas ou sociológicas, os historiadores quiseram restaurar o papel dos indivíduos na construção dos laços sociais. **Daí resultaram vários deslocamentos fundamentais: das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as estratégias singulares.** A micro-história [...] foi a tradução mais viva dessa transformação de abordagem histórica baseada no recurso a modelos interacionistas ou etnometodológicos. Radicalmente diferente da monografia tradicional, a micro-história pretende construir, a partir de uma situação particular, normal porque excepcional, a maneira como os indivíduos produzem o mundo social por meio de suas alianças e confrontos, através das dependências que os ligam ou dos conflitos que os opõem. O objeto da história, portanto, não são, ou não são mais, as estruturas e os mecanismos que regulam, fora de qualquer controle subjetivo, as relações sociais, e sim as racionalidades e estratégias acionadas pelas comunidades, as parentelas, as famílias, os indivíduos. (CHARTIER, 1994, p. 98; grifo nosso).

Como bem salienta Burke (1991), a história tem sido escrita sob uma variada forma de gêneros; porém, a forma dominante tem sido a narrativa dos acontecimentos políticos e militares, apresentada como a história das grandes personalidades e das grandes efemérides. Desviando dessa perspectiva epistemológica, a história cultural propõe um modo (inédito) de compreender as relações entre as formas simbólicas e o mundo social, permitindo que se faça uma história da cultura ou uma história cultural.

O viés da História Cultural permite/favorece que seja feita uma análise tendo como ponto de partida a cultura, que, aqui, é entendida como um “[...] conjunto de significados compartilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo”, no dizer de Pesavento (2008a, p. 15). Nessa perspectiva da História Cultural, há muito ainda a ser pensado, questionado, investigado sobre a imigração italiana, especialmente sob o prisma educacional. Pesavento (2008a) assume que a abertura a outras possibilidades de objetos e de fontes que a História Cultural traz é, possivelmente, o que mais dá visibilidade para essa perspectiva teórica e metodológica. Nesse sentido, este estudo, então, filia-se à compreensão de que a História “é uma narrativa que constrói uma representação sobre o passado, e que se desdobra nos estudos da produção e



da recepção de textos”. (PESAVENTO, 2008a, p. 69).

Conforme Chartier (1994), a História Cultural favoreceu deslocamentos fundamentais para o âmbito de aspectos vivenciais, para o mundo vivido e, portanto, abriu uma possibilidade de investigar a Educação e a sua história pela cultura escolar que se efetivou nas diversas instituições e iniciativas escolares.

Como afirma Vidal (2010, p. 19), o conceito de cultura escolar “ tem sido privilegiado nas pesquisas em história da educação, especialmente nas investigações que vêm se dedicando a estudar os processos históricos de constituição das práticas escolares”. Talvez possa-se dizer que a apropriação desse conceito se dá, exatamente, pela mudança epistemológica produzida pela História Cultural e pela consequente operação dos historiadores que consideram cada vez mais necessário examinar a cultura para entender os processos de ensino, nas diferentes épocas. Nesse sentido, não basta investigar como a organização da escola foi-se transformando ao longo do tempo, baseando-se apenas em leis, em reformas e regulamentos, em programas. Tal conceito tem sido trabalhado a partir da reflexão de diferentes autores, como Dominique Julia, André Chervel, Jean Claude Forquin, Vinão Frago, Escolano Benito, entre outros.

Cultura escolar, uma das categorias de análise para esta investigação, é um conceito caro aos que estudam a História da Educação. Obviamente, os conceitos são construções mentais que constituem o esforço intelectual para que, com eles e a partir deles, se consiga fazer a leitura do passado que nunca será plenamente conhecido. Essas construções, também, acabam sendo formas de abordagem de uma realidade, formas de acesso ao passado como que chaves interpretativas do processo histórico das escolas das Sociedades Italianas em Porto Alegre.

De acordo com Vidal *et al* (2004), a preocupação com a problemática da cultura escolar despontou no âmbito de uma viragem dos trabalhos históricos educacionais decorrentes de uma aproximação cada vez maior e mais fecunda com a disciplina de História, seja pelo exercício de levantamento, de organização e de ampliação do acervo documental a ser utilizado nas análises, seja pelo acolhimento de protocolos de legitimidade da narrativa linguística.

A categoria cultura escolar passou a ter forte referência no Brasil, especialmente, com base nos trabalhos realizados por Frago (2001) e Julia

(2001). Dominique Julia teve seus textos publicados na Revista Brasileira de História da Educação em 2001. Seu artigo intitulado *A cultura escolar como objeto histórico* (2001) descreve a cultura escolar como:

[...] conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos, cujas finalidades podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (JULIA, 2001, p. 10).

Julia (2001) acrescenta que o termo cultura escolar expande-se para além dos limites da escola, ao identificar-se, em um sentido mais amplo, com modos de pensar claramente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização. É Julia que escreve:

Antes de tocar no ponto central do assunto, convém, entretanto, fazer uma última questão. A partir de quais elementos e como podemos examinar a cultura escolar de maneira rigorosa? O historiador da educação tem frequentemente oscilado entre duas afirmações contrárias e igualmente falsas: ou declara que não há inovação pedagógica, já que sempre pode descobrir os antecedentes de uma nova ideia ou de um novo procedimento, pois tudo já existia desde o começo do mundo, sob o mesmo sol; ou, pelo contrário, ele ressalta a novidade das ideias de um determinado pensador em relação aos seus predecessores ou a originalidade absoluta que tal iniciativa pedagógica representaria. Por serem simplistas, estas afirmações não têm propriamente sentido algum. Convém, pelo contrário, a cada vez, recontextualizar as fontes das quais podemos dispor, estar conscientes de que a grande inércia que percebemos em um nível global pode estar acompanhada de mudanças muito pequenas que insensivelmente transformam o interior do sistema; convém ainda não nos deixarmos enganar inteiramente pelas fontes, mais frequentemente normativas, que lemos. **A história das práticas culturais é, com efeito, a mais difícil de reconstruir porque ela não deixa traço: o que é evidente em um dado momento tem necessidade de ser dito ou escrito?** Poderíamos pensar que tudo acontece de outra forma com a escola, pois estamos habituados a ver, nesta, o lugar por excelência da escrita. (JULIA, 2001, p.15; grifo nosso).

A afirmação de que a história das práticas culturais é difícil de ser reconstruída porque não deixa traços (JULIA, 2001), de certa forma, torna o trabalho do pesquisador desafiador. Em se tratando das iniciativas escolares das associações italianas de Porto Alegre, essa dificuldade se agiganta na

medida em que pouco foi preservado das referidas iniciativas até onde se pôde investigar, o que permitiria ao menos o estudo das normas, dos textos reguladores e dos projetos pedagógicos os quais constituiriam os estudos mais tradicionais sobre a escola.

De fato, não há um centro de documentação e de referência que tenha acolhido esse material produzido no interior das escolas dessas sociedades italianas para socialização e uso diligente. Talvez aqui sirva a expressão de Julia de que é possível ou necessário fazer “flecha com qualquer graveto” (JULIA, 2001, p. 19). Na perspectiva da análise da cultura escolar que permite captar o “[...] funcionamento real das finalidades atribuídas à escola” (JULIA, 2001, p. 19), é fundamental estudar os critérios a partir dos quais os professores foram selecionados, recrutados. É, de fato, a partir dos professores que se pode entender o *ethos* de uma escola, de uma determinada cultura. No que diz respeito às escolas, muitas vezes pequenas, como eram os educandários italianos da capital do Estado do Rio Grande do Sul, a caracterização da figura do mestre é esclarecedora e iluminadora dos fatos. Aliás, é possível identificar, na revisão de literatura, que entre os diversos perfis de professores nas colônias italianas, encontra-se desde “[...] um mestre informal que ministrava aulas precárias, em geral em sua casa, em troca de módica soma ou de alimentos ou serviços” (MAESTRI, 2005, p. 120) até professores formados na Itália, como Umberto Ancarani, que exerceu atividades docentes em Caxias do Sul e em Santa Maria (LUCHESE, 2007), e Augusto Menegatti, o qual lecionou na capital (CINQUANTENARIO, 1925).

Julia (2001, p. 33) salienta, na esteira de Chervel, que “[...] as disciplinas escolares são inseparáveis das finalidades educativas no sentido amplo do termo *escola* e constituem um conjunto complexo que não se reduz aos ensinamentos explícitos e programados”. Entendidas como “produtos específicos da escola” as quais revelam, sobremaneira, o sistema escolar que as justifica, pode-se dizer que revelam a compreensão de mundo de quem as instituiu e as promoveu. Essa preocupação de Julia remete à questão do currículo das escolas italianas, bem como a homogeneidade de conteúdos, de ensino e de disciplinas o que parece não ter ocorrido no contexto das escolas italianas no Rio Grande do Sul, ao menos até o início da década de 1930, considerando o recorte desta investigação, diferentemente das escolas alemãs.

Com a ascensão do fascismo, na década de 1920, as escolas italianas no exterior sofreram impacto em sua organização, e um direcionamento pode ser percebido, particularmente, com livros didáticos (GIRON, 1994; 1998; LUCHESE, 2013) e com a criação da Direção para as Escolas no Exterior. O processo escolar, aqui investigado, parece sugerir uma orientação bem definida por conta do fascismo, ao menos na década de 1930, cristalizando conhecimentos que seriam ensinados, valores e comportamentos que seriam inculcados, como sugere Julia (2001).

A questão acima alude à análise dos manuais escolares sobre os quais Julia (2001, p. 34) adverte: “[...] o manual escolar não é nada sem o uso que dele for realmente feito, tanto pelo aluno como pelo professor. Por outro lado, não temos tido muito frequentemente a tendência de fazer uma análise puramente ideológica desses manuais, que frisa o anacronismo?”.

Como lembra Vidal (2004), o artigo de Julia (2001) o situa no panorama dos estudiosos da área, como Chervel e Frago, que apresentam variáveis na concepção de cultura escolar e mesmo nas ênfases quanto aos objetos a serem investigados. Veja-se o comentário de Vidal (2004, p. 150) sobre Julia:

[...] é possivelmente o que se abre mais amplamente às várias gamas de estudo. Apesar de o exercício de interpretação do autor estar vinculado ao surgimento e desenvolvimento das disciplinas escolares o que lhe franquearia a incorporação por parte da investigação que tematiza saberes escolares e currículo; o destaque que efetua às práticas e a abrangência da reflexão permite ser acolhido por pesquisadores que se dedicam a todas as questões mencionadas.

As “questões mencionadas” referem-se a saberes, conhecimentos, currículos, espaços, tempos e instituições escolares, materialidade escolar, métodos de ensino, práticas escolares, materialidade e formalidade da cultura<sup>1</sup> escolar, elementos que, com maior ou menor ênfase, busca-se, nesta tese, abordar com relação às escolas em análise.

Perguntar pelas iniciativas escolares italianas de Porto Alegre, na perspectiva da cultura escolar, é também perguntar pela sociedade e pelas construções de significado (cultura) e motivações dos homens e mulheres os

---

<sup>1</sup>O estudo da cultura escolar não deixa de estar relacionado com as investigações sobre instituições escolares, tendo em vista que, segundo Gatti Jr. (2002, p. 20), “[...] a história das instituições educacionais almeja dar conta dos vários atores envolvidos no processo educativo, investigando aquilo que se passa no interior dessas escolas [...]”.

quais lá habitavam na medida em que:

Conhecimentos, valores e comportamentos que embora tenham assumido uma expressão peculiar na escola e, principalmente, em cada disciplina escolar, são produtos e processos relacionados como as lutas e os embates da sociedade que os produziu e foi também produzida nessa e por essa escola. (PESSANHA; DANIEL & MENEGAZZO, 2004, p. 58).

Ora, entende-se que a cultura é um processo que impõe significado às práticas sociais e, ao mesmo tempo, impõe critérios de valor, segundo a classificação dos modos e meios de produção do bem cultural. Estudar a cultura escolar é estudar o processo que impôs significado aos processos e produtos das práticas escolares, isto é, práticas que permitiram a transmissão de conhecimentos e a inculcação de condutas circunscritas a um espaço/tempo identificado como escola. Em relação à “cultura escolar”, refere-se, aqui, a práticas bastante diversificadas, o que causa uma dificuldade na definição de limites para a sua significação.

Outro expoente da cultura escolar é André Chervel. Em seu artigo *História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa* (1990), que versa sobre a história das disciplinas escolares, Chervel trabalha com o pressuposto de que a escola é um espaço de criação, mais do que de reprodução de valores e que as disciplinas são produzidas no interior da escola em suas relações com a cultura escolar. Isso o põe no âmbito da História Cultural. Para Chervel (1990, p. 180), uma disciplina “[...] é igualmente, para nós, em qualquer campo que se a encontre, um modo de disciplinar o espírito, quer dizer de lhe dar os métodos e as regras para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte”.

As disciplinas são consideradas pelo estudioso como “[...] criações espontâneas e originais do sistema escolar”. (CHERVEL, 1990, p. 184). O sistema escolar, gerador da disciplina ou das disciplinas, “[...] forma não somente os indivíduos, mas também uma cultura que vem por sua vez peneirar, moldar, modificar a cultura da sociedade global”. (CHERVEL, 1990, p. 184).

Para o mesmo autor (1990, p. 188), compreender a finalidade da escola é possível pela análise da história de suas disciplinas, e o pesquisador deverá ter sempre em mente que “a instituição escolar é, em cada época, tributária de um complexo de objetivos que se entrelaçam e se combinam numa delicada

arquitetura”. Tal arquitetura influencia sobremaneira o processo de criação das próprias disciplinas e é definidora dos conteúdos, seu eixo central.

António Viñao Frago, no artigo *Historia de la educación e historia cultural*, saído a lume na Revista Brasileira de Educação (FRAGO, 1995) e em outros dois materiais, a *Conferência de Abertura do I Congresso Brasileiro de História da Educação*, proferida em 2000 e publicada em 2001, pela Sociedade Brasileira de História da Educação, e um texto, intitulado *Culturas escolares*, cedido pelo autor em sua viagem ao Brasil em 2000, também discorreu sobre essa categoria de análise. Para o autor, cultura escolar recobre as diferentes manifestações das práticas instauradas no interior das escolas, transitando de alunos a professores, de normas a teorias. Na sua interpretação, englobava tudo o que acontecia no interior da escola.

Alguien dirá: todo. Y sí, es cierto, la cultura escolar es toda la vida escolar: hechos e ideas, mentes y cuerpos, objetos y conductas, modos de pensar, decir y hacer. Lo que sucede es que en este conjunto hay algunos aspectos que son más relevantes que otros, en el sentido que son elementos organizadores que la conforman y definen. Dentre ellos elijo dos a lo que he dedicado alguna atención en los últimos años: el espacio y el tiempo escolares. Otros no menos importantes, como las prácticas discursivas y lingüísticas o las tecnologías y modos de comunicación empleados, son ahora dejados a un lado. (FRAGO, 1995, p. 69).

Vidal (2004, p. 148), interpretando Frago, salienta que “[...] nem os espaços, nem os tempos escolares eram dimensões neutras da educação”. Ao contrário, constituíam corporeidades dos sujeitos escolares, impondo, por sua materialidade, uma determinada aprendizagem sensorial e motora, bem como disseminavam símbolos estéticos, culturais e ideológicos.

## 1.2 A UTILIZAÇÃO DE PERIÓDICOS

*“São as características próprias da imprensa (a proximidade em relação ao acontecimento, o caráter fugaz e polêmico, a vontade de intervir na realidade) que lhe conferem este estatuto único e insubstituível como fonte para o estudo histórico, sociológico da educação e da pedagogia.”*

(NÓVOA, 2002, p. 131).

Para Pallares-Burke (1998), dentre as chamadas obras menores, o jornalismo (junto ao romance) é, a partir do século XVII, uma das mais

importantes fontes para a história da educação. A autora, em seu artigo *A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX* (1998), afirma que foi no contexto do iluminismo, que pregava a necessidade de se ousar saber (*sapere aude*) é que, também, a imprensa periódica assumiu essa perspectiva para além da mera notícia, ou seja, cumpriu um papel de formadora de cultura, de agente cultural e de propagadora de ideias. Mantidas as proporções de impacto de jornais com grande circulação, tem-se o jornal *Stella d'Itália*, que propunha propagar ideais da cultura italiana, como se verá adiante nesta tese.

No Brasil, com a vinda da família real, a imprensa é introduzida tendo sido ausente até então. No bojo da visão iluminista, a “Gazeta do Rio de Janeiro, órgão oficial do governo, marca o início da imprensa periódica brasileira, mas até os anos 1920 a censura fez com que os periódicos veiculassem somente insípidas notícias do estrangeiro ou defesas parciais do regime monárquico absolutista” (PALLARES-BURKE, 1998. p. 149), não tendo o cunho de exposição de ideias e debate. Com a volta da família real para Portugal e a independência do Brasil, a imprensa brasileira passa a assemelhar-se “[...] à imprensa iluminista europeia, do mesmo modo que, na América Espanhola, uma vertente do periodismo brasileiro tornará mais e mais explícito seu propósito educacional e sua fé no poder reformador da educação” (PALLARES-BURKE, 1998. p. 149) na mesma perspectiva do ideal iluminista.

No artigo *A imprensa periódica como fonte para a história da educação: teoria e método*, Toledo e Skalinski Júnior (2012) afirmam que não é razoável falar em “fontes naturais”, visto as fontes, na área da educação, serem produções humanas das mais diversas modalidades. Saviani (2006) alerta que as fontes podem ser documentos, vestígios, indícios, produzidos com o propósito de registro ou não, os quais se acumularam ou foram guardados, adquirindo o estatuto de fonte mediante a intencionalidade do historiador, que traz consigo o problema de sua pesquisa. Caberá ao pesquisador lançar um olhar de estranhamento sobre esse material, apoiando-se em técnicas e em métodos os quais se articulem com a abordagem teórica eleita. Obviamente, o historiador da educação deverá examinar a fonte sem submeter-se a ela, ou seja, sem tomá-la como peça portadora da verdade sobre fatos históricos.

Claro está que, em se tratando do uso de periódicos voltados para a

educação – imprensa pedagógica estritamente – ou de informação geral, esses devem ser articulados em permanente diálogo com outras fontes, a fim de “[...] cotejar informações, justapor documentos, relacionar texto e contexto, estabelecer constantes, identificar mudanças e permanências e produzir um trabalho de História”. (BACELLAR, 2010, p. 71).

A ampliação da noção de fontes, em boa medida oriundas do movimento da Escola dos *Annales*, despregando-se de uma visão positivista de investigação, o acento às questões culturais, o olhar para além das questões políticas ou econômicas com a renovação da tradição marxista configuram um novo movimento denominado História Cultural, que exalta, sublinha e compreende os elementos culturais, como tendo uma lógica específica e passíveis de investigação. Daí que os periódicos ganham espaço nas investigações. Porém, como bem adverte Ferreira (2009, p. 64), “todo documento é o resultado de uma série de fatores, jogos de poder e influência, interesses que cabe ao historiador desvendar. Não há documento neutro, nem fonte que traga a verdade embutida”.

Cruz e Peixoto, no artigo *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa* (2007), afirmam que:

[...] é fácil constatar que seu uso, faz algum tempo, encontra-se disseminado nos ambientes de trabalho das ciências sociais e das humanidades. Nos diversos campos de pesquisa, da comunicação à semiótica, da crítica literária à educação, a imprensa aparece como fonte e também como objeto de pesquisa. (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 254).

Luca (2005), em seu conhecido artigo *História dos, nos e por meio dos periódicos*, salienta que o contexto da História Cultural legitimou, sob muitos aspectos, a imprensa periódica como fonte primária para pesquisas históricas, entendendo-a não como um receptáculo de informação, mas como uma peça documental que traz em si um ampla gama de elementos socioculturais do documento em que foi produzida. Na esteira dessa compreensão, a partir da década de 70 do século XX, no Brasil, a imprensa passou a ser considerada uma fonte válida na medida também da utilização de metodologias e de procedimentos específicos, bem como referencial analítico adequado.

Antonio Nóvoa (2002) ressalta a importância do estudo da imprensa



especializada em educação, entendendo-a como meio privilegiado para apreender a multiplicidade do campo. Nesse sentido, afirma que o material da imprensa pedagógica: permite revelar as múltiplas facetas dos processos educativos; é o melhor meio para compreender a articulação entre teoria e prática; mostra-se um espaço em que há regulação coletiva permanente.

A imprensa é, provavelmente, o local que possibilita um melhor conhecimento das realidades educativas, uma vez que se manifesta o conjunto de problemas dessa área. Afirma Nóvoa:

São as características próprias da imprensa (a proximidade em relação ao acontecimento, o caráter fugaz e polêmico, a vontade de intervir na realidade) que lhe conferem este estatuto único e insubstituível como fonte para o estudo histórico, sociológico da educação e da pedagogia. (NÓVOA, 2002, p. 131).

A imprensa favorece um amplo olhar da experiência cidadina, de seus personagens, do plano público e privado, dos elementos do cotidiano e de efemérides dos elementos culturais e educacionais importantes ao investigador. Vieira (2007, p. 13), comentando sobre as possibilidades incomensuráveis de reconhecimento e da problematização do passado por meio da imprensa, sustenta que é nela que “[...] encontramos projetos políticos e visões de mundo e vislumbramos, em ampla medida, a complexidade dos conflitos e das experiências sociais”. Em concordância com esse autor, pode-se afirmar que, nas sociedades modernas, urbanas e complexas, não há outro documento o qual forneça, ainda que de forma superficial e opaca, uma perspectiva tão ampla da sociedade e dos seus problemas como o jornal. Dessa forma, o jornal pode constituir-se em fonte e até mesmo como objeto de pesquisa, uma vez que são exploradas suas potencialidades como documento, como suporte de sentidos, bem como seu protagonismo como agente social.

Deve-se ter o cuidado de situar as fontes – e, aqui, o jornal, em particular, – como um feixe de relações, como resultado de conflitos e de negociações que tornam visíveis ou invisíveis certas questões, acontecimentos ou formas de pensar, evitando a naturalização do documento e a ingenuidade da imparcialidade. Conforme Vieira (2007, p. 14), é necessário que o jornal “[...] seja entendido como enunciado, isto é, como intervenção que visa demarcar e fixar formas de pensar que se expressam como valores, juízos, modos de

classificação, enfim, justificativas para a ação social”.

O trabalho do investigador é o de compreender e de explicar os diversos discursos com a pretensão de verdade e de espelhamento da realidade presentes nesse veículo midiático, relacionando os elementos ditos e não ditos, cercando-se das ferramentas da análise do discurso, entre outras, que problematizam a linearidade entre a narração e o acontecimento, como bem alerta Tânia Regina de Luca (2005). Cruz e Peixoto (2007, p. 254) sinalizam que já se passou por um processo de desvelamento no qual “[...] perdemos definitivamente a inocência e incorporamos a perspectiva de que todo documento, e não só a imprensa, é também monumento, remetendo ao campo de subjetividade e da intencionalidade com o qual devemos lidar”. Todavia, se essa cautela quanto ao uso da imprensa é sempre necessária, considerando, ainda, os elementos ideológicos presentes nos discursos, seu contexto e deformações, primordial é a definição de procedimentos metodológicos claros para a sua utilização e tratamento atentos à historicidade da própria imprensa, considerando que ela não nasceu pronta e que não é um mero meio de comunicação, mas, inclusive, de inculcação.

Quanto ao aspecto metodológico, a advertência de Cruz e Peixoto (2007, p. 258) é pertinente:

Os diversos materiais da imprensa, jornais, revistas, almanaques, panfletos, não existem para que os historiadores e cientistas sociais façam pesquisa. Transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que supõe seu tratamento teórico e metodológico. Trata-se de entender a imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe.

Evidentemente, não é somente para a imprensa, estritamente pedagógica, que o investigador da educação deve voltar o seu olhar. Jornais e revistas os quais se ocupem de notícias gerais podem se constituir em fontes da pesquisa histórica educacional:

[...] na medida em que os debates relativos à educação costumam encontrar nessa mídia um caminho para atingir amplos setores da população. Nestes termos, um periódico pode, inclusive, adquirir um caráter pedagógico contribuindo para a profusão de um ideário

educacional ou de uma perspectiva acerca do que deve ser a educação e sua organização. (TOLEDO; SKALINSKI JUNIOR, 2012, p. 265).

Ao propor a análise dos referidos textos, é importante dizer que todo tipo de fonte deve passar por uma crítica, com a finalidade de desvelar o emaranhado de ideologias que as permeiam. Com base nisso, a presente pesquisa utiliza jornais como uma de suas fontes. Deve-se ter em conta que foi feita a opção de abordar o periódico como documento, no sentido proposto por Le Goff:

O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro - voluntária ou involuntariamente - determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. Os medievalistas, que tanto trabalharam para construir uma crítica - sempre útil, decerto - do falso, devem superar esta problemática, porque qualquer documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro - incluindo talvez, sobretudo, os falsos - e falso, porque um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos. (LE GOFF, 2003, p. 538).

Desconstruir e reconstruir é necessário, dado que o documento não é inocente, no sentido de não ser natural. Dessa maneira, deve-se tomar a imprensa como veiculadora de interesses sociais e recusar a ideia de que essa seja apenas uma difusora de informações, questionando a sua imparcialidade e neutralidade. Esta última palavra, neutralidade, não pode ser relacionada às fontes de pesquisas históricas, tendo em vista as características anteriormente citadas. Ao utilizar-se da imprensa como fonte, deve-se ter em consideração a metodologia:

Cabe ao historiador promover uma aglutinação dos fatos que ele localiza, procurando retirar desse seu caleidoscópio uma dada racionalidade, visando a identificar, na medida do possível, as diferentes histórias que compõem o todo histórico, com o objetivo de construir uma história menos excludente. Nesta perspectiva, percebe-se que a imprensa se transformou em objeto de referência para apreensão e compreensão do processo histórico-educacional, (CARVALHO, ARAÚJO; GONÇALVES NETO, 2002, p. 74).

Além disso, como afirma Bastos (2002, p. 153):

[...] Cabe ao pesquisador fazer uma desmontagem do texto – da imprensa – a fim de desvelar os significados, as contradições e as diferenças de forma e de conteúdo das falas que produz. Essa desmontagem significa análise do processo e das condições de sua produção/construção, a partir dos discursos disponíveis [...].

Alguns elementos da trajetória das escolas étnicas italianas de Porto Alegre, especialmente das sociedades italianas, podem ser encontrados a partir da análise dos periódicos, dos quais elas também se serviram para exporem sua cultura.

### 1.3 JORNAIS E ARQUIVOS: ESCOLHAS E CAMINHOS

*“A cada vez que se abre uma escola é um templo de ignorância que se fecha,  
uma prisão que se desfaz.”*  
(STELLA D'ITALIA, 30/06/1904)

Em termos quantitativos, pode-se afirmar que a imprensa italiana, no Brasil, foi bastante destacada e “[...] como porta-voz das aspirações e necessidades dos imigrantes, a imprensa teve um papel importante ao tentar servir como mais um elemento de identidade e referência para a colônia italiana estabelecida no Brasil”. (BORGES, 1993, p. 43).

Trento (2013, p. 31) destaca que os jornais italianos, no Brasil, forneciam informações práticas aos imigrantes e visavam a:

[...] formar mais do que informar, de modelar consciências, de ‘fazer os italianos’, de reforçar (e por um longo tempo, até mesmo criar) uma identidade étnica, um espaço de italianidade [...], infundir nos imigrados a consciência da própria dignidade, como grupo étnico e como indivíduos.

Trento (2013, p. 31) ainda aponta que, entre os objetivos declarados dos jornais, havia o de “manter viva a língua dos imigrantes”, fato notório nos jornais analisados neste trabalho. O papel de incentivo às manifestações patrióticas e à participação nas associações foi, segundo Trento (2013), uma constante, mesmo no período entre as duas guerras mundiais.

Em termos de proliferação de periódicos no Brasil, aponta-se que a “época de ouro” dos jornais italianos no País foi, segundo Trento (2013, p. 16), “[...] o período de 1900 a 1919, quando foram fundados 51% dos periódicos,

seguido pelo período de 1880-1899, com 25%, e 1920-1939”. Cerca de 70 periódicos surgiram no Rio Grande do Sul em meio a esses períodos, levando o Estado a ocupar o terceiro lugar em publicação de jornais, atrás do Rio de Janeiro, que é o segundo, e São Paulo, o primeiro.

No Rio Grande do Sul, o primeiro jornal italiano foi *Il Venti Settembre*, publicado em Pelotas, em 1883. Na capital, o primeiro foi *La Liguria*, em 1884, sobre o qual não há vestígios materiais encontrados até o momento e sobre o qual tem-se informações somente por fontes secundárias.

Monteiro (2012, p. 20) lembra que, em termos de jornais em língua portuguesa, porém, o primeiro jornal da cidade foi o *Diário de Porto Alegre*, que “[...] consistia numa publicação de apenas uma folha, com decretos, leis e reclames. Entre eles, alguns de compra ou aluguéis de escravos para os mais variados ofícios urbanos e atividades domésticas”.

No Rio Grande do Sul e, especialmente, em Porto Alegre, encontra-se uma variedade de títulos e de publicações de jornais em italiano. Thales de Azevedo, um dos ícones da investigação da imigração italiana no Estado, em sua obra *Italianos e Gaúchos: os Anos Pioneiros da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul*, de 1975, identifica uma relação direta entre a imprensa e a preservação da italianidade ao lado de outra função de divulgação das casas comerciais cujos proprietários eram italianos:

Na imprensa encontra-se outro suporte da *italianità*. Por várias partes do Rio Grande, particularmente em Porto Alegre, surgem de 1890 em diante vários jornais, revistas e almanaques em italiano além dos importados da Itália, os quais têm agentes inclusive na área das colônias: são um meio de comunicação e de integração dos grupos de imigrantes dispersos por várias regiões. (AZEVEDO, 1975, p. 221).

Como se percebe na análise dos materiais da imprensa, particularmente sobre os materiais dos jornais, não se pode ignorar o projeto editorial no interior dos quais eles se articulam, ou seja, sem remetê-los à conjuntura, ao contexto do qual emergiram. Dessa forma, salientam-se, abaixo, alguns elementos contextuais do Jornal *Stella d'Italia* e seu editor que, notoriamente, defendia a italianidade.

Nesta investigação sobre as iniciativas escolares dos italianos e

descendentes em Porto Alegre, torna-se relevante o jornal *Stella d'Italia*<sup>2</sup>, que, sendo um jornal de notícias, dava destaque às questões educacionais entre os italianos da capital. Ademais, considerando-se escassa a literatura sobre as escolas étnicas italianas de Porto Alegre, entendeu-se que o jornal *Stella* tem particular importância pela referência frequente em suas páginas sobre a temática da educação, sua marcante opinião e zelo pela escola étnica italiana através dos textos que, em sua maioria, eram assinados por Adelchi Colnaghi, seu editor no período de 1902 até 1911.

Colnaghi era inspetor das escolas italianas de Porto Alegre. No artigo *Il giornalismo coloniale*<sup>3</sup>, após a enumeração de vários jornais italianos<sup>4</sup> e da exaltação de vários jornalistas, o texto evidencia o *Stella* e elogia seu editor-fundador, especialmente pelo apoio às escolas italianas.

Na lista de jornais e jornalistas italianos que enumerei anteriormente, sem nenhuma nota escrita confiando apenas na memória – e aqui a justificativa de qualquer provável omissão ou inexatidão em que eu possa ter caído – é justo destacar a posição honrosa do decano do jornalismo italiano no Rio Grande do Sul, posição ocupada pelo *Stella d'Italia*, de Porto Alegre, com seus 23 anos de existência e um programa honesto e austero que foi inspirado pelo caráter independente de seu fundador e diretor, Adelchi Colnaghi, pela causa da italianidade e dos interesses italianos no estado, à qual abnegadamente dedicou-se integralmente. Foi ele um incansável sustentáculo de nossas instituições coloniais, especialmente das escolas, e porta voz confiável de 22 associações italianas do estado, que delegaram a ele sua representação no Congresso dos Italianos do Exterior, realizado em Roma em 1911. (*CINQUANTENARIO*, 1925, p. 446-447; tradução nossa).

As matérias do jornal ou artigos relativos à Educação e às escolas italianas, especialmente as de Porto Alegre, à época, ocupavam, normalmente, a página inicial, mantendo-se sempre em destaque.

---

<sup>2</sup> Referir-se-á ao jornal doravante apenas como *Stella*.

<sup>3</sup> Giron e Pozenato (2004), com o ensaio *100 Anos de Imprensa Regional: 1897-1997*, apresentaram um panorama completo dos jornais publicados na Antiga Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul. Segundo as autoras, esse artigo foi o primeiro ensaio jornalístico regional no Estado do Rio Grande do Sul sobre a imprensa italiana.

<sup>4</sup> Segundo Possamai (2003, p. 12), “o grande número de italianos em Porto Alegre possibilitou o surgimento de vários jornais que, entretanto, circularam por pouco tempo”.

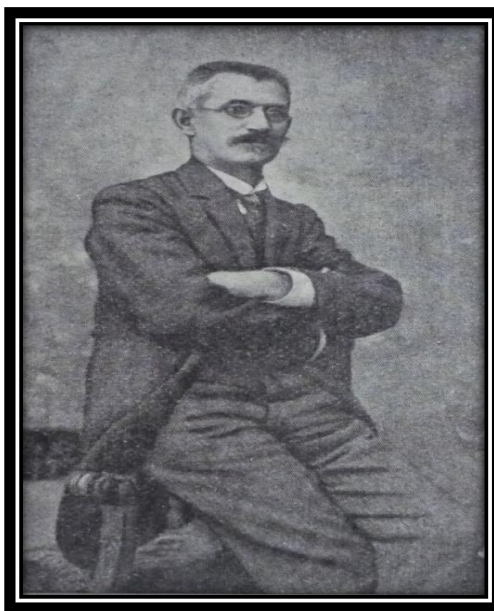


Figura 1: Adelchi Colnaghi (1925)  
Fonte: *Cinquantenario* (1925, p. 447; primeira parte).

Em reiteradas matérias, o editor Adelchi Colnaghi assumiu o discurso da educação como redentora e promotora da civilidade entre os compatriotas. Revelou sua preocupação com relação à pouca importância que se dava às escolas italianas na capital e, especialmente, criticou a falta de empenho das autoridades quanto à sua continuidade.

Além de inspetor permanente das escolas mantidas pelas sociedades italianas em Porto Alegre, ele era professor de aulas particulares de contabilidade, de Língua Italiana, de Língua Francesa, lecionando em sua casa ou a domicílio, como é possível ler em inúmeros anúncios do *Stella*. De acordo com Possamai (2005, p. 173), Colnaghi era membro em grau terceiro da loja maçônica Ausônia, aberta em Porto Alegre, em 1895, e fechada em 1903, o que “[...] lhe acarretou uma constante oposição dos periódicos católicos, que acusavam seu jornal de divulgar ideias maçônicas”. Seus textos revelavam uma linguagem culta, uma fineza argumentativa, uma postura decidida, uma crítica severa e mordaz. Em vista disso, Colnaghi ficou, então, conhecido pela sua irreverência e independência.

O jornal italiano publicado em Porto Alegre chamado *D'Artagnan Coloniale*, de 06 de junho de 1915, à página um, expôs a visão de Colnaghi sobre a imprensa e sua adesão à coletividade italiana: “A imprensa, como afirma Colnaghi, não deve ser uma arma à serviço de um só exército mas o órgão de

todos em defesa dos direitos sacros da colônia".(Tradução nossa).

Colnaghi retornou para Milão, sua terra natal, em abril de 1914, e lá faleceu em 1917. O Jornal *Città di Caxias* (28/05/1917, p. 2) assim se expressou quando de seu falecimento: "Adelchi Colnaghi deixa atrás de si a senda luminosa de sua obra fecunda de bem. Ele desaparece mas, seu nome – mais do que o mármore – permanecerá imperecível nas páginas da história colonial".

O jornal publicava, frequentemente, informações a respeito do horário das aulas, período de férias, dados sobre os eventos de inauguração, como, por exemplo, a *Scuola Giovanni Emanuel*, informações sobre o início do ano letivo e sobre exames finais, cartas de professores de escolas das colônias italianas, anúncios de aniversário das escolas e descrição das respectivas solenidades, anúncio de festas com vistas a arrecadar fundos para as escolas, propaganda de livros, oferta de aulas particulares, correspondências de outras escolas, cartas de agentes consulares sobre a Educação, divulgação de escolas religiosas italianas, eventos culturais relacionados aos educandários, homenagens a professores e notícias do interior do Estado, como, por exemplo, a demissão de um professor em Caxias do Sul. Um quarto do jornal (uma página) era destinado à propaganda de patrocinadores, os quais, em sua maioria, constituíam-se de estabelecimentos comerciais de italianos de Porto Alegre, como a Sartoria Umberto Guaspari, Ristorante Carlito, Casa Falchi, Officina di Marmi, A Elegancia de Raffaele Guaspari, Fabbrica de Strumenti di Musica de Ernesto Rocca, Hotel Savoia de Sirangelo e Ferro e anúncios de profissionais liberais como médicos e advogados, além de anúncios de empresas de outras cidades, como Caxias do Sul, Pelotas e Santa Maria.

Pôde-se acessar as edições completas dos anos de 1902, 1903 e 1904 (num conjunto de 308 edições) e algumas edições dos anos de 1908, 1909, 1910, 1911, 1912, 1913, 1916 e 1920 (num conjunto de 44 edições). Nas investigações realizadas, infelizmente, não foram encontradas outras edições do jornal além das referidas. Possamai (2005) afirma que a maioria dos jornais italianos no Rio Grande do Sul foram efêmeros, o que vale para Porto Alegre. Como salienta Trento (2013, p. 18), os jornais tiveram vida curta:

[...] pois eram atropelados pela penúria de leitores, por dificuldades financeiras, pela radicada tendência à improvisação e pela limitada profissionalização daqueles que escreviam, que eram às vezes, meros



imigrantes com alguma instrução, que exerciam o jornalismo como estratégia de sobrevivência.

Em termos de tempo de circulação, como exceções, destacam-se o *Correio Riograndense* (desde 1909 até os dias de hoje) e o *Stella*, que circulou por mais de duas décadas. De acordo com Possamai (2005), a maior parte dos jornais era de propriedade de maçons, os quais, entre os imigrantes, tinham mais escolarização. Esses jornais defendiam as posições liberais do Estado italiano, promovendo a comemoração das datas nacionais italianas entre os imigrantes, motivo de constantes atritos com o Clero<sup>5</sup> ultramontano e com jornais de cunho católico, como o *Correio Riograndense*<sup>6</sup>. O *Stella* era, declaradamente, um jornal liberal e anticlerical.

O *Stella* começou a circular em 30 de março de 1902 e manteve-se em atividade até 1925, sempre com publicação bissemanal, com algumas exceções em que houve somente uma edição na semana. Em carta aberta, dirigida a possíveis sócios do jornal e à comunidade em geral, datada de 07 de fevereiro de 1902, o editor do nascente jornal anunciava que, em 30 de março daquele ano, iniciariam as atividades do jornal.

Abaixo, segue a referida carta na íntegra:

---

<sup>5</sup> Para o jornal *Stella d'Italia*, a Igreja era a “*piaga delle colonie*”. Anotado no jornal *Il Colono Italiano*, em 11/02/1911. In.: Thales de Azevedo. **Os italianos no Rio Grande do Sul**: Cadernos de pesquisa, p. 259. Paradoxalmente, verificou-se que Adelchi Colnaghi foi um dos diretores do jornal *Il Corriere Cattolico*, editado de 1891 a 1895 em Porto Alegre, “cuja atividade, nesse jornal, foi caçada”. (SULIANI, 2001, p. 285).

<sup>6</sup> *Correio Riograndense* é um jornal católico, fundado em 1909, e que, até 1941, foi publicado em italiano. Desde sua criação, foi semanal e pautado pela defesa do catolicismo. O jornal *Correio Riograndense* é um dos mais antigos jornais da região de Caxias do Sul. O jornal, de propriedade da congregação dos Freis Capuchinhos, inicialmente publicado em língua italiana, divulgava as notícias regionais, nacionais e internacionais para os moradores locais. O jornal publicou histórias célebres, como as de *Nanetto Pipetta*, em que descreviam, de forma caricata, as aventuras de um imigrante interagindo com a paisagem, bem como sua cultura e seus conflitos. O início da circulação do jornal foi em 1909 e chamava-se *La Libertà*. No ano de 1910, muda seu nome para *Il Colono Italiano* e, em 1917, transforma-se na *La Staffetta Riograndense*. Como os nomes sugerem, essas edições possuíam a maior parte das colunas em Italiano ou no dialeto *Talian*; porém, no período da Segunda Guerra e da proibição da língua, muda para *Correio Riograndense*, totalmente em português. O jornal ainda circula. Para ampliar, leia-se Franzina (1995, p. 488-495), que discorre sobre o apogeu e o declínio da italianidade nos jornais italianos editados na Itália, no Brasil e em outros países.

Egrégio Senhor.

Quando, no ano passado, um grupo de probos e corajosos compatriotas reunidos na Comissão promotores de um novo jornal, emanou uma circular cujo objeto está subscrito, que por bondade deles mesmos, eu fui convidado a fazer parte esperavam ver, em breve, surgir um periódico digno da coletividade italiana neste Estado. Desgraçadamente, um conjunto de imprevistas circunstâncias levou a maior parte dos iniciadores a abandonar o projeto; como sempre caem as nobres iniciativas. Todavia, as razões adotadas agora, que estavam naquela circular, não foram totalmente perdidas. Um número de patriotas e modestos compatriotas. Modestos a ponto de esconderem seu próprio nome convencidos ainda da necessidade de um jornal que, longe das amarras políticas e partidárias, soubesse traduzir, de fato, as aspirações e os ideais da Colônia e da Pátria lutando sempre pela afirmação do nosso nome e do nosso direito, tomando para si o extinto projeto, se decidem, audaciosamente, a traduzi-lo em fato. Tendo recolhido o modesto capital, encarregaram da prática o senhor Benvenuto Crocetta, e ele, por sua vez, oferecia ao subscrito a direção do futuro periódico. Conhecendo quão árdua e espinhosa é esta empresa, todavia, eu a aceitei, depois do encorajamento de muitos amigos e do desejo ardente de colaborar com o incremento moral e material da coletividade italiana residente nestas terras férteis. Conseguirei? Certo, a minha capacidade é limitada; mas se eu interrogar o vivo afeto que sinto pela pátria e o eficaz e poderoso auxílio dos amigos dedicados e sinceros; se o apoio moral das nossas beneméritas Associações não me faltarem e a estima e o conforto dos concidadãos não me faltar, estou quase certo de levar a um bom termo a obra a mim confiada. Tudo isso considerado quando um homem dá o quanto humanamente ele pode dar, há pelo menos para si, o conforto da própria consciência. **Lutar, lutar sempre, até o sacrifício; levar alto, bem alto, o nome italiano, render-lhe em qualquer lugar respeito e amor: eis os princípios nos quais se inspiram o “STELLA D’ITALIA” e os seus colaboradores.** No dia 30 de março próximo será iniciada a publicação bissemanal sobre a qual ousei chamar, desde agora, a vossa benevolente atenção e a atenção de vossos amigos. Conheço os vossos patrióticos sentimentos e a eles apelo francamente. Do vosso apoio depende em parte o triunfo final do jornalismo italiano neste Estado e a afirmação da nossa coletividade diante dos nossos hospitaleiros irmãos. Sempre vosso, Adelchi Colnaghi – Fundador. Para informações e esclarecimentos, dirigir-se a sede provisória do jornal “STELLA D’ITALIA” – Praça Senador Florêncio (antiga “Da Alfândega”) número 321 – onde ainda podem ser endereçadas as correspondências. (CARTA ABERTA, 30/03/1902; tradução e grifo nossos).

Colnaghi deixou claro o escopo do jornal e o forte apelo a todos à italianidade: “lutar, lutar sempre, até o sacrifício; levar alto, bem alto, o nome italiano, render-lhe em qualquer lugar respeito e amor: eis os princípios nos quais se inspiram a ‘STELLA D’ITALIA’ e os seus colaboradores”, ideal semelhante aos dos vários jornais editados à época, em Porto Alegre.

Intitulando-se uma “Gazzetta independente”, saía às quintas-feiras e aos domingos, com oito páginas, em formato tablóide, sempre em italiano, com raríssimos textos em português. Segundo o *Álbum Comemorativo dos 75 anos*

da *Colonização Italiana no Rio Grande do Sul*, o *Stella d'Italia* “[...] nunca teve circulação maior do que 1500 exemplares”. (BERTASO; LIMA, 1950, p. 60). No topo da primeira página, aparecia a inscrição “*Publicado sob os auspícios de sociedades italianas estabelecidas no Rio Grande do Sul*” seguida da nominata das associações apoiadoras, a saber: *Vittorio Emanuele II*, *Principessa Elena di Montenegro*, *Palestra Umberto I*, *Ausonia*, *Circolo Filarmonico Italiano* (Porto Alegre), *Giuseppe Mazzini* (Tristeza), *Principe di Napoli* (Caxias do Sul).



Figura 2: Cabeçalho do jornal *Stella d'Italia* em sua primeira edição de 30/03/1902  
Fonte: Acervo particular Professor Mário Gardelin.

Outras associações italianas agregaram-se à causa do jornal, patrocinando-o. Nesse sentido, observa-se que, a partir do mês de outubro de 1902, também passam a ser suas apoiadoras as Sociedades *Stella d'Italia*, de Garibaldi, e *Luigi Amedeo di Savoia*, de Arroio Grande. Em 1903, já são encontradas como apoiadoras a *Mutua Cooperazione*, de Rio Grande, a *Vittorio Emanuele III*, de São João de Montenegro, e o *Circolo Giovine Italia*, de Porto Alegre.

Na presente investigação, o jornal *Stella d'Italia* forneceu elementos importantes para o conhecimento da educação e da organização das escolas italianas da capital. Particularmente, as 308 edições dos anos de 1902, 1903 e 1904 forneceram ricos subsídios para a análise da educação étnica italiana do final do século XIX e da primeira década do século XX, considerando seus longos artigos que descreveram detalhes da situação anterior à abertura das escolas étnicas, bem como descreveram o contexto de inserção dos educandários nascentes em Porto Alegre, nos períodos mencionados. O

trabalho com este jornal foi pautado em uma leitura minuciosa de cada uma de suas edições com o registro em caderno de campo.

Outros jornais constituíram a base documental. Aqui, novamente, houve uma operação de escolha com base em dois critérios: jornais publicados em Porto Alegre e em Língua Italiana<sup>7</sup>. Nessa perspectiva, recorreu-se ao trabalho de Angelo Trento (1989; 2013), que classificou e relacionou os jornais escritos em italiano e publicados de 1765 até 1960 no Brasil, bem como serviu-se dos trabalhos de Possamai (2005), de Borges (1993) e de incursões aos álbuns comemorativos da colonização no Rio Grande do Sul, a partir dos quais foi possível ampliar as informações e elaborar o Quadro 1 com o recorte dos periódicos que foram editados em Porto Alegre, totalizando 40 jornais.

**Quadro 1: Jornais em língua italiana publicados em Porto Alegre (1884-1935)**

Jornal	Ano de fundação	Informações
<i>La Liguria</i>	1884	Relacionado no Álbum do Centenário da Imigração
<i>La Colonia Italiana</i>	1885	Semanário publicado aos domingos. Editor F. Canessa. Formato standard, com 4 páginas.
<i>L'italiano</i>	1890	Fundado por Francesco Marsicano. Mensal. Editor Cesare Pelli.
<i>Corriere Cattolico</i>	1891	
<i>L'Avvenire</i>	1892	Fundado pelos irmãos Giannini. Editor C. Leoni. Durou poucos meses. Publicado aos sábados.
<i>Il Commercio Italiano</i>	1892	Editor M. de Candia. Criado por Agostino Ferrari.
<i>L'Eco delle Colonie</i>	1892	Fundado por Carlo Dell'Apa. Durou poucos meses.
<i>L'Italia</i>	1895	Redatores: Cesare Pelli, Arzani e Carlo Dell'Apa.
<i>La Scintilla</i>	1896	Fundado por Rocco Ferraro e Vitola.
<i>La Patria Italiana</i>	1897	Relacionado no Álbum do Centenário da Imigração.
<i>Il Progresso</i>	1898	Editor Mario de Candia. Extinto em 1900.
<i>La Voce della Verità</i>	1898	Relacionado no Álbum do Centenário da Imigração.
<i>L'Operaio Italiano</i>	1899	Relacionado no Álbum do Centenário da Imigração.
<i>Stella d'Italia</i>	1902	Editor Adelchi Colnaghi. Bissemanal.
<i>La Verità</i>	1902	Fundado por Arduino Lippi. Semanário.
<i>La Cometa</i>	1902	Editor Angelo Malauarnera La Porta.
<i>Il Corriere Italiano</i>	1902	Editor A. Malauarnera La Porta. Semanário.

<sup>7</sup> Borges (1993), que também se utilizou de jornais para sua investigação, identificou um conjunto de jornais dirigidos por italianos, mas redigidos em português, dos quais não se lançou mão. Na sua relação, identificaram-se os jornais A Comédia Social, O Trinta e Cinco, A Escola, Grande Revista, O Echo, O Rebate, A Miscellanea, Jornaliz América, Lúçifer, O Aliado, A noite, O Pandengo, Lenço Vermelho, O Advento Cristão.

<i>XX Settembre</i>	1904	Continuação do <i>Il Corriere Italiano</i> . Direção de Ércole Donadio e redação de Mario de Candia. Primeiro número em 19/07/1904.
<i>Chiante</i>	1905	Era órgão de propaganda da Casa Importadora Felipe La Porta.
<i>Favilla</i>	1906	Editor S. Acernio. Semanário.
<i>La Frusta</i>	1906	Editor Carlo Lombardi. Semanário.
<i>Il Tempo</i>	1906	Fundado por Giovanni Del Guzzo.
<i>Gazzetta delle Colonie</i>	1910	Relacionado no Álbum do Centenário da Imigração Italianas no RS.
<i>La Patria Italo-Brasiliana</i>	1912	Direção de Vincenzo Blancato e mais tarde passa para Gaetano Blancato, com 4 páginas.
<i>L'Araldo Coloniale</i>	1913	Fundado por Adolfo D'Agostino. Semanário que durou apenas um ano.
<i>Italia</i>	1915	Editado pelo <i>Comitato Pro Patria</i> .
<i>Il Trentino</i>	1915	Semanário (com partes escritas em alemão).
<i>La Patria</i>	1915	Noticioso semanal. Durou sete anos.
<i>D'Artagnan Coloniale</i>	1915	Diretor Carlo Cordiferro. Jornal irreverente. Sem periodicidade definida. Informava que "se publica quando sai".
<i>Páginas Isostênicas</i>	1915	Jornal bilíngue.
<i>Patria Nuova</i>	1923	Diretor e proprietário Francesco Perroni. Standard. 4 páginas.
<i>Nova Italia</i>	1924	Fundado por Francesco Perrone.
<i>Tribuna d'Italia</i>	1925	Propriedade de Comelli, Aliprandi e Cia. Editores C. Comelli e E. Aliprandi. Semanário. Possuía um suplemento humorístico "Il Tribuno".
<i>Voce d'Italia</i>	1927	
<i>Il Tribuno</i>	1927	Direção de Aldo Dieci. Jornal humorístico. Complemento do jornal <i>Tribuna d'Italia</i> .
<i>La Patria Fascista</i>	1928	Sem informações.
<i>Lo Pascoalino</i>	1929	Relacionado no Álbum do Centenário da Imigração.
<i>L'Unione</i>	1929	Propriedade de S.A. Gráfica Italiana. 12 páginas.
<i>La Nuova Italia</i>	1933	Fundado por Luigi Galvanoni e Mario Carli. Teve como editores F. Alioto e, a partir de 1934, Cesare Rivali. Diário fascista com 10 páginas.
<i>La Voce d'Italia</i>	1935	Fundado e dirigido por Angelo Gattoni, secretário dos fâscios de Porto Alegre com apoio do cônsul Barbarisi.

Fonte: Trento (1989; 2013); Possamai (2005); *Cinquantenario* (1925); Centenário (1975).

Considerando o acervo disponível no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa (MCSHJC) e os acervos de particulares, incluiu-se como fonte para este trabalho os jornais italianos editados em Porto Alegre, a saber: *La Patria Italo-Brasiliana* (3 edições), *L'Avvenire* (2 edições), *Patria Nuova* (2 edições), *La Voce d'Italia* (12 edições), *Italia* (2 edições), *La Nuova Italia* (8 edições), *Il Trentino* (2 edições), *D'Artagnan Coloniale* (2 edições), *L'Unione* (2 edições), *Il Progesso* (1 edição), *Italia* (1 edição). Não se obteve acesso aos demais periódicos do Quadro 1.

Quanto ao período fascista, a partir de 1922, pode-se afirmar que a imprensa italiana teve papel decisivo no processo de construção de uma

identidade coletiva, procurando “[...] insistentemente soldar o patriotismo à nova Itália surgida com o fascismo”. (TRENTO, 2013, p. 121). Com relação a Porto Alegre, pode-se, igualmente, aplicar a perspectiva de Trento (2013), na medida em que, especialmente na década de 1930, surgiram os jornais *La Voce d'Italia* e *La Nuova Italia*.

O jornal *La Voce d'Italia* era um importante órgão de imprensa da coletividade italiana de Porto Alegre, distribuído a partir de seus agentes para outras cidades do Rio Grande do Sul. Este se identificava como “[...] modestíssimo órgão da coletividade italiana espalhada no Estado e que não pretende nada mais do que manter sempre acesa a chama da italianidade pura entre os compatriotas”. (*LA VOCE D'ITALIA*, 30/04/1937, p. 1; tradução nossa). Tal jornal foi fundado e dirigido pelo médico Angelo Gattoni, secretário dos fâscios de Porto Alegre. É importante referir que o Dr. Angelo Gattoni, quando da fundação do jornal, teve “apoio do cônsul Barbarisi” (*LA VOCE D'ITALIA*, 30/04/1937, p. 4) a quem defendia e elogiava.

Outro jornal importante para esta investigação foi o *La Nuova Italia*, que foi fundado em Porto Alegre, em 1933, pelo cônsul Mario Carli, tendo em sua direção Luigi Galvanoni, passando-a, posteriormente, para Francesco Alioti. Sua redação e administração situavam-se à Rua 7 de setembro, 729 e Rua dos Andradas, 800. Tinha formato standard, com 10 páginas. Na primeira página, aparecia o dizer: “*Voce della collettività italiana nel Rio Grande do Sul*”. Trento (1989, p. 507) refere-o como um “jornal fascista”.

Ainda, na relação de jornais italianos em análise, acrescenta-se o jornal *Città di Caxias*, que, mesmo não sendo editado em Porto Alegre, forneceu informações complementares e exclusivas sobre a temática investigada. *Città di Caxias* se definia como *periodico settimanale d'interesse coloniale*, ou seja, um semanário voltado para os interesses da colônia italiana, em especial aquela formada no Sul do Brasil. Com relação a este, procedeu-se com a mesma metodologia de identificação de verbetes como foi feito com o jornal *A Federação*, que, em seguida, será verificado nesta tese.

Fundado em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, no dia 1º de janeiro de 1913, foi dirigido, inicialmente, por Ernesto Scorza, embora o proprietário tenha sido sempre Emilio Fonini. Desde que foi lançado, o jornal teve boa aceitação de público e grande adesão de anunciantes. Inicialmente, contava com quatro

páginas por edição; em pouco tempo, aumentou o número para seis. Um ano depois de sua fundação, quando ampliou sua cobertura internacional por causa da Primeira Guerra Mundial, o *Città di Caxias*<sup>8</sup> já circulava com oito ou dez páginas. Em geral, nele eram publicados artigos, reportagens, crônicas, editais municipais, telegramas, informes a pedidos, discursos de autoridades italianas, além de muitos anúncios.

Crítico e opinativo, sempre enaltecendo o labor e os valores morais da colônia italiana, o semanário abordou assuntos diversos, em geral de interesse local – sobretudo em seus primeiros tempos. Tiveram destaque em suas páginas as questões relativas ao sistema de trabalho em cooperativas, aplaudindo o empreendedor cooperativista local, Giuseppe de Stefano Paternò, com ataques ao deficiente transporte férreo regional na série *La compagnia della morte*, a qual criticava, provavelmente, a belga *Compagnie Auxiliare*, que, desde 1905, administrava a ferrovia que ligava Porto Alegre a Caxias do Sul. Por ocasião de grandes acontecimentos na Europa e sobretudo na Itália, o foco se voltava para o velho continente. O jornal tratava de economia, de comércio, de agricultura (principalmente viticultura), de enologia, de indústria, de impostos, de serviços, de variedades em colônias dos arredores de Caxias do Sul (Nova Milano, Nova Pádua, Nova Vicenza, etc.), do cotidiano administrativo oficial e forense, da infraestrutura, da política brasileira, da saúde e do atendimento médico, da educação e da instrução pública, dos eventos e das festividades, das peculiaridades urbanas, do futebol, da cultura e entretenimento, das atualidades científicas, das personalidades ilustres regionais, dos casos de polícia, das lições morais e comportamento, dos acontecimentos políticos e variedades internacionais, da religião, do turismo, entre outros assuntos.

Outro jornal utilizado foi *O Momento*<sup>9</sup>, de Caxias do Sul, o qual, criado em 1933, circulou até 1951 com várias modificações. Giron e Pozenato (2004)

---

<sup>8</sup> O jornal *Città di Caxias* teve como diretores: Ernesto Scorza, José Buzzoni, Hércules Donádio, José Joaquim de Vargas, Benício Dantas, Ulysses Castagna e Artur de Lavra Pinto. Disponível na Hemeroteca Digital Brasileira.

<sup>9</sup> No primeiro número, não consta sua tiragem, apenas o valor do número avulso que era de \$300, e a assinatura anual, de 20\$000. Apresentava o formato tablóide, com oito páginas. Funcionava na Rua Sinimbu, entre as ruas Dr. Montauray e Visconde de Pelotas, no centro de Caxias do Sul e era impresso na gráfica Alexandre Ramos, que respondia também pela direção comercial. O jornal teve como diretores, entre outros, João Batista Paganella, Demétrio Niederauer, José Barcelos Ferreira, Alexandre Ramos e Percy de Abreu Lima e Darwin Corsetti, conforme Giron e Pozenato (2004).



referem que, em 06 de janeiro de 1933, foi criado o semanário *O Momento*, órgão do Partido Republicano Liberal. Informam, ainda, que seu primeiro diretor foi João B. Paganelli e seu redator-chefe, J. Gonçalves Chaves. Observa-se no editorial da primeira edição:

O Momento será porta-voz da direção do P.R. Liberal deste município, defensor dos interesses da comuna, o propugnador do seu progresso, divulgador dos sucessos que de qualquer forma nos interessem, orientador sincero, um catecismo de educação cívica. Jamais baixaremos da altura serena da defesa dos princípios, para o plano inferior das polêmicas pessoais, se bem que nessa defesa aos postulados do P.R.L. não darem quartel a ninguém. (*O MOMENTO*, 6/01/1933, p. 1).

Giron e Pozenato (2004, p. 101) comentam que, no primeiro editorial, o diretor deixava clara a posição político-partidária e seu propósito de “[...] defesa dos princípios e valores da agremiação. Tinha uma linha conservadora, e as notícias locais eram apresentadas sem uma separação clara entre notícia e divulgação e doutrinação político-partidária”.

Outra opção, mantendo-se na investigação dos periódicos, foi a escolha de jornais em português os quais tivessem um período de circulação que abrangesse, ao menos em boa medida, o período proposto para esta pesquisa e nos quais se pudesse ter acesso a um grande número de edições. Nesse sentido, elegeram-se, aqui, o jornal *Correio do Povo*<sup>10</sup> (1895 a 1938) e o Jornal *A Federação* (1884 a 1937), ambos publicados em Porto Alegre.



Figura 3: Cabeçalho do jornal *Correio do Povo* em sua primeira edição de 01/10/1895  
Fonte: Hemeroteca do jornal *Correio do Povo* – Porto Alegre.

<sup>10</sup> Sobre sua história observar: DILLENBURG, Sérgio Roberto. **Correio do povo: história e memórias**. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 1997. Veja-se também FRANCO, Sérgio da Costa. A evolução da imprensa gaúcha e o Correio do Povo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 131, 1995, p. 33-40.



Quanto ao jornal *Correio do Povo*, este se propôs como informativo<sup>11</sup>. Sendo criado em primeiro de outubro de 1895, por Francisco Antonio Vieira Caldas Júnior, em Porto Alegre, circulava na capital, semanalmente, com exceção dos domingos. Acredita-se que o referido jornal não esteve totalmente alheio às questões partidárias, ou seja, pode-se imaginar que este teria algum vínculo com algum extrato da sociedade sul-riograndense. Como destaca Chagas (2001, p. 198), “[...] o jornal se pretende independente, defendendo as elites agrárias”. Como a característica do jornal denunciou, o *Correio do Povo* visava informar. Para tanto, suas colunas eram repletas de informações para a comunidade, e as notícias eram variadas, conforme o próprio contexto que pairava no ar.

Particularmente, quanto à escolha do jornal *Correio do Povo*, os estudos de Rosemary Fritsch Brum (2009) foram decisivos. Em sua tese de doutorado, *Uma cidade que se conta: imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre nos anos 20-30*, orientada pela saudosa professora Núncia Santoro de Constantino, Brum estabeleceu um *corpus* documental com mais de 300 notícias sobre estrangeiros na capital com foco nos italianos, no período compreendido entre 1911 (especificamente a partir de 6 de maio de 1911) e 1937 (31 de dezembro). A autora (2009) relatou que, por questões de prazos para defesa de tese e impossibilidades técnicas, foi orientada a focalizar no período de 1920 a 1936 não obstante ter recolhido material empírico de um período mais amplo.

Do conjunto das notícias encontradas (1911-1937), gerou-se um subsídio riquíssimo sob o nome de *Caderno de Pesquisa: notícias de imigrantes italianos em Porto Alegre, entre 1911 e 1937* (2009), o qual, para este trabalho, serviu como leitura para identificar a presença das iniciativas escolares dos italianos em Porto Alegre. Para analisar esse conjunto de artigos recolhidos por Brum, utilizou-se a ferramenta de pesquisa do *Google books*, a partir de descritores, previamente definidos, conforme abaixo, considerando que o material está disponível *online*. Quanto às edições do período de 1895 a 1911 e

---

<sup>11</sup> A noção de informativo buscava fazer o contraponto dos jornais que eram órgãos diretos dos partidos, como *A Federação*, sendo possível devido ao paradigma da época, que acreditava na viabilidade de descrever os fatos sem que esta descrição tivesse algum direcionamento ideológico.

dos anos de 1938 e 1939, procedeu-se à busca a partir dos jornais disponíveis no acervo do Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho (AHPAMV) e na hemeroteca do jornal *Correio do Povo*, ambos em Porto Alegre.

Particularmente o jornal *Correio do Povo*, para as questões de investigação desta tese, focalizadas nas décadas de 1920 e 1930, e para a análise do engajamento de grupos italianos com as ideias fascistas que rondaram o Estado e a implantação de cursos de Língua Italiana na capital, constituiu-se em importante material. Notícias veiculadas nesse periódico deram conta da realização de festejos por parte da comunidade italiana e de simpatizantes, bem como registraram a participação das escolas e das associações em inúmeras atividades sociais e políticas ligadas ao fascismo. O jornal também apresentou fotos das sociedades italianas da capital, dos estabelecimentos e de atividades escolares, mostrando-se, assim, fundamental para as questões da nacionalização, com matérias amplas, entrevistas e documentos que publicou.

Outro periódico utilizado como subsídio para a pesquisa é o jornal *A Federação*<sup>12</sup>. Este nasceu em Porto Alegre, em primeiro de janeiro de 1884, e circulou até o ano de 1937, quando foi extinto por motivos políticos em meio à implantação do Estado Novo e às intrigas entre Flores da Cunha e Getúlio Vargas. Esse periódico era um órgão do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) e tinha suas bases alicerçadas no positivismo. O PRR utilizava o jornal para disseminar seus ideais positivistas. *A Federação* articulava, em suas publicações, questões políticas ligadas ao Estado e ao País, além de apresentar as ocorrências policiais, trazendo, ainda, alguns anúncios sobre eventos em Porto Alegre. O jornal circulava em Porto Alegre de segunda a sábado. Como afirma Gonçalves<sup>13</sup> (2013), “no início, o periódico tinha somente quatro páginas, como a maioria dos jornais da época [...] mas, em 1917, quando já contava com maior prestígio, chegou a ter 36 páginas”. Em seu último ano, 1937, reduziu sua

---

<sup>12</sup> Edições disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira de 1884 (a partir da edição 48) até 1937 para consulta livre. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>.

<sup>13</sup> Dilza Pôrto Gonçalves escreveu a tese de doutorado *A Instrução Pública, a Educação da Mulher e a Formação de Professores nos jornais partidários de Porto Alegre/RS (1869-1937)*, tendo utilizado o jornal *A Federação* como fonte, entre outros. Serviu-se, aqui, de alguns elementos caracterizadores do jornal *A Federação*, como estabelecidos por essa autora.

edição a 8 páginas. Seu diretor era Moysés Vellinho.

O jornal *A Federação* foi fundado por Venâncio Aires, que foi o primeiro diretor da redação, sendo que, logo em seguida, a direção do jornal passou às mãos de Júlio de Castilhos. Silva (1986, p. 271) lembra de que o jornal

[...] esteve sempre voltado para os ideais republicanos, por isto é considerado um continuador das aspirações dos revolucionários de 1835, tendo sido um dos poucos em que a data farroupilha foi sempre lembrada. Seus objetivos estão expressos no cabeçalho: federação [...], unidade [...], centralização [...] desmembramento [...].

Ademais, é importante referir que o jornal *A Federação* teve destaque por utilizar o serviço telegráfico:

Foi o primeiro jornal na Província do Rio Grande do Sul e um dos primeiros jornais no País a usar o serviço telegráfico nacional e internacional, possibilitando maior rapidez na publicação de notícias, frente aos outros jornais. Esse foi um dos motivos para *A Federação* ter sido considerado um dos jornais mais modernos do País. Inicialmente circulava com quatro páginas. Em 30 de setembro de 1912, após adquirir uma impressora “Duplex” (Suíça), tem seu material tipográfico remodelado e passa a ser impresso em oito páginas. Em meados de 1937, o jornal começa a colocar ilustrações e fotografias em suas páginas, o que não era constante nas edições anteriores. Ao longo de sua existência, manteve sua dimensão original, de aproximadamente 60cmX42cm. (PORTO ALEGRE, 2011, p. 48).



Figura 4: Cabeçalho do jornal *A Federação* em sua edição de número 51, de 03/03/1884  
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Tanto em relação ao jornal *Correio do Povo* (edições de 1911 até 1937) quanto ao jornal *A Federação*, no conjunto das edições disponíveis deste na

Hemeroteca Digital Brasileira de 1884 até 1937, foi realizada a busca via sistema de consulta por verbete e sua ocorrência no texto, a partir de alguns descritores com seus correlatos femininos, masculinos e plural, a saber: escola italiana, professor, escola, educação, ensino, língua italiana, curso de língua italiana, sociedade italiana, fascismo, cônsul italiano, além de nomes próprios que foram sendo relacionados à temática investigada. É importante observar que a busca com ferramentas digitais permitiu a inserção de novos descritores na medida em que avançava a investigação. Para as demais edições do *Correio do Povo* (com consulta a microfimes e edições impressas) e de outros jornais italianos, procedeu-se com a leitura exploratória tradicional delas.

Ações educacionais das sociedades italianas, sobretudo as da capital, eram citadas nos três jornais principais, embora, comparativamente ao jornal *Correio do Povo* e ao *Stella*, a ocorrência no jornal *A Federação* tenha sido bem menor. Pôde-se observar que vários anúncios das sociedades italianas da capital eram publicados em italiano mesmo no *Correio do Povo* e no *A Federação*.

Eventualmente, para checagem de informações ou na busca de ampliação sobre questões referentes às sociedades italianas, o trabalho voltou-se para os jornais *Diário de Notícias* e o *Jornal da Manhã*, publicados em Porto Alegre. O jornal *Diário de Notícias*, fundado em 1º de março de 1925, sob a direção de Francisco de Leonardo Truda, Raul Pilla, Adroaldo Mesquita da Costa, João Pedro Moura e outros, tinha uma linha editorial diversificada, incluindo política, variedades, esportes, economia, entre outros, com publicação diária. Foi comprado em 1930, por Assis Chateaubriand, quando passou a fazer parte da construção do império dos Diários Associados<sup>14</sup>. Sendo um dos mais importantes jornais do Rio Grande do Sul, seu último exemplar circulou em 30 de dezembro de 1979.

O *Jornal da Manhã*, publicado em Porto Alegre, circulou de 12 de outubro de 1930 até 30 de abril de 1937. Seus fundadores foram Fernando

---

<sup>14</sup> “Deste grupo no estado do Rio Grande do Sul, também fizeram parte a TV Piratini, Rádio Farroupilha e a Revista Campo. Em 1955, foi este jornal responsável pela criação da Feira do Livro em Porto Alegre que ocorre até os dias de hoje. Também existem edições no MUSECOM”. In.: Porto Alegre. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Cultura. **Acervos: jornais, revistas e almanaques do Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho** / Projeto e coordenação de Silvia Rita de Moraes Vieira; texto e pesquisa Aryanne Cristina Torres Nunes, Mariane Rocha Dias e Silvia Rita de Moraes Vieira. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: AHPAMV, 2011. 168 p.

Caldas e Martins M. Guilayn, sendo propriedade da Empresa Jornalística Rio-Grandense. “O jornal se posicionava a favor do Exército Libertador da República, na Revolução de 1930, e tudo indica que era órgão de difusão do Partido Republicano Liberal”. (PORTO ALEGRE, 2011, p. 62). Circulava de terça a domingo e, às vezes, não era editado na quarta-feira.

Tanto o jornal *Diário de Notícias* como o *Correio do Povo*, os dois maiores jornais diários da capital na década de 1930, “[...] tiveram uma importante atuação na divulgação dos ideais estadonovistas e da Campanha de Nacionalização do Estado”. (TORRES, 1999, p. 154). Isso pode explicar por que tais jornais, especialmente o *Correio do Povo*, deram amplo espaço para notícias relativas à nacionalização e ao fechamento das escolas italianas da capital. Torres argumenta que ambos cumpriram um papel de mediação entre o governo de Getúlio Vargas e a população na construção de uma unidade nacional, a partir de um projeto político.

No Rio Grande do Sul, o *Diário de Notícias* e o *Correio do Povo* cumpriram com esta função, fortalecendo a idéia de nacionalização com a intenção de estabelecer uma identidade única e soberana às interferências externas ao país e à possível ameaça da segregação racial entre os legítimos brasileiros e os imigrantes estrangeiros. (TORRES, 1999, p. 139).

É importante referir que, mesmo que os jornais tenham ideologias declaradas ou veladas, possuem características que interessam ao pesquisador, como salienta Espig (1998):

É importante ressaltar que, mesmo tendo uma postura ideológica definida, o jornal possui qualidades importantes para a pesquisa histórica, dentro da História Cultural e também da História da Educação, entre estas destacam-se: uma delas é a periodicidade: os jornais constituem-se verdadeiros “arquivos do cotidiano”, nos quais, podemos acompanhar a memória, o dia-a-dia e estabelecer a cronologia dos fatos históricos. Outra é a disposição espacial da informação, que nos permite a inserção do acontecimento histórico dentro de um contexto mais amplo. (ESPIG, 1998, p. 274).

Como visto, o entrelaçamento da notícia diária com o contexto no qual se insere constitui o jornal como uma fonte diferenciada e rica. Na presente investigação, avançou-se para o tema da italianidade na capital, o que remeteu, no âmbito do processo educacional, mesmo que não exaustivamente, à questão

das aulas de italiano nos ginásios da capital. Para tal, além dos jornais, este estudo serviu-se da *Revista Ecos Rosariense*, especialmente útil para a análise do Colégio Rosário de Porto Alegre. Este ainda mantém a edição do periódico. Criada em 1930, a *Revista Ecos Rosariense*<sup>15</sup> configurou-se como um importante histórico do então *Gymnasio Estadual do Rio Grande do Sul*, com fotos dos estudantes e professores, nomes, notas e informações da vida do colégio. Naquela época, o objetivo era reunir informações formais e históricas de cada ano letivo. A publicação esteve suspensa de 1944 a 1949, devido à Segunda Guerra Mundial, que ocasionou a escassez de papel para impressões no Brasil, retornando em 1951, com o mesmo formato.

A partir de 1971, a revista foi suspensa novamente sem motivo específico, voltando a ser produzida em 1992. Nesse mesmo ano, o Colégio Rosário passou a produzir a *Ecos Rosariense*, dessa vez em formato mais moderno, similar aos anuários das escolas americanas, com fotos das turmas e principais acontecimentos do ano. Especificamente, as edições de 1930 a 1943 (14 edições) foram o foco desta análise com relação às aulas facultativas de italiano, subsidiadas pelo governo italiano. O exame das revistas se estendeu até a edição de 1941, em que se pôde identificar que não mais havia a referência às aulas de italiano naquele ginásio.

Sobremaneira, nesta investigação, por se tratar de escolas étnicas italianas, ganhou importância a busca de documentos no *Archivio Storico Diplomatico del Ministero degli Affari Esteri*<sup>16</sup> (ASMAE), de Roma, na seção do *Archivio Scuole* (Arquivo Escolas) e no Arquivo do Consulado Geral da Itália no Rio Grande do Sul (ACGIRS) de Porto Alegre. O ACGIRS possui duas seções: uma conta com arquivos em uso, com documentos organizados e catalogados, constituídos, prioritariamente, de pastas relativas a nomes de pessoas e às suas respectivas documentações. Dentre elas, a sua maioria diz respeito a pedidos de dupla cidadania e com raríssimas pastas anteriores ao ano de 1940. Outra seção inclui milhares de pastas de registros de pessoas com datas, em geral, inferiores a 1960. Porém, essa seção não possui um ordenamento ou catalogação, acondicionamento adequado, faltando, inclusive, higienização.

---

<sup>15</sup> De 1930 a 1943, foram publicadas 14 edições; de 1951 a 1971, foram 22 edições; e de 1992 até 2014, 22 edições.

<sup>16</sup> O Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores da Itália (ASMAE) tem sua sede em Roma.

Mesmo assim, constitui-se num arquivo que possui muitas possibilidades de investigação, composto, basicamente, de pastas com nomes de italianos e de descendentes. A ele recorreu-se para a checagem de nomes, de datas e de correspondências contidas nas pastas. Parte da comunicação do consulado foi enviada para o *Ministero degli Affari Esteri* e outra parte se perdeu com um alagamento no consulado nos idos dos anos 1960.

A pesquisa no ASMAE<sup>17</sup> contribuiu sobremaneira para a constituição de um *corpus* documental que desse conta especialmente das décadas de 1920 e de 1930. Cerca de 1600 documentos relativos ao Rio Grande do Sul foram checados. O Arquivo do ASMAE está organizado em seções. Dado o volume de documentação, priorizou-se a seção do Arquivo Escolas e, dentro deste, os maços relativos a Porto Alegre.

Os maços são formados basicamente por:

- a) comunicações/correspondências e relatórios dos cônsules e agentes consulares;
- b) comunicações, ofícios e correspondências;
- c) relatórios e cartas de professores;
- d) relatórios das sociedades italianas que referiam atividades e movimentos de ensino;
- e) relatórios de inspetores da *Italica Gens*;
- f) relatórios de inspetores do MAE e da *Direzione Generale delle Italiani e Scuole all'Esteri*;
- g) relatórios de diretores didáticos;
- h) correspondências das sociedades italianas;
- i) recibos e notas;
- j) fotografias.

---

<sup>17</sup> O autor deste trabalho está ciente de que não foram exploradas todas as documentações constantes no ASMAE-Archivio Scuole. O recorte foi justamente a documentação relativa a Porto Alegre. Ademais, alguns documentos solicitados aos arquivistas não estavam à disposição sendo desconhecido o motivo. Como se trata de uma documentação que exige uma sistematização para o seu referenciamento, adotou-se a seguinte regra para tal: a escrita ASMAE, seguida da seção das escolas (*Archivio Scuole*), descrição do documento (correspondência, relatório, recibos, entre outros), nome do emissor (pessoa ou órgão), ano do documento, seguido da página quando há mais de uma. Se o documento for um anexo, acrescenta-se a palavra "Anexo" após a data do documento. Por fim, descreve-se o número Maço em que se encontra o documento. Para o ACGIRS procedeu-se de forma semelhante, porém, no lugar do "maço" consta o número da pasta consultada junto ao nome do principal. Se não houver número, coloca-se "s/n".

Particularmente relevantes para a década de 1930, foram os relatórios dos cônsules que estiveram à frente do Consulado Geral da Itália no Rio Grande do Sul, a saber: Manfredo Chiostrì, Mario Carli, Guglielmo Barbarisi e Santovicenzo Magno, bem como os relatórios da *Direzione Didattica del Rio Grande del Sud* (Direção Didática do Rio Grande do Sul), ligada ao MAE e coordenada pelo professor Luigi Ledda e Mariano Berlingeri. Vários documentos desses agentes foram localizados.

Em se tratando de arquivos, outro local acessado foi o Arquivo da Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul (ASIRGS). Este, localizado na sede em Porto Alegre, abriga documentos e livros da antiga Sociedade *Dante Alighieri* de Porto Alegre, da Sociedade Umberto I e do Club Canottieri Duca degli Abruzzi, além dos arquivos próprios da época em que a Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul se chamava *Società Principessa Elena di Montenegro*.

O acervo do ASIRGS também não está catalogado, bem como não recebeu nenhum tratamento de higienização. Os materiais (pastas, fichários, documentos, revistas, correspondências), incluindo os livros da biblioteca que outrora esteve à disposição dos sócios, encontram-se acondicionados em caixas fechadas e colocadas em um depósito. Bem descrevia Bacellar em seu texto *Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos* (2010, p. 50) no universo documental: “[...] o historiador encontra, quase sempre, um relativo descaso pelo patrimônio arquivístico”. A Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul mantém outro conjunto de registros administrativos, na secretaria da entidade, devidamente catalogados, mas relativo ao período posterior ao aqui delimitado para a investigação. Sobre a massa de documentação e de fontes evidenciadas, vale a advertência de Arriada (2007, p. 31-32):

Nos dias atuais, a diversidade e variedade de fontes podem, num primeiro momento, deixar atônito um pesquisador despreparado. Contudo, sabendo utilizar com critérios previamente estruturados, poderá ser de grande proveito essa “miscelânea” de documentos. Sabemos que, por si só, os documentos não falam, nem podemos fetichizar o seu valor; eles adquirem importância, ou até mesmo um grande valor, não apenas pela importância que possam ter, pelo ineditismo, e/ou por novos dados que possibilitem um novo olhar. Devemos procurar aquilo que nem sempre vem explícito. Quem produziu o documento, com que objetivos? Como foi conservado ao longo do tempo; encontra-se inteiro, fracionado, sofreu modificações, existem variantes; outros documentos similares podem corroborar o que foi dito ou então negar?



Tanto nos jornais como nos arquivos, tomou-se contato com fotografias de turmas de alunos com professores, de professores e de passeios, de prédios utilizados para abrigar escolas, e de desfiles e comemorações. Embora não seja a fonte prioritária nesta pesquisa, buscou-se cercar-se de cuidados epistemológicos para esse olhar, considerando o julgamento de que essas imagens ajudariam a compreender elementos da cultura escolar e seus matizes.

Nos jornais analisados, observou-se que havia poucas fotos e, particularmente, o *Stella* não apresentou nenhuma fotografia nos primeiros três anos de sua publicação. Os outros dois principais jornais, presentes nesta investigação, *Correio do Povo* e *A Federação*, à medida em que avançaram para a década de 1920 e 1930, apresentaram, de forma mais frequente, registros fotográficos ligados a eventos realizados por italianos na capital, solenidades das sociedades mantenedoras das escolas e algumas festividades que as envolviam.

#### 1.4 PORTO ALEGRE DE ITALIANOS: A ITALIANIDADE EM EVIDÊNCIA

*“O italiano tem sua figura valorizada na comunidade em geral; governantes apontam para este imigrante como exemplo de cidadão trabalhador e ordeiro. Colonos e imigrantes urbanos beneficiam-se da mesma imagem. Independente das diferenças culturais que permeavam o seu cotidiano, sobretudo no que diz respeito ao uso de dialetos, identificam-se como italianos no interior da sociedade rio-grandense.”*  
(CONSTANTINO, 1997, p. 4)

As origens de Porto Alegre devem ser buscadas antes mesmo da data em que foi elevada à freguesia, em 1773, marco oficial de sua fundação. A sua origem remonta aos primórdios da ocupação portuguesa dos territórios ao sul do país e “[...] está inserida no processo de conquista e expansão dos domínios portugueses ao sul do Brasil em direção ao rio da Prata”. (MONTEIRO, 2012, p. 9). Assim, tem-se a data de 5 de novembro de 1740 como sendo a mais antiga que a documentação registra e que é tomada como ponto de partida, isto é, marca o início de sua colonização<sup>18</sup>.

Conforme Bakos (1996, p. 15-16), ainda quando o Rio Grande do Sul

<sup>18</sup> Monteiro (2006), em seu livro *Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade*, aborda a controvérsia da data de fundação da cidade de Porto Alegre, recordando os artigos que Walter Spalding havia publicado no *Correio do Povo* e questionando as datas erroneamente consideradas.

era capitania, em 1803, “[...] o Governador da Capitania reivindicou ao rei a criação de quatro municípios para administrar mais facilmente as 14 povoações existentes. Em 1809, D. João VI estabelece, a primeira divisão territorial administrativa do Rio Grande do Sul”. Com o passar dos anos, essas grandes extensões se subdividem, dando origem a vários municípios.

Segundo o mesmo autor, desde o início da povoação, desenvolveu-se, em Porto Alegre, intensa atividade comercial através de seu porto, encontrando-se aí interesses políticos, militares e econômicos. Observou-se que, entre 1820 e 1858 (BAKOS, 1996), a primazia comercial da Província passa para a cidade de Rio Grande; contudo, à medida que os imigrantes europeus povoavam a região serrana, a cidade de Porto Alegre foi recuperando sua importância inicial.

Os primeiros alemães chegaram em 1824 à colônia de São Leopoldo, nas cercanias de Porto Alegre e, posteriormente, espalharam-se pela zona colonial. Todavia, muitos permaneceram em Porto Alegre, local no qual, necessariamente, tinham que esperar para seguir adiante até as colônias. Os imigrantes italianos chegados em 1875, dirigiram-se para diversas colônias, mas muitos deles permaneceram também em Porto Alegre. Nesse local, “os 73.674 habitantes da virada do século somam em 1910, 115.791 pessoas” (BAKOS, 1996, p. 18), fato que se deve não somente aos imigrantes, mas ao índice do crescimento vegetativo. Os dados coligidos no Álbum do Bicentenário (1941) a respeito do desenvolvimento populacional de Porto Alegre demonstraram que a população praticamente triplicou entre 1910 e 1939. De uma população de 119.548 pessoas em 1910, passou para 385.389 habitantes em 1939. Esse fenômeno, segundo Bakos (1996, p. 20), pode ser explicado “[...] face à multiplicação de fábricas, casas de comércio e serviços relacionados com a educação e aparelhos de Estado, que ali se encontravam por ser a capital do Estado”.

Com a Proclamação da República, Porto Alegre já apresentava “[...] um notável incremento comercial e industrial”. (BAKOS, 1996, p. 21). Em 1927, o movimento de importação e de exportação do porto de Porto Alegre revelou “[...] intenso intercâmbio entre a capital e portos com os países limítrofes [...]”. (BAKOS, 1996, p. 24).

Um fato importante a ser arrolado para a compreensão da história de Porto Alegre é que, tanto com a instalação da República, como com o

estabelecimento do federalismo, “Porto Alegre torna-se o reduto mais importante das forças coercitivas e de cooptação que sustentam a hegemonia do Partido Republicano Gaúcho” (BAKOS, 1996, p. 24) a ponto de, entre 1897 e 1937<sup>19</sup>, ter permanecido na Intendência Municipal, ininterruptamente, intendentes ligados ao pensamento positivista. Na virada do século, Porto Alegre passou a ser vista como o cartão de visitas do Rio Grande do Sul, ideia perfeitamente alinhada com os propósitos do Positivismo, corrente filosófica abraçada pelos governos estadual e municipal. Na perspectiva do positivismo, Porto Alegre se estruturou e, assim, transmitiu uma impressão de ordem e de progresso.

Pesavento, em seu livro *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX* (2001), salienta que Porto Alegre é um município de contrastes. Os becos abrigadores dos excluídos são a outra cidade dentro da velha Porto Alegre. O discurso da modernidade de ruas largas, higiene e civilidade contrasta com o beco, com a criminalidade – diga-se bem divulgada na imprensa – e com a sujeira, salienta a autora. Ou seja, a despeito de inegáveis e significativos avanços, a administração castilhista foi sendo alvo de crescente número de críticas, e a modernidade, embora tivesse se evidenciado, ainda não atingia todos os pontos da cidade.

Especificamente em relação à educação, lê-se em Bakos (1996, p. 25) que “a instrução constituiu um elemento fundamental do partido para manter o seu poder hegemônico, dada a importância que o castilhismo atribuía à educação”. Mas, pela impossibilidade financeira de criar escolas em número proporcional às necessidades da população, “[...] o município recorre ao expediente de auxiliar instituições particulares já existentes”. (BAKOS, 1996, p. 25). Pontualmente, não foram encontrados registros nos relatórios intendenciais<sup>20</sup> de Porto Alegre sobre a participação do município com auxílios às escolas étnicas italianas instaladas na capital.

---

<sup>19</sup> Bakos (1996) identificou que, no período de 1897 e 1937, Porto Alegre teve somente três intendentes municipais, Otávio Rocha, Alberto Bins e José Montauray, fato que contrasta com demais cidades de mesmo porte no período no Brasil. Seu trabalho de tese buscou elementos explicativos para tal fenômeno.

<sup>20</sup> A análise se deteve nos relatórios de 1918 a 1924. Há necessidade de verificar se em outros relatórios intendenciais de Porto Alegre, anteriores a 1918, ocorre a presença de auxílios. Pode-se afirmar, com segurança, porém, que, pelo conjunto das demais fontes trabalhadas, sobretudo do ASMAE, ao menos de 1918 até 1938, o município de Porto Alegre não colocou em seu orçamento recursos ou os destinou para as escolas italianas aqui estudadas, como fez com outras entidades educacionais privadas.

Entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, o fenômeno migratório movimentou milhares de europeus em direção à América, os quais buscavam melhores condições de vida. As transformações decorrentes da expansão capitalista e as novas formas de produção e de trabalho foram construindo condições para a acentuação do processo de migração.

Os séculos XIX e XX assistiram a grandes deslocamentos internacionais de população, sobretudo ao de pessoas de países europeus para outros continentes. De acordo com Ianni (2004, p. 140), o Brasil recebeu em torno de cinco milhões de imigrantes, dos quais um milhão e meio foram provenientes da Itália. A Província de São Pedro do Rio Grande do Sul recebeu um número considerável de imigrantes, sendo, predominante, aqueles saídos da península itálica, especialmente entre os anos de 1875 e 1914.

Mesmo que haja alguma divergência estatística, De Boni e Costa (1987, p. 66-68) afirmam que, entre “[...] 1875 e 1914 entraram no Rio Grande do Sul entre 80 e 100 mil italianos”, constituindo-se no grupo mais numeroso de colonos que ingressou no Rio Grande do Sul.

De acordo com Constantino (1991), Porto Alegre, como capital administrativa e principal centro comercial do Estado, sempre exerceu atração para estrangeiros. Atraiu italianos, cujas evidências de presença podem ser encontradas nos livros paroquiais e, mais do que isso, nos livros de registro de batismo, que permitem chegar a essa conclusão, por relativa fixação desses indivíduos, visto que alguns batizaram vários filhos, sobretudo a partir da década de 1840, como demonstrou Constantino (1991). Constantino e Ospital (1999, p. 133) referem que, a partir dessa data:

[...] há traços da presença de italianos em Porto Alegre, encontrados na imprensa, como anúncios de estabelecimentos comerciais e de óbito, e nos livros de registro de batismo da Igreja Matriz de Nossa Senhora Mãe de Deus. De 1850 em diante, esta presença é constante e, até 1914, será crescente.

Registra-se que a capital do Rio Grande do Sul teria, em 1893, “[...] cerca de 6.000 habitantes italianos e este número representa aproximadamente 10% da população total da cidade” (CONSTANTINO, 1991, p. 59), percentual praticamente constituído por meridionais, pulineses, luqueses, sicilianos

especialmente de Leonforte e da Província de Catânia.

Não obstante Paul Singer, como refere Monteiro (2006), ter chamado Porto Alegre de a “cidade alemã”, no século XIX, a cultura porto-alegrense enriqueceu-se com a presença de vários italianos que se destacavam como músicos, atores, pintores e escultores, como bem apresenta Monteiro na mesma obra de 2006. De igual forma, o famoso professor Aquiles Porto Alegre, em seu livro *História Popular de Porto Alegre* (1940), traz, na memória da sua experiência urbana, a presença de italianos.

Há trinta e cinco anos, ainda as ruas da cidade eram atravessadas por músicos ambulantes, forasteiros que aqui aportavam com procedência de vários pontos e geralmente de origem italiana. Quase sempre apareciam em grupo de quatro figuras: um harpista, dois violinistas e um flautista. (PORTO ALEGRE, 1940, p. 101).

No início da década de 1910, em Porto Alegre, os italianos chegaram a somar 10.000 (PESCIOLINI, 1914), o que diverge do *Annuário do Estado do Rio Grande do Sul de 1912* (p. 139), o qual informa que, de acordo com o censo de 1911, na capital, havia 130.227 habitantes e, desse total, 6.153 eram italianos.

Os italianos, de qualquer forma, muitos ou poucos, construíram suas vidas na capital e buscaram ser reconhecidos, criando associações, clubes e defendendo, de diferentes maneiras e em momentos diversos, sua perspectiva étnico-cultural.

#### 1.4.1 Uma identidade que se constrói

“És italiano? Fale, portanto, o italiano; Ensine italiano aos vossos filhos;  
Esteja presente nas manifestações de italianidade;  
Sustente o vosso jornal; Frequente as nossas Sociedades;  
Colabore com o desenvolvimento das escolas italianas;  
Apóie as obras assistenciais.”  
(LA NUOVA ITALIA, 16/04/1936, p. 7)

Para entender a colônia de imigrantes italianos de Porto Alegre no período escolhido para esta investigação, Constantino (1997), a partir de seu trabalho apresentado no XXI Encontro da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), intitulado *Italianidade(s): Imigrantes em Porto Alegre* (1997), procurou estabelecer três momentos diferenciados no processo histórico da imigração na capital.

O primeiro momento diz respeito ao grupo social italiano constituído por pioneiros da imigração; o segundo refere-se a um período de transição, quando se percebeu a existência de um grupo italiano de elite procurando liderar uma grande massa de co-nacionais, consequência dos grandes fluxos imigratórios no Estado; e o terceiro faz referência ao grupo característico do pós-guerra, quando a emigração meridional na cidade é característica. Constantino expõe que:

O excedente populacional expulso da Itália pela incapacidade do estado pós-unitário de absorver a mão-de-obra disponível, excedente populacional e grande parte aproveitado no Brasil, começa a apresentar sinais de ascensão social. É hora de ressuscitar a italianidade ou mesmo de criá-la. (CONSTANTINO, 1990, p. 471).

É nesse sentido que se pode notar o governo italiano incentivando a promoção e a fundação de sociedades italianas que, em Porto Alegre, em 1924, serão oito. “Uma vez organizada a colônia e consciente da nacionalidade, evidencia-se a preocupação com o eventual auxílio à pátria-mãe”. (CONSTANTINO, 1990, p. 471). Um exemplo disso é o que apresenta Crocetta (1925, p. 416-417) no *Cinquantenario*, quando da contribuição da colônia por ocasião da Primeira Guerra Mundial.

Constantino disserta que, no final do século XIX, após os primeiros 20 anos da chegada dos imigrantes, a coletividade italiana estava em curva ascendente tanto no aspecto demográfico como econômico-social. Em Porto Alegre, frisa Constantino (1990, p. 479), “[...] verifica-se a formação de uma elite e o desenvolvimento rápido de uma burguesia antes do final do século XIX”, mas, também, de um contingente de imigrantes que “não deram certo” (CONSTANTINO, 1990, p. 479). Conclui Constantino (1990, p. 479) que “é a pequena burguesia relativamente autônoma, incluindo pequenos proprietários dos arredores da cidade, principalmente artesãos e pequenos comerciantes que constituía a grande maioria dos italianos de Porto Alegre”.

Segundo Constantino (1990), dada a heterogeneidade dos imigrantes e o fato da Unificação Italiana, em 1870, ser mais um evento histórico e menos uma homogeneização dos diversos grupos de italianos oriundos das variadas regiões, pode-se afirmar que a identidade de italianos, portanto, começou a ser construída entre os imigrantes que aqui aportaram. Ou seja, os italianos

constituíram-se italianos na medida em que chegaram nas diversas colônias, o que não foi diferente em Porto Alegre. Provindos de diferentes regiões do norte e do sul da península itálica, tornaram-se italianos quando assim foram chamados pela primeira vez pelos brasileiros. Azevedo (1975) é um dos defensores da tese de que a italianidade não pré-existia à imigração.

Assim, as diferenças identitárias trazidas das diversas regiões da Itália foram negociadas entre os próprios imigrantes, que ressignificaram, aos poucos, suas identidades regionais no novo ambiente em contraste com a sociedade nacional, mesmo que dela participassem e a ela aderissem. É ainda esclarecedora a afirmação de Trento (1989) sobre as rivalidades regionais que os italianos trouxeram consigo e a dificuldade de autorreconhecimento:

Contra a comunhão de intenções agiam vários fatores, antes de mais nada o bairrismo e as rivalidades regionais que os imigrantes traziam consigo da mãe-pátria. **Era difícil falar de italianidade com pessoas para as quais a Sicília estava tão distante quanto o Brasil, em termos culturais e linguísticos.** A consciência de pertencerem ao mesmo país surgirá a duras penas, somente a partir do século XX, favorecida pela consciência de se saberem estrangeiros e pela uniformidade nacional que era atribuída aos imigrantes pela opinião pública brasileira. (TRENTO, 1989, p. 161-162; grifo nosso).

Pensar a italianidade é pensar uma categoria a qual perpassa esta investigação. Ela, entre outras, serviu para a presente tese como instrumental teórico-metodológico para entender as ações e os lugares ocupados pelos sujeitos nas teias que envolveram e fabricaram as culturas escolares bem como o processo escolar que aqui se quer evidenciar. A construção da identidade, também, teve sua passagem pela escola num processo recíproco de reconhecer-se como “italiano”, de construir uma escola que duplamente reforçasse essa mesma identidade e a constituísse. Assim, a italianidade como caráter étnico vinculado aos italianos é evidenciada no cenário da investigação sobre o processo vivido por esses imigrantes na capital.

A ideia da italianidade exige que se pense, também, na questão da etnicidade. Claro está que a vinculação a um grupo, a uma etnia que se agrega e estabelece limites subjetivos tem sua expressão externa a qual a caracterizará por sua cultura. A identidade étnica, aparentemente estável a ponto de permitir a identificação por outrem sobre o pertencimento de um sujeito ou grupo, é, na verdade, dinâmica, como afirma Poutignat e Streiff-Fenart (1997, p. 11-12), e os

seus elementos constitutivos estão em constante negociação:

Encarada nessa perspectiva, a etnicidade não é um conjunto intemporal, imutável de traços culturais (crenças, valores, símbolos, ritos, de regras de conduta, língua, código de polidez, práticas de vestuário ou culinárias, etc.), transmitidos da mesma forma de geração para geração na história do grupo; ela provoca ações e reações entre este grupo e os outros em uma organização social que não cessa de evoluir. Essa abordagem mais sociológica que etnológica do objeto de pesquisa representado pelas relações interétnicas renovou de modo incontestável a problemática e o método, instigando o pesquisador a se questionar como, por meio das mudanças sociais, políticas e culturais de sua história, os grupos étnicos conseguem manter os limites que os distinguem dos outros.

A dinâmica que anima os grupos étnicos revira, transmuta o grupo e o faz evoluir. Não obstante, o mantém distinto mesmo, internamente, havendo mudanças. É nesse sentido que Luvizotto (2009, p. 30-31) adverte estar a etnicidade para além da definição de culturas específicas:

Quando se pensa na possibilidade de identificação étnica, corre-se o risco de buscar grupos culturais fechados e estáticos, de buscar uma filiação, um nome, um recorte geográfico. No entanto, a questão não é tão simples. Mesmo que os registros históricos fornecessem as pistas-necessárias para esse tipo de identificação, ou de qualquer outra natureza de fonte acadêmica, esses dados não teriam, por si sós, autoridade para desenhar um mapa desse percurso, na medida em que os grupos humanos e a construção da identidade étnica são extremamente dinâmicos e flexíveis. Dessa maneira, a concepção de etnicidade está além da definição de culturas específicas e, portanto, é composta de mecanismos de diferenciação e identificação que são acionados conforme os interesses dos indivíduos em questão, assim como o momento histórico no qual estão inseridos. Os conceitos de grupo étnico, identidade étnica e etnicidade têm uma complexa trajetória teórica nas Ciências Sociais.

A questão étnica é um tema de fronteira, de reconhecimento de valores pelos quais julga-se e é julgado. Não se trata de uma fator biológico, mas cultural. Nesta investigação, a afirmação/construção da italianidade tem na escola étnica uma ação que visava à manutenção dessa fronteira, ao lado de outras motivações, como a própria necessidade de alfabetização pela ausência/carência de outras estruturas educacionais.

Sobre a complexidade de se estudar o conceito de etnicidade, Poutignat e Streiff-Fenart (1997, p.117) afirmam o seguinte:



Estudar a etnicidade consiste, então, em inventariar o repertório das identidades disponíveis em uma situação pluriétnica dada e descrever o campo de saliência dessas identidades nas diversas situações de contato. A análise situacional da etnicidade liga-se ao estudo da produção e da utilização das marcas, por meio das quais os membros das sociedades pluriétnicas identificam-se e diferenciam-se, e ao estudo das escolhas táticas e dos estratagemas que acionam para se safarem do jogo das relações étnicas. Entre essas táticas figuram especialmente a alternância de identidades (*identity switching*), o domínio da impressão e os processos de *alter-casting* que permitem atribuir um papel étnico ao outro.

Houve um processo de atribuição de identidade e os próprios italianos pareceram reforçar isso. Suas sociedades foram, no fundo, a instância que catalisou as ideias sobre o ser italiano e os elementos comuns que os uniu. “O conceito de etnicidade é exatamente esse que agrega diferenças culturais presumidas essenciais”. (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1997, p. 117). A escola, nesse contexto, tornou-se o núcleo de preservação da língua, um dos elementos tidos como essenciais.

Na diversidade e pluralidade de Porto Alegre, que assim se mostrava já nas primeiras décadas do século XX, por atrair muitos estrangeiros (CONSTANTINO, 1990), corrobora-se, de certa maneira, a tese já consagrada da Antropologia Cultural de que não é o isolamento geográfico e social que passam a ser os fatores críticos para a sustentação da diversidade cultural. Ou seja, para Bath (1997), as fronteiras persistem não obstante o fluxo das pessoas por entre elas.

[...] as distinções de categorias étnicas não dependem de uma ausência de interação social e aceitação, mas são, muito ao contrário, frequentemente as próprias fundações sobre as quais são levantados os sistemas sociais englobantes. [...] as diferenças culturais podem permanecer apesar do contato interétnico e da interdependência dos grupos. (BARTH, 1997, p. 188).

Há uma manutenção dessas fronteiras étnicas apesar das relações. Foi bastante característico do italiano e de descendentes, sobretudo das autoridades consulares, atribuírem à língua italiana, ou melhor, ao fato de falar o italiano, a característica de elemento aglutinador e cultural que definia o grupo e o mantinha no universo das relações. A escola era o *locus* da manutenção da língua. Kreutz (2011, p. 348) afirma que é uma característica do final do século XIX e início do século XX “[...] a formação de instituições comunitárias para a

manutenção da tradição cultural especialmente entre imigrantes de áreas rurais nos estados do sul. As escolas étnicas foram marcantes nesse contexto”.

A partir dos estudos de Barth (1997), torna-se possível falar de grupo étnico como uma forma de organização social que expressa uma identidade diferencial nas relações com outros grupos e com a sociedade mais ampla. A identidade étnica é utilizada como forma de estabelecer os limites do grupo e de reforçar sua solidariedade. Nessa concepção, a continuidade dos grupos étnicos não é explicada em termos de manutenção de sua cultura tradicional, mas depende da manutenção dos limites do grupo, da contínua dicotomização entre membros e não membros (nós/eles). Os traços culturais que demarcam os limites do grupo podem mudar, e a cultura pode ser objeto de transformações, sem que isso implique no esvaziamento da solidariedade étnica. Essa perspectiva aproxima-se da proposta de Hall (1999, p. 49-50), que concebe a identidade como um conjunto de representações culturais, construído em situações específicas, um “[...] modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”.

Nessa concepção teórica a construção da identidade entre os imigrantes italianos e descendentes em Porto Alegre não ficou à margem dos desdobramentos políticos da Itália e, com o passar do tempo, as mudanças de regime, na Itália, como é o caso do fascismo, influenciaram essa construção e a defesa étnica, fato que se buscará evidenciar na constituição do processo escolar, sobretudo a partir de 1930, com a criação da Direção Didática das Escolas Italianas, sob a égide da compreensão fascista de expansão e domínio e sua estratégia de propaganda cultural como reforço de sua soberania (BERTONHA, 1999; 2001a; 2001b). De fato, de acordo com Hall (1999), os sujeitos são suscetíveis aos mecanismos de pensamento e de ação típicos do tempo-espço em que se encontram inseridos.

Entre as ações sociais e os mecanismos historicamente voltados para a promoção de uma “italianidade”, tem-se as associações de italianos, as escolas italianas, os jornais de língua italiana, a presença da Igreja Católica, a presença de inspetores, a criação de institutos de cultura, a ação dos consulados e agentes consulares, a criação de federações de sociedades italianas, a criação e o fomento de cursos de língua e cultura italiana, entre outras. Essas iniciativas são estratégias relativamente organizadas de promoção, de inculcação e de

engendramento de uma “italianidade” evidenciadas no Rio Grande do Sul. Por meio dessas ações e instituições, criou-se a representação de que a italianidade corresponderia a determinado conjunto de valores, usos, costumes e práticas específicas atribuídas a certa população com características socioculturais em comum, isto é, aqueles que podem ser considerados como italianos ou descendentes por nascimento ou sangue, facilitados pela questão linguística e cultural.

Além da ação da Igreja Católica, as Sociedades de Mútuo Socorro tiveram um papel importante nessa construção identitária<sup>21</sup> (TRENTO, 1989), nessa ação solidária étnica, sobretudo nos primeiros anos de estruturação dos imigrantes. Particularmente em Porto Alegre, foram essas sociedades as responsáveis, também, pela agregação dos italianos e de seus descendentes, bem como foram responsáveis pela difusão/construção do sentimento de pertença (italianidade), e as escolas dessas Sociedades ajudavam a disseminar esse processo identitário. Aliás, para Trento (1989, p. 178), a defesa da italianidade, no Brasil, relaciona-se com as “[...] escolas primárias que surgiam e desapareciam, em ritmo impressionante”.

Os objetivos principais das Sociedades de Mútuo Socorro surgidas inicialmente na Itália<sup>22</sup> eram a união, a fraternidade, a recíproca ajuda e a instrução. Em Porto Alegre, muitas sociedades italianas foram fundadas, desde sociedades de mútuo socorro às filodramáticas. Algumas tiveram vida breve; outras, mais duradouras e, em várias, pôde-se observar que contemplavam o aspecto instrucional e, em algumas, o escolar.

É importante referir que, já em 1877, foi fundada a Sociedade *Vittorio Emanuele II*, que teve um papel importante na aglutinação dos imigrantes, permanecendo em atividade até a Segunda Guerra Mundial. O grupo fundador incluía componentes daquelas primeiras famílias que residiram em Porto Alegre desde a década de 1850 e que, além de constituírem um grupo social, ensaiavam passos na direção de uma identidade étnica. Constantino (1997) analisa que esses grupos evidenciaram a consciência de nacionalidade,

---

<sup>21</sup> Um estudo sobre a questão religiosa entre italianos na capital e a manutenção do vínculo pátrio se mostra necessário.

<sup>22</sup> Segundo o *Dizionario Enciclopedico delle Migrazioni Italiane nel Mondo* (2014, p. 703), a primeira sociedade de mútuo socorro na Itália foi “[...] La Società Generale Operaia di Pinerolo che vide luce il 12 ottobre 1848 [...]”.

cultuaram heróis e acompanharam feitos do ressurgimento italiano. Além disso, como é possível ver no texto comemorativo aos 57 anos da *Vittorio Emanuele II*, os membros da sociedade buscaram Garibaldi como presidente de honra da nova instituição. Da Itália, o comandante, agradecendo tal distinção, reafirmava a sua admiração pelos gaúchos, como se pode perceber no *Cinquantenario* (1925, p. 365) no texto enviado e escrito por próprio punho.

Por ocasião dos cinquenta e sete anos da sociedade, o articulista da matéria do jornal *Correio do Povo* recontou a trajetória da instituição<sup>23</sup>.

Completa hoje 57 anos de existência a Sociedade Italiana *Vittorio Emanuele II*, que é uma das mais antigas ou talvez a mais antiga das sociedades italianas que existem no Rio Grande do Sul. Nesse espaço de tempo tem ela prestado os mais relevantes serviços à intelectualidade italiana, motivo porque goza de alto conceito entre a colônia aqui domiciliada. É oportuna a publicação de alguns dados históricos sobre a *Vittorio Emanuele II*. Um grupo de italianos, a maioria operários aqui emigrados, longe de sua pátria sentiram a natural necessidade de se associar e assistirem-se mutuamente em caso de necessidade. Assim, em julho do ano de 1877, reuniram-se na casa comercial dos senhores Floria, Goldi & Cia., à rua dos Andradas, número 251, procedendo ali as eleições da primeira diretoria, cujos componentes mais adiante são mencionados. E deste modo foi que teve origem a Sociedade Italiana *Vittorio Emanuele II*. Porém, este nome, que é atual, foi dado em 1878 em homenagem à memória do grande primeiro rei do Ressurgimento Italiano, morto naquele ano. O primitivo nome desta instituição foi Societá Italiana di Mutuo Soccorso i Benevolenza. **Esta sociedade durante os seus 57 anos de existência foi sempre um centro de iniciativas patrióticas e por isso conhecida em todo o Estado. Ela se ufana de ter como primeiro presidente honorário o herói dos dois mundos: José Garibaldi, custodiando religiosamente um autógrafo datado de Caprera em 17 de setembro de 1877.** Entre o nome de seus sócios honorários e beneméritos figuram: o Dr. Julio Prates de Castilhos; o escritor Aquiles Porto Alegre; Dr. João Menezes de Castro, que durante 34 anos dispensou, com verdadeiro espírito humanitário e de abnegação, assistência profissional aos associados; Dr. J. Montauray de Aguiar Leitão, que governou esta capital durante um quarto de século com amor e com profundo espírito humanitário, nome venerado pelos italianos de Porto Alegre, que o cognominaram “Pai da pobreza porto-alegrense”. Entre os sócios animadores desta instituição que

<sup>23</sup> A primeira Diretoria eleita no ano de 1877, conforme o *Correio do Povo* de 4/08/1934, p. 11, era assim constituída: Presidente: Luiz Terregno; Vice-Presidente: Paulo Rondelli; Secretário: Domingos Pittani; Vice-secretário: Feliz Craveri; Tesoureiro: Raphael Florio; Conselheiros: Joaquim Ariagno, Izidoro Chiobotto, Pelegrino Cavadagni, José Ungaretti, Antonio Raffo, Menechini Sabbatino, Giovanni Viacava, Carlos Donati, Casemiro Marcucci, João Carboni, Constantino Cassissa e Pittani Adriano. A diretoria dos festejos dos 57 anos era assim constituída: Presidente: Nicolau Faillace; Vice-Presidente: Ermenegildo Dani; Secretário: Vito Paradiso; Tesoureiro: Emílio Laytano; Conselheiros: João Berutti, Angelo Borsato, Paullinho Bellomo, Caetano Soviero, Emilio Zausa, João Melecchi, Baltazar Scalco, Nicolau Pandolfi, Domingos Laytano, Antonio Sylvino, Nicola Soriero e Alfredo Mauro; Suplentes: Salvador Caccavele, Comingos Tonin, Antonio Cacinato e Clemente Bidese; Fiscais: Benevenuto Crocetta, Leonardo Dariano e Issac Maccillo.

mais se distinguiram, deve ser lembrado, com justo título, o senhor Giovanni Berutti, que, mormente, durante a construção do atual suntuoso edifício social, teve de desenvolver exaustiva atividade para abater os muitos obstáculos que entravavam a terminação da obra iniciada. Por isto e por muitas outras benemerências, ultimamente a assembléia elegeu-o o seu segundo presidente honorário. [...] A festa de hoje promete revestir-se de grande brilhantismo e obedecerão ao excelente programa organizado: 20h30, será recebido o cônsul de S. M. *Vittorio Emanuele III*, o comendador Guglielmo Barbarisi, os representantes das sociedades irmãs e o oficialismo. Fará o discurso oficial o Dr. Leandro Pierini. Em seguida far-se-á uma hora de Arte na qual tomarão parte os alunos da escola italiana Giovanni Paolon da V classe, e as alunas Marcella Leda, Adelia Bertinetti, Drago Pietro, Ennio Artiali, Yolanda Calupo, Odette Coimbra, Esther Klemberg, Odir Coimbra, que declamarão em prosa e versos diversas produções italianas. A professora Elvira Faria Gultter e seus alunos Danilo Bernardi, João Sochoraski, Alipio Manganelli, Vitelio Carvallin e Suzana Koetzer, cantarão diversos pedaços de ópera e canções italianas. Seguir-se-á um baile. (*CORREIO DO POVO*, 4/08/1934, p. 11; grifo nosso).

Essa sociedade buscava reforçar os laços culturais, fomentando o culto ao rei *Vittorio Emanuele II* e atribuindo os nomes da nobreza à sua denominação. Os estatutos da sociedade foram aprovados e publicados em 1882. Previam uma sociedade com um número ilimitado de sócios desde que fossem de origem italiana. Segundo Constantino e Ospital (1999, p. 136-137), poderia ainda ingressar na sociedade “[...] a pessoa que por ações nobres e generosas tenha merecido a estima da humanidade e da colônia italiana de Porto Alegre”. Durante os quarenta anos em que a sociedade funcionou, ela serviu “[...] como referência à vida social da cidade, promovendo e destacando a coletividade peninsular”. (CONSTANTINO; OSPITAL, 1999, p. 139).

Observa Constantino (1997, p. 2):

A construção de uma identidade étnica assemelha-se a processos que se desenvolveram em outros países da América, como Argentina e Uruguai, além dos Estados Unidos. Lembra Konzen que, neste país, impôs-se uma forma de nacionalismo italiano militar-patriótico; as associações de mútuo socorro [...] assumiram este caráter sob a tutela dos proeminentes [...] abraçaram símbolos e slogans inventados no Reino apenas unificado. Também lá, as associações eram batizadas com nomes de personagens da família real ou de heróis do ressurgimento. Assinala Konzen que Garibaldi era o favorito e que, quando os associados promoviam festividades alusivas a datas cívicas italianas, vestiam [...] uniformes elaborados, de carabineiros, por exemplo [...].

Várias sociedades italianas<sup>24</sup> surgiram e permaneceram por muitos anos atuantes. Além da *Vittorio Emanuele II*, são fundadas até a primeira década do século XX a *Umberto I*, a *Principessa Elena di Montenegro*, a *Unione Meridionale* e a *Società Giuseppe Mazzini*, a *Giovanni Emanuele*, o *Club Italiano Canottieri Duca degli Abruzzi*. Os membros das sociedades, apesar das diversas origens, passaram a representar a nova Itália. Organizaram comemorações relativas à pátria italiana, receberam e incentivaram os primeiros imigrantes que chegavam a Porto Alegre em direção às colônias.

Nessa construção identitária, pode-se inserir a atividade da imprensa italiana da capital. Em Porto Alegre, no último quartel do século XIX, surgiram as primeiras publicações jornalísticas em italiano, como os jornais *La Liguria* (1884), o primeiro que se tem notícia na capital, *La Colonia Italiana* (1885), *L'Italiano* (1890), *Corriere Italiano* (1890) e *L'Avvenire* (1892).

Constantino (1997) afirma que, na virada do século XIX, o processo de construção da italianidade estava andando de “vento em popa”, reforçado pela ideologia predominante propagada por Augusto Comte e seu positivismo, aliás, fortemente inserido no processo educacional, em geral, no Rio Grande do Sul, como identificaram Tambara (2000) e Tambara e Bastos (2014), a partir de Júlio de Castilhos e, na sequência, com Borges de Medeiros. Este último se perpetuou no poder e revitalizou a colonização, usando-a como uma das estratégias, proferindo discursos de valorização exaustiva do imigrante italiano no Estado, que serviu como modelo de cidadão operoso e ordeiro, capaz de fácil assimilação (cfe. CONSTANTINO, 1991). Tal discurso estava próximo das concepções do imigrante ansioso por uma segunda pátria que lhe oferecesse a possibilidade de acesso à propriedade da terra, onde pudesse, então, demonstrar sua capacidade de trabalho.

Particularmente na Mensagem de Borges de Medeiros<sup>25</sup> à Assembleia

---

<sup>24</sup> Veja-se um estudo mais detalhado sobre a formação das sociedades de mútuo socorro na capital em *As sociedades de socorros mútuos: estratégias privadas e públicas (estudo centrado no Rio Grande do Sul-Brasil, 1854-1940)*, tese defendida em 2004 por Adhemar Júnior.

<sup>25</sup> Borges de Medeiros foi governador do Estado do Rio Grande do Sul de 1898 até 1908 e de 1913 até 1928. A difusa ideologia positivista empregada pelos republicanos no Rio Grande do Sul pregava a preservação da base das instituições sociais com a valorização da ordem e do progresso, percebendo que, pelo crescimento do trabalho, dar-se-ia um estado de equilíbrio na sociedade. Para Constantino (1991), a “idolatria” do trabalho do imigrante se deu a partir do momento em que se exaltavam os valores da etnia italiana, que buscava a ascensão social por meio do acesso à propriedade da terra e da contenção de despesas.

dos Representantes do Estado, em 20 de setembro de 1919, vê-se um forte elogio à coletividade italiana por ocasião da visita do embaixador italiano ao Rio Grande do Sul. Tal elogio esteve consignado na mensagem à assembleia estadual, quando tomou como aspecto relevante para os “Negócios do Exterior” a descrição da visita do embaixador italiano ao Estado.

O embaixador, que visitou os principais estabelecimentos públicos e particulares, percorreu também grande parte da zona colonial italiana, uma das mais prósperas do Rio Grande do Sul. Em Caxias, Garibaldi, Bento Gonçalves e Alfredo Chaves, o ilustre representante da gloriosa nação latina teve ocasião de verificar e elogiar os magníficos resultados do trabalho e da inteligência dos seus compatriotas e descendentes, unidos fraternalmente, em toda a parte, aos brasileiros. (MENSAGEM, 1919, p. 7).

As atividades consulares, mormente, foram desenvolvidas com objetivo da manutenção da italianidade. Em estudo minucioso, Iotti (2001) constata que, nos relatórios dos cônsules, houve uma permanente preocupação com a preservação da identidade italiana e com a manutenção dos vínculos entre os imigrantes e a pátria-mãe. Os discursos da italianidade estiveram presentes nos documentos consulares antes mesmo de transformarem-se em discurso oficial do Estado italiano.

Ciapelli<sup>26</sup> concluiu um de seus relatórios, sugerindo a implantação de escolas italianas e a vinda de “[...] professores honestos e capazes, aos quais poderia se confiar também as funções de agentes consulares, contribuindo assim também para a proteção dos concidadãos além da instrução”. (CIAPELLI, 1905, p. 954).

Datas e cerimônias eram pontos altos de valorização da origem, do passado que amalgamava os sentimentos patrióticos. Elas valorizavam a pátria distante e aproximavam a nação que acolhia os imigrantes. Elementos a

---

<sup>26</sup> O Cônsul Geral da Itália no Rio Grande do Sul, Ernesto Ciapelli, lembra que o envio destes profissionais já havia sido realizado e foi obtido sucesso em algumas localidades. Segundo Iotti (2001, p. 109), “[...] provavelmente ele estaria se referindo ao caso de Luigi Petrocchi, que desde 1903, acumulava as funções de professor e de agente consular no município de Bento Gonçalves”. Ciapelli, no período em que foi Cônsul no Rio Grande do Sul, escreveu quatro relatórios sobre a imigração italiana no Rio Grande do Sul. Do mesmo período, encontram-se os relatórios escritos entre 1904 e 1906 por dois agentes consulares: Umberto Ancarani foi professor em Caxias do Sul, na escola mantida pela Sociedade *Principe di Napoli*, e Luigi Petrocchi, professor em Bento Gonçalves, na escola mantida pela Sociedade *Regina Margherita*. Ambos salientam, em síntese, que à escola cabia uma missão regeneradora da juventude, que, sem instrução, acabaria por viver uma existência brutalizada e não constituiria um povo orgulhoso do bom nome de sua pátria de origem.

destacar nessa relação razoavelmente harmoniosa dos italianos e dos descendentes, envolvendo a consequente afirmação identitária, eram as celebrações como o “vinte de setembro”, duplamente festejadas (Revolução Farroupilha e Unificação da Itália). Assim, os “vivas” ganhavam um significado particular para os que apostavam no Brasil não obstante eventos como Revolução Federalista de 1893<sup>27</sup>.

Nessas ocasiões festivas, as sociedades italianas da capital tomavam à frente da coletividade italiana e contavam com a presença de autoridades brasileiras nas cerimônias. Para ilustrar, percebe-se a comemoração do Vinte de Setembro, em 1904, no Teatro São Pedro:

Às três horas da tarde, realizou-se no Teatro São Pedro, a sessão solene promovida pela Sociedade Italiana *Unione Meridionale Vittorio Emanuele III*. O teatro achava-se ornado com arcos de folhagens, bandeiras e escudos, onde se liam todos os nomes de todas as sociedades italianas desta capital. [...] Abrindo a sessão o senhor Felipe La Porta convidou o cavalheiro doutor Salemi Pace, cônsul italiano, para presidir a solenidade. Em extremo, fidalgo e gentil, o doutor Salemi Pace, que foi ouvido com toda a atenção, e por vezes interrompido com aplausos, terminou com uma vibrante saudação ao Brasil. Da tribuna presidencial, o coronel Aurélio de Bitencourt, que representava o Presidente do Estado, levantou vivas à Itália, ao vinte de setembro, ao Rio Grande do Sul e à colônia italiana, vivas esses que foram ardorosamente correspondidos. (*CORREIO DO POVO*, 21/09/1904, p. 2).

Compunham as diversas sociedades italianos e descendentes com variado perfil. O cônsul De Velutiis, em relatório de 1908, caracterizou a colônia lembrando que era variado o elemento italiano. Alguns indivíduos eram médicos, dentistas, farmacêuticos, professores de música e de canto; havia, também, muitos padres, assim como comerciantes. Destes, poucos eram importadores ou exportadores; poucos exerciam a função de atacadistas. A maioria, de fato, desempenhava atividades no pequeno comércio. Ciapelli lembrou que haviam operários distribuídos pelas fábricas e trabalhadores empregados nas obras públicas. Destacou que os imigrantes progrediam, que a pobreza não chegava a ser problema entre os italianos e que a remessa de dinheiro para a Itália era

---

<sup>27</sup> Não se pode esquecer da Revolução Federalista de 1893, que foi considerada a mais sangrenta guerra civil do Brasil. Travada no Rio Grande do Sul entre maragatos (federalistas) e chimangos (republicanos), atingiu, também, o Paraná e Santa Catarina. Os italianos ainda sofreram frente ao autoritarismo do governo positivista de Júlio de Castilhos, tendo sido registradas, por meio de cartas diplomáticas, mais de 400 agressões físicas e morais aos moradores das colônias italianas. O *Cinquantenario* (1925) recorda com pesar esse período.



mais do que satisfatória. Ainda caracterizando a população, o cônsul Ciapelli (1905) recordava que:

No que diz respeito aos imóveis, casas de comércio e oficinas de propriedades de italianos, e quanto ao número dos que exercem um pequeno comércio, posso dizer, na falta de dados precisos, que se encontram em toda a parte. Não há rua da cidade e dos arredores que não tenha uma ou mais casas de propriedade de italianos, e a cada passo se encontra comerciantes de gêneros alimentícios e de frutas e, principalmente, vendedores de bilhetes de loteria, os quais são numerosos. Há muitos donos de hotéis, restaurantes, barbeiros, sapateiros, carpinteiros, alfaiates, ferreiros, pedreiros e carregadores; no mercado, todas as barracas são ocupadas por italianos, os quais dão a impressão de serem muitos porque se movimentam muito, o que contrasta com os hábitos calmos e comedidos da população local; de qualquer maneira, seu número é expressivo e ninguém fica ocioso. Há diversos comerciantes, quatro médicos, três farmacêuticos, alguns professores, diversos representantes comerciais e empregados no comércio. (CIAPELLI, 1905, p. 937)

O cônsul De Velutiis (1908) observou que, na liderança da coletividade italiana, surgiam elementos novos: pequenos comerciantes ou industriais, pouco instruídos, mas muito empreendedores. Em seus estudos, Constantino (1991;1997) refere que, em Porto Alegre, é possível identificar os italianos como membros de uma pequena burguesia urbana; ocupavam mão de obra familiar nos seus estabelecimentos comerciais ou manufatureiros e, frequentemente, favoreciam o estabelecimento de parentes por conta própria, os quais continuariam no mesmo ramo de atividade. Essa “burguesia urbana” frequentava as sociedades italianas e participava de suas iniciativas. Isso ficou evidenciado com a Sociedade *Dante Alighieri*, anos mais tarde, e suas festividades, mas, sobretudo, a partir de 1930, quando teve sua sede ampliada no centro da capital.

De Velutiis (1908) informou, ainda, sobre a procedência dos súditos na cidade e esclareceu que eram em grande número meridionais, com predominância de calabreses da Província de Cosenza, especialmente do município de Morano Calabro. Estes formaram grupo de cerca de 700 indivíduos, como açougueiros, vendedores de queijos e salames, mascates, revendedores de frutas, pequenos negociantes, sapateiros, barbeiros, alfaiates, médicos e farmacêuticos. Com essas observações iniciais, nota-se a diversidade da colônia urbana de Porto Alegre e como também foi variado o processo bem como os mecanismos de construção da identidade étnica no

período inicial da imigração até o início do século XX. Importante é a observação do capitão Seghetti em 1923, relatando que os italianos e descendentes na capital “[...] gozam de grande estima e simpatia da população brasileira<sup>28</sup>”, referindo-se às suas impressões de Porto Alegre quando de sua passagem. Quanto ao estado econômico, Seghetti<sup>29</sup> salientava que era:

[...] bom e raramente existem casos de pobreza e de miséria. Por todos os locais existe trabalho e pagamento. Alguns por causa da guerra, juntaram consideráveis fortunas. Não faltam nesta cidade (que hoje conta com cerca de 203.000 habitantes e para a qual está reservado um grande futuro) fábricas de propriedade dos nossos industriais.<sup>30</sup> (Tradução nossa).

É importante sublinhar, conforme Constantino (1991), que estes imigrantes trabalhavam arduamente para a ascensão social. Se, para alguns, a emigração era um negócio rentável, como se vê em Iotti (2010), a maioria dos italianos buscava no país de imigração as oportunidades de trabalho que lhes foram negadas na Itália (GIRON, 1994). Demonstravam a força da individualidade no processo de ascensão social focada no labor, base da riqueza, e na poupança como norma. O modo de pensar do imigrante, em geral, atendia expectativas dos governantes de inspiração positivista, que continuaram doutrinando sobre as vantagens do trabalho nas publicações de época, além de enfatizarem a necessidade do amor à pátria acolhedora. Constantino (1997) salienta que as expressões “Segunda Pátria” e “Pátria de Adoção” permearam os discursos dos governantes e passaram a fazer parte do imaginário dos italianos e dos *oriundi*<sup>31</sup>.

<sup>28</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1888-1920. Rel. SEGHETTI, 01/08/1923, p. 6. Maço 437.

<sup>29</sup> Capitão Seghetti, membro da *Italica Gens*, esteve no Rio Grande do Sul no início da década de 1920, e, em outros estados brasileiros, por dois anos, fazendo relatórios sobre a realidade dos imigrantes italianos e sobre a questão do ensino entre eles. “Seghetti é um homem cheio de humildade, mas é pessoa dotada de raras e preciosas qualidades, e suscitou entre aqueles nossos compatriotas uma viva chama de italianidade que devemos considerá-lo como elemento verdadeiramente precioso para os fins que nós nos propomos a atingir. Acrescento ainda palavras para recomendá-lo a vós, limitando-me a enviar-vos os mais cordiais votos pelas iminentes festas pelo novo ano que auguramos sinais de novo passo à frente em defesa da italianidade entre os nossos compatriotas emigrantes”. (Tradução nossa). In.: ASMAE-Archivio Scuole, 1888-1920. Cor. ASSOCIAZIONE NAZIONALE PER SOCORRERE I MISSIONARI ITALIANI, 24/12/1923, p. 2. Maço 437.

<sup>30</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1888-1920. Cor. ASSOCIAZIONE NAZIONALE PER SOCORRERE I MISSIONARI ITALIANI, 24/12/1923, p. 2. Maço 437.

<sup>31</sup> *Oriundi* (descendentes): pessoas nascidas fora do território italiano e que possuem ascendência italiana.

Nas publicações da época, a tônica era a galeria dos bem-sucedidos senhores, enriquecidos pelo trabalho honesto e perseverante. O *Cinquantenario* (1925) e as propagandas nos jornais utilizados para esta pesquisa mostraram vários exemplos, sobretudo do comércio porto-alegrense. A língua era, insistentemente, lembrada como unificadora da nação, e o “idioma de Dante” passou a ser expressão utilizada com frequência.

O culto a Giuseppe Garibaldi difundiu-se e, de certa forma, aproximou imigrantes e brasileiros. No início do século XX, em 1913, foi inaugurada a estátua de Garibaldi<sup>32</sup>, na Cidade Baixa, em Porto Alegre, onde, preferencialmente, localizavam-se os imigrantes. Constantino (1997, p. 4-5) conclui que a inauguração da estátua serviu:

[...] como exemplo de reforço empregado no permanente processo de construção de identidade, que pressupõe negociação com a cultura dominante. O italiano tem sua figura valorizada na comunidade em geral; governantes apontam para este imigrante como exemplo de cidadão trabalhador e ordeiro. Colonos e imigrantes urbanos beneficiam-se da mesma imagem. Independente das diferenças culturais que permeavam o seu cotidiano, sobretudo no que diz respeito ao uso de dialetos, identificam-se como italianos no interior da sociedade rio-grandense.

Na imagem que ilustra a capa do *Stella*, pode-se ver a estátua de Giuseppe Garibaldi e de Anita Garibaldi, ícones do heroísmo e do modelo de amor pátrio. Em Porto Alegre, o monumento iniciado com uma subscrição pública, em 1907, demoraria seis anos para ser inaugurado na nova praça dedicada ao herói, com grande participação da comunidade italiana. A escultura apresenta algumas peculiaridades: Garibaldi veste o poncho, representando o revolucionário farroupilha e ao seu lado já aparece Anita, a mulher guerreira. No alto, à esquerda, há a assinatura do professor Gino Battocchio, à época agente consular em Bento Gonçalves e, posteriormente, professor na capital.

---

<sup>32</sup> Em todos os países sul-americanos onde atuou, Garibaldi tornou-se um mito que foi utilizado de forma ambígua como elemento de identificação das comunidades italianas, relacionado ao binômio patriotismo-italianidade: de um lado Garibaldi maçom, anticlerical, democrático, internacionalista; do outro, o “pai da Pátria” (em particular a partir dos primeiros anos do século XX), sacralizado, em alguns casos, não apenas pela parte laica da sociedade. Na entrada da cidade de Garibaldi no Rio Grande do Sul, pode-se observar a estátua de Garibaldi à cavalo.

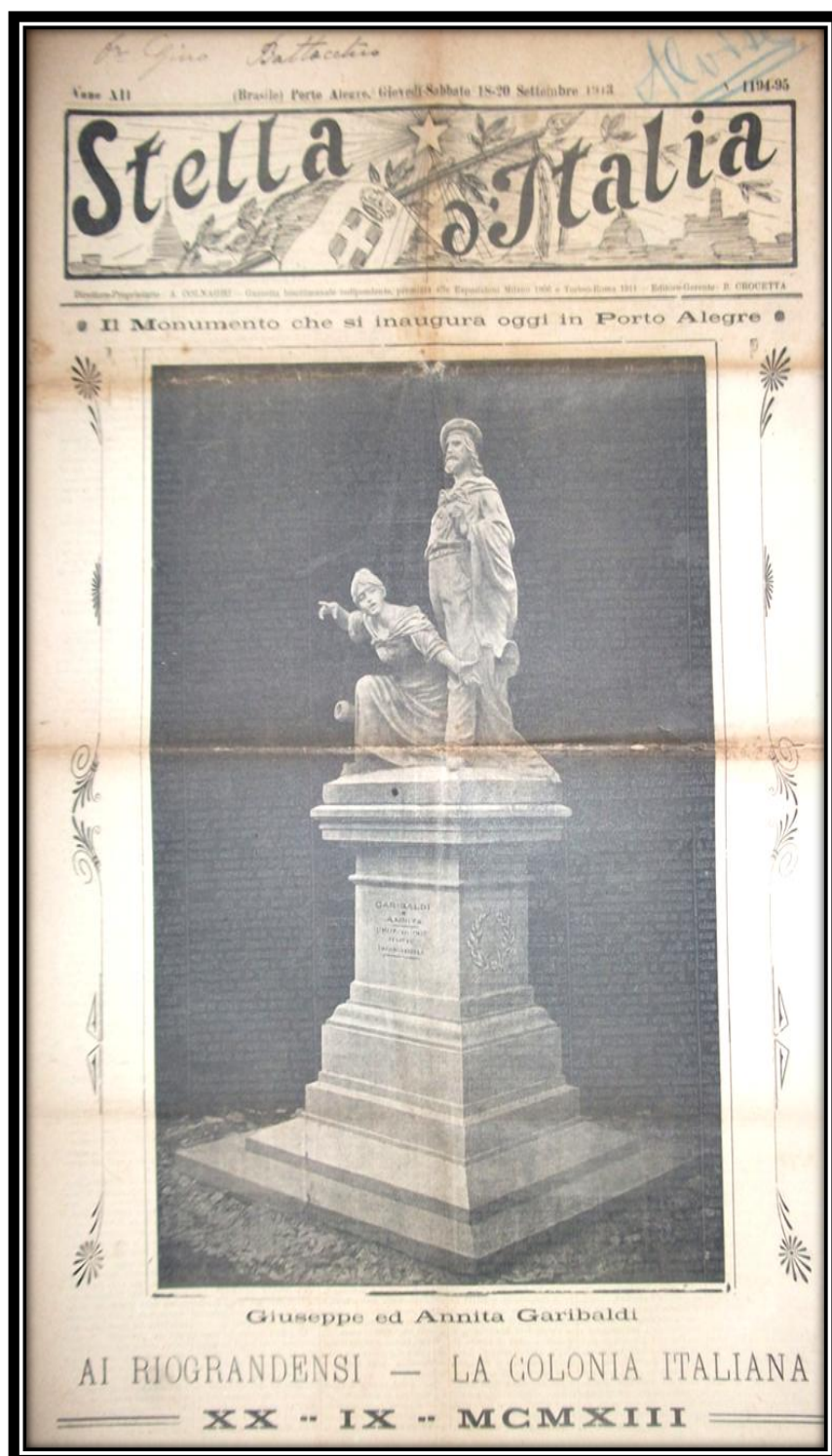


Figura 5: Capa do jornal *Stella d'Italia* da edição de 20/09/1913  
 Fonte: Acervo particular do Professor Dari Simi.

O retrato de Garibaldi fardado como militar passou a ser substituído, nas paredes de casas de italianos, pela vestimenta típica dos gaúchos: o poncho, que foi adotado como agasalho na velhice. Para Constantino (1997), ser italiano, de certo modo, despertava a boa vontade. Tanto isso é verdade que,

quando se fala das leis restritivas à imigração, reflexo do nacionalismo exacerbado que se desenvolveu no período da Primeira Guerra, conclui-se que não foram especialmente duras com os italianos, mas correspondiam ao discurso oficial no que diz respeito à paulatina assimilação.

#### 1.4.2 Italianidade e fascismo

*“O cônsul fascista no exterior é uma célula da nova estrutura moral que mantém em uma só família e em uma só milícia todos os italianos do mundo.”*  
(FORTUNATI, 1928, p. 122-123)

Com a ascensão de Mussolini<sup>33</sup>, marcadamente a partir de 1922, com a Marcha sobre Roma<sup>34</sup>, deu-se a organização de núcleos fascistas, que, como afirma Giron (1994), tiveram menos êxito nas colônias do interior do Estado do Rio Grande do Sul. Mas, também, como afirma Constantino (1997, p. 5):

[...] a grande ofensiva fascista nas colônias do exterior fez com que houvesse um reforço na construção de uma nova identidade, utilizando símbolos evidentes, extraídos da nova pátria, em seu modelo moderno, ordeiro e progressista.

Passava-se a divulgar uma nova Itália e a fazer dos emigrados dessa nação “italianos no exterior” (BERTONHA, 2001a), e a italianidade, a partir de Mussolini, “[...] identificou-se frequentemente com o fascismo”. (TRENTO, 1989, p. 303). Esse é o outro pano de fundo para a leitura do processo escolar aqui evidenciado. Ao lado de Garibaldi, colocava-se *Il Duce*, o líder, havendo várias

<sup>33</sup> Benito Mussolini: “Uomo politico (Dovia di Predappio 1883 - Giulino di Mezzegra, Dongo, 1945). Socialista, si andò staccando dal partito, fino alla fondazione dei Fasci da combattimento (1919). Figura emergente nell’ambito del neoformato Partito nazionale fascista, subito dopo la “marcia su Roma” (1922) venne incaricato dal re della formazione del governo, instaurando nel giro di pochi anni un regime dittatoriale. In politica internazionale Mussolini affrontò l’esperienza coloniale in Etiopia, si fece coinvolgere dai buoni rapporti con la Germania di Hitler nella persecuzione degli ebrei, fino poi alla partecipazione al conflitto mondiale. I pessimi risultati bellici portarono il Gran Consiglio a votare la mozione Grandi presentata contro di lui (1943). Arrestato, fu liberato dai tedeschi e assunse le cariche di capo dello Stato e del governo nella neonata Repubblica sociale. Alla fine della guerra fu catturato e fucilato dai partigiani per ordine del Comitato di liberazione nazionale. Dominò la storia italiana per oltre un ventennio, divenendo negli anni del suo potere una delle figure centrali della politica mondiale e incarnando uno dei modelli dittatoriali fra le due guerre”. (TRECCANI, 2014).

<sup>34</sup> A Marcha sobre Roma foi uma vasta manifestação fascista, com característica de golpe de Estado, ocorrida em 28 de outubro de 1922, na capital da Itália, com o afluxo na cidade de dezenas de milhares de militantes fascistas que reivindicavam o trono da Itália. Tal evento representou a ascensão ao poder do Partido Nacional Fascista (PNF) e o fim da democracia liberal a partir da nomeação de Benito Mussolini como chefe de governo pelo rei V. Emanuele III.

ações realizadas nessa perspectiva de defesa do regime e da ideologia fascista, como a reorganização das escolas, a criação do Instituto de Cultura Ítalo-Riograndense, os cursos de língua italiana nos ginásios e a cooptação das sociedades italianas. Assim, os fascistas passavam a estar presentes em vários ambientes. Bem observou Trento (1989, p. 334) que se “[...] pudéssemos utilizar um termo para caracterizar a coletividade italiana no Brasil até pouco antes de 1930, esse termo seria, sem dúvida, afascista”. Segundo Giron (1994, p. 72), a partir do advento do Estado fascista “o culto à *italianità* será a bandeira utilizada pelo corpo consular e diplomático para atrair os mais importantes segmentos dos imigrantes italianos nas suas pátrias de adoção”. Vê-se uma segunda fase da defesa e da compreensão da italianidade.

Segundo Bertonha (2001a, p. 148), “o assalto fascista às associações italianas (culturais, beneficentes, de lazer, etc.) começou muito cedo” em se tratando de São Paulo. Quanto ao Rio Grande do Sul, houve uma coincidência temporal com São Paulo.

Em São Paulo, fortemente, observou-se o avanço do fascismo por meio da Sociedade *Dante Alighieri*, com a chegada do cônsul Mazzolini, que conseguiu aumentar o domínio fascista sobre essa sociedade. No mesmo ano de 1928, assumiu o consulado de Porto Alegre o cônsul ultrafascista Manfredo Chiostri, tornando o ideário fascista mais evidente no Estado. Essa postura marcadamente ideológica dos cônsules fez com que “[...] a *Dante* brasileira, seguindo os passos de sua matriz italiana, se tornasse firmemente fascista”. (BERTONHA, 2001a, p. 154). Na biografia de Chiostri, Fortunati<sup>35</sup> (1928, p. 122-123) identificava Chiostri como um fascista que atendia aos objetivos do *Duce* para a região.

O cônsul fascista no exterior é uma célula da nova estrutura moral que mantém em uma só família e em uma só milícia todos os italianos do mundo. Manfredo Chiostri em Porto Alegre é o cônsul que o *Duce* queria nesse importante centro de fazendas do Brasil, onde o núcleo dos italianos é muito forte e representa a espinha dorsal da economia daquela região. (Tradução nossa).

<sup>35</sup> Luigi Fortunati escreveu a biografia de Manfredo Chiostri. O autor era, à época da edição, e desde 1924, redator do *L'impero*, jornal fascista italiano. Publicada no ano VI do Fâscio italiano, a biografia de Chiostri compunha uma coleção que apresentava perfis de personagens de primeiro plano da revolução fascista. O capítulo que versa sobre Chiostri, em Porto Alegre, tem como título *Sentinella Avanzata dell'Italia Fascista* (Sentinela avançada da Itália fascista).

A construção da identidade de italianos de acordo com o modelo fascista acabaria abortada ou diminuída a partir do rompimento das relações diplomáticas do Brasil com os países do Eixo, anunciado ao final da Reunião de Chanceleres do Rio de Janeiro, em 28 de janeiro de 1942. Extintas as escolas (as de Porto Alegre foram fechadas em maio de 1938) bem como as sociedades italianas, e sendo proibido o uso público do idioma de origem, os expoentes da colônia não tiveram como liderar construções de italianidade que impressionassem os representantes diplomáticos (CONSTANTINO, 1997). Com o rompimento das relações diplomáticas com a Itália, em 1942, as construções identitárias, de alguma forma, ficaram arrefecidas ao menos no âmbito da evidência externa. No entanto, como pondera Constantino (1991; 1997), tudo isso não foi traumático, dado que a italianidade não era mais funcional e tornava-se, então, perigosa.

A partir da referência teórica de Constantino (1991;1997), identificou-se que, no período imediato à Segunda Guerra Mundial, a imigração meridional foi fortemente reativada em Porto Alegre. Iniciou-se, então, o que Constantino (1997) chamou de “[...] terceiro momento na história da imigração italiana na cidade”, aspecto que não será considerado para fins desta análise, dado o escopo da presente investigação, situada entre 1877 e 1938.

No item a seguir, será ampliada a questão do fascismo em Porto Alegre e explicitados elementos relacionados à educação das escolas étnicas das sociedades italianas.

## 1.5 FASCISMO E EDUCAÇÃO: APROXIMAÇÕES

*“É claro que não seria possível conquistar a juventude sem fascistizar o mundo da escola, o que foi conseguido através de um rígido controle dos livros de segundo grau (principalmente os de italiano e os de história) e da imposição, a partir de 1930, de textos únicos e obrigatórios nos cursos primários.”*  
(TRENTO, 1982, p. 48)

Para o entendimento do surgimento de escolas étnicas italianas, faz-se necessário conhecer a política italiana para as escolas no exterior. Esta possuía uma linha que revelava continuidades e rupturas. Conforme Salvetti (2014, p. 57):

Os motivos da opção do Estado italiano de fazer surgir uma rede de escolas italianas no exterior não podem ser desvinculados do projeto político de construção de um Estado forte e de uma política externa de poder da qual o Estado italiano recentemente constituído precisava muito: de fato, foi Francesco Crispi, chefe de governo e ao mesmo tempo ministro das Relações Exteriores, apoiador de uma nova “política de emigração” que, em dezembro de 1889, promulgou a primeira lei orgânica sobre as escolas italianas no exterior.

Os pontos principais da Lei de Crispi podem ser resumidos, conforme Floriani (1974, p. 13-14), aos que seguem:

Sanciona a ingerência direta e imediata do Governo em todas as escolas elementares instituídas e a instituir, seja com relação ao pessoal que ensina, seja em relação ao regulamento, aos programas e ao ordenamento parcial de qualquer uma; autoriza a abertura de escolas secundárias nas quais se prove a necessidade; prevê a conversão em governativas as escolas subsidiadas; contempla a compilação de um regulamento e de programas de ensino; impõe a prova de concurso para a nomeação dos professores, reservada exclusivamente ao Governo. Prevê a criação de uma Inspetoria Geral junto ao Ministério das Relações Exteriores e da Direção Central com sede no exterior. Torna possível a concessão de um subsídio fixo às escolas religiosas italianas dentro de condições; torna possível também a concessão de subsídios às corporações religiosas nativas desde que adotem para o ensino, que é a razão do subsídio (língua, história da Itália, etc), os programas e os livros de texto do governo e aceitem, para tal ensino, a observação das autoridades escolásticas italianas. (FLORIANI, 1974, p. 13-14; tradução nossa).

Segundo Floriani, foi com Crispi que se abriu um período caracterizado por profundas e importantes inovações. As escolas italianas no exterior poderiam ser públicas ou subsidiadas, conforme a classificação apresentada por Salvetti (2009):

As escolas italianas no exterior se dividiam em escolas públicas e escolas privadas subsidiadas pelo governo italiano: as primeiras, em menor número, situadas no Levante e na Bacia Mediterrânea, eram inteiramente financiadas pelo governo italiano; as segundas eram escolas privadas laicas ou confessionais, nascidas por conta das associações italianas no exterior as quais recebiam um subsídio do governo italiano desde que se adequassem aos programas e aos métodos didáticos da escola italiana, com um controle da parte dos cônsules e controle regular por meio de inspeções ministeriais. Uma circular do subsecretário das Relações Exteriores, Damiani, exigia, de fato, das escolas que recebiam ou pretendiam pedir um subsídio governamental o envio ao governo italiano de um relatório periódico sobre as atividades didáticas e o número dos alunos matriculados. Para que tivessem o título de *régias escolas italianas no exterior* e fossem, assim, equiparadas às escolas vigentes na pátria, deveriam ter professores leigos, com titulação regular. (SALVETTI, 2009, p. 536; tradução nossa).



Porém, uma mudança radical aconteceria com a chegada de Mussolini ao poder. Em 1922, Benito Mussolini assumiu o cargo de Primeiro Ministro da Itália e iniciou um processo de transformação da sociedade italiana que resultou na afirmação do fascismo no poder. Como afirma Konder (1991, p. 3), “quem se aventurar a penetrar nessa floresta de papel impresso, porém, verificará sem dificuldade que a imensa literatura sobre o fascismo é profunda e incuravelmente contraditória”.

Não é interesse da presente pesquisa discutir todos os aspectos que implicam a ideologia fascista, multifacetária e com matizes diferentes nos países que com ela conviveram. A opção é de refletir sobre as implicações na área educacional, especialmente no que diz respeito ao impacto na cultura escolar em Porto Alegre. Ou seja, não há pretensão de exaustividade na análise desse importante fenômeno histórico e político, mas de abordar elementos desse acontecimento e sua relação com as escolas estabelecidas na capital do Rio Grande do Sul, no escopo definido.

Considerando a definição proposta por Bottomore e Outhwaite (1996, p. 300), tem-se que fascismo é:

[...] uma palavra que designa um gênero singularmente multiforme de política moderna, inspirado pela convicção de que um processo de renascimento nacional (palingênese) se tornou essencial para pôr fim a um prolongado período de decadência social e cultural, e expressando-se ideologicamente em uma forma revolucionária de nacionalismo integral (ultranacionalismo).

Entre outros aspectos, o que se evidencia da definição acima é o viés notadamente nacionalista que marcou essa corrente política e que justificava um processo expansionista. Como bem pontua Konder (1991, p. 10), Mussolini percebeu, ainda durante a Primeira Guerra Mundial, que era necessário um “[...] princípio sagrado, posto acima de qualquer discussão, imune a qualquer dúvida, capaz de funcionar como uma bússola quando o barco tivesse que manobrar em meio à tempestade”. Esse princípio sagrado, esse valor supremo, esse mito se consubstanciou na pátria. Dizia Mussolini (*apud* Konder, 1991, p. 11): “Criamos nosso mito. O mito é uma fé, é uma paixão. Não é preciso que seja uma realidade [...]. O nosso mito é a nação, o nosso mito é a grandeza da nação”.

Para os estudos sobre o fascismo, é fundamental, no âmbito brasileiro, a referência a João Fábio Bertonha, que possui livros e dezenas de artigos sobre fascismo e antifascismo, com pesquisas sobre tais temas no Brasil. O livro *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil* (2001a), editado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, é indispensável para esse capítulo da história ocidental e seu reflexo no Brasil.

Bertonha, em seu artigo *Entre Mussolini e Plínio Salgado: o fascismo italiano, o integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil* (2001b), é enfático quanto à ação fascista no período entre guerras:

[...] o fascismo realizou um intenso esforço para reconectar os imigrantes e seus filhos espalhados pelo mundo com a Itália, e espalhar a ideologia fascista entre eles. Nesse esforço, o Fascismo se baseou nos velhos debates da Itália liberal relacionados a eles e ao seu uso como instrumento de poder italiano dentro da luta imperialista global. Através, especialmente, da mediação dos nacionalistas, o regime de Mussolini reelaborou, de fato, a antiga discussão em termos fascistas (associando "italianidade" com "Fascismo"), mas mantendo como linha geral a diretriz de utilizar as comunidades italianas do exterior como fatores e ferramentas da política externa italiana. Um reflexo dessa política foi uma potencialização maciça dos antigos mecanismos que o Estado italiano tradicionalmente já havia utilizado para manter contato com seus emigrados e a criação de outros, mais diretamente relacionados com a ideologia e o estilo fascista, no exterior. Nesse sentido, buscou-se o controle sobre os antigos mecanismos de socialização (associações, imprensa, escolas) dos emigrados italianos em todo o mundo e a implantação de outros (os *fasci all'estero*, os *Dopolavoro*, as *Casas d'Italia*) especificadamente fascistas. (BERTONHA, 2001b, p. 98).

O período compreendido entre os fins da década de 1920 e a metade da década de 1930 foi fundamental para a construção de um Estado italiano que, ao menos nas intenções, deveria ser totalitário. Um dos primeiros objetivos, constantemente perseguido pelo fascismo, era doutrinar a juventude. Esta foi enquadrada em várias categorias<sup>36</sup> que propunham adesão desde os 6 até os 18 anos. Assim, os meninos faziam parte, inicialmente, do grupo chamado *Balilla*, depois passavam a ser avanguardistas (*Avanguardisti*).

Em 1939, também as meninas foram foco, criando-se a versão feminina: o grupo das “pequenas italianas” (*Piccole*) e, depois, das “jovens italianas”

<sup>36</sup> Existiam várias categorias de enquadramento, conforme a idade e sexo, que foram mudando ao longo do tempo. Para um detalhamento dessas categorias veja-se Rosa (2009), conforme referências.

(*Giovani italiane*). Todas essas organizações faziam parte da *Opera Nazionale Balilla* (ONB), criada em 1926 “[...] com o objetivo de educar moralmente, psicologicamente e fisicamente os futuros fascistas”. (ROSA, 2009, p. 623). Mais tarde, em 1937, a ONB foi substituída pela *Gioventù Italiana del Littorio* (GIL), diretamente dependente do secretário do partido fascista. No nível universitário, existiam os Grupos Universitários Fascistas (GUF). Muitas atividades eram desenvolvidas tanto com as meninas como com os meninos. Um exemplo eram os acampamentos.

Nas férias, os integrantes da Opera Nazionale Balilla continuavam suas atividades em acampamentos, viagens de instrução ou cruzeiros. Os acampamentos, feitos ao estilo dos escoteiros, duravam de 20 dias a um mês. Neste período, os Balilla e Avanguardisti acampavam em barracas e executavam atividades militares e de sociabilidade em companhia de seus colegas e dos seus chefes de legião. O acampamento possuía um cronograma de atividades que permitia aos jovens adquirirem um aprendizado técnico e moral. (ROSA, 2009, p. 629).

As funções dessas diversas organizações fascistas eram múltiplas, de tipo pré-militar, assistencial, recreativo e esportivo, mas com o alvo principal de socialização ideológica, de adesão aos valores do fascismo e de inculcação da doutrina “crer, obedecer, combater”. Pouco depois de ter conquistado o poder, “Mussolini anunciou uma maciça campanha para estimular a italianidade no exterior e preservar os laços entre a mãe-pátria e os emigrados, compreendendo também as novas gerações”. (PRETELLI, 2009, p. 152; tradução nossa). Assim, pode-se entender que, como bem observa Pretelli (2009), a relação entre italianidade e fascismo, na época de Mussolini, estava na base da ideologia mussoliniana. Trento (1982) ainda acrescenta:

Houve, também, tentativas de se instituírem cursos especiais para esse fim, como a Escola de Mística Fascista, mas não foi preciso: os italianos nascidos pouco antes ou durante o fascismo foram educados num clima de exaltação do regime e de ignorância total do que acontecia em outras sociedades, e dificilmente puderam esquivar-se do doutrinação obsessivo. **É claro que não seria possível conquistar a juventude sem fascistizar o mundo da escola**, o que foi conseguido através de um rígido controle dos livros de segundo grau (principalmente os de italiano e os de história) e da imposição, a partir de 1930, de textos únicos e obrigatórios nos cursos primários. (TRENTO, 1982, p. 48; grifo nosso).

Pretelli, no artigo *Fascismo e giovani italiani all'estero* (2009), salienta

que o mito da superioridade antropológica comum ao nazismo era constitutivo da ideologia fascista. Pretelli (2009), conclui que:

[...] a disciplina e a obediência à autoridade hierárquica completavam as regras de uma pedagogia totalitária que se desenvolvia, sobretudo, nas novas gerações – bem mais maleáveis com relação aos velhos formados na idade liberal – que deviam assumir o modelo fascista do cidadão-soldado. (PRETELLI, 2009, p. 152; tradução nossa).

Pretelli estabelece como importantes três ações do regime fascista para o doutrinamento das novas gerações no exterior, a saber: a organização da juventude fascista, as escolas italianas e as colônias na Itália para os filhos dos italianos no exterior. “[...] Sem dúvida, porém, a conquista dos jovens no exterior representava um importante aspecto da política externa fascista”. (2009, p. 152; tradução nossa). A ajuda da rede diplomática para tanto era essencial.

Com relação à diplomacia italiana, Giron (1994, p. 69) afirma que esta foi reformada quando Mussolini assumiu o poder com a tarefa de “[...] inspirar a ação política fora dos confins do país e a renovada consciência de Pátria”. O MAE passou por modificações, como a eliminação de barreiras econômicas que impediam o acesso das camadas médias aos cargos diplomáticos e o aumento do número de embaixadas, possibilitando o ingresso de militantes fascistas no organismo. Essas modificações foram realizadas a pretexto da democratização do ministério e enquadravam-se na nova perspectiva política adotada pelo fascismo em relação aos filhos da pátria que agora não mais seriam considerados imigrantes, mas “italianos no exterior”. No Rio Grande do Sul, criou-se uma ampla rede consular com o Consulado Geral em Porto Alegre, agentes consulares e correspondentes. A diplomacia no exterior tinha novos aliados:

Entre as novas diretrizes apresentadas por Mussolini à diplomacia se encontravam: a defesa da italianidade, seja no presente, seja no passado; incutir o respeito à Pátria no exterior; sanar as dissensões entre italianos à sombra do Littorio e prestar auxílio aos compatriotas que se encontravam em estado de necessidade. Os *Dopolavoro* e os *Fasci all'estero*, submetidos ao Ministério, serão instrumentos importantes desta diplomacia. (GIRON, 1994, p. 71).

O esforço dos fascistas<sup>37</sup> para a divulgação de sua ideologia pode ser notado na expansão de sua rede de seus integrantes, os fâscios, no exterior, nas décadas de 1920 e 1930. Bertonha (2009) registra que, em fevereiro de 1923, havia 150 grupos; no mesmo ano, em julho, o número já havia aumentado para 298; em 1925, havia 464; em 1929, havia 583; 460 em 1930; 481 em 1937, e 487 em 1939. Porém, Bertonha adverte que esses dados não são confiáveis por serem oriundos da propaganda do regime fascista: “o que se pode concluir, no máximo, é que a rede dos fâscios no exterior avançou de modo notável, sobretudo, na Europa e na América no período citado e que atingiu cerca de 200.000 filiados no final dos anos 1930”. (BERTONHA, 2009, p. 527).

Contudo, quem eram os *fasci* no exterior? Os *Fasci all'estero*<sup>38</sup> eram seções do *Partito Nazionale Fascista* (PNF), implantadas no exterior para converter os italianos imigrados à sua ideologia. Era um organismo radical e funcionava de forma independente às representações diplomáticas. Por muito tempo, o *Ministero degli Affari Esteri* tentou submeter a organização ao seu controle que, seguidamente, lhe trazia problemas de relações com os países hospedeiros.

Os fâscios, formados por fascistas radicais, chegavam a entrar em atrito até mesmo com os setores mais moderados do PNF. A atuação dos fâscios ia além da pura propaganda, visto se dedicarem a atividades culturais e recreativas, assim como a ações assistenciais, distribuindo cestas básicas aos necessitados, promovendo consultas médicas gratuitas e fornecendo subsídios financeiros aos italianos pobres, ações que puderam ser vistas em Porto Alegre, além da possibilidade de identificar a proximidade dos fâscios com o consulado.

A atuação política dos fâscios era inspirada em uma visão de que o Fascismo era a vanguarda da civilização italiana, cujo objetivo era difundir no

---

<sup>37</sup> Tanto Bertonha (2001) como Giron (1994) indicam que o fascismo no Brasil teve adeptos entre as classes médias e prioritariamente urbanas, o que parece poder se aplicar à realidade de Porto Alegre.

<sup>38</sup> Em setembro de 1919, o Fâscio de Combate apoiou a invasão de Dalmácia (costa oriental do mar Adriático) pelo poeta e ex-combatente Gabriele d'Annunzio, que, liderando 2.600 ex-arditi (os "arditi" eram tropas de choque do exército italiano na Primeira Guerra Mundial), invadiu o porto de Fiume e ali permaneceu por mais de um ano. A partir de então, foram fundados diversos fâscios em toda Itália, e o movimento começou a ganhar sua primeira expressão: milícias paramilitares, os Camisas Negras (milícia criada em homenagem aos *arditi*, que usavam uniformes negros), que agiam em nome do nacionalismo, do anticomunismo, do antipacifismo e do antiliberalismo de forma bastante agressiva.

mundo a sua influência, ao conquistar os italianos no exterior e torná-los instrumentos de sólida propaganda do regime no mundo, possibilitando, a partir daí, a criação do império.

Bertonha (2009) também alerta que não se pode pensar que as ações dos fâscios tenham sido iguais em toda parte em que estes foram ativados. De uma militância mais ferrenha e até agressiva no início dos anos 1920, ficaram mais brandos e articulados politicamente nos anos 1930, tendo maior capacidade de articulação e impacto nas regiões mais urbanas em se tratando do Brasil e, particularmente, no Rio Grande do Sul.

Os *Dopolavoro*, literalmente “depois do trabalho”, foram instituições semelhantes aos dos fâscios e, até mesmo, auxiliadas por eles; porém, o foco de atuação era outro e se propunham a políticas dedicadas:

[...] mais à assistência social e à difusão do esporte, promovendo a criação de times de futebol, vôlei, basquete, equipes de ginástica, luta livre, pingue-pongue, etc; do lazer, criavam bibliotecas e salas de leituras, organizando passeios de bicicletas e colônias de férias para os jovens e crianças imigrantes; e culturais, ao comemorar as festas fascistas italianas, promovendo bailes, almoços, recitais e peças teatrais. (BERTONHA, 2001a, p. 107).

Quanto aos *Dopolavoro*, contudo, sua atuação restringia-se mais à capital do Estado, enquanto a zona colonial era pouco atingida, sendo constantes as reclamações à respeito da debilidade dos organismos fascistas nessas áreas, como sustenta Giron (1994).

Os *Dopolavoro* e os *Fasci all'estero* surgiram na região colonial do Rio Grande do Sul apenas em meados da década de 1930 e, assim mesmo, o seu raio de influência foi bastante limitado. Segundo a tese de Loraine Slomp Giron (1994), o fascismo ali teria sido direcionado apenas à burguesia regional; era para ela que o regime direcionava os seus objetivos, não se interessando pelas camadas médias e populares. No entanto, Bertonha (1998) chama a atenção para outros fatores que colocavam limites à propaganda fascista na região, como o relativo isolamento das populações rurais, pouco interessadas por questões políticas, tendo a classe média o seu próprio veículo de manifestação, o Integralismo e, ainda, o fato de que eram poucos os imigrantes recém-chegados ali, sendo que estes apresentavam mais interesse pelo Fascismo do que os velhos imigrantes das décadas finais do século XIX.

Nesse contexto de criação de mecanismos de divulgação e de inculcação do ideário fascista, importante destaque deve-se aos cônsules italianos Manfredo Chiostrì e Mario Carli. O primeiro, tendo chegado a Porto Alegre em 1928 e permanecido como cônsul até 1932, marcou o início da difusão ideológica fascista, arregimentando e controlando a vida dos súditos no Estado (BERTONHA, 1998).

O segundo, Mario Carli, que substituiu Chiostrì em 1932, permaneceu até 1934, fundou o periódico *La Nuova Itália* e criou centros culturais. Ele foi o criador do *Campo Esportivo Italo Balbo* na capital, de colônias de férias, os famosos *campeggi Mussolini*, nos quais participaram alunos das escolas de Porto Alegre e do interior do estado que ocupavam parte das férias escolares em atividades as quais envolviam disciplina, recreação e esportes. Aliás, quanto aos esportes, é importante referir que, na visão fascista, “[...] visavam formar o espírito dos jovens fascistas. Além de fortalecerem o corpo, os esportes serviam como formadores de personalidade, pois estimulavam a coletividade, o espírito de grupo e a disciplina”. (ROSA, 2009, p. 633).

Bertonha (2001a, p. 218) afirma que, a partir de 1928, “[...] o consulado italiano de Porto Alegre trabalhou com afincos para converter ao fascismo a comunidade italiana do Rio Grande do Sul, especialmente a de Porto Alegre”. Esse foi o contexto principal em que se retomaram as iniciativas escolares das sociedades italianas da capital, bem como foram criadas outras, estabelecendo-se uma direção única. Para Bertonha, esse revigoramento do fascismo coincide em Porto Alegre justamente com a chegada de Manfredo Chiostrì, em 1928.

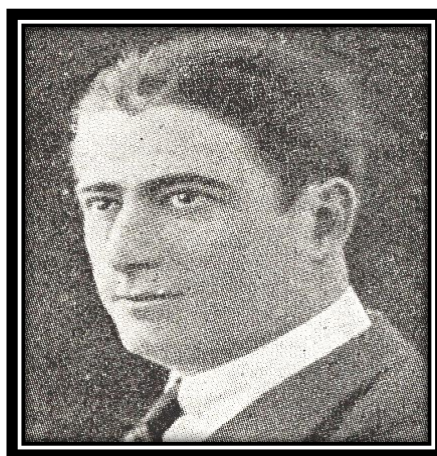


Figura 6: Cônsul Manfredo Chiostrì em 1924

Fonte: Disponível em: [http://dati.camera.it/ocd/deputato.rdf/dr4560\\_27](http://dati.camera.it/ocd/deputato.rdf/dr4560_27). Acesso em: 7 fev. 2015.

Com relação à ideologia fascista e ao seu aspecto educacional, é importante destacar que, logo após a chegada de Mussolini ao poder, no início dos anos 1920, ocorreu a Reforma Gentile<sup>39</sup>. Esta repercutiu profundamente na educação dos italianos no exterior:

A “reforma Gentile” de 1923 que modificava sensivelmente o ordenamento escolar italiano não acrescentava, entretanto, novidades substanciais à estrutura organizativa das escolas italianas no exterior: na totalidade, o número das escolas não aumentou de modo significativo e manteve-se, em continuidade com as opções precedentes, a predominância de escolas estatais na bacia mediterrânea e na Europa sobre as escolas além-mar, subsidiadas – e condicionadas – especialmente por meio do envio de novos livros didáticos de marca fascista. As modificações legislativas levaram, contudo, gradualmente a uma maior centralização administrativa e a um sempre maior controle, sobretudo sobre o corpo docente italiano no exterior da parte do Ministério das Relações Exteriores, por meio da rede consular: Mussolini, que era na época secretário de Estado interino do Ministério das Relações Exteriores, atribuía uma importância fundamental ao setor das escolas italianas no exterior, entregando a sua Direção a funcionários estreitamente ligados ao Partido Nacional Fascista. **As escolas italianas no exterior estavam, assim, perdendo gradualmente a notável autonomia da qual haviam gozado até então, no quadro de um mais amplo projeto de fascistização das colônias italianas no exterior**, frequentemente visto com suspeita pelos países hospedeiros, com o intuito de infundir nos filhos dos imigrantes o orgulho pela pátria-mãe e a vinculação ao seu regime. Não por acaso, significando a ocorrida compenetração entre regime e escolas italianas no exterior, em 1928, Piero Parini, que fora secretário dos Fascistas italianos no exterior, foi nomeado Diretor-geral dos italianos no exterior e das escolas. (SALVETTI, 2014, p. 72-73; grifo nosso).

Como afirma Fabrizio Dal Passo em seu livro *Storia della Scuola Italiana* (2003), Gentile expôs às claras as instâncias nem sempre declaradas que estavam na base do compromisso filosófico-político situado entre o idealismo e o fascismo. Segundo Dal Passo (2003), o fascismo, a partir de 1923, nada mais fez do que dar espaço político para uma visão educacional, com característica “[...] autoritária e reacionária e com retorno à obrigatoriedade da instrução religiosa na escola elementar”. (DAL PASSO, 2003, p. 12; tradução nossa). Gentile acreditava que a escola servia à classe dirigente que, por definição, devia dar o melhor de si para guiar as massas e o país, exatamente na perspectiva da Lei Casati de 1859, alicerçada numa concepção elitista.

<sup>39</sup> Fala-se de “reforma” na medida em que retoma a Lei Casati de 1859, acrescentando alguns elementos, tais como a obrigatoriedade de frequência escolar até aos 14 anos de idade, a instrução religiosa obrigatória no Ensino Fundamental, a divisão do ensino pós-elementar em técnica e liceu (clássico), entre outras.



O fascismo queria uma escola que formasse o fascista perfeito, uma escola que pudesse interferir de imediato sobre o comportamento do aluno. Nessa perspectiva, esforçou-se para encher a escola de cerimônias e de ritos fascistas, a fim de suscitar emoções e paixão. Com isso, a escola não se revelava eficiente para o seu fim propriamente, mas adequada à proposta ideológica. Giron afirma (1994, p. 77):

A reforma do ensino fascista [...] consistiu na redução das aulas teóricas, no aumento das aulas práticas, no corte em conteúdos “superados” (clássicos) e pelo acréscimo de uma forma militar claramente fascista: a criação de milícias de crianças e jovens, treinando-os para a luta. As mudanças de conteúdos na área de história e língua italiana encaminhavam a juventude para os ideais fascistas.

Carmo<sup>40</sup> (1999, p. 48), em sua dissertação de mestrado *Giovanni Gentile e a reforma da escola italiana nos primórdios do fascismo*, refere que a escola era para o fascismo o “[...] centro da luta política, visando o fortalecimento do Estado totalitário, tendo como base a Reforma Gentile, que a fez convergir para seus ideais”.

Luchese (2012), em seu artigo *Manuais didáticos para os “italianos no exterior”: circulação e difusão de ideias fascistas em escolas étnicas no Brasil (1922-1938)*, apresentado no Congresso Luso-Brasileiro de 2012, destaca que, com o advento fascista:

[...] os professores das escolas italianas no exterior deveriam pronunciar solene voto profissional no qual prometiam educar seus alunos para amarem a Pátria e terem a maior devoção ao Rei e às suas instituições. Portanto, prometiam propagandear a italianidade, promovendo, no seio das colônias, o ideal de que constituíam um único *fascio* que buscava a prosperidade econômica italiana e seu maior prestígio no mundo. **No caso dos professores, a situação de adesão ao regime fascista seria intensificada em fins de 1932, quando se tornou obrigatória a adesão ao Partido Nacional Fascista.** (LUCHESE, 2012, p. 2-3; grifo nosso).

---

<sup>40</sup> Carmo escreveu a dissertação *Giovanni Gentile e a reforma da escola italiana nos primórdios do fascismo*, na qual buscou identificar as raízes históricas e filosóficas da Reforma Gentile. O autor conclui que “os exames dos textos onde Gentile explicita seus conceitos filosóficos mostram sua filiação à escola neo-idealista de Nápoles, através da qual teve acesso ao pensamento político de Hegel e Fichte, base conceitual para a construção de sua crítica ao liberalismo clássico. Ao identificar no ‘liberalismo alemão’ a superação dos fundamentos individualistas das organizações políticas modernas em direção a uma forma estatal onde a liberdade configura-se como adesão voluntária ao interesse geral, Gentile encontrava na noção de Estado de Hegel o lastro filosófico para a proposta de subordinação total dos indivíduos aos fins estatais”. (CARMO, 1999, p. 98).

Além disso, como afirma Luchese (2012), a partir de 1924, foram estabelecidos os novos programas e fixadas as novas diretrizes para as escolas italianas no exterior, criando, assim, uma reformulada compreensão do emigrado que se configurava como um “italiano no exterior”, buscando-se aproximá-lo da pátria italiana.

Segundo Salvetti (2009; 2014), também foi relevante para a consolidação da estratégia fascista a instituição da Direção Geral dos Italianos no Exterior (doravante, DGIE) cuja administração ficou aos cuidados de Piero Parini, que era Diretor-Geral dos Fâscios Italianos no Exterior.

Como expõe Floriani (1974), em 1927, foi extinguido o Comissariado Geral da Emigração, sendo instituída a Direção Geral dos Italianos no Exterior. Porém, em 1929, foi definida a fusão da Direção Geral dos Italianos no Exterior, com a Direção dos Italianos no Exterior. A nova direção foi denominada Direção Geral dos Italianos no Exterior e Escolas e confiada a Piero Parini, inicialmente cônsul-geral e, um ano depois, ministro. Em 1932, a DGIE uniu-se à Direção do Trabalho Italiano no Exterior. O novo organismo, então, voltou a chamar-se Direção Geral dos Italianos no Exterior, mas foi dividido em 3 seções: a) Obras para Italianos no Exterior, Inspetoria dos Fâscios e Organizações Juvenis; b) Expatriados e Trabalho Italiano no Exterior; c) Escolas no Exterior.

De acordo com Floriani (1974), é de se sublinhar que a definição do cargo de Diretor-geral dos Italianos no Exterior e Escolas a Piero Parini, expoente do partido fascista, significaria a politização do setor de emigração, compreendido aquele das escolas. Piero Parini foi substituído da DGIE em 1937, por Attilio de Cicco<sup>41</sup>.

Consoante a Luchese (2013), em seu artigo *Difundindo ideias fascistas através de manuais didáticos: os italianos no exterior e suas escolas (1922-1938)*, e a Salvetti (2009; 2014), a principal ação fascista com relação às escolas italianas subsidiadas foi o envio de novos livros de texto permeados com a ideologia. “O fascismo desde os primeiros anos buscou nas associações, jornais e escolas mantidas por italianos ou descendentes, no exterior, apoio, meio de difusão e conquista de adeptos”. (LUCHESE, 2013, p. 4).

---

<sup>41</sup> Attilio Cicco nasceu em Sansevero (Foggia, Itália) em 20 de junho de 1894 e faleceu em 27 de novembro de 1957.

A escola enquanto espaço de difusão da 'italianidade' desde muitos anos era pensada. cónsules, agentes diplomáticos e mesmo algumas leis italianas (como as promulgadas no governo Crispi, 1889), buscaram aproximar e apoiar financeiramente (especialmente com o envio de livros didáticos) os emigrados e seus filhos com a Itália, desde o final do século XIX. Entretanto é perceptível uma profunda mudança na política externa italiana com o advento do fascismo. Investiu-se na expansão da rede consular e marcou-se presença mais ativa na tutela dos imigrantes. (LUCHESE, 2013, p. 4).

Marmentini (2014, p. 86) destaca que a fascistização do ensino se dava em três níveis:

[...] no controle dos docentes, na integração dos alunos nas organizações juvenis e na ideologização dos programas didáticos. Fora da Itália, esse processo se realizou com a supervisão dos representantes diplomáticos e dos *fasci all'estero*. Apesar da investida de Mussolini na fascistização das escolas no exterior ter início já em 1922, a iniciativa não era totalmente inovadora, uma vez que a tentativa de influência por parte do Estado italiano no ensino das escolas étnicas já havia sido desenvolvida nos governos liberais anteriores ao fascismo.

Com a investida fascista em relação à educação, as escolas italianas no exterior estavam:

[...] perdendo gradualmente a notável autonomia que haviam gozado até então, quadro de um mais amplo projeto de fascistização das colônias italianas no exterior, frequentemente, visto com suspeita pelos países hospedeiros, com o intuito de infundir nos filhos dos imigrantes o orgulho da pátria-mãe e a vinculação ao seu regime. (SALVETTI, 2014, p. 73).

Giron (1994), em seu estudo *As sombras do littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul*, analisa a ação fascista no Rio Grande do Sul, com especial atenção às repercussões dela na antiga Região Colonial do Rio Grande do Sul e destaca que as “[...] escolas criadas pelo fascismo estavam situadas na zona urbana, sendo ligadas às sociedades italianas. Ao que tudo indica, a formação (ou inclinação política) dos professores não era adequada ao ensino regional” (GIRON, 1994, p. 101) e complementa que as escolas pareciam ter “[...] um caráter mais de extensão que de ensino. Seriam assim, complementares da escola nacional”. (GIRON, 1994, p. 102).

A mesma autora estabelece uma distinção entre as “escolas italianas” anteriores ao fascismo e as “escolas italianas” durante o regime fascista.

Salienta que, nas escolas italianas, no período fascista, eram ensinadas noções de disciplina, hierarquia e culto ao fascismo. Afirmar, ainda, que “[...] desta forma a mensagem substituíra o conteúdo, o que parece não ter acontecido nas ‘escolas italianas’ antigas”. (GIRON, 1994, p. 102). Outra observação de Giron é que os estudantes das escolas fascistas dos núcleos urbanos, deviam possuir um uniforme diário e um dominical. Sobre isso destaca:

O uniforme diário era constituído por camisas azul-claro para meninos quanto para meninas, com saias azuis marinho, para estas, e calças da mesma cor para aqueles. O símbolo usado na blusa das meninas era a pomba e na dos meninos era o de um avião. No domingo e nas festividades os alunos usavam os trajes dos *balillas*, trazidos da Itália. (GIRON, 1994, p. 104).

Ao considerar os estudos de Giron (1994), pode-se afirmar que houve uma forte penetração do fascismo entre a assim chamada burguesia regional (o que incluía industriais, comerciantes e profissionais liberais) enquanto as classes médias (pequenos industriais, comerciantes e artesãos) teriam sido mais integralistas e os operários teriam rejeitado ambos movimentos. Bertonha (2001a) julga essa tese procedente e muito próxima do modelo que ocorreu com os italianos em São Paulo. Se, como afirmam Bertonha (2001a) e Giron (1994), o fascismo teve dificuldades de penetrar no interior do Estado, conquistou sucesso nas regiões urbanas com as sociedades italianas, sendo as escolas parte de sua estratégia.

As ações de nacionalização, por parte do governo do Brasil, puzeram fim a uma trajetória escolar que, pelas atividades e organização, destacava-se como uma iniciativa articulada e representativa na capital do Estado. No período do Estado Novo (1937-1945), com a política de nacionalização patrocinada por aquele regime e, posteriormente, a partir de 1942, com os acontecimentos decorrentes da II Guerra Mundial, a situação dos descendentes de italianos, em nível local, começou a transformar-se, e a existência de uma pertença nacional que não fosse a brasileira era conflitante. Como afirma Kreutz:

As escolas dos imigrantes, que privilegiavam a tradição cultural do respectivo grupo étnico no currículo e davam ênfase à língua de origem, foram consideradas, nas políticas públicas de nacionalização, como um dos grandes entraves para a formação de uma unidade nacional desejada, em que se sinalizava para a formação de uma só pátria, um só povo, uma só língua. Neste sentido, o processo de

nacionalização no Brasil foi conduzido bem como o entendimento de que diversidade cultural do povo brasileiro era obstáculo para a formação do Estado nacional. (KREUTZ, 2014, p. 153).

As boas relações logo cessariam, e as escolas seriam fechadas, depois as sociedades italianas. O fascismo seria visto como uma ideologia perigosa e inimiga, portanto rejeitada pelo Estado brasileiro.

## 1.6 ESCOLAS ÉTNICAS E SOCIEDADES ITALIANAS

*“Nos centros urbanos e nas sedes das colônias rurais, essas escolas são mantidas pelas Associações Italianas, ou melhor, surgem sob seus auspícios. No mínimo, são as associações que fornecem o local e os móveis e utensílios necessários.”*  
(DE VELUTIIS, 1908, p. 345)

Com um expressivo número de imigrantes de várias etnias que, a partir do século XIX, chegaram ao Brasil formando um pluralismo étnico cultural (KREUTZ, 2011), houve o surgimento de centenas de escolas étnicas com as particularidades de cada etnia. Kreutz (2011, p. 350) afirma que “o que proporcionou maior visibilidade foram os grupos que se estabeleceram em núcleos etnicamente homogêneos, caso dos alemães, dos poloneses e parte dos italianos e japoneses”. Com relação ao número de escolas étnicas, os alemães foram a etnia que teve o maior número, apresentando, em 1939, 1579 escolas em todo o Brasil. Os poloneses tiveram 349 e os japoneses 178. O segundo lugar ocupado pelos imigrantes italianos registra que, em 1913, havia 396 escolas, tendo passado para 167 na década de 1930.

### 1.6.1 Escolas étnicas

*“Eles [governantes] ignoram, além de tudo, que nas nossas Colônias faltam inspetores escolares idôneos e capazes; ignoram que os nossos raros professores abandonados exclusivamente a si próprios, não podem conseguir mais que medíocres resultados.”*  
(STELLA D'ITALIA, 08/01/1903, p. 1)

Entre os italianos que se estabeleceram, no Rio Grande do Sul, pode-se evidenciar que muitas foram as iniciativas educacionais, mesmo que, ao fim e ao cabo, a opção desse grupo étnico tenha sido a escola pública (LUCHESE, 2007) a qual se ampliava ao final da Primeira República.

O relatório de De Velutiis (1908), cônsul na capital, é bastante ilustrativo

das várias iniciativas educacionais entre os italianos no Rio Grande do Sul:

Nos centros urbanos e nas sedes das colônias rurais, essas escolas são **mantidas pelas Associações Italianas**, ou melhor, surgem sob seus auspícios. No mínimo, são as associações que fornecem o local e os móveis e utensílios necessários. Nas colônias, entre as linhas que não contam com escolas brasileiras, os nossos compatriotas procuram sustentar as próprias custas, uma pequena escola para seus filhos, **confiando-a a algum colono mais instruído do lugar**. Existem também algumas **associações de fabriqueiros de várias capelas das linhas que se esforçam em manter abertas pequenas escolas italianas**. Em geral, pode-se afirmar, com certa satisfação que, os nossos compatriotas tem amor à sua escola italiana. Mas os sacrifícios que eles fazem não são suficientes e tem que lutar com grandes dificuldades para conceder uma remuneração para eles sempre pesada, aos professores que são mais pobres do que eles. Afora poucas, a maior parte das nossas escolas tem uma vida difícil. Elas atravessam, enfim, neste momento um período muito crítico. Por um lado, a crise econômica, agravada pelas recentes calamidades, colocou muitos colonos numa situação de miséria. Por outro lado, soma-se a isso a invasão de congregações francesas que, expulsas de seu país, vieram refugiar-se nesse Estado, instalando nas colônias escolas para ambos os sexos, as quais fazem grande concorrência às nossas, porque admitem gratuitamente alunos pobres, cobrando apenas dos que podem pagar. (DE VELUTTIIS, 1908, p. 345).

Do texto de De Veluttis, pode-se depreender que, entre os italianos e descendentes, a busca pela escola era uma realidade e, que, assim sendo, procuraram criar educandários sustentados pelas sociedades italianas, com maior frequência nos centros urbanos e na sede das colônias. A iniciativa de algum colono/imigrante mais instruído que assumia a tarefa de professor também era uma das alternativas em meio à precariedade da instrução pública, sobretudo no meio rural, no início da imigração italiana.

De fato, poucos anos após o estabelecimento dos imigrantes, diversas foram as iniciativas. Dentre o conjunto de escolas que existiram no Rio Grande do Sul e que foram frequentadas por imigrantes italianos e seus descendentes e que tiveram características étnicas, podem-se elencar, com base em Luchese (2007), ao menos: escolas étnico-comunitárias rurais, escolas étnico-comunitárias mantidas por Associações de Mútuo Socorro, escolas paroquiais, escolas ligadas a congregações religiosas e escolas étnicas de iniciativa de particulares. Kreutz (2011, p. 355) sintetiza as iniciativas em “[...] comunitárias, particulares ou pertencentes a uma congregação religiosa”, salientando que havia diferença entre as escolas étnicas urbanas e as da região rural.

Kreutz (2011, p. 355) adverte que, mesmo que seja usada a expressão

“escola dos imigrantes italianos”, o sentido não é unívoco, havendo “[...] diferenças inclusive, no processo escolar de uma mesma etnia”.

O cônsul De Velutiis destacava algumas escolas italianas importantes na Província em 1908 dentre as quais incluía as de Porto Alegre:

De acordo com sua importância, disciplina e método, são dignas de destaque as três escolas dirigidas pelos professores-agentes, em Bento Gonçalves (Escola Petrocchi), em Porto Alegre (*Vittorio Emanuele III*) e em Pelotas (Escola das Sociedades Reunidas), as quais podem servir de modelo às outras. Os dois mestres-agentes que moravam em Porto Alegre e Pelotas foram agora transferidos para Caxias e Santa Maria onde fundaram outras duas escolas. As sociedades italianas são mais de quarenta. Seu objetivo, geralmente é o auxílio mútuo, proporcionando aos sócios doentes e, algumas vezes, às suas famílias, o médico e os medicamentos, além de pequeno subsídio em dinheiro. **Há outras que mantém escolas italianas como a Umberto I, a Elena di Montenegro, a Vittorio Emanuele III e a Giovanni Emanuel, em Porto Alegre, as Sociedades Reunidas em Pelotas, a Príncipe di Napoli de Caxias, etc.** (DE VELUTIIS, 1908, p. 345-346; grifo nosso).

Neste trabalho, tem-se atenção principal às escolas étnicas italianas da capital, especialmente as mantidas pelas sociedades italianas de Porto Alegre. Segundo Luchese (2007), as escolas étnicas, vinculadas às Associações de Socorro Mútuo, receberam, com relativa frequência, o apoio do governo italiano, especialmente com o envio de livros e de materiais didáticos. Sobre as escolas privadas, afora o Instituto Menegatti, poucas informações foram obtidas.

Os educandários das Associações de Mútuo Socorro eram laicos, de boa qualidade e aceitavam alunos não pertencentes ao respectivo grupo de imigrantes. Kreutz (s/d, p. 2) acrescenta que o currículo dessas escolas étnicas, além de contemplarem as exigências nacionais “[...] era complementado com aspectos da cultura do respectivo grupo étnico, ficando mais próximo possível do currículo praticado no país de origem”. É o caso, em geral, das escolas étnicas italianas de Porto Alegre ligadas às sociedades italianas até 1932. Porém, essas escolas urbanas das sociedades italianas de Porto Alegre, a partir de 1933, receberam a atenção do governo italiano, no sentido de serem prestigiadas, subsidiadas e acompanhadas pelos cônsules e formaram uma rede de escolas ítalo-brasileiras com características especiais.

Uma definição de rede (*rete*, no latim), entre outras apontadas pelo Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, remete “ao conjunto de estabelecimento, agências, ou mesmo de indivíduos, que se destinam a prestar

determinado tipo de serviço”. No caso em análise, refere-se a serviços educacionais. Em se tratando de educação, pode-se falar de uma rede escolar ou de uma rede de ensino. Antunes (2001) destaca que a característica de uma rede de ensino é o fato de ser “[...] mantida por uma mesma fonte financeira, que pode abrigar algum tipo de regimento [...]”. O elemento financeiro dessa definição pode ser evidenciado, em parte, na rede ítalo-brasileira, como se verá adiante. Outra acepção de rede escolar se encontra no *Diccionario Europeo de la Educación* (1996, p. 509) que assim define: “Red Escolar: se utiliza a menudo para designar la participación de varios centros, públicos o privados, em um mismo proyecto o em determinadas actividades”. No caso em análise, os “vários centros” são identificados com as escolas mantidas pelas sociedades italianas e pelo consulado alinhadas a um projeto de ensino do governo italiano fascista, liderado e controlado por uma Direção Didática, a partir da reorganização iniciada em 1932 e efetivada em 1933.

Antes da reorganização, vê-se, na capital gaúcha no início do século XX, que a realidade era de poucos alunos nas escolas italianas e de muitas dificuldades. O artigo *Il grave problema delle scuole italiane*, de 08/01/1903, do Jornal *Stella*, apontou algumas dificuldades, como: poucos alunos (nessa data, frequentavam somente 161 alunos nas escolas da capital, considerando-se em atividade somente a *Scuola Principessa Elena e Umberto I*), havia pouco apoio do governo italiano, mestres com formação deficiente, carência de material didático e falta de inspetores escolares idôneos e capazes.

Eles [governantes] ignoram, além de tudo, que nas nossas Colônias faltam inspetores escolares idôneos e capazes; ignoram que os nossos raros professores, abandonados exclusivamente a si próprios, não podem conseguir mais que medíocres resultados. Estão privados de direção, enganados pelas mudanças contínuas nos textos, obstaculizados pela natureza mesma de seus alunos os quais, ao contato com os brasileiros, aprendem tudo, menos o italiano. (*STELLA*, 08/01/1903, p. 1; tradução nossa).

Na primeira página do *Stella*, com a matéria intitulada *Fra cinquant'anni tutti krumeri*<sup>42</sup> (Daqui a cinquenta anos todos selvagens), vê-se um retrato

<sup>42</sup> *Krumeri* é um jargão usado entre os tipógrafos italianos para designar trabalhadores não qualificados que substituíam outros trabalhadores em estado de greve, também chamados de fura-greves. É uma expressão de desprezo e sugere inaptidão. Outra acepção a que se pode referir é a ideia de selvagem e de incapaz por antonomásia, em alusão a um grupo étnico da Tunísia que não tinha habilidade de gerenciar suas empresas. Considerando o teor dos textos do jornal, achou-se melhor traduzir como “selvagens”, enquanto não instruídos.



desanimador das escolas da capital:

Numa colônia como a nossa, onde os compatriotas são milhares é deplorável o estado de abandono na qual é deixada a instrução em geral e o estudo do italiano em particular. Nos colégios e escolas públicas, cujo sistema deixa muito a desejar, cem, se tanto, crianças nossas estão nelas. Outra centena frequenta as escolas *Principessa Elena di Montenegro*, sustentada pela Sociedade homônima e a *Umberto I*, patrocinada pela *Palestra*, sua homônima também. Os outros girando pelas estradas ou se conservam nas suas próprias casas onde, ao lado da ignorância cresce, também, o desamor por tudo quanto sabem de italiano. Não é necessário possuir uma grande dose de inteligência para observar o lento mas constante empobrecimento moral da nossa coletividade por culpa dos males supracitados [...]. Considerando junto, meninos e meninas, entre seis e doze anos, contamos outras mil almas. Duzentas bem ou mal, aprendem a ler e a escrever. Oitocentas crescem como ervas parasitas em meio a um campo incultivado sujeitas aos mais rudes trabalhos domésticos desproporcionais aos seus frágeis e delicados organismos e a correr nas ruas da cidade ocupadas com medíocres e servis coisas. (STELLA, 28/08/1902, p. 1; tradução nossa).

A situação moral dos italianos é corroborada pelo relatório de 1905, escrito pelo cônsul Enrico Ernesto Ciapelli, que esteve na regência do consulado italiano no Rio Grande do Sul entre os anos de 1898 e 1904:

Infelizmente, a energia dos nossos compatriotas está diminuindo e continua a se enfraquecer; os vícios espalham-se largamente, especialmente o da embriaguez. No fundo, porém, não se pode atribuir a culpa disso aos imigrantes, pois, quando deixaram a Itália, ninguém lhes lembrou os deveres de uma vida civilizada e moral, com exceção, talvez, de algum bom sacerdote. Existem núcleos distantes das sedes dos municípios onde nunca existiu qualquer autoridade, de tal forma que lá o povo sempre viveu num estado semi-selvagem, sem controle e sem nenhuma orientação. (CIAPELLI, 1905, p. 954).

Anos após a constatação acima apresentada, o relatório elaborado por Ranieri V. Pesciolini, *Le Colonie Italiane nel Brasile Meridionale*, finalizado em 1913 e publicado em 1914 por encargo da *Italica Gens*<sup>43</sup>, salientou que a “decaída” da italianidade se devia também à falta da escola italiana.

<sup>43</sup> Segundo Trento (1989, p. 168-169), “em 1909, surgiu a *Italica Gens*, reunindo todas as organizações católicas que se interessavam pelos imigrantes, a qual constituirá, no Brasil, 12 secretariados [...] cinco no Rio Grande do Sul. Apesar de serem regidos por diferentes ordens religiosas, os escalabrinianos continuaram a deter o monopólio da tutela da imigração. A *Italica Gens* propunha-se a criar, através dos secretariados, uma ‘rede de italianidade’, com tarefas de assistência que passavam também pelas figuras dos correspondentes que cada secretaria podia ter entre industriais (para a obtenção de empregos), advogados (para assistência jurídica), médicos, etc. Mas o objetivo mais ambicioso era o de substituir um Estado totalmente ausente. Entretanto, na realidade, a obra assistencial católica só teve êxito nas regiões em que a imigração italiana conseguiu criar, graças ao isolamento, núcleos compactos e mononacionais”.

**Na capital existem seis sociedades italianas, que contam no conjunto cerca de 900 sócios. Destas, as duas mais importantes, a *Vittorio Emanuele II*<sup>44</sup> e a *Principessa Elena di Montenegro* mantém duas escolas italianas elementares: as outras se limitam às comuns funções de mútua assistência [...]. Do ponto de vista da conservação nacional a colônia italiana de Porto Alegre, como geralmente todas as colônias urbanas dos nossos imigrantes, deixa muito a desejar. O contato contínuo, por todos os interesses, com a população e com as instituições do local, a mistura dos filhos dos italianos, nas escolas e em toda a parte, com os jovens do país, produz no elemento italiano um processo rápido de desnacionalização. A prova evidente da decaída da italianidade se encontra no fato de que apenas uma centena dos filhos dos italianos frequentam as duas escolas italianas acima recordadas: número mesquinho para uma colônia de mais de 10.000 italianos!** (PESCIOLINI, 1914, p. 29; tradução e grifo nossos).

Claro está que o processo escolar étnico italiano em Porto Alegre não ficou restrito às iniciativas das sociedades italianas. Escolas de congregações religiosas e escolas paroquiais também marcaram a trajetória educacional da capital, mas, neste trabalho, não serão investigadas; porém, eventualmente, serão referidas para entendimento do contexto e da história.

### 1.6.2 As sociedades italianas de Porto Alegre

*“Entre os agentes educativos principais, que se mobilizaram para a obtenção de escolas, podem ser citados os agentes consulares, para os quais, além da difusão dos conhecimentos elementares, a escola étnica tinha o sentido de difusão da italianità, discurso assumido pelas próprias associações de mútuo socorro que também tinham um cunho nacionalista.”*  
(LUCHESE, 2015, p. 190)

Gardelin e Costa (2002) situam a origem das sociedades de mútuo socorro<sup>45</sup> na Europa. Quando os imigrantes de 1875 partiram, já as conheciam e delas tinham noção, estando, inclusive, acostumados a elas. As sociedades italianas foram focos de civilização que tiveram a função de disciplinar as correntes migratórias em todo o território gaúcho, cientificando-as da sua missão agregadora na nova pátria.

Norbert Elias (1990) sugere que só é possível compreender muitos

<sup>44</sup> Pesciolini não refere a Sociedade *Umberto I*, que, desde sua fundação, em 1900, havia instituído uma escola elementar. Curiosa, também é a referência à escola mantida pela Sociedade *V. Emanuele II*, a qual não aparece no *Annuario delle scuole italiane all'estero: governative e sussidiate 1913-1914*, conforme referências.

<sup>45</sup> As Sociedades de Mútuo Socorro constituíram-se no maior movimento popular italiano surgido entre o século XVIII e XIX após os tumultos provocados pela revolução industrial e social, com a consequente necessidade de uma nova relação entre os trabalhadores que rompesse o vínculo das corporações. Ver a respeito das sociedades no *Dizionario Enciclopedico delle Migrazioni Italiane nel Mondo* (2014, p. 703-706), conforme o verbete *Società di mutuo soccorso*.

aspectos do comportamento ou das ações das pessoas individuais ao se começar pelo estudo do tipo da sua interdependência, da estrutura das suas sociedades: em resumo, das configurações que forem formando uns com os outros.

Nesse sentido, as associações são catalisadoras e ordenadoras das relações. As sociedades italianas, também, foram importantes do ponto de vista do processo educativo entre imigrantes. Segundo Luchese (2007) e Maestri (2005), essas associações, criadas desde os primeiros anos da imigração, abrigaram em suas sedes escolas étnicas, sendo algumas efêmeras.

As sociedades italianas que nasceram no Brasil, mesmo sendo numerosíssimas, em geral duraram pouco, e, sobretudo, contaram com um número de sócios relativamente exíguo. A própria proliferação dessas associações mostra como elas surgiram e se cindiram mais por rivalidades de ordem pessoal do que por um impulso efetivo de solidariedade em favor dos compatriotas em dificuldade [...]. Para quem chegava da Itália era essa a característica que mais chamava a atenção e, em certo sentido, surpreendia, embora o fenômeno não fosse peculiar só da coletividade italiana no Brasil. (TRENTO, 1989, p. 161).

As sociedades italianas proliferaram no Rio Grande do Sul, considerando que o governo italiano não demonstrava grande interesse por seus cidadãos, uma vez que tinham ultrapassado os limites geográficos do reino (TRENTO, 1989). Além disso, havia pouco investimento em relação a seus representantes, que, por sua vez, pouco podiam fazer pelos compatriotas mergulhados em dificuldades, sobretudo no início da imigração.

Foram as sociedades italianas que assumiram para si, de maneira insuficiente na maioria das vezes, o apoio aos imigrantes. A educação formal também acabou sendo uma das iniciativas. A existência dessas sociedades expressava a necessidade dos imigrantes e de seus descendentes de reunirem-se, de congregarem-se, principalmente entre os primeiros imigrantes, a fim de ajudarem-se mutuamente. Luchese (2015, p. 190) afirma:

Entre os agentes educativos principais, que se mobilizaram para a obtenção de escola, podem ser citados os agentes consulares, para os quais, além da difusão dos conhecimentos elementares, a escola étnica tinha o sentido de difusão da *italianità*, discurso assumido pelas próprias associações de mútuo socorro que também tinham um cunho nacionalista.

Trento (1989) apresenta uma evolução do número de sociedades italianas, no Brasil, apontando 5 na década de 1880; 98 na década de 1890; 277 na década de 1900; 182 na década de 1920. No Rio Grande do Sul, em 1908, registrou-se o número de 53 sociedades e, em 1923, a quantidade passou para 45. O *Cinquantenario*, em seu capítulo sobre *As Associações (Le Associazioni)*, página 364 até 397, traça uma trajetória das diversas sociedades italianas do Estado até 1925, no qual se observa que muitas mantinham iniciativas escolares. O texto de Luchese (2014a) enumera cada uma das sociedades incluídas no álbum.

Na capital gaúcha, constatou-se que a mais antiga sociedade italiana foi a Sociedade *Vittorio Emanuele II*, fundada em 1877.



Figura 7: Sociedade Italiana de Mútuo Socorro *Vittorio Emanuele II*  
Fonte: *Álbum de Porto Alegre*, organizado por Virgílio Calegari e Luiz Coimbra Júnior, s/d.

Além da *Vittorio Emanuele II*, verificou-se, também, a existência de outras sociedades italianas as quais mantiveram iniciativas educacionais e que são objeto desta investigação. Em 5 de maio de 1900, surgiu a *Società di Beneficenza ed Istruzione Umberto I*, com o objetivo educativo, instrutivo e de mútuo socorro. Inicialmente, propunha-se ao ensino dos filhos dos italianos mediante o teatro e a escola. A *Scuola Umberto I* sempre foi uma opção da Sociedade e, também, através da presente investigação, foram encontradas informações de seu funcionamento até 1938. Esta era:

[...] uma sociedade modesta localizada no quarto distrito, cujo

Presidente em 1902 era Gaetano Sartori. Em 1900 ela tinha o nome *Palestra Recitazione*. Sabe-se que nessa associação a maioria dos sócios eram trabalhadores, moradores dos subúrbios industriais de São João e Navegantes. (BORGES, 1993, p. 35).

Stella Borges (1993, p. 35), em sua dissertação de mestrado intitulada *Italianos: Porto Alegre e trabalho*, cita que o objetivo da *Umberto I* era “[...] proporcionar a instrução aos filhos dos sócios, conservar vivo o idioma [...] por meio de representações teatrais, ajudar os deserdados de fortuna, admitindo, em suas escolas, crianças pobres e de famílias de reconhecida moralidade [...]”. Cusano (1920, p. 72) registrou que a sociedade havia criado a escola mista “[...] para os filhos dos sócios e também para crianças pobres”.

Em 1902, surgiu a *Società Giovanni Emanuel* por obra de Gennaro Scalzilli, que foi presidente honorário da *Principessa Elena*. A finalidade da *Giovanni Emanuel* era a escola e o teatro. Por alguns anos, realizou-os integralmente, mas com muitas dificuldades. O relatório de Pesciolini (1914) afirmou que, entre escolas e escolinhas italianas no Rio Grande do Sul, existiam cerca de 60 subsidiadas pelo governo italiano em que os jovens aprendiam a ler, a escrever e que:

[...] um discreto número destas escolas são subsidiadas pelos régios consulados, com livros e também com dinheiro. A quantia dos subsídios dos consulados em dinheiro é variável: no Rio Grande vai de 50 a 100 mil réis (de 85 a 170 libras) ao ano, ou um pouco mais”. (PESCIOLINI, 1914, p. 283; tradução nossa).

Concluiu seu relatório dizendo que não se podia ignorar que as escolas encontraram duas dificuldades nas colônias: deficiência de meios e de mestres e que “[...] é por isso que surgem e desaparecem continuamente”. (PESCIOLINI, 1914, p. 284; tradução nossa).

Iotti (2010) salienta que os inúmeros relatórios dos cônsules e agentes consulares demonstram a incapacidade das autoridades italianas de auxiliar de maneira mais eficaz os súditos do reino estabelecidos no território gaúcho, creditando o sucesso ou a derrota de alguns elementos às suas qualidades pessoais. Nesse sentido, afirma Iotti (2010, p. 120): “[...] cabe ressaltar a ênfase dada à questão da educação e da implantação de sociedades beneficentes, cuja ausência ou escassez foram justificadas pela falta de capacidade ou de iniciativa dos próprios imigrantes”.

Destaca-se, na educação da colônia italiana em Porto Alegre, a sociedade fundada em 11 de novembro de 1893, no Bom Fim, com o nome inicial de *Bella Aurora*, que, em 1896, tomou o nome definitivo de *Società Italiana di Beneficenza e Istruzione Principessa Elena di Montenegro*, em homenagem às núpcias do príncipe de Nápoles com Elena de Montenegro. Desde 1893, a sociedade funcionou como albergue, como escola para os filhos dos imigrantes e, também, como centro cultural para os italianos e descendentes, em boa parte moraneses. Anteriormente, já funcionava o embrião de tal sociedade e chamava-se *Scuola Italiana Campo da Redenção*, que foi organizada em 19 de janeiro de 1891 e que, provavelmente, tenha sido a origem da *Scuola Principessa Elena di Montenegro*.

A Sociedade *Principessa Elena di Montenegro*, desde a sua fundação, esteve envolvida com a educação de italianos e de seus descendentes, bem como de brasileiros que a ela procuraram. O jornal *Stella*, por ocasião do décimo aniversário da fundação da Sociedade, retomou sua trajetória, destacando que a instituição foi fundada por operários no Campo da Redenção<sup>46</sup>, uma região de Porto Alegre povoada por vênets “[...] que se revestiram quase que imediatamente por aquelas nobres ideias que surgem resplandecentes na mente: a proteção da escola mista italiana fundada pelo falecido Dionísio Ronchi na localidade chamada Campo Bom Fim”. (*STELLA*, 5/11/1903, p. 2; tradução nossa). Aliás, o jornal *Stella* salientava que a região do Campo do Bom Fim era uma “[...] localidade quase inteiramente povoada por italianos de origem vêneta o que a faz manter-se como se fosse um distrito veneziano”. (*STELLA*, 05/11/1903, p. 2; tradução nossa).

A Sociedade teve como primeira sede uma casa humilde na Rua Coronel Carvalho na capital gaúcha. O cônsul Ciapelli referiu que a Sociedade *Principessa Elena di Montenegro* “[...] possui uma pequena casa, que lhe serve

---

<sup>46</sup> Inicialmente chamada de Campo da Várzea, uma área pública de aproximadamente 69 hectares que servia para a guarda do gado trazido para o abastecimento local, teve sua denominação alterada para Campo do Bom Fim, em função da construção da Capela Senhor do Bom Fim, localizada junto ao futuro prolongamento da rua Barros Cassal. A construção da capela teve início em 1867, e a conclusão ocorreu em 1872. Até o final do século XIX, o Campo do Bom Fim se manteve sem grandes alterações: poucas casas, algumas chácaras e sítios, matas nativas que, muitas vezes, foram utilizadas como refúgio dos escravos. Após a abolição, muitos libertos que não tinham para onde ir abrigaram-se nessa região, que passou a se chamar, popularmente, “Campo da Redenção”. Na segunda década do século XX, começaram a chegar as primeiras famílias judaicas em Porto Alegre. A comunidade judaica foi construindo suas casas, seu templo de oração, pequenos comércios e oficinas. (Cfe. SCHMIDT, 2011).

de sede e também é usada como escola”. (CIAPELLI, 1905, p. 917).



Figura 8: Construção da sede da *Società Italiana di Beneficenza ed Istruzione Principessa Elena di Montenegro* (1908)  
Fonte: Schmidt (2011, p. 59)

Na Figura 8, pode-se verificar a construção da nova sede da *Società Italiana di Beneficenza e Istruzione Principessa Elena di Montenegro*, em 1908, que abrigou a Escola *Principessa Elena di Montenegro* na capital gaúcha. À direita, sobre a escadaria, vê-se um grupo de crianças. Possivelmente, eram alunos da escola acompanhados pela professora Camilla Roncoroni.

A iniciativa da criação de um porto seguro para os imigrantes italianos partiu de quatro italianos: Giuseppe Bellebon, Pietro Guzzi, Giorgio Bianchin e Jorge Bianchini. Esses homens constituíram essa sociedade que, pouco a pouco, foi se desenvolvendo e, sem embaraçar os seus fins benéficos, conseguiu, pelos esforços de suas diretorias, realizar economias, com que iniciaram as obras necessárias para a consolidação da sociedade e de sua sede.

Muitos foram os nomes que identificaram a entidade, e sua sede atual,

na Rua João Telles, 317, no bairro Bom Fim, foi inaugurada no ano de 1908, no dia 20 de setembro. Como se pôde ler no álbum do Centenário (1975, p. 283), “[...] parte do terreno foi doada gratuitamente por Fausto Cauduro”.

Na data da inauguração da nova sede, a diretoria da sociedade era formada pelos seguintes membros: Presidente, Gennaro Scalzilli; Vice-presidente, Paolo Paganini; Tesoureiro, Luigi Artioli; Secretário, Benevenuto Crocetta; Orador oficial, Adelchi Colnaghi; e Diretor da escola, Vito Paradiso. No conselho de administração, participavam: Pietro Bonotto, Gustavo Casapiccola, Francesco Andreghetto, Eurico Peroni, Pietro Bonotto, Carlo Mazzucchelli, Caetano Dal Fiume, Luigi Palmi, Alessandro Zennari, Vittorio Ferlini, Giacomo Varnini e Giacomo Bellotto. O jornal *A Federação* de 21 de setembro de 1908, com a matéria intitulada *Principessa di Montenegro*, destacou o evento da inauguração e deu detalhes da estrutura física do prédio que viria a ser usada, também, como escola, a qual custou 22 contos de réis à época (CENTENÁRIO, 1975). No texto, nota-se, ainda, o espírito de abnegação dos italianos para construírem a sede.

Mais um belo prédio acaba de ser incorporado à edificação urbana da capital pela Sociedade Italiana de Beneficência e Instrução *Principessa Elena di Montenegro*. Em estilo do renascimento foi projetado pelo arquiteto Lambertini, competente professor de desenho da benemerita Escola de Engenharia. Dividido em dois pavimentos, o superior tem oito metros por vinte metros ou uma área de 160 metros quadrados, formando um salão singelamente ou artisticamente decorado e, ao fundo, se acha um elegante palco tendo, de um dos lados, a *toilette* das senhoras e, ao outro, o dos homens. No pavimento térreo acha-se estabelecido o *buffet* e uma sala para guardar chapéus, bengalas e sobretudos. A construção do edifício foi dirigida gratuitamente pelos construtores Andreghetto, Bonotto e Paganini, na qual trabalharam gratuitamente muitos dos operários que constituem essa simpática associação. É esse exemplo bem eloquente do quanto se pode conseguir pela unidade de vistas e convergências de esforços, **o que se depara nesse prédio que vem concorrer para assinalar mais uma vez os sentimentos de progresso da laboriosa colônia italiana**. São apenas decorridos onze anos de sua fundação (11 de novembro de 1893), quando quatro italianos reunidos, senhores Bianchini Jorge, Bellebon José, Riva Pedro falecido e Guzzo Pedro constituíram essa sociedade que, pouco a pouco, foi se desenvolvendo e, sem embaraçar os seus fins beneficentes, conseguiu, pelos inteligentes esforços de suas diretorias, realizar economias, com as quais iniciaram as obras levadas avante como dissemos pela abnegação de seus sócios. A festa da inauguração deste prédio, atual sede da sociedade – feita nos dias 19 e 20 de setembro, deixou em todos os convidados a mais grata impressão pelas gentilezas de que foram acumulados não só pela sua digna diretoria como por todos os sócios presentes. No dia 19 foi inaugurado o teatro representando-se o dueto *Le Matrone Romane* pelo sr.



Giovani Lepri e sua Esposa dona Amalia Lepri, e o drama *La Suonatrice D'arpa*, desempenhado pelas senhoritas Adalgisa Borsato, Giuseppina Bianchin e os senhores E. De Biasi, G. Scalzilli, P. Faccini, G. Fornari, G. Bruno e V. Crivella. No dia de ontem, 20, teve lugar a sessão solene de inauguração do prédio, sob a presidência do seu benemérito presidente senhor Gennaro Scalzilli. Convidou este ao ilustre representante da Itália o senhor Professor Petrocchi, a tomar a presidência, o qual em brilhante alocução saudou a associação pelo bom êxito de seus esforços, conseguindo pela união e harmonia de de seus consócios a construção do edifício da sua sede social e, em seguida, solicitou permissão para que fosse a sessão presidida pelo intendente municipal, nosso prezado amigo Dr. Montaury. Concedida a palavra ao orador oficial, nosso colega Adelchi Colnaghi disse em discurso entusiástico e de confraternização saudar a sociedade cuja prosperidade, dependente da harmonia de vistas e do concurso de todos os sócios, desejava, elevando assim a colônia italiana pelos seus sentimentos altruísticos, na beneficência e instrução de consócios seus filhos. Falaram os seguintes oradores: srs. Paschoal Santoro, Henrique Peroni, Emílio Loucarelli, pela sociedade *Vittorio Emanuele II*; Peroni Angelo pela sociedade *Umberto I*; senhorita Angelina Pastro, pela comissão de senhoritas da quermesse e o professor Ercole Donadio pelo *Scuola Umberto I*. A Escola de Engenharia fez-se representar pelos Drs. Henrique Pereira Netto e Ferlini e as sociedades *Triumverato pro-monumento Garibaldi*, bem como a imprensa. Esteve presente o benemérito intendente do município Dr. Montaury. A diretoria da sociedade é atualmente formada pelos seguintes senhores, todos eles cheios de serviços prestados a essa sociedade: Presidente: senhor Gennaro Scalzilli, vice-presidente, Paolo Paganini; tesoureiro, Luigi Artioli; secretário, Benevenuto Crocetta; orador oficial, Adelchi Colnaghi; **diretor da escola, Vito Paradiso**. Conselho de administração: Crivella Pietro, Casapiccola Gustavo, Andreghetto Francesco, Peroni Eurico, Bonotto Pietro, Mazzucchelli Carlo, Dal Fiume Caetano, Luigi Palmi, Zennari Alessandro, Vittorio Ferlini, Varnini Giacomo, Bellotto Giacomo. A Federação tem o máximo prazer em compartilhar do regozijo dessa simpática associação, fazendo votos também pela sua prosperidade. (A FEDERAÇÃO, 21/09/1908, p. 4; grifo nosso).

Na trajetória da sociedade, pôde-se identificar que, em 1951, ela retirou as palavras *italiana* e *princesa*, passando a se chamar, agora em português, *Sociedade de Beneficência e Instrução Elena de Montenegro*<sup>47</sup>. Em 1961, passou a denominar-se *Centro Ítalo-Brasileiro* (CIB), trazendo este nome até 1990, quando, em razão da necessidade de alteração dos estatutos e da

<sup>47</sup> Atualmente, em uma placa fixada no salão principal dessa sociedade, datada de oito de setembro de 1934, encontrou-se a relação de seus presidentes, desde o início das atividades até 1934, a saber: Francesco Gastaldoni (1891 e 1896); Giuseppe Zucchelli (1891); Cav. Uf. Giulio Bozano (1892); Giuseppe Ballebon (1893, 1894, 1895 e 1897); Federico Rampon (1898, 1899 e 1900); Pietro Bonotto (1901, 1902, 1903, 1906, 1911, 1921 e 1922); Paolo Paganini (1904, 1905, 1912 e 1913); Cav. Gennaro Scalzilli (1907, 1908, 1909, 1910, 1918, 1919, 1920); Vito Paradiso (1914); Giuseppe Salvatori (1915); Alessandro Picini (1916); Pasquale Santoro (1916 e 1917); Giovanni Campana (1923, 1924 e 1925); Guido de Meda (1926, 1927 e 1930); Vittorio Verdi (1928); Nicola Soriero (1928, 1931 e 1932); Pietro Zoratto (1929); Fedele Marranghello (1933); Giuseppe Vergo (1934).

ampliação de seu quadro social, adotou o nome *Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul*, o qual permaneceu o mesmo até a atualidade, sendo considerada uma das mais importantes sociedades italianas do referido estado. Obviamente, não é a sociedade mais antiga do Rio Grande do Sul, já que se reserva o primeiro lugar à *Società Italiana di Soccorso Mutuo e Beneficenza* de Bagé, fundada em 1º de janeiro de 1871. Nem mesmo foi a primeira sociedade italiana da capital, cujo destaque cabe à *Società Vittorio Emanuele II*. Contudo, a *Principessa Elena* tem o mérito de ter mantido sua escola por cerca de 40 anos em funcionamento, um caso *sui generis* no Estado do Rio Grande do Sul, em se tratando de escolas étnicas italianas mantidas por Sociedade de Mútuo Socorro.

Não obstante a data oficial de fundação ser o ano de 1893, os sócios fizeram questão de destacar os presidentes anteriores à oficialização da fundação. Em 1956 e 1990, o prédio da Sociedade sofreu reformas para adaptar-se às novas atividades sociais, bem como à necessidade de salas de aula para as turmas do curso de língua italiana, permanecendo a fachada e a estrutura básica sem quaisquer alterações. Sua fachada foi declarada histórica pela Prefeitura de Porto Alegre. Atualmente, a referida sociedade tem três pavimentos que abrigam 10 salas de aula, 2 salões, 1 auditório e uma biblioteca, com mais de 1.500 títulos em italiano.

Adelchi Colnaghi descreveu as mudanças de nome e um pouco do histórico dessa sociedade em artigo datado de 05/11/1903, por ocasião dos 10 anos da instituição. Salienta-se que o administrador do jornal, Benvenuto Crocetta, era o secretário da *Società Principessa Elena di Montenegro*. Isso pode explicar a relação muito próxima com o que dizia respeito à vida dessa sociedade e da escola por ela mantida, divulgadas nas páginas do periódico citado.

Outra importante sociedade italiana de Porto Alegre que muito se envolveu com o processo educacional dos italianos e descendentes foi a Sociedade *Dante Alighieri*. Sua origem deve ser buscada em sua homônima na Itália. Ela foi criada durante as reformas do primeiro ministro italiano Francesco Crispi, por iniciativa do Giacomo Venezian, em 1889, na Itália. Essa sociedade foi “[...] largamente utilizada pelo governo na difusão da cultura, da língua e da ‘italianidade’ no mundo todo” (POSSAMAI, 2005, p. 100-101) e em “[...] 1920

possuía 20 bibliotecas no Brasil e 15 comitês”. (TRENTO, 1989, p. 178).

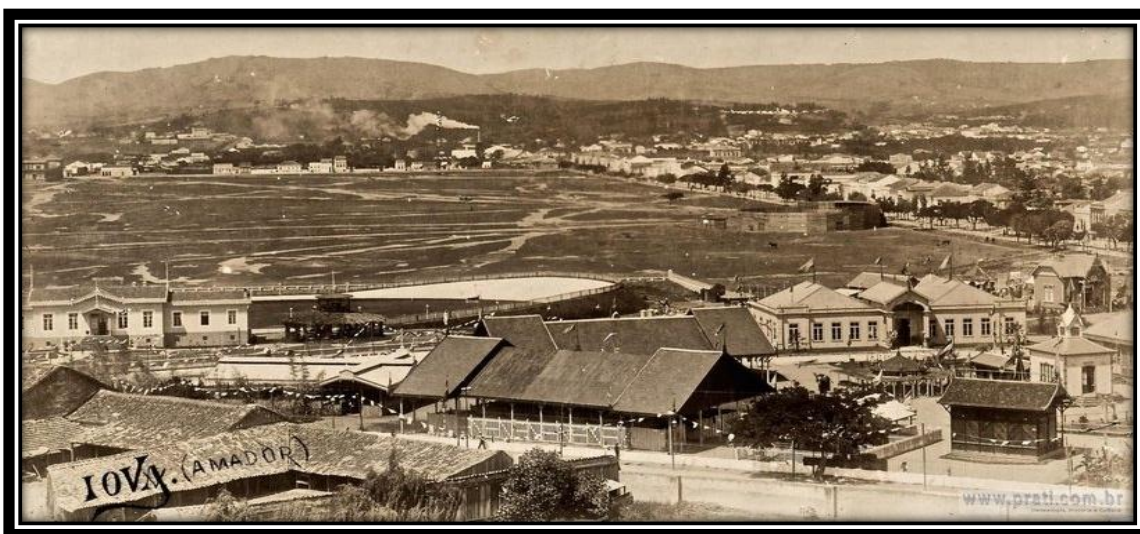


Figura 9: Campo da Redenção, reduto de italianos (1902)

Fonte: Disponível em: <http://jornaldaredencao.blogspot.com.br/> Acesso em: 10 jan. 2014.

Segundo Bertonha (1991), os primeiros comitês da Sociedade *Dante Alighieri* surgiram no Brasil no final do século XIX, sendo criado, particularmente, o de Porto Alegre em 1898. Diversamente, o livro do *Centenário da Imigração Italiana* (1975) acusa a criação do comitê, em 18 de outubro de 1913, tendo mantido:

[...] biblioteca fixa e circulante, aulas para italianos e brasileiros, salas de conversação e consultoria jurídica, além de ter tido a iniciativa da comemoração do cinquentenário da colonização, bem como a organização da Exposição do Cinquentenário em Porto Alegre. (CENTENÁRIO, 1975, p. 276).

Já o *Cinquantenario* (1925, p. 374; primeira parte), aponta para o ano de 1914 como sendo o de sua fundação em Porto Alegre. Segundo Salvetti (2009), a Sociedade *Dante Alighieri* da Itália foi, no que se refere às escolas italianas no exterior, a principal instituição colateral ao governo. Realmente, a *Dante*, desde o seu ato de nascimento, em 1889, na Itália, como está escrito no seu estatuto, “[...] propunha-se a tutelar e a difundir a língua e a cultura italiana fora do Reino (art. 1). Para atingir o seu objetivo, a Sociedade institui e subsidia escolas [...], bibliotecas [...] (art. 2)”. (SALVETTI, 2014, p. 67). A *Dante Alighieri* não participava diretamente da fundação de escolas italianas no exterior, ação que só a nível governamental era possível, mas intervinha na gestão de algumas escolas públicas ou subsidiadas, especialmente com bibliotecas,

financiamentos e livros, em concordância com o Ministério das Relações Exteriores e com o Ministério da Educação. Na década de 1930, o comitê da *Dante* de Porto Alegre criou sua escola elementar.

No mesmo período, outras agremiações e associações italianas existiam em Porto Alegre. Todavia, nem todas tiveram iniciativas escolares. Um exemplo é o *Club Italiano Canottieri Duca degli Abruzzi*, que foi fundado pela elite italiana residente em Porto Alegre, em 1908. Tal associação esportiva era identificada como o “Clube de Remo dos Italianos”, pois, além de privilegiar a prática do remo, constituiu-se, durante um longo período de tempo, em espaço de afirmação de uma identidade cultural dos italianos. A associação visava a “[...] criar, manter e promover entre os sócios os exercícios higiênicos do remo e da natação”. Após três décadas da sua fundação, o clube sofreu um forte abalo na sua identidade cultural, devido ao “abrasileiramento” dos clubes esportivos. Segundo Frosi e Mazo (2012), o *Club Canottieri Duca degli Abruzzi* ofereceu, inicialmente, resistência à campanha de nacionalização imposta durante o Estado Novo (1937-1945). Entretanto, mudou o nome para Clube de Regatas Duque de Caxias, em 1942, também em razão dos acontecimentos decorrentes da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Outra destacada sociedade italiana é a Sociedade Giuseppe Mazzini. A Giuseppe Mazzini, surgida em 1895, com sua sede no Bairro Tristeza, na zona sul de Porto Alegre, tinha o escopo de mútuo socorro, especialmente com atendimento médico em caso de doença. Segundo Cusano (1920, p. 72), a Sociedade Giuseppe Mazzini socorria os sócios com médicos e medicamentos e era composta por ótimos italianos<sup>48</sup>.

Essa sociedade não manteve nenhuma escola. No *Cinquantenario* (1925, p. 371-372; primeira parte, tradução nossa), lê-se: “sempre solidária com suas co-irmãs de Porto Alegre em todas as manifestações coloniais, a *Giuseppe*

---

<sup>48</sup> O nome da sociedade recordava o italiano Giuseppe Mazzini (nascido em Gênova, em 1805, e falecido em Pisa, em 1872). Na introdução da versão portuguesa do seu livro *Deveres do Homem* (1950), conforme referências, se observa que ele foi o apóstolo da unidade e da independência italiana, as quais deveriam ser conseguidas, uma e outra, por obra do povo e na forma democrática da república. Animador incansável, dedicou a sua vida, desperdiçada a maior parte em doloroso exílio, numa férvida pregação de ideias, através do exemplo pessoal, de cartas e da atividade revolucionária de associações nacionais e internacionais, tais como a “Jovem Itália” (1831), a “Jovem Europa” (1834), a “Liga Internacional dos Povos” (1847) e na “Associação Nacional Italiana” (1848). Pelo seu ideal patriótico, várias sociedades italianas adotaram como denominação o nome do idealista.

*Mazzini* contribuiu para os empréstimos para a guerra e colaborou com todas as obras de beneficência pública”.

No final do primeiro quartel do século XX, precisamente em 1924, outra importante sociedade italiana foi constituída. Tratava-se da *Società Italiana Moranesi Uniti*, com “[...] fins beneficentes e instrutivos e dela farão parte todos os italianos nascidos em Morano Calabro, na Itália”. (A *FEDERAÇÃO*, 27/11/1924, p. 5). O texto do jornal prosseguiu informando que:

[...] como nesta capital existem inúmeros filhos dessa cidade [Morano Calabro], reuniram-se no domingo próximo passado, no salão da Confeitaria Rocco, cerca de cem representantes desse departamento da nação amiga elegeram a diretoria da nova e útil sociedade. (A *FEDERAÇÃO*, 27/11/1924, p. 5)

O *Cinquantenario* (1925, p. 372-373; primeira parte; tradução nossa) refere que esta sociedade surgira com “a finalidade de reagrupar os numerosos moraneses estabelecidos em Porto Alegre [...] e foi acolhida por consenso dos entes compatriotas com simpatia por toda a Colônia”.

Destaca-se, no início do século XX, em 1911, a fundação da Federação das Sociedades Italianas do Estado, que teve o senhor Stefano Rocco como seu Presidente e, como Secretário, o senhor Guido Mondin, da Sociedade *Umberto I* de Porto Alegre, ambos residentes na capital, bem como seus membros. Contudo, como se leu no *Cinquantenario* (1925), a Federação não perdurou por muito tempo. Nova tentativa de recriá-la nos idos de 1929 também não obteve sucesso.



Figura 10: A administração social da *Società Italiana Moranesi Uniti* (1925)  
Fonte: *Cinquantenario* (1925 p. 373; primeira parte).

Trento (1989) descreve que as sociedades italianas no Brasil tinham muitas divisões, o que não colaborava para a ideia de federação. Como refere Trento (1989, p. 175), a primeira tentativa de uma federação, no Brasil, foi em 1884, “[...] quando 242 expoentes da colônia italiana de São Paulo se reuniram no Teatro São José para propor um pacto federativo. Os resultados foram nulos”. Outras iniciativas se seguiram, porém com pouco sucesso.

Abaixo, no Quadro 2, são apresentadas as sociedades italianas que se destacavam no cenário porto-alegrense, identificadas também por Constantino (1991) e que aparecem no *Cinquantenario* (1925).

**Quadro 2: Sociedades italianas de Porto Alegre (1877- 1938)**

<b>Sociedade</b>	<b>Ano da fundação</b>
<i>Società Vittorio Emanuele II</i>	1877
<i>Società Italiana di Beneficenza ed Istruzione Principessa Elena di Montenegro</i>	1893
<i>Società Giuseppe Mazzini</i>	1895
<i>Società di Beneficenza ed Istruzione Umberto I</i>	1900
<i>Società Giovanni Emanuel</i>	1902
<i>Unione Meridionale Vittorio Emanuele III</i>	1904
<i>Club Canottieri Duca degli Abruzzi</i>	1908
<i>Società Dante Alighieri (Comitê)</i>	1914
<i>Moranesi Uniti</i>	1924

Fonte: *Cinquantenario* (1925); Cusano (1920); Jornais *Stella d'Italia* e *A Federação*.

Trento (1989, p. 182) apresenta, a partir dos anuários das escolas italianas no exterior, que o Rio Grande do Sul, em 1908, contava com 47 escolas italianas. Em 1911, existiam 91 escolas italianas, mantendo o mesmo número em 1913. Em 1924, existiam 123 escolas, sendo cinco delas na capital desse estado, atendendo 4.085 alunos. Em 1930, o total de escolas era de 38 e destas 6 ficavam na capital, perfazendo um total de 3.686 alunos. Nesse ano, Trento aponta que havia 13.821 alunos matriculados nas 167 escolas do Brasil.

As investigações permitiram elaborar o Quadro 3, que se refere às sociedades italianas de Porto Alegre que mantiveram iniciativas educacionais e que fazem parte desta análise:



**Quadro 3: Sociedades italianas de Porto Alegre e iniciativas escolares (1877 - 1938)**

Sociedade	Ano de fundação da sociedade	Data de início das atividades escolares	Encerramento das atividades escolares
<i>Società Vittorio Emanuele II</i>	1877	Em 1877 (com interrupções e retomada em 1933)	maio de 1938
<i>Società Italiana di Beneficenza ed Istruzione Principessa Elena di Montenegro</i>	1893	1899	maio de 1938
<i>Società di Beneficenza ed Istruzione Umberto I</i>	1900	1900	maio de 1938
<i>Società Giovanni Emanuel</i>	1902	A partir de 17/07/1904	dezembro de 1916
<i>Unione Meridionale Vittorio Emanuele III</i>	1904	1904	dezembro de 1907
<i>Società Dante Alighieri</i>	1914	1933	maio de 1938

Fonte: Cinquantenario (1925); Jornais *Stella d'Italia* e *A Federação*.

Claro está que, não obstante o esforço das associações italianas e das iniciativas das comunidades, nos núcleos rurais, o processo educacional encontrava dificuldades, como apresentado por Pesciolini (1914, p. 284) ao afirmar que “[...] não há como ignorar que as escolas encontram duas dificuldades nas colônias: a deficiência de meios e a deficiência de mestres e que é por isso que surgem e desaparecem continuamente”.

Também esclarecedora foi a declaração de Tittoni<sup>49</sup>, em 1912 ministro do MAE da Itália, considerando irrisória a contribuição às escolas subsidiadas

<sup>49</sup> Segundo a enciclopédia Treccani, Tommaso Tittoni foi “*Uomo politico e diplomatico (Roma 1855 - Manziana 1931), figlio di Vincenzo. Deputato della destra (1886-97), fu prefetto di Perugia (1898) e di Napoli (1900), quindi senatore (1902). Divenuto ministro degli Esteri (1903-05), cercò di eliminare le tensioni nei rapporti con l'Austria-Ungheria alimentate dalla propaganda irredentista e al tempo stesso di rafforzare la presenza dell'Italia nei Balcani. In politica interna fu il trait d'union fra conservatori e clericali, adoperandosi nel 1904, in occasione delle elezioni politiche, per ottenere la partecipazione al voto dei cattolici. Ambasciatore a Londra (1906) e nuovamente ministro degli Esteri (1906-09), dovette fronteggiare la difficile situazione internazionale seguita all'annessione austriaca della Bosnia-Erzegovina (1908). Ambasciatore a Parigi (1910-16), fu ancora a capo della Consulta dal giugno al nov. 1919, partecipando, come capo della delegazione italiana, alla Conferenza della pace di Parigi, senza peraltro riuscire a migliorare la situazione diplomatica dell'Italia. Presidente del Senato (1920-29), socio nazionale dei Lincei (1921), collare dell'Annunziata (1925), fu presidente dell'Accademia d'Italia (1929-30)*”. (TRECCANI, 2015).

pelo governo italiano:

De fato, são essas [associações italianas] que fundaram e mantiveram a maior parte das nossas escolas; e os nossos subsídios, parcos para uma zona tão ampla, mais do que ajudar adequadamente na despesa, devem ser tomadas apenas como um apoio moral e um encorajamento. (SALVETTI, 2009, p. 547; tradução nossa).

Se, por um lado, como afirma Salvetti (2009), as sociedades tinham pouca capacidade de ir ao encontro das exigências materiais dos sócios (cuidados médicos, medicamentos, etc.), pode-se ver que, ao menos na capital, havia o esforço dessas instituições quanto à educação e, na década de 1930, elas pareciam estar bem organizadas, alinhadas e lideradas pelo consulado, incentivando, assim, as escolas.



## 2. DA CRIAÇÃO DA SOCIEDADE VITTORIO EMANUELE II (1877) ATÉ A CRIAÇÃO DA SOCIEDADE DANTE ALIGHIERI (1914)

*“São destinados subsídios governamentais somente aos professores que tenham a escola aberta ao menos há um ano, ensinam em língua italiana, enviam ao régio consulado relatórios periódicos e tenham tido no ano uma frequência superior a dez alunos.”*  
(LEGRENZI, 1896, p. 86)

Desde a fundação da mais antiga sociedade italiana da capital, a *Vittorio Emanuele II*, em 1877, até o início do século XX, poucas são as informações que permitem detalhar as origens da escola étnica italiana em Porto Alegre. Afora a menção à escola da *Società Vittorio Emanuele II*, a primeira notícia de outra escola étnica italiana foi encontrada no relatório do cônsul Pascale Corte, em 1882, e, ao que parece, não surgiu por conta do consulado, mas por iniciativa particular de uma professora. Vários cônsules se queixavam da falta de escolas ou mesmo de uma associação que cuidasse exclusivamente da instrução. Antes do final do século XIX, pode-se observar iniciativas de sociedades italianas e, no início do século XX, mais dessas se apresentam no cenário porto-alegrense, em meio às críticas de serem escolas que não possuíam uma uniformidade no ensino.

Nota-se o envolvimento dos cônsules, nessa primeira fase, evidenciando-se ainda mais no final do século XIX e no início do século XX, com subsídios e a presença destes em algumas atividades escolares. Claro está que, como se pôde ver, até 1889, não havia uma lei orgânica sobre as escolas italianas no exterior. Esta foi promulgada somente em dezembro de 1889, por Francesco Crispi.

Na sequência, serão abordados alguns dos relatórios consulares até 1917, evidenciando informações acerca das escolas e de iniciativas na capital; em seguida, serão apresentadas algumas iniciativas escolares das sociedades até 1914 e alguns destaques, como a *Scuola Umberto I* e a *Principessa Elena*, que, surgidas no final do século XIX e no início do século XX, atravessaram décadas, mantendo-se firmes ao propósito educacional em meio a dificuldades. Foram estas que, na década de 1930, tiveram nova estrutura organizacional. Ademais, também, serão vistas as polêmicas sobre as propostas de homogeneização dos programas de ensino no início do século XX.

## 2.1 CÔNSULES ITALIANOS E INICIATIVAS ESCOLARES EM PORTO ALEGRE

*“Nas escolas subsidiadas o ensino é dado exclusivamente em italiano sobre as seguintes matérias: leitura e escrita, gramática italiana; primeiras operações de aritmética; história, especialmente italiana; geografia italiana; geografia americana.”*  
(LEGRENZI, 1896, p. 87)

Com maior ou menor envolvimento, a questão educacional ocupou os cônsules e agentes consulares (LUCHESE, 2007; IOTTI, 2001; 2010). Tendo em vista estabelecer relações diplomáticas e comerciais com o maior número possível de países após a unificação, a Itália ampliou sua representação diplomática, ao que se soma o fato da incontida emigração, que fez com que o governo, ao menos, tivesse informações de seus cidadãos, embora pouco pudesse fazer para ajudá-los. Iotti (2001) realizou estudos detalhados sobre os relatórios dos cônsules e dos agentes consulares no Rio Grande do Sul, no período de 1875 até 1914. Segundo a autora (2001, p. 86), a forma que o “[...] Estado italiano encontrou para tornar mais efetiva a ação dos cônsules, no sentido de contribuir para o incremento das atividades produtivas do país, foi solicitar que registrassem informações e suas impressões sobre a área onde exerciam suas atividades”. Os relatórios eram enviados a Roma. Muitos desses documentos sobre o Rio Grande do Sul foram traduzidos pelo professor De Boni e outros ainda aguardam tradução<sup>50</sup>. Franzina em sua obra *Gli italiani al nuovo mondo: l'emigrazione italiana in America (1492-1992)*, referiu que os relatórios se constituíram na “[...] primeira e principal contribuição da diplomacia social ao estudo dos fenômenos emigratórios e imigratórios”. (FRANZINA, 1995, p. 191).

Os relatórios eram obrigatórios e abundantes até 1917, tornando-se raros e não obrigatórios a partir da década de 1920. Tais documentos são fonte importante sobre as escolas e a educação entre os italianos e seus descendentes. No Quadro 4, é apresentada a relação de cônsules italianos no Rio Grande do Sul, de acordo com estudos de Iotti (2010).

---

<sup>50</sup> No Instituto de Memória e História da Universidade de Caxias do Sul, foi iniciado, nos anos de 1990, um processo de tradução dos relatórios que eram publicados no *Bolletino Consolare* e, mais tarde, publicados no *Bolletino del Ministero degli Affari Esteri*. O processo de tradução não foi concluído.

**Quadro 4: Cônsules italianos no Rio Grande do Sul (1875-1914)**

<b>NOME</b>	<b>PERÍODO</b>	<b>LOCAL</b>
Gerolamo Vitaloni	de 03 jun. 1870 a 23 abr. 1874 de 23 abr. 1874 a 24 abr. 1877 de 24 abr. 1877 a 20 fev. 1881	Pelotas Rio Grande Porto Alegre
Pasquale Petraccone	de 14 fev. 1880 a 29 jul. 1882	Porto Alegre
Gustavo Enrico Perrod	de 29 jul. 1882 a 15 set. 1883	Porto Alegre
Antonio Greppi	de 10 jun. a 16 dez. 1883	Porto Alegre
Pasquale Corte	de 16 dez. 1883 a 27 maio 1888	Porto Alegre
Giulio Iona	de 05 jun. 1888 a 15 jan. 1889	Pelotas
Mario Marefoschi Compagnoni	de 27 maio 1888 a 20 maio 1891	Porto Alegre
Enrico Acton	de 15 jan. 1889 a 01 fev. 1891 de 01 fev. a 01 nov. 1891	Pelotas Porto Alegre
Edoardo Compans di Brichanteau	de 20 maio 1891 a 13 set. 1893	Porto Alegre
Giosuè Notari	de 12 jun. 1891 a 05 abr. 1893	Porto Alegre
Giustiniani Camilo Lencisa	de 05 abr. 1893 a 22 abr. 1894	Porto Alegre
Gherardo Pio di Savoia	de 17 set. 1893 a 15 abr. 1894	Porto Alegre
Angelo Legrenzi	de 15 mar. 1894 a 05 dez. 1897	Porto Alegre
Adolfo Gradara	de 08 ago. 1894 a 02 abr. 1895	Bento Gonçalves
Angelo Dall'Aste Brandolini	de 08 ago. 1894 a 31 mar. 1895 abril a maio de 1898	Porto Alegre
Enrico Ernesto Ciapelli	de 05 dez. 1897 a 29 jan. 1905	Porto Alegre
Mario Garrou	de 22 jan. a 12 mar. 1902 de 12 mar a 27 nov. 1902	Bento Gonçalves Alfredo Chaves
Francesco De Velutiis	de 11 maio 1905 a 03 nov. 1907	Porto Alegre
Gustavo Tosti	de 14 nov. 1907 a 16 jan. 1908	Porto Alegre
Giovanni Battista Beverini	de 17 set. 1908 a 27 jun. 1917	Porto Alegre

Fonte: Iotti (2001, p. 97).

Além do Consulado Geral da Itália, localizado em Porto Alegre, havia uma rede consular espalhada pelo Estado, formada por vice-consulados, agentes consulares e correspondentes consulares. Iotti (2001; 2010) e o *Cinquantenario* (1925) evidenciaram elementos dessa rede. Neste trabalho, são levantados dados que se complementam com os já apurados até 1917 com as pesquisas de Iotti (2001;2010). Conforme se vê no Quadro 5, os dados espelham o ano de 1938. Em 1938, o Consulado Geral da Itália em Porto Alegre mantinha 13 cidades importantes com agentes consulares distribuídos em diversas regiões do Estado.

**Quadro 5: Agentes e correspondentes consulares no RS em 1938**

<b>Cidade da Agência Consular ou vice-consulado</b>	<b>Agente Consular</b>	<b>Localidades com Correspondentes consulares</b>	<b>Correspondente</b>
<b>Rio Grande</b>	Di Romagna	-	-
<b>Caxias do Sul</b>	Celeste Gobbato <sup>51</sup> (até 1937)	Antônio Prado	Luigi Angelini
		Flores da Cunha	Dr. Biagio Padula
		Nova Prata	Atilio Lenzi
		Vacaria	Senhor Narciso
<b>Uruguaiana</b>	Senhor Acelzo Cataldo	Alegrete	Biaggio Faraco
		São Borja	Cesare Pistore
<b>Conceição do Arroio</b>	Ercole Andreali	-	-
<b>Santa Maria</b>	Dr. Nicola Curi	Santa Rosa	Giacomo Gubbiani
		Ijuí	Eurico Pontel
		Cruz Alta	Dr. Pietro Cusi
		Julio de Castilhos	Giuseppe [ilegível]
		Jacuy	[ilegível]
		Cachoeira	Saverio Alezio
		São Marcos	Andrea Pozzobon
		Vale Vêneto	Nicola Ciliato
<b>Santa Vitória do Palmar</b>	Francesco Arturi	-	-
<b>Garibaldi</b>	Ambrozio Corinzai	Encantado	Giovanni Crombini
		Muçum	Dr. Eurico Biasotti
		Santa Tereza	Ermelindo Piccinini
		Anta Gorda	Rev. Emilio Catelli
		Ilópolis	Dr. Giorgio Brunet
		Camargo	Angelo Mezzomo
		Soledade	Dr. Michele Stefani-Vera
<b>Livramento</b>	Dr. Giovanni Vassalli	-	-
<b>Bagé</b>	Emílio Biraghi	São Gabriel	Giuseppe Caon
		Dom Pedrito	Francesco Brambi
<b>Palmeira</b>	Rev. Vittorio Battistell	Sarandi	Paolo Filippi
		Carazinho	Alfonso Brama
<b>Bento Gonçalves</b>		Alfredo Chaves	Guido Cavelon
		Monte Vêneto	G. B. Marchesani
		Nova Bassano	Rev. Paulo di Lins
<b>Erebango</b> <sup>52</sup>	Pio Canessa	Boa Vista do Erechim	Mario Corraqui
		Getúlio Vargas	Antonio Balbinot
		Passo Fundo	Giovanni de Cesaro
		Sananduva	Primo Mondadori
		Marcelino Ramos	Dr. Enzo Salaroli
		Valzomiro Dutra	Giovanni da Negri
<b>Pelotas</b>	Enrico Lorea	Jaguarão	Pasquale Aimone

Fonte: Arquivo Histórico do Consulado Geral da Itália em Porto Alegre

O primeiro cônsul de Porto Alegre, Gerolamo Vitaloni, em seu relatório de julho e agosto de 1876, publicado em 1877, nada referiu sobre as escolas

<sup>51</sup> Celeste Gobbato (1890-1958). Conforme Giron (1994), Gobbato foi um dos mais destacados membros dos fâscios de Caxias do Sul. Ao deixar a intendência municipal, em 1928, foi nomeado agente consular. Sobre Gobbato, ver tese de Katani (2011), conforme referências.

<sup>52</sup> Distrito de Getúlio Vargas. Em 1988, foi elevado à condição de município pelo então Governador Pedro Simon.

étnicas da capital. De fato, nem mesmo a sociedade Italiana *Vittorio Emanuele II* havia sido fundada. Em termos oficiais, de igual forma, o Relatório *Le Scuole italiane All'Estero durante l'anno Scolastico 1880-1881*<sup>53</sup>, publicado em 1882 pelo *Ministero degli Affari Esteri*, não mencionou a existência de escolas étnicas subsidiadas pelo governo italiano no Rio Grande do Sul. Porém, no *Cinquantenario* (1925), vê-se que a Sociedade *Vittorio Emanuele II* manteve uma escola desde sua fundação. Toma-se, aqui, então, essa iniciativa como a primeira escola étnica italiana em Porto Alegre.

Pascale Corte, cônsul em Porto Alegre de 1883 a 1888, antes mesmo de assumir o consulado italiano em Porto Alegre, escreveu a obra *L'Italia All'Estero nell Ultimo Decennio*, publicada em 1882, na qual reunia impressões do Brasil e de outros países que havia visitado. Em seu texto, referiu que “em Porto Alegre está para constituir-se uma escola feminina sob a direção de Adele Lazzari in Bianchi, professora licenciada que por lá se estabeleceu”. (CORTE, 1882, p. 10; tradução nossa). Esta é uma das primeiras informações encontradas sobre a abertura de escola étnica italiana em Porto Alegre, afora a *Scuola Vittorio Emanuele II*. Pascale Corte, já como cônsul, escreveu, em 1884, em outra obra, intitulada *Le Colonie Agricole italiane della Provincia di Rio Grande Del Sul Del Brasile all'esposizione nazionale di Torino*, que a escola da professora Adele Lazzari in Bianchi “[...] era particular e que havia começado funcionar em 1884 e possuía 25 alunos de ambos os sexos”. (CORTE, 1884, p. 10; tradução nossa).

No relatório do cônsul Edoardo Campans di Brichanteau publicado pelo *Ministero degli Affari Esteri*, nada há sobre escolas existentes na capital, mas lembrou de que “em cada cidade ou centro com alguma importância não falta nunca o professor ou os professores de música e de canto”. (BRICHANTEAU, 1893, p. 111; tradução nossa). Todavia, na carta da professora Cesira Lazzarini, leu-se que foi com Brichanteau que ocorreu a abertura da “primeira escola italiana mista” e que o cônsul Gherardo Pio di Savoia havia fundado outra escola pouco depois:

---

<sup>53</sup> Com relação à América-Latina, no relatório *Scuole italiane all'estero durante l'anno scolastico 1880-1881* (p.100) somente aparece a cidade de Buenos Aires, na Argentina, como tendo escolas subsidiadas, com um total de 893 alunos, 18 professores e com “resultados ótimos”.

Há quarenta e cinco anos no Brasil, há nove anos viúva e sem filhos, sempre ensinando o italiano. Bem ou mal remunerada, muitas vezes gratuitamente (escola noturna e dominical), mas sempre com amor e com o vigor que existe na nossa raça e com o desejo vivo de fazer conhecer melhor e honrar nossa cara e jamais esquecida pátria. Da primeira escola mista italiana em Porto Alegre iniciada pelo cônsul Compans de Brichanteau, fui escolhida como professora. Depois com o régio cônsul Gherardo Pio di Savoia que fundou outra, fui madrinha. Ensinei dez anos na *Vittorio Emanuele II* e seis anos na *Umberto I* recebendo sempre aplausos e jamais humilhações.<sup>54</sup> (Tradução nossa).

Angelo Dall'Aste Brandolini, cônsul em Porto Alegre de 1894 até 1895, queixou-se sobre a falta de instituições de beneficência e de instrução. Assim escreveu em seu relatório de 1899:

É de lamentar que não haja em Porto Alegre, capital do Estado, na qual pode-se contar com cerca de 6000 italianos, uma sociedade exclusivamente de beneficência e uma outra de instrução, as quais deveriam reunir os melhores elementos da colônia para estes nobilíssimos objetivos de ajudar os irmãos menos abastados e de manter viva a cultura e a educação italiana. (BRANDOLINI, 1899, p. 14; tradução nossa).

Angelo Legrenzi apresentou os dados escolares sobre o Rio Grande do Sul, tendo por base as informações dos agentes consulares:

**Quadro 6: Escolas subsidiadas pelo governo italiano no RS (1894)**

Sede	Número de escolas subsidiadas	Número de alunos
Porto Alegre	3	111
Pelotas	1	24
Caxias do Sul	13	474
Jaguari	2	37
Nuova Treviso	1	33
Silveira Martins	6	220
Encantado	2	78
Bento Gonçalves	5	196
Alfredo Chaves	5	156
Antônio Prado	2	82
Conde d'Eu	13	468
Barão do Triunfo	1	24
<b>Total</b>	<b>54</b>	<b>1903</b>

Fonte: LEGRENZI, Angelo. L'emmigrazione nello Stato di Rio Grande Del Sud. In.: **Bollettino del ministero degli affari esteri**. Roma: Tip. Dell'Unione Cooperativa Editrice, 1896.

<sup>54</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. CESIRA LAZZARINI, 9/08/1934. Maço 785. A partir da carta de Cesira Lazzarini, o autor suspeita que tenha havido uma confusão de nomes no *Cinquantenario* (1925, p. 398; primeira parte) quando este refere o nome da professora Cesira Pellizzari, julgando ser, na verdade Cesira Lazzarini. Ainda fica para ser melhor investigado o nome da professora Adele Lazzari da escola mista a qual Pascale Corte se referiu.

Legrenzi registrou que, em 1894, havia, em Porto Alegre, três escolas étnicas, totalizando 111 alunos. Ainda informou que, em 1893, encontrara, no Estado, 1.503 italianos; destes, 732 sabiam ler e escrever e 771 eram analfabetos. Quanto às três escolas subsidiadas em Porto Alegre, pode-se afirmar que uma delas era a *Scuola Principessa Elena di Montenegro*, mantida pela sociedade homônima. A segunda parece se tratar da escola feminina, de iniciativa particular, localizada no Campo Bom Fim, na qual lecionava a professora Adele in Bianchi, como visto. Pode-se inferir, ainda, que Legrenzi estaria se referindo às iniciativas escolares fundadas por Brichanteau e Pio di Savoia, conforme relatara Cesira Lazzarini. Não foi possível avançar na investigação sobre a afirmação de Legrenzi.

Na sequência do relatório, Legrenzi passou a descrever o empenho do governo quanto à instrução dos compatriotas, apontando que este subsidiava muitas escolas, bem como orientava quanto ao programa educacional.

O governo régio concede para a instrução italiana neste Estado a soma de 12 mil liras italianas anuais, e com isso são subsidiados 53 professores, para várias escolas de classe elementar espalhadas em toda a jurisdição consular. Além disso, o governo envia anualmente uma leva de textos escolares os quais sob os trâmites dos agentes são distribuídos entre os alunos mais necessitados das nossas escolas. Elas são supervisionadas pelos agentes, com frequentes visitas, e pelas sociedades de beneficências locais; cada professor deve, periodicamente, prestar contas ao régio consulado do andamento da escola a ele confiada. Os subsídios aos professores são pagos semestralmente e a cada vez a soma total é dividida em duas partes: uma parte, dois terços e um terço. Os dois terços são distribuídos em parte iguais indistintamente entre todos os professores como subsídio fixo; o outro terço, ao invés, é dividido na proporção do número total de estudantes, e cada quota é dada ao atente, o qual, de acordo com a sociedade de beneficência e com a aprovação do consulado, cede mais como prêmio àquele ou àqueles professores de seu distrito, que na sua respectiva escola obtiveram melhores resultados durante o semestre. **São destinados subsídios governamentais somente aos professores que tenham a escola aberta ao menos a um ano, ensinam em língua italiana, enviam ao régio consulado relatórios periódicos e tenham tido no ano uma frequência superior a dez alunos.** Nas escolas subsidiadas, o ensino é dado exclusivamente em italiano sobre as seguintes matérias: **leitura e escrita, gramática italiana; primeiras operações de aritmética; história, especialmente italiana; geografia italiana; geografia americana.** Na inscrição dos alunos, não se considera nem a nacionalidade e nem a religião. Além dessas, existem em vários centros habitados outras escolas que são subsidiadas e mantidas pelos compatriotas ou pelas sociedades filantrópicas. Elas seguem, em grande parte, os programas escolares do reino. (LEGRENZI, 1896, p. 86-87; tradução e grifo nossos).

Legrenzi apontou uma característica da escola étnica italiana: o ensino em língua italiana, o que se observará nas escolas *Umberto I* e *Principessa Elena di Montenegro*.

Em meio aos relatórios redigidos pelos cônsules até o ano de 1900, o relatório supracitado foi o que mais detalhadamente informou o programa de ensino costumeiramente utilizado. Tratava-se de um programa para as escolas elementares, e as exigências para serem atendidas com subsídios se mostraram bastante claras, a começar pelo idioma em que as lições eram ministradas: o italiano.



Figura 11: Sede do Consulado<sup>55</sup> Italiano em Porto Alegre (1930)  
Fonte: Bartolotti (1930, p. 437).

<sup>55</sup> Segundo o senhor Zacarias, arquivista do Consulado Geral da Itália no Rio Grande do Sul, na antiga sede da Marechal Deodoro, havia um subsolo o qual encheu de água estragando muito material do arquivo do consulado. Os sucessivos endereços do consulado Geral da Itália, segundo o que se pôde apurar, foram: Rua Duque de Caxias, 202, Ano de 1920; Rua da Praia, 766 (até 1969); Praça Marechal Deodoro, 134 (de 1969 até 2005); Rua José de Alencar (atual); Rua dos Andradas, 766, Ano de 1928; Rua Marechal Deodoro, 44, Ano de 1934.





Figura 12: Sede do Consulado Geral da Itália no Rio Grande do Sul (1969)<sup>56</sup>  
 Fonte: Arquivo Histórico do Consulado Geral da Itália no Rio Rio Grande do Sul.

O cônsul Ciapelli, no relatório de 1905, destacou que, nos centros, e isso inclui Porto Alegre, o governo brasileiro ampliava o número de instituições de ensino, mas, mesmo assim, julgou ser importante a abertura de mais escolas italianas para dar conta de toda a necessidade.

O Governo aumenta o número de escolas, mas não pode atender às necessidades de todos os centros, nem os professores estão, por causa da diferença de língua e de índole, em condição de melhorar as condições intelectuais e morais do ambiente. Seria interessante, portanto, fundar escolas italianas e trazer da Itália professores honestos e capazes, aos quais se poderia confiar também as funções de agentes consulares, contribuindo assim também para a proteção dos concidadãos além da sua instrução. Foi feita experiência neste sentido a qual deu bons resultados; parece que foi decidido levá-la a outras localidades. Seria utilíssimo também fundar escolas para crianças. (CIAPELLI, 1905, p. 954).

O cônsul Ernesto Ciapelli, em relatório de 1901<sup>57</sup>, afirmou que a imigração italiana tinha um caráter permanente e que as colônias urbanas de Rio Grande, Pelotas, Bagé, Santa Maria, Uruguaiana tinham cerca de 15.000 italianos e que “Porto Alegre deve ter outro tanto”. (CIAPELLI, 1901, p. 57).

Ciapelli apresentou um retrato da questão econômica das colônias,

<sup>56</sup> O prédio sediou o consulado de 1969 a 2005, existindo ainda hoje em bom estado de conservação, próximo à Catedral Metropolitana.

<sup>57</sup> Serviu-se da tradução do Relatório de Ciapelli dos anos de 1901 e 1905 e da tradução do Relatório Consular de 1905 e 1908 do cônsul De Velutiis, realizadas pelo professor Paulo Zugno da Universidade de Caxias do Sul. As traduções, infelizmente, ainda não foram publicadas.

salientando que, em todas as colônias urbanas, havia muitos operários, como: pedreiros, carpinteiros, sapateiros, mecânicos, cuja remuneração diária variava entre 5 a 10 mil réis. Todavia, salientou que o custo de vida por pessoa podia ser calculado em 100.000 réis por mês. “Porém, de dois anos para cá, por causa da grave crise econômica, o trabalho tornou-se escasso e há muitíssimos operários desempregados”. (CIAPELLI, 1901, p. 58). Aliado a esse triste quadro, ele completou que **“a instrução é pouca e descuidada. Na realidade há muitas escolas mas todas em condições didáticas e financeiras pouco satisfatórias”**. (CIAPELLI, 1901, p. 58; grifo nosso). Em outro relatório de 1905 (p. 879), comparando as escolas germânicas com as italianas, salientou que “do ponto de vista intelectual, também, as colônias alemãs progridem pouco e suas escolas, com exceção feita às dos centros maiores, estão mais ou menos nas mesmas condições das nossas, isto é, pouco satisfatórias”. (CIAPELLI, 1905, p. 885). Isso bem ilustra a dificuldade dos pais em enviar seus filhos para a escola e a necessidade de fazer eventos para ajudá-las. Ciapelli traçou o panorama escolar do Estado e da capital:

O território do Estado está dividido em sete circunscrições escolares, tendo cada uma, na chefia, um inspetor. Na capital há um inspetor geral. As escolas públicas elementares são 903, estando em funcionamento atualmente 780, com uma população estudantil de 34.639 alunos. Nos últimos anos, foram criados nas principais cidades institutos de ensino primário complementar (colégios distritais), e em Porto Alegre funciona uma escola normal. Há também um ginásio público, uma escola de engenharia, uma de medicina e a Academia de direito. Existem muitas escolas particulares espalhadas por todo o território do Estado, nas quais é ministrada a instrução primária e secundária. Calcula-se que, em 1901, foram frequentadas por 18.825 alunos. (CIAPELLI, 1905, p. 885).

No mesmo relatório, Ciapelli, quando se referiu às escolas da capital, salientava que, no Rio Grande do Sul, existiam 40 sociedades italianas:

Existem cerca de 40 sociedades italianas, as quais têm como finalidade principal a assistência mútua. Algumas mantêm escolas e, dentre estas se destacam a Sociedade *Principessa Elena di Montenegro*, e *Palestra Umberto I*, na capital. [...] A sociedade *Principessa Elena di Montenegro* tem uma pequena casa que lhe serve de sede e também é utilizada para a escola. (CIAPELLI, 1905, p. 917-918).

A Sociedade *Principessa Elena di Montenegro* só inauguraria sua sede, com amplo espaço tanto para as aulas elementares como para a Escola de

Música, em 1908, como visto no capítulo 1.

O cônsul De Velutiis especificou em seu relatório de 1908 sobre a origem dos italianos residentes no Rio Grande do Sul. Na sua descrição, como já comentado, há a ocorrência de moraneses. Estes desenvolveram suas atividades fortemente vinculadas à Sociedade *Principessa Elena di Montenegro*. Atualmente, a maioria dos 120 sócios da Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul é descendente de moraneses. Estes, vindos da região da Calábria, formavam um grupo expressivo dentro da comunidade porto-alegrense. A Calábria, como afirma Constantino (1991, p. 79), “[...] teve sempre a primazia do analfabetismo na Itália”. Porém, Porto Alegre acolheu italianos vindos de várias partes, como observou De Velutiis.

Os agricultores italianos que continuam a imigrar para o Rio Grande provêm, em geral, do Vêneto (de Vicenza, principalmente, além de Treviso, Belluno e Udine), do Friuli, de algumas províncias Lombardas (Mantova, Cremona e Bréscia); os operários e pequenos comerciantes e industriais, além das citadas localidades, são originários da Toscana (Lucca), da Romagna e de algumas províncias meridionais (Salerno, Avelino, Potenza, Consenza e, especialmente, do município de Morano Calabro, que conta, neste Estado, com setecentos a oitocentos indivíduos que trabalham como açougueiros, merceeiros, tendeiros, ambulantes, revendedores de frutas, pequenos negociantes, sapateiros, médicos, farmacêuticos. (DE VELUTIIS, 1908, p. 304-305).

Ainda sobre as escolas, De Velutiis relatou que:

São numerosas as escolas italianas no Rio Grande do Sul. Somente nas colônias de Caxias, Bento Gonçalves, Guaporé, Antônio Prado, Alfredo Chaves e Garibaldi, há cerca de cinquenta e cinco, além de quatro em Porto Alegre, uma em Pelotas, uma em Bagé e outras em Silveira Martins, Jaguari, Vila Rica, Cruz Alta, etc. **Pode-se calcular em 80 o número de escolas, entre grandes e pequenas, todas elas providas de livros e material escolar.** Nos centros urbanos e nas sedes das colônias rurais, essas escolas são mantidas pelas Associações italianas, ou melhor, surgem sob seus auspícios. No mínimo são as associações que fornecem o local e os móveis e utensílios necessários. Nas colônias entre as linhas que não contam com escolas brasileiras, os nossos compatriotas procuram sustentar, às próprias custas, uma pequena escola para os filhos, confiando-a a algum colono mais instruído do lugar. Existem, também, algumas associações de fabriqueiros de várias igrejinhas das Linhas, que se esforçam em manter abertas as pequenas escolas italianas. Em geral, pode-se afirmar, com uma certa satisfação, que os nossos compatriotas tem amor à sua escola italiana. Mas os sacrifícios que eles fazem não são suficientes e têm que lutar com grandes dificuldades para conceder uma remuneração, para eles sempre pesada, aos professores que são mais pobres do que eles. **Afora poucas, a maior parte das nossas escolas tem uma vida difícil.**

Elas atravessam, enfim, neste momento, um período muito crítico. Por um lado, a crise econômica, agravada pelas recentes calamidades, colocou muitos colonos numa situação de miséria. Por outro lado, soma-se a isso a invasão de congregações francesas que, expulsas de seu país, vieram refugiar-se neste Estado, instalando nas colônias escolas para ambos os sexos, as quais fazem grande concorrência às nossas, porque admitem gratuitamente os alunos pobres, cobrando apenas dos que podem pagar. **De acordo com a sua importância, disciplina e método, são dignas de destaque as três escolas dirigidas pelos professores agentes em Bento Gonçalves (Escola Petrocchi), em Porto Alegre (Vittorio Emanuele III) e em Pelotas (Escolas das Sociedades Reunidas), as quais podem servir de modelo às outras.** Os dois mestres agentes que moram em Porto Alegre e em Pelotas, foram agora transferidos para Caxias e Santa Maria, onde fundaram outras duas escolas. (DE VELUTIIS, 1908, p. 344-346; grifo nosso).

Sobre as sociedades italianas e as escolas, De Velutiis destacava as quatro escolas existentes na capital:

As sociedades italianas são mais de quarenta. Seu objetivo geralmente é o auxílio mútuo, proporcionando aos sócios doentes e, algumas vezes, às suas famílias, o médico e os medicamentos, além de um pequeno subsídio em dinheiro. Há outras que mantêm escolas italianas, como a **Umberto I, a Elena di Montenegro, a Vittorio Emanuele III e a Giovanni Emanuel**, em Porto Alegre, as Sociedades reunidas de Pelotas, a *Principe di Napoli* de Caxias, etc. Outras, enfim, têm como finalidade o lazer, apresentações teatrais, festas, ou fundam bandas de música. Outras, com a finalidade de assistência recíproca, são focos de italianidade, competindo na comemoração de festas patrióticas e no empreendimento de iniciativas filantrópicas. Frequentemente, onde não há o representante do Régio Governo, eles procuram os direitos aviltados de algum compatriota. (DE VELUTIIS, 1908, p. 346; grifo nosso).

De Velutiis, em relatório de 1908, fez um balanço da situação das escolas italianas no Rio Grande do Sul, esclarecendo as condições de escolarização da época. Nele, observou o grande número existente de escolas italianas no Estado e que “somente nas Colônias Caxias, Bento Gonçalves, Guaporé, Antonio Prado, Alfredo Chaves e Garibaldi há cerca de cinquenta e cinco, além de haver quatro em Porto Alegre, uma em Pelotas, uma em Bagé e outras em Silveira Martins, Jaguari, Vila Rica, Cruz Alta, etc”. (DE VELUTIIS, 1908, p. 344). Assumindo postura otimista, calculava em 80 o número de escolas e afirmava estarem providas de livros e de material escolar, ressaltando que “[...] nossos compatriotas tem amor à sua escola”. (DE VELUTIIS, 1908, p. 346).

O recebimento de subsídios, como visto no relatório de Legrenzi (1896),

é corroborado por Scalabrini:

[...] quase todas [escolas] elementares, são mantidas e administradas, como já explicado, por comitês especiais, pelas sociedades de mútuo socorro ou beneficência, por particulares ou congregações religiosas e do governo, por isso o Ministério das Relações Exteriores, paga subsídios anuais ou também subsídios extraordinários para elas, seja em dinheiro, seja em livros ou material escolar. (SCALABRINI; RIZZARDO, 1979, p. 7).

Para as escolas serem subsidiadas, precisavam aceitar que agentes consulares, cônsules ou outras pessoas nomeadas para a função (médicos, padres...) pudessem inspecionar a escola. No *Regolamento per le Scuole Italiane all'estero* de 1915, pode-se ver que, para esses educandários poderem receber, havia as seguintes exigências:

Podem obter um subsídio as escolas coloniais, privadas ou confessionais, quando: se conformam com os programas e com a escolha de livros de texto disponíveis pelos Ministérios; fazem feriado nos dias de festa civis [...], aceitam a alta vigilância dos agentes régios e admitem a visita dos inspetores governamentais. (REGOLAMENTO DE 1915, artigo 159, p. 36; tradução nossa).

As escolas buscavam fontes para sua manutenção. Inúmeras vezes, lançavam mão de apresentações artísticas com vistas a angariar fundos. Um exemplo, entre tantos, é o que se vê:

No São Pedro, realizar-se-á sábado próximo um festival em benefício das escolas italianas existentes nesta capital, promovido pelas sociedades *Giovanni Emanuel*, *Umberto I*, *Principessa Elena di Montenegro* e com o concurso do *Circolo Filarmonico Italiano*. (A FEDERAÇÃO, 10/08/1903, p. 2).

Em 1905, no jornal *A Federação*, vê-se mais uma notícia sobre as atividades ocorridas em prol da manutenção das escolas étnicas da capital.

Em benefício da escola italiana dependente das sociedades *U. M. Vittorio Emanuele III*, *Principessa Elena di Montenegro* e *Giovanni Emanuel*, realizou-se ontem um espetáculo nos grandes salões da sociedade *M.S. Vittorio Emanuele II*. A direção da festa coube ao artista Fortunato Formiggini. Foram representados o drama em três atos *La macchia di sangue*, a farsa em um ato *Il numero fatale*, com bom desempenho. (A FEDERAÇÃO, 08/05/1905, p. 8).

Observa-se que a comunidade italiana de Porto Alegre, ou ao menos

um grupo de pessoas ligadas às sociedades italianas, era cioso pelas escolas. Além disso, percebe-se que os eventos relacionados implicavam num conjunto das escolas existentes, o que demonstra proximidade entre elas. Se não havia uma unidade curricular até meados da década de 1930, como afirmava Colnaghi, ao menos constatou-se uma boa relação de ajuda mútua e parceria.

O Quadro 7 objetiva completar a relação de cônsules que atuaram em Porto Alegre além do já referido por Iotti (2010). O referido quadro carece de complementos e de exatidões<sup>58</sup>, tendo sido compilado a partir das leituras variadas, nas quais encontraram-se as referências ao consulado, aos cônsules e aos regentes.

**Quadro 7: Cônsules italianos no Rio Grande do Sul (1908-1950)**

<b>Cônsules</b>	<b>Período de exercício</b>
Giovanni Battista Beverini	De 17/09/1908 a 27/06/1917
Sylvio Camerani	De 1917 a 11/02/1918
Gualtiero Chilesotti	De 11/02/1918 a 26/08/1918
Attico Carnelutti	De 19/12/1918 a 01/04/1919
Massimo Goffredo	De 27/04/1920 a 21/08/1923
Giulio Bozano (vice-cônsul regente)	De 1920 a 1933
Luigi Arduini	De julho de 1924 a 27/07/1925
Manfredo Chiostri	De fevereiro de 1928 a fevereiro de 1932
Giacomo Ungarelli (vice-cônsul da Itália em Florianópolis)	1932 (transitório: apenas um mês)
Mario Carli	De março de 1932 a março de 1934
Americo Gigli (vice-cônsul regente)	De 1934 a 1935
Guglielmo Barbarisi	De 24/03/1934 a maio de 1937
Gaetano Annella (vice-cônsul regente)	1935
Santovicenzo Magno	De maio de 1937 a 1942
Attilio Bollatti	De 1946 a 1950

Fonte: *Cinquantenario* (1925); jornais *Correio do Povo* e *A Federação*; Arquivo do Consulado Geral da Itália em Porto Alegre; ASMAE.

Com as reformas no corpo diplomático propostas pelo fascismo, esse segmento que antes cumpria atividades burocráticas e administrativas passou a

<sup>58</sup> Em alguns casos, somente foi possível identificar os meses em que os cônsules e regentes ocuparam os cargos e, em outros, somente o ano. Não foi possível precisar qual o último ano de atuação de Santovicenzo Magno. Documentos do ASMAE registram sua atuação em Porto Alegre ainda em 1942. Quanto a Attilio Bollatti, não foi possível identificar precisamente o ano inicial e final de sua atuação. Os anos referidos consideram documentos assinados por ele nesse período. No ASMAE, não foi localizado material organizado que refira, adequadamente, esses períodos e os respectivos diplomatas aqui apresentados.

assumir, também, atividades propagandísticas, tendo na difusão política do fascismo uma de suas principais (senão a principal) funções. Assim, os representantes diplomáticos do governo italiano em território brasileiro tornaram-se importantes agentes políticos do fascismo, como afirma Bertonha (2001a) e Marmentini (2014). Esta investigação, no quarto e quinto capítulos, buscará analisar essa influência no processo escolar.

## 2.2 “SEREI OBRIGADO A SUSPENDER O FORNECIMENTO DE MATERIAL À ESCOLA”

*“Não é assim que a Itália conseguirá conservar viva a chama do patriotismo e da nossa língua no seio das grandes coletividades italianas neste país. Como as vestais conservam o fogo sagrado, assim as escolas conservam o sentimento da pátria. Os esforços do Governo vão e vem, sempre miseravelmente perdidos até que ele se decida abandonar o atual sistema burocrático.”*

(STELLA D'ITALIA, 08/01/1903, p. 1)

O apoio do governo italiano às escolas no Rio Grande do Sul ocorria através da atuação dos cônsules e agentes. Ao cônsul, então, cabia a definição dos recursos. Na sequência desta investigação, será abordado um episódio que revela, entre outros, um aspecto das relações entre súditos, cônsul e a questão escolar.

Em 07 de dezembro de 1902, à página um do *Stella*, Colnaghi escreveu um artigo contrapondo uma informação do jornal *Corriere Italiano*, “um jornal coirmão”, que atribuía ao cônsul Ciapelli, basicamente, a vida das escolas italianas, bem como o elogiava pelos bons resultados por elas atingido. O articulista do jornal *Corriere Italiano* baseava-se nas informações contidas no relatório de Angelo Scalabrini, “[...] inspetor geral das escolas italianas no exterior de 1896 a 1911”. (SALVETTI, 2009, p. 543). Descontente com a posição do articulista e com reservas à participação do cônsul no apoio às escolas e sabedor da situação delas, assim se referiu:

Deixando de lado tudo o que se refere às escolas de Caxias, Jaguari, Antônio Prado, Lajeado, Estrela, Garibaldi, etc. [...] não podemos admitir e calar sobre o que se refere à escola *Principessa Elena e Umberto I* [...]. **A pretensiosa declaração que atribui ao cônsul Ciapelli a vitalidade destas duas aulas de ensino é essencialmente inverídica.** Tanto uma como a outra existiam muito tempo antes que o atual régio representante tivesse nascido! Elas foram fundadas com o concurso das duas sociedades das quais levam o nome; sociedades fundadas por honestos trabalhadores e pais de família os quais carregaram nos ombros com sacrifícios para mantê-

las e consolidá-las [...]. É por conta desses que as escolas vivem e viverão, não pela ajuda de nosso cônsul. Estes, é verdade, distribuem muito material escolar enviado pelo pátrio governo; mas isso não é suficiente para criar-lhe uma áurea de glória. É simplesmente e puramente um dever. Ora, cumprir um dever não é, especialmente para um funcionário público, e nunca foi um título benemérito! [...] Se o senhor Ciapelli [...] fosse amigo das escolas, ele as visitaria espontaneamente e repetidas vezes como o fizeram seus predecessores [...] Ambas as escolas estariam mortas e sepultadas se dependessem da régia proteção do senhor Ciapelli. O único orgulho que o régio cônsul pode investir-se é de ter fundado a Escola Patronato, nobre tentativa na verdade, mas cujo fechamento revela patentemente a sua inabilidade de seus esforços e de seus amigos. Quando o socorro do pobre lhes exigiu, os ricos lhes fecharam as portas. Os pobres apenas têm em alta a bandeira; homens de coração, úteis, modestos, não movidos pela ambição mas unicamente pelo desejo de cumprir um nobre e santo dever. **A esses somente aos seus sacrifícios e ao seu patriotismo devemos a vitalidade destas escolas, não à árida proteção do cônsul.** (STELLA, 07/12/1902, p. 1; tradução e grifo nossos).

Na edição de 08 de janeiro de 1903, Colnaghi escreveu a matéria *O grave problema das escolas italianas em Porto Alegre*, em que é peremptório na análise sobre elas, não poupando críticas ao governo e, particularmente, ao seu representante:

Um erro do nosso governo, e muito grave, é, pois, aquele de nomear os cônsules antes de tê-los feito passar por uma triagem. Em seu conceito, cada cônsul é talhado para todos os países; a preocupação que este homem possa ser útil ou nefasto aos interesses italianos aos quais é chamado a cuidar não o move. Um Consulado está vacante; bem, o primeiro cônsul que o [governo] dispõe é enviado a ocupar o posto, pouco importa que ele seja ou não idôneo. No nosso caso, vejamos os efeitos deste condenável procedimento: **às portas do Consulado da Itália ocorrem dois exames finais; de uma das escolas o titular é presidente honorário; e ele não se mostra e nem permite que os outros o representem. Sem direção, sem apoio moral, desanimados, é muito difícil para os entes que sustentam as escolas se [o governo] não envia a aquele país o governo e quem o representa.** Não é assim que a Itália conseguirá conservar viva a chama do patriotismo e da nossa língua no seio das grandes coletividades italianas neste país. Como as vestais conservam o fogo sagrado, assim as escolas conservam o sentimento da pátria. Os esforços do Governo vão e vem, sempre miseravelmente perdidos até que ele se decida abandonar o atual sistema burocrático. (STELLA, 08/01/1903, p. 1; tradução e grifo nossos).

Dentro do período de análise do jornal (1902-1904), situou-se a atuação do cônsul italiano Ciapelli. Na edição de 19 de fevereiro de 1903, Colnaghi criticou o cônsul por fazer um abaixo assinado contra o jornal. Colnaghi iniciou o seu artigo afirmando que “[...] por graça do governo e por desgraça da colônia,



Ciapelli, autorizando o protesto contra o *Stella* não faz mais do que expor sua nulidade”. Continuou afirmando que estava convencido da “incapacidade do cônsul”, sendo um dever da imprensa honesta e independente insurgir-se contra os que abusam do poder.

É dever da imprensa insurgir-se contra os homens os quais, investidos de qualquer poder, abusam covardemente [...]. A Itália, graças aos céus, tem abundância de funcionários capazes, enérgicos e corajosos, e o Rio Grande do Sul não os ignora. Não será, portanto, crime culpar um cônsul que, por força de um disparate, fraquezas, perdeu a confiança da colônia tendo merecido nos círculos políticos o epíteto de cônsul bom e inútil. (*STELLA*, 19/02/1903, p. 3; tradução nossa).

Na edição de 26 de abril de 1903, um leitor de Santa Maria, cujo nome não é apresentado, enviou uma carta na qual constava um elogio ao empenho de Colnaghi quanto ao incentivo às escolas italianas, criticando, novamente, a desatenção do cônsul Ciapelli com relação às escolas. O texto foi taxativo quanto à atuação do representante e saiu em defesa de Adelchi Colnaghi, salientando a desorganização colonial:

É ruim, porém, que este nobre zelo, este santo dever seja percebido por poucos, pois a cultura da língua pátria e a educação moral dos nossos filhinhos deveria ser sentida como uma necessidade imperante de nossa vida coletiva, para a qual cada um deveria contribuir na medida de suas próprias forças intelectuais. Ao contrário disso, ocorre sempre o esforço de poucos que se comprometem e, normalmente ele é ridicularizado por muitos. Não se desencoragem, porém, os bons; não se desencoraje o senhor diretor de propagandear pelas escolas italianas de levar para dentro das aulas de ensino a palavra auxiliadora. Ainda que o representante da pátria não cuide do desenvolvimento das escolas italianas, façamos nós, com disposição! É lamentável, porém, que esta indiferença de muitos seja um sintoma triste de nossa desorganização colonial. (*STELLA*, 26/04/1903, p. 3; tradução nossa).

Em 29 de abril de 1903, à página um, com o título *Scuole Italiane a Porto Alegre*, Colnaghi apresentou a situação das escolas italianas em Santa Catarina e atribuiu o desenvolvimento delas “[...] à iniciativa patriótica do régio cônsul, à propaganda constante e iluminadora de alguns voluntários e ao sacrifício discreto e nobre da colônia que tornou possível o milagre”. Concluiu o artigo com a reprodução, na íntegra, da matéria do jornal *La Patria*, de Urussanga, Santa Catarina, que descrevia os avanços da escola italiana naquele Estado.

Na edição de 14 de maio de 1903, por ocasião do terceiro aniversário

da *Scuola Umberto I*, cuja festa foi descrita em pormenores e com entusiasmo, leu-se uma grave acusação de não patriotismo por conta de Ciapelli. Ela foi motivada por sua ausência na comemoração do aniversário.

É na verdade deprimente e escandaloso ver um régio cônsul, representante oficial do nosso país, se ausentar de festas as quais todos consideram nota de grande patriotismo. Se o senhor cônsul dividisse os sentimentos da massa operária, se em seu coração vibrasse uma só fibra de amor pátrio, se o tremular das três cores fosse caro a ele, se o bem da colônia fosse mais do que uma mera utopia, passando sobre a mesquinhez pessoal desceria junto aos seus compatriotas e dividiria com eles as alegrias e as dores. [...] **As escolas Umberto I e Princesa Elena subsistem apesar do abandono do senhor Ciapelli**, enquanto o Patronato por ele fundado morre na indiferença geral. Este último era sustentado pelos ricos; aquelas duas pelos pobres. Sob a blusa do operário há mais coração do que sob a casaca do opulento! [...] a pátria exultará e nós teremos o imenso orgulho de termos cumprido um santo dever. (STELLA, 14/05/1903, p. 1; tradução e grifo nossos).

Na edição de 02 de julho de 1903, pode-se ver descrita a solenidade de aniversário da *Scuola Princesa Elena*, que completava quatro anos. Colnaghi elencou os participantes e os pedidos de desculpas enviados por alguns convidados por não poderem participar da festa. Quanto ao cônsul Ciapelli, sendo um dos convidados, não se fez presente e nem se fez representar na solenidade. A indignação de Colnaghi foi nítida e, assim, publicou-se na mesma edição:

[...] quanto ao cônsul Ciapelli, surdo a qualquer preceito de etiqueta não se apresentou e nem se desculpou! Questão de delicadeza! [...] se um dia as duas únicas escolas que por enquanto temos forem fechadas, toda a nossa geração estará perdida inteiramente e a nossa pátria poderá considerar-se selvagem. (STELLA, 2/07/1903, p. 1)

Na edição de 09 de agosto de 1903, foi publicada a nota da *Sociedade Vittorio Emanuele II*, assinada pelo seu presidente Giovanni Berutti e endereçada à direção do jornal, a qual solicitava que fosse retirada do cabeçalho a inscrição que indicava o apoio dado por ela ao jornal, considerando que este envolvia em polêmicas, frequentemente, o régio representante. Leu-se que, na última assembleia geral da benemérita Sociedade *Vittorio Emanuele II*, esta “[...] deliberou, pela maioria dos votos, que o seu jornal (até então muito apreciado) não deve mais continuar sob os auspícios deste benemérito sodalício, em consideração às polêmicas suscitadas entre seu jornal e o régio

cônsul”. (STELLA, 09/08/1903, p. 1; tradução nossa).

Na mesma edição, ainda na primeira página, propositadamente, Colnaghi estampou uma carta do presidente da Sociedade *Principessa Elena di Montenegro*, Pietro Bonotto, exaltando e agradecendo ao jornal “[...] pelo serviço grandioso que presta à associação” encorajando-o a “[...] perseverar na eficaz propaganda que nobremente desenvolve no nome dos princípios sociais para o bem de todas as sociedades e da coletividade italiana”. Colnaghi, sabedor da polêmica que suscitara, expôs, na mesma edição, as duas missivas sob o título: *Dois pesos e duas medidas: pró e contra o Stella d'Italia. Onde está o bom senso?*

Comentando a carta de Bonotto, Colnaghi acenou para o efeito reagente e neutralizador das cartas em meio às acusações a quem “[...] apenas quer manter o bom nome italiano”. Nas breves palavras de Bonotto, Colnaghi leu “[...] um incitamento a continuar no caminho proposto, a vencer o desânimo e a domar o ressentimento contra os ingratos”. (STELLA, 09/08/1903, p. 1; tradução nossa).

Quanto à Sociedade *Vittorio Emanuele II*, Colnaghi lamentou que esta retirasse seu apoio, considerando que o jornal sempre colaborou na divulgação de seu nome para o bem da colônia. Utilizando-se de um jogo de palavras, afirmou que o que mais doía e o entristecia “[...] é que [a *Vittorio Emanuele II*] defenda um homem que **como cônsul não consola ninguém**, que não vê que ele atíça o ódio e a vingança, de poucos, contra o *Stella d'Italia* e seus redatores”. (STELLA, 09/08/1903, p. 1; tradução e grifo nossos).

As duras palavras dirigidas ao cônsul, no conjunto das publicações, e aqui referidas somente algumas, levou Ciapelli a endereçar uma carta à Sociedade *Umberto I*, apoiadora do *Stella*, na qual, em tom ameaçador, propôs retirar o apoio dado a *Scuola Umberto I*, sua mantida, com relação ao fornecimento de material. O jornal, na edição de 26 de novembro de 1903, estampou a carta do cônsul enviada ao presidente da sociedade, senhor Antonio Mondin.

Porto Alegre, 19 de outubro de 1903. Ilustríssimo senhor.

A sociedade por vossa senhoria presidida tem sob seus auspícios o Jornal *Stella d'Italia*, cujo comportamento torna-se cada dia mais inconveniente com relação a mim. Estou na dolorosa necessidade de dever comunicar que, se o nome da sociedade continuar a figurar

naquele periódico, **serei obrigado a suspender o fornecimento de material à escola ligada à associação**. É de fato evidente que o régio governo não pode subsidiar um instituto dependente de um sodalício o qual, de certo modo, se faz solidário às injúrias que aquele jornal lança contra um funcionário seu com tal descaramento, justificado apenas pela impunidade a qual julga gozar. Conforme a necessidade, e espero que isto não venha acontecer, comunicarei ao Régio Ministério das Relações Exteriores esta minha deliberação. Queira, ilustríssimo senhor, aceitar de bom grado o sentido de minha observação. Régio cônsul: E. Ciapelli. (STELLA, 26/11/1903, p. 1; tradução e grifo nossos).

A que material e subsídios Ciapelli se referiu? Kreutz e Luchese (2010) lembram que, além de livros enviados pelo governo italiano, também, uma quantia em dinheiro era endereçada às escolas administradas pelos cônsules e agentes consulares. Salientam, porém, que uma maior atenção às escolas étnicas e o envio de livros ocorreram no período do governo fascista de Mussolini, desencadeando a fascistização da educação (BERTONHA, 2001a; GIRON, 1994). De qualquer forma, fica evidenciado pela carta de 19 de outubro de 1903 que o consulado fornecia materiais para a escola mantida pela Sociedade *Umberto I*.

Colnaghi, em matéria do final de janeiro de 1904, foi contundente ao observar que a ajuda do governo italiano às escolas era irregular e nem sempre justa, além de que, na medida em que havia uma inconstância na manutenção dos textos, a formação ficava prejudicada. De certa forma, houve uma reclamação sobre a falta de homogeneidade do ensino, como pode ser visto na sequência.

O governo se contenta com o envio de, em períodos irregulares, material escolar, quase nunca correspondendo às reais necessidades; os cônsules, vice-cônsules ou seus representantes, encarregados da distribuição, procedem quase sempre motivados pela simpatia do que pelo sentimento de justiça e equidade. Assim sucede que em **muitas escolas faltam livros enquanto em outras possuem em abundância a ponto de fazer um comércio pouco louvável**. A contínua troca dos textos é por isso um mal gravíssimo, pois, em pouco tempo, as poucas aulas abertas estarão infestadas pela queda da educação [...]. (STELLA, 31/01/1904, p. 1; tradução e grifo nossos).



Figura 13: Cônsul Enrico Ciapelli

Fonte: *Cinquantenario* (1925, p. 405; primeira parte).

Em resposta à carta de Ciapelli e à sua ameaça, a sociedade enviou ao régio representante uma carta assinada por Antonio Mondin, seu presidente, com data de 21 de outubro de 1903. Ela foi publicada na edição de 26 de novembro de 1903, à página dois. Seu conteúdo queria rebater as afirmações do cônsul e expor a intenção de não atender ao pedido deste. Seus conselheiros, então, definiram que não retirariam o nome da sociedade do cabeçalho do jornal. Em oito “considerandos”, os conselheiros afirmaram sua posição. Aqui transcreveram-se algumas considerações redigidas pelo secretário Luigi Zuliani, professor da escola:

[...] O conselho expressa seu parecer de não atender ao que vossa excelência solicita, isto é, de ordenar ao senhor Adelchi Colnaghi, de tirar a Sociedade *Umberto I* da testada de seu jornal, também porque constam juntas no jornal outras sociedades mais antigas e quando essas quiserem retirar seus nomes do jornal, o conselho pensará o que fazer. [...] **E quanto a castigar essa sociedade (segundo vossa excelência) através da supressão do fornecimento do material escolar a esta escola [...] trata-se de um ato o qual serão vítimas muitas crianças as quais não têm culpa e nem pensam nisso que o senhor A. Colnaghi escreve contra vossa excelência e, por isso, o senhor não deveria fazê-lo.** (*STELLA*, 26/11/1903, p. 2; tradução e grifo nossos).

A carta finalizou salientando que outros assuntos importantes deveriam ser tratados e que, por ora, julgava prudente deixar a questão assim sem levá-la à frente, com o desejo de que a sociedade permanecesse neutra e de que os alunos não fossem prejudicados.

A Sociedade *Umberto I* reuniu-se em 17 de novembro e deliberou que uma comissão fosse falar com o cônsul “[...] encarregada de provocar uma

declaração do cônsul a respeito da ameaça e chegar a uma solução final”. (STELLA, 26/11/1903, p. 3; tradução nossa). A reunião com o cônsul e representantes da sociedade ocorreu no dia 18 de novembro. No dia seguinte, a sociedade reuniu-se para ouvir o resultado. Na mesma edição de 26 de novembro de 1903, Colnaghi publicou o relato da comissão aos membros da *Umberto I* a respeito do que havia acontecido na audiência com o cônsul.

[...] disse o relator que, tendo perguntado ao cônsul se a *Scuola Umberto I*, por ocasião dos próximos exames finais, seria possível ter uma parte dos livros que o régio ministério havia propositadamente enviado, obteve por resposta uma formal negação [...] que o cônsul privava a escola dos tais prêmios, porque a sociedade não quis anuir ao seu pedido de retirar o apoio ao *Stella d'Itália* [...] **que além de negar os livros** havia reenviado ao ministério 500 liras destinadas a construção da sede da associação e que a *Umberto I* depois do envio do ofício 18 (recebido pelo cônsul) poderia se considerar completamente abandonada por ele e pelo governo pátrio. (STELLA, 26/11/1903, p. 2; tradução e grifo nossos).

Segundo o relator, o cônsul estava inteiramente exaltado, não dando ouvidos às muitas observações razoáveis dos membros da comissão, pelo que ela resolveu retirar-se convencida de que ele “[...] estava cego na sua vontade de vingar-se sem a mínima noção do mal que daí derivava”. (STELLA, 26/11/1903, p. 2; tradução nossa). Depois do breve relato da comissão aos demais membros da sociedade, esta decidiu, por unanimidade, excluir o cônsul da relação dos sócios da *Umberto I*. Assim foi definido:

- a) A exclusão do senhor Ciapelli da relação dos sócios, pela falta de pagamento das cotas de 7 meses, tendo por base o estatuto vigente.
- b) A publicação dos ofícios trocados pelo cônsul e a associação no Jornal *Stella*.
- c) Publicação no mesmo jornal dos extratos das três reuniões dos conselheiros [...]. (STELLA, 26/11/1903, p. 2; tradução nossa).

No último relatório do cônsul sobre o Rio Grande do Sul<sup>59</sup>, escrito em 1905, não houve menção do episódio da sua exclusão da Sociedade *Umberto I* e nem daquele referente à negação do fornecimento de subsídios à escola.

Na edição de 06 de dezembro de 1903, Colnaghi retomou o texto que delatou o cônsul Ciapelli como não sendo ele o apoiador principal das escolas,

<sup>59</sup> Segundo Iotti (2001, p. 143), Ciapelli escreveu quatro relatórios sobre o Rio Grande do Sul: o primeiro em 1899, o segundo em 1900, o terceiro em 1903 e o último em 1905.

texto que deu origem à celeuma e convidava todos a manterem-se firmes na conservação dos educandários, pois esses eram “[...] o templo santo da moderna sociedade e se o cônsul Ciapelli nega, contra a razão, qualquer apoio moral ou material, não devemos nos alarmar. Depois da chuva vem a bonança. [...] **Eduquemos nossos filhos e conservemos as escolas**”. (STELLA, 6/12/1903, p.1; tradução e grifo nossos).

Nos exames finais da escola *Principessa Elena*, em 27 de dezembro de 1903, o cônsul não se fez presente, e as crianças receberam o *Atestato di mérito* (atestado de mérito), “[...] faltando a assinatura e o carimbo do cônsul Ciapelli por ter categoricamente rejeitado (de comparecer) mesmo sendo o presidente honorário da escola”. (STELLA, 3/01/1904, p. 1; tradução nossa). Igualmente, também, não se fez presente nos exames finais da *Scuola Umberto I*, em dezembro de 1903.

Em 12 de junho de 1904, à página um, Colnaghi escreveu um artigo em que explicitou que sua intenção primeira ao ter solicitado os auspícios das sociedades italianas era de levá-las ao campo da ação e tirá-las de “certa vida vegetativa”, na medida em que se limitavam ao círculo prescrito de seus estatutos. Assim, através do jornal, ele intencionou unir os movimentos isolados e até desorganizados, formando, com o concurso de todos os entes morais, um “possante mecanismo capaz de atrair para si todas as energias morais e materiais da nossa colônia” (STELLA, 12/06/1904, p. 1; tradução nossa) pois percebeu que, em comparação com os colonos alemães, muito faltava à coletividade italiana. Salientou que a perseguição oficial, embora não o tivesse feito abandonar o programa do jornal idealizado outrora, trazia sérios problemas às sociedades e, sobretudo, às escolas, a ponto de, também, à *Principessa Elena* ser negado o auxílio de materiais para sua escola. Considerou louvável o apoio das sociedades italianas ao seu jornal durante os insidiosos ataques, mesmo sofrendo reprimendas, exceto a *Vittorio Emanuele II* que se intimidou.

Colnaghi considerou importante que as sociedades voltassem a ter no representante do governo italiano seu patrocínio e acreditou ser melhor que fosse retirada a inscrição no cabeçalho do jornal com o nome das associações que o apoiavam “para o bem delas”.

Segundo Colnaghi, a ideia que o levou a colocar na capa do jornal a referência às sociedades, anunciando seus auspícios, não era para dar-lhe

autoridade, mas, muito mais, para que essas mesmas sociedades se organizassem, se conhecessem e tivessem, talvez, a partir do jornal, uma confluência de forças para seus propósitos. Colnaghi retomou elementos que compuseram a perseguição ao jornal, a justa defesa das escolas levadas a cabo pelo periódico e concluiu que a impatriótica campanha de difamação deste terminava exatamente no momento da partida do cônsul para outras terras. Julgou, então, que era hora de uma mudança.

Quarta-feira passada, o triste herói desta impatriótica campanha partia; no vapor Prudente de Moraes, entre aqueles que foram para *mandá-lo embora*, notava-se alguns dos pequeninos das duas escolas mencionadas, que, em troca do mal recebido, lhe davam flores... Com a partida, desaparecem todos os rancores e toda ira cessa! Todavia, com o aprendizado das lutas passadas, algumas perguntas acometem o espírito: podemos continuar sob os auspícios das nobres sociedades quando essas pagam caro preço pela responsabilidade de nossos escritos?[...] podemos permitir o seu ulterior sacrifício? Queremos nós continuar com uma luta infecunda na qual perece a paz da colônia e perecem os seus e os nossos mais nobres ideais? Não: cessada a causa, cessam-se os efeitos! Ponha-se uma pedra no passado e retornem as escolas e as sociedades ao patrocínio do representante da Pátria. O *Stella d'Italia* declina do apoio das sociedades para o bem comum. É um sacrifício, mas aos nobres sodalícios que ornavam a testada agora não será mais possível. Nosso programa continuará inalterado [...] O futuro nos dirá se a nossa decisão trará os frutos desejados. (*STELLA*, 12/06/1904, p. 1; tradução nossa).

Na edição do *Stella*, cujo texto acima estampava a primeira página, já não aparecia o nome das sociedades apoiadoras do jornal. Acabara um ciclo. Passados alguns anos do episódio, observou-se que as relações foram amigáveis a ponto do cônsul Beverini endereçar carta a Colnaghi, em vista de comprar duas ações do *Stella* e elogiá-lo pelos oito anos de existência do jornal. Dizia o cônsul: “Ser-lhe-ei grato se com o montante incluso puder adquirir para mim duas ações da sua tipografia e oferecê-las à *Stella d'Italia* por ocasião do seu feliz oitavo aniversário, juntamente com os meus votos de próspero e profícuo futuro”. (*STELLA*, 7/01/1909, p. 3). O evento entre as sociedades e o consulado parece ter sido somente um episódio isolado, pois o interesse dos cônsules pelas escolas tenderia a ser cada vez mais intenso, especialmente a partir de 1928.



### 2.3 “O GRAVE PROBLEMA DAS ESCOLAS ITALIANAS”

*“Quem presenciou aos exames da primeira escola e depois da segunda, terá notado uma diferença tal que deixa perplexo até o menos esclarecido. Duas escolas italianas educadas com sistemas bastante diferenciados, não podem dar senão resultados pouco ou nada satisfatórios.”*

(STELLA D'ITALIA, 08/11/1903, p. 2)

Uma das questões que interessa à análise da cultura escolar é o aspecto dos saberes a serem ensinados, como afirmou Julia (2001). As observações do editor do *Stella* de que não havia uma homogeneidade de programa nas escolas italianas do Rio Grande do Sul tangencia a questão, mesmo que não dê detalhes conteudísticos. Pode-se identificar que as escolas italianas da capital “ensaivam” uma homogeneidade de condução das diversas iniciativas, como a realização de exames em conjunto, premiações, eventos para angariar fundos, etc. Porém, do ponto de vista dos conteúdos, ou melhor, dos programas, houve uma severa crítica do inspetor das escolas da capital, senhor Adelchi Colnaghi, que considerava o problema como “grave”.

Na citação a seguir, é possível ver como Adelchi Colnaghi explicou a situação da insuficiente estruturação dos programas das escolas com o seu artigo *O grave problema das escolas italianas*:

Longe de querer impor a nossa opinião e de dar a entender que através destas línguas faço um juízo impiedoso sobre os homens e as coisas, digo o que segue. Todavia, quero dizer em verdade, externando sempre o nosso pensamento, qualquer que esse seja, mesmo que pouco ou nada versado em condição *sine qua non* de nossa vinda neste distrito. Estive presente no fechamento do ano escolar recém-findo, tanto na escola *Principessa Elena di Montenegro* como na *Umberto I*. Em ambos os fechamentos, tivemos um número de 80 e 81. Qualquer um que tenha lido aqueles escritos terá formado uma ideia mais ou menos exata de nosso juízo como cronistas, cronistas apenas. Hoje, tivemos a vez de emitir a nossa opinião e a expomos inteiramente e sem restrições. Se do êxito em separado de algumas destas escolas ficamos satisfeitos, no conjunto não ficamos. **Os métodos de ensino nestas duas aulas divergem entre elas de modo extraordinário. Quem presenciou os exames da primeira escola e depois da segunda terá notado uma diferença tal que deixa perplexo até o menos esclarecido. Duas escolas italianas educadas com sistemas bastante diferenciados não podem dar senão resultados pouco ou nada satisfatórios.** Seria como se tivéssemos dois regimentos de um mesmo exército sobrepostos a disciplinas deveras diferentes. Colocados esses dois corpos em contato, o que resultaria? Claro, não significa escolher o método usado por uma e por outra. Não podemos, mesmo porque somos da *Principessa Elena*, sem mérito algum, inspetores escolares. Constatamos, porém, o fato de que entre as duas aulas não existe

nenhuma harmonia disciplinar e isto, a nosso ver, forma um anarquismo. De quem é a culpa? Por certo, não das duas nobres Associações que com sacrifícios verdadeiramente heroicos têm aberto aqueles dois luminares do pensamento italiano; não por certo dos docentes os quais são mal pagos, sofrem acudados e lutam com todo o fervor para corresponder aos desejos dos pais, às imposições dos conselhos diretivos, às exigências mesmas de seu coração. O governo pátrio é responsável *in primis*, portanto quem o representa. **O nosso governo com magnânimo pensamento envia gratuitamente o material escolar, mas isso tem o erro de mudar os textos em cada expedição**; este erro deriva da sua própria ignorância. Eles ignoram o fato de que aqui no exterior, neste canto do Brasil, o desenvolvimento do progresso é lento e que, por isso, devido ao ambiente, não se pode caminhar *pari passo* com a pátria mãe. Lá, existem escolas e o ambiente mesmo de amadurecido saber, o que torna velho um texto depois de seis meses de sua publicação. [...] O problema é grave, mas a solução deve ser buscada sem demora, pois do modo como se caminha hoje, se vai de mal a pior. (STELLA, 08/11/1903, p. 2, tradução e grifo nossos).

Não satisfeito com a denúncia de tal estado de coisas com a questão das escolas, Colnaghi lançou um desafio aos professores para que propusessem um programa para as escolas, a fim de contribuir com sugestões para o que ele designava a “homogeneização do ensino”.

As escolas subsidiadas deveriam cumprir o programa governamental, configurando certa homogeneidade no ensino, como já se pôde ver, acima, no relatório de 1896 do cônsul Angelo Legrenzi, o qual afirmava que o ensino era dado exclusivamente em italiano, considerando a leitura e a escrita, a gramática italiana, as primeiras operações de aritmética, a história, especialmente italiana, a geografia italiana e a geografia americana. Porém, a homogeneidade do ensino não parece ter sido uma regra nas escolas da capital. Em 09 de outubro de 1902, o Jornal *Stella* publicou uma carta do professor Francesco Luigi Zuliani, de Encantado – o qual, posteriormente, seria professor da *Scuola Umberto I* e secretário do consulado – em que ele registrou a necessidade de uma organização das escolas italianas. Eis um pequeno trecho da correspondência:

[...] A ignorância das crianças na colônia deve-se um pouco à culpa dos pais que as deixam crescerem descuidando-se bastante, mas, mais que tudo, à impossibilidade de pagar, à falta de escolas e à quase absoluta ausência de bons professores os quais deveriam ser, senão experientes na pedagogia, ao menos de conduta exemplar. Nota-se – como dito no princípio – que os colonos perderam a confiança de certos “professorzinhos” que a dúzias “chovem”, não se sabem da onde, por sua absoluta incompetência e pela sua sede insaciável de cachaça (*sic*). Em alguns lugares, esses professores

foram bruscamente demitidos porque davam triste exemplo às crianças a eles confiadas para o cuidado intelectual, de tal forma que, às vezes, um professor verdadeiramente honesto sofre as danosas consequências dos lamentáveis mestres. **Uma organização de nossas escolas é absolutamente necessária** e, de fato, uma depuração rigorosa do corpo de mestres das colônias. (STELLA, 09/10/1902, p. 2; tradução e grifo nossos).

Salveti (2009) informa que o governo italiano dava grande importância à qualidade dos professores das escolas italianas no exterior e, além de empenho e profissionalismo, exigia dotes morais irrepreensíveis. A autora salienta que, em uma circular do subsecretário das Relações Exteriores, senhor Damiani, datada de 25 de janeiro de 1890, estava escrito, entre outras coisas, que “nas escolas no exterior não basta que o professor seja competente na ação de ensinar e pleno de saber; é preciso que, na sua vida pública e privada, dê exemplo de imitável moralidade, de decoro, de discrição e de tolerância”. (SALVETTI, 2009, p. 537, tradução nossa). Em Porto Alegre, no início do século XX, a exigência quanto ao perfil do professor pode ser percebida quando do anúncio da contratação de docente para a *Scuola Umberto I*. Em nota, no jornal *Stella*, lê-se:

AVISO DE CONCURSO: Está aberto o concurso para professor da escola mista ligada à Sociedade, cargo que ficou vago após a renúncia do atual professor senhor Luigi Zuliani. O concorrente deverá apresentar: 1º Certidão de nascimento; 2º Certificado de boa conduta; 3º Licença de professor. O concurso encerra-se em primeiro de março próximo. É inútil concorrer sem os certificados mencionados. O Secretário: Paolo Ronca. (STELLA, 21/02/1904, p. 1; tradução nossa).

O professor Zuliani, já lecionando na *Scuola Umberto I*, salientou que o estágio no qual se encontrava a educação entre os italianos se devia, especialmente, à falta de mestres idôneos. Zuliani registrava a necessidade de organização das escolas e o acento de sua análise recaía sobre o perfil dos professores. Colnaghi, em artigo posterior, corroborou e ampliou o rol das dificuldades relativas à educação entre os italianos e atribuiu à atuação dos governantes, diga-se, dos representantes régios, o lamentável estado. Ele sintetizou algumas dificuldades, como: poucos alunos, diminuto apoio do governo italiano, mestres com formação deficiente, falta de material didático e falta de inspetores escolares idôneos e capazes. Além disso, salientou que os governantes ignoravam o fato de, nas colônias, existir muitos problemas com

relação à educação.

Nas colônias faltam inspetores escolares idôneos e capazes; ignoram que os nossos raros professores abandonados exclusivamente a si próprios, não podem conseguir mais que medíocres resultados. [os professores] **estão privados de direção**, enganados pelas mudanças contínuas nos textos, obstaculizados pela natureza mesma de seus alunos os quais, ao contato com os brasileiros, aprendem tudo, menos o italiano. (STELLA, 08/01/1903, p. 1; tradução nossa).

Na citação, reaparece o elemento da “mudança contínua dos textos”, espelhando a problemática da descontinuidade. Colnaghi se referiu a “inspetores escolares idôneos e capazes”. Ele mesmo era um inspetor e, ao que se pôde averiguar, na capital, nesta mesma época, ainda havia o senhor Nicola Piccardo, maçom e fundador da loja Ausonia (patrocinadora do jornal *Stella*) e “[...] inspetor permanente das escolas das sociedades italianas”. (CINQUANTENARIO, 1925, p. 370; primeira parte, tradução nossa). Além destes, os senhores Alberto Albertini, Alessandro Picini, Marranghello Fidele aparecem como membros da Sociedade *Principessa Elena di Montenegro* e como inspetores escolares. Colnaghi, como inspetor, era crítico das instituições de ensino que apoiava em Porto Alegre e, na sua condição, buscava participar dos exames semestrais das instituições. Aliás, eles eram anunciados no *Stella* e se constituíam em momentos de pompa e reforço dos ideais da coletividade italiana, engrandecimento de sua identidade e enaltecimento das modestas iniciativas escolares. Muitos desses momentos eram assistidos pelo representante régio. Na edição de 08 de novembro de 1903, Colnaghi escreveu suas impressões dos exames de final de ano da *Scuola Umberto I* (com 80 alunos examinados) e a *Scuola Principessa Elena di Montenegro* (com 81 alunos examinados), realizados na primeira semana de novembro de 1903, os quais havia assistido. Percebeu e relatou que as escolas possuíam sistemas e programas diferentes de ensino, não obstante o excelente trabalho desenvolvido pelos seus insígnis professores.

Considerando a criação, no início da década de 1900, em Porto Alegre, de quatro escolas italianas, Colnaghi julgava que o problema desses educandários, do ponto de vista da sua quantidade, estava resolvido por ora, pois as quatro turmas mistas elementares:

[...] suprem na verdade as nossas primeiras necessidades; mais de duzentas crianças de ambos os sexos podem anualmente receber os seu primeiro alimento espiritual e, ao nosso ver, basta por ora. Aumentar o número equivaleria minar a existência de todas as demais turmas. (STELLA, 24/07/1904, p.1; tradução nossa).

Por outro lado, afirmava Colnaghi, a quantidade não resolvia o problema da qualidade e da unidade de conteúdo ao que completava que “[...] **do ponto de vista da qualidade e da unidade de conteúdo, ainda se deve avançar**”. (STELLA, 24/07/1904, p.1; tradução e grifo nossos).

Ao analisar o *Annuario delle Scuole Italiane all'Estero* de 1904, à página 73, poderá ser observado que a *Scuola Principessa Elena* e *Scuola Umberto I* estão referidas, constando, inclusive, como subsidiadas. Há uma terceira nominada apenas como “elementar”, com 30 alunos, a qual não foi possível identificar. Porém, talvez, trate-se da escola particular mantida pela professora Cesira Pellizzari. Já no *Annuario* de 1908, aparece a *Scuola Vittorio Emanuele III* e a *Giovanni Emanuel* como subsidiadas. Em 1914, não há mais referência à *Scuola Vittorio Emanuel III*, que havia encerrado suas atividades em 1907.

**Quadro 8: Escolas étnicas das sociedades italianas e número de alunos em Porto Alegre em 1908 e 1914**

<b>Escola</b>	<b>Alunos em 1904</b>	<b>Alunos em 1908</b>	<b>Alunos em 1914</b>
<i>Scuola Principessa Elena di Montenegro</i>	40	65	55
<i>Scuola Giovanni Emanuel</i>	-	36	38
<i>Scuola Umberto I</i>	40	90	56
<i>Scuola Vittorio Emanuele III</i>	-	39	-
<i>Scuola Elementar</i>	30	-	27
<b>Total</b>	<b>110</b>	<b>230</b>	<b>149</b>

Fonte: *Annuario delle scuole italiane all'estero: governative e sussidiate* de 1904 (p. 72); *Annuario delle scuole italiane all'estero: governative e sussidiate* de 1908 (p. 14); *Annuario delle scuole italiane all'estero: governative e sussidiate* de 1914 (p. 17).

A partir da edição de 24 de julho de 1904, o *Stella* publicou uma série de artigos nos quais reforçou a necessidade de “uniformizar os programas de ensino” das escolas italianas no Rio Grande do Sul. Da questão local, em Porto Alegre, sua pretensão avançou para as demais escolas do Estado. Assim, Colnaghi convocou os leitores a opinarem sobre isso e a enviarem propostas e sugestões de como deveriam ser as aulas das escolas italianas, não estabelecendo diferenças entre as escolas rurais, urbanas, mantidas por

associações ou escolas confessionais. O artigo de 24 de julho de 1904, com o título *A homogeneidade no ensino*, fez um diagnóstico e sugeriu medidas:

[...] Estamos, porém, bem longe de ter resolvido o problema da instrução; do ponto de vista da quantidade já o finalizamos, sob o aspecto moral pouco ou nada fizemos e, **com o sistema em vigor, muito menos o teremos resolvido no futuro**. A propósito, citamos o axioma de Azeglio: feita a Itália, é necessário fazer os italianos. Adaptando-o ao nosso caso, nós dizemos: criadas as escolas é necessário fazer os alunos! **E estes últimos nós os faremos com bons programas e com os melhores professores**; com isso, não queremos diminuir o mérito daqueles que atualmente se devotam à nobre tarefa, pelo contrário, queremos antes de tudo acreditar que eles, animados por um generoso sentimento de devoção à profissão abraçada, saberão exercitá-la com profundo conhecimento de causa. Porém, por mais que eles sejam hábeis, **a falta de um programa uniforme os colocará em pouco tempo em penosas condições diante dos pais e da colônia**. O sucesso de uma escola pode turbar o funcionamento regular de outra e vice-versa. São fatos constatados e que ocorrem constantemente. Diversos pais, julgando tardio ou precoce o avanço escolar dos filhos ou a habilidade dos professores, tiram seus filhos de uma escola para serem avaliados por outra a qual julgam melhor. **Mas, como os métodos de ensino não são homogêneos, ocorre, frequentemente, que com o novo professor, ao invés de ganhos, perde-se aquele pouco que até então se sabia**. Assim, nesta alternância o aluno perde, aborrecem-se os pais, e o pobre professor muitas vezes é julgado como inapto e pior que o outro. **Estes deploráveis casos não ocorreriam onde os professores usassem um sistema didático comum e se informassem a partir de um programa escolar uniforme**. Ignoramos se o governo pátrio ou a *Dante Alighieri* tivessem já pensado de estudar a conveniência desta adoção. O que é certo, porém, para progredir, para solidificar-se, para produzir efeitos benéficos: **as nossas escolas precisam obedecer a um programa idêntico e os nossos professores devem perseguir um objetivo comum**. [...] É, portanto, de sumo interesse que os programas das nossas escolas equiparem-se a fim de que as matérias de certa turma sejam identificadas em qualquer uma das outras, assim formando **um todo homogêneo e disciplinado**. (STELLA, 24/07/1904, p. 1; tradução e grifo nossos).

O diagnóstico de Colnaghi sugeriu que a questão da homogeneidade e o cumprimento de um programa único era assunto já antigo e ainda não solucionado. Referiu que o governo ou mesmo a *Dante Alighieri* – que ainda não haviam instalado o seu comitê em Porto Alegre – poderiam verificar essa questão para que as escolas avançassem na qualidade e nos benefícios.

Colnaghi retomou que estava satisfeito com o fato de haver, em Porto Alegre, quatro instituições de ensino em funcionamento, mas reforçou que estas e as outras escolas italianas necessitavam ter “bons programas” e “melhores professores”. O representante régio em Porto Alegre, Enrico Ciapelli, em seu

relatório de 1901, publicado em 1903, revelava que no Rio Grande do Sul as escolas tinham “[...] condições didáticas e financeiras pouco satisfatórias”. (CIAPELLI, 1901, p. 58).

Colnaghi sugeriu que o advogado Salemi-Paci, regente que havia assumido o consulado em Porto Alegre no interregno da saída de Enrico Ciapelli e a vinda de Francesco De Velutiis, considerasse suas “despretenciosas considerações” e, no período de férias, convocasse um congresso na capital com os professores do interior para a elaboração de um programa comum.

[...] submetemos ao exame inteligente de nosso digno representante estas despretenciosas considerações. O advogado Salemi-Paci, na falta de outro, poderá nas próximas férias chamar para um congresso junto de si não somente os professores desta capital, mas os professores de Bento Gonçalves, de Caxias e de outros lugares, de onde fosse necessário, **para elaborar um programa comum a todas as escolas italianas que funcionam no Estado**. A partir do momento em que os textos forem iguais, não nos parecerá inconveniente que também os métodos de ensino sejam equiparados. (STELLA, 24/07/1904, p. 1; tradução e grifo nossos).

Na edição de 04 de agosto de 1904, com o texto intitulado *O congresso dos professores: por um programa comum*, Colnaghi retomou a sua proposta de um congresso de professores, sinalizando que a prática da reunião de docentes para pensarem a educação era comum na Europa, na Itália e na América e sempre resultava numa nova ideia que beneficiaria o segmento. Salientou que, mesmo na Europa, onde os programas “[...] não emanam da mente de professores individualmente, mas, do Ministério da Instrução Pública” (STELLA, 04/08/1904, p. 2; tradução nossa), faziam-se necessários os congressos, sendo, por esse motivo, que “[...] é muito razoável que ocorra aqui, onde a falta de um diretório central e os métodos de ensino apresentam uma variedade de íris e nem obedecem algum critério unitário”. (STELLA, 04/08/1904, p. 2; tradução nossa). No mesmo texto, reconheceu que, nas escolas italianas, a educação era “deixada a professores mais dispostos do que aptos” e que conheciam a didática tanto quanto ele, jornalista, conhecia a fotometria, ironizava. Colnaghi finalizou o artigo convocando os professores a enviarem suas propostas de ensino e sugestões para um programa comum.

O congresso dos professores poderia fazer pensar os meios para prevenir tal deficiência didática de muitos, **fornecendo ao menos um**

**programa ou coisa que o valha, sobre a base a qual se poderá compreender e desempenhar com mais acerto a sua delicada missão.** Entre os muitos temas de importância capital, este que acabamos de acenar nos parece merecer a primeira solução. Em uma escola italiana, aconteceu certa vez de ouvir de um pobre e desgraçado menino que o istmo de Suez divide as duas Américas e o professor, orgulhoso da resposta, afirmava que a geografia era seu forte [...]. Isto para dar uma pálida idéia, um exemplo daquilo que eram nossas escolas a poucos anos atrás. E quem pode nos assegurar que ainda não sejam assim? **Reunindo-se em um congresso – para a dignidade e o decoro dos professores – estas anomalias poderão ser, em boa parte, suprimidas ou remediadas;** ademais, os livros e materiais escolares poderiam ser limitados apenas àquelas pessoas que dão prova de suficiente idoneidade. Atualmente, não faltam bons elementos: professores e professoras de reconhecida competência, conquistada pela prática e pelo estudo na docência exercida por muitos anos. A estes últimos nos voltamos confiantes; por isso queremos levar a sério a nobre e útil iniciativa. [...] **convidamos, portanto, os docentes das escolas particulares, todos os leitores em geral, se quiserem manifestar a sua opinião a respeito, enviando livremente seus escritos.** Nós os publicaremos tal como a nós chegar qualquer que seja sua opinião que os mesmos contenham, unicamente felizes de ajudá-los eficientemente em uma campanha preparatória a qual, mesmo que destinada a morrer *in germe*, terá ao menos servido para propagar um pouco de luz no nosso ambiente (STELLA, 04/08/1904, p. 2; tradução e grifo nossos).

A proposta de Colnaghi de uma “campanha preparatória” foi bem recebida pelo professor Umberto Ancarani que enviou sua proposta conforme solicitado. Ancarani residiu em Caxias do Sul e em Santa Maria, exercendo o cargo de agente consular em Caxias do Sul. Foi transferido para Santa Maria e lá exerceu o cargo de vice-cônsul., perfazendo cerca de 15 anos de atividades no Brasil. Em Caxias do Sul, foi professor da Escola *Principe di Napoli*, mantida pela sociedade homônima. A proposta de Ancarani foi publicada em 11 de agosto de 1904, sob o título *Para a homogeneidade do ensino nas escolas italianas*. Eis alguns trechos:

Cumpre uma obra sábia e louvável qualquer um que se interessa pelo desenvolvimento futuro das nossas escolas ressurgidas por obra das sociedades italianas, que com tanta abnegação, constância e patriotismo, gerenciaram as nobres instituições. A essas beneméritas Sociedades, pode-se dirigir o dito: “Quem ama a pátria, a honra com as obras”. Somente com o esforço delas alcançaram tanto, esses bravos italianos. **E agora que a escola está feita é necessário fazer os alunos; isto é, é necessário convergir todos os esforços, todo o trabalho para a homogeneidade do ensino,** como o senhor Diretor justamente indicava com clara visão, no seu prestigiado jornal de 24 de julho. Eu me permitirei indicar os meios, que a longa prática de professor das escolas governativas italianas no exterior, e os vários encargos que tive me dão a ousadia de falar com conhecimento de causa. Tive a coragem de dizer a verdade, eu irei expor as minhas humildes ideias, mas baseado na prática. Dessa forma, obteremos



uma **direção didática única e a homogeneidade do ensino** bem como teremos a consciência de termos feito o nosso dever indicando o caminho. Mas, para facilitar a tarefa aos beneméritos mestres das nossas escolas, que, com a verdadeira abnegação, executam a sua missão de educação, de instrução e de civilidade, para facilitar a eles o modo de seguir um ensino único, uniforme, é necessário uma pessoa *competente*, encarregada *ad hoc*, que prepare um programa geral sobre a matéria de ensino, não podendo pretender que aqui tenhamos aqueles do reino da Itália; porque precisa levar em conta o ambiente no qual se vive e a língua do país que deve, ainda, ser ensinada a todos os alunos. [...] é para a Autoridade Consular que os senhores presidentes das sociedades e outras pessoas voluntárias de bom êxito das nossas escolas deverão dirigir-se. A pessoa competente e de confiança designada para a compilação do programa deverá ainda ter por tarefa cuidar o ordenamento didático, regular o andamento didático e disciplinar de todas as escolas italianas, e apresentar anualmente, para a Autoridade Consular, uma relação sobre as escolas por ele visitadas. E então, sobre a base do programa geral, cada professor, *antes do início das lições*, na abertura do ano escolar, deverá redigir os seus programas particularizados, mês a mês, e o horário didático semanal. Estes deverão ser entregues para a pessoa competente nomeada pela Autoridade Consular para as devidas observações. **Porém, tais programas deverão ser enviados antes de começarem as lições, para que, depois da aprovação do Diretor Didático, o ensino comece em base ao programa preparado.** Cada professor, tendo por base o programa particularizado, deve ter o seu diário de classe, onde previamente escreverá a síntese das lições que deverá fazer no dia para a sua classe e as observações de caráter pedagógico. Fica entendido que cada professor deve ter o registro da inscrição e o registro de classe com os apontamentos diários de cada aluno. Cada aluno, pois, deverá ter o seu boletim escolar onde, a cada bimestre, serão escritos os pontos alcançados por ele em cada matéria. É necessário ainda vetar absolutamente a inscrição dos alunos depois de quinze dias da abertura das escolas. O sistema já estabelecido entre nós de receber alunos também durante o ano prejudica o andamento regular do ensino e vai contra a turma. Somente procedendo desse modo teremos uma direção didática homogênea para todas as escolas e, assim, os professores serão de igual capacidade aos olhos dos alunos e dos pais, e cada escola terá o mesmo valor; e então, ó! Sim, teremos os benéficos efeitos que a tempo se esperam; assim começaremos a levar as nossas escolas para o caminho do progresso e do saber, o que será a melhor satisfação para aqueles beneméritos professores. Professor Umberto Ancarani (*STELLA*, 11/08/1904, p. 2; tradução e grifo nossos).

Umberto Ancarani enfatizou a necessidade de adequar os conteúdos das aulas, redigindo programas particularizados. Observa-se que há a menção do “Diretor Didático”, personagem que daria o aval para os programas e zelaria, por sua vez, pelo atendimento da educação de bom nível e uniforme. A carta de Ancarani, mais do que definir um programa de ensino, ou mesmo um currículo, enfatizou a adoção de procedimentos pelo professor e pelos alunos, e de mecanismos de controle (caderno de chamada, boletim de desempenho, hora de entrada), salientando o elemento disciplinador. Nesse sentido, destacou

certos procedimentos, em vista de uma “direção didática homogênea”. Na proposta, vislumbram-se elementos da cultura escolar e o movimento interno da escola por ele dirigida. Quanto aos programas de ensino, ele apontou que deveriam ser submetidos “[...] a pessoa competente nomeada pela autoridade consular”, com as devidas adaptações ou “particularizações”. Segundo Kreutz e Luchese (2010), o programa da escola, dirigida por Ancarani em Caxias do Sul, incluía o ensino das seguintes matérias: língua italiana, língua portuguesa, língua francesa, história italiana e brasileira, geografia, matemática, geometria, desenho, caligrafia, canto, ginástica e exercícios militares.

Em outra edição, encontrou-se uma carta de um professor que não se identificou, o qual expôs sua visão. Retomou os tópicos principais elencados por Ancarani e ampliou a reflexão.

[...] eu lhe envio ainda o meu modesto contributo de colaboração em matéria de escolas. Falou sabiamente o acima citado professor e expôs a necessidade de um inspetor escolar para o bom funcionamento de nossas escolas; falou de um programa geral a ser adotado com base no qual todos os professores deveriam direcionar os seus ensinamentos; falou de registros de classe, etc., todos os elementos de suma importância ao bom andamento de uma escola e que não são por certo ignoradas por um professor, mesmo que primário, mas que tenha frequentado a escola de professores e que lá tenha estudado a pedagogia, ou seja, a arte de ensinar. **Mas de conhecer os meios a poder adotá-los há uma grande diferença, e isso, infelizmente, nossos professores conhecem. Eles sequer conseguem obter dos alunos a pontualidade no horário de entrada, que deveria ser o primeiro ponto de partida para a boa ordem de uma escola.** Sendo às oito a hora marcada, é milagre se se puder obter o número total dos alunos às nove e trinta senão também às dez. Considerando isso, quais são as consequências para o professor, é fácil imaginar. O seu horário, o seu programa diário, devem, necessariamente, sofrer uma modificação. Ao dirigir qualquer palavra aos pais de seus alunos para conseguir essa pontualidade no horário, em geral, houve-se a resposta que, antes dessa hora não podem enviá-los e apresentam outras e variadas desculpas e protestos finalizando com a frase usual: **“Se os acolher assim, bem; caso contrário, eu os mando para a escola brasileira, onde não se paga, e se pode enviá-los a hora que se quer que sempre está bem”.** E quantas, quantas vezes o professor deve engolir essa humilhante frase: “Onde não se paga”! À falta de horário, pois, se acrescentam as ausências de frequência, sem a mínima desculpa que valha a pena justificar, mas somente pelo pretexto “de não ter vontade de ir à escola” e, naturalmente, como os pais pagam para mandar à escola os seus filhos, podem fazer disso aquilo que eles querem mandá-los ou mantê-los em casa, e o professor, também aqui, deve retirar uma linha sobre tal ou outra matéria que pensava de explicar numa dada turma, dado que o número dos alunos que perderam aquela lição é superior ao número daqueles que a receberam. Sobre a disciplina escolar, pois, a execução dos deveres de casa, as lições de memória, tudo deixa a desejar, e o professor deve contentar-se de receber aquilo que vem e como vem, porque... porque tem as mãos

presas... e porque por sorte não da maioria, “quem manda paga e, naturalmente, quem paga quer mandar”; e quem tem necessidade cala, abaixa a cabeça e deixa andar a água para o seu moinho. (STELLA, 21/08/1904, p. 2; tradução e grifo nossos).

Na carta acima, o professor demonstrou concordar com a necessidade de procedimentos uniformes, programas homogêneos e com uma estrutura organizacional clara. Porém, há o contraponto da realidade vivida, ou seja, a questão da aderência dos alunos à estrutura escolar, cumprimento do horário, como explicitado, aliando-se a isso o fato de serem aulas pagas. Aliás, em Porto Alegre, em 1904, as escolas italianas anunciavam as mensalidades, sendo essas mais caras que as das escolas italianas do interior do Estado: “[...] dois mil réis para filhos de sócios e quatro mil réis para não sócios”. (STELLA, 03/07/1904, p. 1; tradução nossa). Aliás, a preferência pela escola pública, gratuita e com ensino em português foi a opção dos alunos e de seus pais na RCI, algo que não se deve negligenciar na análise do trecho do professor anônimo acima.

Pode-se imaginar que a explanação do professor anônimo pôs a questão da homogeneidade proposta por Colnaghi sob uma nova lente, qual seja, a dificuldade de uniformizar realidades diferentes pelo Estado. O espaço destinado às publicações dos professores sobre propostas de homogeneização avançou para a descrição da realidade escolar vivida e a ser considerada. Dadas a condição da presença da escola gratuita e as ameaças, os professores acabavam por “engolir a humilhante frase: onde não se paga”. Bem observou Luchese (2007) que os italianos acabavam optando pela escola pública, em sua maioria.

Nas edições analisadas até o final de 1904, não mais foram publicadas cartas de professores em resposta à solicitação de Colnaghi. Observou-se, também, que os docentes das escolas da capital não se manifestaram. Todos “dormiram nos braços de Leto”<sup>60</sup> como vaticinara o próprio editor, e a ideia de um congresso morreu *in germe*, ou seja, o congresso dos docentes das escolas italianas do Rio Grande do Sul não aconteceu. O próprio editor referiu que temia que nada acontecesse. É importante referir que Colnaghi já havia se indisposto

---

<sup>60</sup> Leto é na mitologia romana o deus da morte e da velhice. Colnaghi usa a mitologia em clara alusão ao fato de que os envolvidos na questão estavam como que “mortos”, pois não mais se manifestaram.

com o consulado em outras oportunidades, acusando-o de não promover a educação entre os italianos. Salemi-Pace, provisoriamente, no cargo do consulado, não se manifestou sobre a proposta.

A alternativa, então, foi publicar em seu jornal, a partir de 1º de setembro de 1904, os *Programas para as Escolas Elementares do Estado de São Paulo*, as quais estavam sob os cuidados do cônsul Gherardo Pio de Savoia. Esses programas, que tinham como base as diretrizes para as escolas italianas no exterior, foram adaptados pelos professores de São Paulo e submetidos à aprovação do cônsul. As adaptações diziam respeito aos elementos próprios da pátria que os recebia. Colnaghi salientava que:

[...] estes programas servem como que um chapéu e sobre sua publicação chamamos a atenção dos professores. Tudo considerado, eles servirão como uma tênue guia se, como tememos, o congresso por nós indicado não se efetuar como medida adequada para preencher a lacuna e curar o mal presente. (*STELLA*, 28/08/1904, p. 2; tradução nossa).

Na tentativa de homogeneizar o ensino e de promover um congresso dos professores, Colnaghi esbarrou na diferença das realidades pelo Estado e na indiferença das autoridades consulares. Evidencia-se, pois que, ainda no início do século XX, as escolas foram orientadas muito mais pela percepção de seus professores do que por programas de ensino comuns, sendo sua uniformidade um desejo. A proposta de implantação de Colnaghi não se efetivou, e o questionamento suscitado revelou a fragilidade da organização das escolas étnicas italianas no período, no Estado e na capital. Nesse contexto, o desejo de um programa comum ou mesmo de uma unificação se evidenciava.

É relevante observar que, em 1889, foi publicado o *Ordinamento Pedagogico delle Scuole Elementari all'Estero*, que previa certa flexibilidade consoante ao local da escola subsidiada:

Embora tenha sido estabelecido que nas escolas italianas no exterior se adotem o ensino e os programas didáticos das escolas elementares do Reino, aprovados com o decreto de 25 de setembro de 1888, ainda assim é deixado ao juízo de cada professor fazer as modificações que considerar úteis às condições particulares dos locais. (*ORDINAMENTO*, 1889, p. 3; tradução nossa).

## 2.4 DURADOURAS E EFÊMERAS ESCOLAS ÉTNICAS ITALIANAS DA CAPITAL

*“A Principessa Elena, no campo da mútua assistência, mas especialmente da instrução, tem título de mérito que a enaltece no conceito da colônia e da pátria.”*  
(CINQUANTENARIO, 1925, p. 368; primeira parte).

A *Società Vittorio Emanuele II*, fundada por iniciativa de Bartolomeo Pellerini, em 1º de julho de 1877, manteve, desde sua criação, uma escola de língua italiana subvencionada pelo governo de Roma e que, em data não identificada, foi incorporada à *Scuola Principessa Elena di Montenegro* (CINQUANTENARIO, 1925). Ao que se pôde constatar, retomou as atividades escolares alguns anos depois, mantendo-se ativa até 1938. Esta se caracterizou como a primeira iniciativa educacional na capital ligada a uma sociedade italiana.

Trento (1989, p. 179) afirma que as primeiras escolas elementares em língua italiana “[...] surgiram no Sul, por iniciativa dos próprios colonos, mas será necessário esperar até meados dos anos 80 [1880] para que surja uma subsidiada pelo Governo italiano em Porto Alegre”. Mais adiante em seu texto refere que o ano de abertura da escola foi 1887. Curioso é que a informação do *Cinquantenario* (1925) sobre a *Vittorio Emanuele II* contrasta com a que foi encontrada no jornal *A Federação* (04/06/1886, p. 3) no qual leu-se que a Sociedade *Vittorio Emanuele II* “[...] teve o início das atividades de sua *Scuola d’Istruzione* em 10 de junho de 1886”, na Rua dos Andradas, número 262. O endereço indica que as aulas ocorreram em lugar que não era a sede da sociedade que, desde o início, foi na Rua Sete de Setembro. Ao menos essa informação se aproxima dos dados de Trento, com a diferença de um ano.

No *Cinquantenario* (1925, p. 367), há o registro de que, por vários anos e até 1892, a *Vittorio Emanuele II* manteve sua escola dirigida, sucessivamente, pelos mestres e mestras: Camilla Roncoroni, Rocco Ferraro, Sante Ceroni e Emilia Puggina. No relatório *Scuole Italiane Sussidiate in Rio Grande do Sul* de 1895, a *Scuola Vittorio Emanuele II* aparece tendo 34 alunos inscritos, mas com uma frequência de 25 e, como professor, assumiu o cargo o senhor Santo Ceroni.

No atestado emitido pelo presidente da *Vittorio Emanuele II*, Giovanni Berutti, e pelo secretário Francesco Zuliani, datado de 25 de outubro de 1908, há

a afirmação de que a professora Camilla Roncoroni havia lecionado e dirigido a *Scuola Vittorio Emanuele II* antes de 1886.

[Camilla Roncoroni] foi professora e Diretora da escola sob os auspícios do Patronato Social nos anos de 1885, 1886, 1887 e 1888, continuando depois a dirigir a escola quando passou a estar sob os auspícios do Patronato dirigido pelo Régio consulado da Itália, isto é, de primeiro de julho de 1888.<sup>61</sup> (Tradução nossa).

O Jornal *A Federação*, em seu artigo intitulado *Festa Escolar*, de seis de fevereiro de 1917, indica que a Sociedade *Vittorio Emanuele II* acolhia, em seu recinto, comemorações das escolas italianas da capital, sendo palco para as cerimônias de entrega de prêmios aos alunos das escolas *Umberto I* e *Elena di Montenegro*. Evidencia-se que as escolas italianas em Porto Alegre tinham na Sociedade *Vittorio Emanuele II*, ao menos antes da existência da *Dante Alighieri* na capital, o seu centro de referência para atividades comemorativas e exames escolares, como é possível ver, por exemplo, no que segue:

Com grande influência de membros da laboriosa e digna colônia italiana realizou-se ontem, na sede da sociedade *Vittorio Emanuele II*, **a distribuição de prêmios às diversas escolas italianas que funcionam aqui na capital**. Depois das formalidades do estilo tomou a palavra o cav. Luigi Petrocchi, vice-cônsul italiano no Estado, que com expressão de verdadeira satisfação saudou o numeroso grupo dos meninos e meninas que, com tanta dedicação entregaram-se aos primeiros estudos convencidos de que o progresso da colônia italiana marchava de acordo com o seu andamento intelectual. Terminou sua oração estimulando-os a continuarem nos estudos porque os frutos destes esforços não se fariam esperar. Subiu na tribuna depois o orador oficial senhor Donadio, que, durante meia hora, discorreu sobre o assunto da festividade. O nosso ilustre amigo Dr. Montauray, intendente municipal, foi representado pelo nosso amigo doutorando José Ricaldone a quem a comissão dispensou as maiores demonstrações de afeto e simpatia. (*A FEDERAÇÃO*, 08/06/1908, p. 11).

Pode-se evidenciar nesse trecho jornalístico, e que em outras ocasiões se repete, que há uma relação de proximidade entre as escolas étnicas das sociedades italianas da capital, bem como uma valorização dessas iniciativas pelo consulado.

<sup>61</sup> ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Cor. FRANCESCO ZULIANI, 25/10/1918. Maço 785. Trata-se de um atestado enviado ao MAE.

Luigi Petrocchi<sup>62</sup> atuou como professor em Bento Gonçalves e defendia a necessidade da manutenção das escolas étnicas italianas para manter vivo o culto das memórias pátrias e o sentimento de italianidade:

[...] o sentimento de italianidade, embora à vista pareça adormecido, encontra-se radicado no fundo do ânimo dos colonos. [...] é reconhecida a importância da escola italiana neste Estado, visto que só por meio da escola mantém-se vivo o culto das memórias pátrias, cultivam-se o espírito e a mente, difunde-se a língua e a cultura italiana. (PETROCCHI, 1992, p. 55).

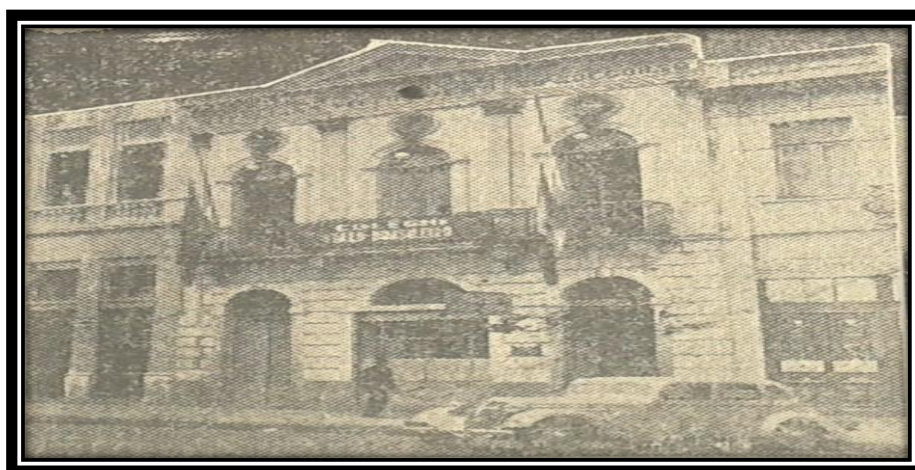


Figura 14: Fachada do prédio da Sociedade Italiana *Vittorio Emanuele II* em 1938 com a inscrição: "Colégio Ítalo-Brasileiro"

Fonte: *Jornal Correio do Povo* (26/05/1938, p. 10).

Na sede da Sociedade *Vittorio Emanuele II*, ocorriam as aulas do curso prático de língua italiana, com o nome de "sala de leitura e conversação". O curso já funcionava desde o início da sociedade, mas teve um momento de suspensão, sendo retomado em 1927, com a professora senhorita Beatrice Lupi.

Uma duradoura iniciativa étnica foi a escola da Sociedade *Principessa Elena di Montenegro*. A origem da *Scuola Principessa Elena di Montenegro* remonta, como se pôde ver, à Escola Campo da Redenção, que funcionava, desde 1891, no Bairro Bom Fim<sup>63</sup>. Ainda sobre a origem da *Scuola Principessa*

<sup>62</sup> Segundo Iotti (2001, p. 167), "Luigi Petrocchi era natural de Pistóia, na Itália. Emigrou para o Brasil por volta de 1900, com os dois filhos maiores, deixando a esposa e outros dois filhos em Pistóia". Atuou como agente consular em Bento Gonçalves e dirigiu uma escola por ele criada.

<sup>63</sup> Essa escola fundada por iniciativa de Dionísio Ronchi era mista. Nela lecionava a professora Cesira Pellizzari. Quando da fundação da Sociedade *Elena di Montenegro*, ao que parece, essa escola continuou sendo subsidiada pela sociedade. No *Annuario delle Scuole Italiane All'Estero de 1913-1914* (p. 17), publicado em 1914, Cesira Pellizzari, já viúva de Dionísio Ronchi, aparece como professora de uma *Scuola Privata* que levava seu nome e possuía 27 alunos.

*Elena*, encontrou-se, no *Cinquantenario*, a seguinte afirmação de Crocetta:

Vimos como, em Porto Alegre, a *Vittorio Emanuele II* providenciou desde seu nascimento a manutenção de uma escola italiana, mais tarde assumida pela *Principessa Elena di Montenegro*, a qual, ainda com o antigo nome de *Bella Aurora*, garantiu a manutenção da mesma numa casa privada no Campo Bom Fim. (*CINQUANTENARIO*, 1925, p. 398; primeira parte; tradução nossa).

O texto do *Cinquantenario* (1925) aponta que os alunos da *Scuola Vittorio Emanuele II* foram incorporados à *Scuola Principessa Elena*, mas não foi possível apurar em que ano. Em 1898, a Sociedade *Principessa Elena* construiu sua sede própria, ainda numa casa com uma “sala modesta” (STELLA, 01/01/1903, p. 01) e, a partir de junho de 1899, começou, propriamente, a sua atividade. Neste mesmo ano, iniciou no trabalho docente a professora Camilla Roncoroni. O título do artigo do jornal *Stella* de 2 de julho de 1903, *O IV Aniversário da Scuola Principessa Elena di Montenegro*, cujo texto foi escrito pelo inspetor escolar Adelchi Colnaghi, parece indicar que a Sociedade *Principessa Elena de Montenegro* teve como o início da sua escola o ano de 1899:

#### **IV Aniversário da Scuola Principessa Elena di Montenegro**

No domingo passado, na sede social desta benemérita Associação usada como uma sala de aula mista, uma festinha íntima aconteceu na escola frequentada por muitos alunos e pais de alunos, assim como muitos outros sócios, conselheiros e o presidente da Associação. Estavam presentes ainda uma comissão da *Umberto I*, chefiada pelo seu presidente, Sr. Antonio Mondin, e o professor Luigi Francesco Zuliani devidamente oficiada, em conjunto com a Companhia Filodramática *Giovanni Emanuel* e o régio cônsul. A *Giovanni Emanuel* enviava um delicado ofício de agradecimento, pedindo desculpas em função de que não podia estar presente por causa da festa da noite anterior, sobre a qual falaremos em outro momento. O senhor Ciapelli, surdo aos preceitos da etiqueta nem apareceu, nem se desculpou. Questão de delicadeza! No entanto, a festa não foi menos atraente. Os alunos souberam honrar o assíduo e inteligente cuidado da professora Roncoroni, respondendo com graça e franqueza sobre as questões colocadas por aquela bela e patriótica figura que é o senhor Pedro Bonotto, nosso diretor. [...] Aos convidados também foi oferecido um vermute e buquês de belas flores colhidas e montados pelas mãos delicadas dos pequenos alunos os quais se deliciavam com doces e amêndoas. [...] **Com um sentimento de orgulho interior, ressaltamos o crescente desenvolvimento da escola e louvável disposição do corpo discente. Portanto, felicitamos sinceramente a nobre Associação que sustenta a escola bem como felicitamos a senhora Roncoroni que com amor intenso desempenha, já há quatro anos, seu delicado ofício.** Que ela não perca o ânimo e continue assim na árdua tarefa de diretora, e mesmo que lhe faltarem os louvores oficiais, não falte jamais os louvores da Sociedade da qual



depende, bem como não falte as demonstrações afetuosas de todos aquelas crianças que na tenra infância lhe foram confiadas. (STELLA, 02/07/1903, p. 3, tradução e grifo nossos).

As atividades da escola foram desenvolvidas a partir de 1899 até 1908, na sede social, uma casa na Rua Coronel Carvalho, número 1, “D”, em Porto Alegre. Entende-se que a comemoração do quarto ano da *Scuola Principessa Elena di Montenegro*, acima referida, considerou o início das atividades escolares na própria sede (1899) e não mais na casa em que funcionava a Escola do Campo do Bom Fim que a originou.

Com a construção do novo prédio da Sociedade *Principessa Elena di Montenegro*, inaugurado em setembro de 1908, as aulas começaram a ocorrer neste novo local somente no início de 1909 (cfe. *CINQUANTENARIO*, 1925). Na descrição dos espaços do novo prédio, não há referência a salas de aula, sugerindo, assim, que elas eram realizadas no salão de atos, no segundo pavimento, sem uma sala específica, o que se pode inferir da Figura 15, que apresenta a professora Camilla e os seus alunos.



Figura 15: Anúncio da Scuola Principessa Elena di Montenegro em 1902  
Fonte: Jornal *Stella d'Italia* (15/06/1902, p. 3).

Na Figura 15, lê-se: *Escola Mista Italiana sob a presidência honorária do régio cônsul da Itália e patrocinada pela benemérita Associação Principessa Elena di Montenegro. Diretora docente: professora Camilla Roncoroni. Horário das aulas: das 8 horas às 12 horas todos os dias, salvo a quinta-feira e o domingo. Programa governamental. Rua Coronel Carvalho, n. 1, “D” (Moinhos de Vento). Depois do almoço: lições particulares. Ensino de língua portuguesa e trabalhos femininos.* Embora não tenha sido possível localizar os programas de

ensino da *Principessa Elena* da época do anúncio acima, evidenciou-se que ela seguia o programa governamental, condição para receber o subsídio do consulado.

Benvenuto Crocetta, que foi secretário da escola, destacou o importante papel desse educandário: “A *Principessa Elena*, no campo da mútua assistência, mas especialmente da instrução, tem título de mérito que a enaltece no conceito da colônia e da pátria”. (*CINQUANTENARIO*, 1925, p. 368; primeira parte; tradução nossa).

A *Scuola Principessa Elena di Montenegro* era uma escola subsidiada pelo governo italiano a qual possuía inspetores escolares (cfe. *ANNUARIO*, 1904, p. 10). Para as instituições de ensino serem subsidiadas, precisavam aceitar que agentes consulares, cônsules ou outras pessoas nomeadas para a função (médicos, padres, etc.) pudessem inspecioná-las. Assim, os inspetores acompanhavam os exames escolares, às vezes, com a presença do cônsul italiano. Esses eventos constituíam-se em momentos festivos, como é possível constatar na citação abaixo:

Ocupadas as cadeiras sob a direção da senhora Roncoroni, digna diretora da aula, começaram as redações dos alunos e das alunas da primeira classe inferior, família liliputiana constituída de seres que variavam entre 06 e 08 anos de idade. Apesar da tenra infância, aqueles caros pequenos, todos em seus vestidos de gala, ornados de fitas e faixas tricolores, souberam superar as provas com bastante segurança e desenvoltura, recebendo, em troca, louvores sinceros dos espectadores. A modesta sala, toda ornada de flores artificiais e bandeiras, ostentava um ar ao mesmo tempo de alegria e de seriedade. Muitas senhoras e moças, convidados e representantes das *Società Vittorio Emanuele II*, *Ausonia*, *Umberto I*, *Circolo Filarmonico* e *Circolo Filodrammatico*, *Giovanni Emanuel*, misturados aos membros do conselho diretor e a muitos sócios da benemérita instituição se aglomeravam na sala, dando maior realce à solene felicidade infantil. Enquanto prosseguiram as provas, o corpo musical italiano, em sua alegre divisa garibaldina, irrompia no espaço diante do modesto edifício, entonando a marcha real. Suspenderam-se os exames; pequeninos e grandes se levantaram de pé e o silêncio mais respeitoso e comovente acolheu as fatídicas notas do hino nacional. [...] Antes de abandonar a sala, foi elevado um “viva” à Pátria, ao Rei e à *Società Principessa Elena*, a qual com louvável abnegação se deve a existência dessa escola italiana, ornamento e esperança da nossa Colônia. (*STELLA*, 01/01/1903, p. 1; tradução nossa).

Nos jornais *Correio do Povo*, *A Federação* e *Stella*, apareciam os horários da escola e as orientações para a matrícula. Na segunda, quarta e sexta-feira, as lições eram das 8 horas às 11 horas da manhã e das 13 horas às 15 horas

da tarde. Na quarta-feira e no sábado, das 8 horas às 12 horas. O turno da tarde era especialmente reservado para exercícios orais e de costura. A faixa etária para a inscrição compreendia dos 6 aos 12 anos, e a entrada dos alunos na escola podia ocorrer a qualquer tempo, ou seja, mesmo depois da finalização das matrículas. Na década de 1930, observa-se uma mudança nos horários e nos conteúdos, alinhando-se a outras escolas de Porto Alegre, também subvencionadas pelo governo italiano. Com a reforma das escolas italianas em 1933, passaram a se “inscrever todos os alunos não maiores de 14 anos e não menores de 6 anos”. (A *FEDERAÇÃO*, 01/03/1933, p. 4).

Em 3 de abril de 1919, a Sociedade *Principessa Elena di Montenegro* ampliou sua atuação, criando uma Escola de Arte Aplicada, cabendo a direção ao professor Augusto Gabrielle. Foram seus professores: Leonora Sanguin, Francisco Bellanca, Augusto Gabrielli e o senhor Sant’Anne. O vice-presidente da Sociedade, Benevenuto Crocetta, inaugurou a primeira aula, dirigindo-se aos alunos e professores: “[...] com palavras animadoras fazendo salientar a necessidade existente de uma escola deste gênero, num meio culto como o nosso, em que tanto cuidado se consagra à instrução popular”. (A *FEDERAÇÃO*, 04/04/1919, p. 20).

Na ocasião da inauguração, falaram os professores Augusto Gabrielli, diretor da escola, e Francisco Bellanca<sup>64</sup>. O professor Gabrielli expôs as vantagens da proposta educacional e afirmava: “todos os conhecimentos teóricos ou práticos sobre a arte são ministrados aos alunos e alunas segundo as necessidades das suas carreiras profissionais, desde os princípios mais elementares de geometria e desenho ornamental às noções mais elevadas e gerais da filosofia da arte e estética”. (A *FEDERAÇÃO*, 04/04/1919, p. 20). A Escola de Arte Aplicada parece ter funcionado até por volta de 1924, quando encerrou suas atividades. Segundo Cusano (1920), os cursos de arte eram dados para alunos adultos. A sociedade ainda mantinha o *Círculo Filodramático Elena de Montenegro*, “que contava com uma pequena orquestra regida pelo maestrino Radamés Gnatalli e grupo teatral” (A *FEDERAÇÃO*, 02/08/1924, p. 2)

---

<sup>64</sup> Francisco Bellanca (1895-1974) foi o artista responsável pela criação do brasão de Porto Alegre, em 1947. Foi o primeiro estudante formado no então Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, em 1922. Foi o responsável pela ilustração de vários livros de anatomia e teses de professores da faculdade de Medicina da Capital. Observa-se que Francisco Bellanca atuou como professor na *Principessa Elena* ainda como aluno de Belas Artes.

e que se dedicava a apresentar peças italianas.

O diretor da Escola de Arte Aplicada, professor Augusto Gabrielli, tinha notável fama em Porto Alegre, tendo sido contratado pelo governo do Estado para fazer a decoração interna e externa do Teatro São Pedro, na capital, nos idos de 1910.

O balanço final da gestão financeira de 1916 da Sociedade *Principessa Elena* foi publicado no jornal *Cittá di Caxias*, na edição de 19 de fevereiro de 1917. Nele, identificou-se que o consulado italiano repassou à escola, a título de subsídio, a importância de 800 liras, no ano de 1916, o equivalente a 520 mil réis. Já o total pago no ano de 1916 para a professora Laura Zufellato foi de 1 conto e 575 mil réis. As receitas oriundas das mensalidades dos alunos somaram 615 mil réis. Com a cerimônia dos exames finais, o gasto foi de 18 mil réis.

Em 1899, começou a lecionar a professora Camilla Roncoroni, que permaneceu como diretora e professora até 1909, quando deixou a escola e foi lecionar em Pelotas. Posteriormente, exerceu atividades docentes em Santa Maria e, finalmente, em Gramado. A senhora Roncoroni dava “aulas particulares em casa de famílias, tanto de língua italiana como de língua portuguesa, em hora e preço a combinar”. (*STELLA*, 03/05/1903, p. 3). Lê-se, ainda, no *Cinquantenario*:

Trinta anos de sua existência foram dedicados ao ensino da nossa língua, lecionando em diversas localidades do Estado: em Pelotas, em Silveira Martins, em Gramado e em Taquara, e entre os colonos italianos nas adjacências da Barra do Ribeiro. Velha e exausta, retornou há alguns anos para sua natal Milão, em honrada miséria a que o nobre magistério reserva a todos, muitas vezes nem mesmo retribuído com o reconhecimento público. A professora Camilla Roncoroni distinguiu-se entre os beneméritos da educação colonial. (*CINQUANTENARIO*, 1925, p. 399; primeira parte; tradução nossa).

De fato, a professora Camilla Roncoroni, depois de anos de magistério, voltou para a Itália em 1923<sup>65</sup>. Ela começou a receber um subsídio do governo italiano que a ajudava a pagar as despesas da “Pia Casa de Incuráveis”. Em 1932, escreveu ao MAE, queixosamente, informando sobre seu estado de saúde, pois não mais estava recebendo o auxílio do governo. Assim, referiu que:

<sup>65</sup> ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Cor. GIOVANNI CAMPANA, 02/1929, Maço 785.

[...] depois de mais de quarenta anos de aula no exterior, ver-me, de repente, privada deste subsídio sem demérito algum de minha parte, prostra-me moralmente e fisicamente. [...] Ah Senhores! Se conhecessem o quanto me faz sofrer esta falta de um auxílio! [...] Estou com 78 anos de idade e creio que terão por pouco tempo este incômodo! <sup>66</sup> (Tradução nossa).

Foram ainda professores da escola, na década de 1910-1920, os docentes Vito Paradiso e sua esposa Adelina Paradiso, Rafaele Nigro e Laura Zuffellatto. Na década de 1920, foi professora a senhora Amélia Sanguin. Sobre a década de 1930, encontrou-se o registro da professora Elda Giaciolli, entre outros, que serão vistos nos capítulos 4 e 5. Abaixo, na Figura 16, ao fundo, no palco, a professora Amélia Sanguin e, na frente, seus alunos, no salão nobre da Sociedade *Principessa Elena*, local utilizado para as aulas.



Figura 16: Alunos da *Scuola Principessa Elena di Montenegro* com a professora Amélia Sanguin ao centro (1925)

Fonte: *Cinquantenario* (1925, p. 398; primeira parte).

<sup>66</sup> ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Cor. CAMILLA RONCORONI, s/d [mas de 21/03/1932]. MAÇO 785. Na correspondência da professora Camilla ao MAE não há data de envio, mas é possível identificar a data de recebimento pelo MAE: 21/03/1932. Carta manuscrita com três páginas.

O Quadro 9 apresenta o nome dos cônsules italianos que estavam à frente do consulado e que definiam subsídios para a *Scuola Principessa Elena di Montenegro*, bem como traz a relação dos presidentes da sociedade homônima, o nome dos diretores da escola e o nome de alguns professores que atuaram em diferentes anos.

**Quadro 9: Sociedade *Principessa Elena di Montenegro*: cônsules italianos, presidentes da sociedade, professores e diretores da escola (1893-1938)**

Período	Cônsules italianos em Porto Alegre	Presidentes da Sociedade <i>Principessa Elena di Montenegro</i>	Professores da Escola
De 1893 a 1903	Giustiniani Camilo Lencisa Gherardo Pio di Savoia Angelo Legrenzi Adolfo Gradara Angelo Dall'Aste Brandolini Enrico Ernesto Ciapelli Mario Garrou	Francesco Gastaldoni Giuseppe Zucchelli Giulio Bozano Giuseppe Ballebon Federico Rampon Pietro Bonotto	Cesira Pelizzari Camilla Roncoroni
De 1904 a 1914	Francesco De Velutiis Gustavo Tosti Giovanni Battista Beverini	Pietro Bonotto Paolo Paganini Gennaro Scalzilli Vito Paradiso	Camilla Roncoroni Vito Paradiso Adelina Paradiso Rafaelle Nigro
De 1915 a 1927	Giovanni Battista Beverini Massimo Goffredo Giulio Bozano Luigi Arduini	Giuseppe Salvatori Alessandro Picini Pasquale Santoro Giovani Campana	Rafaelle Nigro Amélia Sanguin Laura Zuffellatto Francisco Bellanca Augusto Gabrielli Sr. Sant'Anne
De 1928 a 1938	Manfredo Chiostrì Giacomo Ungarelli Mario Carli Américo Gighi Guglielmo Barbarisi Santovicenzo Magno	Giovani Campana Guido di Meda Vittorio Verdi Nicola Soriero Pietro Zoratto Fedele Marranghello Giuseppe Vergo	Senhor Sant'Anne Guido di Meda Elda Giaciolli Luigi Ledda Maria Brigida Feola Adolfo Madile

Fonte: *Cinquantenario* (1925), Iotti (2010) jornais *Stella d'Italia*, *A Federação* e *Correio do Povo*.

A referência à pátria materna era uma constante na escola que mescla, também, o respeito pela pátria de acolhida.

A sociedade italiana *Principessa Elena di Montenegro*, por iniciativa do presidente senhor Pietro Bonotto, comemorará na sua sede social o Centenário da Independência do Brasil, falando o secretário da Sociedade sr. Pasquale Santoro. Nessa ocasião terá lugar também a inauguração do retrato da rainha Elena de Itália oferecida à sociedade e à escola anexa com assinatura autografada da própria ofertante. Os alunos da escola da sociedade cantarão o hino nacional brasileiro e o

hino à rainha Elena, acompanhados ao piano pelo maestrino Radamés Gnattali.<sup>67</sup> (*A FEDERAÇÃO*, 07/09/1922, p. 28).

É possível identificar que, em muitos momentos de comemoração nacional ou de eventos do Estado, a *Scuola Principessa Elena di Montenegro* se fez presente, envolvendo seus alunos juntamente com as escolas públicas e privadas de Porto Alegre e com as demais escolas étnicas italianas e alemãs. O jornal *A Federação* registrou inúmeros momentos: Comemoração da Festa das Árvores com as escolas da capital (*A FEDERAÇÃO*, 15/08/1904); Desfile para o Governador no dia 20 de setembro (*A FEDERAÇÃO*, 19/09/1902); Exposição didática das escolas italianas (*A FEDERAÇÃO*, 19/12/1934); Campanha contra o analfabetismo (*A FEDERAÇÃO*, 27/04/1936); Passeios escolares (*A FEDERAÇÃO*, 01/02/1937), entre outros. Quanto à quantidade de alunos frequentadores da Escola, pelos dados apurados, pode-se afirmar que oscilaram entre 35 a 110 alunos/ano até 1932. Pontualmente, no final de 1926, a escola possuía 40 alunos, conforme o jornal *A Federação* (10/12/1926, p. 3). Na década de 1930, os relatórios do Diretor Didático foram mais precisos, como será visto adiante.

Claro está que não obstante o esforço das associações italianas e das iniciativas das comunidades nos núcleos rurais, o processo educacional encontrava dificuldades, como bem se vê em Pesciolini (1914, p. 284). Notadamente, em Salvetti (2009), percebe-se que os subsídios eram parcos e deviam ser tomados apenas como um apoio moral e um encorajamento.

No Relatório do regente Bozano, o diplomata apontou quais eram as escolas que mereciam ser subsidiadas pelo governo italiano, fazendo eco ao relatório do agente da *Italica Gens*. Nele, Bozano estabeleceu que o Instituto *Augusto Menegatti*, a *Scuola Principessa Elena di Montenegro* e a *Umberto I* deveriam ser subsidiadas. A embaixada italiana no Rio de Janeiro enviou ao MAE o seguinte parecer:

---

<sup>67</sup> Radamés Gnattali (1906-1988) foi um famoso compositor, arranjador, regente e pianista. Dirigiu a pequena orquestra da Sociedade *Principessa Elena di Montenegro* por alguns anos, como é possível ver no jornal *A Federação* de 02/08/1924, p. 2. Gnattali era “filho primogênito de uma pianista gaúcha descendente de italianos, Adélia Fossati Gnattali, e de um imigrante italiano radicado em Porto Alegre, Alessandro Gnattali [...]”. Aos nove anos, foi condecorado com uma medalha pelo cônsul da Itália. Foi membro da Academia Brasileira de Música e da Academia de Música Popular Brasileira”. (DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA, 2014).

A escola paroquial de Nova Roma e o Instituto Agrário Murialdo de Ana Rech têm possibilidade de se manterem por conta própria, enquanto é indispensável uma ajuda às duas escolas de Porto Alegre da Sociedade de Beneficência *Umberto I* e da *Principessa Elena di Montenegro*, respectivamente com 62 e 32 inscritos, nas quais se desenvolve o programa das nossas primeiras quatro séries elementares, a primeira dedicando ao italiano 26 horas semanais e a segunda 18 horas. Proponho um subsídio de duas mil liras.<sup>68</sup> (Tradução nossa).

Inúmeras vezes foi necessário buscar recursos da comunidade para a manutenção da escola por meio da promoção de festas, teatros e apresentações artísticas, como já referido. Esses eventos, em benefício às escolas italianas da capital, eram frequentes (cfe. *A FEDERAÇÃO*, 08/05/1905, p. 3 e 10/08/1903, p. 2).

É importante salientar que o valor das mensalidades dos alunos da *Scuola Principessa Elena* era superior aos valores das escolas do interior. Em 1904, a *Principessa Elena* anunciava as mensalidades: “dois mil réis para filhos de sócios e quatro mil réis para não sócios”. (*STELLA*, 03/07/1904, p. 1). Em termos comparativos, pode-se ver em Kreutz e Luchese (2010) que a mensalidade paga na escola mantida pela Sociedade Italiana de Mútuo Socorro *Stella d'Italia*, em Garibaldi, no Rio Grande do Sul, era a seguinte: os sócios pagavam 500 réis mensais mandando um filho, 800 réis mandando dois filhos e 1.000 réis mandando três filhos. Os não-sócios pagavam 1.000 réis por um filho, 1.500 réis por dois filhos e 2.000 réis por três.

No balanço da gestão financeira de 1916, observa-se que o consulado italiano destinou 800 liras para a escola da Sociedade *Elena di Montenegro*.

---

<sup>68</sup> ASMAE- Archivio Scuole 1923-1928. Rel. BOZANO, 04/01/1928, Maço 785.



# Società di Beneficenza e Istruzione "Principessa Elena di Montenegro," in Porto Alegre

Bilancio Consuntivo della Gestione Finanziaria 1916 :

## ENTRATA

Esistenti in Cassa al 31 dicembre 1915 . . . . .	25\$000
Dal R. Console, per sussidio del governo italiano alla scuola mista della Società (lire 800) . . . . .	520\$000
Dal Collettore, per quote riscosse dai soci . . . . .	2.210\$000
Dalla Maestra, per quote degli alunni . . . . .	616\$000
Dall'Economo, per fitto del salone sociale . . . . .	1.050\$000
Dal socio E. Peroni, per quota di prestito per l'installazione dei wather-closets . . . . .	100\$000
Dai soci Verdi e Pollicini, per quote di prestito per l'installazione dei wather-closets . . . . .	300\$000
Dal socio P. Bonotto, per acquisto di due cartelle del Prestito Italiano di Guerra (200 lire) . . . . .	136\$000
Dal socio B. Crocetta, per acquisto di una cartella del Prestito Italiano di Guerra (100 lire) . . . . .	68\$000

TOTALE Rs. 5.025\$000

## Riassunto :

Entrata . . . . .	Rs. 5.025\$000
Uscita . . . . .	" 5.097\$200
Deficit al 31 dicembre 1916 . . . . .	" 72\$200

## USCITA

Per installazione dei wather-closets e relativa tubatura nella sede sociale . . . . .	665\$000
Per sussidi a soci ammalati . . . . .	649\$000
Per sussidio alla Vedova Sala, in occasione della morte del socio Giuseppe Sala . . . . .	30\$000
Per stipendio alla Maestra signora L. Zaffellato . . . . .	1.575\$000
Per stipendio al Segretario sig. G. Zuffellato, fino a metà luglio . . . . .	195\$000
Per percentuale al collettore sig. Limongi sulle quote riscosse dai soci . . . . .	220\$900
Per libri d'amministrazione, stampati, bolli, annunci di giornali e oggetti di cancelleria . . . . .	199\$200
Per tasse municipali: decima e polizamento . . . . .	451\$800
Per assicurazione dell'edificio sociale contro incendio . . . . .	88\$200
Per un filtro . . . . .	28\$600
Per ausilio di viaggio al connazionale prof. Galassi . . . . .	20\$000
Per la cerimonia degli esami scolastici . . . . .	18\$000
Per rimborso quota di prestito per wather-closets, al socio Peroni . . . . .	100\$000
Per sottoscrizione al Prestito Italiano di Guerra (lire 1000) . . . . .	680\$000
Per la festa dell'anniversario sociale . . . . .	176\$500

TOTALE Rs. 5.097\$200

## TITOLI DI DEBITO

A pagare ai soci Verdi e Pollicini per rimborso prestito wather-closets . . . . .	300\$000
---	----------

## TITOLI DI CREDITO

A ricevere da portatori di 7 cartelle del Prestito Italiano di Guerra . . . . .	476\$000
Saldo di Cassa nom. trasferibile alla gestione 1917 . . . . .	176\$000

Porto Alegre, 15 gennaio 1917

Figura 17: Balanço da *Società Principessa Elena di Montenegro* (1916)

Fonte: *Jornal Città di Caxias* (19/02/1917, p. 3).

Os dados do balanço, apresentado na Figura 17, denota o perfil das sociedades que tinham dificuldades de se manterem. Em 1928, a professora Amélia Piccinali Sanguin, que recebia 3000\$000, havia feito um pedido de aumento de salário e pedia pela segunda vez em 1929. Segundo o presidente da *Principessa Elena*, Giovanni Campana, "[...] não foi possível conceder, dada a precária condição da sociedade. Foi feito um pedido à Intendência Municipal para que fossem alivados os impostos<sup>69</sup>". (Tradução nossa).

Pelo que se pode apurar, as sociedades enviavam ao consulado o seu orçamento anual para a conferência do cônsul. Os orçamentos eram assinados pelos professores e presidente ou secretário da sociedade. Em abril de 1929, pouco depois do início das aulas, a professora Amélia Sanguin, pela *Principessa Elena*, e a professora Pina Mottola, pela *Umberto I*, enviaram os programas de ensino e a previsão orçamentária das escolas.

A partir dos orçamentos enviados pelas duas sociedades ao cônsul Manfredo Chiostrì, foi possível elaborar o Quadro 10 relativo às despesas das sociedades com a manutenção das escolas.

<sup>69</sup> ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Cor. GIOVANNI CAMPANA, 02/1929, Maço 785.

**Quadro 10: Previsão de despesas das Sociedades *Umberto I* e *Princesa Elena di Montenegro* para manutenção das escolas (1929)**

Escola	Despesas	Custo	Escola	Despesas	Custo
<i>Umberto I</i>	Salário de 2 professores para escola diurna	5000\$400	<i>Princesa Elena di Montenegro</i>	Salário de uma professora	3000\$000
	Salário de 2 professores para escola noturna	3000\$000		Papelaria	60\$000
	Tinta (nanquim) giz, folhas, cadernos, etc.	250\$000		Medicamentos	30\$000
				Manutenção	30\$000
				Roupas e uniformes	15\$00
				Impostos municipais	1000\$000
<b>Total</b>		<b>8.000\$250</b>			<b>4.135\$000</b>

Fonte: ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. PRINCIPESSA ELENA, 11/04/1929, Maço 785. ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. UMBERTO I, 17/04/1929, Maço 785.

No Quadro 10, observa-se que a *Umberto I*, por ter um número maior de alunos, possuía duas professoras, além de ter aberto um curso noturno. A partir de 1932, o subsídio para a *Scuola Principessa Elena di Montenegro*, bem como para a *Scuola Umberto I* parece ter sido aumentado e bem mais adequado às despesas das instituições, conforme se observa na correspondência do cônsul Mario Carli ao *Ministero degli Affari Esteri* datada de 8 de novembro de 1932. Num trecho da correspondência (Figura 18), lê-se: “[foi destinado] o montante de 3000 e 6000 liras cada, descrito no recibo da distribuição do valor na soma de 10.000 liras entre as escolas mais merecedoras de Porto Alegre, Bento Gonçalves e Garibaldi<sup>70</sup>”. (Tradução e grifo nossos).

<sup>70</sup> Fonte: ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Cor. MARIO CARLI, 8/11/1932. Maço 933.

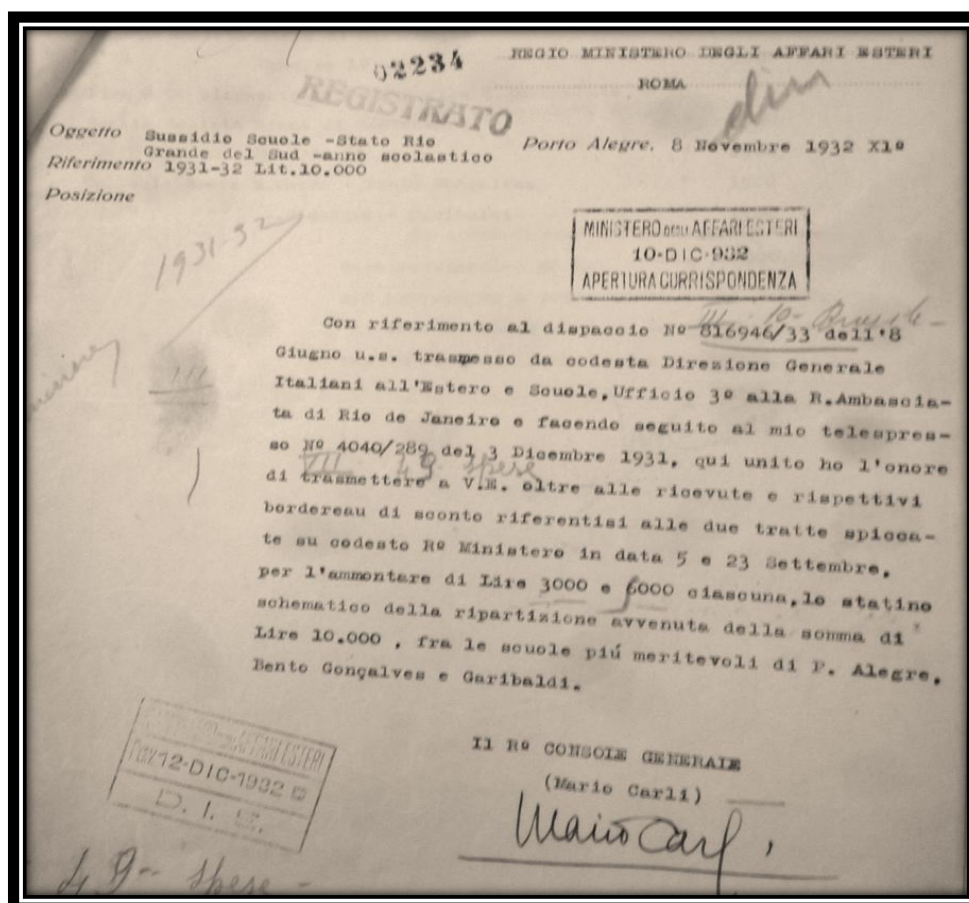


Figura 18: Correspondência sobre subsídios às escolas.

Fonte: ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Cor. MARIO CARLI, 8/11/1932. Maço 933.

Na sequência da correspondência, Mario Carli definiu 3500 liras para a *Umberto I* e o mesmo valor para a *Principessa Elena*, além de 1500 liras para o Colégio das Irmãs de São Carlos de Bento Gonçalves<sup>71</sup> e mais 1500 liras para o Colégio das Irmãs de São José de Garibaldi<sup>72</sup>, consideradas as instituições educacionais mais merecedoras naquelas cidades.

<sup>71</sup> Quando do início de suas atividades, em 09/02/1915, chamava-se “Colégio São Carlos”, hoje, Colégio Scalabriniano Nossa Senhora Medianeira. Foi fundado pela Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas, de origem italiana. As Irmãs de São Carlos vieram ao Brasil à convite de Dom João Becker, por meio do Padre Carlista Henrique Poggi. “Há cem anos, a pedido do Padre Henrique Poggi, vigário da Paróquia Santo Antônio, a Venerável Madre Assunta Marchetti, cofundadora, mulher simples, forte que amou intensamente no próximo, especialmente os órfãos, pobres, doentes e migrantes [...] enviou a Bento Gonçalves cinco Irmãs Missionárias Scalabrinianas: Irmã Lúcia Gorlin, Irmã Borromea Ferraresi, Irmã Josefina Oricchio, Irmã Maria de Lourdes Marins e Irmã Joana de Camargo com o objetivo de desenvolver a ação pastoral educativa junto aos filhos dos imigrantes italianos, conforme a intenção do fundador D. João Batista Scalabrini que ‘intuiu fortemente a urgência de desenvolver uma bem conduzida ação missionária junto a milhares de italianos em êxodo para a América’”. (CÂMARA MUNICIPAL DE BENTO GONÇALVES, 2015).

<sup>72</sup> As Irmãs de São José de Moûtiers (hoje, de Chambéry) chegaram a Garibaldi por convite do Bispo Mons. D. Cláudio e por meio do Frei Capuchinho, Bruno Gillonay, em 23 de dezembro de 1898. Em 13 de junho de 1899, fundaram o colégio feminino de Garibaldi. Foi a quarta Congregação chegada ao Estado e a primeira na Serra Gaúcha.



Figura 19: Sede da Sociedade *Umberto I* (1938)  
 Fonte: Jornal *Correio do Povo* (26/05/1938, p. 26).

Outra importante escola da capital que atravessou mais de 30 anos foi a *Scuola Umberto I*. Como foi possível ver, a Sociedade de Mútuo Socorro *Umberto I*, mantenedora da escola homônima, iniciou suas atividades em 1900. Já em 17 de janeiro de 1904, ela inaugurou sua nova sede, à “Rua Visconde do Rio Branco, esquina com a Avenida Eduardo”. (*A FEDERAÇÃO*, 16/01/1904, p. 2). O prédio da sociedade não mais existe. Em 1917, encontrou-se a sociedade comemorando seus 17 anos, com sua escola mista elementar, ainda em funcionamento. Na ocasião da festividade, os alunos estavam vestidos todos de branco acompanhados por uma orquestra e piano forte. Quanto aos seus diretores, podem ser citados o senhor Francisco Zuliani (*STELLA*, 1904), que era secretário do Consulado da Itália, e senhora Amélia Sanguin (*CORREIO DO POVO*, 25/02/1932, p. 7).

Na sede da Sociedade *Umberto I*, aconteciam as aulas da *Scuola* homônima. Na década de 1930, o espaço insuficiente fez com que fossem alugadas outras duas salas nos arredores para receber os alunos.





Figura 20: Alunos da *Scuola Umberto I* com o professor Francesco Zuliani ao centro<sup>73</sup>  
 Fonte: FANFULLA. **Il Brasile e gli italiani**. Firenze: R. Bemporad & Figlio, 1906.

Observa-se na Figura 20 o professor Francesco Zuliani em meio aos seus alunos com uniforme garibaldino. Na primeira fileira, aparecem os estudantes menores, possivelmente os da classe preparatória que, por muitos anos, a escola manteve. Tanto na Figura 20 como na Figura 21, nota-se que há somente um professor.

Na Figura 21, percebe-se que, no marco do cinquentenário da imigração italiana, o número de alunos havia decaído. Embora todos eles aparentassem estar bem vestidos, não existia mais a prática de usar o uniforme. A *Scuola Umberto I* foi uma instituição multisseriada e, por muito tempo, unidocente. O texto abaixo, retirado do *Cinquantenario*, mostra que, na década de 1920, a escola possuía mais de um professor, ao menos em alguns períodos, fato que se observará também na década de 1930.

<sup>73</sup> A mesma foto aparece no *Cinquantenario* (1925, p. 399; primeira parte) e datada de 1903.

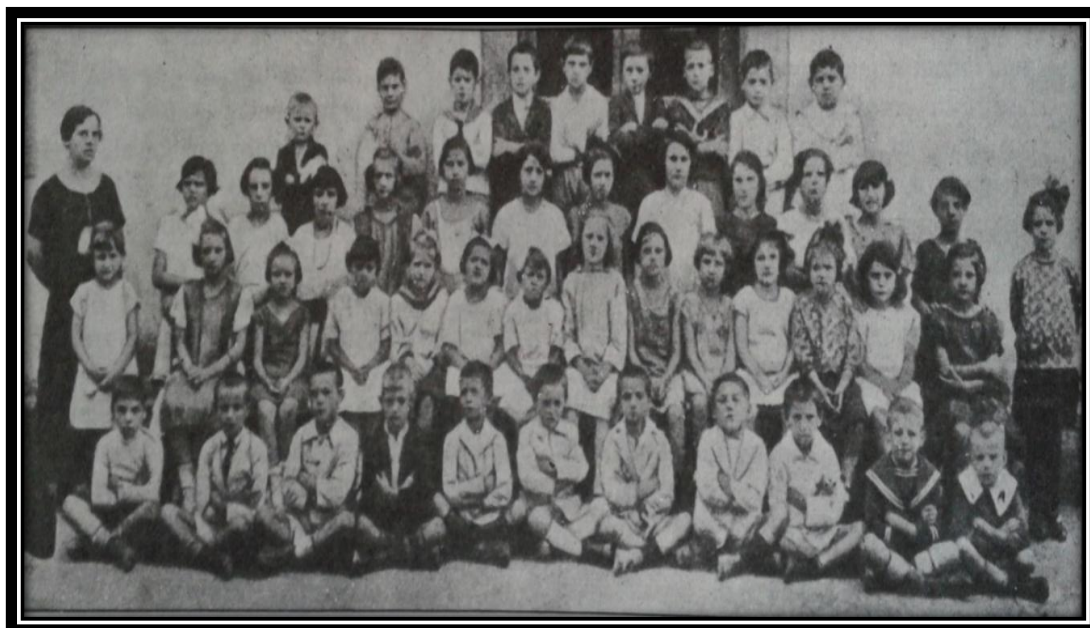


Figura 21: Alunos da *Scuola Umberto I* de Porto Alegre em 1925 com a professora Giuseppina Maia<sup>74</sup>

Fonte: *Cinquantenario* (1925, p. 400; primeira parte)

[...] a *Umberto I* fez da escola sempre a sua mais nobre missão social, confiando a direção, sucessivamente, aos professores Palmieri, Riva, Zuliani, De Geroni, Donadio e aos professores Pellizzari, Trussardi e Menegatti e, de 1917 até agora, à professora Giuseppina Maia, auxiliada ultimamente pela professora senhorita Amália Longo. Interinamente, em 1924, foi também professora da *Scuola Umberto I* a inteligente senhorita Dalila Moretto, ex-aluna da escola. A escola atingiu a máxima perfeição nestes últimos sete anos de docência da senhora Giuseppina Di Lorenzo Maia. (*CINQUANTENARIO*, 1925, p. 400; primeira parte; tradução nossa).

Nos exames de 1928, encontrou-se a informação de que havia, na *Umberto I*, a professora Ondina Soares Muller, que lecionava português e acompanhava os exames finais e a professora de italiano, Giuseppina Finizio.<sup>75</sup> Assim, foi possível compor o quadro de 3 docentes para a *Scuola Umberto I*, contando com a professora Pina Mottola. Com a reorganização das escolas, em 1933, o quadro docente mudará, como será visto na sequência deste trabalho.

Na edição do *Stella*, de 24 de dezembro de 1911, vê-se publicada a relação dos alunos que se destacaram nos exames finais da *Umberto I* e da *Principessa Elena di Montenegro*. Nota-se, na matéria do jornal, que os exames ocorreram em três dias e que o presidente da comissão examinadora foi o

<sup>74</sup> A professora Giuseppina Maia faleceu em 1925 (*CINQUANTENARIO*, 1925, p. 400; primeira parte).

<sup>75</sup> ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Rel. *SCUOLA UMBERTO I*, 12/12/1929. Maço 785. Trata-se do relatório de alunos aprovados, em dezembro de 1929, que foi enviado ao consulado pelo secretário da Sociedade *Umberto I*.

cônsul Beverini, que “estava acompanhado também do professor F. S. Acierno<sup>76</sup>, Diretor Didático das escolas italianas desta capital”. Segundo Adelchi Colnaghi, o “êxito nas duas escolas foi gratificante e nós do Stella nos congratulamos com os professores”. (*STELLA*, 24/12/1911, p. 2; tradução nossa). A informação de que havia um Diretor Didático para os educandários já nessa época não pôde ser confirmada com outra documentação. Se assim for, pode-se dizer que já antes de 1930 havia, ao menos formalmente, a orientação para uma unidade entre as escolas da capital.

Os dados do jornal são insuficientes para afirmar categoricamente. Contudo, parece tratar-se do padre italiano Francisco Saverio Acierno, pároco de Bento Gonçalves desde 1908. De qualquer forma, se ele era pároco nessa cidade, é provável que o acompanhamento das escolas da capital não fosse rigoroso.

No Quadro 11, vê-se o nome dos alunos da *Scuola Umberto I* e *Principessa Elena di Montenegro* que participaram dos exames finais do ano de 1911. Os dados foram publicados no jornal *Stella*. Observe-se, também, que nesse ano, existiu somente três séries em ambas escolas.

**Quadro 11: Alunos que se destacaram nos exames escolares de 1911**

Série	<i>Scuola Umberto I</i>	<i>Scuola Principessa Elena di Montenegro</i>
Primeira série	Ernestina Moretto di Giuseppe, Santino Moretto di Giuseppe, Ernestina Rampon Federico	Regina Antonello, Eleonora Briidi, Giovanni Cusinato, Margherita Cusinato, Mario Gaudnezi, Pietro Leopardo, Carmelina Nigro, Vitrtorio Semnsato, Faustino Strinhini, Riccardo Tulissi
Segunda série	Luigi Nello Artioli, Antonio Pianezzola, Marco Virinio Berton	Armando Antonello, Gilberto Brigid
Terceira série	Atonio Corona Pianezzola, Rosina Viero, Amalia Monaco	Brigidi Calliano, Vicentina Mazzucchelli, Angelina Tulissi, Francesco Muratore, Guglielmo Gaudenzi

Fonte: Jornal *Stella d'Italia* (24/12/1911, p. 2).

<sup>76</sup> Segundo Lorenzoni (1975, p. 141), Acierno “em 1912, abandonou o sacerdócio para casar-se com Ana Salton. Dessa união nasceu uma filha que, aos dois anos de idade, foi abandonada pelo pai, que voltou para a Itália, onde, dizia-se, voltou a atuar como sacerdote no Sul da península”.

Observação importante é a que foi feita por Colnaghi acerca dos exames finais do ano de 1911, sobre os quais teceu uma dura crítica, embora não se possa generalizar. Ele já havia observado que não havia unidade entre os programas das escolas da capital e isto era um “grave problema”. Soma-se a esse a consideração dos pais sobre a importância dos exames finais, os quais, segundo ele, não eram percebidos como um momento de prestação de contas de seus filhos, mas um evento de exibicionismo.

Este ano escolástico parece que está fechando deixando todos contentes. Porém, pelos registros escolares e por informações privadas, resulta que as ausências dos alunos durante o ano foram frequentíssimas. Isto é um mal grave, pois assim a criança não recebe um ensino organizado, mas um ensino esporádico de modo a encher a cabeça, mas não nutrir o cérebro. De outra parte é um mal, pois o professor deve sempre retornar ao começo de seu ensino; portanto, perde-se tempo, há pouca ordem e pouca disciplina na escola. Porém, o mal maior nós encontramos na indiferença entre os pais, os quais, sendo avisados, deixam escoar a água pelo ralo sem tomar as providências necessárias para reforçar as ações dos professores. **E ainda vemos que, para alguns pais de família, o exame final não é considerado como uma prestação de contas do trabalho do aluno, mas somente como um espetáculo de gala onde o filhinho possa se mostrar com os sapatinhos lustros amarradinhos e a gravata de crochê esvoaçande no pescoço, ou a menina pavoneando-se com o vestido cheio de rendas enquanto as tranças encaracoladas esvoaçam nas costas.** Eis ao que se reduz para muitos os exames finais! (STELLA, 24/12/1911, p. 2; tradução e grifo nossos).

Colnaghi terminou sua crítica sobre os exames finais de 1911 apostando que o ano de 1912 seria melhor e que a Federação (recém-fundada) ajudaria os professores e pais a “educar os nossos pequenos”.

Outras iniciativas podem ser lembradas aqui como a da Sociedade *Unione Meridionale Vittorio Emanuele III* e a *Giovanni Emanuel*; porém, ambas tiveram vida breve. Da primeira, leu-se no *Cinquantenario* (1925, p. 401; primeira parte; tradução nossa) que permaneceu em atividade por quatro anos. Assim se expressava Crocetta:

Recordarei, por uma questão de justiça, a escola italiana que de 1904 a 1907 funcionou regularmente na capital, aos cuidados da *Unione Meridionale*, patrocinada por Nicola Marsicano e outros compatriotas do sul da Itália. Dirigiram-na, primeiro, o professor senhor Giovanni Dalla Ragione e Ercole Donadio e, posteriormente, Mario De Candia.

Quanto à *Scuola Giovanni Emanuel*, criada em 17 de julho de 1904 e



mantida pela sociedade homônima, teve vida um pouca mais longa, cerca de oito anos. Depois de uma longa parada de suas atividades, a sociedade retomou seu funcionamento em 1916, mas sem a escola. O *Stella d'Italia* registrou que a escola atuava apesar das grandes dificuldades e comemorava no salão da Sociedade *Vittorio Emanuele II* o seu décimo primeiro aniversário: “[...] os seus poucos sócios-fundadores contra mil obstáculos lutam, conseguindo sempre vitoriosamente manter a instituição com vida, celebrando suas festas com imponência admirável”. (STELLA, 25/09/1913, p. 3, tradução nossa).

## 2.5 DUAS AMÉLIAS E UM AUGUSTO

“Eu sou da opinião que se deve auxiliar mais ainda as atuais escolas desta cidade para que possam se desenvolver mais ainda e receber um maior número de alunos.”  
(ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. REL. BOZANO. 18/02/1927, p. 1. Maço 702)

Em fevereiro de 1927, Giulio Bozano<sup>77</sup> enviou ao MAE um relatório sobre as três escolas italianas da capital: o *Instituto Augusto Menegatti*, a *Scuola Umberto I* e a *Principessa Elena di Montenegro*. Do conjunto de seu relatório, que abrangia e detalhava os exames escolares da *Scuola Umberto I* e *Principessa Elena*, é possível identificar que, no ano de 1926, as duas escolas tinham as seguintes características:

- a) ambas possuíam uma série preparatória chamada “Primeira série inferior”, na qual, se aprovados, os alunos passariam para a “Primeira série superior”. Essa etapa preparatória foi eliminada quando da reorganização, em 1933;
- b) ambas tinham professoras: na *Umberto I*, lecionava a professora Amélia Longo, formada na Itália. A *Principessa Elena*, igualmente, era conduzida pela senhora Amélia Piccinalli Sanguin, também formada na Itália, atendendo às quatro séries existentes, além da classe preparatória. Em nenhuma delas existia a quinta classe. Na reorganização, a *Umberto I* passa a ter a quinta série e a *Principessa Elena*, no máximo, a quarta

<sup>77</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Rel. BOZANO, 18/02/1927. Maço 702. Trata-se de um relatório com quatro páginas datilografadas que detalha os exames das escolas *Umberto I* e *Principessa Elena* com número de alunos, conteúdos exigidos, aprovações e reprovações. Também trata, brevemente, sobre os exames do Instituto Augusto Menegatti referindo que os resultados destes foram bons.

série;

- c) com a reorganização, as escolas, via de regra, passaram a ter ao menos dois professores, além do docente específico para o ensino de português destinado pelo Governo Estadual;
- d) quanto ao programa, o regente Bozano deixava claro que “correspondem aos programas emanados por este Governo para as escolas no exterior<sup>78</sup>”;
- e) relativo ao número de alunos, a *Umberto I* atendia 50 estudantes de ambos os sexos, e a *Principessa Elena* 49;
- f) quanto aos resultados dos exames do ano de 1926, Bozano apontou que, mesmo o programa sendo igual, ele registrou que, na *Principessa Elena*, “não é desenvolvido com o mesmo sistema, intensidade e perseverança como supracitado, tendo sido o resultado dos exames medíocres<sup>79</sup>”;
- g) em ambas escolas havia premiação e distinção para os melhores avaliados e promovidos.

Conforme as características apresentadas nas alíneas acima, o regente Bozano indicava que os programas das duas escolas eram os mesmos e de acordo com a orientação do governo. As duas Amélias seguiam as orientações. O professor Augusto Menegatti, como se verá adiante, esforçava-se para atender às exigências do Governo.

Abaixo, na Figura 22, pode-se visualizar o programa da *Primeira classe* (Primeira série), seguido na *Scuola Umberto I*. No ANEXO 1 (Programa Didático da *Scuola Umberto I* – 1929), constam os programas das quatro séries manuscritos pela professora Pina Mottola da *Umberto I* que os enviou ao consulado em 1929. O fato de os programas terem sido enviados ao consulado para aprovação denota que, mesmo sem um Diretor Didático nos moldes de Luigi Ledda, a partir de 1933, o cônsul era a referência para a chancela dos mesmos.

<sup>78</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Rel. BOZANO, 18/02/1927. Maço 702, p. 2.

<sup>79</sup> Ibidem, p. 3.

<p>Programma.</p> <p>Classe 1<sup>a</sup>.</p>	
Educazione morale.	Preghiera. Norme e pratiche della condotta. Pulizia personale. dell'orario. Rispetto verso i superiori. Doveri verso Dio e il prossimo. Del sentimento di pietà verso i deboli e i deformi.
Disegno.	Disegno libero. Esercizi per la distinzione dei tre colori fondamentali: giallo, rosso e turchino, in relazione con gli esercizi per l'educazione del senso visivo.
Calligrafia.	Esercizi d'avvicinamento alla scrittura verticale. Maniera d'insegnare la matita o porta penna. Scrittura dritta. Alfabeto maiuscolo e minuscolo. Nomi propri nella famiglia e nella scuola. Breve introduzione sentenze educative.
Lingua.	Detatura ed esercizi di lingua. Le vocali. I distonghi. Copiatura e detatura. Esercizi orali.
Aritmetica.	Concetto dell'unità. Numerazione orale e scritta dal numero 1 al 100. Le 4 operazioni.
Nozioni varie.	Giorno. La giornata (giornata del bambino). Cibi e bevande. Cinque sensi. I giorni della settimana. I mesi dell'anno e le stagioni.
Ginnastica.	Esercizi ordinati. Movimenti elementari. Movimenti sull'aula. Esercizi all'aperto.

Figura 22: Programa da primeira classe da Scuola Umberto I (1929)

Fonte: ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. SCUOLA UMBERTO I – PINA MOTTOLA, 17/04/1929. Maço 785.

A partir dos programas enviados ao consulado pela professora Pina Mottola da *Umberto I*, em 1929, pôde-se elaborar o Quadro 12:

**Quadro 12: Disciplinas da *Scuola Umberto I* (1929)**

<b>Primeira série</b>	<b>Segunda série</b>	<b>Terceira série</b>	<b>Quarta série</b>
Educação Moral	Educação Moral	Educação Moral e cívica	Educação Moral e cívica
Desenho	Desenho	Desenho	Língua
Caligrafia	Caligrafia	Caligrafia	Aritmética
Língua	Língua	Língua	Geometria
Aritmética	Aritmética	Aritmética e Geometria	História
Noções várias	Noções várias	Noções várias	Geografia
Ginástica	Ginástica	História	Ciências
-	-	Geografia	Ginástica
-	-	Ciências	-
-	-	Ginástica	-

Fonte: ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. *SCUOLA UMBERTO I* – PINA MOTTOLA, 17/04/1929. Maço 785.

Alguns aspectos a destacar do programa didático da *Scuola Umberto I* de 1929:

a) **a disciplina de Educação Moral:** era comum às quatro séries (classes). Observa-se que o conteúdo definido versava sobre higiene pessoal, passando pela ideia de direitos e deveres, noções sobre o governo italiano e o respeito ao rei. Além disso, nessa disciplina, o aspecto religioso era abordado desde as orações católicas, os elementos da história sagrada, os mandamentos até os preceitos da Igreja Católica. A variação ocorria na terceira e quarta classe, nas quais há ênfase nos aspectos do governo italiano, como a divisão em regiões, províncias, comunas e aspectos políticos e como a divisão dos poderes locais e nacionais da Itália;

b) **a disciplina de História:** iniciava na terceira série, com avanço até a quarta série. Essa disciplina trazia, em seu conteúdo programático, elementos da história da Itália, de seus personagens, de suas guerras e da história de Roma. Nas duas classes tratava-se do tema do fascismo: na terceira classe, o líder Mussolini; na quarta, a sua doutrina. Observa-se que a história do Brasil e a história local não eram objetos de ensino. Porém, no programa para os exames do ano de 1926<sup>80</sup>, tais conteúdos aparecem, conforme é explicitado, no Quadro 13, logo abaixo.

<sup>80</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Rel. BOZANO, 18/02/1927. Maço 702

c) **a disciplina de Geografia:** presente na terceira e quarta classes, tinha conteúdos voltados para a Itália, enfocando a “Itália em geral”, suas grandes cidades e, na quarta classe, as regiões do referido país, os seus rios e os Alpes, além de suas colônias. O conteúdo programado previa outros assuntos da geografia geral, mas não há referência ao Brasil e às questões locais. Igualmente, no programa para os exames do ano de 1926, tais conteúdos aparecem como se vê, também, no Quadro 13;

d) **a disciplina de Noções Várias e Ciências:** com o nome para as primeiras duas classes de “Noções Várias” e na terceira e quarta classe com o nome de “Ciências”, vê-se que eram tratados, em geral, de temas envolvendo desde de elementos de higiene, saúde, noções de zoologia e os reinos da natureza, alimentação, os sentidos, o corpo humano, as fases do ser humano, saúde, doenças e os sistemas até as noções elementares de física (estados da matéria, eletricidade);

e) **a disciplina de Ginástica:** comum às quatro classes, indica exercícios dentro da sala de aula e exercícios fora da sala na primeira e segunda classe. Na terceira e quarta classes, não há indicação de exercícios ao ar livre. Desde o Ordinamento de 1889 das escolas italianas no exterior, havia a recomendação de atividades físicas desde as escolas elementares. Com o aluguel do Campo Ítalo Balbo, em 1933, as escolas passaram a ter um espaço específico para atividades físicas sempre muito prestigiadas e incrementadas desde o início da era fascista. Como ponderam Chervel (1990) e Julia (2001), os textos normativos sempre devem remeter às práticas, e a pergunta que cabe é: qual o espaço escolar, além da sala de aula, que era utilizado para tal atividade? Em relatório de 16/12/1932, quando lecionava nas duas escolas, Ledda deixou clara a dificuldade de atividades físicas por não ter “espaço adequado”<sup>81</sup>;

f) **a disciplina de Língua:** pelo conteúdo anunciado no programa, não há evidência de que era ensinado o português. Porém, desde o *Ordinamento* de 1889, há a orientação para o ensino da língua do país onde as escolas italianas se encontravam. Além do mais, segundo Giron (1998, p. 96 ), “em 1919, resolveu-se que o português seja [sic] obrigado em todas as escolas mesmo as paroquiais, e que o ensino seja ministrado nessa mesma língua”.

---

<sup>81</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LEDDA, 16/12/1932. Maço 785.

Mas, como já indicado, ao menos em 1928, a professora Ondina Soares Muller lecionava português na *Umberto I*. Ledda, em 1932, ao fazer a avaliação da *Principessa* e da *Umberto I*, concluiu que havia muita dificuldade no ensino de português e do italiano para as turmas<sup>82</sup>. Ademais, nos programas para os exames do ano de 1926<sup>83</sup>, lê-se que um dos conteúdos examinados eram “ditados e cópias do italiano e do português” em todas as séries. Do programa para os exames do ano de 1926, foi possível elaborar o Quadro 13, que segue abaixo:

**Quadro 13: Programa dos exames do ano de 1926 da *Umberto I* e *P. Elena di Montenegro***

Séries	Conteúdos examinados
Série preparatória	<i>Lettura sul sillabario; dettati-copio italiane e portoghesi; esercizi di memória; scrittura e lettura di numero “0” fino al cento; calcolo mentale e scritto entro il vinte sull' addizione e sottrazione</i>
Primeira série	<i>lettura sul teste, esercizi di memória; copie e dettagli italiane e portoghesi; avviamento a comporre per mezzo di domanda sulla lettura; addizione; sottrazione e moltiplicazione; calcolo mentale; esercizi facili e problemi.</i>
Segunda série	<i>Lettura con analisi grammaticale; nome; articolo; aggettivo e pronome; dettati italiani e portoghesi; scritti per imitazione e per aspetto. Le quattro operazione; numeri interi, con lo rispettive prove; moltiplicazione e divisione degli interi per 10-100-1000 ecc; calcolo mentale; problema ed esercizi orali e scritti.</i>
Terceira série	<i>Língua; aritmética; geometria; storia; geografia; lettura e spiegazione; verbi regolari; ; esercizi di memória; analisi grammaticale sulle parti variabili del discorso; dettati italiani o portoghesi; traduzione; le quattro operazioni sui numeri decimali per 10-100-1000; cifre romano; doppio-triplo-quadruplo; metà. Terzo, quarto, quinto, ecc. dei numeri. Calcolo mentale; problemi orali e scritti; prova del novo; definizione; linee; angoli; triangoli; quadrangoli e rispettive superficie. Divisione dell'Italia nel 1848; società segrete; Guerre di indipendenza; storia del Brasile, punti cardinali; bussola; l'Italia in generale fino ai giorni attuali; suoi prossedimeti. Stati del Brasile.</i>
Quarta série	<i>Língua; aritmética; geometria; letture e spiegazione con analisi logica e grammaticale; coniugazione dei verbi regolari; componimenti; dettati; traduzioni; esercizi di memória; sistema metrico decimale; frazioni; divisibilità dai numeri; numeri primi; scomposizione di numeri in fattori primi; rapporti e proporzioni; quadrato e cubo dei numeri, esercizi o problemi; poligono e circolo; superficie; poliedri e corpi rotondi; superficie laterale e totale. Fondazione di Roma, i sette Re; Monomio; Corilano; Cincinnato; Regolo, Pirro e Fabrizio; L'Impero; l'Europa; America in generale; forma della terra e suoi movimenti; circoli massini e minori; latitudine; longitudine; zone.</i>

Fonte: ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Rel. BOZANO, 18/02/1927. Maço 702.

Para o vice-cônsul Bozano, no conjunto dos exames de 1926, os resultados foram bons, como é possível verificar:

Os resultados foram bons, especialmente do Instituto Médio ítalo-Brasileiro e da Sociedade *Umberto I* que foram muito satisfatórios. Eu sou da opinião que se deve auxiliar mais ainda as atuais escolas desta

<sup>82</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LEDDA, 16/12/1932. Maço 785. Trata-se de um relatório do professor Luigi Ledda, com seis páginas, endereçado a DGIE, no qual ele referiu suas impressões sobre o ano de 1932 e seu trabalho desenvolvido na *Scuola Umberto I* e *Principessa Elena*. Nesse relatório, aparecem elementos que justificarão a reorganização das escolas, como os excessivos exercícios de cópia realizados pelos alunos.

<sup>83</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Rel. BOZANO, 18/02/1927. Maço 702.



cidade para que possam se desenvolver mais ainda e receber um maior número de alunos.<sup>84</sup> (Tradução nossa).

A escola do professor Augusto Menegatti e a da professora Amélia Longo tiveram melhor desempenho. Bozano foi claro ao indicar que todas as três instituições seguiam os programas estabelecidos pelo governo italiano e destacava a necessidade de um acompanhamento atento a elas e aos seus professores para que “[...] conduzissem com disciplina seus alunos e levassem todos eles a amarem a pátria distante e o Brasil<sup>85</sup>”. (Tradução nossa).

---

<sup>84</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Rel. BOZANO, 18/02/1927, p. 1. Maço 702.

<sup>85</sup> Idem.

### 3. DA CRIAÇÃO DA SOCIEDADE DANTE ALIGHIERI (1914) ATÉ A CHEGADA DE MANFREDO CHIOSTRI (1928)

*“Mas não é apenas o problema do número de escolas; é a falta de uma verdadeira e própria organização dos meios indispensáveis, que as torna deficientes.”*  
(CINQUANTENARIO, 1925, p. 402; primeira parte)

Parece que, ao menos, três fatos são importantes para o entendimento da educação entre os italianos em Porto Alegre, particularmente a partir de 1914, a saber: o primeiro é a fundação da Sociedade *Dante Alighieri*, que, aos poucos, vai “realizando o desejo” da homogeneização do ensino nas escolas da capital; o segundo é a abertura do Instituto Medio Ítalo-Brasileiro *Augusto Menegatti*, uma escola de ensino elementar e médio que atraía alunos de várias partes do Estado, tendo durado até 1930 e sendo dirigido por um casal de professores formados na Itália; o terceiro elemento é a constatação de um processo de declínio do número de escolas, que iniciou no final da década de 1910, acompanhado pela preocupação com a desnacionalização (na ótica dos agentes italianos) do elemento italiano e, portanto, fazendo nascer a necessidade de ações para reversão ou revigoramento, o que passará, segundo a análise de vários personagens, como será visto nesta tese, pela reorganização da escola étnica italiana.

#### 3.1 O COMITÊ DA DANTE ALIGHIERI EM PORTO ALEGRE

*“Na capital o problema seria resolvido com a federalização das sociedades para o exercício em comum da mútua assistência, na medida em que a Dante Alighieri tomar para si a direção das escolas para lhes dar uma direção uniforme de métodos, de disciplina, de programas.”*  
(CINQUANTENARIO, 1925, p. 402-403; primeira parte)

Por ocasião da construção do prédio da Sede da Dante Alighieri, o presidente da Dante, em Porto Alegre, Duilio Bernardi, recebeu as felicitações do presidente do comitê central da *Dante Alighieri* de Roma. Assim, Paolo Boselli<sup>86</sup> se manifestou:

Acabo de ler no *Giornale d'Italia*, de Rio Grande, do Rio Grande do Sul, a agradável notícia do préstito iniciado com auspício, para edificar

<sup>86</sup> Paolo Boselli (1838-1917) ocupou o cargo de primeiro ministro da Itália entre junho de 1916 e outubro de 1917.



a sede do comitato *Dante Alighieri*. Reservando-se para inscrevê-la quando ela se dignar favorecer-me com mais circunstância das notícias, mando-lhe, de antemão, o reconhecido aplauso do Conselho Central e meu. Queira ela também, que se tem empenhado no trabalho de levar a italianidade quer patriótica como artisticamente, tornar-se interprete da nossa gratidão para com as entidades e as pessoas que, generosamente, subscreveram o préstito e dar-me, em breve, a desejada e alvissareira boa nova de que o seu sonho se realiza. Tenha-me em muita estima. O presidente, P. Boselli. (*A FEDERAÇÃO*, 11/08/1928, p. 4).



Figura 23: Sede da Sociedade Italiana *Dante Alighieri* (1935)

Fonte: **Álbum recordações de Porto Alegre: 1835 – Primeiro Centenário da Epopéia Farroupilha (1935)**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1935.

A nova sede da *Dante Alighieri*, construída em 1929, localizava-se à Rua Misericórdia, número 8, esquina com a Rua General Vitorino. Esse era o nome do trecho da Rua do Hospital (Santa Casa de Porto Alegre), hoje Rua Professor Annes Dias. Esse suntuoso prédio chamado *ITALICA DOMUS* (Casa dos italianos) abrigou a Sociedade *Dante Alighieri*<sup>87</sup> e a Direção Didática das Escolas Italianas do Estado do Rio Grande do Sul. À esquerda, no alto, lê-se “*DANTE ALIGHIERI*”. O prédio<sup>88</sup> foi demolido na década de 1950 para dar espaço ao novo desenho urbano de Porto Alegre.

<sup>87</sup> Embora convencionar-se-á aqui chamar de Sociedade *Dante Alighieri*, é importante referir que, em Porto Alegre, constituíra-se um “comitê” (comitato) da *Società Nazionale Dante Alighieri* de Roma.

<sup>88</sup> O prédio da *Italica Domus* foi demolido por ocasião do alargamento da Rua Misericórdia. Ele foi projetado pelo arquiteto italiano, Duilio Bernardi, conforme Corona (1957, p. 228).



Figura 24: Primeira sede da Sociedade *Dante Alighieri*<sup>89</sup> (1920)

Fonte: *Cinquantenario* (1925, p. 375; primeira parte).

Como se pode ver, no mesmo prédio da Sociedade *Dante Alighieri* de Porto Alegre, instalou-se a *Casa dos Italianos*. De acordo com Bertonha (2001a), a ideia da *Casa d'Italia* surgiu nos anos 1930, e tinha como função primeira “abrigar e agrupar todas as associações italianas de suas cidades (BERTONHA, 2001a, p. 163). De fato, as *Casas dos Italianos*, em 1940, eram em número de seis no Rio Grande do Sul.

A *Casa dos Italianos* de Porto Alegre abrigava, ainda, os *Dopolavoro*, a sede dos *Reduci di Guerra*, a sede da Direção Didática das escolas de Porto Alegre e do Estado, a sede do *Fascio Carlo Del Prete*<sup>90</sup>, do “*Comitato di Assistenza e Propaganda*” (*LA VOCE D'ITALIA*, 22/01/1936, p. 1), palco de diversas atividades ligadas à colônia de Porto Alegre e do Estado, servindo, inclusive, de local para as aulas de italiano e para a sua escola elementar. Por fim, foi palco de muitas manifestações da coletividade.

Embora houvesse um grupo de antifascistas em Porto Alegre, a *Casa dos Italianos*, na década de 1930, foi palco exclusivo das manifestações pró-*Duce*, a exemplo do que se pode ver no trecho do discurso do doutor Angelo Gattoni, presidente do *Fascio Carlo Del Prete*, por ocasião do sexagésimo dia das sanções aplicadas contra a Itália durante a questão da Abissínia.

Hoje os italianos, homens e mulheres, jovens e velhos, ricos e pobres, que vivem sobre o solo pátrio ou no exterior, formam um único e

<sup>89</sup> A antiga sede foi demolida, em 1928, para dar lugar a um majestoso edifício da *Dante*.

<sup>90</sup> Carlo Del Prete foi um viador e militar italiano que, em consequência de um grave acidente quando realizava testes de aviação, veio a falecer em 8 de agosto de 1928, no Rio de Janeiro.

imenso exército disciplinado de soldados do dever à disposição do *Duce*. E todos dão à Pátria com imensa bondade, e todos estão dispostos a dar: o sangue vermelho de suas veias, o ouro amarelo de seus cofres e a paixão inflamada de seus corações. (*LA VOCE D'ITALIA*, 22/01/1936, p. 1; tradução nossa).



Figura 25: Cabeçalho das folhas oficiais do comitê da *Dante Alighieri* de Porto Alegre  
Fonte: ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Cor. BENVENUTTO CROCETTA, 29/05/1937. Maço 62<sup>91</sup>.

Lê-se, no cabeçalho, que o *Comitato* (comitê) fora *Distinguido com o diploma de benemerência com a grande medalha de prata, no 32º Congresso Nacional Dantesto reunido em Ancona (1927)*.

No *Cinquantenario* (1925), Crocetta referiu que a educação entre os italianos e descendentes poderia ficar melhor e mais organizada se a Sociedade *Dante Alighieri* tomasse para si a organização das escolas. Pode-se ver que o desejo de certa homogeneização no ensino e um ordenamento das iniciativas não era só do redator do jornal *Stella d'Italia*, conforme visto acima. Nos idos de 1925, na comemoração do cinquentenário, havia a expectativa de que tal tarefa fosse levada a efeito. Tal desejo vê-se em Crocetta, no pequeno texto *Le Scuole*, parte integrante da sua monografia denominada *Un cinquantennio di vita coloniale: gli esponenti individuali e collettivi della colônia italiana nel Rio Grande del Sud*. Como bem sintetizou Herédia (2011, p. 250) nessa monografia, Crocetta chama a atenção sobre as “características psicológicas da imigração, a unidade e a formação coletivas, as associações, as escolas, a vida colonial, os produtores de ouro e sangue, os expoentes individuais e os fundadores das colônias e das cidades, os pioneiros da ciência, das artes, das indústrias e do

<sup>91</sup> A imagem é parte da folha timbrada da *Dante Alighieri* de Porto Alegre. Tal documento de onde foi retirado o cabeçalho era uma comunicação de Crocetta, então secretário da instituição, ao Ministro Piero Parini, no qual apresentava o relatório do Comitê da *Dante Alighieri* de Porto Alegre composto de vários anexos.

comércio e as obras das mulheres”. Mas, depois de ter elogiado e elencado vários professores e iniciativas das sociedades italianas e de particulares, questionou:

[...] ocorre de perguntarmo-nos se as nossas escolas correspondem às necessidades coloniais, triplicadas, quadruplicadas de uns trinta anos para cá, enquanto elas tendem sempre mais a diminuir. Mas não é apenas o problema do número de escolas; é a falta de uma verdadeira e própria organização dos meios indispensáveis que as torna deficientes. **Na capital, o problema seria resolvido com a federalização das sociedades para o exercício em comum da mútua assistência, na medida em que a Dante Alighieri tomar para si a direção das escolas para dar-lhes uma direção uniforme de métodos, de disciplina, de programas.** Somente assim as escolas elementares poderiam preparar os alunos que quisessem continuar os estudos superiores, conservando a língua e o conhecimento da Itália, para encaminhar-se, especialmente, à carreira comercial. (CINQUANTENARIO, 1925, p. 402-403; tradução e grifo nossos).

Pode-se depreender do texto de Crocetta que as posições fortes de Adelchi Colnaghi, antigo editor do jornal *Stella*, do qual era proprietário Crocetta, continuavam em pauta, passados mais de 20 anos das queixas de Colnaghi.

No jornal *D'Artagnan Coloniale*, de 6 de junho de 1915, à página dois, percebe-se que o interesse do primeiro presidente da *Dante Alighieri*, Doutor Cini, era de “[...] **reunir em um só feixe toda a colônia e formar um verdadeiro centro planetário em torno da Dante Alighieri. Continue na sua nobre obra de italianidade e todos nós a seguiremos**”. (Tradução e grifo nossos). Anos mais tarde, no jornal *A Federação* de 25 de outubro de 1935, o presidente da *Dante Alighieri* em Porto Alegre, senhor Rafaelle Guaspari, por ocasião de uma carta de apoio à candidatura de Dante Marcucci para prefeito em Caxias do Sul, salientava que a *Dante* era “[...] a expoente máxima da colônia italiana no Rio Grande do Sul”. (*A FEDERAÇÃO*, 25/10/1935, p. 2)

É relevante referir que tal sociedade teve, também, sua escola elementar só a partir da década de 1930, precisamente a partir de 1933<sup>92</sup> e, além de orientar as iniciativas das escolas da capital, foi incentivadora da cultura e da língua italiana. Inclusive, ofertava aulas de italiano no turno da noite, duas vezes por semana. Para esses cursos noturnos que começaram em 1935, criaram-se duas turmas, cujos professores eram Inez Ledda e Gino Battocchio (cfe. *A FEDERAÇÃO*, 02/04/1935, p. 4). O professor Luigi Ledda, esposo da professora Inez Ledda, assumiu a partir de 1933, a Direção Didática das escolas

<sup>92</sup> ASMAE- Archivio Scuole 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 2/06/1935. Maço 785.

italianas do Estado, concretizando o ideal preconizado no *Cinquantenario* (1925) por Crocetta.

Pelo que se deduz, o professor Ledda, sendo o Diretor Didático das escolas italianas no Rio Grande do Sul, havia atendido ao perfil definido no Régio Decreto 635 de 1924, que previa, também, os concursos por títulos e exames (escritos e orais) para os postos de diretores didáticos nas escolas elementares no exterior, reservados àqueles que já tivessem, ao menos, há cinco anos o grau ordinário de docente; exerceram, ao menos por dois anos, funções nas escolas governamentais e possuísem o diploma de habilitação para a direção didática. Mais tarde, em 1926, (Régio Decreto de 21 de janeiro de 1926, número 177) para tais cargos, a necessidade de concurso foi substituída pela escolha após prévio colóquio. Conforme Floriani (1974), com o Régio Decreto de 09 de maio de 1929, número 725, foram acrescentados elementos e conteúdos para o colóquio a ser feito com os candidatos. Ou seja, mesmo havendo direcionamentos políticos, o cargo de Diretor Didático previa um conjunto de exigências.

O jornal *La Voce d'Italia* anunciava, frequentemente, as inscrições para os cursos de italiano para estrangeiros na *Dante*: “estão abertas as inscrições para os cursos de língua italiana para estrangeiro, junto à *Scuola Dante Alighieri*. Para informações, os interessados podem dirigir-se, todos os dias, das 16 horas às 18 horas, à Direção Didática, na ITALICA DOMUS (Telefone 5744)”. (*LA VOCE D'ITALIA*, 11/03/1936, p. 3; tradução nossa).

O Quadro 14, apresenta a relação de horários e das demais informações sobre as aulas de italiano ofertadas pela *Dante* em 1935. Destaca-se a quantidade de oferta de aulas noturnas com duração de cerca de uma hora.



**Quadro 14: Cursos de Língua Italiana da *Dante Alighieri* em 1935**

<b>Cursos</b>	<b>Inscritos</b>	<b>Frequência</b>	<b>Professor</b>	<b>Horário</b>	<b>Dias da semana</b>
I Curso noturno Seção A	30	21	Adolfo Madile	19h30min às 20h30min	Segunda, quarta e sexta-feira
I Curso noturno Seção B	30	19	Adolfo Madile	20h30min às 21h30min	Segunda, quarta e sexta-feira
I Curso noturno Seção C	30	24	Iolanda Ferrari	19h30min às 20h30min	Segunda, quarta e sexta-feira
I Curso noturno Seção D	30	18	Iolanda Ferrari	20h30min às 21h30min	Segunda, quarta e sexta-feira
II Curso Noturno Seção A	30	30	Luigi Ledda	19h30min às 20h30min	Segunda, quarta e sexta-feira
II Curso Noturno Seção B	30	30	Luigi Ledda	20h30min às 21h30min	Segunda, quarta e sexta-feira
II Curso Noturno Seção C	30	30	Gino Battocchio	19h30min às 20h30min	Segunda, quarta e sexta-feira
II Curso Noturno Seção D	30	21	Gino Battocchio	20h30min às 21h30min	Segunda, quarta e sexta-feira
I Curso diurno para adultos	38	32	Beatrice Lupi	17h às 18h	Quarta-feira e sexta-feira
I Curso diurno para professores	51	42	Beatrice Lupi	14h às 16h	Quinta-feira
II Curso diurno para professores	35	30	Luigi Ledda	14h às 16h	Quinta-feira
I Curso diurno para jovens	32	31	Luigi Ledda	14h às 16h	Quarta-feira e sábado
<b>Total</b>	<b>396</b>	<b>328</b>			

Fonte: ASMAE- Archivio Scuole 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA , 2/06/1935, Anexo. Maço 785.



Figura 26: Hora de Arte na *Italica Domus* realizada pelos alunos de italiano da *Dante Alighieri*  
 Fonte : Jornal *Diário de Notícias* (02/09/1934, p. 3).

Na Figura 26, são mostrados os alunos que frequentavam as aulas de italiano da *Dante Alighieri*, entoando cantos na Hora de Arte, na qual estava presente o cônsul Barbarisi. Na nota do jornal Diário de Notícias, lê-se que “[...] o professor Luigi Ledda, diretor e principal organizador da bela noite, esteve incansável para com os convidados”. (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 02/09/1934, p. 3). Depois das apresentações, seguiram as danças pela madrugada. Bartolotti (1930, p. 444-445) assim se referia à *Dante Alighieri* de Porto Alegre:

Mas a instituição mais importante pelo número de sócios, pela sua finalidade e pelo seu desenvolvimento de seu programa futuro, é a seção da *Dante Alighieri*; constituída em 1914, logo tornou-se promotora da edificação de uma Casa dos Italianos, onde pudesse reunir em só edifício, **não somente as diversas seções da Dante, das escolas primárias e secundárias, seriais ou festivas para os operários**, mas tantos outros entes e ser, também, o centro de encontro de todos os italianos residentes e de passagem pela capital. (Tradução e grifo nossos).

A Sociedade *Dante Alighieri* em Porto Alegre foi palco para inúmeras manifestações da italianidade e, na década de 1930, o *locus* das manifestações fascistas, como exemplificado abaixo. No jornal *Correio do Povo* de 30 de outubro de 1932, à página nove, lê-se que “a vasta sala se destaca pela magnífica ornamentação e abundância de luz, com um grande retrato do *Duce*, no centro de bandeiras e flores”. Datas como a fundação dos fâscios, a entrada da Itália na Guerra, a Marcha sobre Roma, entre outras, tinham aí acolhida. Para ilustrar, veja-se abaixo.

Uma festa da colônia italiana. Anteontem, na *Italica Domus*, foi comemorado o 17º aniversário da fundação dos fâscios – Presidiu a solenidade, que terminou com uma hora de arte, o cônsul Barbarisi. Foi comemorado, ontem, na sede da Sociedade Italiana *Dante Alighieri*, o décimo sétimo aniversário da fundação dos fâscios. Uma coincidência que contribuiu grandemente para aumentar o brilhantismo da solenidade foi a passagem do quarto mês da aplicação das sanções à Itália. Às 20:30 horas, presente grande número de italianos pertencentes a todas as categorias sociais e de muitas famílias brasileiras simpatizantes pela causa da Itália, deu-se início à sessão que decorreu sob o mais vivo entusiasmo. Depois de terem tomado assento à mesa de honra o Sr. Guglielmo Barbarisi, cônsul geral da Itália, que viera acompanhado por sua Exma. Esposa, Sra. Ângela Barbarisi, o secretário do *Fascio Carlo Del Prete*, Dr. Angelo Gattoni, o engenheiro Guido Baggio, presidente do Grande Comitê de Assistência e Propaganda, o Dr. Agostino Fausto, presidente da Associação dos ex-combatentes e o Sr. Rafaelle Guaspari, presidente da Sociedade *Dante Alighieri*, o comendador Barbarisi abriu a sessão, pronunciando aplaudido discurso. (*A FEDERAÇÃO*, 24/03/1935, p. 4).

Na edição de 08 de junho de 1927, na página 4, lê-se, no *jornal Correio do Povo*, que a *Dante* possuía uma Seção Feminina, liderada pela senhorita Beatrice Lupi, professora vinda de Parma, Itália.

Em nível estadual, registrou-se a realização de um congresso das sociedades italianas do Rio Grande do Sul, liderado pela *Dante Alighieri*. Não fora bem-sucedida a ideia de uma federação estadual das sociedades italianas proposta em 1928, mas, em 1937, a proposta de um Congresso das Sociedades revelou a busca por certa unidade que se justificava ao redor de eventos externos que catalizavam os sentimentos patrióticos. Nesse sentido, as comemorações, relativas ao primeiro aniversário da conquista da Etiópia<sup>93</sup> pelos italianos, tiveram várias atividades. Elas foram capitaneadas e patrocinadas pela *Dante Alighieri*. Na ocasião, dentre as diversas programações para a comemoração, foi realizado o Primeiro Congresso das Sociedades Italianas do Rio Grande do Sul “expressamente convocado pela *Dante Alighieri*” (*CORREIO DO POVO*, 02/05/1937, p. 7).

O congresso teve início às 15 horas, do dia 9 de maio de 1937. Participaram mais de 30 delegações do interior do Estado, além das sociedades da capital. Leu-se, no jornal *A Federação*, que a comemoração cívica da data começou com “[...] missa campal oficiada pelo monsenhor João Maria Balem, exercícios escolares, concerto e outras cerimônias festivas no Colégio Ítalo-Brasileiro Rosa Maltoni, no Menino Deus, e à noite, com uma sessão solene, hora de arte e baile na *Italica Domus*”. (*A FEDERAÇÃO*, 8/05/1937, p. 3).

A comissão organizadora do evento era composta pelo *Fascio Carlo Del Prete*, pelas sociedades italianas da capital e pela Associação dos Ex-Combatentes<sup>94</sup>, lideradas pelo cônsul Barbarisi. No primeiro dia do evento, foi

---

<sup>93</sup> Benito Mussolini (*Duce*) tentaria “vingar” o vexame italiano de Adua, na Etiópia, quando o exército italiano foi derrotado pelos etíopes. Assim, invadiu a Etiópia com sucesso, em 1936. Com essa manobra, a Itália atraiu a condenação da opinião pública internacional, sendo a anexação reconhecida precariamente. Mussolini declararia, mesmo sob protestos, a fundação da África Oriental Italiana, enorme território controlado pelos italianos. A Segunda Guerra Ítalo-Etíope foi o segundo conflito envolvendo o Reino da Itália e o Império Etíope, ocorrido entre outubro de 1935 e maio de 1936. Cerca de quarenta anos depois da primeira tentativa de ocupar e colonizar o país africano, os italianos, agora sob a bandeira fascista, estavam de volta e dispostos a concretizar o sonho de restabelecer o Império Romano quase 1500 anos depois de seu colapso. De fato, caso a conquista tivesse êxito, os territórios italianos de ultramar totalizariam uma área de dimensões similares a conquistada na antiguidade.

<sup>94</sup> Os ex-combatentes, que depois da Primeira Guerra deixaram a Itália para ir às Américas, estiveram entre os fundadores dos Fascistas Italianos no Exterior, aos quais Mussolini confiou a tarefa de serem mensageiros da nova Itália fascista, conforme Capelli (2014).



servido um almoço aos congressistas, que teve lugar na Sociedade *Vittorio Emanuele II*, seguido de uma visita às instalações da sede do *Club Canottieri Duca degli Abruzzi*.

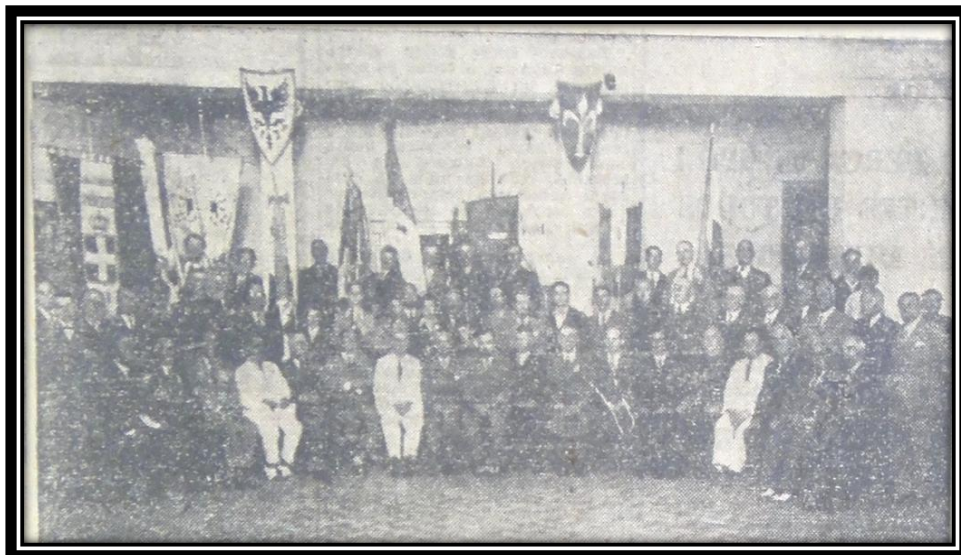


Figura 27: Primeiro Congresso das Sociedades Italianas do Rio Grande do Sul (1937)  
Fonte: Jornal *Correio do Povo* (09/05/1937, p. 11)



Figura 28: Barbarisi na abertura do Primeiro Congresso das Sociedades Italianas do Rio Grande do Sul (1937)  
Fonte: Jornal *La Voce d'Italia* (17/05/1937, p. 5).

Por ocasião do I Congresso, a *Dante* apresentou a proposta de criação de “um Ginásio ou Instituto médio Ítalo-brasileiro para o Ensino Secundário e Comercial, a ser usufruído, também, pelos filhos dos italianos no interior” (*LA VOCE D'ITALIA*, 17/05/1937, p. 6), considerando-se ser uma guia espiritual dos

núcleos italianos operantes no Estado. A tese apresentada pela *Dante* teve um parecer positivo da comissão relatora, liderada por Celeste Gobbato. A relatoria de Celeste Gobbato louvava “[...] a patriótica iniciativa de difundir a língua italiana” (*LA VOCE D’ITALIA*, 17/05/1937, p. 6; tradução nossa) e enfatizava que:

[...] com a disseminação de escolas elementares e dos cursos de cultura italiana nos vários centros rio-grandenses povoados de compatriotas e com a possibilidade de continuar os estudos no Instituto Médio e equiparado, em Porto Alegre, poderemos educar e instruir boa parte dos nossos filhos com o critério didático vigente na Itália, permitindo a eles continuar os estudos universitários no Reino. (*LA VOCE D’ITALIA*, 17/05/1937, p. 6; tradução nossa ).

O articulista do jornal observava que a colônia italiana necessitava de escolas e que “[...] graças à viva preocupação de nosso régio cônsul comendador Barbarisi, hoje contamos com escolas excelentemente bem organizadas na capital, em Caxias e em Pelotas”. (*LA VOCE D’ITALIA*, 17/05/1937, p. 6; tradução nossa). Na ocasião, o professor Ledda também apresentou sua moção, defendendo que era necessário que a *Dante*, em nome de todas as sociedades, constituísse um comitê para propor ao governo do Estado do Rio Grande do Sul a obrigatoriedade do ensino de italiano nas faculdades de Ensino Superior.

A moção de Luigi Ledda foi aprovada, com a consideração de que não fosse criado um comitê, mas que “a Dante, e somente a *Dante*, devesse elaborar, coordenar, escolher as vias e as práticas que considera mais adequadas para obter o êxito da proposta no momento oportuno”. (*LA VOCE D’ITALIA*, 17/05/1937, p. 6; tradução nossa). Assinavam o parecer o Dr. Francesco Benoni e Giovanni Prenna Bornancini, por Porto Alegre, e F. Targa, pela Sociedade *Stella d’Italia* de Garibaldi.

Durante o I Congresso das Sociedades Italianas do Rio Grande do Sul, o presidente da *Dante*, à época Attilio Marsiaj, salientava aos membros do comitê local e às sociedades presentes que a missão da *Dante* era mais do que difundir a língua e a cultura da Itália. Assim se expressava:

Muito aspira o nosso Comitê, ciente da nova e nobilíssima missão à qual o alto reconhecimento que o *Duce* impôs a *Dante Alighieri*, elevando-a a Instituição Paraestatal com direito a um representante próprio no Parlamento da Nação e tal representante – o honorável

Paolo Orano – definiu os comitês da Dante como *Avanguardistas da espiritualidade no mundo* admoestando-nos do dever que temos não só de difundir a língua e a cultura, mas de destruir ideias erradas, reivindicação primeira, fazer-se conhecer e fazer conhecer mais e melhor a Itália e a sua potência renascente, sob a orientação de um líder que todos invejam. (*LA VOCE D'ITALIA*, 17/05/1937, p. 6; tradução nossa).

As palavras do presidente ilustram a posição que os membros do comitê da referida Sociedade em Porto Alegre tinham sobre sua tarefa. O papel de liderança dos membros do comitê ficava reforçado cada vez mais pela posição que Mussolini atribuía à Sociedade *Dante Alighieri* na Itália.

Em junho de 1972, a Sociedade *Dante Alighieri* de Porto Alegre ressurgiu sob novo nome, agora *Instituto Dante Alighieri*. Em seu Estatuto, registrado em 1974, consta que a entidade “manterá: salão de festas; auditórios; salas de reuniões; biblioteca; museu; discoteca; filmoteca; restaurante; Departamento de Orientação Turística e outros, adequados a juízo da diretoria, à persecução dos objetivos sociais”. (CENTENÁRIO, 1975, p. 276). Atualmente, a instituição não mais funciona e parte de sua biblioteca se encontra junto à Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul.

Com a Sociedade *Dante Alighieri* e o advento do fascismo, o processo escolar de Porto Alegre sofreu uma considerável modificação. Como afirma Bertanha (2001a), tal sociedade foi cooptada pelo fascismo e apoiaria a proposta de reorganização dos anos 1930. A *Dante* de Porto Alegre, em sua *Relazione Morale-Finanziaria della gestione sociale*<sup>95</sup> de 1937 relativa aos anos 1936-1937, e enviada ao ministro Piero Parini, expunha que era seu dever destacar com reverência e “[...] honra o trabalho do Governo da Itália e o trabalho do Governo do Rio Grande do Sul voltado para o funcionamento das escolas em benefício dos filhos dos nossos sócios: italianos e brasileiros”. (p. 6; tradução nossa). Ademais, nesse relatório, declarava que sua contribuição para as escolas italianas era “[...] colocar à disposição das mesmas quase todo o edifício e sustentando-as com a despesa da iluminação, água e serviço higiênico” (p. 6; tradução nossa), além de manter uma biblioteca com a coleção completa do poeta d’Annunzio, 18 volumes do Jornal *Stella d’Italia* e 1000 livros

<sup>95</sup> Texto sobre o desempenho da gestão da *Dante Alighieri* no ano de 1937. Esse texto traz elementos históricos da constituição do comitê, seus fundadores, sócios vitalícios, fotos e balanço financeiro.

de vários títulos.

A Sociedade *Dante Alighieri* de Porto Alegre apoiou as escolas da capital, criou sua escola elementar e participou do processo de reorganização desses educandários, na década de 1930, dentro da perspectiva da manutenção da língua e dos ideais da cultura italiana. A reorganização implicava numa homogeneização do ensino. Essa homogeneidade no ensino se realizaria, em parte, somente na década de 1930, quando o fascismo cooptou as sociedades italianas e passou a influenciar os programas de ensino e a cultura escolar, especialmente nas cidades de Porto Alegre, Santa Maria, Pelotas e Caxias do Sul.

### 3.2 PARA ALÉM DA ESCOLA ELEMENTAR

*“A força de um povo está na sua civilização. Roma foi a dominadora do mundo através da imposição da sua língua. Ao Instituto Ítalo-Brasileiro Dante Alighieri, que tão nobremente mantém acesa a chama do idioma do grande poeta o meu aplauso e o da pátria reconhecida.”*  
(MANFREDO CHIOSTRI, 1928)

A colônia italiana em Porto Alegre, dois anos depois da criação do comitê da *Dante*, ganhou mais um elemento no reforço da italianidade, novamente pela via educacional: surgia o Instituto Médio Ítalo-Brasileiro Augusto Menegatti.

Vivamente comentado no *Cinquantenario* (1925), o instituto, que tratava-se de um Colégio Internato (*Collegio Convitto*), foi fundado pelo professor Augusto Menegatti e sua esposa Linda Menegatti. Jornais da capital e do interior manifestaram-se esperançosos com a criação de um instituto secundário de língua italiana.

Na proximidade de sua inauguração, fato ocorrido em fevereiro de 1917, a cidade de Caxias do Sul, pertencente ao interior do Estado, viu a manchete, no Jornal *Città di Caxias*, que abria o artigo com a chamada *Uma bela iniciativa* (*Una Bella Iniziativa*): “faltava para a Colônia uma escola própria, uma escola interna que pudesse recolher os seus filhos e onde esses se sentissem mais irmãos, uma escola que pudesse corresponder às necessidades da maior parte dos italianos que atendem o comércio”. (*CITTÀ DI CAXIAS*, 15/01/1917, p. 4; tradução nossa).

Porém, antes do instituto anunciar para as demais cidades do estado a

sua atividade, os textos levaram a concluir que, em 1916, primeiro ano em que o diretor Prof. Augusto Menegatti chegou ao Brasil, junto com sua esposa Linda Vighi Menegatti, também professora do instituto, ele havia iniciado uma experiência escolar com alunos da capital, e somente em 1917 teria aberto o Instituto de forma mais ampla para acolher alunos do estado (CINQUANTENARIO, 1925). Sobre os primeiros passos do instituto, assim se referiu o jornal *Stella*:

Por ocasião do aniversário de Sua Majestade a Rainha Margarida no dia 20 do corrente, uma representação deste novo instituto, dirigido com competência e seriedade pelo destacado casal Menegatti, foi prestar homenagem ao cônsul Real, apresentando-lhe ao mesmo tempo informações sobre a formação definitiva do Colégio Internato Italiano. A representação composta pelos alunos Gino Qualisoni, Giulio Mottin, Marco Peruzzo e Pietro Venturella, em seus elegantes uniformes de “alpini”, foi deveras festejada e cumprimentada. Ele foi depois à presidência da *Dante Alighier* com o mesmo objetivo, e também a nossa redação, por cuja visita somos agradecidos ao Diretor Senhor Augusto Menegatti. **Este instituto que surge sob os melhores auspícios e que vem cobrir um vazio na nossa colônia, já assegurou um brilhante futuro.** As inscrições para o novo ano escolar de 1917 estão já em número mais que suficiente para um curso escolar regular. A capacidade dos distintos professores é altamente confiável, enquanto o novo instituto é particularmente para aqueles que querem colocar os seus filhos em um internato italiano. O domicílio por enquanto é na rua 12 de outubro, número 18. (STELLA D'ITALIA, 25/11/1916, p. 1; tradução nossa).

Como se vê na notícia acima, trata-se do primeiro e único colégio da coletividade italiana em Porto Alegre voltado a um ensino para além do elementar e que veio “cobrir um vazio na nossa colônia”. Bertonha (2001a) informa que, também, em São Paulo, fora criado, em 1911, um Instituto Médio de mesmo nome, *Dante Alighieri*. Com a criação deste, buscava-se “[...] atingir a elite italiana local e garantir tanto a difusão da cultura italiana como a italianidade dos novos membros dessa elite”. (BERTONHA, 2001a, p. 142). O mesmo autor salienta, ainda, que, com o passar do tempo, o ginásio adquiriu enorme relevância e atraiu centenas de alunos da capital paulista e do interior do Estado, o que, em certa medida, aconteceria com o homônimo no Rio Grande do Sul, anos mais tarde.

A proposta do instituto, veiculada no jornal *Città di Caxias* dava conta de ser uma escola que abandonava o supérfluo dos estudos clássicos, considerados longos e fastidiosos, alinhando-se às “[...] necessidades da vida

que se vive”. Dando-se em uma escola que mais que fornecer uma cultura geral, pudesse dar aos jovens, no mais breve tempo possível, “um conjunto de instruções capaz de pô-los rapidamente na vida e sem a ajuda de seus genitores”. (*CITTÀ DI CAXIAS*, 15/01/1917, p. 4; tradução nossa).

O diretor do instituto, residente em Porto Alegre, era conhecido como uma pessoa “prática e competente”, segundo o *Città di Caxias*, no mesmo artigo de 15 de janeiro de 1917. O jornal alude que o diretor havia apresentado seu projeto e programas ao cônsul Beverini e este “os havia aprovado plenamente com a máxima satisfação”. (*CITTÀ DI CAXIAS*, 15/01/1917, p. 4; tradução nossa).

A denominação inicial de Instituto Ítalo-Brasileiro *Dante Alighieri* sofreu alteração logo na década de 1920 e, assim, em 1925, passa a ser chamado de Instituto Médio Ítalo-Brasileiro Augusto Menegatti<sup>96</sup>. Em propagandas, nos jornais de Porto Alegre, na década de 1920, era frequente a inscrição *Instituto Ítalo-Brasileiro Augusto Menegatti* e, logo abaixo, entre parênteses, *Instituto Ítalo-Brasileiro Dante Alighieri*, a indicar a referência ao instituto que já era conhecido da coletividade.

O colégio internato dispunha de uma escola elementar e de um curso técnico, com duração de três anos, no qual aprendia-se contabilidade e línguas, como italiano, português e francês e, opcionalmente, inglês e alemão. Com uma proposta de ensino “eminentemente prática com os programas baseados no modelo das escolas técnicas da Itália, da França, da Inglaterra e da Alemanha” (*CITTÀ DI CAXIAS*, 15/01/1917, p. 4; tradução nossa), tinha-se a ideia de formar os jovens como “[...] bons assistentes comerciais, bons contadores, aptos a desempenhar todas as tarefas das empresas sem a necessidade de outros empregados no escritório”. (*CITTÀ DI CAXIAS*, 15/01/1917, p. 4; tradução nossa).

O método e os critérios do ensino assim foram apresentados no jornal que circulava no interior do Estado:

O aluno nos estudos será sempre acompanhado pela viva voz do

---

<sup>96</sup> Bertaso e Lima (1950) sugerem que a troca de nome tenha ocorrido pela perda dos subsídios do Governo italiano, o que deve ser melhor investigado pois, o instituto recebeu subsídios em 1929, mesmo depois da troca do nome conforme ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. MANFREDO CHIOSTRI, 10/01/1929. Maço 785.

professor, que estará sempre junto e o colocará sempre frente ao concreto, ao particular e se adiará sempre para o ano seguinte o estudo sistemático e teórico quando suas faculdades mentais estiverem mais desenvolvidas. Serão abolidas as lições longas que cansam o aluno e não são acompanhadas. Ao contrário, se apelará para o seu raciocínio e à sua inteligência, para que a viva conversação com o professor possa trazer os benefícios e as vantagens que só com o estudo dos livros não é possível. Estes são os critérios do ensino. (*CITTÀ DI CAXIAS*, 15/01/1917, p. 4; tradução nossa).

O colégio, posto na modalidade de internato, era frequentado por alunos de várias cidades do interior do estado, cabendo, por essa razão, salientar os cuidados que seriam dispensados a eles. Assim, nas propagandas do Instituto, destacava-se que o colégio seria uma grande família, em que o afeto e a ternura reinariam, evitando, dessa maneira, castigos e censuras amargas que em nada ajudariam os estudantes; pelo contrário, só os incentivariam a serem indiferentes às correções.

O instituto deverá ser uma grande família em que o diretor, a diretora, os professores e os alunos viverão entre eles como pais e filhos. É de afeto e ternura que os meninos têm necessidade para não sentirem tanto o descolamento da família e, então, com tranquilidade da alma estudem mais de bom grado e com menor fadiga. **Portanto, não serão abandonados à supervisão de um pedagogo contratado, mas estarão sempre sob os olhos atentos e afetuosos de seu diretor e de seus professores, os quais, com doçura, mas com a máxima firmeza, corrigirão os seus defeitos e buscarão incutir nas suas almas os sentimentos de respeito mútuo, de recíproca tolerância, de afeto recíproco enquanto educamos seus modos e seus hábitos.** A supervisão será sempre diligentíssima e os conselhos contínuos e a lembrança constante serão suficientes para tornar os jovens corretos em cada ação sem precisar recorrer às censuras amargas e ao castigo, como infelizmente se costuma agir em muitos institutos. Censura amarga e castigos tais que ao invés de corrigir os defeitos os agravam na alma dos jovens que depois acabam ficando indiferentes a qualquer censura ou castigo. (*CITTÀ DI CAXIAS*, 15/01/1917, p. 4; tradução e grifo nossos).

Nas palavras do diretor, apareceu a reprovação quanto à aplicação dos castigos, prática que adentrou no século XX, sendo disseminada na cultura, como bem se nota nos estudos de Aragão e Freitas (2012). A proposta do Instituto, ao que parece, opôs-se ao castigo e tomou como princípios educacionais a “[...] supervisão diligentíssima e os conselhos contínuos”. (*CITTÀ DI CAXIAS*, 15/01/1917, p. 4; tradução nossa).

Ainda, a indicar que as relações se dariam de forma familiar, com a nítida intenção de construir um ambiente de confiança para os pais que

encaminhavam seus filhos à capital, o professor Menegatti salientava que “[...] à mesa sentarão ainda a família do Diretor e todos os professores”. (*CITTÀ DI CAXIAS*, 15/01/1917, p. 4; tradução nossa). O instituto fornecia as refeições diárias, com comida caseira em abundância, alojamento e lavanderia. Quanto à lavanderia, o Regulamento apontava que havia pagamento em separado. Quanto às refeições, anunciava: “De manhã: café simples ou com leite, e pão. Meio-dia: Sopa, um prato de carne acompanhado, frutas e pão. Noite: Sopa, um prato de carne acompanhado, frutas e pão. A comida é sã, abundante e variada. Nos domingos haverá sempre um prato de doces<sup>97</sup>”.

As mensalidades variavam conforme o curso. Apesar de subsidiado, o Instituto cobrava uma pensão anual de 1500\$000 Réis para os alunos do Curso elementar e de 1800\$000 Réis para os do Curso Comercial, sendo o pagamento realizado em três parcelas. Ainda pelo fornecimento de todo o material de estudo em comum, isto é, gesso, tinta, papel para as provas semanais, mensais, trimestrais, etc. os alunos pagavam: 40\$000 Réis (os do Curso Elementar); 60\$000 Réis (os do Curso Comercial) por todo ano letivo.

O caráter familiar do instituto constituía um elemento de segurança aos pais que confiavam seus filhos. Tal serviço era posto em evidência até mesmo nas propagandas de divulgação nos jornais que estampavam “Tratamento e cuidados (sic) familiar”, como observa-se no jornal *A Federação*:



Figura 29: Anúncio do Instituto Ítalo-Brasileiro *Dante Alighieri*  
 Fonte: Jornal *A Federação* (20/01/1921, p. 5).

No anúncio, junto ao jornal *Correio do Povo*, de 22 de fevereiro de 1927 (p. 5), informou-se que o Instituto era o “preferido dos senhores negociantes, comerciantes e industriais, para os próprios filhos. [...] A pedido envia-se o

<sup>97</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. PALESTRA EDUCATIVA. Edição de 1928. Maço 785.



Regulamento do Instituto. Para informações, com o diretor, prof. Augusto Menegatti". O regulamento, escrito em português, com 35 artigos, era entregue gratuitamente para quem o solicitasse.

Abaixo, segue o regulamento do instituto, extraído da sétima edição do ano de 1928<sup>98</sup>.

Art. 1. - São aceitos no Instituto, meninos de qualquer nacionalidade que não tenham menos de sete nem mais de quatorze anos de idade. O diretor poderá, contudo, por exceções razoáveis, aceitar também alunos de idade maior, ou menor, desde que as famílias dêem sérias garantias da aptidão de seus filhos para o estudo e para a disciplina.

Art. 2. - O Instituto aceita também meninos para frequentar os Ginásios Municipais e Governativos, sempre observando os Regulamentos internos.

Art. 3. - Ao pedido de admissão, assinado pelo pai do candidato à matrícula ou por quem faça as vezes daquele, devem juntar-se os seguintes documentos:

- a) certidão do registro de nascimento;
- b) certidão de vacina;
- c) declaração do progenitor, de haver tomado conhecimento e aceito todas as normas vigentes no Instituto.

Art. 4. - A instrução é dividida nas seguintes seções:

- a) Escola elementar (cinco anos);
- b) Curso comercial (quatro anos);
- c) Curso de datilografia.

Art. 5. - Os internos poderão, outrossim, aproveitar o ensino de matérias livres, tais como línguas estrangeiras, música, etc. Nas classes destas matérias, só serão, porém, admitidos os jovens, quando a juízo do Diretor, o respectivo ensino lhes possa ser aproveitável, levando em conta a idade e as matérias de estudo obrigatório.

Art. 6. - A instrução religiosa está confiada à direção do Rev. Padre Cleto Benvegnù. Sua Reverendíssima é, também, o confessor dos alunos e determina todas as disposições para as práticas religiosas.

Art. 7. - A admissão dos alunos pode ter lugar em qualquer época do ano.

Art. 8. - Todos os alunos ficam sujeitos a mesma disciplina interna, vestem o uniforme prescrito e recebem todos igual tratamento, salvo em caso de enfermidade, no qual a despesa extraordinária corre por conta da família.

Art. 9. - A pensão anual é de 1500\$000 réis para os alunos do Curso elementar e de 1800\$000 Réis para os do Curso Comercial, e será paga em três quotas iguais, adiantadamente: 1ª por ocasião do ingresso do interno; a 2ª no dia 1º de junho e a 3ª em 1º de setembro.

Art. 10. - Pela lavagem da roupa branca, o aluno pagará 90\$000 anualmente adiantado.

A lavagem dos trajes de lã será paga separadamente.

Art. 11. - Não haverá redução da anuidade por motivo de férias que o interno passe com sua família ou por qualquer outra ausência temporária.

Art. 12. - O progenitor que colocar seu filho no instituto obriga-se ao pagamento por todo ano escolar.

<sup>98</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. PALESTRA EDUCATIVA, Edição de 1928. Maço 785.

Art. 13. - No caso de algum interno ser retirado ou expulso do Instituto, a família não terá direito a nenhum reembolso das quotas pagas.

Art. 14. - Na pensão anual dos internos estão compreendidas todas as despesas de alimentação e moradia, todas as matérias obrigatórias do ensino, o uso de todos os móveis e utensílios fornecidos pelo Instituto e que não fazem parte do enxoval obrigatório do interno, correndo por conta deste todo o estrago que causar.

Art. 15. - O enxoval pessoal de cada interno é o indicado na tabela A, anexa ao presente.

A administração do Colégio não responde pelos objectos miúdos de enxoval.

Art. 16. - O tratamento dietético está indicado na tabela B anexa.

Art. 17. - Todos os objetos do enxoval devem ser marcados com o número de matrícula que o interno receberá da Direção, não respondendo a Administração pelos objetos que não tenham o referido número, o qual será aplicado pela Administração mediante pagamento de 200 rs. Cada um.

Art. 18. - Para o fornecimento de todo o material de estudo em comum, isto é, gesso, tinta, papel para as provas semanais, mensais, trimestrais, etc. os alunos pagarão: rs.40\$000, os do Curso Elementar, rs.60\$000, os do Curso Comercial, por todo ano letivo.

Art. 19. - Para o Curso de dactilographia os alunos pagarão Rs.25\$000 mensais.

Art. 20. - Os pagamentos devem ser feitos, em qualquer caso, ao Diretor do Instituto.

Art. 21. - A pedido dos progenitores, os internos, com licença do Diretor, poderão sair do Instituto no primeiro e no terceiro domingo de cada mês. Essa licença poderá ser concedida, também, nas festas de Carnaval e Páscoa, sempre que o aluno tenha observado conduta louvável e obtido boa classificação nos estudos.

Art. 22. - Aos alunos que se distinguirem por boa conduta e aproveitamento no estudo serão concedidos passeios extraordinários e seu nome figurará no quadro de honra exposto no saguão do Instituto.

Art. 23. - Nenhum interno poderá sair com pessoas estranhas ou parentes desconhecidos, sem ordem escrita da família.

Art. 24. - Se o aluno houver cometido graves e repetidas faltas as visitas e passeios ser-lhe-ão suspensos.

Art. 25. - Nos dias de saídas livres os alunos deverão usar o uniforme e ser sempre acompanhados por pessoas de sua família ou algum que lhes faça às vezes. Em caso contrário serão punidos com privação da saída sucessiva.

Art. 26. - As horas de saídas e de regresso ao Colégio são fixadas pelo Diretor.

Art. 27. - É proibido introduzir no interior do Instituto frutas, doces, etc.; mas se isso ocorrer, essas frutas e doces deverão ser entregues ao Diretor.

Art. 28. - É severamente proibido aos alunos ter consigo dinheiro, relógios e objetos de valor. O dinheiro para pequenas despesas, fornecidos pelos parentes, deverá ser entregue ao Diretor.

Art. 29. - É também proibido ao aluno ter consigo livros estranhos ao estudo, gravuras, etc.

Art. 30. - É proibido danificar tudo quanto pertence ao Instituto; manchar de qualquer modo as paredes, as mesas, as escrivaninhas, etc., sendo cada aluno responsável pelos estragos que causar aos móveis ou ao edifício.

Art. 31. - Nenhum aluno poderá se eximir de observar pontualmente o horário comum, salvo em virtude de impedimento verificado pelo Diretor ou de indisposição física.

Art. 32. - Os alunos deverão estar sempre unidos no local destinado à divisão a que pertencerem; não poderão afastar-se sem licença e

somente por motivo justificado.

Art. 33. - Todos os regulamentos escolares e internos serão escrupulosamente observados pelo pessoal do instituto, pelos alunos e pelos senhores progenitores. Deverão também todos observar as instruções que possam ser verbalmente dadas pelos Diretores ou quem faça suas vezes.

Art. 34. - O Diretor do Instituto tem a obrigação de fazer observar o presente regulamento pelo corpo docente e pessoal do Instituto, Alunos e senhores progenitores destes.

Art. 35. - O presente regulamento será entregue a quem dele fizer pedido para matrícula de jovens no Instituto.

Na revista, ainda aparecia o enxoval obrigatório para os alunos e se recomendava que os objetos exigidos correspondessem exatamente às quantidades prescritas. Na relação do enxoval havia, curiosamente, a indicação de que cada aluno deveria trazer sua própria cama e que ela fosse de ferro com rede metálica. Além disso, indicava a quantidade exata das peças e objetos, a saber: colchão (1), lençóis (4), travesseiro (1), cobertores de lã (2), colchas brancas (2), toalhas (4), fronhas (4), guardanapos (4), tapete (1), fardamentos (2), trajes de uso diário (2), camisas de dia (4), camisas de noite (2), camisetas de malha ou flanela, ceroulas (4 pares), lenços (12), meias (12 pares), colarinhos à militar (6), punhos (2 pares), botinas pretas (2), chinelos (1).

À lista o instituto acrescentava que cada aluno deveria ainda trazer pente grosso, pente fino, escova de roupa, escova de cabelo, escova para dentes e escova para botinas. As recomendações terminavam com a informação de que a toalha e o talher seriam fornecidos pela direção do instituto, mediante pagamento de 90\$000 réis, por todo tempo que o aluno permanecer no Colégio.

De igual forma ao Regulamento, entregava-se a quem solicitasse uma cartilha intitulada “Palestras Educativas<sup>99</sup>”. A cartilha, criada em 1922, continha 12 páginas “[...] de excelente papel acetinado, repletas, todas, de leitura interessante, relativa àquela casa de ensino, vindos estampados também clichês muito nítidos de vários alunos que se distinguiram durante o ano letivo bem como dos professores”. (A *FEDERAÇÃO*, 11/01/1923, p. 10). Na revista, publicavam-se textos elaborados por alunos, bem como atividades desenvolvidas pelos mesmos que mereciam destaque como, por exemplo, os balancetes corretamente construídos.

---

<sup>99</sup>Pelo que se pôde apurar, a revista tinha uma edição anual. Foi possível acessar a edição número 3, de dezembro de 1924, e a edição número 7, de 1928.

A linguagem utilizada na mensagem de final de ano, na revista *Palestra Educativa* de dezembro de 1924, número 3, também revelava a forma afetuosa e familiar com que o diretor se dirigia aos alunos internos.

Aos meus caros internos, era meu desejo, como de costume, de dirigir a vocês alguma palavra de recomendação na festa de fechamento do ano escolar; mas circunstâncias diversas não me permitiram. O que devo dizer a vocês? Não posso dizer mais do que tantas vezes, todos os dias, cem vezes ao dia tenho dito: **sejam estudiosos, bons, respeitosos, educados e obedientes**. E lhes digo ainda aqui porque me parece que tais exortações nunca são ditas o bastante. Sejam estudiosos, pois a vossa idade é aquela feliz e fecunda na qual os primeiros ensinamentos, que agora vocês não avaliam adequadamente, são aqueles que formarão as vossas tendências, aqueles que lhes darão as primeiras vitórias à vontade, aqueles que vos tornarão empregados úteis, pais educadores, cidadãos honrados. E sejam bons, respeitosos, educados, obedientes, porque a cultura intelectual desacompanhada destas qualidades nada mais é que uma coisa vazia e morta. A bondade vossa dá ao professor melhor ânimo para vos ensinar, dá ao vosso pai mais contentamento no trabalho, para vossa mãe o sorriso no cumprimento do seu dever. Quando alguém, falando de vocês me diz: Oh! Aqueles jovencinhos são verdadeiramente bons, são verdadeiramente educados! Vocês não podem imaginar quanto calam doces no meu coração aquelas palavras! Parece-me que aquele elogio é para mim, por havê-lo merecido e, então, esqueço as amarguras, que talvez involuntariamente, tenham ocasionado por não recordar-vos quão bons e bravos sois, meus caros meninos. **É assim que eu vos amo. E não espero outra recompensa do que aquela de ser compreendido, e não ambiciono outra satisfação do que aquela de ser recordado por vocês com afeto semelhante ao meu.** O ano de 1924 está para morrer. Vem-nos ao encontro o ano novo. Que ele seja fecundo de bens a todos: para os que retornarão e aos que não voltarão; aos velhos internos que há muitos anos não vejo mais; aos vossos amados pais e a todos que amam nosso colégio. Com estes votos envio o meu beijo paterno e vejo a vós no dia primeiro de março próximo. O seu afetuosíssimo Diretor A. Menegatti.<sup>100</sup> (Tradução e grifo nossos).

No *Cinquantenario* (1925), leu-se que o instituto se consolidou ainda na metade da década de 1920, sendo considerado um “[...] modelo de escola que acolhia somente alunos do sexo masculino” (*A FEDERAÇÃO*, 10/12/1926, p. 3), bem como reconhecido pelo governo pátrio, prestando nobre trabalho para a educação e manutenção da italianidade.

A obra sobre-humana, verdadeiramente benemerita, que o professor Menegatti e a sua esposa cumprem há doze anos para conservar para a nossa coletividade do estado um instituto modelo, parece que foi enfim reconhecida também pelo governo pátrio o qual, pela boca do Embaixador Montagna, expressou a sua satisfação e a promessa de

<sup>100</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. REVISTA PALESTRA EDUCATIVA, Edição de 1924. Maio 785.

um auxílio adequado à importância e à utilidade colonial do instituto, afirmações estas que se confirmam pelas posições de alto nível ocupadas por muitos jovens filhos de nossos compatriotas, os quais saídos daquele instituto são hoje estimados cidadãos que difundem em todo estado os frutos de uma completa cultura e de uma educação italianíssima. (*CINQUANTENARIO*, 1925, p. 403; primeira parte; tradução nossa).

Aliás, quanto ao fomento da língua italiana e manutenção da italianidade, pôde-se ver que o professor Menegatti mantinha a oferta, em 1922, de uma bolsa de estudos para o curso de língua italiana no comitê local da *Dante Alighieri* para um aluno e, que, também, a *Dante* instituía uma bolsa para o mesmo fim. Comentando a oferta do instituto do professor Menegatti, o capitão Seghetti apontava “que nenhum pai sentiu o desejo de beneficiar o próprio filho com a vantajosa oportunidade. [...] Se os pais não se movem o que esperar dos pequenos<sup>101</sup>”. (Tradução nossa). Conforme se observará na sequência desta tese, o tema da manutenção da italianidade era uma preocupação naquela década.



Figura 30: Professores Augusto e Linda Menegatti  
Fonte: *Cinquantenario* (1925, p. 386; segunda parte).

<sup>101</sup> ASMAE- Archivio Scuole, 1888-1920. Rel. SEGHETTI, 01/08/1923, p. 4. Maço 437.



Figura 31: Professora Linda Vighi Menegatti em 1954

Fonte: ACGIRS. Cor. LINDA VIGHI MENEGATTI, 12/12/1954. Anexo. Pasta s/n. MENEGATTI, Linda Vighi.



Figura 32: Alunos do Instituto Ítalo-Brasileiro Augusto Menegatti com o uniforme alpino<sup>102</sup> (1925)  
Fonte: *Cinquantenario* (1925, p. 387; segunda parte).

O jornal *Città di Caxias*, de 05 de fevereiro de 1918, enfocava a iniciativa da criação do Instituto tal como se propunha e enaltecia a figura do professor Menegatti, personagem conhecido em Caxias do Sul, pois, nesta, realizava tratamentos de saúde e possuía amigos. No artigo pode-se observar,

<sup>102</sup> Uniforme alpino: referência ao uniforme do exército italiano que guardava as montanhas (Alpes).

ainda, a apresentação de forma sintética dos propósitos do novo instituto: preparação prática e rápida dos jovens para a vida dos negócios; difusão da cultura italiana aliada ao aprendizado da língua e história do Brasil, que generosamente os acolhia. Além disso, no jornal *Città di Caxias*, não faltavam elogios ao diretor. Abaixo, segue uma notícia que abria com a chamada *Um benemérito da instrução*:

Observamos nos jornais de Porto Alegre que a comissão examinadora dos alunos do Instituto Ítalo-Brasileiro *Dante Alighieri*, do qual é diretor o competente professor Augusto Menegatti, publicou uma menção de louvor e de elogio a favor do egrégio professor, o qual, com verdadeiro intelecto de amor, diligência incomparável e honestidade de propósito, dirige o instituto por ele mesmo fundado na capital estadual. E não poderia ser diferente; nós que conhecemos há tempo o professor Menegatti e estamos conscientes de sua cultura e de seu valor nas disciplinas que dizem respeito à difícil e nobre missão do ensino, nós não nos espantamos do êxito alcançado pelos alunos do Instituto *Dante Alighieri* nas últimas provas finais. Menegatti é já um benemérito do ensino público no nosso país (Itália), havendo já recebido durante a sua bela carreira no Reino prêmios do ministro da Educação e a medalha de ouro pela exposição didático-pedagógica internacional de Nápoles no ano de 1907. [...] os nobres objetivos do instituto podem ser reduzidos a três: **preparação prática e rápida dos jovens para a vida dos negócios; difusão da cultura nacional italiana, educando na alma dos filhos dos compatriotas o sentimento de amor à pátria de seus pais e, ao mesmo tempo, com o estudo da língua e da história do Brasil, manutenção viva do culto a esta terra que generosamente nos hospeda.** (*CITTÀ DI CAXIAS*, 05/02/1918, p. 3; tradução e grifo nossos).

O texto faz referência ao ensino da Língua Portuguesa e da História do Brasil, disciplinas lecionadas por alguns anos pelo professor Leonardo Francisco Truda. Quanto à Língua Portuguesa e à História do Brasil, disciplinas presentes no currículo da escola, Menegatti referia que os conteúdos estavam “de acordo com os programas governamentais do Ginásio Júlio de Castilhos de Porto Alegre equiparado ao ginásio Dom Pedro II do Rio de Janeiro<sup>103</sup>”.

Para a preparação dos jovens ao mundo dos negócios, o Curso Comercial tinha duração de quatro anos, com as seguintes disciplinas:

<sup>103</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. AUGUSTO MENEGATTI, 07/1925, p. 16. Maço 785.

Quadro 15: Disciplinas do Curso Comercial em 1925

CLASSES	DISCIPLINAS
I	Língua Italiana; Língua Francesa; Português; Matemática (Aritmética); História; Geografia; Caligrafia.
II	Língua Italiana; Língua Francesa; Português; Matemática (Aritmética); História; Geografia; Noções de Ciências Naturais; Desenho; Caligrafia
III	Língua Italiana; Língua Francesa; Português; Matemática (Aritmética e Geometria); História; Geografia; Contabilidade; Noções de Ciências Naturais; Desenho; Caligrafia.
IV	Língua Italiana; Língua Francesa; Português; Matemática (Aritmética, Geometria, Cálculo e Álgebra); História; Geografia; Contabilidade; Noções de Ciências Naturais; Desenho; Caligrafia.

Fonte: ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. AUGUSTO MENEGATTI, Julho de 1925. Maço 785.

Em Porto Alegre, existia o *Curso Comercial Israel Barcelos*, o mais antigo Curso Comercial de Porto Alegre que tinha, no seu quadro de professores, os senhores Ernesto Pellanda e o Pe. Cleto Benvegnù, os quais, também, eram docentes do Instituto de Menegatti. Naquele curso, ensinava-se: “Escrituração, contabilidade, matemática, noções de economia, datilografia, português e línguas estrangeiras” (A *FEDERAÇÃO*, 28/02/1925, p. 6), apresentando, assim, muitas disciplinas semelhantes ao Instituto do professor Menegatti, como se verá adiante. O Padre Cleto Benvegnù<sup>104</sup> era diretor da instrução religiosa.

Pode-se observar que o Instituto Augusto Menegatti tinha uma proposta curricular<sup>105</sup> semelhante a do Colégio Ítalo-Brasileiro de Santa Maria, dirigido,

<sup>104</sup> Cleto Benvegnù, (monsenhor), nascido no dia 13 de outubro de 1887, ordenado padre, em 5 de abril de 1916, foi pároco na cidade de Dois Lajeados – RS. Em Porto Alegre, foi pároco da Igreja São João e da Igreja Nossa Senhora do Rosário. Ajudou a construir a Igreja São João e foi também diretor do jornal Boa Estampa, na capital. Também fundou o Colégio São João, atualmente Colégio La Salle São João em Porto Alegre. No *Cinquantenario* (1925, p.135-148; primeira parte) Padre Benvegnù escreveu o capítulo *Sacerdoti italiani che precedettero l'immigrazione*. O Padre Cleto Benvegnù faleceu no dia 14 de agosto de 1944, no Hospital da Beneficência Portuguesa, em Porto Alegre, aos 57 anos de idade.

<sup>105</sup> O jornal *Stella* (14/01/1909, p. 3) registrou alguns elementos do currículo dos cursos do Colégio do casal Ancarani: “INTERNATO ESTERNATO ITALO-BRASILIANO (Per ambo i sessi Diretto dai Coniugi Ancarani in S. Maria). Nel prossimo febbraio questo Istituto riaprirá le sue aule con corsi primari e corsi secondari, ove, oltre il portoghese, l'italiano, il francese, il tedesco e l'inglese, si insegneranno le seguenti materie: Matematica, Storia e Geografia principalmente del Brasile, Cosmografia, Fisica e Chimica, Scienze Naturali, Letteratura Italiana e Brasiliana, Nozioni di Agraria, Scritturazione Mercantile Pratica, Economia domestica, Educazione civica e morale, Doveri e Diritti del cittadino, Calligrafia inglese – ronda – e gotica, Lavori manuali, Canto e Declamazione, Musica: piano – violino – flauto – clarinett – mandolino, Disegno, Pittura, Ricamo, Ginnastica igienica, Scherma. Il corpo docente é formato da sei distinti professori brasiliani e dai coniugi Ancarani. Il Collegio, situato in bellissima ed igienica posizione, viene aumentato di altre due aule per gli interni. Per informazioni dirigersi al Prof. Cav. Umberto Ancarani: Santa Maria Boca do Monte”.



também, por um casal de professores italianos, professor Umberto Ancarani<sup>106</sup> e Iró Ancarani. Esse colégio inaugurado em 1908, possuía também o Curso Elementar e o Curso Comercial, com um total de 226 alunos dos quais 61 alunos eram internos nesse ano (cfe. *STELLA*, 14/01/1909, p. 2). O *Stella* noticiou que o Curso Comercial foi frequentado por 23 alunos, dos quais 3, Mario Mello de Moura, Manoel A. Macedo e Ugo Ferrari, tinham recebido o diploma de "Guarda Livros". O Colégio Ítalo-Brasileiro<sup>107</sup> de Santa Maria, desde seu surgimento, aceitava alunos de ambos os sexos e era um colégio para internos e externos (cfe. *STELLA*, 14/01/1909, p. 3).

Quanto aos professores, pelo que se pôde investigar, o instituto de Menegatti reunia docentes que eram destaque na sociedade porto-alegrense, como os professores Francisco de Leonardo Truda<sup>108</sup>, já citado, e o professor Roque Callage. O primeiro era musicista, jornalista e economista. Como jornalista, colaborou nos jornais *A Federação*, *Correio do Povo* e no *Diário de Notícias*, tendo sido diretor deste último, enquanto professor do Instituto. O segundo, Roque Callage, jornalista, escritor, lexicógrafo (MOTTIN; CASOLINO, 1999), era filho de imigrantes italianos que chegaram em Santa Maria, em 1876. Callage fora professor de português no Colégio Ítalo-Brasileiro de Santa Maria (MOTTIN; CASOLINO, 1999). Na década de 1920, Callage, já em Porto Alegre, publicou vários livros e trabalhou no jornal *Correio do Povo*. Em 1925, uniu-se a Leonardo Truda, no jornal *Diário de Notícias*.

Outra figura de destaque no corpo docente foi o já citado Ernesto Pellanda, que, durante muitos anos, foi cronista e crítico de arte do jornal *Diário de Notícias*. Pellanda<sup>109</sup> foi historiador, economista e professor de Estatística na

<sup>106</sup> Umberto Ancarani exerceu o cargo de agente consular em Santa Maria de 1910 até 1918. Veio para o Brasil como professor subsidiado pelo governo italiano (cfe. IOTTI, 2001. p. 110).

<sup>107</sup> Mottin e Casolino (1999) referem que o Colégio Ítalo-Brasileiro de Santa Maria surgiu em 1907 divergindo do *Cinquantenario* (1925) que refere o ano de 1908 e, o fechamento em 1918.

<sup>108</sup> Na Praça da Alfândega, em Porto Alegre, há um busto em homenagem a Francisco de Leonardo Truda, jornalista, um dos fundadores do Instituto Geográfico e Histórico do Rio Grande do Sul. A obra foi inaugurada em 17 de novembro de 1956 e sua localização, dentro do logradouro público, tem importância, pois é de frente onde funcionava a antiga sede do jornal *Diário de Notícias*, do qual foi cofundador em 1925. Na placa, existem os seguintes dizeres: *FRANCISCO DE LEONARDO TRUDA: MUSICISTA, JORNALISTA E ECONOMISTA (1886 -1942) - Homenagem de seus admiradores pelos grandes serviços que prestou à coletividade*.

<sup>109</sup> Ernesto Pellanda escreveu por encomenda do governo do Estado monografias sobre a imigração germânica e italiana no Sul do Brasil, dentre elas: *Colonização Germânica no Rio Grande do Sul. 1824-1925*. Ed. da Repartição de Estatística, 1925; *A Colonização Italiana no Álbum dos 75 anos de Colonização Italiana no RS* (cfe. referências) e o artigo sobre a colonização italiana na Enciclopédia Rio Grandense (Volume I).

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Figura 33: Professores do Instituto Augusto Menegatti  
Fonte: *Cinquantenario* (1925, p. 386; segunda parte).

Na Figura 33, observa-se, de pé à direita o professor Francisco de Leonardo Truda e, ao centro, o professor Roque Oliveira Callage, personagens de destaque na sociedade porto-alegrense já à época.

Quando do surgimento do Instituto Augusto Menegatti, a iniciativa mobilizou a colônia italiana, no estado, e o professor Ércole Donádio, residente em Caxias do Sul e editor do jornal *Città di Caxias*, foi convidado pelo professor Augusto Menegatti para fazer parte do corpo docente do internato nascente, conforme a matéria de 02 de março de 1918, à página três. Deixando Caxias do Sul, passou a ser, além de professor no internato, redator do jornal *Stella d'Italia*. Anos mais tarde, exerceu a docência na escola da Sociedade *Vittorio Emanuele II*, também, de Porto Alegre. Em 1920, segundo o jornal *O Brasil* de 28 de fevereiro, à página dois, publicado em Caxias do Sul, juntou-se ao grupo de professores o senhor Francisco Leonardo Truda, docente de Português e História do Brasil.

Ao lado dos elogios do *Città di Caxias*, o texto recomendava aos pais que quisessem dar uma “[...] educação profícua aos seus pequenos [...] adequada à vida moderna” (*CITTÀ DI CAXIAS*, 05/06/1918, p. 3; tradução nossa) que enviassem seus filhos a Porto Alegre, pois, além de tudo, ajudavam

ir adiante da “[...] escassa instrução elementar que era inútil”. (*CITTÀ DI CAXIAS*, 05/06/1918, p. 3; tradução nossa).

No *Cinquantenario* (1925, p. 387; segunda parte; tradução nossa), foram encontrados mais detalhes sobre a escola, sua localização, seus programas, bem como o perfil da esposa de Menegatti, sua parceira no ensino.

O professor Augusto Menegatti, transferindo-se para o Brasil, veio entre nós em 1916 e abriu uma escola aos filhos dos italianos em uma modestíssima casa na rua 12 de outubro. No ano de 1917, transportava o seu Colégio para a rua Demétrio Ribeiro, 207, e no ano de 1918, passava para a rua Riachuelo, número 156, onde ainda reside pela impossibilidade de encontrar um local melhor. Este importante instituto possui dois cursos de estudo, um elementar de cinco anos, o outro comercial de quatro anos, no qual se ensinam as línguas Portuguesa, Italiana e Francesa, obrigatórias, e a língua Inglesa e Alemã, facultativas. **O programa da escola é eminentemente comercial, e, indistintamente, todos os alunos que saíram diplomados gozam de boa fama e honram o seu colégio que, ainda obedecendo aos programas em vigor nas escolas secundárias do Brasil, neste ano, será igualado às escolas correspondentes da Itália.** É supérfluo dizer de quanta estima e consideração goza o Instituto Ítalo-Brasileiro Augusto Menegatti, tanto da parte dos compatriotas como dos cidadãos e da autoridade brasileira, e quanto a obra do Prof. Menegatti é desinteressada e eficaz, coadjuvado pelo trabalho intelectual de sua esposa a senhora Linda Vighi, que possui os seguintes diplomas: Licença Normal – Escola Normal de Rovigo (ano de 1901); diploma de diretora de Jardim de Infância (ano de 1902); diploma de professora de caligrafia – Verona (1908); diploma de professora da Língua Francesa – Escola Superior de Comércio de Veneza<sup>110</sup> (ano de 1910). (Tradução e grifo nossos).

Segundo Nagle (1974), no Brasil, só em 1926 iniciou-se um processo para eliminar a fase da ausência de linhas gerais<sup>111</sup>, conformando o ensino técnico-comercial, do que se conclui que, até então, não existia, para ele, uma or-

<sup>110</sup> A Escola Superior de Comércio de Veneza, fundada em 1868, foi o embrião da Universidade Ca'Foscari. A Escola Superior se propunha a fornecer aos comerciantes uma adequada preparação teórica e visava formar os futuros professores das disciplinas econômicas para os institutos de educação secundária, bem como ensinava línguas estrangeiras, estas entendidas como complementares à economia e ao comércio.

<sup>111</sup> Através do Decreto Federal nº 17.329, acontece a primeira reforma curricular do ensino comercial e, neste mesmo ano, foi criada a primeira escola oficial no Brasil com o objetivo de ensinar Contabilidade. Antes de 1926 já existiam escolas para ensinar Contabilidade, embora não oficialmente. Em 1931, acontece a regulamentação da profissão de contador e a segunda reforma do ensino comercial. Trata-se do Decreto 20.158, de 30 de junho de 1931, que organizava o ensino comercial, regulamentava a profissão de contador e dava outras providências. Em 1943, foi reformulado, totalmente, o ensino comercial pelo Decreto-lei 6141, de 28 de dezembro, regulamentado pelo Decreto-lei 14.373. Tratava-se de uma proposta abrangente promovida por Gustavo Capanema, então, Ministro da Educação do Governo Vargas. Para um detalhamento da trajetória do ensino comercial, no Brasil, veja-se Gomes Júnior (2013) cfe. referências.

ganização geral no país. Assim, a proposta de Menegatti para os seus cursos poderia se espelhar nos modelos por ele conhecidos e trazidos da Itália.

Da parte do Governo italiano, novas regras são emanadas para os institutos médios do exterior conforme Régio Decreto de 20 de maio de 1926 (FLO-RIANI, 1974). Os dados não permitem afirmar se foram feitas as devidas mudanças no currículo do Instituto do professor Menegatti, de acordo com a reforma de 1926.

No jornal *Correio do Povo* de 06 de fevereiro de 1925, à página dois, leu-se que o Instituto oferecia, além de aulas na sua “Escola Elementar, o Curso Comercial e o Curso Preparatório Acelerado. Ensinava-se também: Português, Francês e Italiano, sendo facultativas as línguas Alemã e Inglesa”. Neste mesmo ano, o local de funcionamento do instituto era na Rua Riachuelo, n.º 156, Centro de Porto Alegre. Dois anos mais tarde, em 1927, o instituto passou a oferecer o curso de datilografia, conforme o jornal *Correio do Povo* de 22 de fevereiro, página cinco.



Figura 34: Anúncio informando sobre o curso de datilografia.  
 Fonte: Jornal *A Federação* (22/02/1927, p. 5).

Dado relevante a observar é que os anuários das escolas italianas no exterior fornecem que, em 1924, o instituto possuía um total de 130 alunos, considerando o curso elementar e técnico, e que incluía alunos do sexo masculino e feminino (ANNUARIO, 1924, p. 40). Esta é a única referência encontrada que dá conta de que, ao menos, neste período, o instituto teve alunas em suas classes. Já no *Annuario* de 1927 (1928, p. 68), vê-se que a

instituição de ensino contava com um total de 33 discentes, todos do sexo masculino, e no *Annuario* de 1930 (p. 98), o instituto aparece referido como tendo o Curso Elementar, com 13 inscritos e com a frequência, também, de 13 alunos, todos do sexo masculino. O *Annuario* refere, ainda, que havia o Curso Técnico Inferior, com 11 alunos inscritos e com igual frequência.

No *Álbum comemorativo do 75º aniversário da colonização italiana no Rio Grande do Sul* (1950), identificou-se que estudantes de várias partes do estado, como Garibaldi, Guaporé, Caxias do Sul e Bento Gonçalves, dirigiam-se ao Instituto Augusto Menegatti, cuja formação incluía uma “dura disciplina” (BERTASO; LIMA, 1950, p. 43). Bartolotti (1930, p. 445; tradução nossa), na sua passagem por Porto Alegre, elogiou o “[...] professor Menegatti, que dirige junto com sua esposa um ótimo instituto médio”.

Em 1928, tanto o jornal *Correio do Povo* (21/06/1928, p. 8) como o jornal *A Federação* (21/06/1928, p. 4) noticiaram a visita do cônsul Manfredo Chiostrri ao Instituto Ítalo-Brasileiro, que contava, neste ano, com os seguintes professores: Cyro Sodré, Italo Dal Corona, Geny Pires, Aurora Eboli, Aurora Tovoe, Elga Cannes e o Padre Cleto Benvegnù, diretor espiritual.

Feita a recepção ao senhor cônsul geral da Itália, este assistiu a um exame dos alunos das diversas classes, constatando o grau de adiantamento de cada um deles. Como refere o jornal *A Federação* (21/06/1928, p. 4) “o senhor Chiostrri deixou as aulas, passando, então, para uma sala onde os alunos cantaram *Adio Giovinezza* e o hino nacional brasileiro sendo muito aplaudidos por todos os presentes”. Depois, o estudante Ascendino Vescori o saudou “[...] tendo proferido palavras lisonjeiras à pátria natal e ao Brasil e afirmado que os filhos dos italianos nunca esqueceram a terra e seus antepassados”. (*A FEDERAÇÃO*, 21/06/1928, p. 4). O cônsul, por sua vez, externou sua boa impressão pela organização em que encontrara o Instituto e disse que “um dos programas do *Duce* era a maior divulgação da instrução porque esta, certamente, iria prestar relevantes serviços às coletividades italianas quer residentes no Reino quer no estrangeiro”. (*A FEDERAÇÃO*, 21/06/1928, p. 4).

### 3.2.1 Um instituto subsidiado

*“Espero que o seu interesse possa me dar a satisfação de ainda acenar à consideração do Régio Governo a fim de que a manutenção do subsídio me dê a ajuda material necessária e a tranquilidade para poder trabalhar com toda a minha energia para o bom andamento e para o desenvolvimento da minha tão amada escola.”*  
(ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. COR. AUGUSTO MENEGATTI, 25/08/1927. Maço 702)

Em 09 de agosto de 1928, Chiostrì<sup>112</sup> escreveu para o ministro Piero Parini, solicitando um subsídio extraordinário para que o instituto se adaptasse e, então, pudesse receber mais alunos, o quais eram “forçados a frequentar institutos brasileiros”. Assim, sugeriu ao ministro do Ministério das Relações Exteriores um “auxílio extraordinário não inferior a 70.000 libras”. Referiu, ainda, que, sem o auxílio do Ministério, seria impossível atingir o objetivo. O instituto sempre teve dificuldades de se manter, e o subsídio do governo italiano não era suficiente para sustentar a estrutura. Menegatti assim escreveu para o Consulado de Porto Alegre:

Porto Alegre, 25 de agosto de 1927.

Senhor cônsul de Sua Majestade o Rei. A notícia de que o Governo da Itália me ajudará neste ano com o subsídio do ano passado me deixou vivamente pesaroso. O Governo sabe quanta despesa e quanto sacrifício me custa a manutenção da minha escola para continuar à altura da exigência da equiparação a qual consegui. São quatro professores que ensinam no instituto técnico inferior, sem calcular o meu trabalho, quatro professores que eu pago a cinco mil réis a hora além de três professores para o curso elementar que são pagos mensalmente. Acrescente-se, e isto o governo está ciente, o aumento de cinquenta mil réis por mês que me foi imposto.[...] Ora, o que farei? **Rogo ao Senhor, cônsul, queira interceder junto ao régio ministério em Roma para que não queira abandonar assim esta escola fruto de tantos sacrifícios, que ao nosso governo tem custado tão pouco e o qual honra nossa colônia e é só disto que ela tem necessidade.** Espero que o seu interesse possa me dar a satisfação de ainda acenar à consideração do Régio Governo a fim de que a manutenção do subsídio me dê a ajuda material necessária e a tranquilidade para poder trabalhar com toda a minha energia para o bom andamento e para o desenvolvimento da minha tão amada escola. Ofereço, Senhor cônsul, antecipadamente os meus agradecimentos e a garantia da minha gratidão. A. Menegatti – Diretor.<sup>113</sup> (Tradução e grifo nossos).

As dificuldades eram muitas e o cônsul Chiostrì parece que havia

<sup>112</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Cor. MANFREDO CHIOSTRÌ, 23/04/1929. Maço 702. Correspondência a DGIE.

<sup>113</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Cor. AUGUSTO MENEGATTI, 25/08/1927. Maço 702. Trata-se de uma correspondência de Menegatti ao cônsul Bozano.

compreendido a situação. Em 23 de abril de 1929, enviou correspondência ao ministro Piero Parini, anexando os programas didáticos do Instituto Médio Ítalo-Brasileiro Augusto Menegatti, da *Scuola Umberto I* e da *Principessa Elena di Montenegro*. Nessa correspondência, ponderou que, considerando “[...] as inspeções realizadas e os resultados dos exames finais eu pude constatar um aproveitamento digno de louvor e que merece a recompensa do Pátrio Governo<sup>114</sup>”. (Tradução nossa).

No mesmo ofício, aproveitou para reiterar que o Instituto precisa “da maior ajuda possível para sua ampliação e para seu melhor funcionamento” (p. 1). Chiostrì enviou o seguinte comunicado/ofício para o MAE:

Senhor ministro,  
Com relação ao meu comunicado 1464/56 de 23 de abril passado, solicito o envio do subsídio anual, principalmente para o Instituto Médio Ítalo-Brasileiro, dirigido pelo professor Menegatti. A falta de tal subsídio coloca em sério constrangimento o dito professor, que com ele contava para fazer frente à metade do ano escolar por conta dos compromissos já assumidos. Acolha, Senhor ministro, os atos de meu mais profundo respeito.<sup>115</sup> (Tradução nossa).

Em 1930, Chiostrì, novamente, escreveu para o Ministério das Relações Exteriores, salientando que o instituto “[...] não obstante grandes dificuldades, continua a preparar para a vida profissional os nossos jovens, os quais saem dos cursos com um profundo sentimento pátrio<sup>116</sup>”. Aliás, Manfredo Chiostrì, na mesma carta, reportou que o instituto precisava da ajuda do governo por ser:

[...] o único do gênero e também porque poderia acolher em todo o Estado um bom número de alunos não fosse a deficiência do local que obriga alguns alunos a se inscreverem em outro local; segundo porque, dada a simpatia com a qual goza pela sua inegável boa instrução que se ensina, pode, melhorado, ser no futuro eficiente centro de nossa cultura.<sup>117</sup> (Tradução nossa)

Preocupado, solicitou que o instituto fosse socorrido e aumentado, se possível, o subsídio anual. Chiostrì já pedira, em seu relatório de número 2206/179 de 9 de agosto de 1928, conforme frisa na carta de 1930 em análise, um subsídio extraordinário para seu melhoramento, dado que, para o cônsul se

<sup>114</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. MANFREDO CHIOSTRÌ, 23/04/1929. Maço 702.

<sup>115</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. MANFREDO CHIOSTRÌ, 17/07/1929. Maço 785.

<sup>116</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. MANFREDO CHIOSTRÌ, 07/01/1930, p. 9. Maço 785.

<sup>117</sup> Idem.

ele fosse abandonado a si mesmo seria, depois, muito “difícil se não impossível, mesmo no futuro, abrir um novo”<sup>118</sup>. Em outra correspondência enviada do MAE ao Consulado de Porto Alegre, localizou-se que o Ministério concedeu para 1928 e 1929 os seguintes subsídios ordinários: ao Instituto Ítalo-Brasileiro 20.000 libras, às escolas do distrito consular 20.000 libras.<sup>119</sup>

No andar de sua trajetória, o Instituto veio a perder o subsídio, fato que pode ser relacionado à não adaptação ao Decreto de 1926, porém não foi possível verificar isso.

### 3.2.2 Exames e programas

*“O programa da escola é eminentemente comercial e indistintamente todos os alunos que saíram diplomados gozam de boa fama e honram o seu colégio que, ainda obedecendo aos programas em vigor nas escolas secundárias do Brasil, neste ano, será igualada às escolas correspondentes da Itália...”*  
(CINQUANTENARIO, 1925, p. 387; segunda parte)

Em correspondência ao consulado, em 26 de dezembro de 1926<sup>120</sup>, o professor Menegatti apresentou os resultados dos exames finais daquele ano, salientando que o cônsul participara, assiduamente, e com sacrifícios dos exames finais do instituto o que dispensaria o relatório que estava enviando. Mesmo assim, Menegatti fez questão de enviar os resultados finais para o consulado. Os exames, cujos “[...] temas da cada língua, bem como os problemas de matemática e de contabilidade, foram todos escolhidos pela comissão Examinadora por ele [cônsul] presidida<sup>121</sup>” (Tradução nossa), duraram duas semanas.

O resultado da **prova escrita de italiano**, refiro-me ao Instituto Técnico Inferior (o meu curso comercial) foi uma prova do interesse nosso para com o ensino da língua pátria. Nenhum aluno foi reprovado no exame de março e todos foram promovidos, também na prova oral, com belas classificações. **A gramática** [...] o conhecimento dos nossos principais escritores antigos e modernos e da **História da Literatura**, das origens aos dias atuais foi dada pelo professor com tanto cuidado e clareza que fez despertar verdadeira admiração na comissão examinadora. Examinados 18, promovidos 18. A **História da Itália**, mesmo sendo somente estudadas as grandes questões do período

<sup>118</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. MANFREDO CHIOSTRI, 07/01/1930, p. 10. Maço 785.

<sup>119</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. MANFREDO CHIOSTRI, 10/01/1929. Maço 785.

<sup>120</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Cor. AUGUSTO MENEGATTI, 26/12/1926. Maço 702.

<sup>121</sup> Idem.



antigo (sacrifício devido à exigência do estudo das matérias do país) foi, porém, tratada mais diligentemente na Idade Média e, especialmente, na época das Comunas, ficando mais detalhada de 1870, para ser mais pormenorizada depois de 1914. Também o grande atual *Risorgimento* e os seus fatores foram tratados com amor e com cuidado fazendo-se ressaltar as duas figuras principais: Sua Majestade o rei e Sua Excelência Mussolini. Examinados 18, promovidos 15. A **Geografia da Itália** foi minuciosamente estudada, não se descuidando de serem conhecidos os principais produtos agrícolas e industriais. Examinados 18, promovidos 16. A **História da Arte** foi tratada oportunamente, bem como foi diligentemente ressaltado o nosso primado em todos os tempos. Examinados 18, promovidos 16. A **Língua Francesa**, que é ensinada tendo por base a língua italiana e segundo os precisos programas de nossas Escolas, teve um resultado ótimo: somente um reprovou. Examinados 18, promovidos 17. A **Matemática**, cujo programa que segue aquele do país, é muito mais amplo que o nosso, deu resultado satisfatório em geral e ótimo em particular, especialmente no terceiro curso onde a nota mais baixa foi nove. Examinados 18, promovidos 18. A **Contabilidade**, cujo programa é exatamente o mesmo, como será possível constatar, são dedicados três anos de estudo. Um dos diretores do Banco Francês e Italiano da América do Sul que fazia parte da comissão examinadora, o Dr. Farina, encontrou os nossos licenciados semelhantes aos contabilistas da Itália. Examinados 18, promovidos 18. A **Religião**, ao encargo do Reverendo padre Cleto Benvegnù, satisfaz à pleno. Examinados 18, promovidos 18. Satisfação nos trouxe os resultados de todas as outras matérias que são exigidas pelos programas das escolas do país, questão reconhecida por muitos intelectuais brasileiros que admiram a superioridade de nosso método. **Português**: examinados 18, promovidos 16. **História do Brasil**: examinados 18, promovidos 17. **História Universal**: examinados 18, promovidos 17. **Ciências Naturais e Física**: examinados 18, promovidos 17. As séries elementares, bem: três reprovados do total de 15 examinados. Resultado final: Do Curso elementar foram examinados 15 e 12 foram promovidos. Do Curso Comercial (Instituto Técnico Inferior) foram examinados 18 e promovidos 15.<sup>122</sup> (Tradução nossa).

Como se vê, na comunicação, o cônsul participou dos exames tanto do Curso Elementar como do Curso Médio Inferior. No Quadro 15, que apresenta as disciplinas do Curso Comercial, bem como no ANEXO 2, em que há o detalhamento dos conteúdos, não está explicitado nenhum componente específico sobre o fascismo. No entanto, nos conteúdos examinados para os exames, tal tópico se faz presente. O tópico da religião não consta como conteúdo para o Curso Comercial<sup>123</sup>, porém observa-se que 18 alunos do referido curso foram aprovados nessa disciplina. A presença do Diretor do Banco Francês e Italiano sugere que havia uma certa exigência nos exames.

Menegatti finalizou sua comunicação de 26/12/1926 relatando ao cônsul

<sup>122</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Cor. AUGUSTO MENEGATTI, 26/12/1926, p. 1-2. Maço 702.

<sup>123</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. AUGUSTO MENEGATTI, 07/1925. Maço 785.

que os professores que com ele trabalham são zelosos na difusão entre os filhos dos italianos do conhecimento da língua italiana, a fim de inspirar o amor à pátria. Menegatti salientou, ainda, que começam a frequentar o seu instituto alunos brasileiros que aprendem com muita facilidade e boa vontade o italiano e a história da Itália. O diretor lamentou ter que repetir que a deficiência das instalações não permitiam aumentar o número vagas como desejava. Aliás, no conjunto de comunicações e relatórios, a questão das instalações da escola aparecem como deficitárias.

Outro elemento que aparece, claramente, nos escritos de Menegatti é que havia deficiência na quantidade de livros disponíveis para os alunos, fazendo com que os professores tivessem mais trabalho para a preparação das aulas, o que esperava resolver com a ajuda do cônsul no ano seguinte. É nesta comunicação que se colheu a informação a qual o instituto recebera do embaixador Montagna “[...] o reconhecimento e o subsídio anual do Régio Governo<sup>124</sup>”. (Tradução nossa). O embaixador Luigi Montagna esteve em Porto Alegre, em 1925, por ocasião dos festejos do cinquentenário da colonização (cfe. *CORREIO DO POVO*, 23/02/1932, p. 5) e, como pôde-se ver acima, fizera a promessa de um auxílio adequado à importância e à utilidade colonial do instituto. Pelo que Menegatti referiu, o auxílio fora concedido.

Em correspondência endereçada ao Consulado Geral da Itália no Rio Grande do Sul, de 2 de maio de 1928, o *Ministero degli Affari Esteri* apontou que o instituto deveria se adequar para ser equiparado, pois se encontrava em não conformidade. Em comunicação posterior, salientou que ele deveria seguir as regras do Régio Decreto de 20 de maio de 1926, número 1259, para alcançar a equiparação<sup>125</sup>.

Na ocasião, o *Ministero degli Affari Esteri* enviou um elenco de documentos necessários para Menegatti comprovar a equiparação, bem como orientou quais documentos deveriam ser entregues ao consulado. Não foram encontrados documentos que demonstrem a realização das adequações sugeridas.

---

<sup>124</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Cor. AUGUSTO MENEGATTI, 26/12/1926, p.1-2. Maço 702.

<sup>125</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Cor. MAE AO CONSULADO DE PORTO ALEGRE, 02/05/1928. Maço 702.

**Quadro 16: Alunos do Instituto Menegatti aprovados em 1929**

<b>Séries</b>	<b>Alunos</b>	<b>Disciplinas</b>
Segunda série elementar	Orlando Reginato, Ottorino Sciullo, Andrea Vanafre, Vincenzo Butelli.	Português, Aritmética, Ciências, História, Geografia, Caligrafia.
Terceira série elementar	Antonio Ravanello, Ennio D'Andrea, Aldo Conte, Carlo Guariento, Benedetto Zanellato, Bonorino Buttelli, Millo Grossi.	Italiano, Aritmética, História da Itália, Geografia, Ciências, Caligrafia.
Quarta série elementar	Atos Maiolino, Bruno Muller, Pietro Conte, Luigi Andrighetto, Normando Sciullo.	Português, Italiano, Aritmética, História da Itália, Geografia, Ciências, Caligrafia.

Fonte: ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Rel. AUGUSTO MENEGATTI AO MAE, 26/01/1929. Maço 785.

Observa-se que no Quadro 16 não mais constavam alunos na primeira série elementar, talvez a indicar um processo de fechamento, dado que não foi possível apurar. No Quadro 17 aparece a relação dos nomes dos alunos aprovados no Curso Comercial de 1929. Essa relação foi enviada ao MAE.

**Quadro 17: Alunos aprovados no Curso Comercial no ano de 1929**

<b>Ano</b>	<b>Alunos</b>	<b>Disciplinas</b>
Primeiro	Guido Corbetta, Giulio Cobertta, Arlindo Mottin, Arlindo, Roberto Michelin.	Língua Portuguesa, Língua Italiana, Língua Francesa, Contabilidade, Matemática, História da Itália, Geografia, Ciências, Caligrafia.
Segundo	Dino Menegatti, Oli Ravanello, Ascindino Vescovi.	Língua Portuguesa, Língua Italiana, Língua Francesa, Contabilidade, Matemática, História da Itália, História do Brasil, Geografia, Ciências, Caligrafia.
Terceiro	Amélio Mottin	Língua Italiana, Língua Portuguesa, Língua Francesa, Contabilidade, Matemática, História da Itália, História do Brasil, História Universal, Ciências, Geografia, Caligrafia.

Fonte: ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. AUGUSTO MENEGATTI AO MAE, 26/01/1929. Maço 785.

### 3.2.3 Críticas ao Instituto Médio Ítalo-Brasileiro

*“E já numa atitude de revolta dos alunos o Instituto Médio Dante Alighieri, cortada que lhe fora a subvenção estrangeira, passou a ser apenas o Instituto Médio Ítalo-Brasileiro A. Menegatti para encerrar, logo após, sem o menor resultado, a sua tentativa de italianização.”*  
(PELLANDA, 1950, p. 43-44).

É importante observar que o autor da monografia *Aspectos gerais da*

*colonização italiana no Rio Grande do Sul (1950)*, constante no *Álbum comemorativo do 75º aniversário da colonização italiana no Rio Grande do Sul (1950)*, Ernesto Pellanda<sup>126</sup>, foi um crítico das ações fascistas italianizantes nas páginas do jornal *Diário de Notícias* de Porto Alegre, no qual mantinha uma coluna. O texto de Pellanda, abaixo, jogou uma nova perspectiva sobre o que entusiasticamente era referido no *Cinquantenario* com relação ao Instituto Ítalo-Brasileiro Augusto Menegatti, antagonizando e enfileirando-o ao quadro das iniciativas escolares fascistizadas. Ao que se conseguiu apurar, Ernesto Pellanda conhecia o instituto, por ter sido seu professor (*A FEDERAÇÃO*, 11/01/1923, p. 10). Pode-se notar, abaixo, a forma como os alunos viam o instituto e a insistência com a italianidade na narrativa de Pellanda:

Desesperando, ao que parece, da ação italianizante da escola primária cujo efeito logo desaparecia ao contato da vida nacional, resolveu o fascismo subvencionar um Instituto Médio para influir especialmente sobre os adolescentes. Veio para isso da Itália um casal de mestres mais bem preparados do que os simples *insegnanti* das primeiras remessas. E Augusto Menegatti e dona Linda Menegatti, professores laureados na Península, fundaram entre nós o *Dante Alighieri*, onde ao lado do italiano e da *Storia di Roma* se ensinava contabilidade, francês, português, matemática e outras matérias do curso médio comercial. Ao cabo de poucos anos, a inutilidade da tentativa se patenteou. **A rapaziada do internato onde só se falava o italiano e se exaltava a glória romana**, alguns desta capital, mas a maioria vinda de Garibaldi, Caxias do Sul, de Bento Gonçalves, de Guaporé, não se deixou contagiar. E quando o enérgico "maestro" lhes falava à mesa nos séculos de civilização latina, depreciando o Brasil, se levantavam todos e, sem comer, firmes na posição de sentido, metidos nos seus uniformes de *alpini*, protestavam em silêncio contra a injúria. Eram os Michelin, os Sassi, os De Carli, os Mottin, os Pilla, os Lubisco, eram os brasileiros da 1ª geração de nome itálico diante do diretor autoritário e estrangeiro, a jurar muda fidelidade à pátria legítima e única. E já numa atitude de revolta dos alunos o Instituto Médio *Dante Alighieri*, cortada que lhe fora a subvenção estrangeira, passou a ser apenas o Instituto Médio Ítalo-Brasileiro A. Menegatti para encerrar, logo após, sem o menor resultado, a sua tentativa de italianização. (PELLANDA, 1950, p. 43-44; grifo nosso).

Como se vê, não faltavam críticos ao modelo escolar de Menegatti e, sobretudo, ao fascismo que aí se fazia presente e a tudo queria fascistizar. Não se sabe, exatamente, da extensão do fascismo ao qual se refere Pellanda, que, aliás, depois de lecionar no instituto, também passou a dirigir uma escola comercial com semelhante atividade à escola de Menegatti. O fato é que no

<sup>126</sup> Ernesto Pellanda, nascido em 19/05/1896 e falecido em 15/12/1956. No jornal *Diário de Notícias* de Porto Alegre fez duras críticas ao fascismo.

jornal *O Momento*, de Caxias do Sul, em sua edição de 10 de setembro de 1942, à página quatro, encontrou-se o “Manifesto dos italianos livres de Caxias contra o regime fascista criminoso”, o qual assinavam várias personalidades de Caxias do Sul, incluindo o professor Menegatti e sua esposa. O articulista completava a matéria, salientando que tal documento era um “[...] memorial dirigido ao presidente do Núcleo Local da Liga de Defesa Nacional e prova insofismável da solidariedade daqueles [signatários] ao Brasil” (*O MOMENTO*, 10/10/1942, p. 4). Ao que parece, a adesão inicial do diretor foi substituída por um rechaço, anos mais tarde.

Dentre o conjunto de escolas que existiram no Rio Grande do Sul e que foram frequentadas por imigrantes italianos e seus descendentes que tiveram características étnicas, acrescentam-se iniciativas como o Instituto Augusto Menegatti, uma proposta privada que por muitos anos existiu em Porto Alegre.

Ao que os dados permitem afirmar, considerando as fontes consultadas a que se pôde ter acesso, o Instituto durou de 1916 a 1930, portanto, 15 anos, considerando que, em 1932, foi possível encontrar notícias sobre Menegatti as quais se referem a ele como “[...] ex-diretor proprietário do Colégio Ítalo-Brasileiro de Porto Alegre” (*CAXIAS*<sup>127</sup>, 14/04/1932, p. 3) e, nos anuários do MAE, aparecendo, pela última vez, em 1930<sup>128</sup>, quando constavam somente 24 alunos. Com o fechamento do instituto, o casal Menegatti foi trabalhar em Caxias do Sul, como ecônomo do Clube Juvenil, onde também abriu um restaurante.

O Clube Juvenil acaba de arrendar a parte térrea do seu edifício ao professor Menegatti, antigo residente desta cidade. O professor Menegatti, entre outros melhoramentos que introduziu naquela parte térrea da sede juvenelista abriu um bem montado restaurante o qual teve a sua inauguração festiva na última segunda-feira. (*A ÉPOCA*, 26/03/1939, p. 1).

Em Caxias do Sul, Linda Menegatti passou a lecionar Língua Francesa, no Centro Cultural Tobias Barreto de Menezes, do qual participava também como membro do conselho diretivo. Augusto Menegatti morreu em maio de

<sup>127</sup> O jornal *Caxias* surgiu em 1927 e permaneceu em atividade até 1932. Editado em Caxias do Sul, era semanal e sua linha editorial era pró-Vargas, conforme Giron e Pozenato (2004).

<sup>128</sup> MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. *Annuario delle scuole italiane all'estero -1930- VIII*. Roma: Tipografia del Ministero degli Affari Esteri, 1930, p. 98.

1943. Muitos ex-alunos prestaram suas homenagens. Assim o jornal *O Momento* o descreveu:

[...] grande parte de sua existência dedicou-se a educar crianças, tendo sido, em tempos que se lá foram, diretor do Ginásio Ítalo-Brasileiro, na capital do estado. Era ele um cidadão probo e recatado tendo sempre vivido do trabalho nobilitante em prol da instrução. Os amigos e ex-alunos lhe homenagearam por ocasião do seu funeral. (*O MOMENTO*, 15/05/1943, p. 4).

Embora, ainda, o Instituto Médio Ítalo-Brasileiro mereça uma investigação mais profunda, é possível afirmar que ele teve uma trajetória longa, marcando a educação étnica no estado e, não obstante as críticas, formou muitos profissionais e elevou a colônia na capital e no estado, sublinhando o interesse dos italianos pela educação.

Em comunicação, datada de 04 de outubro de 1932, o cônsul Mario Carli escreveu ao ministro da Direção Geral dos Italianos no Exterior que “sobre o projeto de ressurreição (*sic*) do Instituto Menegatti, mandará outro relatório quando eu estiver convicto da sua utilidade<sup>129</sup>”. (Tradução nossa).

Conforme pôde-se ver, o tema da implantação de um instituto médio ressurgiu com o Primeiro Congresso das Sociedades Italianas do Rio Grande do Sul. Porém, não mais haveria outro instituto. O instituto do professor Menegatti ficaria na lembrança e um novo instituto no desejo.

### 3.3 A PREOCUPAÇÃO COM A “DESNACIONALIZAÇÃO”

*“O procedimento da desnacionalização é naturalmente muito mais fácil nas cidades do que no interior, mas é fato que ele está aumentando, mesmo no interior, com a construção de novas estradas e vias de comunicação, com a intensificação das relações comerciais entre as colônias e os centros habitados e, sobretudo, pelo trabalho desenvolvido pelas autoridades locais, as quais não vêem com bons olhos as escolas estrangeiras, por mais modestas que sejam e tentam de todas as maneiras quando podem fechá-las.”*  
(ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. REL. LUIGI ARDUINI, 1925, p.1. Maço 595).

A criação da *Dante Alighieri* e do Instituto Augusto Menegatti em Porto Alegre marcou o processo escolar entre italianos e descendentes em Porto Alegre, no período de seus surgimentos, com repercussões que ultrapassaram a década da fundação deles. O primeiro, buscando congregar as diversas sociedades e alinhado às diretrizes de seu homônimo originante na Itália o

<sup>129</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. MARIO CARLI, 04/10/1932, p. 3. Maço 785.

segundo, uma iniciativa privada ímpar no contexto das escolas italianas no Estado, mas que findará suas atividades na entrada da década de 1930.

Frei Bernardin D'Apremont (1976), em 1914, apresentou um parecer que indicava uma indiferença dos italianos em Porto Alegre tanto pela língua italiana como pela escola étnica. Não obstante, na época em que escreveu foram encontradas quatro escolas étnicas italianas na capital, perfazendo um total de 230 alunos. O frei Bernardin D'Apremont<sup>130</sup>, em seu relatório, redigido em 1913, salientava que os membros da colônia italiana de Porto Alegre pouco se interessavam pelo cultivo da língua italiana e que a opção era a escola pública, gratuita.

Mais ou menos todos os membros da colônia italiana de Porto Alegre são indiferentes à propagação de sua língua de origem. Se eles são pobres, pouco lhes importa a instrução de seus filhos, a não ser o justo necessário para as necessidades mais imediatas da vida. Por isso, enviam-nos à escola mais próxima, onde os meninos aprenderão a ler, escrever e a falar um pouco da língua do país, ou seja, o português. As escolas primárias gratuitas são muito numerosas em Porto Alegre. Quando os italianos da capital do Rio Grande do Sul conseguem tornarem-se ricos, começam logo a encaminhar seus filhos para as carreiras liberais ou comerciais, as mais honrosas e lucrativas que sua atual condição familiar; mas para isso precisa-se aprender muita coisa mais importante que o italiano. O italiano, dizem eles, o falamos entre nós, em casa: e é suficiente. (D'APREMONT; GILLONNAY, 1976, p. 183).

É perceptível certa decadência no número de escolas, como bem observou Luigi Arduini, cônsul em Porto Alegre, de julho de 1924 a julho de 1925, o qual, em seu Relatório de 1925 ao MAE, destacava que a situação das escolas italianas no Rio Grande do Sul era um desastre, usando para tal a expressão francesa *débâcle*. Referia a existência de somente duas escolas elementares na capital em 1921 e, igualmente, em 1925, afora o Instituto do professor Menegatti.

Em 1921, tem-se o registro de que, na capital, a *Scuola Umberto I* (mista) tinha 44 alunos e a *Scuola Elena di Montenegro* (mista) 46. Já em 1925, a *Scuola Umberto I* tinha 46 alunos e *Scuola Elena di Montenegro*, 40 alunos.

<sup>130</sup>O relatório foi escrito em Roma, no ano de 1914, a pedido do Superior Geral dos Capuchinhos, e publicado em português, em 1976. O autor foi um dos missionários capuchinhos franceses de primeira hora que veio ao Rio Grande do Sul, em 1898, tendo permanecido até 1913. Seu escrito fez uma apologia do trabalho da Ordem dos Freis Capuchinhos no Rio Grande do Sul. D'Apremont mantinha-se sempre bem informado, na medida em que tinha acesso fácil a documentos e a relatórios oficiais.

Tais números que ele constataria deviam-se, também, ao abandono a que as escolas haviam ficado. Arduini, assim, manifestou-se ao ministro das Relações Exteriores da Itália:

Senhor ministro,  
A permanência de mais de um ano no Estado do Rio Grande do Sul e o conhecimento pessoal dos principais centros italianos naquele estado me permitem, hoje, relatar a V. Exa. sobre as atuais condições, infelizmente, não muito positivas das nossas escolas. **Sabia já, antes mesmo de dirigir-me ao interior do Estado, do abandono e da negligência em que todas as pequenas escolas laicas, mantidas pelo Governo com um subsídio anual verdadeiramente irrelevante, pouco a pouco, haviam caído** e certamente não me iludia sobre a eficácia, a utilidade e o valor do ensino da nossa língua dado pelas instituições religiosas estabelecidas no Rio Grande do Sul, sobretudo de origem e mentalidade francesa. Mas devo, além disso, confessar que nunca teria esperado uma *débâcle* do gênero como aquela que tive de constatar com meus próprios olhos.<sup>131</sup> (Sublinhado por Arduini; tradução e grifo nossos).

Possivelmente, antes de assumir o consulado, o cônsul lera os relatórios do capitão Seghetti, que apontavam muitas deficiências. De fato, antes mesmo de Arduini, pode-se ver que o capitão Seghetti, em relatório ao Ministério das Relações Exteriores, manifestava-se de forma semelhante, constatando na correspondência de 1º de agosto de 1923 só haver três escolas em Porto Alegre naquele ano, a saber: a *Umberto I*, a *Princesa Elena* e o Instituto Ítalo-Brasileiro Augusto Menegatti. No documento, Seghetti apontou que, à época, a colônia italiana na capital comportava cerca de trinta mil pessoas.

Existem aqui escolas italianas: a *Umberto I* e a *Princesa Elena di Montenegro*, mantidas pelas duas sociedades de beneficência (homônimas) com turmas elementares, e aquela do Instituto Ítalo-Brasileiro *Dante Alighieri* (um pequeno colégio que tem alunos externos) que compreende mais quatro turmas elementares, quatro cursos comerciais. As três escolas são frequentadas, no conjunto, de não mais de 130 alunos. (A nossa colônia é de cerca de 30.000 pessoas).<sup>132</sup> (Tradução nossa).

Na mesmo relatório, Seghetti comentou que:

O ensino da língua italiana não é dado nas escolas do governo. Até 1918, era exigido para admissão à Faculdade de Direito e à Escola de

<sup>131</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Rel. LUIGI ARDUINI, 1925. Maço 595.

<sup>132</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1888-1920. Rel. SEGHETTI, 01/08/1923, p. 3. Maço 437.



Engenharia, o exame de uma das três línguas: inglês, alemão e italiano. A partir de tal ano, esta última foi excluída. De forma que – me dizia o Reverendo Padre Contessotto, jesuíta, diretor do Ginásio Anchieta – nenhum dos alunos (italianos ou brasileiros) que frequentam o instituto estuda mais o italiano. Da mesma forma nos outros institutos. Em contradição com as disposições governamentais, para acelerar a decadência da italianidade da colônia, acrescente-se a indiferença dos nossos compatriotas, os quais enquanto, de uma parte, celebram com solenidade o sexto Centenário de Dante e dão em todas as ocasiões provas manifestas de ardente amor a Itália, não cuidam da outra parte de fazer os filhos aprenderem o idioma da pátria de origem.<sup>133</sup> (Tradução nossa).

Tal posição contrastou com a euforia da comemoração dos 50 anos de imigração, em 1925, mas, ao mesmo tempo, corroborou o que Crocetta destacou em 1925:

[...] ocorre de perguntarmo-nos se as nossas escolas correspondem às necessidades coloniais, triplicadas, quadruplicadas de uns trinta anos para cá, enquanto elas tendem sempre mais a diminuir. Mas, não é apenas o problema do número de escolas; é a falta de uma verdadeira e própria organização dos meios indispensáveis que as torna deficientes. (*CINQUANTENARIO*, 1925, p. 402; primeira parte; tradução nossa).

Crocetta é claro ao ter questionado a organização dos meios para mantê-las, questão que atravessava as vidas das escolas étnico-comunitárias e das escolas mantidas por sociedades italianas no Rio Grande do Sul. Pelo conjunto de elementos relacionados e pelo que se evidenciará na sequência deste trabalho, podem-se observar que algumas iniciativas, em Porto Alegre, recebiam subsídios; contudo, eram insuficientes.

Segue o Quadro 18, elaborado por Arduini, no qual constam as escolas da capital. Curiosamente, no *Annuario delle Scuole Italiane all'Estero*, de 1925, não há registro das escolas de Porto Alegre mencionadas por Luigi Arduini.

---

<sup>133</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1888-1920. Rel. SEGHETTI, 01/08/1923, p. 3-4. Maço 437.

**Quadro 18: Escolas leigas no RS apuradas por Luigi Arduini (1925)**

LOCALIDADE	TITULAR	ALUNOS	TIPO
Linha Jansen (Bento Gonçalves)	Pasquale Dall'Agnol	40	Mista
San Marco	Amabile Cocconello	53	Mista
San Luigi di Guaporé	Augusto Olivieri	26	Mista
Sexta Léguas (S. Antonio)	Virgilio Portolan	45	Mista
Décima Léguas (Caxias)	Severo Ravizzoni	36	Mista
Tredicesima Léguas (Caxias)	Giovanni Dalla Gasperina	43	Mista
Conceição de Arroio	Maria Borlanda	75	Mista
Fazenda Souza	Fortunato Portolan	35	Mista
Frazione Boco	Caterina Rosmini	42	Mista
Frazione Fraga	Elisabetta Gregis	44	Mista
Porto Alegre	<b>Scuola Umberto I</b>	46	Mista
Porto Alegre	<b>Scuola Elena di Montenegro</b>	40	Mista
	Total	525	

Fonte: ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Rel. LUIGI ARDUINI, 1925, Anexo. Maço 595.

Arduini expôs sua preocupação quanto ao processo de desnacionalização – na ótica dos italianos – fato que observava estar aumentando:

O procedimento da desnacionalização é naturalmente muito mais fácil nas cidades do que no interior, mas é fato que ele está aumentando, mesmo no interior, com a construção de novas estradas e vias de comunicação, com a intensificação das relações comerciais entre as colônias e os centros habitados e, sobretudo, pelo trabalho desenvolvido pelas **autoridades locais, as quais não vêm com bons olhos as escolas estrangeiras, por mais modestas que sejam e tentam de todas as maneiras quando podem fechá-las.**<sup>134</sup>  
(Tradução e grifo nossos).

Arduini se ressentiu das autoridades locais que “tentam de todas as maneiras” fechar as modestas iniciativas escolares. Como observou Giron (1994;1998) e Luchese (2007), a campanha da nacionalização começara desde a Primeira Guerra Mundial, motivando o Estado a incentivar a supressão das escolas étnicas e a ampliar o ensino público gratuito.

<sup>134</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Rel. LUIGI ARDUINI, 1925, p.1. Maço 595.

Em Porto Alegre, havia dois núcleos<sup>135</sup> formados, exclusivamente, por agricultores vênnetos e lombardos: Vila Nova e Tristeza. O núcleo Vila Nova foi fundado em 1894, por Vincenzo Monteggia<sup>136</sup>. Tal núcleo foi visitado por Seghetti e, lá, constatou-se a ausência de uma escola italiana. Depois de sua passagem, Monteggia escreveu uma carta<sup>137</sup> a Seghetti, agradecendo sua visita e salientando que disponibilizava um terreno de 5000 metros quadrados para alguma congregação de freiras que quisesse instalar uma escola. Até que não fossem definidas as tratativas para a vinda dessas instituições, a senhora Angela Tovo começaria, de forma improvisada, o ensino para cerca de 50 crianças. No relatório de Luigi Leda de 2 de junho de 1935<sup>138</sup> há a menção de uma escola com 50 alunos com uma professora. Tal escola não estava ligada a nenhuma sociedade italiana. Não foi possível ampliar esses dados.

Como observa Trento (2001) não obstante o esforço fascista, particularmente na década de 1930, o fenômeno da decadência das escolas étnicas italianas não ocorreu somente no Rio Grande do Sul, mas parece ter sido tendência no país inteiro. No Quadro 19, elaborado segundo Bertonha (2001a), pode-se identificar que o auge dos alunos matriculados nessas escolas se dá em 1913. Após, de fato, observa-se um declínio nesses números que se acentua, ainda mais, na década de 1930.

<sup>135</sup> Uma descrição da localidade de Tristeza em Porto Alegre foi feita por Ciapelli (1905, p. 937-938), o qual apresentou detalhes da coletividade italiana e seu desenvolvimento: “o núcleo Vila Nova foi fundado em 1894, e tem hoje 51 famílias, cada qual com 3 colônias em média; nenhuma família possui menos de duas colônias. As terras foram compradas de particulares pelo preço médio de 300 mil-réis cada, medindo 25.000 metros quadrados. O preço atual é de 600 a 700 mil-réis cada colônia e há cerca de 300 à venda. A “*Companhia Territorial Porto-alegrense*” tem, no momento, 56 lotes à venda por 1 (um) conto de réis, pagáveis com prestações anuais e ao juro de 8%. A maior cultura (agrícola) é a da videira, que produz bastante uva de boa qualidade; seu preço mínimo é de 3.000 réis por arroba, isto é, de 200 réis por quilo, já que uma arroba corresponde a 15 quilos. A produção total da uva está calculada em 105.000 quilos/ano, num valor total de aproximadamente 21 contos. Há duas famílias que produzem até 10.000 quilos; cinco, aproximadamente 3.000 quilos, e as restantes de 500 a 2.000 quilos. Cada família tem uma casa cujo valor médio pode ser estipulado em 2 contos de réis. Há, além disso, duas propriedades mais importantes: uma casa e um moinho avaliados em 22 contos; e uma casa com vários lotes que custaram ao atual proprietário 12 contos e meio, pelos quais, há dois anos, o mesmo proprietário rejeitou 50 contos que a Companhia territorial lhe oferecera. No núcleo Tristeza há 50 famílias italianas que estão nas mesmas condições das do outro núcleo”.

<sup>136</sup> Em 2 de dezembro de 1935, foi inaugurado, no bairro Vila Nova, um obelisco em homenagem a Vincenzo Monteggia. Na ocasião, compareceram representações de várias sociedades italianas, alunos das escolas ítalo-brasileiras, autoridades e o cônsul Barbarisi (veja-se detalhes e imagens no jornal *Correio do Povo* de 3/12/1935, p. 9 e no jornal *La Voce d'Italia* de 6/12/1935, p. 2).

<sup>137</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1888-1920. Cor. VICENZO MONTEGGIA, 19/04/1923. Maço 437. Trata-se de uma carta com três páginas.

<sup>138</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 02/06/1935, p. 6. Maço 785.

Celeste Gobatto, intendente de Caxias do Sul e proeminente membro do fâscio da cidade de Caxias do Sul (GIRON, 1994), escreveu a Mussolini, em 6 de dezembro de 1927, pedindo a intervenção do *Duce* para que os padres salesianos implantassem um ginásio em Caxias, preocupado que estava com a falta de escolas que pudessem “recordar as virtudes do povo italiano e fazer conservar a língua dos pais”.

Ademais, salientou que os Irmãos Maristas franceses se interessavam pela área ofertada e lhe preocupava a possibilidade de que a doação não fosse feita aos padres italianos. Eis alguns trechos:

[...] tenho a ousadia de me dirigir a Vossa Excelência. Se se faz isto, o subscrito o faz na certeza que apenas a intervenção de Vossa Excelência poderá resolver um dos mais graves problemas culturais italianos de Caxias e dos municípios colonizados por italianos os quais coroam e constituem a bela e alegre região colonial do Rio Grande do Sul. Esta zona [...] altamente produtiva e rica, dotada de clima magnífico, à excessão de que **existem pouquíssimas escolas primárias, nenhuma tem condições de fazer recordar as virtudes do povo italiano e fazer conservar a língua dos pais a esta juventude que, brasileira por nascimento, não desdenha mas antes se sente orgulhosa de descender da estirpe italiana.** Estou firmemente convencido que faria uma transformação radical do ambiente instituindo aqui em Caxias um ginásio dirigido pelos padres salesianos ou por outra ordem, onde além do programa brasileiro de **ensino se ensinasse aquelas outras lições de história e de literatura italiana que serviriam como faróis luminosos aos jovens desta região.** É uma antiga aspiração desta zona ter um núcleo dos padres salesianos. Também em maio ou junho deste ano, a população de Ana Rech (distrito de Caxias) por meio do régio cônsul de Porto Alegre se dirigiu ao embaixador da Itália no Rio de Janeiro oferecendo gratuitamente uma bela propriedade de valor superior a 100.000 libras ao superior dos Padres Salesianos caso eles estabelecessem um colégio. Infelizmente, mesmo que o senhor arcebispo de Porto Alegre ficasse contente, nada se sabe ainda e não seria de se maravilhar que esta gente, que já começa a manifestar sinais de cansaço, em breve cedesse tal propriedade aos Irmãos Maristas franceses, que há muito tempo “estão de olho”. Por isso eu ousou suplicar ao Senhor, Excelência, que tanto já fez e tanto pode fazer para o bem da italianidade, para que escute a voz deste seu grande admirador que sempre buscou e jamais deixou por menos os seus deveres, seja na Itália, onde nasci e me eduquei, seja no Brasil, onde ocupo o cargo de Intendente municipal de Caxias. Com a mais elevada estima, assina, devotíssimo, Celeste Gobatto.<sup>139</sup> (Tradução e grifo nossos).

A carta, além de ter reforçado a tese de que os italianos e descendentes se interessavam pela educação e pela escola, mostrou a preocupação das lideranças italianas com o esvaecimento das “coisas” da Itália, sua literatura,

<sup>139</sup>ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Cor. CELESTE GOBATTO A MUSSOLINI, 06/12/1927. Maio 702.

sua história, enfim a ideia de pertencimento à nação italiana. É a defesa da italianidade em questão.

Marmentini (2014) explica que os esforços do governo fascista não pareceram ter sido capazes de deter esse processo de declínio. A opção pela escola pública e gratuita, como demonstrou Luchese (2007), além dos fatores ligados à nacionalização, ajudam a compreender tal fenômeno.

**Quadro 19: Escolas italianas no Brasil e número de alunos**

Ano	1908	1911	1913	1924	1928	1930	1940
Número de Escolas	232	303	396	329	310	167	18
Alunos matriculados	13. 656	16.295	23.323	18.940	17.000	13.821	3.568

Fonte: Bertanha (2001a, p. 146)

Observou-se que a iniciativa escolar da *Unione Meridionale Vittorio Emanuele III* cessou suas atividades em 1907; a escola da Sociedade *Giovanni Emanuele* fechou entre 1914 e 1916, não sendo mais reaberta; a iniciativa da *Vittorio Emanuele II*, em data incerta, mas antes de 1916, encerrou, também, suas atividades escolares. O Instituto Médio Ítalo-Brasileiro Augusto Menegatti, com muitas dificuldades, também desapareceria no final da década de 1920. Assim, permaneceram, até 1938, sem interrupção, as escolas *Principessa Elena* e *Umberto I*.

Talvez fosse possível encontrar outros elementos causais para tal declínio fora do Brasil, remontando ainda ao início da década de 1910 com o conflito ítalo-turco<sup>140</sup> como afirma Barausse (2015, p. 2): “a guerra havia marcado, naturalmente, também a organização escolar no exterior, enfraquecendo-a”. É ainda este autor (2015, p. 2) que salienta, porém, que a Direção Geral das Escolas Italianas no Exterior, em 1921, propôs a criação de “uma comissão para reorganização e a vigilância das escolas italianas na América”, buscando um revigoramento das mesmas.

De fato, em 14 de dezembro de 1921, foi instituída uma comissão para reorganização e a vigilância das escolas italianas no exterior. Tal comissão

<sup>140</sup> A Guerra Ítalo-Turca ou Guerra da Líbia foi um conflito armado entre o Império Otomano e o Reino de Itália pela posse da Líbia. Ocorreu entre 29 setembro de 1911 e 18 de outubro de 1912.

designou para o Brasil o professor Vittore Alemanni<sup>141</sup>. Considera-se importante, no relatório de Alemanni de 1923, sua preocupação com o programa didático para que ele fosse adaptado para o Brasil:

[...] convém também pensar seriamente sobre o programa da escola colonial. Também a escola como qualquer outro instituto civil se aprecia e se ama em razão dos benefícios que traz. E, enquanto nós pensarmos que a escola italiana no Brasil deve modelar-se em tudo e em todos os lugares com a escola da pátria-mãe, com os mesmos programas, com os mesmos livros, fingindo ignorar a terra que nos hospeda, criaremos, involuntariamente, o maior obstáculo à sua propagação.<sup>142</sup> (Tradução nossa).

Seguindo em sua análise, Alemanni sugeriu não reforçar uma visão negativa das escolas, como já se nota com as instituições alemãs mais bem organizadas. Para estas, salientou que já havia indicativos em alguns estados de que não podiam mais funcionar sem o ensino da Língua Portuguesa, da História e da Geografia do Brasil.

Quanto às escolas italianas, Alemanni já antecipava algumas estratégias para que fossem aceitas.

No dia que a escola italiana ficar incrementada, ela deverá dar conta das leis dos vários estados e deverá ser firme contra as suspeitas de penetração política. Ora, como sempre, o melhor modo de vencer as suspeitas é [...] mostrar que a Itália não propicia escolas aos italianos senão para torná-los mais cultos e civilizados; para mais valorizar a sua obra na terra, eles as escolheram, bem como para a conquista de seu melhoramento econômico ou mesmo da riqueza. Como a Igreja, como o asilo, como o banco, como a representação consular, assim a escola italiana deve ser e figurar como um meio de tutela, de cautelosa providência que a pátria-mãe dispõe, não a determinar correntes de pensamento e de afetos hostis no país hospitaleiro, mas, ao contrário, criar hóspedes mais dignos. Porém para que isso ocorra, é necessário que a escola italiana seja verdadeiramente conformada às condições do ambiente, contemple no seu programa, além do italiano, também o português, atraia a vida local e dê aquelas inspirações e os auxílios que valham a pena e, de fato, persuadam os nossos colonos de que a escola é feita para eles, enquanto são colonos.<sup>143</sup> (Tradução nossa).

Alemanni insistiu na adaptação da escola italiana ao país que a recebia e, em se tratando do Brasil, salientou que deveria fazer a concessão do ensino de português, além de elementos que não afastassem os italianos e os

<sup>141</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Rel. VITTORE ALEMANNI, janeiro de 1923, p. 15. Maço 702. O Relatório do professor Alemanni possui 19 páginas e engloba análises sobre a educação entre italianos nos vários estados do Brasil.

<sup>142</sup> Idem.

<sup>143</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Rel. VITTORE ALEMANNI, 01/1923, p. 16. Maço 702.

descendentes, mas que os atraíssem para a escola como meio de engrandecimento e de melhoramento do próprio país que os acolheu.

Nas conclusões do relatório do professor Alemanni, conforme pode ser visto abaixo, elaboradas em janeiro de 1923, observam-se elementos que visavam a desenvolver a italianidade, a expansão da cultura italiana, considerando a escola um lugar privilegiado para tal, bem como revelando a preocupação com a desnacionalização.

[...] 1) que o governo italiano promova na pátria e, precisamente nas regiões das quais partiu mais intensamente a emigração para o Brasil, a formação dos professores, preparados para o ensino naquelas terras, com programa cultural e específico; 2) **que contemporaneamente se estude, para as nossas colônias no Brasil, um desenho de estudos primários, que dê às nossas escolas longínquas eficências no campo mais propriamente chamado didático, bem como aquele, mais tenso, da conservação da alma nacional**; 3) que entre as condições postas pela Itália, a garantir a italianidade dos seus imigrados e emigrados no Brasil, haja também aquela de uma racional liberdade de expansão da cultura popular, a integrar ou a substituir (e nunca suplantará) as providências dos Estados brasileiros em matéria. O futuro programa do trabalho dos nossos professores na América deve ser de cultura e de civilidade, de defesa dos nossos sentimentos e não de ofensa e de desleixo por eles; deve ser de razoável homenagem às condições do país. [...]. Mas se pode responder que o analfabetismo, pior que a oclusão do sentimento e da alma nacional, seria um azar bem maior fora das fronteiras do que dentro da pátria: e, se depois as forças do Estado devessem se declarar incapazes do esforço de tutelar espiritualmente no único modo possível milhões dos italianos pelo fato de viver longe do solo, conviria, então, pelo menos, ajudar de todas as maneiras as corporações, as missões, e qualquer associação que possa dar confiança aos intentos nacionais, especialmente designando religiosos italianos às colônias italianas, e que aceitem a tutela e a vigilância do Estado.<sup>144</sup> (Tradução e grifo nossos).

As proposições de Alemanni indicavam a necessidade de investimento e de uma tomada de decisão política por parte do Governo italiano bem como de salientar o papel do professor bem preparado para dar conta da tarefa. Em seu relatório, aliás, salientava que “faltavam mais de 2000<sup>145</sup>” e, que poucos se interessavam em seguir na carreira docente. Professores: esse era o primeiro problema a resolver. Quanto às associações, Alemanni destacou que deveriam ser ajudadas, a fim de que pudessem contribuir com as intenções da pátria italiana.

<sup>144</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Rel. VITTORE ALEMANNI, 01/1923, p. 18-19. Maço 702.

<sup>145</sup> Ibidem, p. 14.

O professor Alemanni considerou importante a vinda de congregações religiosas italianas e, como Celeste Gobatto, tinha preocupação com as congregações francesas que se estabeleceram no Brasil.

Do ponto de vista nosso, nacional, é um grande prejuízo, pois aqueles sacerdotes estrangeiros, mesmo que religiosamente se interessem com zelo pelos italianos, não levam em conta ou não favorecem a expressão dos justos sentimentos de ligação às nossas tradições pátrias, as quais ou não compreendem ou são avessos.<sup>146</sup> (Tradução nossa).

É possível colocar a reorganização das escolas da capital nesse contexto do entendimento do MAE de dar às escolas eficiência, assim como no campo mais propriamente chamado didático como aquele, mais tenso, da “conservação da alma nacional” e para o qual era indispensável um professor preparado.

Giron (1994; 1998) destaca que, em meados da década de 1920, era insignificante o número de escolas italianas e que “as pequenas escolas rurais foram desaparecendo. Os professores não eram substituídos por outros porque já não havia mais imigrantes letrados”. (GIRON, 1998, p. 94).

Ciro Trabalza<sup>147</sup>, inicialmente professor de escolas médias italianas, foi nomeado, em 1912, inspetor central do Ministério da Educação da Itália; e depois foi Diretor Geral das Escolas Italianas no Exterior de 1921 a 1928 e das escolas médias de 1928 a 1931. Em seu artigo *La Scuola e La Cultura Italiana all' Estero* (1923, p. 4), apontava para a necessidade de organização do governo italiano com relação às suas escolas no exterior e à difusão da cultura. Do conjunto das suas observações, referiu que o problema era, antes de tudo, de “[...] consciência, de orgulho nacional no Governo, no país e nas Colônias. Por conseguinte, de meios. Por último de organização”. (Tradução nossa).

O regente do consulado, senhor Gigli, apresentando a professora Beatrice Lupi ao MAE, apontou que, em 1927, ela mesma “aceitou das sociedades italianas o encargo de inspetora das escolas por elas instituídas, buscando, na medida de sua autoridade, desenvolver as instituições de cultura

<sup>146</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Rel. VITTORE ALEMANNI, 01/1923, p. 14. Maço 702.

<sup>147</sup> Giro Trabalza (1871-1936): “Letterato (Bevagna 1871 - Roma 1936). Tra gli scritti, gli *Studi sul Boccaccio* (1906), la *Storia della grammatica italiana* (1908), concepita idealisticamente, il volume su *La critica letteraria dai primordi dell'umanesimo all'età nostra* (1913). Ha avuto molte edizioni *La grammatica degli Italiani* (1934)”. (TRECCANI, 2015).



elementar que então estavam em verdadeira crise<sup>148</sup>”.

Em síntese, no período de 1914 até os primeiros anos da era fascista, identificou-se um processo de decadência da italianidade que se refletiu também nas escolas das sociedades italianas de Porto Alegre. Com a chegada do cônsul Manfredo Chiostri, ocorreu um novo impulso à italianidade e às escolas.

---

<sup>148</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. REGENTE GIGHI, 28/04/1934. Maço 785.

#### 4. DA CHEGADA DO CÔNSUL MANFREDO CHIOSTRI (1928) ATÉ O FECHAMENTO DAS ESCOLAS ITALIANAS DA CAPITAL (1938): A REORGANIZAÇÃO E A FORMAÇÃO DE UMA REDE ESCOLAR

*“A festa começou com o batismo da bandeira do colégio, cerimônia oficiada pelo monsenhor João Maria Balém e da qual serviu de madrinha a senhora consulesa. Após foram entoados o Hino nacional e a Giovinezza, havendo depois um desfile dos alunos no campo perante o cônsul e outras pessoas de destaque, que se achavam no palanque especial.”*  
(A FEDERAÇÃO, 25/05/1936)

A exaltação a Mussolini, em Porto Alegre, já era sentida antes mesmo da fundação dos fâscios, na referida cidade, ocorrida em 1927. Na publicação no jornal *A Federação*, em 08 de outubro de 1923, à página quatro, vê-se a informação sobre a exibição do filme *O fascismo*, no cinema Apollo de Porto Alegre, o qual foi patrocinado e trazido pelo senhor José G. Bernasconi, sendo apresentado durante toda a semana. Tal filme retratava os principais eventos relativos à ascensão do fascismo, ocorrida em outubro de 1922. Em 13 de novembro de 1923, o jornal *A Federação* anunciava que o filme seria apresentado no “[...] Cinema Central para a exibição à imprensa, convidados e representantes das sociedades italianas”. (A FEDERAÇÃO, 08/10/1923, p. 4). Porém, o processo de cooptação<sup>149</sup> das sociedades se daria somente a partir de 1928.

Na festa comemorativa do aniversário da Fundação de Roma, promovida pelas sociedades italianas da capital, foi organizada uma cerimônia para apresentação do novo cônsul, o senhor Manfredo Chiostrì. O Teatro São Pedro, onde se realizou o evento, estava lotado, e as sociedades italianas de Porto Alegre se faziam notar pelos estandartes expostos. A proposta, a partir de Chiostrì, evidenciava que a defesa da italianidade era, na verdade, a defesa do fascismo, a ponto de afirmar em seu primeiro discurso que “[...] **fascismo é italianismo** [...]”. (A FEDERAÇÃO, 23/04/1928, p. 4; grifo nosso). Com esse espírito, inaugurava-se o terceiro período do processo escolar das sociedades italianas de Porto Alegre, como aqui se propõe. Manfredo Chiostrì, Mario Carli, Guglielmo Barbarisi e Santovicenzo Magno defenderam o fascismo para o qual a retomada das escolas seria uma de suas estratégias.

<sup>149</sup> Cooptação é entendida como “uma ação política realizada sem violência”. (FÉLIX, 1987, p. 16).

#### 4.1 IMPULSO À ITALIANIDADE EM PORTO ALEGRE

*“Cidadãos e fascistas! Eu quero somente lembrar-vos que, neste momento, não se pode falar em fascismo. Porque fascismo é italianismo, porque fascismo é uma só fé pelos destinos da pátria, porque fascismo é um sentimento no qual se funda a grandeza de um povo.”*  
(A FEDERAÇÃO, 23/04/1928, p. 4).

O jornal *A Federação* noticiou a comemoração do Natal de Roma, em Porto Alegre, e registrou o discurso inflamado do cônsul recém-chegado, Manfredo Chiostrì:

No palco foi armada, com muita arte, uma alegoria com as bandeiras italiana e brasileira entrelaçadas e com os retratos do rei *Vittorio Emanuele III* e de Benito Mussolini, chefe do governo italiano. No fundo do palco entre folhagens estava armado o escudo do Partido Fascista. [...] em seguida foi constituída a mesa que presidiria a solenidade, ficando o cônsul-geral ladeado pelo senhor Giulio Bozano, vice-cônsul pelo senhor Antonio Mottola, fiduciário dos fâscios. Nos demais lugares sentaram-se os presidentes de todas as sociedades italianas desta capital, os *reduci di guerra*, o velho garibaldino senhor José Ghiloss, que envergava seu uniforme característico. **Ao fundo ficaram os estandartes de todas as sociedades italianas.** Falou em seguida o Dr. José Ricaldone que, em nome da colônia fez uma eloquente saudação ao novo cônsul. O orador estendeu-se em comentários sobre o regime fascista, sobre a personalidade do senhor Mussolini e sobre a amizade do povo italiano ao povo brasileiro e especialmente ao rio-grandense [...]. O orador terminou dizendo que o senhor Manfredo Chiostrì, naquele momento, participava com seus patrícios da comemoração de duas grandes datas: o natal de Roma e o martírio de Tiradentes, o grande membro da Inconfidência Mineira. O cônsul Chiostrì, entre aplausos da assistência agradeceu aos membros da colônia o gentil acolhimento que tivera e as palavras do Dr. Ricaldone, a quem abraçou e beijou dizendo abraçar e beijar em nome da Itália a todos os seus patrícios domiciliados no Rio Grande do Sul. Em seguida o deputado Chiostrì sempre calorosamente aplaudido pela assistência, continuou o seu discurso dizendo, em certo ponto, o seguinte: **Cidadãos e fascistas! Eu quero somente lembrar-vos que, neste momento, não se pode falar em fascismo. Porque fascismo é italianismo, porque fascismo é uma só fé pelos destinos da pátria, porque fascismo é um sentimento no qual se funda a grandeza de um povo.** Esse exemplo grandioso corretíssimo deu o movimento fascista que se fez depois da paz, deu esse gigante, esse *Duce*, que desfez esses horrendos sonhos de 1919 e 1920, quando era cercada a liberdade a todas as atividades produtoras, quando entre outras coisas anárquicas, negava-se até a religião, quando se negava a constituição, quando se negava o regime de um bom governo, quando num turbilhão desaparecia a vida moral de um povo, quando, enfim, às mães e às viúvas se lhes negava até o último conforto e o último pranto, pelo filho e pelo marido morto na defesa sacrossanta da Pátria. [...] A Itália deve estar sempre longe do vício, deve vencer pelo grito de um regime no qual assenta a sua unidade nacional. E, com estes sentimentos, é que venho perante vós, pedir e esperar a vossa colaboração debaixo desse espírito renovado de disciplina, de união inquebrantável, a fim de vós todos assim me dardes a força para minha missão. **E a vontade do Duce é de estarmos com ele, com os seus sentimentos, como sempre**

**estivestes, pensando pela vossa pátria, antes e depois da guerra, porque um adversário existe e sonhos que, certamente, em que pese nossa união o realizaremos.** [...] A festa terminou com o hino *Giovinezza* cantado pela assistência. (A *FEDERAÇÃO*, 23/04/1928, p. 4; grifo nossos).

A exortação de Chiostrì não deixa dúvidas sobre sua perspectiva de ação a partir de sua chegada em Porto Alegre. Tinha-se, claramente, a intenção de inflamar os italianos e descendentes para a adesão ao fascismo com todos os “sentimentos”. Parece que o que Bertonha (1999; 2001a) havia identificado entre os italianos em São Paulo, como tendo vivido um período que seria, de certa forma, afascista, antes de 1928, e fascista depois de 1928, pode-se, também, aplicar aos italianos e descendentes na cidade de Porto Alegre.

Foi na gestão de Chiostrì que o ministro Piero Parini<sup>150</sup>, diretor-geral dos fâscios italianos no exterior, esteve no Rio Grande do Sul ao que se pode supor tenha dado, também, impulso para a reorganização das escolas e dos cursos de língua italiana.

O jornal *Correio do Povo*, de 16/12/1931 (p. 7), assim era apresentado Piero Parini:

É um dos mais representativos da nova geração política italiana. Tendo entrado muito moço ainda para o jornalismo, sentiu, desde logo, o fascínio da figura de Benito Mussolini, de quem é amigo pessoal. Lutou com ele na campanha intervencionista em 1914 para incorporar-se depois, nas fileiras que marcharam para guerra. Depois da trincheira onde esteve um ano, foi prestar seus serviços na aviação, em cujos combates foi ferido por duas vezes. Depois da vitória do fascismo, Piero Parini foi o delegado da Itália às várias conferências européias. Estão subordinados à superintendência de Piero Parini todos os fâscios no exterior, escolas e organizações italianas. A esta particular função, Piero Parini, tem dado o melhor dos seus esforços, conseguindo orientar para um rumo de superior finalidade cultural, como é esse o de intercâmbio entre povos amigos, os trabalhos e as atividades dos italianos, disseminados por todos os países.

---

<sup>150</sup> Piero Parini (13/11/1894 – 23/08/1993) esteve, também, em São Paulo e no Rio de Janeiro. O ministro saiu do Rio de Janeiro e rumou para Porto Alegre e, em seguida, foi para Buenos Aires, retornando, após isso, para Roma. Dentre outras visitas importantes de fascistas que vieram ao Brasil, pode-se citar Guglielmo Marconi, em 1936, e a filha de Mussolini, Edda Ciano, em 1939.



Figura 35: Piero Parini (de pé, à esquerda) na *Itálica Domus* (1931)

Fonte: Jornal *Correio do Povo* (18/12/1931, p. 3).

Tendo sido recebido no prédio da *Itálica Domus*, Piero Parini fez um apaixonado discurso defendendo a proposta fascista. Destacava-se a nova lógica com que ele via os italianos, agora não mais como simples imigrantes, mas “italianos no exterior”, aspecto que revelou um direcionamento da política e do tutelamento da imigração. Em seu discurso, salientava a grandeza da visão fascista com relação aos emigrados, a necessidade da retomada da italianidade e de esforços para a divulgação da língua italiana.

[...] os imigrantes, por conta de outros governos anteriores a Mussolini, haviam sido esquecidos consistindo num erro histórico e verdadeiramente criminosa a obra de outros governos de sua pátria porque no espaço de 40 anos esqueceram todos os seus filhos espalhados pelas diversas partes do mundo. Foi um erro histórico que hoje o governo fascista trata de remediar, sendo que Benito Mussolini, no dia em que tomou as rédeas do governo voltou também suas vistas para os italianos no estrangeiro, fazendo-lhes despertar o sentimento pela pátria distante. Por isso, o governo fascista considerou um verdadeiro dever verificar e constatar qual a situação dos italianos residentes no estrangeiro [...]. e **se no Brasil a italianidade declinou no terreno da sua cultura, a culpa era somente do governo italiano e dos italianos daqui** [...]. Por isso, o governo se preocupava com os italianos residentes no estrangeiro. [...] É dever de todos os italianos trabalhar pela expansão do idioma italiano, prestigiando-o quanto possível. [...]. Não há dúvida que no Brasil existem hospitais, colégios e indústrias que fazem honrar o nome italiano. Mas é preciso que não se olhe a italianidade somente nesse campo, mas, também, no espiritual, **para que dentro de 20 anos, ou de duas gerações nada tenha desaparecido da italianidade entre nós**. Deve-se, portanto, ficar seguro de que o nome italiano continuará como até agora a constituir um padrão nobilitante dos seus portadores. [...]

Pedimos, portanto, aos italianos do Brasil que amem esta terra como sua segunda Pátria, que seus filhos sejam brasileiros, mas pedimos que sejam colaboradores do nosso esforço, do trabalho que vem fazendo o povo da península. (*CORREIO DO POVO*, 16/12/1931, p. 7; grifo nosso).

O articulador da notícia, intérprete dos vários discursos da coletividade italiana que aconteceram na *Italica Domus*, articulava o fechamento da matéria ressaltando que o comendador poderia “estar seguro que o cônsul leal daqui e a colônia o atenderiam, para que a Itália venha a ter no mundo o posto de destaque que lhe cabe”. (*CORREIO DO POVO*, 16/12/1931, p. 7). A mensagem do ministro era clara: a necessidade de combater o declínio da italianidade ou o processo de desnacionalização, no campo cultural, elemento já destacado por inúmeros relatórios como os do Capitão Seghetti e do professor Alemanni, na década de 1920, como aqui já foi visto.

De tal tarefa de retomada da italianidade ficaram incumbidos os dirigentes e os cônsules. Assim, sobretudo, a partir de Chiostri, há a reorganização das escolas, um ano depois da visita de Parini. Segundo Pretelli (2012), para Parini, a defesa e a difusão da língua da pátria mãe entre os imigrantes era imprescindível, pois para ele a língua

[...] se identificava com a difusão do gênio italiano, da civilização italiana, da civilização fascista [...], mas era também instrumento de oposição à desnacionalização – isto é, à perda da cidadania italiana em favor daquela do país hospedeiro – dos imigrantes. A agressividade fascista encontrava, assim, expressão na união entre cultura e propaganda. (PRETELLI, 2012, s/p; tradução nossa).

Piero Parini, em sua estada na capital, visitou a *Scuola Umberto I*, cujos alunos o receberam no cais do porto em sua chegada. Também, visitou a *Scuola Principessa Elena di Montenegro*.

Com Chiostri, que é sucedido por Mario Carli, ocorreu “O assalto fascista às associações italianas” (BERTONHA, 2001a, p. 148), marcando, decisivamente, a investida fascista no Rio Grande do Sul (BERTONHA, 2001a; 2001b). Mario Carli articulava uma estratégia bem clara: cursos de língua italiana nos ginásios e a reorganização das escolas.

Em 28 de março de 1932, Mario Carli foi apresentado para a coletividade italiana da capital e, no mesmo ano, estabeleceu um acordo com o governo do Estado para que os ginásios de Ensino Médio tivessem aulas

facultativas de língua italiana.



Figura 36: Cônsul Mario Carli  
Fonte: Bartolotti (1930, p. 436).

Outra importante criação de Mario Carli com relação às escolas italianas foi o serviço de inspeção médica a partir de 1933, na capital. A atividade médica foi prestada de forma gratuita pelos compatriotas e tal atenção à saúde vinha ao encontro da visão higienista, presente no ideário fascista de educação.

Ademais, uma das criações de sua gestão no consulado foi o Patronato Escolar, liderado por sua esposa, a senhora Maria Carli, que reunia senhoras da coletividade italiana para auxiliarem na manutenção das escolas da capital. Ainda foi com Mario Carli que o consulado reorganizou as escolas italianas em Porto Alegre.

Essa reorganização evidenciou um alinhamento das instituições de ensino à ideologia fascista, passados dez anos da ascensão de Mussolini ao poder. A Direção Didática das escolas na capital unificaria, sob um mesmo comando, esses educandários, sendo algo tido como “irrealizável”. Foi na década de 1930, por conta da reorganização das escolas, que se pôde observar, de forma incisiva, a presença da Direção Didática das Escolas Italianas no Estado, a qual, por muitos anos, foi desempenhada por Luigi Ledda

(1932-1937) e, posteriormente, pelo professor Mariano Berlingeri<sup>151</sup> (1938 até, ao menos, 1940). Esses fatos são decisivos para a compreensão do formato da rede escolar italiana na capital nos anos 1930 e das dinâmicas escolares constituídas nesse processo.

Aos poucos, as sociedades italianas foram dando espaço para as pretensões do consulado e seu ideário fascista bem como davam mostras públicas dessa adesão. A sede da *Vittorio Emanuele II*, em Porto Alegre, por exemplo, foi palco de apresentações teatrais para a arrecadação de fundos para o *Grande Comitato di Assistenza e Propaganda*<sup>152</sup> (*LA VOCE D'ITALIA*, 11/03/1936, p. 2). O Comitê, fundado em 19 de novembro de 1935, buscava arrecadar fundos para enviar à Itália, ajudando-a por conta do embargo que Gênova fizera quando da invasão da Abssínia. O jornal *La Voce d'Italia*, de 06 de dezembro de 1935, registrou a fundação do Comitê e descreveu seus objetivos.

Em Porto Alegre, não havia somente defensores da política fascista. Havia, também, posicionamentos antifascistas. A questão da Abssínia aflorou as posições antagônicas. O *Diário de Notícias*, no dia 15 de outubro de 1935, à página dois, publicou uma manifesto intitulado *Aos Intelectuais do Rio Grande do Sul*, que posicionava-se frontalmente contra a invasão italiana e defendia os princípios de liberdade, de expressão e de pensamento. Com as sanções à Itália, tida como agressora, os órgãos de propaganda fascista tentaram explorar o episódio através de distribuição de material jornalístico favorável à Itália.

Adeptos do expansionismo fascista residentes no Rio Grande do Sul participaram dos protestos contra as sanções. O *Correio do Povo* de 15 de dezembro de 1935, à página 2, referiu que o engenheiro Guido Baggio conclamava todos os ítalos-brasileiros a participarem da campanha contra as sanções. Essa campanha, que ficou conhecida como a “coleta do ouro”, estendida para todas as colônias italianas, visava à coleta de alianças e de medalhas de ouro, a fim de ajudar a Itália por conta das sanções. Foi, também,

<sup>151</sup> Com o fechamento das escolas italianas de Porto Alegre, em 1938, o foco de atuação de Berlingeri foi os cursos de língua italiana. Não foi possível localizar a data final de atuação de Berlingeri como Diretor Didático mas com segurança pode-se afirmar que, ao menos atuou, ainda em 1940. Nas investigações, pôde-se identificar que o Diretor Didático também foi autor do livro didático *Luci dei Cuori* para a *Classe III*, em 1952.

<sup>152</sup> O programa a *Hora Italiana* foi utilizado pelo comitê para a divulgação da captação de ouro e dinheiro à Itália durante as sanções, conforme o jornal *La Voce d'Italia* de 6/12/1935, p. 2.



no *Correio do Povo* que Dante de Laytano, Moysés Vellinho, Athos Damasceno e, nada menos que Coelho de Souza, entre outros intelectuais, publicaram o manifesto “Pela causa da Itália<sup>153</sup>”, apoiando a invasão da Abssínia e o governo fascista, além de elogiarem “o gênio Mussolini”. (*CORREIO DO POVO*, 21/01/1936, p. 7). Os fascistas de Porto Alegre agradeciam<sup>154</sup>.

De acordo com Bertonha (2001a), em 1934, as cidades do Rio Grande do Sul que possuíam alguma organização de *fasci all'estero*, além de Porto Alegre, eram: Caxias do Sul, Uruguaiana, Pelotas, Rio Grande, Garibaldi e Bento Gonçalves.

Com relação ao *Dopolavoro*, em Porto Alegre, leu-se no jornal *La Voce d'Italia* que:

Na noite de 28 de abril passado, na *Italica Domus* sob a presidência do régio cônsul Barbarisi, reuniu-se um discreto número de compatriotas, na sua maioria membros das sociedades italianas locais, para deliberarem sobre a fundação da *Dopolavoro*. Depois de um magnífico discurso do professor Elvezio Marini a respeito, discutiu-se e foram aprovadas as medidas para dar vida nesta capital à benéfica e útil instituição. (*LA VOCE D'ITALIA*, 30/04/1937, p. 3; tradução nossa).

Os camisas pretas (*camicie nere*), de Porto Alegre, levavam o nome de *Fascios Carlo Del Prete*, em homenagem ao grande militar e viador falecido no Rio de Janeiro, em 1928, major Carlo Del Prete. No jornal *La Nuova Italia* de 5 de setembro de 1934, à página cinco, encontrou-se a seguinte manchete a respeito dos fâscios de Porto Alegre:

Retomando com novo vigor a marcha interrompida, os camisas negras de Porto Alegre renovam na presença do cônsul geral o seu juramento de fidelidade ao *Duce* e à Revolução Fascista. Em atmosfera de fervoroso entusiasmo, ocorreu na noite da segunda-feira passada, na *Dante Alighieri*, a primeira assembleia dos inscritos no *Fascio Carlo Del Prete* recentemente reorganizada por ordem da Secretaria Geral dos Fâscios no Exterior. Além disso, um grande grupo de fascistas participava de uma reunião com o cônsul geral Comendador Barbarisi e sua gentil esposa. [...]. (Tradução nossa).

<sup>153</sup> O mesmo manifesto foi publicado no jornal *La Voce d'Italia*, no dia 22/01/1936.

<sup>154</sup> Bertonha (1999, p. 264) pondera: “é importante observar que, sem dúvida, nem o fascismo e nem o antifascismo conseguiram conquistar, completamente, as comunidades italianas emigradas e o que houve realmente foi a presença de minorias politizadas de lado a lado, disputando uma esmagadora maioria não-politizada e que oscilava em termos genéricos e difusos entre o fascismo e o antifascismo. De fato, o que se pode identificar são locais onde a maioria fascista foi mais forte e a minoria antifascista mais fraca e um fascismo ‘difuso’ (ou seja, de filiação mais emocional que ideológica e menos definida) esteve espalhado por boa parte da comunidade italiana”.

Césare Rivelli, comissário extraordinário que presidia a reunião de reestruturação dos *fascios* em Porto Alegre, salientava a necessidade de “[...] difundir sempre mais amplamente a língua e a cultura italiana, para assegurar ao nosso País [Itália] aquela hegemonia espiritual sobre outros povos os quais consideram as suas tradições, a sua civilidade e o seu incalculável patrimônio moral”. (*LA NUOVA ITALIA*, 07/09/1934, p. 5; tradução nossa). A notícia de reestruturação dos fascistas mereceu um elogio do embaixador da Itália no Rio de Janeiro, Roberto Cantalupo, que enviou um telegrama a Césare Rivelli, agradecendo-o por “confirmar a absoluta disciplina e concórdia dos fascistas do Rio Grande do Sul”. (*LA NUOVA ITALIA*, 07/09/1934, p. 5; tradução nossa). As comemorações da Marcha sobre Roma em Porto Alegre eram capitaneadas pelos *fascios*, momento forte de exaltação e fidelidade ao *Duce*.

Por ocasião do sexagésimo sexto aniversário do Rei da Itália, Vittorio Emanuele II, foi organizada uma comemoração pelo consulado. O jornal *A Federação* descreveu que, às 10 horas da manhã do dia 11 de novembro de 1935, houve a recepção da colônia italiana. Relatou, ainda, que:

Às dez horas, após ter saído da sede da *Dante Alighieri* e percorrido em marcha a Duque de Caxias, chegava em frente ao edifício do consulado italiano **uma representação de balillas, vanguardistas e alunos das escolas Ítalo-Brasileiras da *Dante Alighieri*, dirigidas pelo professor Luigi Ledda.** (*A FEDERAÇÃO*, 12/11/1935, p. 2; grifo nosso).

Estavam presentes o secretário dos *fascios*, Dr. Angelo Gattoni, o presidente dos ex-combatentes ou veteranos da guerra (chamados *reduci di guerra*), o Senhor Agostinho Zacoste e o senhor Rafael Guaspari, presidente da *Dante Alighieri*, além de diversas autoridades, como o Governador do Estado, General Flores da Cunha, o Monsenhor Dom João Becker, Arcebispo de Porto Alegre, o Procurador da República, Dr. Alceu Barbedo, e, representando o Diretor da Instrução Pública, o senhor Armando Severo, além de vários membros de consulados instalados em Porto Alegre.

O cônsul Guglielmo Barbarisi recebeu a visita às 10 da manhã de diversos representantes de alunos das escolas italianas da Capital, de balillas e de avanguardistas, dirigidos pelo professor Luigi Ledda. [...] Notava-se a presença do secretário dos *fascios* locais, o Dr. Angelo Gattoni, o presidente dos ex-combatentes, Dr. Agostino Fausto e o senhor Rafaelle Guaspari, Presidente da *Dante Alighieri*, foram

introduzidos no salão de honra onde houve uma simpática demonstração de fé de amor ao nosso Soberano. Falaram, nesta ocasião, com vivos sentimentos de entusiasmo e comoção, os seguintes alunos: aluna Seganfredo, da Escola Elena di Montenegro; o aluno Umberto Drago, da *Scuola Umberto I* e o aluno Aldo Termignoni, da Escola *Dante Alighieri*. (LA VOCE D'ITALIA, 15/11/1935, p. 4; tradução nossa).

No evento do aniversário, comemorado no consulado italiano de Porto Alegre, pode-se observar a proximidade do governo italiano com o governo do Estado. Essa aproximação, quando da nacionalização do ensino, levou o cônsul Santovicenzo, sucessor de Barbarisi, a entender que as leis da nacionalização promulgadas em abril de 1938 não se aplicariam às escolas italianas, como ele mesmo referiu, conforme será visto adiante nesta tese. Ademais, as boas relações permitiram acordos que viabilizaram cursos de língua italiana nos ginásios da capital, como, também, será visto a seguir.



Figura 37: Autoridades na celebração do aniversário do Rei *Vittorio Emanuele III*, no consulado, em Porto Alegre (1935)

Fonte: Jornal *La Voce d'Italia* (15/11/1935, p. 4).

Na Figura 37, observa-se, da esquerda para a direita, sentados: General Flores da Cunha, o cônsul Barbarisi e o arcebispo de Porto Alegre, Dom João Becker, todos congratulando-se pelo aniversário do Rei da Itália.

Um novo impulso de italianidade, na versão fascista, joga luz sobre o

que já se havia celebrado no passado, como, por exemplo, a inauguração da estátua de Garibaldi e de Anita. Havia passado quase vinte anos da inauguração da referida estátua. Então, há a reinauguração do monumento no dia 2 de junho de 1932, comparecendo à solenidade o General Flores da Cunha, acompanhado do cônsul Mario Carli. Além de diversas autoridades, estavam presentes os presidentes das sociedades italianas *Vittorio Emanuele II*, *Umberto I*, *Elena di Montenegro*, *Club Canottieri Duca Degli Abruzzi*, *Moranesi Uniti*, *Fascio Carlo Del Prete*, *Dante Alighieri*, *Giuseppe Mazzini* da Tristeza, sociedades estas que se faziam preceder de seus estandartes e bandeiras. “Compareceram também acompanhados de suas professoras as alunas das escolas mantidas pelas sociedades *Umberto I* e *Elena di Montenegro*”. (A *FEDERAÇÃO*, 03/06/1932, p. 10). Depois da reinauguração e do discurso de Flores da Cunha, “foram executados os hinos nacional, italiano, rio-grandense e fascista, pela Banda Municipal”. (A *FEDERAÇÃO*, 03/06/1932, p. 10).



Figura 38: Reinauguração da estátua de Anita e Giuseppe Garibaldi  
Fonte: Jornal *A Federação* (03/06/1932, p. 10).

Na imagem estampada no jornal *A Federação*, de 03 de junho de 1932, à página 10, por conta da reinauguração, pode-se observar os diversos estandartes das sociedades italianas e um grupo de alunos das Escolas *Umberto I* e *Principessa Elena di Montenegro*, que prestigiavam o evento. Para os italianos que já há muito estavam no Brasil, o país que os acolhera tornou-se

a segunda pátria. A reinauguração era simbólica: a relação que se estabelecia era a de Garibaldi ao lado do *Duce*, reforçando a ideia de líder de uma nação espalhada de italianos no exterior. Há uma exaltação dos “heróis” italianos e da glória romana (BERTONHA, 2001a).

Tem-se como acontecimento importante, no que se refere à estratégia da afirmação dos italianos e descendentes e do reforço da italianidade em Porto Alegre, a criação do Instituto de Cultura Ítalo-Riograndense, em 21 de abril de 1936. A manchete no jornal *A Federação* de 10 de julho de 1936, à página 1, ilustrou que, “solenemente, instalou-se, ontem à noite, o Instituto de Cultura Ítalo-Rio-Grandense”.

Com uma assistência numerosa e escolhida assembleia, em que se destacavam elementos de relevo do mundo oficial e da colônia italiana radicada entre nós, realizou-se, ontem à noite, conforme noticiamos, no salão nobre da Biblioteca Pública, a sessão solene de instalação do Instituto Cultural Ítalo-Rio-Grandense. A sessão presidida pelo desembargador André da Rocha, presidente daquela entidade, pelos senhores Otelo Rosa, secretário da Educação e Saúde Pública, e interino do Interior, Guglielmo Barbarisi, cônsul geral da Itália, doutores Moisés Vellinho e José Ricaldone, oradores oficiais da noite. Entre as pessoas que enchiam o salão, altas autoridades e excelentíssimas famílias, estava o capitão Otaviano Paixão Coelho, representante do governo do Estado. Ao abrir a sessão, o desembargador André da Rocha proferiu rápidas palavras sobre as finalidades do instituto. A seguir, o senhor Barbarisi disse de sua satisfação em estar presente nos trabalhos. E, após, os oradores oficiais, doutor Moisés Vellinho e doutor José Ricaldone, pronunciaram famosos discursos exaltando a amizade ítalo-brasileira. Encerrando a sessão o desembargador André da Rocha agradeceu a presença das altas autoridades. (*A FEDERAÇÃO*, 10/07/1936, p. 1).

Como noticiou o jornal *A Federação* de 23 de julho 1936, à página 2, a diretoria do Instituto ficou composta pelo desembargador André da Rocha<sup>155</sup>, como presidente; como secretário-geral, foi nomeado o escritor Dante de Laytano e, para tesoureiro, o professor Gino Battocchio. O jornal apresentou os membros, salientando que eram “nomes de relevo no mundo intelectual de nosso Estado” (p. 2). A notícia informava que o General Flores da Cunha e o cônsul Barbarisi eram os seus membros natos e que “[...] emprestavam todo o prestígio moral e material à justa instituição”. (*A FEDERAÇÃO*, 23/07/1936, p. 2).

---

<sup>155</sup> Desembargador Manoel André da Rocha, ilustre magistrado e professor de Direito, com vasta folha de serviços à magistratura, à administração e ao ensino na capital do RS.





Figura 39: Primeira reunião do Instituto de Cultura Ítalo-Rio-Grandense na Biblioteca Pública  
Fonte: Jornal *La Voce d'Italia*, 16/07/1936, p. 3.

A Figura 39 mostra a primeira sessão do Instituto de Cultura Ítalo-Rio-Grandense. Nota-se, à esquerda, de pé, Moysés Vellinho fazendo seu discurso. Na mesa, é possível identificar, ainda, da direita para a esquerda: Dr. Giuseppe Ricaldone, cônsul Guglielmo Barbarisi, Desembargador Manuel André da Rocha e Doutor Othelo da Rosa, Secretário da Educação e Saúde Pública.

O jornal dava conta de que o “[...] governo italiano acaba de doar uma grande biblioteca de autores da península e subvencionar com 5.000 liras o Instituto” (*A FEDERAÇÃO*, 23/07/1936, p. 2). De fato, como se pode ver na correspondência do cônsul Barbarisi de 18 de julho de 1936, em que ele descreveu ao ministro das Relações Exteriores da Itália a abertura do Instituto, há o pedido do cônsul de um “[...] subsídio anual, similar ao que é praticado para outros Institutos de Cultura existentes em outras capitais do estado da Federação, necessário ao desenvolvimento do programa e à realização dos objetivos estatutários<sup>156</sup>”. (Tradução nossa).

Na correspondência, o cônsul alertava que o pedido solicitava, de fato,

<sup>156</sup> ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Cor. GUGLIELMO BARBARISI, 18/07/1936. Maço 876.

ao menos, 5.000 libras e justificava sua utilização para:

[...] o funcionamento do Instituto, para reembolso de despesas de viagens de conferencistas ilustres provenientes do Rio de Janeiro, São Paulo, etc., despesas com aquisição de livros de publicação variada e tudo o que, enfim, possa, obedecendo a um critério de absoluta parcimônia, fazer alcançar as finalidades pré-definidas com a instituição de tal ente de cultura.<sup>157</sup> (Tradução nossa).

O arcebispo metropolitano, Dom João Becker, pertencia ao conselho deliberativo do Instituto. O que aparece, nessa notícia, é uma aproximação da sociedade porto-alegrense, ao menos no nível dos expoentes que a compunham, com a Itália bem como o desejo de estreitar as relações; enfim, evidencia-se uma italianidade que se afirmava e um bom relacionamento que se reforçava, dentro de um quadro da política fascista, inaugurada no início da década de 1920 e reforçada na década de 1930.

No primeiro capítulo, artigos primeiro e segundo do Estatuto do Instituto de Cultura Ítalo-Riograndense, lê-se que:

Artigo primeiro: O Instituto de Cultura Ítalo-Rio-Grandense, fundado em Porto Alegre, em 21 de abril de 1935, data comemorativa do natal de Roma e do sacrifício do Mártir da Independência brasileira, sob os auspícios do cônsul-Geral da Itália e do Governador do Rio Grande do Sul, tem por finalidade o intercâmbio cultural entre os dois povos italiano e brasileiro. Artigo segundo: O Instituto de Cultura Ítalo-riograndense atingirá as suas finalidades, efetuando as seguintes atividades: a) difusão da língua italiana no Rio Grande do Sul com a instituição de cursos gratuitos aos cuidados do Governo da Itália; b) difusão da literatura, arte, história e ciência italiana por conta da criação de cursos livres e conferências; c) instituição de uma biblioteca ítalo-brasileira; d) concessão de facilitação da parte dos Governos da Itália e do Rio Grande do Sul, que permitam o intercâmbio recíproco de missões de professores riograndenses na Itália, com o objetivo de aperfeiçoarem-se e estabelecerem cursos de divulgação da cultura rio-grandense e vice-versa; e) patrocinar as aspirações coletivas nos temas de intercâmbio cultural subordinados à aprovação de dois terços dos membros efetivos do Conselho Deliberativo. (*LA VOCE D' ITALIA*, 16/07/1936, p. 4; tradução nossa)

As primeiras bases jurídicas da criação de instituições culturais para operar no exterior foram estabelecidas pelo Régio Decreto n.º 2179, de 12 de dezembro de 1926, que continha as *Disposições para a criação de institutos de*

<sup>157</sup> ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Cor. GUGLIELMO BARBARISI, 18/07/1936. Maço 876.

*cultura italiana no exterior* do qual foi relator Giovanni Gentile<sup>158</sup>. O objetivo da política cultural exterior do fascismo era de demonstrar a originalidade e a antiguidade da tradição italiana, na perspectiva que pudesse, portanto, “[...] resultar funcional para as ambições da política externa do regime fascista. Na visão política de Mussolini, os emigrantes deveriam tornar-se efetivamente uma alavanca para fazer notar e respeitar em todo o mundo a *weltanschauung* italiana”. (LASSEN, 2005, p. 16; tradução nossa). Nesse sentido, é que foram criados os fâscios no exterior e outras organizações.

Segundo Lassen (2005), o primeiro artigo da normativa do Régio Decreto n.º 2179, de 12 de dezembro de 1926, definia que, para a obra de difusão da língua e da cultura italiana no exterior e do desenvolvimento das relações intelectuais, com os países estrangeiros, eram necessárias instituições escolares como previstas e reguladas pela Lei de 10 de dezembro de 1910, n.º 867, bem como a promoção e subsídio aos institutos de cultura. Já no artigo quarto, constava a dupla finalidade de tais institutos: a de difundir a cultura italiana e a de adquirir e demonstrar o conhecimento da cultura estrangeira.

Especificamente, a atividade dos institutos de cultura deveria compreender uma série de atividades, como conferências, publicações de estudos relativos à Itália e sua história, reflexão sobre o pensamento e a arte do país que acolhia os italianos e descendentes. Lassen (2005, p. 17) conclui:

Os institutos deviam, além disso, incentivar as traduções de obras italianas, agir como centros de informação para os estudiosos, promover o intercâmbio cultural entre a Itália e os países estrangeiros e, também, estar habilitados a emitir certificados e diplomas de estudo. De um ponto de vista administrativo, os institutos se configuraram como órgãos do Ministério das Relações Exteriores, também chamados a colaborar com os representantes régios no exterior em atividades promovidas por eles e que visassem promover a cultura italiana. (Tradução nossa).

Outro aspecto da referida lei é o que diz respeito ao perfil dos institutos,

---

<sup>158</sup> Giovanni Gentile nasceu em Castelvetro (na Sicília), em 1875. Segundo Antiseri e Reale (1991, p. 535), “depois de alguns anos de ensino em liceus (de 1898 a 1906), tornou-se professor da Universidade de Palermo; em 1914 sucedeu a Jaia em Pisa e, a partir de 1917, transferiu-se para Roma. [...] Tornou-se senador e, como Ministro da Educação Pública, levou a cabo a reforma escolar iniciada por Croce. Sua adesão ao fascismo sobreviveu ao delicto Matteoti, ainda que Gentile tenha procurado tomar a devida distância em relação ao caso [...]. Em 1943, Gentile não se afastou do fascismo, tendo aderido ao chamado “governo fantoche”. Esse sem dúvida foi ato de fidelidade àquele regime do qual fora líder cultural e, em última análise, ato de coerência moral. Em 1944, foi assassinado por mão desconhecida diante de sua casa, em Florença”.



reservando aos “estudiosos de clara fama preferivelmente de grau universitário”, com intenção nítida de promover uma imagem prestigiosa da cultura italiana. Nesse sentido, é interessante observar a lista dos nomes dos signatários que aderiram ao Instituto, relação esta publicada no jornal *La Voce d'Italia* de 16 de julho de 1936. Observa-se, pois, a presença de inúmeros professores<sup>159</sup> universitários e intelectuais da cidade, como Dr. Darcy Azambuja, Secretário do Interior, Dr. Alcides Maya, Diretor do Museu Estadual, Dr. Emílio Kemp, Diretor-Geral da Secretaria de Educação, Dr. Othelo Rosa, Secretário da Instrução e Saúde Pública, entre outros, como signatários do instituto.

Outro elemento de promoção da italianidade e da acolhida do pensamento fascista é evidenciado por ocasião da passagem do Natal de Roma e do martírio de Tiradentes comemoradas, simultaneamente, na *Italica Domus*, onde estavam presentes várias autoridades. No referido evento, estava Júlio Lebrun, representando o Diretor-Geral da Instrução Pública de Porto Alegre, que “agradeceu o convite feito para participar da brilhante festa. Depois, em rápidos traços se ocupou da preocupação da Itália pelo problema da instrução, mormente de 1922 para cá, citando, então, os que mais concorrem para isso, inclusive o chefe do governo senhor Mussolini”. (*A FEDERAÇÃO*, 29/04/1935, p. 3).

Outra ação para a retomada da italianidade foi o incentivo para a vinda de congregações religiosas italianas. Manfredo Chiostrri escreveu, em maio de 1928<sup>160</sup>, um relatório ao ministro das Relações Exteriores, apontando a situação das escolas. A partir desse documento, pode-se perceber, claramente, a intenção de incentivo à italianidade, com a vinda de congregações religiosas, medida que sustentava ser prioritária.

A maior parte das escolas elementares estão confiadas a congregações religiosas, sendo limitadas quanto a professores e tais congregações são quase todas francesas ou alemãs. E como foi dito no meu relatório n.º 1005, de 15 do corrente, não são, certamente, as mais aptas a uma preparação da italianidade, se bem que fazem o seu melhor ensinando a língua italiana. Portanto, na impossibilidade de ter

<sup>159</sup> Noventa e duas personalidades aderiram ao Instituto, entre professores, advogados, médicos, políticos e religiosos. Veja-se o jornal *La Voce d'Italia* de 16/07/1936, página 5.

<sup>160</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Rel. MANFREDO CHIOSTRRI, 30/05/1928. Maço 702. O relatório de Chiostrri apresenta a realidade educacional por cidade e região do Estado do Rio Grande do Sul com concentração de imigrantes e descendentes. No mesmo, faz observações sobre o ensino público das localidades.

professores nossos o que significaria uma despesa grande e desproporcional aos resultados, é necessário ocupar-se da formação de ordens religiosas italianas e de clero nosso, o que poderá se atingir com a instituição de um episcopado, como já mencionei no relatório supracitado.<sup>161</sup> (Tradução nossa).

Manfredo Chiostrri reiterava, em seu relatório, ser útil a instituição de algum ginásio, que, contudo, deveria ser dirigido por congregação italiana. Tal ginásio poderia ser implantado através da Congregação dos Salesianos que já atuava, desde 1901, em Rio Grande, com o Liceu Leão XIII, com a qual ele já havia contatado informalmente.

O cônsul italiano, nos primeiros meses de sua estada no Rio Grande de Sul, já fizera um diagnóstico bastante contundente sobre o perfil dos estudantes, não podendo omitir que qualquer instituto que se propusesse a dar um “[...] particular desenvolvimento na cultura italiana encontrará grandes dificuldades sobretudo determinadas pela indolência dos alunos, que dificilmente se submetem a um estudo facultativo maior, como é o caso do italiano<sup>162</sup>”. (Tradução nossa)

A estratégia de atração de congregações religiosas era para ele uma “[...] eficiente propaganda da italianidade, na medida em que, através do auxílio delas e com o seu aumento, poder-se-ia preparar esta nova reorientação cultural e este renovado espírito de italianidade<sup>163</sup>”. (Tradução nossa). Particularmente ao que diz respeito aos salesianos, além de cuidarem do aspecto religioso, interessavam-se “[...] pela educação política dos italianos, e termos de italianidade”, como demonstrou Azzi (1990, p. 63).

As estratégias de revigoração da italianidade, na perspectiva fascista, estavam se multiplicando. E, assim, mais um passo seria dado com os cursos gratuitos de italiano.

#### 4.2 CURSOS DE LÍNGUA ITALIANA NOS GINÁSIOS DA CAPITAL: UMA ESTRATÉGIA

*“Este é o nosso dever, a nossa fé, a nossa obra. Isto pensa Mario Carli que trabalha com amor de líder e fé iluminada para a afirmação da italianidade.”*  
(LA NUOVA ITALIA, 16/05/1933, p. 1).

<sup>161</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Rel. MANFREDO CHIOSTRI, 30/05/1928, p. 1. Maço 702.

<sup>162</sup> Ibidem, p. 2

<sup>163</sup> Idem.

O posicionamento da política fascista, em Porto Alegre, pode ser bem evidenciado pela oferta de cursos de língua italiana, em vários colégios privados e públicos, confiados aos cuidados do professor Gino Battocchio desde 1933.

Pelo acordo celebrado entre o governo do Estado do Rio Grande do Sul e o consulado da Itália no Rio Grande do Sul, em 1932, os ginásios da capital passariam a oferecer, de forma facultativa, aulas de literatura e de língua italiana. No jornal *Correio do Povo* de 8 de novembro de 1932, evidenciou-se o clima de boas relações institucionais entre a Itália e o Governo de Flores da Cunha, o que valeu ao interventor federal uma homenagem do Governo italiano.

Ontem, às 16 horas, o general Flores da Cunha recebeu em seu Palácio o cônsul geral da Itália, comendador Mario Carli, o qual acompanhado do vice-cônsul, senhor Julio Bozano, foi ali para conferir-lhe as insígnias e comunicações das condecorações de Cavaleiro da Gran Cruz e do Grande Cordão da Coroa da Itália, a mais alta honra desse tipo que sua majestade o Rei Vitorio Emanuel III concedeu, em recente decreto, ao interventor federal neste Estado. Ao fazer a entrega das insígnias, o comendador Mario Carli pronunciou breves palavras, para ressaltar a valia das mesmas, exaltando a amizade que une os dois povos desde o tempo heróico de Garibaldi e aprofundada em cinquenta anos de vida colonial, tendo a Itália mandado tantos braços de filhos seus operosos que o Brasil acolhe com o seu espírito de hospitalidade. Às palavras do cônsul italiano respondeu o senhor Flores da Cunha, exprimindo seu agradecimento a sua majestade o rei da Itália e tecendo louvores à nobre pátria mediterrânea. A breve cerimônia encerrou-se com expressões cordiais de amizade e simpatia entre os representantes dos dois países. (*CORREIO DO POVO*, 08/11/1932, p. 8).

O clima de defesa da italianidade é claro e, na década de 1930, há uma insistência na manutenção da língua e da cultura italiana na capital. O jornal *La Nuova Italia* (16/04/1936, p. 7), frequentemente, colocava o seguinte texto em destaque para os leitores:

És italiano? Fale, portanto, o italiano; ensine italiano aos vossos filhos; esteja presente nas manifestações de italianidade; sustente o vosso jornal; frequente as nossas sociedades; **colabore com o desenvolvimento das escolas italianas**; apóie as obras assistenciais. (Tradução nossa).

A escola é lembrada e há o apelo para que todos ajudem a desenvolvê-la. O Jornal *La Nuova Italia*, criado pelo cônsul Mario Carli, é um claro exemplo do empenho de converter ao fascismo a comunidade italiana, particularmente a de Porto Alegre (BERTONHA, 2001a). É esse o jornal que publicou, em 1933, a

informação do acordo do consulado italiano com o Estado do Rio Grande do Sul que visava a oferecer o ensino do italiano, não obrigatório, em todos os ginásios do Estado, como pode-se ver abaixo:

**O ensino da língua italiana nos ginásios do Estado do Rio Grande do Sul.** O acordo celebrado entre o cônsul Real da Itália em Porto Alegre e o Governo do Rio Grande do Sul que torna facultativo o ensino da Língua Italiana, nos ginásios do Estado riograndense, é um fato agora consumado pelos institutos da capital, com atuais 3500 alunos. A iniciativa do amigo e camarada Mario Carli que pela confiança do *Duce* o enviou entre os italianos do Rio Grande do Sul para trazer uma palavra de fé e atividade dinâmica da Itália renovada pelo **Fascismo encontrou, aqui, amigável e cordial eco na alma elevada do Interventor Federal sua Excelência o General Flores da Cunha, e de seus ministros, traduzindo-a em atos com firmeza de propósitos para demonstrar, mais uma vez, os sentimentos de simpatia que regulam as relações ítalo-brasileiras.** O senhor Gino Battocchio, doutor em Letras e Filosofia, então agente consular em Bento Gonçalves, começou, por função regular, as lições de Língua Italiana, junto aos institutos secundários de Porto Alegre, acolhido pela simpatia evidente dos professores e alunos, levando sua contribuição de ardor e fé ainda juvenis. O senhor Mario Carli, digno representante de nosso Governo, propondo este acordo às autoridades estatais e obtendo plena adesão, realçou de modo tangível o prestígio e a dignidade de nossa Pátria e de centenas de milhares de compatriotas residentes nesta simpática e hospitaleira terra. **O governo riograndense, indo ao encontro dos desejos de nosso líder, demonstrou de forma clara e concreta a simpatia da qual estão rodeados a Itália e os italianos,** cujo fato será certamente saudado como o início de uma colaboração mais vasta entre a Itália e o Brasil no campo cultural. Os italianos, residentes nesta capital, exprimem sua mais alta consideração pela realização da iniciativa de Mario Carli, assegurando o sucesso com a regular frequência de seus filhos aos cursos de italiano nos institutos médios que já estão, para o bem da iniciativa, bastante lotados. **Mas se para os estudantes italianos ou de descendência italiana a frequência aos cursos é um dever sagrado** e uma questão de honra, algo muito simpático e agradável é saber que pediram para assistir às lições muitos estudantes brasileiros pertencentes às melhores famílias da capital o que é fácil de profetizar sobre o desenvolvimento magnífico futuro dos cursos. Isso demonstra que a Itália reencontra seu caminho sob a direção iluminada do *Duce*, não exporta mais simples campesinos ou artesãos (mesmo fazendo, cumpre a sua missão altamente cívica e humana no mundo, dando sua contribuição de vida e bem estar às novas nações) mas retoma o seu lugar de farol da civilidade, pois sua cultura passada e presente pode expandir-se como de fato ocorre, para além das fronteiras nacionais sem os sinais de inferioridade e sem vergonha. Dante não é só grande e divino entre os muros de Florença mas o eco de sua voz, de seu gênio, de seu intelecto, atinge a todas as criaturas civis de cada meridiano e paralelo. Lê-lo, estudá-lo, compreendê-lo, significa escutar a voz da Roma imortal. Outro aspecto não menos simpático e interessante do acordo entre o cônsul-Geral e o governo riograndense consiste no ensino obrigatório da Língua Portuguesa nas escolas italianas do Estado, ensino este controlado pela direção didática recentemente instituída. **As Escolas italianas de Porto Alegre geridas pelas nossas sociedades – verdadeiros focos de italianidade inextinguível – são quatro: Dante Alighieri, Elena di Montenegro, Umberto I e Vittorio Emanuele II com algumas**

**centenas de alunos.** [...] Este é o nosso dever, a nossa fé, a nossa obra. Isto pensa Mario Carli que trabalha com amor de líder e fé iluminada para a afirmação da italianidade. E não só para as escolas. (LA NUOVA ITALIA, 16/05/1933, p. 1; tradução e grifo nossos).

No texto acima, o articulista fornece um panorama da ação de Mario Carli e de seus propósitos. Em primeiro lugar, salienta a adesão do Governo do Estado à sua proposta de aulas de italiano para as quais o professor Gino fora especialmente destacado. O “recado” de que era um dever sagrado estudar o italiano está na linha de sua adesão à proposta expansionista e firme patriotismo que, como se nota, devia ir além de palavras, pois são “as obras que testemunham o patriotismo”. Para Mario Carli, a referida “afirmação da italianidade” compreendia a expansão da visão fascista de mundo.

A iniciativa de difusão da Língua Italiana, na capital, após alguns anos de sua introdução, foi referida por Dante de Laytano, no programa semanal “Hora italiana”<sup>164</sup> (aliás, o programa era mais uma estratégia de avivamento da italianidade levado a efeito na capital), veiculado na Rádio Difusora de Porto Alegre, como uma grande ação continuada pelo cônsul Barbarisi, que havia “[...] organizado um plano de difusão da língua italiana no Rio Grande do Sul”. (LA VOCE D’ITALIA, 11/03/1936, p. 3; tradução nossa). Esse plano não se limitou ao círculo das escolas italianas; pelo contrário, ampliou-se levando “[...] o

---

<sup>164</sup> O programa *Hora italiana* começou a ser veiculado em novembro de 1935, pela Rádio Difusora, diariamente de segunda a sábado. O espaço cedido pelos diretores da rádio era gratuito. O primeiro programa teve a participação do cônsul Barbarisi. No programa, havia música, variedades e notícias sobre a Itália, bem como a veiculação de discursos de personalidades. O programa ia ao ar uma vez por semana das 19h15min às 19h45min. A edição do jornal *La Voce d'Italia*, de 22/11/1935, traz detalhes sobre essa iniciativa. Bertonha, em seu artigo *Divulgando o Duce e o Fascismo em terra brasileira: a propaganda italiana no Brasil (1922-1943)* (2000, p. 92-93), aponta que “[...] a propaganda fascista não se restringia, à mídia escrita. Como convinha a um movimento que foi pioneiro no uso dos modernos meios de comunicação de massa, o fascismo não descuidou de dois inovadores métodos de propaganda que estavam sendo aperfeiçoados justamente no entre guerras: o rádio e o cinema. No que se refere ao rádio, há referências às emissões diretas da Itália para o Brasil, com transmissão de discursos do Duce e programas em português. Aparentemente, porém, o fascismo não dedicou grandes esforços a essa área, provavelmente porque a América Latina não era prioritária nos esforços radiofônicos do regime e, também, possivelmente, por dificuldades técnicas, o que não significa dizer, obviamente, que muitos italianos residentes no Brasil e brasileiros não ouvissem as rádios italianas. Às rádios brasileiras foi dedicado maior esforço e temos registros de programas *Hora italiana* (inclusive com amplo fornecimento de discos e outros materiais vindos diretos da Itália) na Rádio Inconfidência de Belo Horizonte em 1937; na Rádio Gaúcha de Porto Alegre em 1938 e na Rádio Cultura de São Paulo. [...] Esse quadro parece englobar o grosso dos esforços do regime, em termos de radiofonia, entre 1936 e 1939, tanto que, em 1938, a Embaixada italiana do Rio de Janeiro enviou nota ao *Ministero degli Affari Esteri* informando sobre programas de rádio semanais em Porto Alegre, Belo Horizonte e Rio de Janeiro e de sete horas diárias em italiano em São Paulo”.

ensino da língua italiana a todos os estabelecimentos secundários de educação de Porto Alegre e os alunos não dispendem coisa alguma e as aulas são admiravelmente dirigidas”. (*LA VOCE D’ITALIA*, 11/03/1936, p. 3; tradução nossa).

O Colégio Anchieta<sup>165</sup>, o Colégio Sevigné<sup>166</sup>, o Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho<sup>167</sup>, o Colégio Americano<sup>168</sup>, o Colégio Nossa Senhora do Rosário<sup>169</sup>, a Escola Normal Superior e o Instituto Porto Alegre possuíam aulas de italiano e as cerimônias de encerramento delas, ao final de cada ano, constituíam-se em grandes solenidades, mormente presididas pelo cônsul e pelos fâscios, membros do partido fascista em Porto Alegre, como exemplificado abaixo:

Pela divulgação da Língua Italiana: foram visitados pelo cônsul os cursos mantidos em vários ginásios da capital. O comendador Dr. Santovicenzo Magno, cônsul geral da Itália, acompanhado inspetor dos fâscios tenente Fernando Chiappini, há tempos visitou com grande interesse os institutos de ensino da capital, tendo recebido a melhor impressão, ficando, sobretudo, admirados pela magnífica organização da Escola Normal, dirigida pela exímia professora D. Florinda Tubino Sampaio. **Nestes últimos dias, os representantes da Nação amiga e dos fâscios, recebidos com toda distinção e deferência, assistiram às cerimônias de encerramento nos três Ginásios,** tendo o cônsul geral expressado sua satisfação e agradecimentos aos diretores, diretora e professores assistentes, ressaltando perante os alunos a importância do conhecimento do idioma de Dante, que muito contribuirá para estreitar as relações de amizade e desenvolver o intercâmbio cultural entre a Itália e o Brasil. No antigo Ginásio Anchieta, recebeu-os o padre Jorge no impedimento do diretor. Uma comissão de estudantes foi ao encontro dos visitantes, que ao ingressar na aula foram saudados com uma salva de palmas. O quintoanista Armando Conti pronunciou um discurso que havia escrito em português e traduzido em italiano. Respondeu o cônsul geral que louvou bastante os alunos pelo seu notável proveito na língua italiana. [...] No Ginásio N. S. das Dores, a cerimônia foi solene, pela afetuosa solicitude do novo diretor, Irmão Fidelis, e dos irmãos Henrique, Leão e Edmundo. Recebidos com simpatia, os visitantes pelo diretor e professores e por uma comissão de estudantes passaram à grande

<sup>165</sup> Em 13 de janeiro de 2015, o Colégio Anchieta completou 125 anos de fundação.

<sup>166</sup> O colégio foi fundado no dia 1º de setembro de 1900, pela madame francesa, Emmeline Courteilh, esposa do agente consular da França em Porto Alegre, Octave Courteilh.

<sup>167</sup> O Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho foi inaugurado, oficialmente, em 21 de junho de 1905.

<sup>168</sup> Inicialmente, o Colégio Americano se chamava *Colégio Evangélico Misto n.º 1* e funcionava em um prédio alugado no centro da cidade. Em 1889, com o falecimento da fundadora Carmen Chacon, a escola passou a ser supervisionada pela Divisão de Mulheres da Igreja Episcopal do Sul, dos Estados Unidos. Popularmente conhecido como “Colégio das Americanas”, a instituição passou a ser denominada Colégio Americano. Nessa época, o Americano era uma escola voltada apenas para meninas. Em 1921, mudou para o regime de internato e externato. Atualmente, chama-se Colégio Metodista Americano.

<sup>169</sup> O Colégio Nossa Senhora do Rosário iniciou suas atividades em 7 de fevereiro de 1904.

aula que estava repleta, ressaltando na parede as bandeiras do Brasil e da Itália. O quintoanista Filippo Turchi, em brilhante discurso prestou homenagem ao cônsul geral e ao **Inspetor dos fâscios**, tendo falado também o aluno Rubem Gay, pelos menores. Respondeu o cônsul geral, que foi muito aplaudido. Por fim, o Dr. Gino Battocchio, a cujo cargo estão os citados cursos de italiano, agradeceu aos diretores, aos seus caros assistentes e a todos os alunos. (*CORREIO DO POVO*, 31/10/1937, p. 15; grifo nosso).

Os dois primeiros ginásios da capital que iniciaram as aulas de italiano foram o Colégio Anchieta, dos padres jesuítas, e o Colégio Bom Conselho. O terceiro foi o Colégio Rosário, dos Irmãos Maristas. Veja-se a notícia no *Correio do Povo* intitulada *O ensino de italiano*:

Em complemento ao acordo projetado pelo consulado geral da Itália e aceito pelo governo do Estado, foram iniciados, em data de 8 do corrente, os cursos de língua italiana, instituídos em forma facultativa, nos ginásios estaduais de Porto Alegre, a começar pelo Anchieta e Nossa Senhora do Bom Conselho, frequentados por um número de alunos perto de 2.000. (*CORREIO DO POVO*, 14/05/1933, p. 4).

Não obstante o processo de nacionalização, a estratégia italianizante tinha uma boa acolhida. Ademais, é significativo o discurso proferido pela professora Valentina Paiva, que ficou encarregada, na ocasião, do pronunciamento para o cônsul que inaugurava o curso no Colégio Americano, um dos mais antigos da capital. O discurso revelou uma simpatia pela língua italiana, bem como a relação amigável entre o Brasil e a Itália. A estratégia do consulado de manter e de desenvolver a italianidade, nos anos da década de 1930, mostrava-se bem-sucedida:

Em nome do corpo docente do Colégio Americano, cumpro a grata incumbência de apresentar-vos as boas vindas, as homenagens de nossa admiração e os protestos do nosso reconhecimento. Podeis ver em todos os rostos um sorriso e todas as mãos se vos estendem num gesto de simpatia. **Professoras e alunas, todas se unem num mesmo movimento de afetiva cordialidade, num gesto de bem justificada estima.** Sou aqui o representante da nação italiana, nação amiga nossa, cujos filhos têm vindo cooperar conosco no progresso de nossa Pátria e, identificados com nosso povo, irmanados pelo mesmo afeto que a todos deve inspirar a terra bendita do Cruzeiro, trazem-nos ele o auxílio de seu braço e a força propulsora de sua grande atividade. É compreensível, pois que, os filhos da tradicional pátria de Dante sintam-se em casa vivendo no Brasil, onde muitos têm constituído família sob este céu que a todos cumula de benção, sobre este solo que a todos oferece seus frutos. Pois como disse o maior dos brasileiros – Rui Barbosa – a pátria não é somente a terra em que

nascemos, é o céu, o solo, o povo, a tradição, a consciência, o lar, o berço dos filhos e o túmulo dos antepassados, a comunhão da lei, da língua e da liberdade. **Os italianos estão aqui, em sua casa, os brasileiros são seus irmãos.** Foi com grande simpatia que tivemos conhecimento de vossas intenções, logo postas em prática, de abrir cursos de língua italiana em nossos colégios – iniciativa essa que bem claramente traduz um duplo sentimento – amor por vossa terra natal e pela pátria de adoção. Por aquela, por ser a língua o mais belo apanágio de uma nação e é a luz dela que se revela a verdadeira índole de um povo. Sua cultura portanto se impõe como elemento mais enérgico de coesão da nacionalidade, da unidade desse mesmo povo, do seu grau de civilização da nobreza de seus ideais. E também pelo Brasil essa iniciativa revela o amor e interesse porquanto serão assim desvendados ao nosso povo as belezas de vossa literatura, de vossa arte, os ensinamentos de vossas ciências e de vossas especulações filosóficas. Além destas vantagens, outras contém o estudo de vosso belo idioma que nestes últimos tempos tem tido tão grande incremento entre nações cultas – será mais um laço que virá unir mais intimamente a vida espiritual dos dois povos e que nos dará ao mesmo tempo uma visão mais clara do desenvolvimento de vossa intelectualidade, do progresso psicológico de vossa raça. E é nesta data tão sugestiva para nós, que procurais estreitar mais esses laços que uniam italianos e brasileiros, esta época em que celebramos o centenário farroupilha, essa frase de nossa história em que o coração do povo gaúcho sente palpitar bem unido a ele o grande coração de José Garibaldi, pelas íntimas revelações de um objetivo comum, solidário conosco nos interesses e aspirações do Rio Grande do Sul. E, portanto, a todos os respeitos, profundamente grata a todos nós a vossa visita, senhor. Aceite nossos agradecimentos e protestos de sincera estima. (*CORREIO DO POVO*, 13/04/1935, p. 14; grifo nosso).

Observou-se que, aos concluintes, por diversas oportunidades, “[...] foram distribuídos belos exemplares da literatura italiana” pelas mãos dos cônsules (*ECOS ROSARIENSE*, 1935, p. 99).



Figura 40: Encerramento das aulas de italiano no Colégio Rosário (1937)  
Fonte: Revista *Ecos Rosariense* (1937, p. 86).

Na Figura 40, pode-se ver, ladeados pelos irmãos maristas, o cônsul Santovicenzo Magno (terceiro da esquerda para a direita) e o professor Gino



Battocchio<sup>170</sup> (segundo da esquerda para a direita).



Figura 41: Encerramento das aulas de italiano do ano de 1939 no Colégio Rosário  
Fonte: Revista *Ecos Rosariense* (1939, p. 64).

Tanto na Figura 40 como na 41, pode-se ver o cônsul Santovicenzo Magno participando das cerimônias de encerramento dos cursos. Em ambas imagens, observa-se a bandeira do Brasil e a bandeira da Itália expostas.

Leu-se no jornal *La Voce d'Italia* (1936, p. 2; tradução nossa) que o senhor Gino Battocchio já, há três anos, vinha desempenhando com “[...] verdadeira paixão a distinta missão e verdadeira obra que merece o aplauso incondicional de todos que sabem avaliar e apreciar os inestimáveis benefícios que comporta o intercâmbio intelectual entre dois povos feitos para entenderem-

<sup>170</sup> Luiza Horn Iotti, em seu livro *O olhar do poder*, aponta que o professor Gino Battocchio manteve, anteriormente à sua atividade, em Porto Alegre, uma escola em Bento Gonçalves. “Gino Battocchio veio da Itália, em 1909, para assumir o cargo de agente consular italiano em Bento Gonçalves. [...] Foi um dos fundadores, em 1910, do jornal “Bento Gonçalves”, cuja publicação, em português e italiano, durou até 1913. Battocchio também ajudou a fundar, em 1910, uma escola prática superior de comércio, dividida em três cursos, que encerrou suas atividades logo após o primeiro ano de funcionamento. Em 1912, foi nomeado gerente da filial do Banco Pelotense, inaugurada nesse mesmo ano.” (IOTTI, 2001, p. 164-165). Costante Gino Battocchio nasceu, em Feltre, Itália, na Província de Belluno, em 15 de novembro de 1872. Faleceu, em 14 de janeiro de 1949, às cinco horas da manhã, aos 77 anos, em Porto Alegre. Casou-se, em 26 de janeiro de 1910, às 18 horas da tarde, na Intendência Municipal de Bento Gonçalves, com Iole Bott Battocchio (falecida em 1985), conforme informado por Giulio Lorenzoni, oficial de registro Civil da Sede da Comarca de Bento Gonçalves. Com Iole, teve uma filha chamada Helena Maria Joanna Battocchio, que faleceu em outubro de 1987 de ataque asmático. Pode-se ver mais detalhes no Arquivo do Consulado Geral da Itália No Rio Grande do sul (ACGIRS) em Porto Alegre, pasta *BATTOCCHIO, Gino, s.n.*

se e amarem-se”.

Gino Battocchio era formado em Filosofia e Belas Letras pela Universidade de Pádova, Itália (ANEXO 3 – Apresentação de Gino Battocchio). Antes de vir ao Brasil, escrevera quatro trabalhos sobre literatura<sup>171</sup>.

Gino Battocchio foi colunista do jornal *Stella* quando morador da cidade de Bento Gonçalves, sendo seus artigos assinados com o pseudônimo de *Italicus*. Nestes, publicados a partir de 1916, defendia fortemente o ensino da Língua Italiana, bem como fomentava a participação dos italianos e de seus descendentes nas diversas sociedades italianas espalhadas pelo Estado. Tecia, inclusive, elogios ao líder italiano Mussolini. Veja-se a descrição da personalidade de Battocchio no jornal publicado em Porto Alegre:

[...] dotado de uma vastíssima e sólida cultura e de uma brilhante inteligência, favorecido por uma fina educação, já há muitos anos residente em nosso Estado, onde é conhecidíssimo e apreciado não só por italianos, mas, também, por todos os brasileiros que o rodeiam com viva amizade e simpatia, o doutor Gino Battocchio era, com certeza, a pessoa mais apta para a delicada missão de fazer compreender e amar a nossa língua e a nossa pátria a esta viva juventude das escolas médias riograndenses. Na verdade, se nós considerarmos o pouco tempo decorrido do início de seu apostolado devemos nos sentir maravilhados pelos estupendos resultados já obtidos. **A obra do professor Battocchio se desenvolve viva e fecunda em todos os principais institutos médios de educação de Porto Alegre, masculinos e femininos, nos quais os seus cursos de italiano são frequentados por uma multidão de alunos pertencentes às mais altas classes sociais do Estado, que através da elegante e persuasiva palavra clássica de nosso professor com o conhecimento e admiração de nosso idioma absorvem também a estima e o amor pela nossa Terra.** [...] esses cursos se desenvolvem em sete grandes institutos médios de educação, privados ou estatais, nos quais se educam os futuros expoentes da classe dirigente do país e seus cursos são frequentados por mais de 450 alunos. (*LA VOCE D'ITALIA*, 30/04/1937, p. 3; tradução e grifo nossos).

O cônsul Barbarisi, em comunicação ao ministro Parini (ANEXO 4 – Cursos de Italiano nos Ginásios da Capital), exaltou a ação italianizante e elogiou o professor:

A frequência, em cada instituto, gira em torno de 80 alunos e são, ao todo, 560 alunos, além de universitários que, sem dúvida, levam em

<sup>171</sup> Livros de Battocchio: *Alcune similitudine nei versi di Alessandro Manzoni* (1904); *Intorno al sonetto di Matteo Frescobaldi: Accorr'uomo, accorr'uomo... l'son rubato* (1908); *Le poesie liriche di Giuseppe Giusti: con introduzione e appendice* (1908); *Primo fondamento allo studio della geografia economica* (1908).

todos os ambientes locais a repercussão do que aprendem com notável vantagens aos fins de nossa propaganda. O ensino responde além dos critérios de divulgação, aos critérios de divulgação, à ilustração dos mais importantes institutos fascistas da nossa civilização e história, cuja tarefa atende com perícia, dedicação e particular fineza o professor Gino Battocchio [...].<sup>172</sup> (Tradução nossa).



Figura 42: Professor Gino Costante Battocchio (1925)  
Fonte: *Cinquantenario* (1925, p. 398; segunda parte).

Até o final de 1940, Gino Battocchio lecionou italiano nos cursos livres propostos pelo consulado, em acordo com o governo do Estado, bem como ministrou aulas de italiano ofertadas pela Sociedade *Dante Alighieri*. Todavia, as exigências do Estado Novo o impediram de continuar lecionando nos ginásios. Muitos livros de literatura clássica italiana, de arte e de história universal pertencentes ao professor Battocchio, encontram-se no Arquivo da Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul e atestam sua fama de homem culto<sup>173</sup>.

Quanto à opinião de Gino Battocchio a respeito de Mussolini, é possível inferi-la a partir da notícia da reabertura dos cursos de Língua Italiana, ocorrida em solenidade na sede da Sociedade *Dante Alighieri*, em 03 de abril de 1935, ocasião em que estavam presentes mais de 200 alunos:

<sup>172</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1936. Cor. GUGLIELMO BARBARISI. 10/04/1935. Maço 876.

<sup>173</sup> Benvenuto Crocetta, no *Cinquantenario* (1925), referiu-se a Gino Battocchio, como um representante consular notável e cortês, tendo desempenhado suas atividades junto às sociedades italianas e às escolas. Leu-se, no *Cinquantenario* (1925, p. 398; segunda parte): “e va segnalata ad encomio anche la prestazione cortese del dott. cav. Gino Battocchio, quale egregio rappresentante Consolare in Bento Gonçalves, per l'interessamento preso a far figurare degnamente nella cronistoria della vita coloniale italiana, le benemerite Società Italiane di quel municipio e le scuole da esse dipendenti. Frattanto, il Comitato Centrale pel Cinquantenario crede di aver assolto onorevolmente il suo dovere ed i suoi impegni, anche per quanto riguarda questa parte illustrativa della Monografia”.

A seguir, fez uso da palavra o professor Gino Battocchio, que se estendeu em considerações referentes ao idioma de italiano, detendo-se em observações sobre a significação do ensino em línguas com relação ao intercâmbio cultural e intelectual que deve existir entre os diversos países. Em seu discurso, o orador teve a oportunidade de se referir à obra que vem sendo realizada por Mussolini, tecendo considerações sobre o regime fascista. Ao finalizar, o professor Gino Battocchio, dirigindo-se aos seus alunos, disse sentir-se feliz em ver diante de si moços brasileiros sequiosos de conhecimentos relacionados com a cultura italiana. (*CORREIO DO POVO*, 04/04/1935, p. 9).

O texto acima revela, indubitavelmente, a postura favorável de Gino Battocchio com relação ao regime fascista. Acrescenta-se a este o pequeno trecho do relatório de Battocchio<sup>174</sup> ao cônsul Barbarisi, no qual ele se identificava como um “velho fascista”:

**Outra coisa não tenho a dizer a Vossa Senhoria, ao qual eu faço uma devota e sincera homenagem, enquanto estou seguro de minha fé na grandeza da pátria e no Duce incomparáveis:** aqui trabalho duro com a firme vontade e com a paixão de velho fascista, feliz de poder responder, mesmo que modestamente, às altas intenções de sua Excelência, o ministro Piero Parini, que, para nós, é um nobre exemplo de virtude e sacrifício.<sup>175</sup> (Tradução e grifo nossos).

De fato, de acordo com sua apresentação ao cônsul Barbarisi recém-chegado a Porto Alegre, o professor Gino expunha que, desde o final do ano de 1920 até os primeiros dias de 1921, difundia e exaltava, publicamente, em Bento Gonçalves, a beleza e a santidade da causa e da ação do fascismo, tendo organizado para isso solene cerimônia. Finalizava a sua apresentação referindo que “[...] já há muitos anos estou inscrito no *Fascio* de Porto Alegre, para o qual remeti por muito tempo contribuições em dinheiro para as obras assistenciais<sup>176</sup>”. (Tradução nossa).

Abaixo, no Quadro 20, são apresentadas as informações sobre os locais e o período em que Battocchio lecionou na cidade de Porto Alegre. Observa-se que sua formação permitiu-lhe lecionar, também, no nível superior, o que lhe garantiu um pouco de sustento depois do cessar das aulas dos ginásios.

<sup>174</sup> Poucos meses antes de falecer (1949), o professor Gino Battocchio escreveu uma carta ao consulado italiano de Porto Alegre, descrevendo sua trajetória. Essa carta compõe um conjunto de tratativas do professor e, posteriormente, de sua esposa, de conseguir um subsídio junto ao governo italiano pelos serviços prestados. O benefício só foi concedido, parcialmente, em 1964, depois de muitas tratativas e considerando o estado de dificuldade que passava a viúva de Battocchio e as dificuldades de saúde de sua filha.

<sup>175</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Rel. GINO BATTOCCHIO, 15/07/1937, p. 7. Maço 62.

<sup>176</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. GINO BATTOCCHIO, 6/08/1934, p. 2. Maço 785.

**Quadro 20: Instituições em que Gino Battocchio lecionou em Porto Alegre**

<b>Colégio/Instituição</b>	<b>Ano de início das atividades</b>	<b>Ano de término das atividades</b>	<b>Atividade desenvolvida</b>
Colégio Anchieta	1933	1940	Aulas de italiano
Colégio Bom Conselho	1933	1940	Aulas de italiano
Colégio Nossa Senhora do Rosário	1933	1940	Aulas de italiano
Colégio Americano	1933	1940	Aulas de italiano
Colégio Seigné	1933	1940	Aulas de italiano
Instituto de Educação	1935	1940	Aulas de italiano
Sociedade <i>Dante Alighieri</i>	1933	1942	Aulas de italiano
Faculdade de Filosofia e Letras dos Maristas <sup>177</sup>	1940	1946	Língua e literatura Italiana
Universidade de Porto Alegre <sup>178</sup>	1942	1944	Língua e literatura Italiana

Fonte: Jornais *A Federação* e *Correio do Povo*. Revista *Ecos Rosariense*. Carta de Gino Battocchio *Ministero degli Affari Esteri* de 06/03/1942; ACGIRS. PROFESSOR FRANCISCO DE PAULA CASADO: Attestato, 20/04/1976. Pasta s/n: BATTOCCHIO, Gino. *Annuario* 1939-1940.

Segundo Bertonha (1999;2000; 2001a), as investidas propagandistas do fascismo no Brasil na década de 1930 intensificaram-se, bem como o interesse comercial da Itália com o referido país. É também, nesse contexto, possível situar a iniciativa das aulas de italiano e a proposta de rede escolar que se organizou, nesse período, na capital gaúcha. Há uma sofisticação na propaganda fascista, como bem observa Bertonha:

Antes de mais nada é básico recordar que apenas as modificações no aparato estatal italiano dificilmente teriam reflexo no Brasil se as políticas e os objetivos fascistas com relação ao país continuassem as mesmas dos anos 20. De fato, não só os interesses italianos em relação ao Brasil cresceram nos anos 30, como à carta ideológica foi sendo dada uma importância crescente na concretização desses interesses. **Não surpreende, portanto, que a estrutura de propaganda italiana para os brasileiros comece a se sofisticar na primeira metade da década de 30.** Essa maior sofisticação se refletiu em vários campos. Ao lado da potencialização dos métodos já conhecidos de conferências e distribuição de livros e publicações, o

<sup>177</sup> A Faculdade de Filosofia e Letras dos Irmãos Maristas deu origem à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

<sup>178</sup> A Universidade de Porto Alegre passou a ser denominada Universidade do Rio Grande do Sul (URGS), em 1947, incorporando as Faculdades de Direito e de Odontologia de Pelotas e, também, a Faculdade de Farmácia de Santa Maria. Posteriormente, essas unidades foram desincorporadas da URGS, com a criação da Universidade de Pelotas e da Universidade Federal de Santa Maria. Em dezembro de 1950, a Universidade foi federalizada. Desde então, a UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul passou a ocupar posição de destaque no cenário nacional.

governo italiano começou a enviar grandes quantidades de artigos, fotos e material de propaganda para serem distribuídos para um bom número de jornais em todo o Brasil e há até algumas tímidas tentativas de colocar filmes italianos (como “Camicia Nera”) em circuito comercial no Brasil. Nota-se, assim, que a máquina de propaganda fascista no Brasil estava sendo rapidamente aperfeiçoada nessa primeira metade dos anos 30. O auge desse processo de aperfeiçoamento e consolidação veio, porém, um pouco mais tarde, no período da Guerra da Abissínia. A Guerra da Abissínia entre 1935 e 1936 representou, sem dúvida, um dos momentos chave para a consolidação do aparato de propaganda do regime. Isso tanto no fronte interno, como no externo, onde, nos mais variados países, a estrutura italiana para a propaganda foi grandemente ampliada. No Brasil, não foi diferente, com a máquina fascista sendo reforçada para garantir uma posição pró-italiana do governo e da opinião pública brasileira. (BERTONHA, 2000, p. 86-87).

Por fim, dentre as estratégias do consulado de estímulo à italianidade, às escolas se daria um tratamento especial: seriam reorganizadas e unificadas. Uma rede escolar seria organizada. As escolas étnicas italianas da capital passariam a ter uma nova configuração dentro de uma orientação fascista.

#### 4.3 A REORGANIZAÇÃO DAS ESCOLAS ITALIANAS

*“As nossas escolas conservarão sempre a orientação italiana e portanto fascista observando as novas leis que dividem o horário escolar entre o ensino em italiano e em português, obrigação esta que é seguida em nossas escolas.”*  
(ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1945. REL. LUIGI LEDDA, 2/07/1936, p. 7. Maço 64)

Em 07 de janeiro de 1930, o cônsul Manfredo Chiostrri escreveu ao Ministério das Relações Exteriores um denso relatório<sup>179</sup>, no qual analisou a situação da educação no Rio Grande do Sul. O foco de sua análise era a presença/ausência de escolas com ensino em italiano. Neste, expôs que, no Estado do Rio Grande do Sul, no início da imigração, especialmente nos primeiros dez anos, a ausência de escolas nas zonas coloniais fizera com que as iniciativas escolares, por parte de sacerdotes e sociedades de mútuo socorro, florescessem e recebessem subsídios.

Como não havia outras escolas na nossa zona, as nossas floresceram, duraram tempo e deram frutos, sobretudo aquelas que estavam sob os auspícios das mais antigas sociedades italianas de mútuo socorro, que

<sup>179</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. MANFREDO CHIOSTRRI, 07/01/1930. Maço 785. O relatório de Chiostrri foi escrito depois de cerca de 18 meses de atuação como cônsul no Rio Grande do Sul. Possui 12 páginas datilografadas.

faziam de tudo para sustentar a própria escola, às quais o governo pátrio fornecia material escolar e pequenos subsídios.<sup>180</sup> (Tradução nossa).

No relatório de janeiro de 1930, Chiostrì sustentou que, por um conjunto de elementos, como a falta de professores, a morte de algum professor ou dos incentivadores dos educandários, bem como o crescimento da oferta de escolas públicas gratuitas, aos poucos, deu-se o fechamento das escolas italianas, restando, assim, pouquíssimas que ensinassem o italiano.

Na mesma linha do cônsul Arduini, em 1925, Chiostrì identificou que houve um processo de “[...] desnacionalização que infelizmente paira sobre nossas coletividades, da qual não ficam isentos nem mesmo as coletividades alemãs, que, do ponto de vista escolar, estão melhor organizadas<sup>181</sup>”. (Tradução nossa). Segundo Chiostrì, tal situação era efeito do passado:

[...] derivada da desorganização e pouco cuidado do passado, favorecida pela pouca sinceridade dos inspetores da *Itálica Gens*, que fizeram passar por italianas escolas brasileiras e exageraram nos resultados das escolas dirigidas pelas ordens religiosas.<sup>182</sup> (Tradução nossa).

O cônsul, ainda, lamentou tal estado a que a coletividade italiana chegou e destacou que existiam poucas escolas italianas de fato:

[...] existem poucas escolas propriamente italianas que, além de uma elementar educação de nossa língua, cuidam do ensino de outras noções como a história, a geografia e, sobretudo, preparam o coração e a mente dos nossos pequenos para amarem a pátria de origem.<sup>183</sup> (Tradução nossa).

Para Chiostrì, eram entendidas como escolas italianas no Estado: a escola existente em Nova Roma, a de Ana Rech dos padres Josefinos de Murialdo<sup>184</sup> e as três escolas da capital, a *Scuola Umberto I*, a *Scuola Principessa Elena di Montenegro* e o Instituto Médio Ítalo-Brasileiro Augusto

<sup>180</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. MANFREDO CHIOSTRÌ, 07/01/1930, p. 2. Maço 785

<sup>181</sup> Ibidem, p. 6.

<sup>182</sup> Idem.

<sup>183</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. MANFREDO CHIOSTRÌ, 7/01/1930, p. 7. Maço 785.

<sup>184</sup> Josefinos de Murialdo é como são chamados os confrades da Congregação de São José, fundada em Turim, Itália, em 1873, e que veio para o Brasil, em 1915 em Jaguarão e, posteriormente, para a localidade de Ana Rech, na cidade de Caxias do Sul, em 1928.

Menegatti, para as quais insistiu que continuassem a serem enviados os subsídios.

Na conclusão do seu relatório, o cônsul sinalizou a importância de ter um inspetor idôneo para acompanhar as escolas e sugeriu o nome de Gino Battocchio. Tal sugestão não foi atendida e, como se pôde ver, somente em 1932 Battocchio foi para Porto Alegre, na condição de professor e não de inspetor ou de diretor.

A necessidade de uma reorganização, nas escolas italianas, evidenciou-se. Entretanto, uma nova adequação só aconteceu com o seu sucessor, Mario Carli. No ano de 1933, a reorganização das escolas italianas em Porto Alegre foi anunciada nos jornais *A Federação*, *Correio do Povo* e no *Nuova Italia*. Tal reorganização revelou um maior controle sobre o que deveria ser ensinado na perspectiva da Direção Didática encabeçada pelo professor Luigi Ledda, que veio de Roma especialmente para essa função.

Chiostrì, de fato, buscou, de várias formas, fomentar a cultura e a língua italiana. Quando realizou a visita na Escola de Engenharia da capital, junto com seu amigo e diretor Dr. Giovani Ferlini, observou que todo material de modelagem, os quadros murais ilustrativos das várias matérias ensinadas, bem como os livros existentes na biblioteca eram de proveniência alemã (doados pelo governo alemão) e tinham sua marca impressa. Estrategicamente, visando à obra da italianidade e tendo sondado os dirigentes que consentiram com a possibilidade, julgou oportuno solicitar ao Ministério da Relações Exteriores italiano livros e materiais adequados à engenharia, pensando que isso poderia ser um potente instrumento de penetração cultural. Nesse sentido, escreveu ao embaixador italiano no Rio de Janeiro em 25 de julho de 1928, solicitando o envio de materiais, visto que vislumbrava a “[...] possibilidade de realizar na dita escola em não distante futuro, um curso de língua italiana, necessário aos jovens que de tais livros deveriam fazer objeto de estudo<sup>185</sup>”. (Tradução nossa). O embaixador, em correspondência ao ministro da Instrução Pública Italiana, datada de 13 de agosto de 1928, reforçou o pedido de Chiostrì sobre a necessidade de envio de livros e de material adequado à seção de artes e aos

---

<sup>185</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Cor. MANFREDO CHIOSTRÌ, 25/07/1928. p. 1. Maço 702.



ofícios da Escola de Engenharia de Porto Alegre<sup>186</sup>.

#### 4.3.1 As escolas da capital na ótica do Diretor Didático antes da reorganização

*“As escolas são instrumentos capazes de desenvolverem a italianidade se devidamente ajudadas como intenciona fazer o Governo Fascista.”*  
(ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. REL. LUIGI LEDDA, 30/09/1932, p. 1. Maço 785)

Mas como estavam as escolas antes da reorganização? Ao que se pôde apurar, o professor Luigi Ledda veio ao Brasil entre julho e agosto de 1932, considerando a informação que consta no seu Relatório à DGIE, de 16 de dezembro de 1932<sup>187</sup>, no qual registrou as iniciais impressões dos cinco primeiros meses de sua estadia no Brasil, momento em que trabalhava em Porto Alegre, com a *Scuola Umberto I* e a *Principessa Elena*. Em tal relatório, ao final do ano de 1932, escreveu: “Não sei o quanto consegui fazer; neste ano simplesmente semeei. Porém, me sinto tranquilo, satisfeito e, depois de cinco meses de permanência nesta terra latina, estou animado e com um entusiasmo maior<sup>188</sup>”. (Tradução nossa).

**Quadro 21: Escolas das sociedades italianas e número de alunos em Porto Alegre nos anos de 1924, 1925, 1927 e 1930.**

Escola	Número de alunos (M e F) em 1924	Número de alunos (M e F) em 1925	Número de alunos (M e F) em 1927	Número de alunos (M e F) em 1930
<i>Scuola Elena di Montenegro</i>	Não informado	40	49	70
<i>Scuola Umberto I</i>	46	46	53	39 (elementar) 14 (alunos noturno)
<i>Scuola Dante Alighieri</i>	A escola não aparece no relatório	A escola não aparece no relatório	50 (aulas de italiano)	50 (aulas de italiano)
<b>Total</b>	<b>46</b>		<b>152</b>	<b>183</b>

Fonte: *Annuario delle scuole italiane all'estero: governative e sussidiarie de 1924*<sup>189</sup> (1925, p. 40). Relatório Arduini (1925). *Annuario delle scuole italiane all'estero: governative e sussidiarie de 1927* (1928, p. 68). *Annuario delle scuole italiane all'estero: governative e sussidiarie de 1930* (1930, p. 98).

O relatório de Luigi Ledda, enviado à DGIE, datado de 30 de setembro

<sup>186</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Cor. EMBAIXADA BRASILEIRA, 13/08/1928. Maço 702.

<sup>187</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 16/12/1932. Maço 785. Trata-se de um detalhado relatório que avaliou as condições encontradas nas escolas de Porto Alegre, desde sua chegada.

<sup>188</sup> Ibidem, p. 5.

<sup>189</sup> O *Annuario* de 1924 refere, ainda, uma *Scuola Parrocchiale* (que não pôde ser identificada), com 30 alunos masculinos.

de 1932, indica que, em Porto Alegre, naquele momento, existiam somente duas escolas: a *Umberto I* e a *Scuola Principessa Elena di Montenegro*. Esse é um documento que permitiu observar elementos da cultura escolar dessas duas escolas, já que, nele, foram reveladas práticas que há muito vinham sendo vivenciadas nas referidas instituições. O conjunto de afirmações presentes no relatório fazia sérias críticas ao modelo de ensino e às estruturas das escolas, confirmando a necessidade de uma tomada de posição, por parte de Ledda e do cônsul Mario Carli, que estivesse mais alinhada ao modelo da escola fascista que se queria estabelecer.

Assim, com relação à reorganização das escolas de Porto Alegre, pode-se afirmar que este relatório foi um diagnóstico e, ao mesmo tempo, uma explicitação de medidas iniciais para o enquadramento das escolas na recente “reforma das escolas italianas”, como o consulado anunciava no jornal *A Federação*, de 1º de março de 1933, à página 4 adiante.

O relatório em questão, com quatro páginas assinadas por Ledda, apontava que as duas únicas escolas da capital, nas quais ele lecionava por disposição do Consulado, representavam um notável esforço pessoal dos compatriotas operários, orgulhosos dos costumes e das tradições da Pátria distante, sustentando que “as escolas são instrumentos capazes de desenvolver a italianidade se devidamente ajudadas como intenciona fazer o Governo Fascista<sup>190</sup>”. (Tradução nossa). Na ótica do professor Ledda, as escolas mistas existentes eram organizadas empiricamente. Ledda afirmava no seu relatório que, da forma que estavam, “[...] não podem mais corresponder às exigências da escola moderna<sup>191</sup>”. (Tradução nossa).

Seu diagnóstico apontou que os educandários eram limitados quanto ao material escolar, em geral e, sobretudo, que lhes faltavam controle. Da forma como se encontravam não acreditava que fossem “[...] o lugar mais adequado para formar as almas<sup>192</sup>”. Ledda apontou ainda como aspectos relevantes que “[...] não existem programas didáticos detalhados e que os inspetores didáticos, como normalmente são chamados, são incompetentes, quando não são

---

<sup>190</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 30/09/1932, p. 1. Maço 785. Trata-se de um relatório de quatro páginas, dirigido à DGIE.

<sup>191</sup> Idem.

<sup>192</sup> Idem.

analfabetos<sup>193</sup>. (Tradução nossa).

Particularmente sobre a falta de programas didáticos, recordam-se as afirmações de Adelchi Colnaghi, no início do século, por ocasião de sua avaliação dos exames finais das quatro escolas então existentes, das quais duas eram a *Umberto I* e a *Principessa Elena*.

Sobre a *Scuola Umberto I*, assim se expressou o Diretor Didático:

[...] 15 crianças de três a cinco anos (os inscritos são 30) [...] são obrigados a passar o turno escolar juntos com os alunos das classes elementares. A professora se obriga a mantê-los e educá-los. Ao mesmo tempo deve atender ao ensino paralelo das duas línguas obrigatórias, a italiana e a portuguesa. Com os meios atuais e com os métodos em uso e tudo mais se consegue somente ensinar as noções fundamentais de leitura e escrita, de aritmética e, arduamente, não para todos os alunos, com grande sacrifício do espírito e do corpo das pobres crianças que frequentam essas escolas.<sup>194</sup> (Tradução nossa).

Quanto ao aspecto físico, relatou que, na *Umberto I*, lecionava na sala de jogos, que era somente separada por um divisória de madeira, enquanto na *Principessa Elena* ministrava as aulas no salão social, mesmo local que, há muitos anos, era usado para as atividades festivas. Na continuidade, salientou que as duas sociedades estavam desprovidas de salas de aula e que o ambiente usado para o ensino nada tinha de escolar. A descrição do ambiente mostrou-se rica em detalhes, pois explicou, claramente, que o salão da sociedade estava adaptado para uma escola e que a sala de aula era somente um arremedo, visto que esta era utilizada para fins sociais e não escolares.

Enormes espelhos nos cantos decorados que refletem o olhar severo ou o rosto pensativo dos sócios beneméritos, ou amigos da sociedade eternizados nas fotografias fixadas em grande número nas paredes para perene recordação pelas suas obras; majestosos lustres, cadeiras inumeráveis; poltronas e de outra parte, humildes e envelhecidos bancos escolares, uma mesa, alguns mapas e poucos quadros para as lições específicas atestam a existência da escola [...]. Grandes e belas janelas, mesmo que desprovidas de cortinas, são as únicas coisas que estão à disposição e favorecem o ânimo daqueles que ficam pensando o destino dos alunos que consigo passam o dia.<sup>195</sup> (Tradução nossa).

Professor Ledda refletira que aquele era o momento oportuno para

<sup>193</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 30/09/1932, p. 1. Maço 785. Não foi possível identificar os inspetores das escolas deste período.

<sup>194</sup> Idem.

<sup>195</sup> Ibidem, p. 2.

organizar as escolas e fazer com que os alunos “[...] amem a Itália fascista com a qual serão levados a estabelecer relações intelectuais e econômicas<sup>196</sup>”. (Tradução nossa).

Ledda julgou tal ideal oportuno, pois observou que para os italianos da capital “[...] as preocupações de ordem econômicas cessaram cedendo o lugar àquelas de ordem ideal. A educação dos filhos se impõem urgente neste exato momento<sup>197</sup>”. (Tradução nossa). A afirmação de que as preocupações econômicas estavam em segundo plano foi retomada quando referiu que havia “uma nascente burguesia” que frequentava várias escolas religiosas católicas, protestantes e escolas alemãs. Não se furtou, ainda, em lamentar que:

[...] as nossas [escolas] não gozam infelizmente de boa fama, sobretudo porque não garantem uma séria preparação na continuidade dos estudos” a ponto de que os alunos da terceira e quarta série “não sabem ler o italiano ou o lêem pessimamente para lerem pior ainda o português.<sup>198</sup> (Tradução nossa).

Aqui, pode-se recordar o que Giron, no artigo *Colônia Italiana e Educação* (1998, p. 99), escreveu sobre o caráter de um ensino meramente ilustrativo ou complementar às escolas nacionais: “As escolas italianas que funcionavam na região colonial durante o período de 1922 e 1938 tinham mais caráter de extensão do que de ensino. Funcionavam como complementares da escola nacional. Foram organizadas apenas nas regiões urbanas”.

Talvez fosse um pouco esta a realidade encontrada por Luigi Ledda e a qual ele queria reverter. Embora a avaliação de Giron tenha sugerido abranger as escolas das sociedades italianas de Porto Alegre, não existem elementos em seu texto de que tenha investigado as escolas da capital e constatado o caráter de “extensão” após a reorganização.

Aliás, as escolas étnicas italianas da capital, após sua reorganização, mostraram ter não só a inicial preocupação das primeiras escolas étnicas de proporcionarem a possibilidade de ler, escrever e contar, mas de fornecerem uma educação moderna e variada com professores adequadamente formados para as suas respectivas atividades, visando ao ingresso dos alunos no ensino ginasial com igual grau de competição, como será visto a seguir.

<sup>196</sup> ASMAE- Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 30/09/1932, p. 2. Maço 785.

<sup>197</sup> Idem.

<sup>198</sup> Idem.

Ledda diagnosticou a realidade antes da reorganização e estabeleceu alguns motivos da fragilidade:

[...] não existem professores para o ensino da língua local e os alunos não conhecem e nem mesmo ouviram falar das obras como *Cuore*<sup>199</sup>, *Pinocchio* e outros livros para a infância, bem como não estudaram nenhuma lição de ciência, não conhecem a história do local e do *Risorgimento*; o mesmo para a geografia. [...] os alunos da primeira série não sabem a alegria das cores, dos cantos infantis e confundem os exercícios de leitura e de escrita, sons e sinais.<sup>200</sup> (Tradução nossa).

O texto de Ledda enfatizou que o conjunto negativo de elementos identificados não se devia ao fato de que os professores não trabalhavam. Estes, salientou Ledda, eram laboriosos e sacrificavam todo o seu tempo e todas as suas energias para o bem da escola. O Diretor Didático apontou que às famílias se devia também o estado atual das coisas pois “[...] as famílias dos alunos que descuidam da frequência escolar e definem que a aritmética tenha preferência sobre o italiano ou vice-versa, tirando, em caso contrário, os filhos da escola<sup>201</sup>”. (Tradução nossa).

A minúcia do relatório deixou claro que os horários seguidos pelas duas escolas era igual ao das escolas brasileiras, com aulas todas as manhãs, das oito horas e trinta minutos até às onze horas e trinta minutos. À tarde, com exceção da quarta-feira, da quinta-feira e do sábado, iniciava às quatorze horas com término às dezoito horas.

Ledda advertiu que, no próximo ano (trata-se de 1933), “[...] organizando um calendário escolar ter-se-á o cuidado de reduzir os feriados, considerando ainda que nos dias chuvosos as escolas ficam completamente desertas<sup>202</sup>”. (Tradução nossa).

Outro ponto importante é que não existiam registros eficientes da presença dos alunos, bem como não eram usados boletins para registro do aproveitamento escolar e da classificação dos alunos por mérito.

Não existem registros de aulas fidedignos e adequados, bem como não são usados boletins. As classificações dos alunos são notificadas

<sup>199</sup> Aqui Ledda faz uma referência possivelmente ao livro *Cuore Lontano*, editado pela Mondadori em 1922 (PASCIUTI, DI GIUSTI), com apelos ao orgulho da pátria distante.

<sup>200</sup> ASMAE- Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 30/09/1932, p. 2. Maço 785.

<sup>201</sup> Ibidem, p. 3.

<sup>202</sup> Idem.

para as famílias semestralmente com base aos resultados das provas [...] **Como se vê nada da legislação escolar italiana e menos ainda da reforma escolar.**<sup>203</sup> (Tradução e grifo nossos).

Ledda possivelmente se referiu à Reforma Gentile que se deu de forma discreta a partir de 1923/1924, a qual se propunha a acabar com “todas as velharias” e a renovar radicalmente o Ensino Primário. A proposta era assim resumida por Mussolini: “[...] os professores são constrangidos a estudar, a modernizar seus cérebros e não a anquilozá-los na repetição de livros antigos. Os estudantes devem estudar porque este é seu dever”. (MUSSOLINI *apud* GIRON, 1998, p. 103).

**Quadro 22: Perfil dos alunos da *Scuola P. Elena di Montenegro* (1932)**

	Inscritos									Frequentantes										
	Gênero			Nacionalidade				Religião		Gênero			Nacionalidade				Religião			
Série	M	F	Total	Italianos	Origem aliata	Estrangeiros	Total	Católicos	Israelita	Total	M	F	Total	Italianos	Oriem italiana	Estrangeiros	Total	Católicos	Israelita	Total
Preparatória	3	2	5	-	3	2	5	5	-	5	2	2	4	-	2	2	4	4	-	4
I	7	8	15	1	5	9	15	12	3	15	4	6	10	1	4	5	5	9	1	10
II	8	6	14	1	4	9	14	10	4	14	6	5	11	1	4	6	11	9	2	11
III	3	3	6	1	3	2	6	4	2	6	3	3	6	1	3	2	6	4	2	6
IV	1	-	1	-	1	-	1	1	-	1	1	-	1	-	1	-	1	1	-	1
Total	22	19	41	3	16	21	41	32	9	41	16	16	32	3	14	15	32	27	5	32

Fonte: ASMAE- Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 30/09/1932, Anexo. Maço 785.

Ledda tinha um zelo pelos relatórios e estes possuíam mormente tabela sobre número de alunos inscritos, frequentantes, origem, religiosidade, entre outros. Abaixo, no Quadro 22, apresenta-se o perfil dos alunos da *Scuola Principessa Elena di Montenegro* relativo ao ano de 1932 e, no Quadro 23, o perfil dos alunos da *Scuola Umberto I*, referente ao mesmo período.

<sup>203</sup> ASMAE- Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 30/09/1932, p. 3. Maço 785.

Quadro 23: Perfil dos alunos da *Scuola Umberto I* (1932)

	Inscritos										Frequentantes									
	Gênero			Nacionalidade				Religião			Gênero			Nacionalidade				Religião		
Série	M	F	Total	Italianos	Origem Italiana	Estrangeiros	Total	Católicos	Israelitas	Total	M	F	Total	Italianos	Origem Italiana	Estrangeiros	Total	Católicos	Israelitas	Total
Preparatória	10	20	30	2	5	23	30	30	-	30	8	7	15	2	5	8	15	15	-	15
I	6	9	15	1	6	8	15	15	-	15	7	6	13	1	5	7	13	13	-	13
II	11	6	17	1	6	10	17	16	1	17	5	9	14	1	5	8	14	13	1	14
III	3	5	8	-	4	4	8	8	-	8	2	5	7	-	3	4	7	7	-	7
IV	1	2	3	1	2	-	3	3	-	3	1	2	3	1	2	-	3	3	-	3
Total	31	42	73	5	27	41	73	71	1	73	23	29	52	5	20	27	52	51	1	52

Fonte: ASMAE- Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 30/09/1932, Anexo. Maço 785.

No Quadro 23, referente à *Scuola Umberto I*, Luigi Ledda classificou como estrangeiros os brasileiros, os americanos do Sul e os alemães num total de 27 alunos inscritos, os quais eram assíduos frequentadores como bem se nota ao visualizar o referido quadro. Observa-se, ainda, que a maioria dos alunos eram adeptos do catolicismo.

Em 1932, havia uma série preparatória na *Scuola Umberto I* e na *Principessa Elena*. Em 1933, houve uma decisão de Ledda de não mais manter essa série preparatória, como já foi referido anteriormente, no capítulo 3 deste trabalho.

Do conjunto das observações feitas pelo professor Ledda, ele concluiu que os dados eram suficientes para a DGIE notar a necessidade de providenciar para o ano de 1933 o material didático adequado para as aulas e para a reorganização. Era necessário:

Dotar essas escolas de bom e indispensável material subsidiado disponibilizando-o antes do período das inscrições escolares, o próximo ano, na Dante, seria também ajudar de maneira séria a propaganda a favor de seu desenvolvimento, especialmente se nesta mostra estivesse o material de trabalhos manuais [...]. Tanto uma escola como a outra não tem a bandeira da Itália, biblioteca, não

possuem o Comunicado Diaz<sup>204</sup> e os decorosos quadros de Sua Majestade o Rei, de Sua Majestade a Rainha, do *Duce*; não existe uma coletânea de belezas artísticas naturais da Itália. Para este ano o senhor cônsul Geral não crê oportuno fazer as trocas para um andamento diferente das escolas. Este último período é melhor dedicá-lo a estudar o ambiente e ver aquilo que é possível fazer.<sup>205</sup> (Tradução nossa).

O professor Ledda terminou o relatório anunciando que o programa de reorganização das escolas compreenderia a realização das obras de reforma necessárias nos educandários, as quais seriam subsidiadas, a fundação de uma sociedade de ex-alunos e a criação de cursos noturnos.

Em outro relatório à DGIE, de 1932, depois dos exames finais, Ledda fez seus apontamentos, lamentando a situação das escolas e referindo que teria muito trabalho pela frente, mas que a calma, o amor, a seriedade e a habilidade seriam suas armas. O professor Ledda deu detalhes da vida escolar que deveria mudar:

O alunos a mim confiados, espelho fiel da situação escolar em geral, eram indisciplinados, não observavam o horário, faltavam à escola durante a estação chuvosa, não a frequentavam regularmente nos outros períodos, não cuidando-se de justificar as ausências. Nos cadernos e nos livros havia muita desordem, um mundo variado de desenhos e bonecos [...] De resto falavam os cadernos: exercícios áridos e inócuos de análise gramatical enquanto os alunos não sabiam nem ler ou falar. Operações com números fabulosos e o primeiro da classe não sabia ler um número dentro dos limites do programa. Exercícios asfixiantes de cópia e os alunos da quarta classe não sabiam nem os “nexos” entre duas letras.<sup>206</sup> (Tradução nossa).

A dificuldade de manter uma turma de alunos com classes variadas foi identificada. Ledda ponderou que:

Não podia ser diferente: a professora obrigada a ensinar a escrita e a leitura italiana e portuguesa desde a primeira classe, e manter reunidas todos os dias as classes não podia ou não sabia o que fazer escrever; fazia-os escrever para mantê-los ocupados.<sup>207</sup> (Tradução nossa).

<sup>204</sup> Referência ao Comunicado do Comando Supremo do Exército da Itália que anunciava o fim da Primeira Guerra Mundial com a vitória do Exército Italiano. Tal nome do comunicado se relaciona diretamente com o nome do comandante do exército italiano que se chamava Armando Diaz.

<sup>205</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 30/09/1932, p. 3-4. Maço 785.

<sup>206</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 16/12/1932, p. 3. Maço 785. Trata-se de um relatório de seis páginas endereçado à DGIE. Neste, Ledda salientou ainda mais a precariedade didática das escolas *Umberto I* e *Principessa*, bem como os resultados pouco satisfatórios da aprendizagem.

<sup>207</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 16/12/1932, p. 3. Maço 785.



Ledda julgava que se deveria ensinar na primeira classe somente o italiano e, depois, o português nas séries seguintes. No mais, salientava que, para uma mudança, era necessário “[...] conquistar aos poucos as famílias e os alunos, sem imposições, sem desprezar o passado<sup>208</sup>”. (Tradução nossa).

#### 4.3.2 Mario Carli: “não economizar no envio do material escolar”

*“[...] as linhas gerais da reorganização escolar nesta jurisdição consular são a mim devidas – a sua realização prática não teria sido fácil de efetuar sem a eficaz colaboração do professor Ledda, ao qual dirijo meu pleno elogio.”*  
(ASMAE- Archivio Scuole, 1929-1935. COR. MARIO CARLI, 20/05/1933. Maço 785)

Mario Carli, conhecedor do relatório do professor Ledda, de 13 de setembro de 1932, escreveu para o ministro da DGIE, anexando o referido documento de Ledda. Na comunicação, salientou que o relatório de Ledda “[...] traça com muita precisão a situação na qual se encontram as duas escolas da Sociedade *Elena di Montenegro* e *Umberto I*<sup>209</sup>”. (Tradução nossa).

Mario Carli escreveu que o tempo que separava o início das aulas do próximo ano seria empregado para reorganizar as duas escolas e criar uma terceira que julgava necessária. Na sequência, resumiu, dentro de sua visão, alguns elementos que não podiam faltar para que as escolas fossem, de fato, italianas. Assim, para Mario Carli, “[...] toda escola italiana deve estar provida por um professor titular italiano, que desenvolva todo o programa de ensino estabelecido pelo Régio Governo<sup>210</sup>”.

Segundo ele, o consulado poderia suportar as despesas de três escolas com cerca de 50 alunos cada. Enfatizou, assim, que cada escola deveria ter, além do professor italiano, um “[...] professor brasileiro para o ensino da língua portuguesa e dos poucos conhecimentos locais que, acrescentados ao nosso programa, consigam dar ao aluno primário uma completa instrução elementar<sup>211</sup>”. (Tradução nossa).

Na comunicação à DGIE, ficou evidente o interesse de Mario Carli pelo ensino de italiano nos institutos médios da capital, pois, segundo ele, uma escola organizada dessa forma – aqui salienta-se, com professores brasileiros -

<sup>208</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 16/12/1932, p. 4. Maço 785.

<sup>209</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. MARIO CARLI, 04/10/1932, p. 1. Maço 785.

<sup>210</sup> Idem.

<sup>211</sup> Idem.

o autorizaria “[...] a obter do governo rio-grandense a reciprocidade de instituir nas escolas médias oficiais o ensino, ao menos facultativo, do italiano<sup>212</sup>”. (Tradução nossa). De fato, foi Mario Carli que conseguiu, como se pôde ver, implantar o ensino do italiano nos ginásios da capital a partir de 1933. Parte de sua estratégia visou à reciprocidade do governo brasileiro.

Outro elemento que Carli julgou importante foi a criação de uma Federação das Sociedades Italianas de Porto Alegre, a qual deveria ser responsável pelas despesas das escolas, bem como teria como obrigação participar da gestão delas, pois “[...] a soma que, portanto, se poderá dispor para o ensino, será notadamente mais elevada do que hoje as duas sociedades repartem para pagar mal uma professora<sup>213</sup>”. (Tradução nossa).

Como foi possível ver, em 1911, foi criada a Federação das Sociedades Italianas do Estado, que, porém, durou poucos anos. Nova tentativa de fundação de uma Federação que abarcasse todas as Sociedades e Associações italianas do Estado foi iniciada em 1929. A notícia no *Correio do Povo* de 03 de agosto de 1929 apontou que a ideia tinha “[...] encontrando o mais franco entusiasmo, tendo algumas delas já se manifestado aderindo francamente a essa iniciativa” (p. 4). Entre as corporações que haviam se manifestado, estavam: a *Dante Alighieri*, de Porto Alegre; a Sociedade Italiana de Mútuo Socorro, de Santa Maria; a Sociedade de Mútuo Socorro e Beneficência, de Bagé; a Sociedade *Regina Margherita*, de Bento Gonçalves; e a Sociedade Italiana Príncipe Umberto, de Cachoeira. Na ocasião, anunciou-se que a sede seria dentro da Sociedade *Dante Alighieri* de Porto Alegre. Ao que se pôde apurar, tal Federação não foi levada a cabo.

Porém, em 1932, nova proposta de reunir as diversas sociedades italianas<sup>214</sup> foi levada a efeito. Dessa vez, envolveu somente as sociedades italianas existentes em Porto Alegre. Fundou-se, assim, a Federação das Sociedades Italianas de Porto Alegre, ligada ao consulado italiano, “[...] podendo ser incluídas nessa Federação todas as sociedades e associações que

<sup>212</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. MARIO CARLI, 04/10/1932, p. 2. Maço 785.

<sup>213</sup> Idem.

<sup>214</sup> Cusano (1920, p. 72) refere que se destacava, em Porto Alegre, a *Società Italiana di Mutuo Soccorso Fratellanza Italia*, a qual “[...] além de subsidiar os sócios doentes, mantinha uma boa escola noturna na sua ótima sede social e subscreveu empréstimos nacionais”. (Tradução nossa). Não há outros registros dessa sociedade no *Cinquantenario* (1925) relacionando-a a Porto Alegre. Tratava-se, na verdade, da *Società Fratellanza Italia* de Barão do Triunfo.

professam a defesa e a afirmação da ideia de Pátria”. (*CORREIO DO POVO* 25/08/1932, p. 7). A proposta de Mario Carli se concretizara. Tal Federação surgiu com vários propósitos.

Acaba de ser fundada, nesta capital, a Federação das Sociedades italianas de Porto Alegre. Dos respectivos estatutos, constam os seguintes capítulos, com relação aos fins da nova agremiação: “A fim de evitar dispersão de forças e envolver num só feixe de ação todas as Associações e entes italianos desta capital, está constituída a Federação das Sociedades Italianas em Porto Alegre. A Federação estabelece seu domicílio local em Porto Alegre, junto às repartições do Consulado Geral da Itália, sua sede será na Casa dos Italianos após as necessárias adaptações. Podem participar da Federação todos os Entes e Associações entre italianos da capital do Estado do Rio Grande do Sul que professam a defesa e a afirmação da ideia da Pátria. Por tal motivo o *Fascio di Combate* terá o primeiro posto entre as sociedades confederadas. A Federação propõe-se os seguintes fins: - cooperar para que seja mantido e defendido, nas corporações italianas, o sentimento da concórdia e da italianidade, promovendo a união moral e material de toda a colônia procurando para que ela saiba melhor apreciar a grandeza da nação de origem e faça conhecer à Pátria as obras que desenvolve e as necessidades de que precisa; - **promover a constituição e o incremento das instituições de assistência, de previdência e de cultura, dando sempre maior impulso ao desenvolvimento das escolas, coeficientes máximos da italianidade**; - sustentar as causas dos entes confederados, intervindo na tutela de seus direitos; - intensificar as relações com a Mãe-Pátria, procurando aproximar-se a ela promovendo e estimulando passeios individuais e coletivos; organizar e festejar nas suas sedes qualquer comemoração, festa e manifestações de caráter nacional; - denunciar à autoridade consular qualquer iniciativa particular ou coletiva que tenha em mira desfrutar, com intenção de lucro pessoal e patriotismo e a boa fé dos compatriotas; - a eventual dissolução da Federação das sociedades italianas de Porto Alegre só poderá ser efetuada por deliberação do governo italiano representado pelo cônsul geral de Porto Alegre sendo por causas políticas não discutíveis. Em caso de dissolução os fundos e as propriedades da Federação serão, pelo Presidente cônsul geral, distribuídas em partes iguais entre as sociedades confederadas. Assina Dr. Lorenzo Lotti – secretário. (*CORREIO DO POVO* 25/08/1932, p. 7; grifo nosso).

Como bem se nota, a Federação das Sociedades Italianas de Porto Alegre tinha como preocupação o “impulso e o desenvolvimento das escolas”, que, sabidamente, eram propulsoras da italianidade. No âmbito individual, as sociedades italianas porto-alegrenses eram ciosas pela educação dos seus, o que se refletiu quando da criação da Federação. Nota-se que “o primeiro posto” foi reservado ao “fascio de combate”, bem como a secretaria ficou a cargo do secretário dos fâscios, à época o doutor Lorenzo Lotti. Com a constituição de uma Federação, ficaria mais fácil o apoio às escolas, estratégia definida por

Mario Carli.

Assinavam e aderiam à Federação: o Presidente da *Dante Alighieri*, Dr. Duilio Bernardi; Presidente da *Vittorio Emanuele II*, Dr. Michele Dariano; o Presidente da *Umberto I*, senhor Angelo Peroni; o Presidente da *Elena di Montenegro*, senhor Nicola Soriero; o Presidente da Sociedade *Canottieri Duca Degli Abruzzi*, senhor Aurélio Mottin; o Presidente da *Unione Ufficiali in Congedo*, senhor Vittorio Scatizzi; o Presidente do *Reduci di Guerra*, senhor Italo Giaccioli.

Observa-se que, mesmo as associações que não mantinham escolas, como a *Canottieri*, a *Unione Ufficiali in Congedo* e a *Reduci di Guerra*, tornaram-se oficialmente apoiadoras das iniciativas escolares.

Dentro da estratégia de beneficiar as escolas quanto ao seu projeto modernizador, Mario Carli referiu a Piero Parini a possibilidade de vender a *Italica Domus*, a fim de adquirir uma casa com grande espaço externo para transformá-la num campo esportivo aos cuidados do *Dopolavoro*. Tal intento não se efetivou. A solução seria, então, alugar um espaço amplo. Em 1935, isso se concretizou com o aluguel do Campo Ítalo Balbo. O grupo *Dopolavoro*, responsável por assistência social e pela difusão do esporte, somente se estruturou na capital em 1937, quando um grupo de italianos reunidos na *Italica Domus* propôs a sua criação como se pôde localizar no jornal *La Voce d'Italia*:

No dia 28 de abril, na *Italica Domus*, sob a presidência do régio cônsul Barbarisi, reuniu-se um discreto número de compatriotas, a maioria pertencente às sociedades locais para acordarem acerca da fundação do “Dopolavoro”. Depois de um magnífico discurso do professor Elvezio Marini a respeito discutiu-se e foram aprovadas as providências para dar vida nesta capital à benéfica e útil instituição. (*LA VOCE D’ITALIA*, 30/04/1937, p. 3; tradução nossa).

Na sequência da comunicação ao ministro Parini, Carli sugeriu que fossem alugadas casas para uso exclusivo das escolas, colocando-as em postos estratégicos, em que haja maior densidade de italianos. Segundo Carli, o custo das escolas estava estimado em 27.500 liras (18 contos de reis à época). Ora, Carli sugeriu dividir o subsídio anual para as escolas de Porto Alegre de 10.000 liras, como já havia feito no ano de 1932<sup>215</sup>. Carli finalizava sua missiva ao ministro sugerindo a ele **“[...] não economizar no envio do material**

<sup>215</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. MARIO CARLI, 04/10/1932, p. 3. Maço 785.

escolar, o qual não se deve limitar somente aos livros de texto das cinco séries<sup>216</sup>” (Tradução nossa), aos quais era oportuno acrescentar outros.

O Quadro 24, que segue abaixo, apresenta uma relação de outros materiais solicitados para além daqueles destinados exclusivamente para as escolas. Como se pode observar, os livros solicitados, além das gramáticas, versavam sobre a ideologia fascista e o sobre o direito.

**Quadro 24: Relação de material solicitado pelo cônsul Mario Carli**

<b>Quantidade</b>	<b>Material</b>
400	<i>Grammatiche</i> (além das 100 já referidas)
12	<i>Biblioteche per i fascisti</i>
100	<i>Storia del Fascismo di Pini di Bresadola (Libreria del Littorio)</i>
10	<i>La Carta del Lavoro (Ed. Diritto del Lavoro)</i>
10	<i>Comento alla Carta del Lavoro- di A. Mussolini</i>
10	<i>Disciplina giuridica dei rapporti Coll.del lavoro (Giurisp. Lavoro)</i>
20	<i>L'organizzazione sindacale italiana (Giurisprudencia del lavoro)</i>
25	<i>Lo Stato Corporativo – di Paolo Orano (Tipografia Camera dei Deputati)</i>
25	<i>Fascismo, Chiesa e Risorgimento (Tipografia Camera dei Deputati)</i>

Fonte: ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. MARIO CARLI, 04/10/1932, p. 4. Maço 785.

Além da relação acima, Mario Carli acrescentava que deveriam enviar também “[...] grandes fotografias dos Soberanos e do *Duce* para distribuir nas Escolas e nos grupos dos fâscios, ao menos trinta de cada. Mapas da Itália e colônias e fotografias de heróis e mártires da Guerra e da Revolução<sup>217</sup>”. (Tradução nossa).

No anexo à correspondência, Mario Carli relacionou o material necessário para a abertura das escolas para o ano de 1933. Diligentemente elaborado pelo Diretor Didático, a relação continha o material considerando as cinco séries, além de materiais diversos como Bandeira da Itália, fotografias, discos patrióticos e educativos, livros para a instituição de uma biblioteca e materiais para os trabalhos manuais dos alunos.

<sup>216</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. MARIO CARLI, 04/10/1932, p. 3. Maço 785.

<sup>217</sup> Ibidem, p. 4.

**Quadro 25: Relação de material necessário para a abertura das escolas italianas de Porto Alegre para o ano de 1933**

Série	Materiais
Primeira classe	<i>Quadri murali per le Nozione varie; Incisioni alfabetiche; Incisioni numeriche; Lavagnette portatili; Gessetti a colore; Attrezzi per giuochi e giardinaggio.</i>
Segunda e terceira classes	<i>Quadri murali per l'insegnamento delle scienze e dell'igiene; Cartelloni con figure geometriche; Un metro; Carta d' Italia con pochi nomi; Carta dell 'America del Sud; Una sveglia ed un orologio murale finto; Qualche ritratto di grande uomo del Risorgimento; Tavola pitagorica animata; Cartelloni dei pesi e delle misure.</i>
Quarta e quinta classes	<i>Quadri di storia antica; Cartellone con i principali simboli delle carte topografiche; Carta d'Europa; Un globo; Quadri di storia italiana; Riproduzione di monumenti nazionali; Qualche grande fotografia di grandi opere costruite dal Governo Nazionale; Carta murale delle Colonie italiane; Carte di propaganda aeronautiche; Solidi geometrici; Attrezzi ginnastici.</i>
Material escolar para o trabalho manual	<i>1) Plastica – Tavolette per modellare – Stecche di legno forte in forme diverse – Plastilina. 2) Ricamo, disegno e pittura infantile – Cartoncini traforati per i primi esercizi di ricamo – Cartoncini con figure colorate punteggiate per ricamo – Cartoncini con disegno colorati a rilievo. Punteruoli di acciaio. 3) Piegatura – Frastaglio – Cartoncini colorati – Carta lucida – Carta colorata comune, bianca, in foglietti – Forbici – Stecche per piegare la carta. 4) Tessitura – Modelli – Carta lucida – Fettucce di carta lucida – Piniette.</i>

Fonte: ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. MARIO CARLI, 04/10/1932, Anexo. Maço 785.

Do conjunto do material solicitado para o início das aulas de 1933, observou-se que, de acordo com o relatório trimestral de Luigi Ledda, de maio de 1933, havia chegado até as escolas somente livros e propaganda<sup>218</sup>.

A reorganização das escolas foi, de fato, uma iniciativa do cônsul Mario Carli, tendo percebido a realidade dos estabelecimentos de ensino da capital. Foi o próprio cônsul, em correspondência de 20 de maio de 1933, que relatou os primeiros frutos da reorganização, poucos meses depois do início das aulas, deixando claro que “[...] as linhas gerais da reorganização escolar nesta jurisdição consular são a mim devidas – a sua realização prática não teria sido fácil de efetuar sem a eficaz colaboração do professor Ledda, ao qual dirijo meu pleno elogio e agradecimento<sup>219</sup>”. (Tradução nossa).

Carli explicou que tal plano de reestruturação por ele concebido fora “[...] submetido à aprovação desta Direção Geral e depois ao Governo do

<sup>218</sup> ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, maio de 1933. Maço 785. Trata-se de um relatório de oito páginas manuscritas a respeito dos primeiros meses após a reorganização das escolas.

<sup>219</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. MARIO CARLI. 20/05/1933. Maço 785. Trata-se de um Ofício de Mario Carli ao Ministro Piero Parini, relatando o sucesso da reestruturação das escolas.

Estado do Rio Grande do Sul<sup>220</sup>”. (Tradução nossa). Carli tinha um duplo interesse, a saber:

Colocar as escolas italianas em condições de não permitir aos seus alunos o apagamento da língua, da história e dos costumes da mãe pátria, bem como permitir a todos os que estão destinados a passar a vida inteira no Brasil, de não sentir desconforto ignorando os elementos culturais autóctones indispensáveis a qualquer carreira, a ponto de forçar a frequência nas escolas locais onde falta o ensino do italiano e [...] concedido o ensino do português em nossas escolas em igualdade de condições com o francês [...] os alunos egressos das escolas italianas elementares se sentirão levados a continuar o estudo nos Ginásios.<sup>221</sup> (Tradução nossa).

Tais princípios norteadores renderam o primeiro fruto: o governo do Estado do Rio Grande do Sul nomeara duas professoras de língua portuguesa que foram enviadas para a *Scuola Umberto I* e para a *Principessa Elena*, ficando na expectativa da nomeação de outras duas para a *Scuola Dante Alighieri* e *Vittorio Emanuele II*. Assim, o governo estadual solicitou um professor de língua e literatura italiana para os ginásios estaduais, tendo sido iniciadas as aulas ainda no mês de maio de 1933, com o professor Gino Battocchio, como foi visto anteriormente.

#### 4.3.3 “Foram inauguradas oficialmente as quatro escolas italianas de Porto Alegre”

“Realiza-se, assim, uma aspiração que, desde ontem, parecia para aos italianos aqui residentes uma coisa irrealizável.”  
(A FEDERAÇÃO, 01/03/1933, p. 4)

Chegara o dia. O esforço do consulado e o firme propósito de reorganizar as escolas, após quase um ano de tratativas, ganhou uma data festiva: seis de março de 1933<sup>222</sup>, sob a batuta de um único maestro e com programas homogêneos. Um desejo se fez realidade. Veja-se a matéria que levava o título *A reorganização radical das Escolas Italianas* no jornal *A Federação*:

<sup>220</sup> ASMAE- Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. MARIO CARLI. 20/05/1933, p. 1. Maço 785.

<sup>221</sup> Ibidem, p. 1-2.

<sup>222</sup> Pelo que se pôde concluir, as aulas começaram no dia 6 de março de 1933, e a solenidade oficial ocorreu alguns dias depois, no dia 23 de março de 1933.

No dia 6 de março começarão a funcionar nesta capital as escolas italianas, reorganizadas sobre bases modernas, entoadas ao ambiente e embaixo da guia de uma única direção didática à dependência do Real Consulado Geral da Itália. **Realiza-se assim uma aspiração que, desde ontem, parecia para os italianos aqui residentes uma coisa irrealizável.** No mesmo tempo, as escolas da colônia italiana, completamente reformadas, representam para a grande nação amiga e hospitaleira, um fator de progresso e reconstituem, sem dúvida, um dos instrumentos mais aptos para uma mais sincera fraternidade entre o Brasil e a Itália. Além da língua italiana, é obrigatório nelas também o ensino da língua portuguesa, juntamente as outras matérias necessárias para dar, aos filhos dos italianos aqui residentes uma exata percepção histórica geográfica e variada do Brasil. Isto é o conhecimento completo dos programas escolares imposto pela lei brasileira. Mas se de grande importância pode-se considerar esta reforma do endereço educativo, tecnicamente no mundo escolar, constitui uma grata surpresa de grande interesse. **É suficiente dizer que os programas de ensino são os mesmos traçados para a educação primária, pela recente reforma das escolas italianas. Estes programas ainda não conhecidos no Brasil são originais, nos seus conjuntos e nas suas singulares partes; originais e orgânicos. Tendem, sobretudo, a repelir o entendimento à exterioridade da cultura e da erudição, a vaidade da doutrina mnemônica e miram ao desenvolvimento e aperfeiçoamento da interioridade conforme um método imitado em todo mundo.** Simples, esbeltos e sintéticos lascados sobre as leis da formação da alma infantil, representam a última novidade em fato de instrução primária. O ensino é o seguinte: Religião, Ensino facultativo em todas as aulas, conforme as tradições católicas; Ensino artístico (canto, desenho e bela escritura, leitura expressiva e recitações, em todas as aulas); Leitura e exercício escritos da língua italiana e portuguesa; Aritmética (em todas as aulas); Noções variadas em todas as aulas; Elementos de ciências físicas e naturais, noções orgânicas de higiene a começar do 4º ano; Geografia e história italiana e brasileira a começar do 3º ano; Primeiras noções de direito e economia (só no 5º ano); Ocupações intelectuais e de economia (só no 5º ano); Ocupações intelectuais e recreativas (em todas as aulas); Ginástica e jogos, jardineira, trabalhos manuais e femininos, curativos higiênicos em todas as aulas. Provisoriamente, as aulas das escolas Italo-Brasileiras, reconhecidas como tais e embaixo da proteção do Real Consulado Geral da Itália, são as seguintes: Escola “*Dante Alighieri*” (Rua Misericórdia, 108). Escola “*Umberto I*” (Rua Visconde do Rio Branco, esquina da Quintino Bandeira). Escola “*Elena di Montenegro*” (Rua João Telles, n. 317). Escola “*Vittorio Emanuele II*” (Rua 7 de Setembro). Podem se inscrever nelas todos os alunos não maiores de 14 anos e não menores de 6. As inscrições recebem-se junto a secretaria do Consulado da Itália e em cada das ditas escolas. O início oficial das Escolas terá lugar segunda-feira, dia 6 de março, às 8 horas da manhã (horário festivo). (A *FEDERAÇÃO*, 01/03/1933, p. 4; grifo nosso).

Na manchete da Figura 43, lê-se: “No dia 23 de março, na sede da Dante Alighieri, foram inauguradas oficialmente as quatro escolas italianas de Porto Alegre”. Ao pé da mesma figura, lê-se: “Aqui uma representação dos alunos das quatro escolas, na presença do Régio Cônsul Geral da Itália, do



Diretor Didático, do Secretário dos Fâscios, dos presidentes das Sociedades de Instrução e de alguns pais de família”. Na imagem, a uniformidade, desejada há muito tempo, ficou estampada na homogeneidade das vestes brancas que todos os alunos, ao menos naquela data, vestiam.



Figura 43: Inauguração oficial das quatro escolas italianas de Porto Alegre (1933)  
 Fonte: Jornal *La Nuova Italia* (29/03/1933, p. 1).

A reorganização também foi comentada no jornal *Nuova Italia*, de 25 de março de 1933, sob o título *La nuova organizzazione* (A nova organização). Saudando a boa notícia da nova estrutura escolar entre os italianos da capital, o articulista elogiava as sociedades locais que ao “[...] convite da régia autoridade consular todos responderam com entusiasmo. E foi como uma competição para ver quem fazia o melhor e quem fizesse mais” (p. 3; tradução nossa). Na mesma matéria, vê-se que a *Sociedade Elena di Montenegro* “[...] foi atrás de tudo fazer para a reinauguração [...] e a *Vittorio Emanuele II* aprontou uma nova escola com material todo novo.” (p. 3). Quanto à *Dante*, esta cederia o seu melhor espaço e “[...] adequou-o segundo as normas didáticas solicitadas” (p. 3). Quanto à *Umberto I*, “[...] renovou todos os bancos e salas de aula escolares” (p. 3). Mais duas sociedades haviam se envolvido com o ensino elementar. Agora havia quatro escolas. Uma rede se estruturava.

Concluía o articulista do jornal *Nuova Italia* numa enérgica declaração patriótica:

Enquanto assistimos o deplorável abandono das coletividades italianas dos outros Estados e de outros países, registramos com orgulho o exemplo de Porto Alegre cujas escolas se encaminham para o futuro luminoso cujo reflexo nos vem da sempre grande e imortal Roma. (*NUOVA ITALIA*, 25/03/1933, p. 3; tradução nossa).

A proposta de reorganização explicitada no jornal visava “[...] repelir o entendimento à exterioridade da cultura e da erudição, a vaidade da doutrina mnemônica e mira o desenvolvimento e aperfeiçoamento da interioridade conforme um método imitado em todo mundo” (p. 3; tradução nossa). O discurso renovador anunciado pareceu estar alinhado a alguns princípios do movimento da Escola Nova que também teve teóricos na Itália, como Giuseppe Lombardo Radice<sup>223</sup>, o qual havia trabalhado com Giovanni Gentile na elaboração dos programas para as escolas elementares quando da reforma na década de 1920.

Imitar o modelo aplicado na Itália, sob o ponto de vista curricular, significava, como aponta Giron (1998, p. 103), “[...] redução das aulas teóricas, no aumento das aulas práticas, no corte em conteúdos considerados ‘superados’ (clássicos) e pelo acréscimo de uma educação física militar e de caráter eminentemente fascista”. De fato, houve uma indicação no programa didático das escolas para as “Atividades fascistas”, como será visto adiante.

No início do primeiro ano da reorganização, pôde-se observar, no resumo das escolas elaborado pelo Diretor Didático, datado de 02/05/1933, após cerca de dois meses do início das aulas, que as escolas possuíam, comparativamente, um número de alunos maior do que no ano anterior.

---

<sup>223</sup> Como descreve Cambi (1999, p. 518), “na Itália as escolas novas desenvolveram-se no âmbito do que Giuseppe Lombardo Radice definiu como ‘escola serena’. Tal escola inspirava-se num ideal de continuidade entre a escola e a família, numa valorização das atividades artísticas e numa visão da criança como artista espontâneo. Nela, portanto, o ensino perdia toda a rigidez preordenada e se desenvolvia segundo os princípios de ‘serenidade, equilíbrio, atividade, espontaneidade’. Claro está que há necessidade de estudos aprofundados sobre o modelo pedagógico e a base teórica organizadora dessas escolas.

Quadro 26: Resumo da situação das escolas em maio de 1933

Escola	Inscritos em 30 de abril	Frequência	Alunos de origem italiana	Alunos estrangeiros	Número de professores
<i>Scuola Dante Alighieri</i>	36	35	34	1	1
<i>Scuola Umberto I</i>	120	101	53	48	2
<i>Scuola Principessa Elena di Montenegro</i>	64	52	22	30	2
<i>Scuola Vittorio Emanuele II</i>	27	19	8	11	1
Total	247	207	117	90	6

Fonte: ASMAE- Archivio Scuole 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, maio de 1933. Maço 785

No Quadro 26, observa-se que, tanto a *Scuola Dante Alighieri* como a *Vittorio Emanuele II*, aparecem com menos alunos em relação à *Scuola Umberto I* e a *Scuola Principessa Elena*. Quanto à *Vittorio Emanuele II*, esta não começou as aulas na mesma data das demais, pois precisava fazer adaptações na sede da Sociedade, a qual localizava-se no centro e “[...] as inscrições foram mais lentas<sup>224</sup>”. Na *Scuola Dante Alighieri*, Ledda observava que o número de alunos estava bom e que já havia se afirmado de saída. Quanto ao perfil dos alunos, destacou: “[...] os alunos desta escola pertencem, na maioria, às melhores famílias de compatriotas aqui residentes e são provenientes dos melhores institutos brasileiros<sup>225</sup>”. (Tradução nossa).

A Sociedade *Dante Alighieri*, até a data de 1933, não havia mantido uma escola elementar. Já a *Sociedade Vittorio Emanuele II* desenvolvera atividades escolares até o final do século XIX e depois suspendera suas aulas em data não identificada. Ambas, com a abertura das atividades, tiveram que adequar seus ambientes. Assim, depois que o Instituto Augusto Menegatti fechou suas portas (pelo que se conclui ao final de 1930), restaram somente duas escolas italianas elementares na capital, a *Scuola Umberto I* e a *Principessa Elena di Montenegro*.

Por ocasião da reorganização proposta por Mario Carli, a Sociedade *Vittorio Emanuele II* e a *Dante Alighieri* decidiram abrir suas portas para acolher uma escola elementar, com a seguinte condição:

<sup>224</sup> ASMAE- Archivio Scuole 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, maio de 1933, p. 2. Maço 785.

<sup>225</sup> Ibidem, p. 3.

[...] que o Régio Governo contribuísse com as despesas pagando os professores, enquanto as Sociedades participavam dando gratuitamente o local, deixando por sua conta as despesas os bancos e as cátedras, além de instituírem uma escola noturna para adultos assumindo as suas despesas.<sup>226</sup> (Tradução nossa).

Na comunicação, Mario Carli salientava que, quanto às despesas com a professora Amélia, com a professora Feola, com o professor Rocco e com o assistente da *Scuola Umberto I*, elas ficariam ao encargo das Sociedades Italianas. O Governo italiano ficaria com as despesas do professor Ledda, do professor Leonardini, da professora Giaciolli e do assistente da Direção Didática. Ledda destacou que os professores de música nas escolas, Gnattali e Tosto, ensinavam música e canto gratuitamente, bem como estavam organizando uma banda musical.

Carli relatou que os alunos dessas escolas pagavam muito irregularmente as mensalidades, sugerindo que não se poderia exigir das famílias pobres. Tal pagamento irregular perfazia uma soma mensal de cerca de 200 mil réis e Carli estimou que a despesa do Governo italiano para as escolas elementares de Porto Alegre “[...] deve subir para a cifra de 17 contos se se quiser considerar ainda 500 mil réis para pequenas despesas de todas as escolas no ano<sup>227</sup>”. (Tradução nossa).

Mario Carli calculava que, traduzindo em liras, seria o equivalente a 21.000. Ponderava que a DGIE não teria dificuldades de dispor desta cifra, considerando que, para as duas pequenas escolas (*Umberto I* e *Princesa Elena*), já repassava 10.000 liras e que “[...] a formidável propaganda que as nossas instituições renovadas e reorganizadas fizeram em terra brasileira para o bom nome da Itália e o prestígio que, finalmente, atingiu a escola fascista<sup>228</sup>” (Tradução nossa) justificavam o auxílio.

A atividade da Direção Didática voltava-se também para a escolha de material didático e para a sua disponibilização. Em julho de 1934, o Consulado adquire o seguinte material escolar na Livraria Selbach, em Porto Alegre: 16 carteiras para aulas, 1 quadro negro, 1 esquadro, 1 compasso, 3 caixas de jogos Froebel (62500), 3 caixas de jogos Froebel (62560), 6 cadernos para recortes, 6 cadernos para recorte *Schreibers*, 3 cadernos para trabalhos

<sup>226</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. MARIO CARLI. 20/05/1933, p. 3. Maço 785.

<sup>227</sup> Ibidem, p. 4.

<sup>228</sup> Idem.

manuais, 40 modelos para recorte, 1 quilo de pastelina, 600 folhas de papel para dobradura, 300 folhas de papel para tecelagem, 9 envelopes alinhavos em cartão, 18 tesourinhas 1025/5, 24 agulhas para tecelagem, 25 miretes 61/15, 50 folhas de papel lustroso, cartolina, 15 jogos Habilidade Infantil. A Figura 44, que segue abaixo, apresenta a nota fiscal em que consta a assinatura do Diretor Didático e do cônsul Barbarisi.

**LIVRARIA SELBACH DE J. R. DA FONSECA & CIA**  
 LIVRARIA, TIPOGRAFIA, ESTEREOTIPIA, LINOTIPIA, PAPELARIA, ENCADERNACÃO, PAUTAÇÃO, DOURAÇÃO, MIUDEZAS, ARTIGOS ESCOLARES E RELIGIOSOS, LIVROS EM BRANCO, ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO, IMPRESSÕES EM ALTO RELEVO, MÁQUINAS DE FAZER MALHAS E MEIAS, APARELHOS E MAIS MATERIAIS INDISPENSÁVEIS PARA O ENSINO MODERNO, ETC.  
 Agentes das máquinas: THALES - para calcular, TORPEDO - para escrever

04 Snr.º CONSULADO DA ITALIA. P. Alegre, 31 de Julho de 1934.

Nesta.

NOTA	DIA	QUANT.	ARTIGO	PREÇO	TOTAL	DEVE	SOMA
55044	14	18	Carteiras para culas	53.000	954.000		
		1	Quadro negro		45.000		
		1	Esquadro 345		15.000		
		1	Compasso 313		15.000		
55019	10	3	Cze. Jogos Froebel #2500	25.000	75.000		923.000
		3	" " " #2550	25.000	75.000		
		6	Cedernos para recorte	5.000	30.000		
		5	" " " Schreibers	6.500	32.500		
		3	" " trabalhos manuais	6.000	18.000		
		40	Modelos para recorte	1.500	60.000		
		1	Filo de plastelina		20.000		
55220		600	Folhas de papel p. dobradura	4.000	24.000		541.000
		300	" " " tecelagem	12.000	36.000		
		9	Enveloppes alinhavos em cartão	1.300	11.700		
		18	Tesourinhas 1025/5	3.500	63.000		
		24	Agulhas para tecelagem	1.700	40.800		
		25	Miretes 61/15	1.200	30.000		
		50	Pls. papel lustroso	800	40.000		
			Cartolina	350	42.500		
			15 jogos Habilidade Infantil	15.000	45.000		
					284.100		
							1.548.100

Il. R. Consolo Generale (in Barbarisi)  
 IL DIRETTORE DIDATTICO  
 Luigi Natta

Figura 44: Nota fiscal da Livraria Selbach (1934)

Fonte: ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1936. NOTA FISCAL, 31/07/1934. Maço 933.

Pelo conjunto do material solicitado, voltado a trabalhos manuais e à presença de jogos de Froebel, por exemplo, pode-se inferir, novamente, que as inovações pedagógicas da Escola Nova faziam parte da proposta da reorganização das escolas étnicas da capital que como afirma Veiga (2007, p. 217), “[...] eram fundamentadas na visão de pensadores como Rousseau, Pestalozzi e Froebel”.

O jornal *La Nuova Italia* fez eco às iniciativas do cônsul Mario Carli e, num tom ufanista, anunciou aspectos da reestruturação das escolas para a sociedade:

Patrióticos agentes e simples compatriotas, encorajados pelo Régio cônsul geral, dão nobre prova ao dotar as nossas escolas com bom material e de moderno mobiliário. Daqui a alguns dias o pessoal para o ensino do português, nomeado pelo governo local, estará completo e, assim, o corpo docente que até o ano passado era composto por somente duas beneméritas professoras, **terá cinco professores de italiano, três ou quatro de português, um de educação física e dois de canto coral e música.** Em homenagem à verdade nos ocorre a obrigação de assinalar também que a atividade da direção escolar é lealmente apoiada pelo Patronato Escolar, magnífica instituição de beneficência surgida há pouco por iniciativa da gentilíssima senhora Maria Carli, a qual se dedica incansavelmente para a eficiência de sua tarefa. Outra importante providência foi a instituição de uma inspeção de saúde para as escolas, confiada ao camarada doutor Lorenzo Lotti, cujas prescrições em favor das crianças raquíticas ou necessitadas de cuidados são realizadas gratuitamente pelo Patronato Escolar que reúne as mais ativas damas de nossa coletividade. Diremos por fim que, completando o plano organizacional traçado por Mario Carli, os valerosos músicos professores Gnattali e Tosto estão trabalhando ativamente para a criação de uma banda musical. Os resultados tangíveis da obra desenvolvida pelo cônsul real, que aos poucos são conhecidos no estado, suscitam entusiasmo e despertam sentimentos de emulação. É de ontem a notícia da criação de uma escola primária em Caxias do Sul, a pérola da região colonial italiana no Rio Grande do Sul. Assim é e assim deve ser. É necessário se mexer e agir. Com os fatos, não com palavras. **São as obras que testemunham o patriotismo de nossa gente, não charlatanismo contemplativo dos críticos e dos fracos.** Os nossos filhos devem amar lealmente o Brasil, mas não devem esquecer a Itália, mãe ilustre. (LA NUOVA ITALIA, 16/05/1933, p. 1; tradução e grifo nossos).

O texto reforçou a figura do cônsul como líder e idealizador do novo momento. A ação de Mario Carli implicou num conjunto de atividades orquestradas: convênio com o Estado para as aulas de italiano e conquista da cedência de professores de português, criação do Patronato Escolar, organização do serviço de saúde, mobilização das sociedades italianas, reformas, contratação de professores e definição de um Diretor Didático. As escolas estavam organizadas: havia alunos, condições materiais e uma única orientação. As obras mostravam o patriotismo de Carli e seu zelo fascista. A notícia ainda acusa a criação de uma escola em Caxias do Sul.

#### 4.3.4 Avaliando os frutos da reorganização

*“Nos passeios, no pátio, no Campo Esportivo, a língua falada começa a ser normalmente a nossa. Em sala ninguém se atreve a exprimir-se em português.”*  
(ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1936. REL. LUIGI LEDDA, 11/12/1935. p. 4. Maço 876)

No primeiro ano da reorganização, Ledda fez o seu relatório trimestral para a DGIE, no qual registrou que “[...] em todas as escolas se observa um único calendário elaborado por critério do consulado [...]”<sup>229</sup> (Tradução nossa) referindo que o plano de trabalho levado ao conhecimento da DGIE estava em plena execução.

Nessa fase de implantação, Ledda concluiu que não era possível falar ainda de programas detalhados e os professores começavam aos poucos ouvir falar de tais programas. No entanto, afirmou que cuidou de tudo para que todas as escolas tivessem atividades comuns:

[...] canto, desenho, recitação, o caderno diário, o das tarefas mensais, o dos porquês..., o calendário da Montesca..., cultivam-se flores, embelezam-se as salas, cuida-se da correspondência interescolar. Sei que isso é só um “verniz” mas se começa assim. E digo que no conjunto é muito.<sup>230</sup> (Tradução nossa).

Ledda referiu que, antes mesmo da abertura das escolas, ele se reuniu com os professores na sala da Direção (aliás, mobiliada pelos fâscios), muitas vezes, orientando-os quanto aos novos métodos e procedimentos, em vista da mudança desejada e dos resultados.

[...] para ilustrar os novos métodos de ensino, reuni muitíssimas vezes os professores na sala da Direção; para atualizá-los distribui para cada escola cópia datilografada dos programas e instruções ministeriais; aos melhores professores dei alguns livros adequados; recebi visitas dos colegas na minha escola; visito as outras várias vezes na semana ou quando posso.<sup>231</sup> (Tradução nossa).

Ainda afirmou que as duas professoras que atuavam no ensino de português na *Scuola Umberto I* e na *Principessa Elena* seguiam as seguintes normas:

Fazem as mesmas horas de serviço do que o nosso pessoal; dependem disciplinarmente da direção didática das escolas italianas; ensinam língua brasileira a começar da segunda série, história e geografia do Brasil a partir da terceira série. [...] a primeira série é deixada completamente aos cuidados da professora de italiano e cultura e [...] a professora de brasileiro (*sic*), na primeira série elementar, pode somente ensinar um pouco de canto e desenvolver alguma lição [ilegível].<sup>232</sup> (Tradução nossa).

<sup>229</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, maio de 1933, p. 5. Maço 785.

<sup>230</sup> *Idem*.

<sup>231</sup> *Ibidem*, p. 6.

<sup>232</sup> *Ibidem*, p. 5.

Luigi Ledda destacou, em seu relatório, que as sociedades italianas confiaram a direção a ele, tanto das escolas como dos professores e que estes observavam os horários e que [...] não faltavam e os alunos são mais selecionados e melhores<sup>233</sup>. (Tradução nossa). As aulas pela manhã eram das 8h30min até às 11h30min. À tarde, as aulas iniciavam às 14h e finalizavam às 16h30min, diferentemente do que ocorria até 1932, com o término às 18h.

A proposta de Mario Carli, com a ajuda de Luigi Ledda, já estava completando três anos. Ao final do ano de 1935, Mario Carli já não mais estava no consulado e fora substituído por Guglielmo Barbarisi, que continuaria a investida fascista para além de Porto Alegre, como se verá. Em dezembro de 1935, Ledda enviou o seu relatório de final de ano à DGIE, no qual foi possível observar que a proposta estava, finalmente, consolidada. Os professores de português foram cedidos, e as famílias apoiavam mais ainda seus filhos. A rede estava funcionando, e a língua italiana fomentada.

Os professores de português trabalharam também neste ano, mantendo boas e cordiais relações com os nossos professores e com Direção. O ministério da Educação olha com simpatia as nossas escolas sobretudo pela alta estima que o nosso régio cônsul geral goza junto ao governo local. **No relacionamento e nos discursos oficiais das autoridades brasileiras o trabalho de nossas escolas é até hoje louvado.** [...] As famílias colaboram agora com os órgãos escolares para uma vida escolar mais promissora, também, porque os resultados começam a fazer nascer a convicção em todos de que elas não são inúteis como se podia crer em anos passados. De fato, os nossos alunos formados que se submetem aos exames de admissão no primeiro ano da escola média são promovidos com boa pontuação.<sup>234</sup> (Tradução nossa).

Pelo que referiu Ledda, a proposta de um ensino moderno, com a diminuição dos exercícios escritos, em favor dos exercícios orais, e o empenho dos professores, “todos convictos” de que a primeira razão das escolas do exterior era a manutenção da língua da pátria, julgava que as escolas começavam a dar resultados concretos. Prova disso era para Ledda que **“nos passeios, no pátio, no campo esportivo, a língua falada começa a ser normalmente a nossa. Em sala, ninguém se atreve a exprimir-se em português**<sup>235</sup>. (Tradução e grifo nossos).

<sup>233</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, maio de 1933, p. 7. Maço 785.

<sup>234</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1936. Rel. LUIGI LEDDA, 11/12/1935, p. 3. Maço 876.

<sup>235</sup> Ibidem, p. 4.



Os propósitos das antigas escolas, diga-se antes da reorganização, comuns a muitas outras espalhadas no Estado em tempos idos, de ler, escrever e calcular (GIRON, 1994; LUCHESE, 2007), ao que parece, foram transcendidos na proposta do Diretor Didático. Era necessário saber bem o italiano e estar à altura dos demais estudantes brasileiros, para, assim, ter condições de ingressar bem no ensino ginásial. Outro aspecto a salientar é que o “caráter de extensão” das escolas italianas a que Giron (1994) se referiu não pode se aplicar às da capital, especialmente na década de 1930, ao menos pelos programas de ensino que apresentavam e pela estrutura de controle que a Direção Didática mantinha.

Em sua análise, os alunos que deixaram a escola sem justificativa eram, em sua maioria, brasileiros, sendo a questão da língua o motivo de tal distanciamento. Dizia: “Está na boca de todos, na coletividade, que muitos pais que tinham abandonado o uso da nossa língua em casa, retomaram-na agora por mérito dos filhos<sup>236</sup>”. (Tradução nossa). Reconheceu, também, em seu relatório que os alunos estavam afetos ao estudo do italiano:

Muitos são os alunos que agora estudam de bom grado o programa de italiano. Até o ano passado era exatamente o contrário. É interessante saber que, no sábado, na saudação à bandeira, ninguém queria segurar a bandeira brasileira. [...]. Os alunos de terceira, quarta e quinta são agora **balillas perfeitos** que não se envergonham mais de saudar romanamente os seus professores se os encontram fora da escola.<sup>237</sup> (Tradução e grifo nossos).

Ledda fez uma referência direta ao modelo de aluno que ele entendia ser adequado ou perfeito: aquele que se torna um “*balilla* perfeito”, um pequeno soldado disciplinado, seguidor do *Duce* e respeitoso, elementos caros à ideologia fascista. A partir disso, a escola étnica italiana alcançava seus objetivos políticos também.

Veja-se, no Quadro 27, 28 e 29, alguns dados de 1935 e o controle detalhado realizado pelo Diretor Didático Luigi Ledda.

<sup>236</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1936. Rel. LUIGI LEDDA, 11/12/1935, p. 4. Maço 876.

<sup>237</sup> Ibidem, p. 5.

**Quadro 27: Inscritos na *Scuola Umberto I* até o final de maio de 1935**

	Italianos		Outras nacionalidades		Católicos		Outras religiões		Total
Série	M	F	M	F	M	F	M	F	
I	16	19	4	1	20	20	-	-	40
II	11	12	5	2	17	13	-	-	30
III	10	16	1	-	11	16	-	-	27
IV	5	6	1	3	6	9	-	-	15
<b>TOTAL</b>	<b>42</b>	<b>53</b>	<b>11</b>	<b>6</b>	<b>54</b>	<b>58</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>112</b>

Fonte: ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 02/05/1935. Anexo. Maço 785.

**Quadro 28: Inscritos na *Scuola Principessa Elena di Montenegro* até o final de maio de 1935**

	Italianos		Outras nacionalidades		Católicos		Outras religiões		Total
Série	M	F	M	F	M	F	M	F	
I	18	14	6	7	23	20	1	1	45
II	17	9	1	2	18	11	-	-	29
III	4	5	1	-	5	5	-	-	10
<b>Total</b>	<b>39</b>	<b>28</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>46</b>	<b>36</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>84</b>

Fonte: ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 02/05/1935. Anexo. Maço 785.

**Quadro 29: Inscritos na *Scuola Dante Alighieri* até o final de maio de 1935**

	Italianos		Outras nacionalidades		Católicos		Outras religiões		Total
Série	M	F	M	F	M	F	M	F	
I	17	14	2	3	18	17	1	-	36
II	14	13	6	1	20	14	-	-	34
III	8	8	2	-	10	8	-	-	18
IV	7	13	-	1	7	13	-	1	21
V	5	8	-	-	5	8	-	-	13
<b>Total</b>	<b>51</b>	<b>56</b>	<b>10</b>	<b>5</b>	<b>60</b>	<b>53</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>122</b>

Fonte: ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 02/05/1935. Anexo. Maço 785.

Do conjunto das três escolas, tem-se que o total de inscritos era 259 alunos. Não foi encontrado o relatório da *Scuola Vittorio Emanuele II* relativo a maio de 1935. Nota-se que, na *Scuola Umberto I*, todos os estudantes se

declaravam católicos e somente 2 alunos da *Principessa Elena* e 2 da *Dante* não se declararam dessa religião. Outro dado importante é que a *Dante*, que iniciara suas atividades em 1933, já possuía a quinta classe, enquanto as escolas mais antigas não.

Considerando o grande número de alunos inscritos, em 1935, o cônsul Barbarisi enviou correspondência para o Ministério das Relações Exteriores, solicitando investimentos para a ampliação das salas de aula da *Umberto I* e da *Principessa Elena* como segue:

[...] tenho a honra de expor que os locais das escolas que funcionam nesta circunscrição consular se apresentam insuficientes para o crescente número de alunos desejosos de freqüentar nossas instituições. [...] considero urgente e necessário para o desenvolvimento mínimo do programa estabelecido ter um edifício escolar digno do nome da Itália e que possa funcionar de sede principal, acolhendo todas as crianças provenientes das várias escolas localizadas na periferia.<sup>238</sup> (Tradução nossa).

Os resultados positivos da reorganização indicaram a necessidade da ampliação da proposta. Seria necessária a criação de mais uma escola.

#### 4.3.5 A Scuola Rosa Maltoni

*“Os alunos de terceira, quarta e quinta, são agora balillas perfeitos que não se envergonham mais de saudar romanamente os seus professores se os encontram fora da escola.”*  
(ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1936. REL. LUIGI LEDDA, 11/12/1935. p. 5. Maço 876.)

No relatório final, de dezembro de 1935, Luigi Ledda anunciou ao *Ministero degli Affari Esteri* que, para o ano de 1936, previa-se a abertura de “[...] outras escolas, mas, principalmente, aquela do bairro Menino Deus, porque, habitado por um forte núcleo dos nossos cidadãos, deve ser particularmente cuidado<sup>239</sup>”. (Tradução nossa). No mesmo relatório, referiu que a escola receberia o nome de “Rosa Maltoni<sup>240</sup>”, augusta mãe do nosso

<sup>238</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. GUGLIELMO BARBARISI, 03/05/1935. Maço 785.

<sup>239</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 31/12/1935, p. 7. Maço 785.

<sup>240</sup> Rosa Maltoni (1858-1905) foi a mãe do fundador e líder do movimento fascista italiano Benito Mussolini. Maltoni era uma professora católica devota que se casou com Alessandro Mussolini. Depois de Benito, Rosa teve mais dois filhos, Arnaldo e Edvige. Morreu em 1905 de meningite.

amadíssimo *Duce*<sup>241</sup>”.

Para o funcionamento da nova escola, inaugurada em 21 de abril, Natal de Roma, o cônsul Barbarisi escreveu para Roma, indicando a necessidade de aumentar os subsídios: “[...] apenas de um acréscimo ao subsídio de 8000 liras [...] para o funcionamento e eficiência da nova escola<sup>242</sup>”. Na inauguração da nova escola, pode-se observar a presença de autoridades eclesiásticas, de ritos como o batismo da bandeira da Escola e a presença da Direção Didática.

**UMA CONCORRIDA FESTA NO COLÉGIO ROSA MALTONI, NO MENINO DEUS.** A colônia italiana radicada entre nós não deixa nunca passar sem comemorações que bem indicam o seu amor à Pátria distante as datas de relevo da história do país mediterrâneo. Ontem ainda, transcorrendo o aniversário da entrada da Itália na grande Guerra, aquela colônia levou a efeito uma esplêndida festa, que se realizou no Colégio Rosa Maltoni, à Avenida Getúlio Vargas, no Menino Deus. Da festa, que teve lugar pela manhã, participaram os alunos do referido estabelecimento de ensino e numerosos italianos aqui residentes. Às 9 horas, com a chegada ao campo de esportes do Colégio do comendador Barbarisi, cônsul geral da Itália, acompanhado de sua esposa, iniciou-se as comemorações. O cônsul Barbarisi foi recebido entre aplausos pelos presentes. **A festa começou com o batismo da bandeira do colégio, cerimônia oficiada pelo monsenhor João Maria Balém e da qual serviu de madrinha a senhora consulesa. Após, foram entoados o Hino nacional e a Giovinezza, havendo depois um desfile dos alunos no campo perante o cônsul e outras pessoas de destaque, que se achavam no palanque especial.** Nesse local, em continuação, o senhor Fausto Augustinho, que, em nome dos ex-combatentes, proferiu aclamada oração pondo em relevo o papel desempenhado pela Itália na grande guerra. [...] A seguir, o senhor Luigi Ledda, diretor do Colégio que, diga-se de passagem, estava inaugurando suas novas instalações, usou da palavra e agradeceu a cooperação eficiente que vêm emprestando ao estabelecimento o governo da Itália e o cônsul Barbarisi, ao mesmo tempo que destacou a carinhosa colaboração que tem dado o general Flores da Cunha, governador do Estado. Lembrando o desenvolvimento do colégio, o senhor Ledda salientou que o mesmo, em 1932, tinha apenas 54 alunos, quando no momento presente, sua matrícula atinge 400<sup>243</sup>. [...] O comendador Barbarisi discursou, então. Aludiu às palavras dos oradores que o precederam agradecendo o magnífico espetáculo que estava apreciando de compreensão e disciplina. Referiu-se ao significado da festa: a comemoração do aniversário da entrada da Itália na Grande Guerra e inaugurações das instalações ampliadas da Escola Rosa Maltoni que excelente serviço vem prestando aos pequenos ítalo-brasileiros. Afirmou que a escola fascista, segundo o preceito fundamental da doutrina mussoliniana – crer, obedecer e combater – visa formar os elementos necessários para a formação do caráter dos alunos. Agradeceu à direção e ao corpo docente do colégio a

<sup>241</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 31/12/1935, p. 7. Maço 785.

<sup>242</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1945. Cor. GUGLIELMO BARBARISI, 21/03/1936, p. 3. Maço 64.

<sup>243</sup> Não foi possível apurar a informação sobre o fato de existir ou não alguma escola com 54 alunos, como referiu Ledda.

dedicação com que superara todas as forças para a formação dos futuros cidadãos exemplares, para o bem da pátria e da sociedade. **Barbarisi declarou inaugurada em nome do Duce a Escola Rosa Maltoni e convidou a todos a levantarem vivas ao Brasil e à Itália.** (A FEDERAÇÃO, 25/05/1936, p. 2).

A afirmação do cônsul Barbarisi na inauguração enfatizava que a condução da escola seguia a doutrina fascista de “crer, obedecer e combater”, em vista da formação do caráter dos alunos. A inauguração tão solenemente festejada, em cerca de dois anos, seria interdita exatamente pelo mesmo zelo nacionalista, agora o brasileiro.

O ano de 1936 iniciou com 402 alunos, incluindo a nova escola que “[...] está em meio a um grande jardim, provido agora com um belo campo de jogo para todos os alunos de nossas escolas<sup>244</sup>”. (Tradução nossa). Nesse momento, existiam, então, cinco educandários italianos.

A Rosa Maltoni era uma escola que não estava ligada às sociedades italianas da capital, mas era mantida exclusivamente pelo consulado. Como afirmou Ledda, “[...] é a primeira escola completamente, exclusivamente nossa que surge instituída por esta direção didática, sem contar com a *Dante Alighieri* em 1933<sup>245</sup>”. (Tradução nossa). Previam-se, no início, que, além de abrigar a escola elementar, essa nova escola poderia receber alunos para os cursos de italiano e cursos noturnos. A escola iniciou no ano de 1936, com 68 estudantes da primeira, segunda e terceira séries.

A Figura 45, vê-se o mapa da região central de Porto Alegre com a localização das escolas, o campo esportivo Ítalo Balbo, o consulado e as distâncias entre as instituições de ensino considerando a sede da Direção Didática (na Sociedade *Dante Alighieri*).

<sup>244</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1945. Rel. LUIGI LEDDA, 02/07/1936, p.1. Maço 64.

<sup>245</sup> Ibidem, p.3.

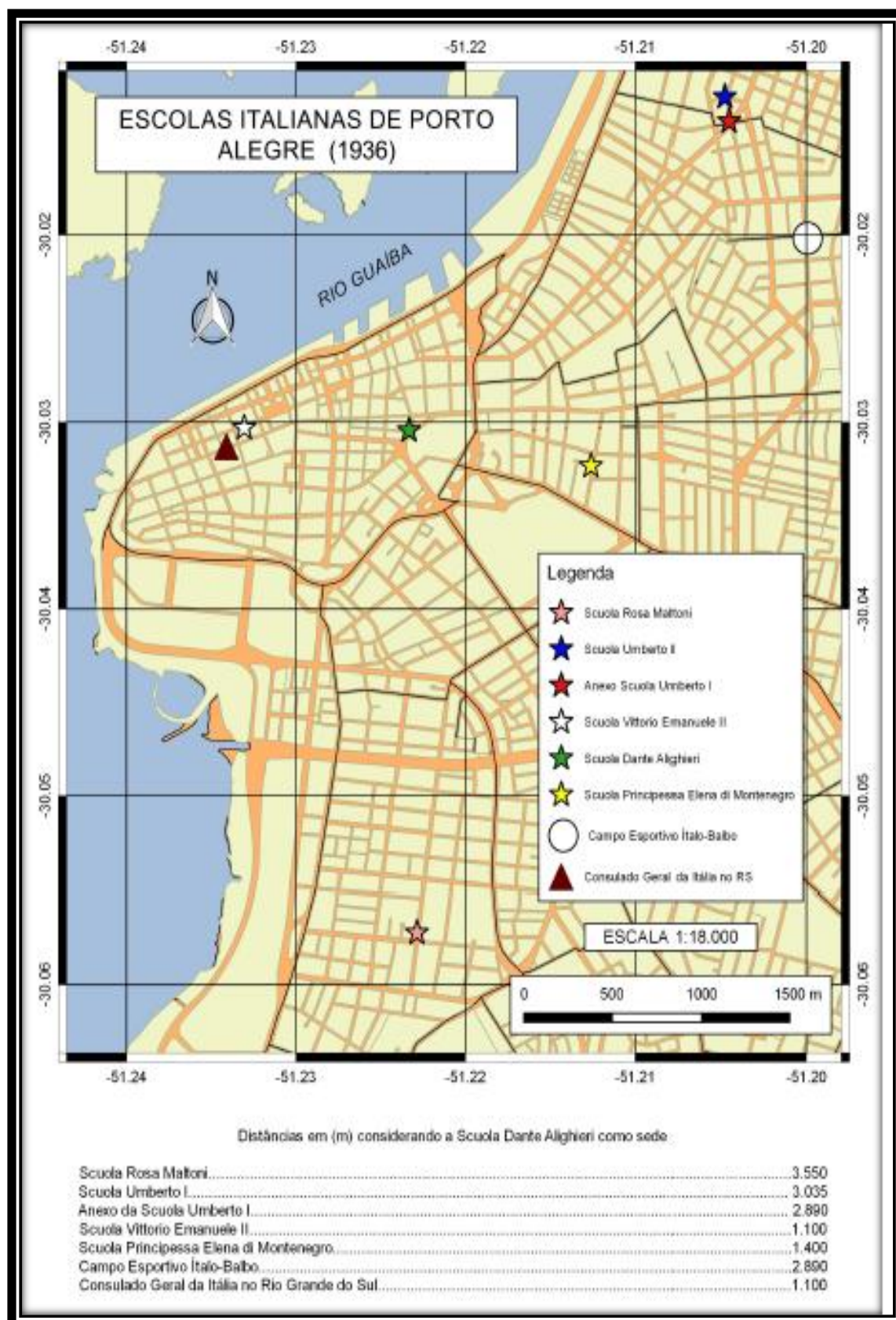


Figura 45: Mapa parcial de Porto Alegre com a posição geográfica das escolas italianas em 1936

Fonte: SMURB-POA (Secretaria Municipal de Urbanismo de Porto Alegre). Técnico Marcos Vieira Porto

Alunos e professores das outras quatro escolas, por ocasião da abertura da Rosa Maltoni, fizeram-se presentes e

[...] ofereceram um precioso quadro da mãe do *Duce* e, para lembrança de sua abertura, o régio cônsul, pela sua grande generosidade em favor de nossas instituições escolares, ofereceu uma placa de prata com palavras ditas para a circunstância.<sup>246</sup> (Tradução nossa).

No dia da inauguração, além dos exercícios ginásticos realizados por 120 alunos pertencentes a O.G.I.E<sup>247</sup>, foi apresentada a primeira *Centuria de Marinaretti Figli della Lupa*<sup>248</sup>. Todos os estudantes dessas escolas foram vestidos gratuitamente por iniciativa da esposa do cônsul.

Rosa (2009) informa que uma das divisões da *Opera Nazionale Balilla* era a dos Filhos da Loba (*Figli della Lupa*), criada na Itália, em 1933, e que compreendia as crianças de 6 a 8 anos, grupo a que Ledda se referiu no relatório. Pode-se ver, aqui, um processo de fascistização dentro da escola. Talvez este seja um exemplo cabal de que as escolas étnicas italianas da capital foram diferenciadas em relação a outras dado a carga cultural forte trazida pela ideologia fascista e cultivada, de forma sistemática, nas escolas lá instituídas.

Segundo Ledda, a escola tinha a capacidade de acolher até 250 alunos. Inicialmente, em sua estrutura, tivera como professora a senhora Iolanda Ferrari e uma docente de português. A respeito do corpo docente, argumentou, em seu relatório sobre a necessidade de inserção de mais um professor, entendendo que “[...] o régio cônsul que segue atentamente o andamento geral das escolas, com particular simpatia e com notável atenção, poderá sugerir as providências mais oportunas<sup>249</sup>”. (Tradução nossa).

Com relação às cinco escolas e aos seus programas, Ledda reforçou que se seguiam os planos traçados e que nenhuma inovação ocorrera nos programas de ensino. Ele ainda frisou que, na primeria série, o programa era desenvolvido completamente em Língua Italiana<sup>250</sup> e que, igualmente, na Rosa

<sup>246</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1945. Rel. LUIGI LEDDA, 02/07/1936, p. 2. Maço 64.

<sup>247</sup> *Organizzazioni Giovanili Italiane all'Estero* (O.G.I.E.), a partir de 1937, passou a ser chamada *Giuventù Italiana del Littorio all'Estero* (GILE). Em 1937, a *Opera Nazionale Balilla* (ONB), pelo Decreto lei nº. 1839, de 27 de outubro, foi substituída pela *Giuventù Italiana del Littorio* (GIL).

<sup>248</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1945. Rel. LUIGI LEDDA, 02/07/1936, p. 3. Maço 64.

<sup>249</sup> Ibidem, p. 5.

<sup>250</sup> Idem.

*Maltoni* assim se iria proceder.

Ledda demonstrou estar ciente do fato de existir movimentos no Brasil para obstacularizar o ensino das escolas estrangeiras, mas referiu que, até o momento, não tinham sido efetivos e, assim, reafirmou:

**[...] as nossas escolas conservarão sempre a orientação italiana e, portanto, fascista, observando as novas leis que dividem o horário escolar entre o ensino em italiano e em português, obrigação esta que é seguida em nossas escolas.** <sup>251</sup> (Tradução e grifo nossos).



Figura 46: Prédio da *Scuola Rosa Maltoni* (1938)  
Fonte: *Jornal Correio do Povo* (26/05/1938, p. 10).

Instituída a *Scuola Rosa Maltoni*, Ledda revelou, em 1936, que os planos da Direção Didática e o do consulado eram de abrir mais duas escolas: uma no bairro Passo d'Areia e outra no bairro Vilanova.

Ledda, em outro relatório<sup>252</sup>, de 02 de junho de 1935, referiu que, no bairro Passo d'Areia, havia uma escola com 50 alunos e uma professora, mas não foi possível avançar nas investigações. Tudo indicou que tal escola não pertenceu às sociedades italianas da capital.

<sup>251</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1945. Rel. LUIGI LEDDA, 02/07/1936, p. 7. Maço 64.

<sup>252</sup> Ibidem, p. 6.



#### 4.3.6 “Cultura Fascista” no programa didático

*“[...] se faz de tudo para que os alunos cresçam perfeitos balillas, bons italianos.”*  
(ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1945. REL. LUIGI LEDDA, 02/07/1936, p. 7-8. Maço 64)

A relação estreita entre o partido fascista e a ideologia que se servia das escolas como foco de italianização e cooptação pode ser vista por ocasião da cerimônia da troca de secretário do grupo fascista de Porto Alegre, chamado “Carlo del Prete”, que sinalizava a saída do Dr. Angelo Gattoni<sup>253</sup> e a entrada do tenente Fernando Chiapini, o qual fora legionário na África Oriental. Na presença do cônsul Barbarisi, o novo secretário expôs o programa que pretendia realizar, o qual incluía as escolas:

Às 20 horas de ontem, presente uma numerosa assembleia dos *camisas negras*, na sede local do *Fascio Carlo del Prete*, realizou-se a cerimônia de posse do novo secretário, ten. Fernando Chiapini, legionário da África Oriental, em substituição do major Dr. Angelo Gattoni. O régio cônsul da Itália Guglielmo Barbarisi deu início a sessão proferindo magnífico discurso, com o qual apresentou o novo secretário, salientando os méritos fascistas e patrióticos e transmitiu ao Dr. Gattoni os agradecimentos e os louvores das autoridades italianas pela brilhante obra patriótica portada durante a sua gestão, naquele elevado cargo. Em seguida o Dr. Angelo Gattoni disse breves palavras de despedida lembrando haver aceito aquele cargo somente em vista do grave momento histórico que a Itália atravessava e dizendo-se feliz por ter tido a oportunidade de cumprir mais uma vez o seu dever para com a pátria. Terminou convidando os fascistas de Porto Alegre para continuarem com o mesmo espírito de obediência, disciplina e amizade que sempre nutriram para com o Rio Grande do Sul. Por fim, falou o novo secretário, expondo o programa que tenciona realizar, segundo as instruções superiores que consistem principalmente no **desenvolvimento de obras de assistência humanitária e das escolas**, elogiando a obra fascista desenvolvida pelo representante do governo italiano de Porto Alegre, comendador Barbarisi e transmitindo ao major Dr. Gattoni os agradecimentos e elogios da secretaria geral dos fâscios no estrangeiro. (*CORREIO DO POVO*, 14/01/1937 p. 20; grifo nosso).

---

<sup>253</sup> Angelo Gattoni nasceu em Parma, Itália, em 02/02/1878, e faleceu em Porto Alegre em 27/06/1955. Era médico cirurgião, formado em Milão no ano de 1904. Foi fundador e editor do jornal *La Voce d'Italia*. Em 1941, solicitou ao Conselho Nacional da Imprensa autorização para publicar o livro de poesia *Il Duce*, em Porto Alegre, a qual exaltava Mussolini e o movimento fascista na Itália. Foi-lhe autorizada a publicação, conforme portaria número 119 de 18/08/1941 (ver Diário Oficial da União de 21/08/1941). O livro não foi localizado. Casou-se, em segundo matrimônio, com uma brasileira, Maria de Lourdes Gattoni e morou no bairro Belém Novo. Serviu no exército italiano na primeira Guerra Mundial. Cfe. ACGIRS. Cor. EMBAIXADA DA ITALIA NO RIO DE JANEIRO, 17/09/1947. Pasta 740: GATTONI, Angelo.

Angelo Gattoni deixava claro que sua investida seria nas obras assistenciais e nas escolas. A ação do partido fascista em Porto Alegre, mesmo antes da reorganização do *Fascio* de Porto Alegre, já se fazia sentir em favor das escolas. Assim, pode-se ver o grupo do *fascio* de Porto Alegre “Carlo del Prete”, em 1932, participando de atividades junto à *Scuola Umberto I* e enviando relatório para a Direção dos Italianos no Exterior e Escolas, como abaixo:

Ilustre Hierarca. Tenho a honra de enviar a Vossa Senhoria o programa da festa anual que se celebra na Sociedade Italiana Umberto I. Este ano teve um caráter mais solene e mais patriótico, porque eu quis que nesta festa fossem premiados os alunos da escola anexa a dita Sociedade, aos quais tivessem se destacado durante o ano escolar. Em anexo uma fotografia na qual se vê além dos sessenta alunos (com sua professora) o regio cônsul Bozano, o secretário do *Fascio*, Dr. Lotti e outras destacadas personalidades da colônia. Cordiais saudações fascistas. O secretário do *Fascio* Dr. Lotti.<sup>254</sup> (Tradução nossa).

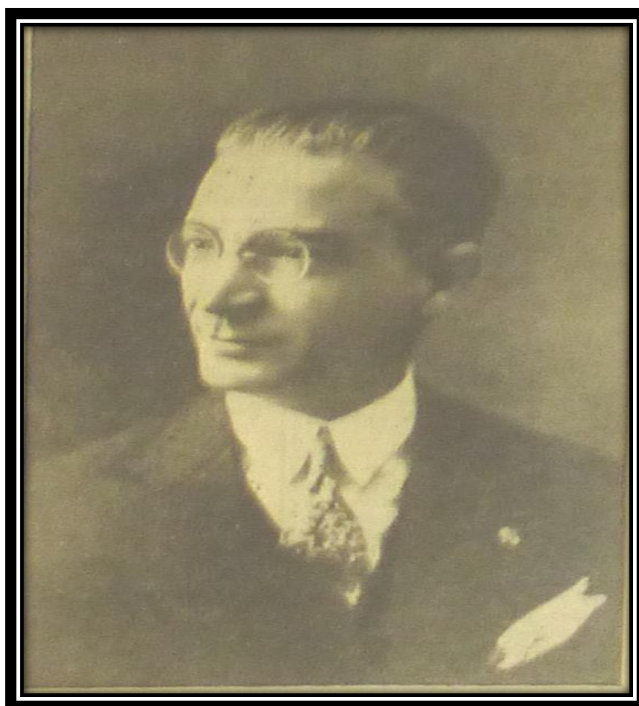


Figura 47: Cônsul Guglielmo Barbarisi  
Fonte: Jornal *La Voce d'Italia* (30/04/1937, p. 4).

Na correspondência enviada ao MAE (conforme a citação acima), é possível ver a atuação dos *fascios* envolvidos com a *Scuola Umberto I* na premiação dos alunos que melhor se distinguiram no ano de 1932. Como referiu

<sup>254</sup> Fonte: ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. LORENZO LOTTI, 30/05/1932. Maço 785. Trata-se de um Ofício de número 20 encaminhado ao MAE.

o secretário, Dr. Lorenzo Lotti, o cônsul Bozano estava presente, além de figuras notáveis da colônia.

Aliás, as premiações eram uma prática das escolas italianas, mesmo antes da reorganização, com medalhas de ouro, prata e bronze para os alunos mais destacados nos exames finais<sup>255</sup>. Em 1936, como será visto adiante, houve uma nova estratégia quanto a essas premiações.

Em relação à presença do fascismo nos programas didáticos, observa-se no fragmento do caderno da professora Ada Carignani<sup>256</sup>, que lecionava na *Scuola Umberto I*, as disciplinas e o detalhamento do programa didático ensinado no segundo ano do ensino elementar daquela escola. Tal programa fora enviado em 25 de abril de 1938 para o “visto” do Diretor Didático, à época Mariano Berlingeri.

O programa aprovado recebeu o carimbo da direção didática e a assinatura de Berlingeri, prática que parece ter sido seguida de forma mais rigorosa depois da reorganização. Nele, encontraram-se elementos que, mais que compor propriamente uma disciplina, propunham uma perspectiva e definia uma orientação no ensino dos alunos. No cabeçalho da página, lê-se: *Scuola Umberto I: Programa Didático para a II série do ensino elementar*. Ele foi datado de 25 de abril de 1938, dias antes do fechamento da escola.

Um desafio, segundo Julia (2001) e Chervel (1990), que a investigação da História da Educação propõe é a escolha de documentos que contenham vestígios da prática cultural investigada. No caso da cultura escolar, fontes que interessam ao pesquisador são os portadores de normas, códigos e condutas escolares, bem como elementos não prescritos, mas vivenciados. Os programas didáticos, como eram chamados pelos professores das escolas de Porto Alegre, foram boas portas de entrada neste universo escolar.

---

<sup>255</sup> ASMAE, 1929-1935. Rel. *SCUOLA UMBERTO I*, 12/12/1929. Maço 785. O secretário da *Umberto I* enviou a correspondência ao consulado geral da Itália no Rio Grande do Sul, informando a classificação dos alunos e a respectiva premiação.

<sup>256</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1945. *SCUOLA UMBERTO I* - ADA CARIGNANI, 25/04/1938.

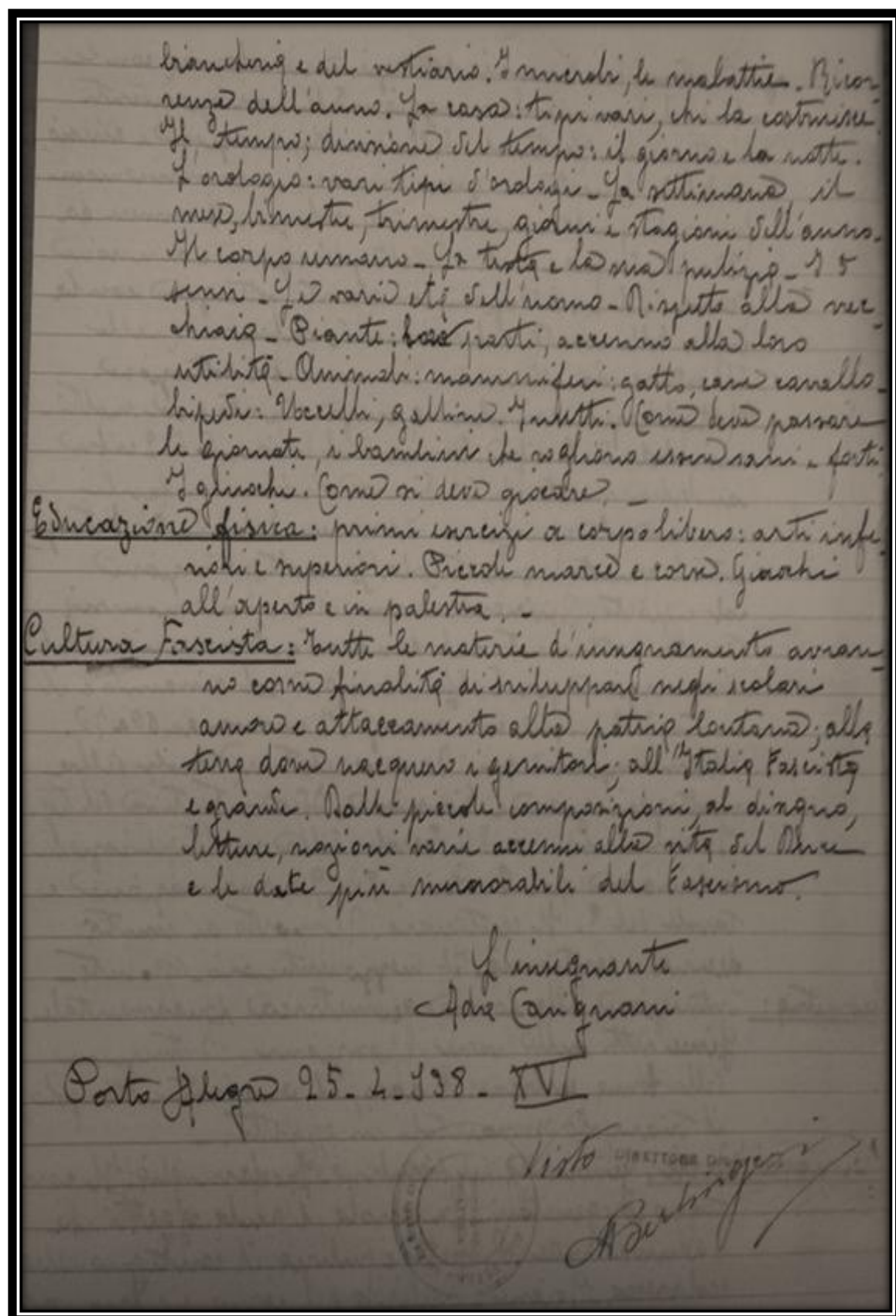


Figura 48: Programa didático da Scuola Umberto I (1938)

Fonte: ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1945. SCUOLA UMBERTO I - ADA CARIGNANI, 25/04/1938.

De posse dos programas didáticos elaborados pela professora Ada Carignani, da *Scuola Umberto I*, em 1938, e pela professora Pina Mottola, também da *Umberto I*, enviados ao consulado em 1929, pôde-se comparar os elementos prescritos para a segunda série do ensino elementar em momentos diferentes: antes e depois da reorganização escolar. Evidencia-se, por meio da Figura 48, a garantia da unidade de programas nas escolas, na medida em que eles recebiam o aval oficial do Diretor Didático.

A partir dos dois programas didáticos, foi possível elaborar o Quadro 30:

**Quadro 30: Comparativo dos Programas Didáticos para a II série do ensino elementar da *Scuola Umberto I* de 1929 e 1938**

1929	1938
Professora Pina Mottola	Professora Ada Carignani
<b>EDUCAÇÃO MORAL:</b> Oração. Os mandamentos. Episódios principais dos evangelhos. Higiene pessoal. Direitos e deveres do estudante. Respeito.	<b>RELIGIÃO:</b> Canto religioso. Oração: Ave Maria, Pai Nosso, Glória ao Pai. Assuntos retirados do livro de texto. Conversações sobre breves episódios do Antigo Testamento: Adão e Eva. O Paraíso Terrestre. Os Mandamentos. Aulas sobre as principais festas religiosas anuais.
	<b>ENSINO ARTÍSTICO:</b> Canto. Desenho. Recitação
	<b>CANTO:</b> Canto coral por imitação. Canto religioso. Canto patriótico: <i>Giovinezza. Roma Balilla. Canto delle Legioni.</i>
<b>DESENHO:</b> Desenho livre. Continuação dos exercícios da primeira série sobre a distinção das cores. Desenho de objetos simples.	<b>DESENHO:</b> Verificação do grau de capacidade dos alunos. Exercícios no caderno quadriculado de linhas verticais, horizontais e oblíquas. Exercícios sobre as cores fundamentais e suas distinções. Formas geométricas. Cópia de desenhos elaborados no quadro: uma cadeira, uma bandeira, o símbolo do <i>Littorio</i> . Cópia de simples folhas naturais.
<b>LÍNGUA:</b> Leitura corrente com explicações e resumo. Diálogos. Intuição de nome e de objeto. Ditado. Exercícios de composição. Contos simplíssimos. Exercícios de memória.	<b>RECITAÇÃO:</b> Repetição de poesias aprendidas na I Série. Recitação de novas e fáceis poesias. Breves trechos de prosa. Leitura no quadro de frases interrogativas e exclamativas. Pequenos diálogos retirados do livro de Pinóquio.
<b>CALIGRAFIA:</b> Exercícios de escrita vertical. Aplicação das letras maiúsculas com série de nomes próprios e de coisas. Provérbios de fácil compreensão.	<b>CALIGRAFIA:</b> Exercícios preparatórios: posição da pessoa durante a escrita; o modo de segurar a caneta e o caderno. Linhas de destaque em alto e embaixo; letras médias; letras ascendentes e descendentes; os números; as maiúsculas; nomes de cidades.
<b>ARITMÉTICA:</b> Numeração progressiva e regressiva. Introdução ao estudo da tabela pitagórica. Solução de problemas fáceis	<b>MATEMÁTICA:</b> Nome dos termos. Subtração em coluna com os números do diminuendo maior dos correspondentes do subtraendo. A

<p>práticos. As quatro operações. Cálculos mentais e escritos. Conceito de fração ordinário e de unidade de medida de peso, capacidade, comprimento. Metade. Dobro.</p>	<p>tabuada da multiplicação e divisão do número 3. Conceito de despesa e cobrança. Os números romanos até 12 para o conhecimento das horas no relógio. Os números de 30 a 40, dobro e metade. Multiplicação e divisão tabuada do 4. Adição com reserva. Subtração com o número nas unidades no diminuendo inferior a do subtraendo. Nomes dos termos da subtração, multiplicação em coluna sem reserva e com o multiplicando de dois números. Divisão com o dividendo de duas cifras ambas múltiplas do divisor. Problemas fáceis com uma só operação. Os números de 40 a 50. Explicação do quinto e quádruplo. A multiplicação com reserva. Divisão na qual o divisor não é contido exatamente no dividendo. Os números de 50 a 60. Numeração do 6. Um divisor com dividendo e o resto de duas cifras com sobra. Os números de 60 a 70. Numeração do 7 e números relativos. Tabuada da multiplicação e divisão. Ideia intuitiva do Kg. Os números até 80. Tabuada da multiplicação e divisão do 8. Depois de 80 a 90, numeração e tabuada do 9. A centena. Relação das unidades, dezenas e centenas. A meia centena. Moedas.</p>
	<p><b>GEOMETRIA:</b> Noções das formas geométricas fundamentais. Linhas retas nas várias posições. Noções da forma cúbica: o dado, o quadrado, o retângulo, o triângulo observando-os nos objetos.</p>
<p><b>NOÇÕES VÁRIAS:</b> Higiene. Nomenclatura zoológica rudimentar (mamíferos mais comuns, domésticos). As quatro estações. Os três reinos da natureza. A terra. As plantas têxteis. O corpo humano. O lugar da escola. As idades da vida: infância (idade da criança até que não fala), Infância (idade dos sete aos doze anos). Juventude (idade do soldado). Velhice (Idade do homem). Divisão do tempo (ano comum, bissexto, biênio, semestre, trimestre. A casa. As estradas. Os fenômenos naturais. Contos do professor.</p>	<p><b>NOÇÕES VÁRIAS:</b> Informação geral da criança. A família. O comportamento com os pais. A escola, a sala de aula, objetos que o aluno vê. Respeito e higiene, o comportamento da classe. Limpeza e higiene do corpo, água, sabão, escova de dente, banho, limpeza da cama e do vestuário. Os micróbios, as doenças. Festividades do ano. A casa: vários tipos, quem a constrói. O tempo: a divisão do tempo; o dia e a noite. O relógio: vários tipos de relógios. A semana, o mês, o bimestre, o trimestre, dias e estações do ano. O corpo humano. A cabeça e a sua limpeza. Os cinco sentidos. As várias idades do homem. Respeito ao idoso. Plantas: partes da planta, noções de sua utilidade. Animais: mamíferos, gato, cão, cavalo, bípedes: pássaros, galinhas. Insetos. Como devem passar o dia as crianças que querem ser saudáveis e fortes. Os jogos. Como se deve brincar.</p>
<p><b>GINÁSTICA:</b> Exercícios elementares na aula. Movimentos rítmicos. Exercícios a céu aberto.</p>	<p><b>EDUCAÇÃO FÍSICA:</b> Primeiros exercícios de ginástica: membros inferiores e superiores. Breves marchas e corridas. Jogos ao ar livre e no ginásio.</p>

	<b>CULTURA FASCISTA:</b> todas as disciplinas de ensino terão a finalidade de desenvolver nos alunos o amor e o apego à pátria distante; à terra onde nasceram os pais; à Itália Fascista e grande; pequenas composições, desenhos, leituras, noções várias sobre a vida do <i>Duce</i> e as datas mais memoráveis do Fascismo.
--	---

Fonte: ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1945. *SCUOLA UMBERTO I* – ADA CARIGNANI, 25/04/1938; ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. *SCUOLA UMBERTO I* – PINA MOTTOLA, 17/04/1929. Maço 785.

Além da obviedade da existência de mais disciplinas no ano de 1938, pôde-se, também, tecer os seguintes comentários:

a) no conjunto de disciplinas elencadas no Quadro 30, observa-se a presença do ensino religioso. Tanto nas escolas elementares de Porto Alegre, em análise, como nas escolas italianas médias no exterior a “Religião” era matéria para a qual se destinava ao menos uma hora semanal<sup>257</sup>, com a obrigatoriedade do ensino da religião católica. De fato, desde 1929<sup>258</sup>, a religião católica se tornara a religião oficial do Estado Italiano com o Tratado de Latrão. No quadro comparativo dos programas de ensino, há uma diferença na forma de apresentar os conteúdos de Religião, ou seja, embora seja possível deduzir que aqueles referidos em 1929 (no início do ano de 1929 e que por certo espelham os anos anteriores) fossem relativos a temas da Igreja Católica, em 1938 os conteúdos não deixam dúvidas, na medida em que há a oração da Ave-Maria, por exemplo;

b) quanto à Educação Física, elencada no programa de 1938, fica evidenciado que existiam “jogos ao ar livre e no ginásio” e que havia um espaço definido para tal, o Campo Esportivo Ítalo Balbo, uma novidade para as escolas de Porto Alegre, ao menos desde 1935;

c) como já se notava na análise do programas da *Umberto I* de 1929, lá constavam na disciplina de História da terceira série o estudo sobre “Benito Mussolini” e o “Fascismo” e, na quarta série, repetia-se “O Fascismo”. No programa de Ada Carignani, já na disciplina de canto (ausente em 1929), consta o conteúdo “Canto patriótico”, contemplando as canções *Giovinezza*, *Roma Balilla* e o *Canto delle Legioni*. Ademais, há, explicitamente e em destaque, a

<sup>257</sup> No documento *Orari e Programmi di classe delle Scuole Medie Italiane all'Estero* (cfe. Régio decreto de 12 de agosto de 1937), observa-se a presença do disciplina de Religião nas escolas médias inferiores, superiores, nos liceus e nas escolas comerciais.

<sup>258</sup> Itália. Legge 27 maggio 1929, n. 810, artigo 36. Esta lei tem por base o tratado entre a Santa Sé e Mussolini assinado em 11 de fevereiro de 1929.

disciplina “Cultura fascista”, que define, e aqui vale repetir o texto e destacá-lo: *“Todas as disciplinas de ensino terão a finalidade de desenvolver nos alunos o amor e o apego à pátria distante; à terra onde nasceram os pais; à Itália Fascista e grande; pequenas composições, desenhos, leituras, noções várias sobre a vida do Duce e as datas mais memoráveis do Fascismo”*;

Mais do que uma disciplina, esse tópico é uma carta de princípios, um itinerário claro sobre o procedimento e a opção de evidenciar o chefe maior e que revela uma orientação geral da escola. O conjunto de atividades da escola deveria, assim, ser orientado nessa perspectiva. Compreende-se, dessa forma, que a reorganização das escolas, ou melhor, a unificação das escolas da capital tinha um propósito evidente de fascistização, a começar pelos pequenos.

Segundo Chervel (1990), pode-se afirmar que as disciplinas escolares, compreendidas como um produto cultural, responsáveis pela transmissão de conteúdos e saberes escolares, além de seu conjunto programático, eram também constituídas pelo aparato didático-pedagógico que orientava seu ensino. A disciplina concebida como uma construção escolar ajudava a moldar a cultura escolar.

Ademais, uma disciplina escolar não é apenas constituída de conteúdos programáticos; este não é o único canal de acesso à sua estrutura interna e à finalidade que cumpre na escolarização. Ainda, como afirma Chervel (1990), os conteúdos são apenas meios utilizados para o alcance de um fim.

d) quanto à disciplina de língua, em 1929, evidenciado no relatório de Bozano em 1938, o programa didático não menciona na segunda classe a disciplina, mas o que mais se aproxima como “recitação” e “caligrafia”. No entanto, sabe-se de que o ensino de português foi anunciado quando da reorganização das escolas e que havia professoras do Estado destacadas para tal. Além do mais, a disciplina de português começava no segundo ano, uma estratégia que ainda era tolerada. Ledda afirmou, em 1936, que o ensino de português nas escolas italianas da capital começava na segunda série e se reduzia a noções da língua, a poucas noções de história e de geografia locais. Considerava que “por força disso nossas escolas são consideradas públicas e, como tais reconhecidas por todas as outras instituições congêneres estatais. As



relações entre esta Direção e a Direção Geral da Educação são ótimas<sup>259</sup>. (Tradução nossa).

Avançando a presente investigação sobre a cultura escolar para além do currículo, identificou-se uma rotina que se observará até 1938: no sábado, havia a saudação à bandeira durante a qual os melhores alunos de cada série eram chamados a recitar canções e hinos. Quanto a esse aspecto vivenciado pelos discentes, Luigi Iedda frisava que “dessa forma esta direção tem condições de controlar praticamente o ensino desta outra importante matéria<sup>260</sup>”. (Tradução nossa).

Rosa (2009, p. 627) ajuda a compreender a semelhança das escolas da capital com as práticas da ONB:

No Sábado Fascista, os meninos se reuniam com seus companheiros vestindo o uniforme da sua legião, onde exibiam as insígnias do regime de Mussolini, apresentando-se com os cabelos penteados e o corpo limpo. A boa apresentação era uma exigência para participar do grupo da ONB, pois um Balilla bem alinhado representava o verdadeiro espírito fascista. A higiene era um dos elementos formadores do “novo homem”, pois a limpeza pessoal contribuía para manter o corpo saudável e preparado para a guerra. Um soldado doente se tornava um estorvo desestruturando o sistema tático belicoso, pois faltava ao fronte e desviava para seus cuidados médicos e enfermeiros. Por conseguinte, era preciso prevenir as doenças através de lições de higiene, ensinadas desde a mais tenra idade.

Em 1936, iniciaram as premiações mensais. Elas incentivavam os alunos para o estudo. No relatório de Iedda de 1936, vê-se que os prêmios eram distribuídos aos estudantes que mais haviam estudado ou melhor realizado os desenhos, ou tinham mantido os cadernos em ordem. Dizia Iedda que “[...] **se faz de tudo para que os alunos cresçam perfeitos balillas e bons italianos**<sup>261</sup>”. (Tradução e grifo nossos).

Outro elemento que foi relevante no relatório de Iedda de julho de 1936, diz respeito ao perfil geral dos discentes das escolas da capital, revelando que a maioria deles era pobre e somente alunos da *Dante Alighieri* se distinguiam pela riqueza.

<sup>259</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1945. Rel. LUIGI LEDDA, 02/07/1936, p.7. Maço 64.

<sup>260</sup> Idem.

<sup>261</sup> Ibidem p. 7-8.

A massa dos nossos alunos pertencem à classe de operários, de pequenos comerciantes, dos artesãos. Um bom número de alunos ricos e famílias distintas frequentam a escola *Dante Alighieri*. A caixa escolar desta escola que provê a assistência dos alunos pobres de todas as escolas é, na verdade, subsidiada por essas mesmas famílias. E é somente assim que esta direção pode distribuir o material escolar, sobretudo cadernos a 120 alunos, a passagem gratuita a 30 alunos pobres, pagar o aluguel de dois pianos para o ensino de canto em duas escolas nas quais não dispomos.<sup>262</sup> (Tradução nossa).

Constantino (1991; 1997) registrara que havia se desenvolvido entre os italianos e descendentes de Porto Alegre, já no final do século XIX, uma elite e surgido uma burguesia. Possivelmente, uma parte desses grupos compunham o segmento da *Dante* e enviavam seus filhos àquela escola. Mas, como salientou Constantino (1991; 1997), havia os italianos e descendentes que “não deram certo”, ou seja, o grande contingente não era abastado. A análise de Ledda sobre o perfil dos alunos de 1936 manteve-se inalterada com relação ao seu outro Relatório de 1935. Na sua avaliação de 1935, descreveu que os italianos residentes no continente eram pobres na sua maioria. Assim, afirmou que:

As famosas riquezas da América são simplesmente um sonho quando se quer levar em conta a inumerável legião dos vencidos. As nossas escolas são frequentadas na maioria por alunos pobres. [...] Para o **Duce vencer a santa batalha que ele comandou na América, é necessário que as nossas escolas sejam do tipo assistenciais.**<sup>263</sup> (Tradução e grifo nossos).

Nessa condição, era necessário ajuda do governo de Roma. Segundo Ledda, se o consulado não ajudasse financeiramente, as sociedades teriam sérias dificuldades de manter a estrutura das escolas. É por conta dessa compreensão que se pode ver o consulado apoiando financeiramente e suprimindo várias necessidades desde a reorganização, de forma mais efetiva e para além de um subsídio ao pagamento dos professores, como era a praxe nos tempos idos das escolas étnicas de Porto Alegre, como foi visto neste trabalho anteriormente. Eis, aqui, outro aspecto que torna as escolas étnicas italianas urbanas de Porto Alegre diferenciadas no conjunto das iniciativas étnicas italianas do Estado. Para manter a rede e a unidade, não bastava um projeto didático orquestrado. Era necessário o investimento, e assim foi feito.

Do conjunto da documentação acessada, pôde-se colher alguns

<sup>262</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1945. Rel. LUIGI LEDDA, 02/07/1936, p. 8. Maço 64.

<sup>263</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 10/09/1935, p. 6. Maço 785.

exemplos. No recibo abaixo (Figura 49), foi possível identificar que as despesas de adaptação e melhorias das estruturas da *Dante Alighieri* e da nova *Scuola Rosa Maltoni*, foram pagas pelo consulado de Porto Alegre. No recibo, há a assinatura do cônsul Guglielmo Barbarisi. No cabeçalho lê-se: “Resumo das despesas por trabalhos de adaptação realizados nas Escolas *Dante Alighieri* e nova *Rosa Maltoni*”.

R. CONSOLATO GENERALE D'ITALIA  
PORTO ALEGRE

Riassunto delle spese per lavori di adattamento eseguiti nelle scuole  
"Dante Alighieri" e nuova "Rosa Maltoni".

Mese di luglio 1935	Rs. 342\$100
" aprile 1936	" 160\$000
" maggio "	" 4:400\$000
<hr/>	
Totale Rs.....4:902\$100	
=====	

Il R. Console Generale  
(G. Barbarisi)

Figura 49: Resumo das despesas de reformas das escolas *Dante* e *Rosa Maltoni*  
Fonte: ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. RECIBOS VÁRIOS, 1936. Maço 933.

Na Figura 50, observa-se que o consulado havia alugado uma casa para a instalação da *Scuola Rosa Maltoni* e pagava o seu aluguel. No cabeçalho lê-se: “Resumo das despesas de aluguel de salas da nova Escola Rosa Maltoni”. Aliás, o consulado também pagava aluguel de uma sala localizada na Praça Marechal Deodoro, n.º 134, para depósito de material escolar utilizado no Campo Ítalo Balbo, conforme Figura 51.

U

R. CONSOLATO GENERALE D'ITALIA  
PORTO ALEGRE

RIASSUNTO DELLE SPESE PER AFFITTO LOCALI DELLA NUOVA SCUOLA  
"ROSA MALTONI"

Ricevuta N.1	Mese di	marzo	1936	Rs.400\$000
" " 2	"	aprile	"	" 400\$000
" " 3	"	maggio	"	" 400\$000
Totale Rs....1:200\$000				=====

Diconsi: Un conto duecentomila reis.  
Porto Alegre, 30 giugno 1936/XIV

IL R. CONSOLE GENERALE.

Figura 50: Resumo das despesas com aluguel da *Scuola Rosa Maltoni*  
Fonte: ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. RECIBOS VÁRIOS, 30/06/1936. Maço 933.

Rs..... 150\$000.

Recebi do Real Consulado Geral da Italia,

a quantia de cento e cincente mil reis (150\$000), relativa aos alugueres correspondente aos meses de Julho, Agosto e Setembro de corrente ano, de deposito para material escolastico sito á Praça Marechal Deodoro nº 134, pagos adeantadamente.

Porto Alegre, 30 de Junho de 1935.

pp. *[Signature]*

800 rs.  
R. Consule Generale  
(G. Garbarisi)

*[Signature]*

Figura 51: Recibo de aluguel de depósito de material escolar  
Fonte: ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. RECIBOS VÁRIOS, 30/06/1935. Maço 933.

Outro dado importante é a aquisição de material escolar. Além do material solicitado à DGIE e que, com maior ou menor atraso chegava às escolas, o consulado dispunha de um valor para auxiliar as escolas nesse quesito. Nota-se, conforme a Figura 52, que houve uma despesa para aquisição de tais materiais relativa a julho e a agosto de 1936 na ordem de 1:593\$100 (um conto quinhentos e noventa e três mil e cem réis).

**R. CONSOLATO GENERALE D'ITALIA  
PORTO ALEGRE**

Riassunto delle spese per acquisto materiale scolastico durante l'anno  
finanziario 1935/1936/XIV°

Mese di luglio 1935	Rs. 1:548\$100
" agosto "	45\$000
Totale Rs....1:593\$100 =====	

Il R. Console Generale  
(G. R. Console)

Figura 52: Resumo das despesas com materiais escolares de 1935 e 1936  
Fonte: ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. RECIBOS VÁRIOS, agosto de 1936. Maço 933.

O consulado havia assumido despesas com professores de música e assistentes. Na Figura 53, evidenciam-se as despesas do ano de 1935 e 1936 para o professor de Música e para o assistente de escola, bem como o cuidado para que elas fossem sempre devidamente registradas.

**R. CONSOLATO GENERALE D'ITALIA  
PORTO ALEGRE**

RIASSUNTO DELLE SPESE PER PAGAMENTO STIPENDIO MAESTRO DI MUSICA E  
PERSONALE INSERVIENTE:

Ricev. N. 1 - mese di luglio	1935	Rs. 655\$000
" " 2 " agosto	"	605\$000
" " 3 " settembre	"	638\$500
" " 4 " ottobre	"	555\$000
" " 5 " novembre	"	655\$000
" " 6 " dicembre	"	555\$000
" " 7 " gennaio	1936	400\$000
" " 8 " febbraio	"	350\$000
" " 9 " marzo	"	855\$000
" " 10 " aprile	"	855\$000
" " 11 " maggio	"	855\$000
" " 12 " giugno	"	855\$000
Totale Rs....7:833\$500 =====		

Diconsi: Sette contos ottocentotrentatremila e 500 reis.  
Porto Alegre, 30 giugno 1936/XIV°

Il R. Console Generale.

Figura 53: Despesas com professores e assistentes (1935-1936)  
Fonte: ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. RECIBOS VÁRIOS, 30/06/1936. Maço 933.

A despesa com energia elétrica também era coberta pelo consulado,



assim como a de telefone. Abaixo, na Figura 54, apresenta-se o recibo da despesa com telefone para as escolas da capital.

Spesa telefoni Scuole Italiane mese aprile - maggio- giugno 1936/XIV	
Scuola "Dante Alighieri"	Rs.248\$400
" " "Umberto I°"	" 124\$200
" " "Elena di Montenegro"	" 155\$300
" " "Ross Maltoni"	" 186\$300
	Rs.714\$200
	=====
	2\$300
	Totale Rs...716\$500

Il R. Consolo Generale  
(G. Barbieri)

Figura 54: Despesas de telefone das escolas (1936)

Fonte: ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. RECIBOS VÁRIOS, junho de 1936. Maço 933.

R. CONSOLATO GENERALE D'ITALIA PORTO ALEGRE				
RIASSUNTO DELLE SPESE PER AFFITTO LOCALI SCUOLA UMBERTO I°				
Ricevuta N.1	Mese di	luglio 1935		Rs. 180\$000
" " 2	"	agosto	"	" 180\$000
" " 3	"	settembre	"	" 180\$000
" " 4	"	ottobre	"	" 180\$000
" " 5	"	novembre	"	" 180\$000
" " 6	"	dicembre	"	" 180\$000
" " 7	"	gennaio 1936	"	" 180\$000
" " 8	"	febbraio	"	" 180\$000
" " 9	"	marzo	"	" 180\$000
" " 10	"	aprile	"	" 180\$000
" " 11	"	maggio	"	" 180\$000
" " 12	"	giugno	"	" 180\$000
				2:160\$000
				=====
Diconsi: Due contos centosessantamila reis.				
Porto Alegre, 30 giugno 1936/XIV°				
Il R. Consolo Generale.				

Figura 55: Resumo das despesas com aluguel da *Scuola Umberto I* (1936)

Fonte: ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. RECIBOS VÁRIOS, 30/06/1936. Maço 933.

Na Figura 55, observa-se que o consulado pagou para a senhora Alessandrina Vitale Mattioli o aluguel de uma casa em frente à sede da Umberto

I para abrigar outros alunos, dado que não havia espaço suficiente para todos.

#### 4.3.7 Tarefa cumprida

*“Os alunos das séries superiores falam e escrevem discretamente o italiano, amam firmemente e sem qualquer respeito humano a Itália Fascista.”*  
(ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940.REL. LUIGI LEDDA, 12/09/1937, p. 3. Maço 62)

Nos diversos relatórios de Luigi Ledda, é notória a preocupação com a frequência escolar a ponto de seus quadros sempre possuírem a coluna relativa a esta. O mesmo se observa em vários anuários das escolas italianas governamentais ou subsidiadas. No relatório de setembro de 1937, novamente, pode-se ver a apresentação dessa informação seguida de comentários. Refere que, comparando-se a frequência das escolas italianas com a de escolas públicas, “[...] a frequência é ótima. É melhor ainda comparando-se com anos anteriores<sup>264</sup>”.

Ledda evidenciou, porém, que a ocorrência de muita chuva dificultava a presença dos alunos, sem falar no fato de alagamentos na região da *Scuola Umberto I* e da *Rosa Maltoni*, que interrompiam os movimentos. No conjunto das cinco escolas, a atenção do Diretor Didático se deu com a situação da frequência dos alunos da *Vittorio Emanuele II*, tida como “[...] alarmante [...] não obstante ter uma ótima professora os alunos não a frequentam por muitas razões: principalmente por estar localizada numa área pouco adequada para uma escola<sup>265</sup>”. (Tradução nossa).

Ledda salientou, mais uma vez, a inadequação dos ambientes das sedes das sociedades para comportarem uma escola, nos moldes modernos, como propunha em 1932. No relatório, a *Scuola Vittorio Emanuele II* era a única que, comparativamente aos outros anos, havia diminuído o número de alunos, aparecendo somente com uma série em atividade. Observa-se, através de tal relatório, um declínio na referida escola.

No Quadro 31, nota-se, além do número de alunos inscritos e sua frequência, duas outras informações relevantes. A primeira diz respeito ao número de estudantes pertencentes à O.G.I.E. Ledda já havia reportado que os

<sup>264</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940.Rel. LUIGI LEDDA, p. 6. 12/09/1937. Maço 62.

<sup>265</sup> Idem.

alunos das escolas italianas de Porto Alegre pertenciam, em geral, a essa organização, mas, aqui, pode-se precisar que, ao menos neste ano, 72% do total de discentes inscritos tomavam parte nela. A segunda refere-se à indicação do número de alunos “beneficiados”. Não há maiores indicações sobre tal dado; contudo, pode-se presumir que eram os estudantes ajudados pelo Patronato Escolar, instituído em 1933. O total de inscritos quase alcançou cinco centenas.

A *Scuola Dante Alighieri* em 1937, liderava o número de alunos, apresentando a melhor performance quanto à frequência, bem como possuía o maior índice de estudantes pertencentes à O.G.I.E.. No total de alunos inscritos, atinge-se o maior número: 482. Destes, 168 (35%) discentes eram beneficiados com auxílios do Patronato Escolar.

**Quadro 31: Sobre a frequência; sobre a O.G.I.E; sobre a assistência em setembro de 1937**

Escolas	Série	Inscritos	Frequentes	O.G.I.E.	Beneficiados
<i>Dante Alighieri</i>	I	36	34	30	11
	II	44	40	37	11
	III	40	37	36	8
	IV	30	26	26	12
	V	26	24	24	14
Subtotal		176	161	153	56
<i>Umberto I</i>	I	49	34	31	21
	II	22	17	14	2
	III	21	15	13	9
	IV	13	11	11	5
Subtotal		105	77	69	37
<i>Rosa Maltoni</i>	I	49	39	39	17
	II	26	29	19	9
	III	11	8	7	4
	IV	12	6	6	3
Subtotal		98	76	71	33
<i>Elena di Montenegro</i>	I	35	26	23	20
	II	14	11	8	7
	III	14	11	10	7
Subtotal		63	48	41	34
<i>Vittorio Emanuele II</i>	I	40	24	10	8
Subtotal		40	24	10	8
<b>TOTAL</b>		<b>482</b>	<b>386</b>	<b>344</b>	<b>168</b>

Fonte: ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Rel. LUIGI LEDDA, 12/09/1937. Maço 62.

As escolas italianas, no Rio Grande do Sul, foram alvo de visitas inspetoriais da *Italica Gens*, de cônsules e de inspetores vindos da Itália. Em agosto de 1937, as escolas italianas de Porto Alegre foram visitadas pelo Inspetor Gabrielli, enviado para a América do Sul pelo Ministério das Relações



Exteriores da Itália.

Na visita do inspetor às diversas escolas, acompanhado pelo cônsul Santovicenzo, pôde-se constatar, segundo Ledda, “[...] as reais condições de todas as escolas, de seu eventual desenvolvimento, do trabalho dos professores que, geralmente, trabalham com entusiasmo e fé fascista<sup>266</sup>”. (Tradução nossa).

Finalizando cinco anos de reestruturação, Ledda avaliou que, quanto ao desenvolvimento dos programas didáticos, estes estavam sendo cumpridos e que o ensino da história e da geografia havia rendido frutos<sup>267</sup>. “Os alunos das séries superiores falam e escrevem discretamente o italiano, amam firmemente e sem qualquer respeito humano a Itália Fascista<sup>268</sup>”. (Tradução nossa).

Ledda identificou que, com relação aos anos anteriores, os alunos da primeiras séries estavam melhores e que os professores trabalhavam, em geral, bem. Ademais, explicou:

Posso anunciar que nestas escolas finalmente neste ano se escreve pouco e se faz falar bastante. Justamente a preocupação maior é o ensino da língua. Infelizmente os alunos em casa, em geral, falam o português e o dialeto. A recitação, os cantos, os jogos, o *Campeggio* são meios potentes para o conhecimento da língua. E os nossos alunos cantam sempre que vão aos *Campeggi*. Trabalha-se para a preparação da opereta [...]. O ensino da aritmética é geralmente racional. Poucos exercícios escritos, ordenados e claros dentro do programa. No quadro, exercícios de diálogo. Bastante cálculo oral.<sup>269</sup> (Tradução nossa).

Os dados apresentados dão conta de que havia uma preocupação com o aspecto didático. Várias eram as estratégias para o cultivo da Língua Italiana, por exemplo. As escolas italianas acabaram sendo uma ilha em meio a um ambiente metropolitano e a uma conjuntura que indicava um processo de nacionalização que não tardaria em ser mais duro.

O programa de ensino de “noções várias” e de “ciência” que compunha o currículo era bastante considerado pelos estudantes, segundo Ledda, e os alunos, cada vez mais, eram estimulados no uso da língua italiana<sup>270</sup>. Ledda frisou que todos os professores ensinavam a ginástica; aqui, possivelmente,

<sup>266</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Rel. LUIGI LEDDA, 12/09/1937, p. 3. Maço 62.

<sup>267</sup> Idem.

<sup>268</sup> Idem.

<sup>269</sup> Idem.

<sup>270</sup> Ibidem, p. 4.

excetuaram-se os cedidos pelo Estado para o ensino de Língua Portuguesa.

Quanto à ginástica, um dos elementos importantes na educação de modelo fascista (ROSA, 2009), Ledda registrou que:

Depois de várias reuniões de conselho e de aulas práticas, se conseguiu compilar um programa de ginástica único para todas as escolas e de vários graus, conforme a idade e a classe dos alunos, que já todos os professores indistintamente desenvolvem.<sup>271</sup> (Tradução nossa).

No conjunto do relatório, Ledda demonstrou que estava satisfeito com o progresso dos alunos e com o empenho dos professores. Salientou, ainda, que houve um grande progresso por conta de as famílias enviarem seus filhos para a escola italiana, mas, segundo ele, “[...] estamos bem longe de obter a necessária colaboração dos parentes no que se refere ao estudo da língua e [...] são reservadas de 12 a 17 horas semanais para o ensino de português<sup>272</sup>”. (Tradução nossa).

Outro aspecto da cultura escolar evidenciado por Ledda foi a prática do desenho espontâneo, a qual afirma ser uma das características das escolas italianas. Porém, segundo o diretor, “[...] nem todos os professores captaram o espírito e a importância desta disciplina”<sup>273</sup>.

Ledda ao concluir, evidenciou a necessidade de envio de uma professora montessoriana<sup>274</sup> para Porto Alegre, afirmando que a instituição de uma creche infantil na capital era “verdadeiramente urgente e necessária<sup>275</sup>”, pedido que seria negado pela DGIE, como se vê abaixo:

No que tange o envio de uma professora montessoriana e a definição de professores enviados da Itália se reserva uma comunicação antes do início do novo ano escolar, mas já se confirma que será difícil o

<sup>271</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 10/09/1935, p. 6. Maço 785.

<sup>272</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Rel. LUIGI LEDDA, 12/09/1937, p. 6. Maço 62.

<sup>273</sup> Idem.

<sup>274</sup> Ledda apontou para a proposta da vinda de uma professora “montessoriana”, evidenciando a adesão a elementos da Escola Nova. Na perspectiva montessoriana, dá-se “[...] ênfase às atividades sensório-motoras da criança, que devem ser desenvolvidas seja por meio de exercícios de vida prática (vestir-se, lavar-se, comer, etc.) seja por meio de um material didático cientificamente organizado (encaixes sólidos, blocos geométricos, materiais para o exercício do tato, do senso cromático, o ouvido, etc.) [...] desenvolvendo livremente suas próprias atividades para amadurecer as suas capacidades e atingir também um comportamento responsável”. (CAMBI, 1999, p. 531-532).

<sup>275</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Rel. LUIGI LEDDA, 12/09/1937, p. 9. Maço 62.

aumento de encargos para o envio de novo pessoal.<sup>276</sup> (Tradução nossa).

Do conjunto de relatórios elaborados por Ledda, tornou-se possível apresentar o Quadro 32, abaixo, que espelha a caminhada e o esforço do Diretor Didático, bem como o desenvolvimento das escolas, a partir de 1932, quando Ledda começara suas atividades no Rio Grande do Sul até o final de 1937. Pelos dados, constata-se uma tendência de crescimento. Contudo, não se pode elaborar uma média, devido à falta dos dados da *Scuola Vittorio Emanuele II*.

Com relação ao número de alunos inscritos, desde 1932 até 1937, pôde-se observar um crescimento considerável. Passa-se de 84 discentes frequentantes em 1932 para 392 em 1937. Em 1933, no primeiro ano da reorganização, o número de alunos inscritos subiu 108% em relação ao ano de 1932, o que, em números absolutos, significou o incremento de 124 alunos. A respeito do número de frequentantes, registrou-se uma presença no ano de 1932 de 76% dos alunos inscritos; em 1933, de 72%; em 1934, de 98%; em 1935, de 70%; em 1936, de 91%; e, em 1937, de 77%. Nota-se que o segundo ano da reestruturação apresentou a melhor performance de frequência.

Outro dado relevante a considerar é que, nos anos de 1934 e de 1935, não há estudantes na quarta série da *Scuola Principessa Elena*. Tal motivo não foi possível apurar. Se considerar o conjunto dos dados coletados, pode-se identificar que a *Scuola Dante* e a *Scuola Umberto I* tinham o maior número de alunos.

---

<sup>276</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Cor. MAE, 11/11/1937. Maço 62.

**Quadro 32: Evolução do número de alunos inscritos nas escolas da capital (1932 -1937)**

Escola	Série	1932		1933		1934		1935		1936		1937	
		Inscritos	Frequência	Inscritos	Frequência	Inscritos	Frequência	Inscritos	Frequência	Inscritos	Frequência	Inscritos	Frequência
<i>Dante Alighieri</i>	I	-	-	17	13	36	36	34	26	43	39	36	34
	II	-	-	16	15	33	33	21	16	36	33	44	40
	III	-	-	9	9	17	17	16	15	28	25	40	37
	IV	-	-	5	5	21	21	10	9	22	22	30	26
	V	-	-	4	4	13	10	10	6	24	23	26	24
Subtotal		-	-	51	46	120	117	91	72	153	142	176	161
	Preparatória	30	15	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Umberto I</i>	I	15	13	78	51	40	40	56	41	41	38	49	34
	II	17	14	30	30	30	30	40	31	30	28	22	17
	III	8	7	10	10	26	25	20	13	20	17	21	15
	IV	3	3	4	4	16	16	10	10	15	15	13	11
Subtotal		73	52	122	95	112	111	126	95	106	98	105	77
	Preparatória	5	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Princesa Elena</i>	I	15	10	39	30	45	42	37	25	22	21	35	26
	II	14	11	16	9	29	27	20	18	13	12	14	11
	III	6	6	5	2	10	10	9	8	7	7	14	11
	IV	1	1	5	2	-	-	-	-	-	-	-	-
Subtotal		41	32	65	43	84	80	66	51	42	40	63	48
<i>Rosa Maltoni</i>	I	-	-	-	-	-	-	-	-	33	33	49	39
	II	-	-	-	-	-	-	-	-	18	14	26	29
	III	-	-	-	-	-	-	-	-	17	17	11	8
	IV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12	6
Subtotal		-	-	-	-	-	-	-	-	68	64	98	82
<i>Vittorio Emanuele II</i>	I	-	-	-	13	-	-	-	-	33	23	40	24
	II	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-
	III	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
	IV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
		-	-	27	19	-	-	-	-	33	23	40	24
<b>TOTAL GERAL</b>		<b>114</b>	<b>84</b>	<b>238</b>	<b>184</b>	<b>316</b>	<b>308</b>	<b>283</b>	<b>218</b>	<b>402</b>	<b>367</b>	<b>482</b>	<b>392</b>

Fonte: ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 02/05/1935. Anexo. Maço 785; ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Rel. LUIGI LEDDA, 12/09/1937. Maço 62; ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1945. Rel. LUIGI LEDDA, 02/06/1936. Maço 64; ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 16/12/1932. Maço 785; ASMAE- Archivio Scuole 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, maio de 1933. Maço 785.

No final do ano de 1937, Luigi Ledda deixou a Direção Didática convicto de ter feito bem o trabalho para o qual havia sido enviado. No final do relatório de 12 de setembro de 1937, ele mesmo já sabia de sua saída e, assim, se expressou: “Orientado por esta honorável Direção geral a assumir a nova sede,

parto sereno e tranquilo, convencido de ter feito sempre o meu dever. Estou certo de que o meu sucessor poderá fazer melhor do que eu. Saudações fascistas<sup>277</sup>. (Tradução nossa). Tendo vindo por orientação do Ministério de Relações Exteriores, cumpriu sua missão e seguiu novas ordens. Seu sucessor foi o professor Mariano Berlingeri.

#### 4.4 SANTOVICENZO MAGNO E A PROPOSTA DA ESCOLA ÚNICA

*“A maior facilidade de controle da atividade dos professores, a redução da quantidade de séries, de pessoal para a língua portuguesa, a unidade rigorosa de orientação, a economia de material, a serenidade e alegria imensa que provêm pelo fato de ter um ambiente adequado e higiênico, permitirão às nossas escolas de ocupar o posto que merecem, andando assim ao encontro dos desejos desta honorável Direção Geral, que tantos esforços envia para o desenvolvimento das instituições escolares no exterior, sanando assim uma antiga e angustiante questão.”*  
(ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Rel. LUIGI LEDDA, 12/09/1937, p. 2. Maço 62)

A partir de 1937, inicia a atividade do cônsul Santovicenzo Magno no Consulado em Porto Alegre, que será outro defensor da escola étnica italiana, tendo declarado, nos primeiros meses de sua chegada a Porto Alegre, que “[...] um dos principais pilares de sua atividade consular seria a escola<sup>278</sup>” (Tradução nossa), como referiu Ledda.

De fato, logo o diplomata observou a necessidade de resolver, em definitivo, o problema do local das escolas, propondo uma reunião das cinco escolas existentes num só prédio. A questão de espaços inapropriados era permanente na pauta do diretor ditático, o qual, alinhado ao cônsul, o elogiava, declarando ser louvável sua proposta.

Ledda considerava “[...] urgente, necessária, indispensável, uma boa escola italiana<sup>279</sup>”, acreditando que, em 1938, a reunião das escolas em um só lugar seria uma realidade, sendo, então, inútil ilustrar todos os benefícios dos quais poderiam gozar as escolas com tal plano de organização. No relatório de Ledda de 1936<sup>280</sup>, houve a primeira manifestação sua sobre a importância de uma escola única, em um só local.

Alguns elementos da utilidade da reunião dos alunos, em uma só escola foram elencados por Ledda e, posteriormente, retomados pelo cônsul com

<sup>277</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Rel. LUIGI LEDDA, 12/09/1937, p. 9. Maço 62.

<sup>278</sup> Ibidem, p. 2.

<sup>279</sup> Idem.

<sup>280</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1945. Rel. LUIGI LEDDA, 2/07/1936. Maço 64.

ampla argumentação. Vale destacar a síntese dos benefícios de tal ação, de acordo com o Diretor Didático:

A maior facilidade de controle da atividade dos professores, a redução da quantidade de séries, de pessoal para a língua portuguesa, a unidade rigorosa de orientação, a economia de material, a serenidade e alegria imensa que provêm pelo fato de ter um ambiente adequado e higiênico, permitirão às nossas escolas de ocupar o posto que merecem, andando assim ao encontro dos desejos desta honrável Direção Geral, que tantos esforços envia para o desenvolvimento das instituições escolares no exterior, sanando assim uma antiga e angustiante questão.<sup>281</sup> (Tradução nossa).

O cônsul Santovicenzo Magno havia escrito cerca de um mês antes ao Ministério das Relações Exteriores, defendendo a posição de uma escola única. Em comunicação de 19 de agosto de 1937, Santovicenzo<sup>282</sup> recordava ao ministro do MAE que, para a atividade escolar produzir todos os seus frutos, entendia ser “[...] necessário que as escolas sejam organizadas de tal modo a corresponderem a certos requisitos essenciais sem os quais boa parte, senão todo o trabalho que nos envolvemos resulta inútil<sup>283</sup>”. (Tradução nossa). Os requisitos mínimos aos quais o cônsul se referiu contemplavam, basicamente, bons professores e bons locais para as atividades. Quanto ao primeiro requisito, emitiu seu parecer de recém-chegado, apontando que:

Os professores desenvolvem uma atividade notável, são assíduos às aulas e sempre prontos a responder a todos os sacrifícios que eles se pedem mesmo fora do horário normal de trabalho. Cuidam das turmas a eles confiadas e se dedicam com paixão e abnegação. [...] são didaticamente capazes e animados de verdadeiro e profundo espírito patriótico. [...] pode-se ficar bastante tranquilos, seguros que se a necessidade se impor o governo não faltará em enviar professores igualmente preparados.<sup>284</sup> (Tradução nossa).

Santovicenzo Magno historiou para o ministro que as duas melhores escolas, no que se referia à estrutura, eram a *Dante Alighieri* e a *Rosa Maltoni*. As outras possuíam suas estruturas escolares junto às sedes das sociedades. Elas sociedades haviam desenvolvido um “louvável e nobre papel”, mas não correspondiam mais às “exigências dos tempos”.

<sup>281</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940.Rel. LUIGI LEDDA, 12/09/1937, p. 2. Maço 62.

<sup>282</sup> ASMAE- Archivio Scuole, 1936-1940. Cor. SANTOVICENZO MAGNO,19/08/1937. p. 1. Maço 62.

<sup>283</sup> Idem.

<sup>284</sup> Ibidem, p.1-2.

Assim, embora os professores desempenhassem plenamente suas atividades, as entidades se “[...] demonstram sempre mais órgãos impróprios e incapazes de satisfazer as prementes e indispensáveis necessidades das nossas escolas<sup>285</sup>”. (Tradução nossa). Ao lado desta constatação o cônsul destacou que a quantidade de alunos, nas escolas, continuava aumentando e, para 1938, havia a previsão de mais de 500 inscritos e que os projetos de “ampliação das escolas sempre haviam fracassado”.

Na avaliação consular, não se devia esperar que as Sociedades em que as escolas funcionavam resolvessem um problema complexo como esse. Embora cinco escolas estivessem funcionando, a opinião de Magno quanto à estrutura física delas era a seguinte: “[...] um triste espetáculo, desprovidas como são de serviços higiênicos, com turmas nas cantinas ou em espaços restritíssimos, privados de todo o necessário para poder funcionar suficientemente<sup>286</sup>”. (Tradução nossa). Aqui, vê-se que, apesar de todo o processo de reorganização começado em 1932 e efetivado em 1933, algumas questões não haviam sido resolvidas. Os espaços adequados à higiene – questão destacada na proposta da Escola Nova e nas escolas modelos na Itália à época – ainda aguardavam soluções definitivas. Cabe ainda referir que Santovicenzo tinha, em seu relatório, uma atenção especial para essa questão, que, em se tratando do ideário fascista, era fortemente valorizada. Daí, pode-se inferir seu zelo e argumentação em favor de uma escola ampla.

Santovicenzo argumentou que a *Vittorio Emanuele II*, naquele momento, com somente uma série, não teria capacidade de instituir um curso completo elementar, nem mesmo a *Elena di Montenegro*, a qual funcionava no salão de festas e estava localizada numa região em que os italianos estão desaparecendo.

Em relação à *Scuola Umberto I*, salientou que:

[...] faltam serviços de higiene [...] e o local é insuficiente, tanto que para cerca de cem alunos foi necessário providenciar a divisão da escola em três edifícios distintos (uma turma no salão de festas, uma turma no antigo bar e outra turma em uma casa em frente à sede. Na Dante, alunos já foram rejeitados por falta de espaço. Em todas as escolas falta um local adequado para o banheiro dos professores, para

<sup>285</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Cor. SANTOVICENZO MAGNO, 19/08/1937, p. 2. Maço 62.

<sup>286</sup> Ibidem, p. 3.

o museu didático, para a biblioteca e para o depósito de material.<sup>287</sup>  
(Tradução nossa).

Um argumento utilizado pelo cônsul para a proposta que estava apresentando ao MAE foi de que o prestígio da pátria impôs não correr riscos. Ponderava que as medidas deviam ser tomadas pois as correntes contrárias às escolas estrangeiras no Brasil aumentavam e tornavam-se sempre mais ameaçadoras.

Os demais argumentos postos por Luigi Ledda em outras correspondências foram retomados na exposição para o ministro. Por fim, Santovicenzo salientava que, reunindo todos os alunos em uma só escola, em um único edifício, dever-se-ia organizar o transporte escolar com um ônibus mas que isso não aumentaria as despesas já existentes, questão a qual deveria ser melhor pensada.

No relatório em análise, pode-se ver o apontamento de duas possibilidades: criar uma *Casa d'Italia* e lá colocar todos os alunos, ou alugar uma construção ampla e cômoda, adequada aos objetivos. Santovicenzo pareceu imbuir-se da mesma vontade de Mario Carli quando propôs, logo em sua chegada, a reorganização das escolas. Diferentemente, aqui, já existiam os alunos.

Santovicenzo elencou quatro passos necessários e, como Mario Carli quando assumiu, falou de uma adequada organização. Ou seja, antes eram necessários programas didáticos comuns. Agora, a pauta era outra. Segundo o cônsul:

Muito se pode esperar das escolas de Porto Alegre; para que as instituições sejam verdadeiramente úteis é necessário dar a elas uma mais adequada organização; tal melhor organização deve consistir na reunião das escolas em um só edifício com salas amplas e equipadas de todos os serviços ao bom funcionamento; é necessário aumentar a cifra estabelecida para o subsídio ao menos até 50 contos anuais, autorizando a compra de um ônibus para o transporte dos alunos [...].<sup>288</sup> (Tradução nossa).

Os planos traçados e motivados pelo crescente número de alunos receberam do Ministério das Relações Exteriores da Itália uma posição que não

<sup>287</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Cor. SANTOVICENZO MAGNO, 19/08/1937, p. 3-4. Maço 62.

<sup>288</sup> Ibidem, p. 5.



permitiu levar adiante tal estratégia. O MAE comunicou que “[...] é para excluir qualquer aumento de despesas da parte do Erário e que, portanto, a solução do problema da construção escolástica deve ser resolvida localmente<sup>289</sup>”. (Tradução nossa).

Santovicenzo tentou mais uma vez, dentro de sua visão, organizar a rede escolar, agora com o propósito de colocar todos os alunos num só local. A preocupação do consulado de Porto Alegre, novamente, evidenciou-se. Observa-se que as decisões sobre as escolas buscavam contemplar todos os educandários existentes numa visão unitária como proposta, em 1933, por Mario Carli.

No capítulo que segue, serão abordados mais elementos da cultura escolar, salientando atividades que eram comuns às escolas e buscando caracterizar, ainda mais, o aspecto da reorganização delas, que culminou em ações orquestradas e na formação de uma rede de escolas ítalo-brasileiras.

---

<sup>289</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Cor. MAE. 11/11/1937. Maço 62.

## 5. CULTIVANDO UMA REDE DE ESCOLAS

*“A escola é um campo fértil, onde podem nascer e prosperar plantações exuberantes. O regime fascista é um bom agricultor e terá uma abundante colheita do que semeia hoje.”*  
(CORREIO DO POVO, 03/11/1936, p. 6)

Em 03 de novembro de 1936, foi publicado no *Correio do Povo* um texto cujo autor não se identificava. Versava sobre os avanços da escola fascista, na Itália, e os resultados alcançados com a moderna pedagogia que jogava fora as “velharias”, cuidando-se para ter uma escola ampla, limpa, adaptada ao local onde estava inserida. O texto frisava que a escola para os fascistas era prioridade e que a “vida” havia entrado nos educandários por conta da Reforma Gentile.

Segundo o artigo, o fascismo seria um “bom agricultor”, e a escola um “campo fértil”. Esses elementos e outros que podem ser evidenciados na íntegra, abaixo, suscitam o questionamento sobre a autoria do texto. Seria o Diretor Didático, Luigi Ledda, o seu autor? De alguma forma, vê-se que, apesar dos problemas apontados pelo cônsul Santovicenzo, as escolas italianas de Porto Alegre eram em número de cinco e com várias atividades organizadas como os *campeggi*, refeições, exposição de arte, serviço de saúde, atividades coletivas no campo Ítalo Balbo, horários comuns, uma atividade escolar variada com professores de música, canto, educação física, inclusive, mostrando-se para a comunidade com a organização de um concurso para outras escolas.

Talvez o texto a seguir publicado no jornal *Correio do Povo* tivesse a intenção de se constituir numa propaganda do modelo de escola que os italianos de Porto Alegre, ou um pequeno grupo, julgavam estar bem próximos ou desejavam estar.

O regime fascista deu um notável impulso à escola italiana, quer do ponto de vista **didático**, quer da **assistência** e da **higiene**. Na nova atmosfera criada atualmente pela situação histórica da Itália, a escola está mais do que nunca em primeira linha. A Reforma Gentile, acabando com todas as velharias, constituiu um impulso considerável para a renovação radical do ensino primário. Sem perder nenhuma de suas características sérias e práticas, a escola italiana renunciou a todas e qualquer forma de pedantismo e mesquinhez que podia sufocar a sua vitalidade. A inteligência das crianças nela se desenvolve facilmente, sem empecilhos, sendo cuidadosamente orientada para o bom caminho, num ambiente sereno, são e agradável. O problema da edificação, foi quase inteiramente resolvido. O analfabetismo

desapareceu completamente mesmo nas zonas mais inacessíveis, onde se encontrou sempre um professor que aceitou a sua missão, como um apostolado. Primeiramente, alguns Institutos reconhecidos e ajudados pelo Governo, e em seguida diretamente pelo Governo Fascista, preocuparam-se em dar aos estudantes um edifício que corresponderesse aos requisitos higiênicos necessários a sua saúde e aos requisitos estéticos necessários ao seu espírito. Os edifícios escolares ganharam um aspecto especial, de acordo com a localidade em que deviam surgir, tendo sido construídos com a harmonia de linhas tais, que, evitando dar-lhes uma forma monumental e severa, imprimiu-lhe uma dignidade serena, própria das funções a que são destinados. Tendo procurado adaptá-los ao meio, os alunos sentem-se à vontade nas suas escolas, que tem na cidade uma linha arquitetônica apropriada ao bairro, e nas aldeias um aspecto familiar e gracioso que não destoam com as casas modestas que as circundam. Os edifícios escolares das cidades têm, portanto, amplos corredores, salas muito vastas, salões para as festas, ginásios e recreios; nas aldeias longe dos grandes centros, o edifício escolar é uma construção modesta, com o seu campanário, com as aulas alegres e em torno existe a horta para as experiências. O fato de adaptar o aspecto da escola ao espírito de quem a deve frequentar é um alto critério de pedagogia, que somente um educador de grande sensibilidade podia ter. Por iniciativa dos professores e o desejo dos alunos muitas lições são dadas ao ar livre, onde conjuntamente com os benefícios físicos, os alunos podem em contato com a natureza compreender melhor do que nos livros as suas lições de história natural, de geografia, etc. Os **desenhos, os diários espontâneos** e cheios de frescura, demonstram a eficácia deste ensino, livre dos aborrecimentos de uma pedagogia antiquada. Espetáculos vários, do cinema sonoro às representações dos próprios alunos, interrompem oportunamente as horas de estudo permitindo-lhes participar a uma forma de arte que, habilmente orientada, deu excelentes resultados. [...] A vida penetrou a escola permitindo à criança vivê-la numa atmosfera real e não convencional e falsa. A obra de assistência escolar substituiu o critério individual de beneficência, pelo critério social de **assistência**, o sentimento de piedade pelo dever civil de concorrer para o melhoramento da raça e vai das medidas higiênicas à **distribuição gratuita de material escolar, de roupas e refeições**. Em todas as escolas o **médico visita** periodicamente os alunos que necessitam de tratamento e quando é preciso, enviam-nos aos especialistas. Foram criadas para as crianças fisicamente fracas e atrasadas escolas especiais, onde elas recebem uma assistência completa sob o controle direto de especialistas. **O fascismo vê longe: forma a seu feitio as crianças de hoje que formarão o povo de amanhã, povo de operários, de empregados, de camponeses, povo são e consciente de seus deveres ao qual foi confiado o futuro da Itália. A escola é um campo fértil, onde podem nascer e prosperar plantações exuberantes. O regime fascista é um bom agricultor e terá uma abundante colheita do que semeia hoje.**(CORREIO DO POVO, 3/11/1936 p. 6; grifo nosso).

Pode-se observar, pelos relatórios analisados, que alguns pontos indicados no texto estão contemplados na proposta de renovação do ensino elementar levada a cabo por Ledda e o consulado. Esses elementos falam da cultura das escolas e de sua constituição enquanto rede escolar voltada para um mesmo projeto.

## 5.1 HORÁRIOS COMUNS

*“Presume-se que as matrículas deste ano superarão as dos anos anteriores. A direção, prevendo o afluxo de novos e numerosos elementos, acaba de organizar os cursos para o próximo ano, de modo que os mesmos possam comportar comodamente até 500 alunos. As inscrições durarão por muito pouco tempo, pois que no dia 6 de março próximo terão início regularmente as aulas.”*  
(A FEDERAÇÃO, 27/02/1937, p. 2)

A unidade de ação das escolas italianas da capital, evidenciada por uma proposta curricular comum e examinada pelo Diretor Didático, pode ser percebida pelas rotinas como o início e o término das aulas no mesmo período. A informação publicada no jornal *A Federação* sobre o início das aulas revelou uma condução uniforme das escolas. Aliás, em matérias dos jornais analisados anteriores a 1933, não se encontrou essa informação orquestrada, padronizada, bem como não se identificou a presença de uma Direção Didática.

Escolas italianas da capital. A direção didática das escolas italianas de Porto Alegre nos notifica: Comunica-se à coletividade italiana, seus amigos e admiradores, que, este ano, as escolas italianas reabrirão suas aulas com alguns dias de atraso, para proporcionar aos professores e alunos que participaram do “*Campeggio Mussolini*”, maior descanso no seio das respectivas famílias. Porto Alegre, 2 de março de 1934. O Diretor Didático – Luigi Ledda. (A FEDERAÇÃO, 03/03/1934, p. 4).

Outro anúncio, em 1934, foi editado no jornal *A Federação*, que trouxe como chamada *Escolas italianas em Porto Alegre*:

O senhor Luigi Ledda, diretor das escolas italianas desta capital, pede-nos para que comuniquemos aos interessados que, a começar do dia de hoje, em todas as escolas italianas de Porto Alegre, das 8h às 11h de todos os dias, estarão abertas as inscrições dos alunos que pretendem matricular-se. (A FEDERAÇÃO, 7/03/ 1934, p. 4).

Nessa mesma sintonia, o Jornal *A Federação* publicou a data das matrículas:

As matrículas nos Colégios Ítalo-brasileiros. A direção das Escolas Italianas desta capital nos comunica que no dia 1º de março serão abertas as inscrições de todos os alunos que quiserem no próximo ano letivo frequentar os Colégios Ítalo-brasileiros de Porto Alegre. Grande é a expectativa no seio da colônia italiana aqui radicada pelo interesse que o ensino da língua italiana vem despertando entre nós. Presume-se que as matrículas deste ano superarão as dos anos anteriores. A direção, prevendo o afluxo de novos e numerosos elementos, acaba

de organizar os cursos para o próximo ano, de modo que os mesmos possam comportar comodamente até 500 alunos. As inscrições durarão por muito pouco tempo, pois que no dia 6 de março próximo terão início regularmente as aulas. (*A FEDERAÇÃO*, 27/02/1937, p. 2).

Começou-se, a partir de então, a utilização da expressão “Colégios Ítalo-Brasileiros”, o que aliás apareceu nas inscrições externas dos prédios das sociedades que abrigavam as escolas, como já visto nesta tese.

Repetidos anúncios nos jornais de Porto Alegre esses indicavam que a matrícula era feita somente num local, na Rua Misericórdia, n.º 108, ou seja, na sede da *Dante Alighieri*, sede da Direção Didática. Nota-se, ainda, que quem comunicava a informação era diretamente o consulado, o que corroborou a unidade de ação das escolas e o sentido de uma rede escolar homogeneizada em vários aspectos. Veja-se o anúncio:



Figura 56: Aviso de início das matrículas dos colégios italianos da capital  
Fonte: Jornal *A Federação* (10/02/1936, p. 8).

Em outro anúncio de 1937, o jornal *A Federação* apresentou o endereço das escolas e enfatizou o início das atividades para o mesmo dia:

No dia primeiro de março abrir-se-ão as matrículas das escolas ítalo-brasileiras nesta capital: Colégio *Dante Alighieri*, rua Misericórdia, telefone 5744; Colégio Rosa Maltoni, Av. Getúlio Vargas, 1401, Telefone 5998; Colégio Umberto I, Avenida Visconde Rio Branco, 1, telefone 212; Colégio Vítório Emanuel II, rua Sete de Setembro, 729. As lições regulares começarão no dia 6 de março. (*A FEDERAÇÃO*, 25/02/1937, p. 2).

Os exames das escolas italianas de Porto Alegre, após a reorganização, também foram unificados e tinham a presença da inspetora do Ensino do Estado, que, em 1936, era a senhora Naysa de Lorenzi Maciel, que, juntamente

com as professoras de português designadas para as escolas, acompanhava os exames de português. Abaixo detalhes de 1936:

Tiveram início segunda-feira os exames finais na Escola *Dante Alighieri* desta capital com a presença das excelentíssimas senhoritas Nair de Lorenzi Maciel, inspetora do Ensino e Iolanda Ferrari diretora da Escola *Dante Alighieri*, e das senhoritas Heliete Leal Costa, Hilda M. Barreto, Amélia Sirangelo e Suely Schoereder, professoras do Estado nas diversas Escolas Ítalo-Brasileiras de Porto Alegre. Os alunos do segundo, terceiro, quarto e quinto anos da Escola Dante prestaram exames de português de acordo com o programa estabelecido efetuando-se as demais provas daquele curso ano dias 18, 19 e 20 do corrente. Nas demais escolas ítalo-brasileiras os exames serão feitos nos seguintes dias: Escola Rosa Maltoni: sexta-feira. Comissão: Professora Hilda Barreto e Suely Schoereder. Escola Elena de Montenegro: Sábado, 21. Comissão: Prof. Amélia Sirangelo e Wilma Fauth. Escola Vittorio Emanuele II, segunda-feira, 23. Comissão: Professora Suely Schoereder, Amélia Sirangelo e Wilma Fauth. Sexta-feira, dia 26, entrega dos atestados de aprovação em todas as escolas ítalo-brasileiras. Presidirá aos exames nos referidos estabelecimentos de ensino pela Diretoria de Instrução Pública a Inspetora Escolar professora Nair de Lorenzi Maciel. (*A FEDERAÇÃO*, 19/11/1936, p. 2).

Como se vê, as escolas étnicas italianas na capital tinham um acompanhamento da Diretoria de Instrução Pública, quando dos exames de português.

## 5.2 PROFESSORES DAS ESCOLAS ITALIANAS DA CAPITAL

*“Os professores de português trabalharam também neste ano, mantendo boas e cordiais relações com os nossos professores e com a Direção.”*  
(ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1936. REL. LUIGI LEDDA, 11/12/1935, p. 3. Maço 876)

A reorganização contemplou a ampliação do número de professores nas escolas. Assim, docentes de canto, de música, de educação física foram contratados e professores de português foram cedidos pelo Estado em vista de dar conta de um ensino “moderno”, como Ledda salientava, várias vezes, em seus relatórios. Nesse sentido foi que Ledda expôs no relatório de maio de 1933: “Em todas as escolas estão em serviço um professor de educação física, dois professores de canto e um de música; e ainda há dois funcionários assistentes<sup>290</sup>”. O quadro de docentes incluía professores públicos, cedidos pelo Estado, nos mesmos termos da cedência de Gino Battocchio para os ginásios

<sup>290</sup> ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, maio de 1933. Maço 785.

da capital, além de professores subsidiados pelo consulado e pelas sociedades italianas de Porto Alegre, através da Federação das Sociedades Italianas de Porto Alegre. Considerando o conjunto de informações recolhidas em várias fontes, pôde-se elaborar o Quadro 33 ainda que incompleto:

**Quadro 33: Professores das escolas italianas (1932-1938)**

Escola	Professores italianos 1932	Professores italianos 1933	Professores italianos 1935	Professores italianos 1936-1937	Professores italianos 1938	Professores brasileiros nomeados pelo Estado (1933-1938)
<i>Scuola Dante Alighieri</i>	-	Luiggi Ledda; Bice Lupi	Amélia Longo; Bice Lupi; Luigi Ledda; Elda Hoenigmann	Amélia Longo; Bice Lupi; Luigi Ledda; Elda Hoenigmann	Amélia Longo; Bice Lupi; Elda Hoenigmann; Mariano Berlinger	Heliete Leal Costa (Português)
<i>Scuola Umberto I</i>	Amélia Saguin; Luigi Ledda	Giuseppe Lunardini e Amélia Saguin; Rocco Junior	Giuseppe Lunardini; Ione Scatolari; Iolanda Ferrari	Giuseppe Lunardini; Ione Scatolari	Giuseppe Lunardini; Ione Scatolari; Ada Carignani	Hilda M. Barreto (Português); Amélia Sirangelo (Português)
<i>Scuola Principessa Elena di Montenegro</i>	Elda Giaciolli; Luigi Ledda	Maria Brigida Feola	Maria Brigida Feola; Adolfo Madile	Maria Brigida Feola; Adolfo Madile	Maria Brigida Feola; Adolfo Madile	Suely Schoereder (Português)
<i>Scuola Vittorio Emanuele II</i>	-	Elda Giaciolli	Elda Giaciolli	Elda Giaciolli	Elda Giaciolli	Heliete Leal Costa (Português)
<i>Scuola Rosa Maltoni</i>	-	-	-	Luigi Ledda; Iolanda Ferrari	Iolanda Ferrari	Margherita Leiria (Português)

Fonte: ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. BUSTA 785, Rel. LEDDA. 16/12/1932. Maço 785; ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 2/06/1935. Maço 785; ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1945. Rel. LUIGI LEDDA, 2/07/1936, p. 7. Maço 64; ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1945. ADA CARIGNANI, 25/04/1938; ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Rel. LUIGI LEDDA, 12/09/1937; ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, maio de 1933. Maço 785; Jornal *A FEDERAÇÃO* (19/11/1936, p. 2).

No jornal *La Voce d'Italia* (30/04/1937, p. 4), por ocasião da despedida de Barbarisi, o editor enaltece a figura do cônsul por sua ação junto às escolas e informa que o cônsul havia solicitado e conseguido contratar para as escolas “[...] **quatro professores de carreira vindos diretamente da Itália**”. (Tradução e grifo nossos). A partir dessa informação somam-se cinco professores vindos da Itália se for considerado o próprio Luigi Ledda, dentro do

período da reorganização.

A dinâmica envidada nas escolas com várias atividades e com o aumento do número de alunos foi, as poucos, alterando o caráter multisseriail (várias séries) e unidocente, padrão visto na *Umberto I* e *Principessa*, com algumas variáveis antes da reorganização. Por exemplo, em 1935, na *Scuola Dante*, a professora Amélia Sanguin cuidava da primeira classe, a professora Elda Hoenigmann cuidava da segunda e terceira classes e a professora Bice Lupi da quarta e quinta classes. Na *Umberto I*, também na mesma época, pôde-se identificar que o professor Giuseppe Leonardini cuidava somente da primeira classe, enquanto a professora Ione Scatolari ensinava a segunda classe e a professora Iolanda Ferrari tomava conta da terceira e quarta classes. Na *Principessa Elena*, as classes se dividiam entre a professora Brigida Feola e o professor Adolfo Madile.

**Quadro 34: Salários pagos pelo Consulado em 1934**

<b>Atividade</b>	<b>Nome</b>	<b>Salário</b>
Professor de Música	Giuseppe Lunardini	1950 réis
Professora	Elda Giaccioli	1200 réis
Professora	Brigida Feola	900 réis
Professor da fanfarra	Sebastião Tosto	50 réis
Professor de Canto	Angelo Crivellaro	50 réis
Assistente da Direção Didática	Severino Domênico	1250 reis
Assistente da <i>Scuola Umberto I</i>	Italia Artioli	200 réis
Total		5600 réis

Fonte:ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. GUGLIELMO BARBARISI, 30/07/1934. Maço 933.

Com a reorganização das escolas, fez-se necessário ter professores para as diversas atividades, sendo esta uma preocupação do consulado, como é possível ver na correspondência do regente do consulado, senhor Gighi, de 28 de abril de 1934, na qual referia outra correspondência por ele enviada à DGIE na qual tratava do “[...] problema dos professores [...] problema de particular delicadeza<sup>291</sup>”.

Na comunicação, o regente mencionou que, na *Scuola Umberto I*, a qual possuía naquele momento 90 alunos, embora estivesse tudo em perfeito andamento nas aulas, o número de alunos permanecia muito elevado para dois

<sup>291</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. REGENTE GIGHI, 28/04/1934, p. 2. Maço 785.



professores. Pelo que se pôde observar, os professores de música, de canto e de educação física realizavam suas atividades em várias escolas<sup>292</sup>. No que concerne à *Scuola Dante Alighieri*, o regente referiu que se observava o seguinte fenômeno:

[...] a demanda de inscrições continuam a crescer não obstante o ano já tenha iniciado, sinal evidente que os métodos modernos de ensino de nossa escola italiana aplicados com paixão pelo diretor Ledda, mesmo com a falta absoluta de meios, dando concretos resultados entre os alunos (e eu, em uma recente visita, pude constatar com os meus olhos estes resultados dignos de destaque) inspirando confiança e simpatia sempre mais amplos e difundidos.<sup>293</sup> (Tradução nossa).

Gighi revelou que, a *Scuola Dante Alighieri*, que funcionava na sede da *Italica Domus*, depois da adaptação dos espaços, não tinha condições físicas para acolher mais alunos. Assim, mesmo que o professor Ledda e a professora Giaciolli tenham equipado mais uma sala da *Italica Domus* para uma terceira aula, não foi possível acolher as demandas presentes por falta de professor. O regente referiu que as duas salas de aula onde os dois professores ensinavam cerca de 65 alunos “[...] não são capazes de acomodar nem mais um banco e [...] a demanda apresentada e deixada em suspenso [...] supera trinta alunos<sup>294</sup>”. (Tradução nossa).

Um fato interessante abordado pelo regente era que, se houvesse mais um professor, mesmo no mês de maio, depois do início das aulas, ainda seria possível acolher uma nova turma e que “[...] **seriam mais de trinta famílias dispostas a tirar os seus filhos da escola brasileira, na qual foram forçados a inscrevê-los, para levá-los à escola italiana**<sup>295</sup>”. (Tradução e grifo nossos).

Gighi continuou sua argumentação em favor do aumento do número de professores para a *Dante*, recordando que o cônsul Mario Carli, em comunicação à DGIE, em fevereiro de 1934, já havia requisitado mais um professor para a *Dante Alighieri*, o qual, à época, reforçava o pedido do Diretor Didático que estava consignado em seu relatório de final do ano de 1933.

Nessa correspondência, Gighi fez menção aos salários pagos aos

<sup>292</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. GUGLIELMO BARBARISI, 30/07/1934. Maço 933.

<sup>293</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. REGENTE GIGHI, 28/04/1934, p. 2. Maço 785

<sup>294</sup> Idem.

<sup>295</sup> Ibidem, p. 3.

professores Giaciolli, Lunardini e Feola, na ordem de 300 mil réis mensais e que estes eram subsidiados pelo consulado, não havendo outros recursos disponíveis, restando, então, como solução, o recrutamento provisório, com permissão do MAE de um dos três elementos já propostos pelo cônsul geral Carli, em comunicação anterior. Uma das professoras indicadas era Beatrice Lupi, a respeito da qual o regente tecia em sua comunicação vários elogios, bem como anexou em seu ofício um histórico da docente.

Gighi sugeria ao MAE que ela fosse escolhida entre os candidatos e “[...] enquadrada oficialmente e decorosamente no corpo dos professores destas escolas<sup>296</sup>”. A professora Lupi atendia ao perfil do professor desejado pelo fascismo, que, como refere Pretelli (2009), foi entendido como um pioneiro, um soldado, um combatente e um missionário que difundiria a língua de Dante e a italianidade. Os dados na sequência corroboram sua atuação nesse sentido.

A professora Beatrice Lupi<sup>297</sup>, tendo chegado ao Brasil em 1922, começou a tomar parte, ativamente, da vida colonial em 1925, como vice-presidente da Seção feminina da *Dante Alighieri*, tendo colaborado com o comitê dos festejos para o Cinquentenário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul. Em 1926, foi eleita presidente da seção feminina da Sociedade *Dante Alighieri* e investida neste cargo até maio de 1931.

A professora nascida em Parma, Itália, em 28 de março de 1886, iniciou o seu período de atividade junto à coletividade italiana de Porto Alegre, fundando uma pequena biblioteca circulante gratuita. Instituiu e dirigiu, a partir de 1927, um curso gratuito de Língua Italiana para as senhoras e senhoritas, que funcionava às segundas e às sextas-feiras, das 19 horas às 20 horas, na *Dante*. O curso muito frequentado lhe deu condições de:

[...] reunir entorno à *Dante* um numeroso e seletto grupo feminino, o qual a ajudou depois a liderar várias iniciativas de ordem cultural (conferências, discursos literários, horas de arte) e outras com finalidade beneficente (coleta de fundos para mobiliar a *Dante* e a biblioteca).<sup>298</sup> (Tradução nossa).

É interessante notar que, a pedido da autoridade consular, em outubro

<sup>296</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. REGENTE GIGHI, 28/04/1934, p. 3. Maço 785.

<sup>297</sup> Faleceu em 25/07/1978 e foi sepultada no Cemitério São Miguel e Almas de Porto Alegre.

<sup>298</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. REGENTE GIGHI, 28/04/1934, p. 1. Anexo. Maço 785.

de 1928, Beatrice Lupi fundou a seção do *fascio* feminino na cidade de Porto Alegre, da qual foi tutora e dirigente ao que se pôde investigar até 1935, dando a sua colaboração ao *fascio* Carlo del Prete, fundado em 1927. De acordo com o regente, ela também foi inspetora das escolas da capital.

Permaneceu, especialmente ao encargo do *fascio* feminino as obras assistenciais; organizou todos os anos, a partir daquela época, a Befana Fascista, escolhendo, especialmente, entre os alunos pobres das nossas escolas os beneficiários. Promoveu a confecção e distribuição de conjuntos aos neonatos, pôs em prática as visitas às gestantes e puérperas e o auxílio às mesmas. **Aceitou das sociedades italianas o encargo de inspetora das escolas por elas instituídas, buscando, na medida de sua autoridade, desenvolver as instituições de cultura elementar que então estavam em verdadeira crise.** Tendo surgido por iniciativa da Direção Didática das nossas escolas, em 1932, o Patronato Escolar presidido pela senhora Maria Carli, foi convidada pela presidente a trabalhar ao seu lado, de alinhada ao Diretor Didático. Ao mesmo tempo, como dirigente do *Fascio* Feminino, continuou a cuidar das obras assistenciais. Os dotes de mulher verdadeiramente notáveis, de italiana inteligência e infatigável, que a senhorita Bice Lupi possui em máximo grau, revelaram-se de maneira mais clara em todas as iniciativas que foi chamada a colaborar pela Direção Didática das Escolas. A senhoria Lupi é professora elementar. Frequentou, depois de ter conseguido o Diploma de Honra, o biênio do Magistério de Roma. Vencido os concursos magisteriais por títulos e exames em 1918, na comuna de Parma, dedicou-se com amor ao ensino até 1922, época em que seguiu com a família para o Brasil. A classificação informada pela senhorita Lupi, como professora, corresponde ao atual “valente” (o máximo).<sup>299</sup> (Tradução e grifo nossos).

Em correspondência de 16 de maio de 1934, a DGIE enviou a notificação de aceite da proposta de contratação de professor para a *Dante*, acolhendo a sugestão do nome de Beatrice Lupi, conferindo 14,70 Liras por dia como pagamento<sup>300</sup>, conforme se pode ver no ANEXO 5 – Contratação da professora Bice Lupi.

Por suas atividades, mais tarde, a professora Beatrice solicitou a aposentadoria ao Governo italiano, como pode-se ver no ofício do cônsul de Porto Alegre, Attilio Bollatti<sup>301</sup> de 1949:

Superintendência de Parma<sup>302</sup>: Assunto: Professora LUPI BEATRICE  
Estão sendo encaminhados os seguintes documentos apresentados

<sup>299</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. REGENTE GIGHI, 28/04/1934, p. 2. Anexo. Maço 785.

<sup>300</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. MAE, 15/05/1934. Maço 785.

<sup>301</sup> ACGIRS. Cor. ATTILIO BOLLATTI AO MAE SOBRE BENEFÍCIO A BEATRICE LUPI, maio de 1949. LUPI, Beatrice. Pasta s/n.

<sup>302</sup> Provveditorato di Parma: o atual nome é *Ufficio Scolastico Provinciale di Parma*.

pela professora elementar de carreira a Senhora LUPI BEATRICE, em licença por razões familiares aqui residente, na Rua Marques do Pombal, número 1111, para obter sua aposentadoria: a) Pedido em carta selada dirigida a Superintendência; b) Currículo (atividades desenvolvidas). A certidão de nascimento será enviada a esta Superintendência aos cuidados de um parente da professora residente em Parma. Segue, ainda, para ulterior envio à Direção do Instituto de Previdência de Aposentadoria dos Professores Elementares, outro pedido em carta registrada relativa ao pagamento da pensão junto ao Escritório Provincial do Tesouro de Parma. Agradeço por acusar o recebimento desta. O Cônsul Geral da Itália em Porto Alegre – Brasil Attilio Bollatti. (Tradução nossa).



Figura 57: Professora Beatrice Lupi  
Fonte: Arquivo Histórico do Consulado Italiano Geral da Itália em Porto Alegre

Em uma correspondência de Luigi Ledda para o Consulado de Porto Alegre, em 14 de março de 1935<sup>303</sup>, identifica-se o nome de vários professores, como o do antigo Vito Paradiso e Angelo Crivellaro, os quais lecionavam música<sup>304</sup>, bem como o nome de professores cedidos pelo Estado para lecionarem português, estes pagos pelo próprio Estado. Na *Scuola Umberto I*, lecionavam os professores Giuseppe Lunardini, Ione Scatolari e Iolanda Ferrari. Para a disciplina de Português, havia sido nomeada a professora Margherita Leiria. Na *Scuola Dante*, encontrou-se, novamente, o professor Giuseppe Lunardini, no posto de professor suplente, além da professora Elda Giaciolli, que há muitos anos lá lecionava, e a professora Beatrice Lupi. Para o português fora designada a professora Heliete Costa Leal. Na *Scuola Elena di Montenegro*,

<sup>303</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. LUIGI LEDDA, 14/03/1935. Maço 785.

<sup>304</sup> Em 1936, encontrou-se a senhora Aida Gnattali e o senhor Sebastião Tosto, como professores de música das escolas, segundo o jornal *A Federação* (23/06/1933, p. 2).

pode-se verificar ainda lecionando Brigida Feola, Adolfo Madile e Amélia Sirangelo para Língua Portuguesa.

Em 30 de março de 1935, Luigi Ledda, em outro ofício, referiu que as senhoras Elda Hoenigmann e Amália Longo lecionavam na *Scuola Dante*. Segundo a mesma correspondência, as três professoras estaduais destacadas para o ensino de português tinham 15 horas de serviço cada<sup>305</sup>.

### 5.3 PRIMEIRA EXPOSIÇÃO DIDÁTICA DAS ESCOLAS ITALIANAS

*“Prezado senhor ministro. Tenho a honra de comunicar a vossa Excelência que sábado dia 22 do corrente na Dante Alighieri, teve lugar, na minha presença, da autoridade escolar da capital, diretor das escolas italianas, todo o corpo docente, o secretário dos fâscios, líderes da colônia, famílias dos alunos e de numeroso público, a inauguração da primeira mostra de trabalhos domésticos e didáticos com a cerimônia de fechamento do ano escolar de 1934.”* (ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. COR. GUGLIELMO BARBARISI, 26/12/1934. Maço 785.)

Além de horários comuns entre as escolas, outras atividades passaram a ser desenvolvidas, como, por exemplo, a exposição didática das escolas italianas, em 1934, evento alusivo ao término das atividades escolares daquele ano. Na ocasião, quem fazia o convite para participar do evento era o Diretor Didático:

Com a presença do cônsul da Itália, haverá no sábado próximo, às 17 horas, a inauguração da **primeira exposição didática das escolas italianas**. O ato se levará a efeito por ocasião do encerramento do ano letivo, na sede da *Italica Domus*, situada à rua Misericórdia, n. 108. O diretor das referidas escolas convida, por nosso intermédio, todos os seus patrícios e os amigos brasileiros para assistir à solenidade. (A *FEDERAÇÃO*, 19/12/1934, p. 4; grifo nosso).

O jornal *A Federação*, de 19/12/1934 (p. 4), noticiou as impressões dos visitantes à exposição didática, salientando que eles tiveram “[...] a melhor das impressões com o que observaram. Os magníficos trabalhos executados pelos alunos ítalo-brasileiros e apresentados nessa ocasião mereceram elogios, pois revelaram estudo e competência.”

Antes da exposição didática, houve a “entrega de boletins” como noticiara o jornal *Diário de Notícias* do dia 23 de dezembro de 1934 e, na sequência, um conjunto de apresentações com coros, hinos, poesias, diálogos. “Um dos números que mais agradaram foi, sem dúvida, o denominado As

<sup>305</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. LUIGI LEDDA, 30/03/1935. Maço 785.

*Aviadoras*, executado pelos alunos do Grupo escolar *Dante Alighieri*”. (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 23/12/1934, p. 3). A exposição dos trabalhos foi de responsabilidade das professoras Beatrice Lupi, Iolanda Ferrari, Ione Scatolari, Elda Giaciolli e Brigida Feola.

A exposição começou por volta das 17 horas e 30 minutos e um grupo de alunos e de alunas das escolas se colocaram na porta de entrada da *Italica Domus* e, ao som do hino fascista, recebeu o cônsul Barbarisi. Estavam presentes, além dos presidentes das sociedades italianas mantenedoras das escolas, o Diretor Didático, Luigi Ledda e o monsenhor, José Balem.

Várias salas foram ocupadas com trabalhos. Na primeira, havia bordados, coordenados pela professora Brigida Feola “[...] que lecionou essa arte durante muitos anos, merecendo do governo fascista, medalha de prata”. (*JORNAL DA MANHÃ*, 25/12/1934, p. 3). Na terceira, estavam expostos os trabalhos de desenhos dos primeiros e segundos anos das escolas. Nesta mesma sala, havia, também, outros trabalhos expostos de desenhos dos alunos do terceiro, quarto e quinto anos.

O *Jornal da Manhã* elogiava a atuação do “[...] pequeno *speaker* Aldo Termignoni<sup>306</sup>, de porte elegante e resoluto e que desde a sua primeira apresentação captou a simpatia dos expectadores”. (*JORNAL DA MANHÃ*, 25/12/1934, p. 3).

---

<sup>306</sup> Aldo nasceu em 21 de maio de 1925. Nesta foto, tirada em 1934, ele tinha 9 anos. Aldo Termignoni era filho de Carlo Termignoni, sócio perpétuo fundador do comitê da *Dante Alighieri*, em Porto Alegre (cfe. *Società Nazionale Dante Alighieri – Comitato di Porto Alegre*, 1937, p. 18). Na foto, aparecem os filhos do casal Carlo e Juanita Termignoni. Na sequência, da esquerda para direita: Tito, Peppe, Luiz e Aldo. O filho menor, Élio, está na frente.



Figura 58: Aldo Termignoni, primeiro à direita com nove anos (1934)  
 Fonte: Acervo particular de Lorena Lunardi Termignoni

Depois de serem visitadas as diversas sessões do certame, deu-se início à execução do programa artístico, que teve o seguinte desenrolar: 1º - *Preghieria* (coro) III, V. *Dante Alighieri*; 2º - Hino a Roma (coro) II, III, IV *Umberto I*; 3º - *Le due madri* (Poesia) IV, *Umberto I*; 4º - Hino à Bandeira (coro) brasileira 2º, 3º, 4º - *Umberto I*; 5º *La rosa insanguinata* (Diálogo e Canto), 2º, 3º *Elena di Montenegro*; 6º *La manca* (diálogo) 1 – *Umberto I*.

Faz-se destaque ainda para as alunas Maria Luisa Barbarisi, Fiora Cecchini, Carmen Contessa, Alba Florensano e Elsa Crivellaro, que encenaram e dançaram a peça *A Aviadora*. O professor Ledda, na ocasião, dizia ao repórter: “Faço questão que o senhor diga pelo seu jornal a gratidão por que todos nós estamos possuídos pelo benemérito governo do Estado que tudo tem facilitado para esta de solidificação dos dois povos”. (*JORNAL DA MANHÃ*, 25/12/1934, p. 3).

Após o evento, o cônsul Barbarisi escreveu ao MAE, a fim de contar com orgulho a atividade e afirmar tudo fazer para o bem das escolas. Veja-se a correspondência que revela seu engajamento com as instituições de ensino da capital e seu acompanhamento direto sobre as atividades por elas realizadas.

Porto Alegre, 26 de dezembro de 1934.

Prezado senhor ministro. Tenho a honra de comunicar a vossa Excelência que, sábado, dia 22 do corrente, na *Dante Alighieri*, teve lugar, na minha presença, da autoridade escolar da capital, diretor das escolas italianas, todo o corpo docente, o secretário dos fâscios, líderes da colônia, famílias dos alunos e de numeroso público, a inauguração da primeira mostra de trabalhos domésticos e didáticos com a cerimônia de fechamento do ano escolar de 1934. A amostra permitiu constatar o grau de perfeição atingido da nossa população escolar na aplicação e execução dos ensinamentos didáticos e dos programas escolares e foi coroada do mais lisonjeiro sucesso e de uma unânime satisfação, assegurando que o diretor e os professores têm trabalhado com amor e dedicação nas horas de sala de aula e nas horas vagas para as atividades extraclasse, para o brilhante êxito da profícua iniciativa. À exposição seguiu uma série de representações e audições vocais e musicais, nas quais as crianças também demonstraram uma educação e sensibilidade artística que, sabiamente cultivada, poderá fornecer no futuro uma opção para operetas e representações com fim fillantrópico. A quantidade de trabalhos que vão desde o desenho ao bordado, da simples aquarela à pintura, do desafio menmônico com temas e frases do *Duce* à realização e à exibição da erudição assimilada durante o ano escolar, foi verdadeiramente imponente e recebeu a admiração e o aplauso das autoridades e dos numerosos presentes. A atividade escolar neste ano, e, particularmente, da época da minha chegada nesta sede, me facilita **a constatar o próspero funcionamento destas escolas, de considerá-las à altura perfeita de qualquer outra florescente instituição similar no exterior e, portanto, todo esforço será feito por mim para que a estas nossas instituições não falem a ajuda e possam responder plenamente ao espírito que preside a educação e o ensino das comunidades italianas no exterior.** Tratarei em outro relatório a situação dos professores, a questão dos prédios escolares com as providências de adaptação, à mercê da ajuda favorável desta honorável Direção Geral, para o novo ano escolar de 1935, que terá início no dia primeiro de março. [...] Queira aceitar, Senhor ministro, os votos de meu profundo respeito. Régio cônsul geral, Guglielmo Barbarisi.<sup>307</sup> (Tradução nossa).

Barbarisi, de fato, empenhou-se pela escola étnica e para a manutenção da rede que foi, aos poucos, consolidando-se. Mais adiante, será visto, nesta tese, que ele buscou ampliar o número de escolas pelo Estado.

#### 5.4 GRANDE CONCURSO “GUGLIELMO MARCONI”

*“São as obras que testemunham o patriotismo de nossa gente, não charlatanismo contemplativo dos críticos e dos fracos. Os nossos filhos devem amar lealmente o Brasil, mas não devem esquecer a Itália, mãe ilustre.”*  
(LA NUOVA ITALIA, 16/05/1933, p. 1)

<sup>307</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. busta 785, Cor. GUGLIELMO BARBARISI, 26/12/1934. Maço 785.



As escolas italianas da capital, na medida em que se organizaram sob a batuta da Direção Didática, desenvolveram várias atividades em conjunto e expuseram-se à sociedade porto-alegrense. Exemplo disso foi a promoção do *Grande concurso "Guglielmo Marconi"*, conforme leu-se no Jornal *A Federação*, de 27/07/1937, à página 2. O texto abaixo sobre o concurso voltado para as escolas da capital que versava sobre Marconi - o "sábio europeu", e que era liderado pelas escolas étnicas italianas de Porto Alegre - demonstra o bom relacionamento com o poder público da capital, considerando-se que tal concurso envolvia também o senhor Guerreiro Lima, diretor-geral da Instrução Pública do Estado do Rio Grande do Sul, que apoiava o evento.

O anúncio enfatizava que o concurso tinha o apoio do governo do Estado, na pessoa do diretor-geral da Instrução Pública, professor Guerreiro Lima e do cônsul Santovicenzo Magno, mas que a ideia inicial do evento era da Direção Didática das escolas ítalo-brasileiras:



Figura 59: Anúncio do Concurso Guglielmo Marconi  
Fonte:Jornal *A FEDERAÇÃO* (27/07/1937, p. 2).

#### **Grande concurso "Guglielmo Marconi"**

A diretoria das Escolas Ítalo-brasileiras de Porto Alegre, com o apoio dos srs. cônsul geral da Itália, comendador Santovicenzo Magno, e diretor geral da Instrução Pública, professor Guerreiro Lima, acaba de organizar o Grande Concurso "Guglielmo Marconi", prestando, assim, uma expressiva homenagem à memória do notável sábio europeu. Eis em que consiste o concurso aludido:

#### **GRANDE CONCURSO "GUGLIELMO MARCONI"**

1º) – A diretoria das Escolas Ítalo-Brasileiras desta capital abre um grande concurso com prêmio para redações sobre o tema de grande atualidade: GUGLIELMO MARCONI

2º) – O concurso compreende duas categorias de concorrentes:

a) Alunos e alunas das Escolas Elementares (curso primário e superior).

b) Jovens e meninas dos Cursos Secundários (Ginásio, Curso Comercial, Complementar, Normal etc.).

3º) – O concorrente pode ser de qualquer nacionalidade.

4º) – O tema pode ser tratado não somente em língua italiana e portuguesa, mas também em qualquer outro idioma.

5º) – As redações devem ser apresentadas à Direção Didática das Escolas Italianas – Rua Misericórdia n. 108. Tel. – 5744 – até 30 de agosto p. v. inclusive.

6º) – Os trabalhos de que ao parágrafo acima deverão ser apresentados em envelope fechado contra distinto de uma frase acompanhado de um envelope também fechado contendo, além da frase, outrossim o nome, sobrenome, endereço, e outras indicações aptas a identificar o concorrente.

#### PRÊMIOS

CURSOS ELEMENTARES – I prêmio, medalhas de ouro, (2); II prêmio, medalhas de prata, (2); III prêmio, medalhas de bronze, (2); 3 menções de honra.

Prêmios menores – Numerosos livros de escolhidos autores italianos e brasileiros. Objetos de uso escolar.

CURSO SECUNDÁRIO – (Ginásios, Escola Normal, etc.) – I prêmio, medalhas de ouro, (2); II prêmio, medalhas de prata, (2); III prêmio, medalhas de bronze, (2); 6 menções honrosas.

Prêmios menores: livros escolhidos entre a literatura clássica moderna (italiana, brasileira, portuguesa, francesa, inglesa, alemã, etc.). Graciosos objetos de uso escolar e de escritório. N. B.: Os vencedores do concurso serão premiados em forma solene no salão de honra da ITALICA DOMUS, presente o régio cônsul geral da Itália, o diretor da Instrução Pública, numerosas autoridades, em dia que será oportunamente comunicado aos interessados pessoalmente, e ao público em geral por intermédio da imprensa local. OS MELHORES TRABALHOS PREMIADOS SERÃO PUBLICADOS NAS REVISTAS DE MAIOR CIRCULAÇÃO NO ESTADO. (A FEDERAÇÃO, 27/07/1937, p. 2).

O concurso envolvia escolas elementares e cursos ginasiais e permitia o uso de outra língua que não o italiano. Todas as redações deveriam ser apresentadas à direção didática das escolas italianas.

O segundo anúncio sobre o concurso enfatizava a composição da comissão de avaliação, salientando o nome do diretor de educação, o professor Afonso Guerreiro Lima, diretor de Instrução pública.

Os vencedores do concurso receberão valiosos prêmios em sessão solene, que se realizará na Italica Domus, com a presença do cônsul italiano, do diretor da Instrução Pública e outras altas autoridades. Os melhores trabalhos premiados serão publicados nas revistas de maior circulação no Estado. A comissão julgadora será constituída de jornalistas e escritores, sob a direção geral do cônsul da Itália, comendador Magno Santovicenzo e do professor Afonso Guerreiro Lima, diretor da Instrução Pública. (A FEDERAÇÃO, 28/07/1937, p. 3)

Na informação do jornal *A Federação*, de 17/08/1937, observa-se também que o presidente dos fâscios em Porto Alegre, Fernando Chiappini,

participou do concurso, no nível de organização do evento, que visava a exaltar o compatriota e a figura simbólica de Marconi<sup>308</sup>.

Um concurso entre a mocidade das escolas – A grande reunião das sociedades italianas domingo próximo. Conforme temos noticiado, a direção das Escolas Italianas de Porto Alegre, homenageando a memória de Guglielmo Marconi, lançou no seio da mocidade estudiosa do Rio Grande do Sul um concurso de composições literárias sobre a vida e a obra do eminente sábio italiano. A iniciativa foi recebida com inteira simpatia, como não poderia deixar de ser. A comissão julgadora do concurso já foi escolhida, estando composta dos seguintes nomes: Presidentes: Com. Santovicenzo Magno, regio cônsul geral da Itália em Porto Alegre; Dr. Guerreiro Lima, diretor geral da Instrução Pública do Estado. Membros: Sr. Fernando Chiappini, secretário de zona; sr. Luigi Ledda, diretor das Escolas Italianas; Marsiaj Nob. Attílio, presidente da Sociedade Italiana “*Dante Alighieri*”; Dr. Gino Battocchio, professor de língua italiana nos Ginásios Estaduais da Capital; prof. Elvezio Marini, professora Natali Giuseppa, professores das Escolas Italianas. sr. Athos Damasceno Ferreira, poeta da Secretaria da Educação, professora Florinda Tubino Sampaio, diretora da Escola Normal: drz. Miss Mary Helen Clark, diretora do Colégio Americano; Prof. Felipe Sauer S. E, diretor do Colégio Alemão São José; R. Kramer, diretor do Ginásio Teuto-Brasileiro Farroupilha; inspetora d. Olga Acauan Gayer, chefe do serviço técnico escolástico; professora Anadyr Coelho, Escola Normal: professora Ida Silveira, diretora do Colégio Elementar Protásio Alves; professora Maria José de Souza e Cunha, diretora do Colégio Elementar Fernando Gomes; Dr. Moyses Weipmann, prof. da Escola Hebraica. (A FEDERAÇÃO, 17/08/1937, p. 2).

Celebrando Marconi, através do concurso que levava o seu nome, enfatizava-se o triunfo do elemento italiano e a exaltação da Itália. Para marcar a presença do personagem da ciência e do cidadão italiano, além do concurso, foi realizada uma comemoração na sede da *Dante Alighieri*, em agosto de 1937, para lembrar a passagem do trigésimo aniversários de sua morte. No anúncio do concurso, informava-se que para a sessão cívica “[...] a entrada será franca a quantos, sem distinção de nacionalidade, queiram render tributo de homenagem à memória do grande sábio”. (A FEDERAÇÃO, 17/08/1937, p. 2).

É importante observar que o concurso foi divulgado em vários jornais da cidade e alguns editores foram convidados a fazer parte da mesa julgadora. Pode-se inferir que esta tenha sido mais uma estratégia de propaganda do

<sup>308</sup> Guglielmo Marconi (Bologna 1874 - Roma 1937). “Cientista e inventor. Em 1909, 1,7 mil pessoas são salvas de um naufrágio graças ao sistema de radiotelegrafia de Marconi, por ele inventado. Em 1912, a companhia de Marconi já produzia aparelhos de rádio em larga escala, particularmente para navios. Em 1915, durante e depois da Primeira Guerra Mundial assumiu várias missões diplomáticas em nome da Itália; [...] em 1919, foi o delegado italiano na Conferência de Paz de Paris”. (TRECCANI, 2015; tradução nossa).

consulado e posicionamento da italianidade e das escolas italianas<sup>309</sup>.

## 5.5 AS REFEIÇÕES ESCOLARES: UMA BOA PRÁTICA DAS ESCOLAS ITALIANAS

*“Efetuou-se ontem, nas Sociedades Umberto I, Dante Alighieri e Elena di Montenegro, o primeiro almoço servido aos alunos das Escolas Italianas, tomando parte cerca de trezentas crianças. As refeições foram distribuídas em salas separadas, nas referidas escolas fiscalizadas pelo prof. Luigi Ledda, administradas pela senhorita Bice Lupi e servidas pelos professores e professoras.”*  
(A FEDERAÇÃO, 11/07/1935, p. 2)

Aspecto relevante a ser analisado nas escolas italianas da capital refere-se à questão da merenda escolar, cuja prática era sistemática e integrada. O perfil dos alunos, como visto, em sua maioria pobre, justificava a ação. Em Porto Alegre, até fins da década de 1920, a maioria dos discentes dos cursos primários e secundários trazia de casa, habitualmente, as merendas dos turnos da manhã e da tarde. Não existiam ou eram muito precários os bares e cantinas das escolas que vendiam refrigerantes e gulodices. O texto *Merenda, Refeição e sopa escolares: subsídios históricos*<sup>310</sup> do Dr. Henrique Licht (2003b) permite identificar as seguintes informações sobre o ano de 1931:

Em alguns ginásios como no Anchieta, nas segundas, terças, quintas e sextas, dias com dois turnos de aulas, cerca de 30 alunos (4 % do total), almoçavam no refeitório da Rua Duque de Caxias. O custo das refeições era um pouco superior ao da mensalidade escolar, e a qualidade da comida era razoável. Não havia cantina ou bar no ginásio. Outras escolas tinham internatos. (LICHT, 2003b)

Segundo Licht (2003b), a direção da Sociedade *Dante Alighieri*, mantenedora da *Scuola Dante Alighieri*, preocupada com o estado físico precário de muitos alunos, além do tempo despendido e do custo do transporte até suas residências para o almoço – considerando que havia aulas nos dois turnos em alguns dia da semana – decidiu, a título experimental, fornecer na

<sup>309</sup> A imprensa local acedeu ao pedido de tomar parte da comissão julgadora, estando assim representada: *A Federação* – Dr. Manoelito Dornellas; *Correio do Povo* – Sérgio de Gouvea; *Diário de Notícias* – Salvador Bruno; *Jornal da Noite* – De Souza Junior; *Folha da Tarde* – Sergio de Gouvea; N. D. Zeitung – José Jeunemann; Deutsche Volksblatt – Dr. Francisco Metzler (cfe. *A FEDERAÇÃO*, 17/08/1937, p. 2).

<sup>310</sup> O texto *Merenda, refeição e sopa escolares: subsídios históricos* do Dr. Henrique Licht (2003b) se encontra no Repositório *Lumen* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O texto não possui paginação e é constituído por um conjunto de anotações.

escola, ao meio-dia, uma refeição orientada por técnicos especializados. Veja a notícia sobre o *Almoço aos alunos das Escolas Italianas*:

Efetou-se ontem, nas Sociedades *Umberto I*, *Dante Alighieri* e *Elena di Montenegro*, o primeiro almoço servido aos alunos das escolas italianas, tomando parte cerca de trezentas crianças. As refeições foram distribuídas em salas separadas, nas referidas escolas fiscalizadas pelo prof. Luigi Ledda, administradas pela senhorita Bice Lupi e servidas pelos professores e professoras. A inauguração desta útil iniciativa nas escolas italianas foi assistida pelo Com. Barbarisi, R. cônsul Geral da Itália, acompanhado de sua exma. Esposa d. Ângela Barbarisi, pelo secretário do *Fascio*, major Ângelo Gattoni, pela senhorita Bice Lupi, pelo sr. Rafael Guaspari, presidente da Sociedade *Dante Alighieri*, pelos representantes da imprensa e por grande número de famílias. As crianças que tomaram parte nas refeições, ontem iniciadas pelas escolas italianas, assistiram, antes e depois do almoço, a uma hora de recreio cheia de atrações. O primeiro almoço teve início às 10:30 horas, na Sociedade *Dante Alighieri*, o segundo às 11 horas, na Sociedade *Elena di Montenegro* e o terceiro, às 11:30 horas, na Sociedade *Umberto I*. Tiveram a iniciativa da criação do “Almoço nas Escolas Italianas de Porto Alegre”, o prof. Luigi Ledda e a senhorita Bice Lupi, que foram apoiados pelo cônsul Barbarisi. (A *FEDERAÇÃO*, 11/07/1935, p. 2)

Na notícia, vê-se que os professores também ajudavam servir as refeições. Embora a notícia do Jornal *A Federação* de onze de julho de 1935 tenha apontado que o primeiro almoço servido aos alunos das escolas italianas iniciou, em 1935, pôde-se encontrar a informação do cônsul Barbarisi, de agosto de 1934, informando ao *Ministero Degli Affari Esteri*, especificamente à Direção dos Italianos no Exterior que “[...] domingo 19 do corrente, teve lugar, na sede da Sociedade *Dante Alighieri*, a festa que anualmente é realizada em benefício das refeições para os alunos pobres que frequentam estas escolas<sup>311</sup>”. (Tradução nossa). O resultado da venda dos ingressos foi entregue ao comitê Pró-refeição escolar, o que corrobora a informação de Licht (2003a) sobre a iniciativa experimental da *Dante Alighieri*.

<sup>311</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. GUGLIELMO BARBARISI, 28/08/1934. Maço 785.



Figura 60: Alunos da *Scuola Umberto I* antes da refeição (1935)  
 Fonte: Jornal *Diário de Notícias* (11/07/1935, p. 3).



Figura 61: Alunos da *Scuola Dante* na hora da refeição (1935)  
 Fonte: Jornal *Correio do Povo* (11/07/1935, p. 7).



Figura 62: Alunos da *Scuola Principessa Elena di Montenegro* durante a refeição (1935)  
 Fonte: Jornal *da Manhã* (11/07/1935, p. 3).

Além disso, segundo Licht (2003b), os almoços, com cardápios diferentes, consistiam basicamente de: sopa (ou massas, ou feijão com arroz); carne (variada); verdura (variada); pão; fruta (variada) e leite (ou suco de fruta, ou refresco). A experiência foi ampliada. Cada aluno podia repetir a refeição, total ou parcialmente. Os pais dos escolares contribuíam voluntariamente com gêneros ou dinheiro, tornando possível distribuir o almoço a todos os alunos, beneficiando os mais carentes, que constituíam sua maioria.

O Diretor Didático, em seu relatório de dezembro de 1935, fez a seguinte observação:

A refeição escolar beneficiou cerca de 200 alunos [...] e a sopa distribuída foi para mais de 6.000. Os cadernos comprados e pagos foram exatamente 4.185. Os bilhetes de bonde distribuídos gratuitamente somam 9.600. De abril a dezembro de 1935, 153 crianças puderam frequentar as aulas gratuitamente e esta iniciativa custou 1:037\$200 contos. [...] todas estas iniciativas encontraram apoio moral e material do cônsul geral.<sup>312</sup> (Tradução nossa).

Obviamente, a alimentação para um grande número de alunos necessitava de verbas. Como se pode ver na notícia abaixo, buscavam-se recursos para as chamadas “cozinhas econômicas”. Uma das alternativas era a promoção de concertos musicais, nos quais a esposa do cônsul Mario Carli, senhora Maria Carli, também se envolvia. O palco era a *Italica Domus*:

Um concerto na *Italica Domus*. Constituirá certamente uma encantadora “serata” de arte o grande concerto vocal e instrumental que, **em benefício das cozinhas econômicas das escolas italianas** se realizará no dia 23 do corrente no amplo salão da *Italica Domus*. Esta hora de arte foi organizada por iniciativa do Comitê Feminino e sob a direção competente da exma. Sra. Maria Carli, esposa do Comendador Mario Carli, ilustre cônsul da Itália neste Estado. Pelo seu programa e pelo valor dos seus intérpretes, o concerto que se anuncia promete revestir-se de grande brilhantismo. (A *FEDERAÇÃO*, 19/06/1933, p. 2).

Em anúncio, poucos dias depois, foi retomada a realização do evento e desta feita foram apresentados os nomes dos artistas, professores e alunos que se envolveram na atividade. Aliás, no programa das escolas da capital, a música e a literatura compuseram os currículos.

<sup>312</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1936. Rel. LUIGI LEDDA, 11/12/1935, p. 3. Maço 876.



### Notas de Arte: concerto na *Italica Domus*

Realiza-se finalmente hoje, às 20h30 horas, no amplo salão da *Italica Domus* o grande concerto vocal e instrumental, organizado pelo Comitê Feminino em benefício das cozinhas econômicas para as alunas das escolas italianas desta capital. Para esta velada de arte, que promete ser encantadora, foi organizado o seguinte programa: 1ª PARTE: 1º - Canto pelos alunos da Escola "*Dante Alighieri*", "*Sotto il Ponte de Rialfo*". 2º - G. Legrenzi (1625-1690) – "*Che fiero costume*". J. B. Veckerlin – "*L'amour s'envole*". Bergerette – "*Aminte*", Profa. Sra. Elsa Bersani Tschoepke. 3º - G. B. Bassani – "*Ardo o cara a quella face*" (cantata d'amore). Glulio Caccini – Madrigale – "*Amarilli mia bella*", sra. Luisa Baggio. 4º - Puccini – "*E lucevan le stelle*". Porichielli – "*Cielo e mar*", J. A. Porcello. 5º - S. Donands (aria) – "*O del mio amato ben*". Bizet Carmen – "*Abanera*", senhorita Carolina Toffoli. 6º - Verdi – Bassi – Solo di clarinetto, prof. Carlo Cimino. 1º - Canto e recitativos dos alunos da Escola *Dante Alighieri*: "*O Roma o Morte!*". 2º - Meyentner – Africano – "*O Paradiso dal l'onde useito*", tenor José Porcello. 3º - Gomes – Lo Schiavo (Romanza) "*Come serenamente*". Canto Profa. Sra. Elsa Bersani Tschoepke. 4º - Leone Sinigaglia – Canzone – "*Montaniana*". Ottorino Respighi – Recitativo – "*E se um giorno tornasse*". Ottorino Respighi – Canto all'anlica – "*Bella porta di rubini*". Canto senhorita Luiza Baggio. 5º - Verdi – Il Trovatore – Duetto senhorita Carolina Toffoli e sr. J. A. Porcello. 6º - Canto pelos alunos da Escola *Dante Alighieri*, "*L'inno degli Sciatori*". Ao piano, professora Aida Gnattali e prof. Adolfo Fest. **Professores de canto e música das escolas italianas, prof. Aida Gnattali, o prof. S. Tosto.** (A FEDERAÇÃO, 23/06/1933, p. 2; grifo nosso).



Figura 63: Apresentação dos alunos da *Dante Alighieri*

Fonte: Jornal *Diário de Notícias* (21/08/1934, p. 5).

Na Figura 63, evidencia-se a "Encantadora Hora de Arte", como anunciava o Jornal *Diário de Notícias* de 21 de agosto de 1934. Logo abaixo da figura aparece "Os alunos do colégio *Dante Alighieri*, que constituem o coro



misto quando se preparavam para iniciar a hora de arte, na qual primeiramente cantaram a *Marcha da Legião*. A matéria relativa à chamada explicava que “realizou-se, domingo último, à noite, na sede da Sociedade *Dante Alighieri* um festival em benefício das refeições escolares”. O texto da notícia prossegue referindo que o evento havia reunido uma seleta plateia com a presença do cônsul Barbarisi e sua esposa, acompanhados de Luigi Ledda, Diretor Didático.



Figura 64: Assistência ao espetáculo dos alunos da *Dante Alighieri*. Cônsul Barbarisi (indicado) e sua esposa, à esquerda.

Fonte: Jornal *Diário de Notícias* (21/08/ 1934, p. 5).

Os resultados das cozinhas continuaram positivos e apesar dos custos elevados, os serviços da Refeição Escolar foram mantidos, buscando sempre aprimorar as condições materiais e técnicas para o melhor atendimento dos alunos.

Algumas diretoras e professoras de grupos escolares de Porto Alegre, que haviam conhecido a organização e os benefícios da assistência alimentar proporcionada nos colégios italianos, tomaram a iniciativa de distribuir gratuitamente aos alunos carentes de suas escolas uma merenda em cada turno, pois um almoço, além de complexo seria muito dispendioso. Elas ampliaram ou melhoraram as cantinas já existentes e também criaram outras em várias escolas de Porto Alegre e municípios vizinhos. Assim, em 1938 era instituída a Merenda Escolar no Grupo Escolar Paula Soares, orientada pelo médico Poli Marcelino Espírito. (LICHT, 2003b).

O exemplo das escolas italianas frutificou. Em 19 de setembro de 1939, o Dr. José Pereira Coelho de Souza, Secretário da Educação e Saúde Pública, lançou a “Cruzada Pró Sopa Escolar”, visando a alimentar as crianças em idade

escolar a fim de que “[...] pudessem tornar-se brasileiros fortes e sadios” (BICENTENÁRIO, 1941, p. 322). Assim foi criada a Associação Cooperadora da Escola. Empossada a Diretoria dessa associação, ela “[...] iniciou a propaganda da ideia e promoveu o angariamento dos fundos necessários à execução do empreendimento [...] velando em especial pelo sub-nutrido, a quem deve proporcionar alimentação adequada”. (BICENTENÁRIO, 1941, p. 323). A Associação, em 1940, mantinha a assistência alimentar em quase 50% das escolas públicas primárias da capital.



Figura 65: Secretário de Educação Coelho de Souza (indicado) durante inauguração da “Sopa do aluno pobre” (1938)

Fonte: Jornal *Correio do Povo* (04/10/1938, p. 13).

Na Figura 65, estão dispostos: o Secretário de Educação Coelho de Souza, com o oficial de gabinete da Secretaria de Educação, Telmo Dorneles, à sua esquerda. O registro ocorreu no Colégio Israel Corrêa, em Porto Alegre, durante inauguração da “Sopa do aluno pobre”.

## 5.6 O SERVIÇO DE SAÚDE NAS ESCOLAS ITALIANAS DE PORTO ALEGRE

*“Empresas locais e particulares oferecem à senhora Carli, dinheiro, tecidos, calçados, medicamentos em grande quantidade.”*  
(ASMAE- Archivio Scuole, 1929-1935. REL. LUIGI LEDDA, MAIO DE 1933, p. 7. Maço 785)

Em 1934, as escolas italianas de Porto Alegre foram brindadas com o serviço gratuito de odontologia prestado pelo senhor A. Molnar, dentista que há

pouco havia se estabelecido na cidade, atendendo no centro da capital. A direção didática das escolas autorizou a atividade junto às escolas, e o atendimento começou no dia 4 de setembro. O jornal *La Nuova Italia*, de 7 de setembro de 1934, na página 6, destacava:

O dentista A. Molnar, que há pouco se estabeleceu em Porto Alegre, na via dos Andradas, 1439, ofereceu o seu serviço completamente gratuito aos alunos de ambos os sexos das escolas italianas desta capital. De fato, a Direção Didática das Escolas, aceitando de bom grado tal oferta autorizou o Doutor Molnar a começar o serviço de odontologia nas escolas italianas, o que aconteceu no dia quarta-feira, dia 4 do corrente. Com o doutor Molnar vem assim se completar o serviço médico prestado junto às escolas italianas desta capital em todas as suas especialidades. (Tradução nossa).

A notícia acima fica mais bem compreendida ao lembrar que outra importante providência do cônsul Mario Carli foi a instituição da inspeção de saúde para as escolas, confiada ao doutor Lorenzo Lotti, cujas prescrições em favor das crianças raquíticas ou necessitadas de cuidados eram realizadas também de forma gratuita pelo Patronato Escolar, que reunia as senhoras beneméritas, trabalho iniciado ainda em 1933.

No primeiro relatório trimestral de Luigi Ledda, de maio de 1933, há a referência ao Patronato Escolar, dirigido pela esposa do cônsul Mario Carli, senhora Maria Carli. De tal instituição faziam parte, segundo Ledda, “[...] todas as melhores senhoras da Colônia. Empresas locais e particulares oferecem à senhora Carli dinheiro, tecidos, calçados, medicamentos em grande quantidade<sup>313</sup>”. (Tradução nossa). O consulado também se encarregava de algumas despesas médicas com os alunos com dificuldades<sup>314</sup>.

Os colégios ítalo-brasileiros eram visitados pelo Secretário da Educação e Saúde Pública, como se pode ver:

Acompanhado do cônsul geral da Itália neste Estado, comendador Barbarisi, o senhor Otélio Rosa, Secretário da Educação e Saúde Pública, visitou, ontem os colégios ítalo-brasileiros *Dante Alighieri* e Rosa Maltoni. Sua excelência que trouxe a melhor impressão dessas visitas, foi significativamente homenageado em ambas as escolas. (A FEDERAÇÃO, 01/08/1936, p. 2).

<sup>313</sup> ASMAE- Archivio Scuole 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, maio de 1933, p. 7. Maço 785.

<sup>314</sup> Idem.

A higiene e a saúde eram quesitos importantes nas escolas italianas fascistas. Na *Storia Illustrata del fascismo* (2000, p. 142-143), Francesca Tacchi escreve que a escola deveria “[...] ser organizada e limpa, assim os alunos serão complacentes e sentirão o dever de serem quase colaboradores envolvidos com os professores no serviço a fim de mantê-la em condições de dignidade e decoro”. (Tradução nossa). A política higienista das décadas de 1920 e 1930, no Brasil, tinha um olhar atento para as escolas.

## 5.7 AS ESCOLAS ITALIANAS DA CAPITAL E A PARTICIPAÇÃO EM CERIMÔNIAS

*“Seguiu-se um bem organizado ensaio de exercícios calistênicos, executados por todos os alunos das escolas ítalo-brasileiras que mereceram aplausos gerais.”*  
(A FEDERAÇÃO, 28/05/1935, p. 2).

A participação dos alunos das escolas italianas nas manifestações de italianidade eivadas de tom fascista é notada, entre outras ações, quando cerca de 300 deles participaram dos festejos em recordação da entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial. O fato ocorreu no Campo Ítalo Balbo, em Porto Alegre, à rua Dr. Timótheo, em maio de 1935. O Campo Ítalo Balbo era também a sede dos *Fascio Carlo del Prete*. Os alunos entoaram hinos e fizeram exercícios.

Uma das mais belas notas da festa de domingo, no campo Italo Balbo, constituíram-se os hinos patrióticos cantados por 300 alunos. Formando um excelente coro, bem dirigido, souberam sair-se perfeitamente, de modo a receber fortes aplausos de toda a assistência. E dos hinos entoados não faltou o hino nacional que todos os presentes saudaram com palmas. Houve ainda demonstrações de ginásticas e outros números que vieram por em grande destaque a festa de domingo na Associação dos Ex-combatentes italianos (CORREIO DO POVO, 28/05/1935, p. 3).

O jornal *A Federação* de 28 de maio de 1935, à página 2, relatando o mesmo evento, afirmou que “[...] às dez horas sob aclamações entraram no campo desfilando garbosamente, trezentos alunos das escolas ítalo-brasileiras do *Grupo Giovenile*, sob a direção do competente professor Luigi Ledda”.

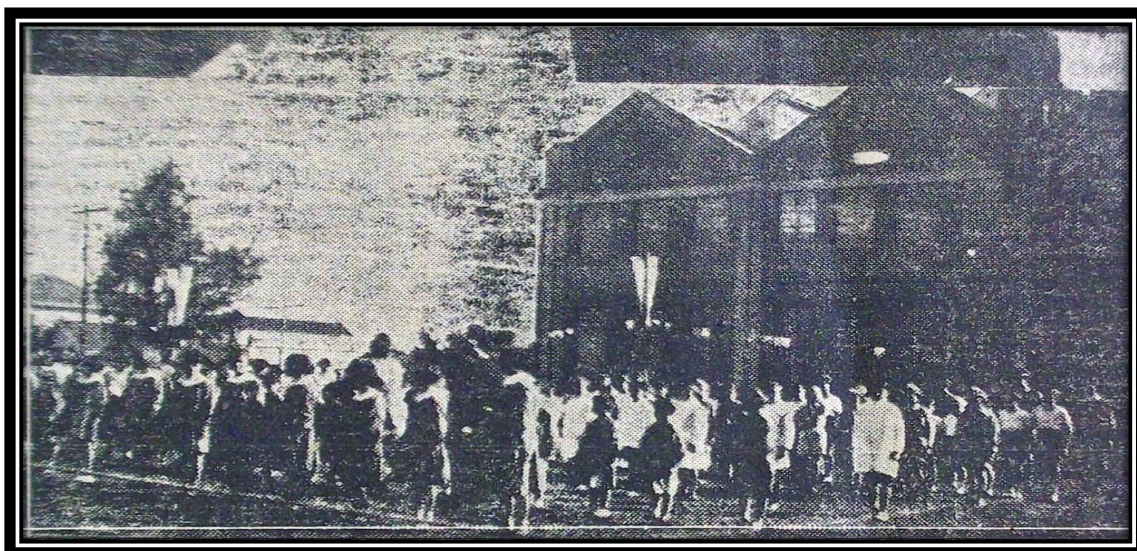


Figura 66: Alunos das escolas italianas de Porto Alegre no Campo Ítalo Balbo (1935)  
 Fonte: Jornal *Correio do Povo* (28/05/1935, p. 3).

É interessante notar que, na mesma ocasião, o monsenhor Baréa, vigário da catedral metropolitana, abençoou o lábaro do *Grupo Giovanile*, tendo sido madrinha a esposa do cônsul Barbarisi.

[...] em seguida o Grupo *Giovanile* desfilou diante do emblema e entoou diversos cânticos do programa que deverá ser executado em Roma por ocasião do Congresso Mundial da mocidade italiana. Passou-se após a distribuição das cadernetas entre os inscritos ao *Fascio* e dos prêmios aos alunos da Escola *Dante Alighieri* obtidos durante o ano escolar de 1934 e constantes de medalhas de ouro, prata, bronze e de menções honrosas. Uma nota altamente simpática constituiu sem dúvida a entrega de doze cadernetas econômicas a doze alunos pobres que mais aproveitaram os estudos durante este ano, oferecidas pela direção do banco Francês e Italiano para a América do Sul. **Seguiu-se um bem organizado ensaio de exercícios calistênicos, executados por todos os alunos das escolas ítalo-brasileiras que mereceram aplausos gerais.** (*A FEDERAÇÃO*, 28/05/1935, p. 2, grifo nosso).

Parte importante do evento foi consagrada à ginástica, ligada diretamente à disciplina e à boa educação. A ginástica e a educação física, no governo de Mussolini, foram relacionadas com a educação militar. Esses exercícios tinham o intuito de “[...] desenvolver maior elegância e precisão nos movimentos aprimorando assim a coordenação motora, a força, a postura na marcha militar e o manejo das armas”. (ROSA, 2009, p. 628). Assim, podia-se atingir um domínio do corpo importante para a execução de gestos de guerra.

Alguns eventos que envolviam os alunos das escolas italianas ocorriam



no Centro Esportivo Rosa Maltoni, num prédio alugado, com dois pisos, na esquina das ruas Marquês do Pombal e Dr. Timóteo, no Bairro Floresta. Havia duas quadras para tênis, uma cancha poliesportiva, sala para jogos de salão, bar, sala da direção, sanitários e depósito. Lá, eram programadas atividades esportivas e sociais para os integrantes da comunidade italiana de Porto Alegre, especialmente para os alunos dos colégios italianos. Hoje, o prédio não existe mais e o local do campo está tomado por prédios comerciais e residenciais.

As atividades coletivas eram, normalmente, subsidiadas pelo consulado, que investia, também, no transporte dos alunos até o local. No relatório de Luigi Ledda sobre as Despesas de Transportes das Escolas de 1936, relativo a 1935 e a uma parte de 1936, destacou-se que foram gastos 150\$900 réis em transporte para as escolas (ver Figura 67).

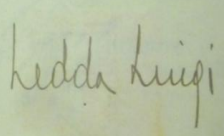
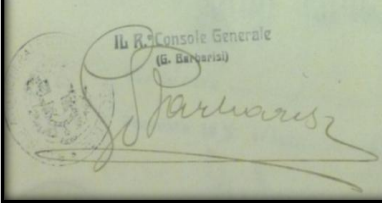
SCUOLE ITALIANE ALL'ESTERO				
DIREZIONE DIDATTICA				
PORTO ALEGRE				
ELENCO SPESE TRAMVIARIE				
				Rs. 2\$400
28-6-35	4 alunni	Scuola Umberto		" 2\$400
2-6-35	4 alunni	" "		" 2\$400
5-6 "	4 "	" "		" 1\$800
7-6 "	3 "	" "		" 22\$000
1 prova festa scolastica	38 alunni	- Umberto I°		" 24\$000
2° "	"	"	40 "	" 23\$400
3° "	"	"	39 "	" 25\$200
4° "	"	"	42 "	" 25\$500
22-12-35	Trasporto alunni	scuola Umberto I°-Dante		" 4\$200
20-12-35	"	"	"	" 2\$400
8-1-36	Tram Campo Sportivo	Assistenza		" 15\$200
Scuola Elena 13 alunni 4 volte Campo Sportivo				
Totale				Rs150\$900
Dicorsi Centocinquantemila e 900 reis.				
Porto Alegre 30 giugno 1936/XIV°				
 				

Figura 67: Relatório de despesas com transportes para alunos(1936)

Fonte:ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. RECIBOS VÁRIOS, 30/06/1936. Maço 933.

A comemoração de datas festivas ou, ainda, eventos que recordassem a pátria deixada para trás era uma recomendação anterior ao fascismo. As

sociedades italianas tinham em seus estatutos a firme ideia da manutenção da italianidade que se dava pela preservação da memória dos eventos significativos. As diversas sociedades italianas de recreação, de mútuo socorro, de instrução, filodramática, etc. traziam, mormente, em seus estatutos, o objetivo da manutenção do espírito e das comemorações patrióticas (*CINQUANTENARIO*, 1925).

Vale lembrar que, para fins da manutenção da italianidade, Francesco Crispi<sup>315</sup>, em 1887, enviou uma Carta Circular a todos os diplomatas e cônsules das colônias, orientando-os para que as festas patrióticas fossem devidamente celebradas nas colônias, mantendo alto o sentimento de italianidade, que, aos poucos, esvanecia-se em vista do contínuo contato com os estrangeiros. Veja-se a orientação de Crispi, emanada em 14 de novembro de 1887 e publicada no *Bollettino Consolari* do mesmo ano.

Relatório dos régios oficiais diplomáticos e cônsules com as colônias estrangeiras. Sobre festejos dos aniversários patrióticos. Repetidas vezes acontece que o longo contato com a população estrangeira diminua ou retire dos nossos compatriotas o sentimento da italianidade, ao que se deve, com todos os meios possíveis, procurar conservar unidos de pensamento e de coração à pátria distante os cidadãos que de outra maneira poderiam andar perdidos. Entre os diversos meios estão as escolas que o governo tem fundado e mantém, bem como aquelas que subsidia; bem como a sociedade de beneficência ou de mútuo socorro, etc., que com vários nomes, mas com análogo sentimento de solidariedade entre os italianos, nascem e florescem nas nossas maiores colônias. Mas existem outras coisas por fazer toda vez que não se queira descuidar as circunstâncias para fortalecer os sentimentos que o tempo e a distância facilmente vão enfraquecendo. **A celebração das festas patrióticas deve apresentar propícias ocasiões às nossas colônias para direcionar a mente à pátria e certificar as patrióticas instituições o seu sentimento de fidelidade e de devoção [...].** Ora, certas colônias esquecem as datas patrióticas e os régios agentes nada fazem para recordá-las. [...] é, então, meu desejo que, no futuro, cada oficial diplomático ou cônsul, busque cultivar relações desta natureza com toda a colônia do lugar de sua residência, não somente para uma parte eleita desta; saiba adaptar o seu comportamento às várias frações que a compõem, tendo sólidos elementos de ordem, buscando reconduzir aos melhores sentimentos as frações dissidentes a fim de que, ao menos em um sentimento, todos se encontrem reunidos e em concordância: aquele da pátria. Desejo, então, que esta união e esta

<sup>315</sup> Francesco Crispi foi Primeiro Ministro e Ministro das Relações Exteriores da Itália. Em seu governo, preocupou-se com a formação de um império colonial. Foi dele a primeira lei sobre a imigração em 30 de dezembro de 1888. Segundo Iotti (2010, p. 27-28), essa lei “[...] permitiu a liberdade para emigrar e reconheceu oficialmente a função dos agentes de emigração, normatizando a atividade, ao mesmo tempo que instituiu uma Seção Especial para a Emigração, com a tarefa de tutelar os emigrantes, antes da partida e durante a viagem. Depois disso, a competência passava ao Ministério das Relações Exteriores”.

concordia possam se fazer manifestos nas circunstâncias que acima acenava. **A festa do estatuto e aniversário da libertação de Roma, os aniversários do Rei e da Rainha são as quatro festas que quero ver celebradas**, em comum, pelos régios agentes e pelas colônias, de modo conveniente, a fim de dar o seu caráter solene. Modos esses de celebrar os quais facilmente podem pensar os régios oficiais e que também poderão indicar para mim, pode ser, por exemplo, o hasteamento da bandeira com a recepção da colônia ou dos seus delegados, etc. Verei com prazer se naquelas circunstâncias os nossos compatriotas se reunirem com a intervenção das nossas autoridades diplomáticas e consulares em geniais encontros, banquetes, concertos com o objetivo de beneficência, inaugurações das escolas, abrigos, institutos de beneficência, etc. com ao apoio de todos e de voluntários entre os componentes da colônia, sem distinção de classe ou de riquezas, porque diversas festas deveriam ser destinadas para irmanar a todos. Quero que quando tais reuniões não surgirem de forma espontânea, os régios cónsules ou se façam promotores ou encontrem entre os membros da colônia cercada de maior respeito e autoridade, alguém que tome a iniciativa. Trata-se de começar pois, dado o acontecimento, e reconhecido como bom e benéfico o objetivo destes festejos inspirados no sentido da italianidade, esses se tornarão facilmente tradicionais junto às nossas colônias como em muitos lugares análogas festas o são junto aos cidadãos de outros países. Agradecerei se vossa senhoria me sinalizar o recebimento deste despacho, cujos entendimentos não tenho dúvidas que vossa senhoria se conformará. Francesco Crispi. (Tradução e grifo nossos).

Depois da promulgação que enfatizou as quatro festas a sabê-las: a) a festa do estatuto; b) aniversário da libertação de Roma ou o chamado “Natal de Roma”; c) o aniversário do Rei; d) o aniversário da Rainha, mais eventos foram enfatizados e mostraram-se significativos aos italianos, como a entrada na Primeira Guerra Mundial, a vitória na batalha da Abissínia e a Marcha sobre Roma, sendo um dos pontos altos da reverência fascista. É importante recordar que o *Regolamento per le Scuole Italiane all'estero de 1915* também enfatizou, em seus artigos 13, 14 e 15, a celebração das escolas em função de datas patrióticas importantes, atualizando, assim, a relação de Crispi.

Como se pode ver no jornal *Correio do Povo* de 28 de maio de 1935, os alunos das escolas participavam de atividades cívicas públicas, alinhadas com o pensamento fascista. A seguinte citação trata-se da comemoração da entrada da Itália, na Primeira Guerra Mundial, promovida pela Associação dos Ex-Combatentes Italianos e comemorada na sede dos *Fascio Carlo del Prete*, com sede na capital, junto ao Campo Ítalo Balbo. Tal cerimônia serviu para a entrega de prêmios para os alunos das escolas.



A entrada da Itália na grande guerra. Foi comemorada, anteontem, com uma série de brilhantes festas. Promovida pela Associação de Ex-Combatentes Italianos, realizaram-se anteontem brilhantes comemorações com a presença não só do cônsul, comendador Guglielmo Barbarisi, como ainda de outros elementos representativos da colônia, pela entrada da Itália na grande guerra. Uma delas, efetuou-se às 9 horas na Sede da *Dante Alighieri* na rua Misericórdia, junto a uma placa, ali colocada pela memória dos que, residindo no Rio Grande do Sul, sucumbiram em combate. Constatou-se ali em se colocar ali uma coroa de flores naturais, tendo os fascistas presentes feito a sua costumada saudação. Foi uma cerimônia simples, mas bastante comovente que recordou o nome daqueles que morreram pela sua pátria. No campo esportivo Ítalo Balbo que é também sede do *Fascio Carlos Del Prete*, na Rua Dr. Timotheo, houve, também outras comemorações com a presença de extraordinário número de pessoas. Dois discursos, todos lembrando a grande data para as armas italianas, foram pronunciados sendo um do cônsul Barbarisi e outro do major Ângelo Gattoni, presidente da Federação dos Ex-Combatentes. O menino Paolini, como “avanguardista”, disse também palavras que arrancaram muitos aplausos. Batismo de uma bandeira. Prosseguindo a cerimônia sempre com entusiasmo dos presidentes, houve o batismo da bandeira do *Grupo Giovanile*, ato no qual serviu de madrinha a Exma. Sra. D. Angelina Barbarissi, esposa do cônsul da Itália. Houve, a seguir, entrega de cadernetas aos cavalheiros e às senhoras ultimamente inscritas como fascistas e **entrega de prêmios aos alunos das escolas da *Dante Alighieri*. Uma das mais belas notas da festa de domingo, no campo Ítalo Balbo, constituíram os hinos patrióticos cantados por 300 alunos.** Formando um excelente coro, bem dirigido, souberam sair-se perfeitamente, de modo a receber fortes aplausos de toda a assistência. E, dos hinos entoados não faltou também o hino nacional que todos os presentes saudaram com palmas. Houve, ainda, demonstrações ginásticas, e outros números que vieram por em grande destaque a festa de domingo da Associação dos Ex-Combatentes Italianos. (*CORREIO DO POVO*, 28/05/1935, p. 3; grifo nosso).

No Relatório de Luigi Ledda, de 1935, o Diretor Didático referiu que os alunos das escolas italianas da capital pertenciam à Organização da Juventude Italiana no Exterior (O. G. I. E.), como já se referiu no capítulo 4.

Os alunos pertencem em massa à O.G.I.E, e, como *balillas*, participam em todas as festas, organizados com as bandeiras, as flâmulas, os tambores. O ensinamento artístico e o ensino da ginástica estão sendo cuidados com entusiasmo. O canto é ensinado pelo professor diplomado encarregado, senhor Angelo Crivellaro. No sábado, na saudação à bandeira, os alunos cantam, recitam e ganham o registro da presença. Muitas vezes, ao mês os alunos vão ao Campo Esportivo e, semanalmente, a professora Ferrari e o professor Madile ensinam em todas as escolas lições de ginástica.<sup>316</sup> (Tradução nossa).

Como se pode observar, abaixo, na Figura 68, o grupo *Giovanile* da Itália ajudava na organização dos alunos das escolas da capital, enviando

<sup>316</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 2/06/1935, p. 7. Maço 785.

subsídios financeiros. O texto da mencionada figura refere que foram destinadas 1000 liras ao grupo O.G.I.E, de Porto Alegre, por conta da organização dos *Fasci Italiani all'Estero*.

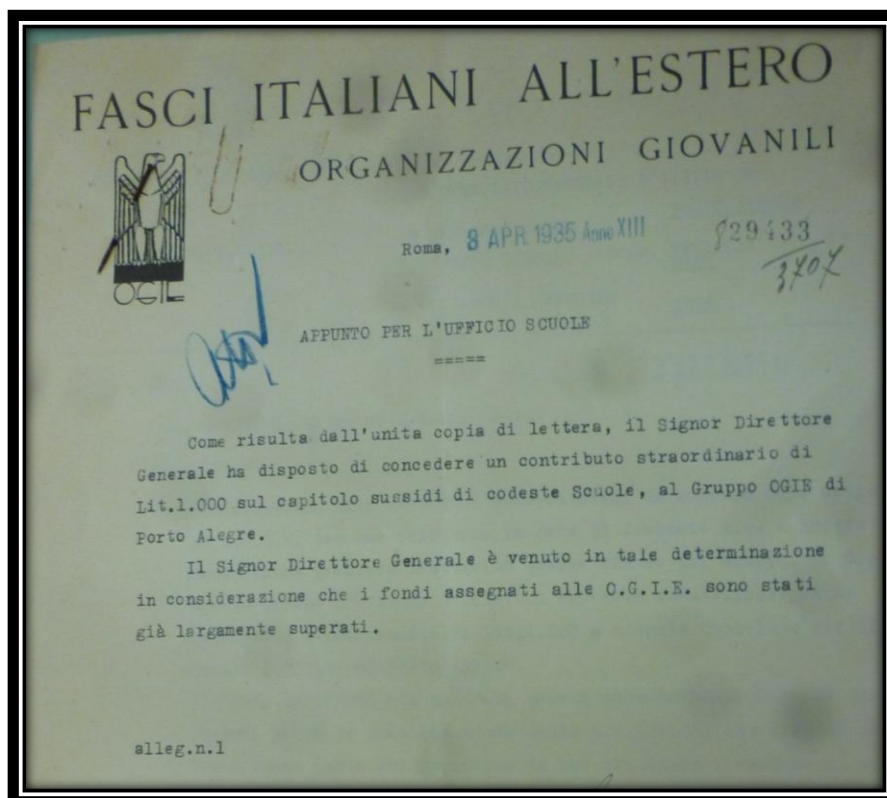


Figura 68: Ofício dos *Fasci Italiani All'Estero*.

Fonte: ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Cor. FASCI ITALIANI ALL' ESTERO, 8/04/1935. Maço 785.

O texto a seguir ilustra a participação dos alunos das escolas italianas da capital, podendo-se observar, inclusive, um ambiente que acolhia os fâscios.

**As patrióticas comemorações realizadas domingo, pela colônia italiana. Assinalando as vitórias das armas peninsulares na Europa e na África.** A colônia italiana realizou brilhantes comemorações, domingo último, por motivo do XVIII aniversário da vitória das armas peninsulares na grande guerra e o triunfo que as mesmas tiveram na campanha da Etiópia. Foi cumprido significativo programa, assistido pelo cônsul Guglielmo Barbarisi e numerosos e destacados membros da colônia. De manhã, às 8:30 horas, no ótimo da Sociedade *Dante Alighieri*, foi colocada uma coroa na lápide em homenagem aos heróis italianos da conflagração universal. **Seguiram os presentes, depois, para o Colégio Rosa Maltoni, no Menino Deus, onde momentos depois chegou Dom João Becker, arcebispo metropolitano, que celebrou missa solene, acolitado por vários sacerdotes. Antes de iniciar a cerimônia, Dom João Becker pronunciou aplaudida a locução exaltando o valor da civilização e do valor militar de Roma, bem como as relações da Igreja Católica com a Itália.** O senhor bispo concluiu assim: "No ano passado, em solenidade idêntica, pedi a Deus que protegesse e não

humilhasse a Itália. E a Itália não foi humilhada. O lobo moseovita uivava, preparando-se para o salto. A Liga das Nações decretou o bloqueio econômico. Cinquenta e duas nações aceitaram essa medida iníqua. Mas a Itália, tendo à frente do governo a figura empolgante de Mussolini, consciente do seu valor, de sua força, pronta aos maiores sacrifícios, resistiu gloriosamente. Confundiu os seus inimigos e adversários. Em vez de humilhada, a Itália foi exaltada, em vez de vencida, triunfou. Em vez de ser-lhe roubada a coroa régia, conquistou uma coroa imperial. Deus não humilhou, mas defendeu a Itália. Que ela continue a prosperar em benefício da própria nação e em prol da Igreja e da humanidade, são meus votos.” **Depois do ato religioso, os alunos das escolas italianas apresentaram vários e bonitos números de ginástica rítmica. Após discurso, referindo-se ao significado das homenagens, os srs. Dr. Agostinho Fausto e comendador Barbarisi, o cônsul italiano procedeu a entrega de duas medalhas ao valor militar ao sr. Nicola Preste, sendo uma delas comemorativa da campanha ítalo-austriaca.** Ao som de hinos patrióticos, cantados por todos os presentes, dissolveu-se a grande manifestação, às 11:30 horas. À noite, na Confeitaria Roco, houve concorrido banquete de cerca de 200 talheres, presidido pelo comendador Barbarisi. No decorrer da ágape, discursaram, sendo muito aplaudidos, os senhores Drs. Francisco Benoni, Agostinho Fausto, Gesualto Clocco, Guido Modin, comendador Barbarisi e José Lotti. (A *FEDERAÇÃO*, 10/11/1936, p. 6; grifo nosso).

No texto do jornal *A Federação*, acima, pode-se observar que as atividades de ginástica eram realizadas pelos alunos de mais de uma escola italiana, cabendo a elas um local de destaque nas celebrações. Outro elemento presente no texto é o posicionamento de Dom João Becker, o qual exalta a coletividade e o espírito italiano bem como o poderio militar.

Em 1937, comemorou-se o Natal de Roma, aliado à comemoração da Festa do Trabalho. Nessa cerimônia, novamente, é possível ver os alunos das escolas participantes.

A brilhante festividade realizada anteontem pela colônia italiana. A colônia italiana, conforme estava anunciado, realizou, anteontem, na *Italica Domus*, sede da Sociedade *Dante Alighieri*, na rua Misericórdia, brilhante festividade, comemorando o Natal de Roma e a Festa do Trabalho, datas italianas e o dia de Tiradentes. À festa em apreço compareceram numerosos elementos daquela colônia e pessoas de relevo da sociedade porto-alegrense. Aberta a sessão o cav. Atilio Marsiaj, presidente da *Dante Alighieri*, convidou o cônsul Guglielmo Barbarisi para presidir o ato e para tomarem assento à mesa, o deputado Adolfo Dupont, o Dr. Eduardo Duarte, secretário perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e o capitão Fernando Schiapini, fiduciário do *Fascio Carlos del Prete*. Em primeiro lugar, usou da palavra o Dr. Angelo Gattoni, ressaltando o Natal de Roma e o Dia do Trabalho, tendo na sua oração rendido suas homenagens ao Brasil. Depois, orou o nosso prezado companheiro de trabalho Manoelito de Ornelas, que começou seu discurso dizendo que os elementos graduados da Colônia Italiana no Rio Grande do Sul quiseram comemorar, simultaneamente, a passagem de uma data de

alta significação para a vida do grande povo latino da Adriático e profundamente simbólica para a nossa nacionalidade. Aludiu a fundação de Roma e a festa do trabalho italiano, dizendo que foi o patriotismo e a operosidade daquele grande povo que proporcionaram a transformação de uma Itália subdividida e regionalista numa Pátria una, grande e poderosamente forte. Estendeu-se, depois, em considerações sobre a data brasileira, falando sobre a personalidade de Tiradentes. Lembrou com o martírio do grande inconfidente, o sacrifício também de Joana Angelica, a Madre Abadessa do Mosteiro da Lapa e de Domingos Martins e Padre Miguelinho, os heróis da Revolução Pernambucana. Falou, a seguir, sobre a formação brasileira, entrando em considerações sobre a diversidade de cultura do litoral e do *interland*. Explicou como se dá a evolução dessas culturas e concluiu dissertando sobre o idealismo utópico e o idealismo orgânico, o primeiro, confundido numa pátria em formação, com uma pátria em ruínas, o segundo, que empolga a geração presente, entrando em contato direto com as realidades brasileiras. Conclui sua palestra, dizendo que via como Martim Francisco, de aparecer nos horizontes da Pátria o vulto de Tiradentes, exigindo, pelo sacrifício, pela dor e o sangue derramado a conservação da República e que dentro dela se processe a verdade democrática, essa verdade que gera a seleção dos valores. **Ambos os oradores foram entusiasticamente aplaudidos. Encerrando a magnífica solenidade, houve uma hora de arte, com a participação de alunos das escolas italianas.** (A FEDERAÇÃO, 23/04/1937, p. 3; grifo nosso).

Neste mesmo ano, mais uma grande cerimônia se realizou junto à *Scuola Rosa Maltoni*, com a celebração da missa pelo Monsenhor Balem e a montagem de altar para o *Duce*. Festejou-se o primeiro aniversário do Império, nova celebração que se somava às obrigatórias. A italianidade regozijou-se. Na missa, o “Coro Dopolavoro” entoou os cânticos sob a regência do maestro Crivellaro, professor de música das escolas italianas. Na Figura 69, em primeiro plano, vê-se o busto de Mussolini e, logo atrás, o cônsul Barbarisi (indicado).

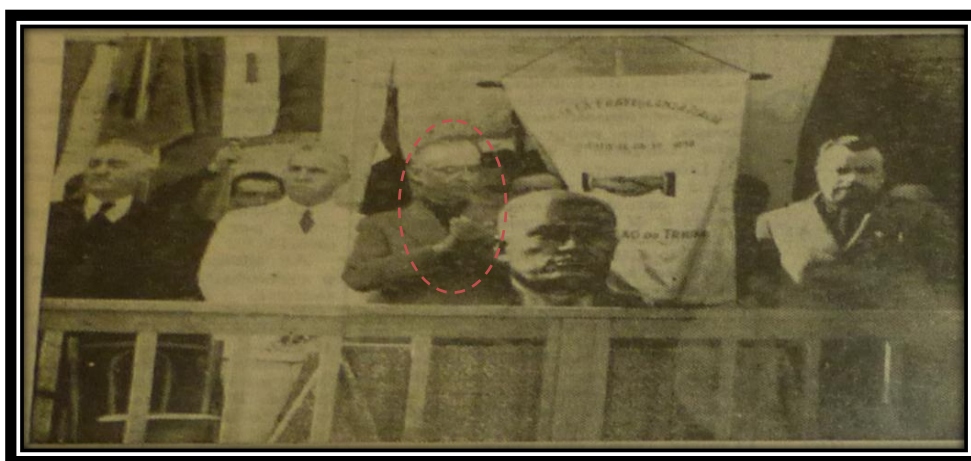


Figura 69: Celebração junto à *Scuola Rosa Maltoni*  
 Fonte: Jornal *La Voce d'Italia* (17/05/1937, p. 3).

Um comitê colonial foi formado para a comemoração do primeiro aniversário do império italiano sobre a vitória militar na Etiópia. O evento ocorreu no mesmo período do Primeiro Congresso das Sociedades Italianas do Estado. A homenagem especial foi o descerramento de lápides com os nomes dos sócios que contribuíram significativamente para a edificação da sede da *Dante*.

Como afirma Possamai (2004), o principal agente de divulgação da Jovem Itália, nos moldes do entusiasmo fascista, sobretudo na região colonial, foi a Igreja Católica, considerando o Acordo de Latrão, assinado em 1929, com o qual Mussolini reconhecia o Estado do Vaticano e indenizava a Igreja pela anexação dos territórios pontifícios. O Catolicismo foi declarado a religião oficial do Estado italiano, e, na capital, a bênção da Igreja se fez presente.

As manifestações fascistas receberam o apoio de expoentes da comunidade porto-alegrense, como se pode ver abaixo, por ocasião da festa do décimo aniversário da Marcha sobre Roma. Elas denotaram a empolgação e o envolvimento do cônsul Mario Carli, com as ideias do *Duce*. De fato, nessas festividades, os alunos sempre se fizeram presentes.

O que há de mais representativo da colônia italiana e de nossa sociedade participou da festa, que decorreu com grande entusiasmo. Entre os presentes se contavam os Srs. Waldemar Cavalcanti, representando o interventor federal; major Alberto Bins, prefeito municipal; cônsules de Uruguai, da Espanha, de Portugal; da Inglaterra, dos Estados Unidos e da Alemanha; Dr. Eduardo Duarte, pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; diretorias de todas as sociedades italianas com os seus estandartes. A abertura da solenidade vendo-se entre os presentes, muitas pessoas ostentando a camisa preta e *reduci di guerra* ostentando suas condecorações, deu-se início a cerimônia, com os hinos italiano, brasileiro e Giovinezza ouvidos de pé pela grande assistência. Esta, ao terminar a execução de cada um deles, prorrompeu em calorosos aplausos. Em primeiro lugar falou o Dr. Lourenço Lotti, fiduciário do *Fascio Carlos del Prete*. Disse que toda a Itália celebrava ontem, com perfeita unidade de espírito e de vontade. Dez anos tinham passado que Benito Mussolini, chamado pelo rei Vitorioso, ascendia ao Quirinal e depunha aos pés do trono da Itália de Vittorio Veneto, salvando assim do comunismo e da anarquia a Pátria amada. Concluindo pediu que todos saudassem os fascistas mortos no estrangeiro, Itália, o rei, o *Duce*, ouvindo-se então por toda a salva, fortes aclamações. Palavras do Dr. Duilio Bernardi por alguns momentos, prendeu, depois, a atenção dos presentes o Dr. Duilio Bernardi, que leu magnífico discurso, dizendo que **a marcha sobre Roma foi o início de uma nova era na história da política e do espírito italiano. Ela será amanhã, o símbolo, chamado a representar aos olhos dos homens a transformação do nosso século, porque com ela se coordena a ideia fascista.** Passou depois o orador a se referir sobre a atuação da colônia italiana, relembrando a exposição realizada por ocasião da chegada da primeira leva do cinquentenário de imigrantes

ao Rio Grande do Sul. Foi um certame que deu uma pequena amostra, uma pequena síntese do árduo trabalho sustentado neste Estado pelos seus compatriotas. A exposição, mau grado as grandes dificuldades e as inevitáveis deficiências, constituiu uma revelação para a grande parte da população daqui, que ignorava por completo os maravilhosos resultados da atividade dos filhos da Itália. Não menos brilhante foi a oração do cônsul geral da Itália, comendador Mario Carli. Discorreu sobre a “Itália de Mussolini” como obra de arte. Começou lembrando o conceito em que era tido desde os tempos antigos até que apareceu um grande artista que há dez anos, trabalha pela sua grandeza. Prosseguindo, diz que já se falou que o *Duce* além de ser uma vontade e um talento político é também um espírito de artista inclinado as vozes do pensamento, sensível às visões da poesia, adestrado nos problemas de construção. Ele não é somente o irmão dos artistas e o seu iluminador benéfico. Mas é ele próprio, em todos os momentos, o artista privilegiado que não constroem castelos de palavras ou criaturas de gesso. Escolhe a matéria-prima de sua criação – uma nação, um povo – matéria prima que vai modelando a grandes golpes. É evidente que somente um gigante podia abalançar-se a uma empresa de tal natureza, fazendo da Itália uma grande nação. E, depois de em belas imagens salientar os serviços do fascismo e o lugar saliente de sua pátria no conceito das grandes nações, o comendador Mario Carli, terminou o seu magnífico discurso fazendo o vibrante elogio do “bom colono da Itália no Rio Grande”. Evoca a ação obscura e generosa desses trabalhadores dos nossos campos e do nosso progresso que legam aos seus filhos um exemplo admirável de trabalho e abastança e o saber que eles não puderam gozar em sua existência de sacrifício, dizendo que os filhos de italianos podem ser ótimos cidadãos do Brasil, sem esquecer a sua Pátria de origem. Termina o orador com um hino de **amor e de glória à Itália vitoriosa graças ao gênio transfigurador de Mussolini. Após a sessão solene, realizou-se magnífica hora de arte, que alcançou o mais completo êxito.** (CORREIO DO POVO, 30/10/1932, p. 9; grifo nosso).

Já no auge da organização das escolas em Porto Alegre, é possível ver a comemoração da Marcha sobre Roma, ocasião em que os alunos realizaram exercícios e cantos.

A Marcha sobre Roma. O Consulado Geral da Itália, o *Fascio Carlo del Prete* a Associação dos ex-combatentes, estão convidando a colônia italiana em geral para assistir à cerimônia comemorativa da Marcha sobre Roma, a realizar-se no campo desportivo *Club Canottieri Duca degli Abruzzi*, amanhã, das 9 horas em diante, com a presença das autoridades. **Os alunos das escolas ítalo-brasileiras executarão exercícios ginásticos e corais.** O orador oficial será o doutor Romolo Carbone<sup>317</sup>. (CORREIO DO POVO, 30/10/1937, p. 6; grifo nosso).

Anos mais tarde, o jornal *O Momento*, de Caxias do Sul, em plena

<sup>317</sup> Romolo Carbone, médico, nascido na Itália, em 1879, faleceu, em 1961, aos 82 anos. Na época da comemoração, Carbone residia em Caxias do Sul, mudando-se para Porto Alegre em 1945, conforme o jornal *O Momento*, de 19/05/1945, p. 1.

Segunda Guerra, criticou as manobras fascistas que envolveram as crianças “indefesas”, como referiu a notícia, resgatando materiais de jornais da capital para sua argumentação. Abaixo, na Figura 70, destaca-se o que o jornal *Diário de Notícias* publicara, em 1932, já fazendo seu alerta, de acordo com o cunho nacionalista que tinha.

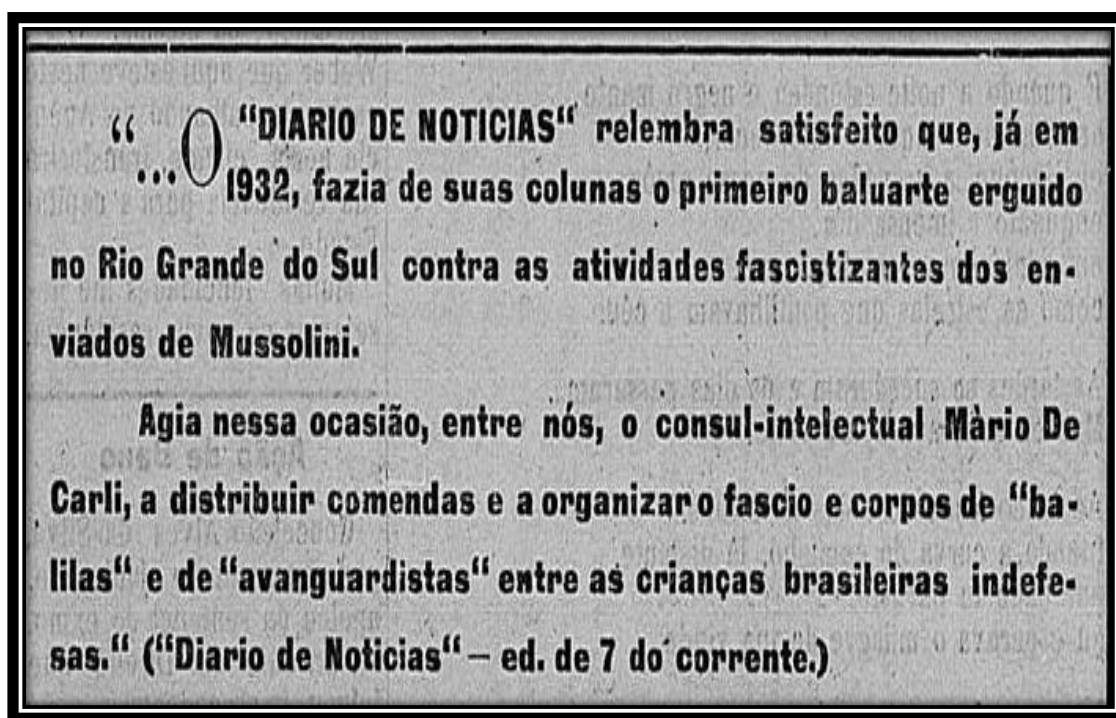


Figura 70: Jornal *O Momento* e a crítica à ação fascista  
 Fonte: Jornal *O Momento* (10/06/1944, p. 1).

As atividades típicas das manifestações fascistas não se restringiram às celebrações. Os acampamentos e as colônias de férias, realizados na Itália fascista a partir da 1930, ganharam espaço, também, entre as atividades das escolas italianas da capital.

Como se vê, porém, na chamada da notícia no *Correio do Povo*, de 13 de setembro de 1936, as escolas realizavam, também, atividades coletivas e celebravam as datas cívicas brasileiras, demonstrando civismo e respeito à pátria de adoção.





Figura 71: Aspecto da assistência durante evento das escolas ítalo-brasileiras na *Dante Alighieri* (1936)

Fonte: Jornal *Correio do Povo* (13/09/1936, p. 14).

Na Figura 71, observa-se que a *Dante Alighieri* serviu como sede para as comemorações do Sete de Setembro, encabeçadas pelas escolas. Pode-se observar, também, a presença de uma assuada plateia composta por adultos e crianças.

## 5.8 O CAMPEGGIO MUSSOLINI E AS COLÔNIAS DE FÉRIAS

*“Diariamente se fizeram exercícios e todos os alunos obedeceram as ordens expressamente baixadas para terem o melhor resultado na sua estada na praia.”*  
(A FEDERAÇÃO, 01/02/1937, p. 2).

As colônias de férias eram atividades desenvolvidas com os alunos das escolas italianas, no período de férias escolares. Em 1933, elas tiveram destaque, sendo, inclusive, divulgadas nos jornais da capital. As atividades de recreação e de disciplina ao ar livre foram desenvolvidas no litoral ou em acampamentos na floresta, alinhando-se, dessa maneira, às atividades praticadas na Itália. Essas recreações, paralelas ao período letivo, tratavam-se



do *Campeggio*<sup>318</sup> Mussolini. Elas tinham uma duração considerável (uma semana ou até um mês) e mobilizavam pais, professores e muitos alunos. No anúncio do retorno do terceiro *Campeggio* Mussolini realizado pelas escolas de Porto Alegre com o destino à cidade de Rio Grande, foi possível identificar que 110 crianças retornaram do veraneio, juntamente com os professores e com o cônsul Barbarisi, que liderou o evento.

Em Rio Grande, os alunos foram recebidos pela coletividade italiana e pelo cônsul em Rio Grande, Senhor Caetano Annela.

Ao atracar o paquete os alunos entoaram os hinos nacional e a Giovinezza e canções escolares. Desembarcados foram em autos até a prefeitura cumprimentar o prefeito cantando em frente ao paço os hinos brasileiros e italiano, seguindo após para o vice-consulado italiano, onde foi servido o repasto. Depois foram para a Vila Siqueira. (A FEDERAÇÃO, 05/01/1937, p 1).

O terceiro *Campeggio* Mussolini, realizado em 1937, custou 25 contos subsidiados pela colônia italiana, tomando parte todas as cinco escolas existentes na capital. O jornal *A Federação* noticiou o regresso dos alunos, dos professores e do cônsul.

A exemplo de outros anos, resolveu realizar-se o 3º *Campeggio* Mussolini, que constou de um veraneio de alunos de escolas ítalo-brasileiras, aqui existentes. Há um mês, partiram eles para o Rio Grande, num total de 110, acompanhados de seus professores, bem como do cônsul, comendador Barbarisi, que chefiou a missão. Uma vez no Rio Grande, transportaram-se para o Cassino, levantando barracas em seções diferentes, para meninos e meninas. Diariamente se fizeram exercícios e todos os alunos obedeceram as ordens expressamente baixadas para terem o melhor resultado na sua estada na praia. Agora, passado um mês, voltam a Porto Alegre, tendo chegado hoje, pelo vapor "Itaité" da Companhia Costeira. Quanto à despesa do *Campeggio*, importou em 25 contos, doados pela colônia italiana. (A FEDERAÇÃO, 01/02/1937, p. 2).

As colônias de férias começaram bem antes de 1937. A primeira de que se tem notícias foi realizada em janeiro de 1933, contando com a participação de alunos e ex-alunos das escolas italianas de Porto Alegre, a saber: *Scuola*

<sup>318</sup> *Campeggio* (plural: *campeggi*): espécie de acampamento. Forma de turismo em que se aloja sob uma tenda ou em um trailer, em espaços abertos ou em locais, devidamente, equipados para tal. Já o verbo *campeggiare* diz respeito a estar no campo como exército, trocando de lugar sem atacar fazendo com que o inimigo se mova. Alusão ao movimento e à performance do exército italiano. No *Campeggio* de 1937, os meninos maiores acamparam em barracas vindas da Itália, usadas na Guerra da Abissínia, algumas ainda com mensagens e recordações dos soldados.

*Umberto I, Scuola Principessa Elena di Montenegro e a Scuola Dante Alighieri*, juntamente com a Direção da Sociedade *Dante Alighieri*. Vê-se, no relatório do regente Gighi:

Constituído, no verão de 1933-1934, por iniciativa da O.G.I.E. da qual é comandante Luigi Ledda, Diretor Didático das escolas locais, um comitê para o primeiro *Campeggio* no Brasil (*Campeggio* Benito Mussolini) foi escolhida para fazer parte do pessoal de campo como Administradora a senhorita Lupi.<sup>319</sup> (Tradução nossa).

Esse primeiro *Campeggio* foi liderado pela Sociedade *Dante Alighieri*, com o acompanhamento do cônsul Barbarisi. Lê-se, no texto *Colônias de férias para escolares no Rio Grande do Sul: subsídios históricos*<sup>320</sup>, de Henrique Licht:

No segundo semestre de 1932, as direções dos três colégios italianos de Porto Alegre (Vitorio Emanuel II, Elena di Montenegro e Umberto I) e da Sociedade *Dante Alighieri* planejaram a realização de uma Colônia de Férias para alunos e ex-alunos dessas escolas, além de filhos de associados da *Dante Alighieri*. Prontamente receberam o apoio e a colaboração do cônsul da Itália em Porto Alegre, Guglielmo Barbarisi, de membros da coletividade italiana e de simpatizantes da iniciativa, tornando possível a programação de uma Colônia de Férias no próximo verão. (LICHT, 2003a, s/p).

O *Campeggio* de 1933 contou com a participação de 50 meninos e de 50 meninas, entre 8 e 13 anos, durou quatro semanas e foi realizado na cidade de Garibaldi (Rio Grande do Sul) em área cedida pelas irmãs de São José e pela Congregação dos Irmãos Maristas. Na ocasião, o professor Luigi Ledda, Diretor Didático das escolas, estava presente. Esse primeiro veraneio teve a particularidade de incluir alguns alunos e ex-alunos carentes para os quais não houve cobrança de taxas.

Os recursos para a Colônia foram obtidos através de contribuições voluntárias, de festas beneficentes e da taxa cobrada a 30% dos colonianos. O preenchimento das vagas reservadas aos contribuintes, alunos e ex-alunos, foi realizado mediante inscrição prévia e as restantes 70% gratuitas, foram distribuídas a alunos e ex-alunos carentes, de acordo com seleção médico-social. Os meninos

<sup>319</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. REGENTE GIGHI, 28/04/1934. Maço 785.

<sup>320</sup> O texto *Colônias de férias para escolares no Rio Grande do Sul: subsídios históricos* faz parte de um conjunto de anotações do Dr. Henrique Felipe Bonnet Licht disponíveis no Repositório *Lumen* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul datadas de 29/06/2003. O subsídio não tem paginação.

montaram barracas, vindas da Itália, tipo *Campeggio*, com 12 camas de armar, 11 para os colonianos e 1 para o chefe do grupo. Nas camas, sem colchão, havia uma dupla tela de aniagem onde eram colocados jornais e palha para isolamento da umidade. Cada coloniano recebia dois jogos de cama (lençóis e fronhas), toalha de banho e travesseiro. As barracas eram vistoriadas diariamente pelos diretores da colônia. O acampamento foi montado num bosque, gentilmente cedido pelos Irmãos Maristas. As meninas foram alojadas inicialmente no Colégio São José, mas após alguns dias, transferidas para um acampamento idêntico ao dos meninos, devido à dificuldade de preparar e servir as refeições em dois locais distantes e para facilitar a administração da colônia. Foi construído um barracão de madeira para servir de cozinha, refeitório e despensa. Diariamente, de manhã e à tarde, eram hasteados e arriados solenemente as bandeiras do Brasil e da Itália e cantados os hinos nacionais. Os toques das cornetas dos colonianos Giovanni Mottin e Giovanni Paolon transmitiam os avisos de Alvorada, Atenção, Alerta, Retirada e Silêncio. A direção da Colônia coube ao **Diretor dos colégios italianos de Porto Alegre, professor Luigi Ledda, e à representante da Sociedade Dante Alighieri, professora Beatrice Lupi**, tendo como auxiliares senhoras e senhoritas associadas da referida entidade, todas voluntárias e sem qualquer remuneração. O pessoal de serviço foi escolhido entre os funcionários dos 3 colégios antes referidos, percebendo uma gratificação pelo trabalho. A assistência médica foi efetuada pelo Dr. Maffei, mediante um contrato no valor de dois contos de réis. Um dos colonianos (Ceroni) adoeceu gravemente, foi transferido com urgência e hospitalizado em Porto Alegre, onde faleceu. Único depoimento desfavorável de alguns colonianos – “o leite servido com o café de manhã estava sempre queimado”. (LICHT, 2003a; grifo nosso).

Tendo sido realizada essa primeira experiência, não se confirmaram as edições de 1934 e 1935, pois um conjunto de elementos impediu que ocorressem, como referiu Licht (2003a): o período de matrículas das escolas italianas de Porto Alegre havia sido ampliado, dificultando a organização do referido evento, pois a direção da Sociedade *Dante* estava ocupada com a abertura da escola italiana *Rosa Maltoni*, no bairro Menino Deus, e com a criação de cursos diurno e noturno de Língua Italiana; por fim, os recursos financeiros e as doações, à época, não foram suficientes para a realização.

Para o *Campeggio* de 1933, o cônsul Mario Carli destinara 10 vagas para alunos das escolas públicas da capital, numa forte demonstração de aproximação com o governo do Estado, revelando, assim, a relação próxima das escolas italianas com a sociedade porto-alegrense.

Veraneio dos alunos. Ultimamente entre o governo do Estado e o Consulado Italiano nesta capital tem-se desenvolvido uma apreciável ação educativa. Com a finalidade de elevar o nível cultural da mocidade de nossas escolas. Foram nomeados pelo Estado diversos professores com o Curso de Aperfeiçoamento da nossa Escola Normal

para lecionarem nas aulas mantidas pelo consulado da Itália. Os benefícios provindos desse intercâmbio vem agora receber um complemento diretamente ligado ao desenvolvimento físico dos alunos. O senhor Mario Carli, cônsul da Itália, patrocinou a organização de um *Campeggio* estival que tem por fim proporcionar a meninos entre 10 e 14 anos, sob direção de pessoal idôneo, um veraneio de 40 dias em pleno campo ao contato são e puro da natureza, estimulando-lhes assim o organismo em formação. Para esse veraneio foi escolhido o município de Garibaldi, não só por suas condições higiênicas apropriadas, mas também em homenagem ao herói dos dois mundos, tão ligado à história do Rio Grande do Sul. **O consulado reservou dez vagas nesse *Campeggio* para os meninos das nossas escolas públicas, devendo as mesmas serem concedidas a alunos que tornarem merecedores por sua conduta e pelo proveito nos estudos.** A diretoria da Instrução Pública deste Estado para fazer a distribuição desses prêmios, que são de grande valia para a saúde, a alunos que estejam em condições acima referidas, está convocando uma reunião dos diretores dos estabelecimentos de ensino público desta capital, a realizar-se na quinta-feira próxima, às 15 horas na sede da Diretoria Geral. (A *FEDERAÇÃO*, 11/12/1933, p. 4; grifo nosso).

Na notícia, observam-se vários elementos: a participação de professores estaduais nas escolas italianas da capital, o interesse pela saúde, dentro de uma visão higienista da época, e o acento à relação de proximidade da Itália com o Rio Grande do Sul. Nota-se, ainda, que vagas do passeio foram oferecidas aos alunos da rede pública de educação. Isso evidenciou que havia o interesse, mais de uma vez identificado, de manter boas relações com o governo estadual. A proximidade permitia a manutenção da estratégia de penetração nos ginásios com os cursos de italiano.

**Quadro 35: *Campeggi* e Colônias de 1933, 1936 e 1937**

Ano	Local	Alunos	Escolas participantes	Acompanhantes
1933	Cidade de Garibaldi	50 meninos e 50 meninas	<i>Umberto I, Princesa Elena, Dante Alighieri, Vittorio Emanuele II</i>	Professora Beatrice Lupi (Diretora-geral do <i>Campeggio</i> ) e Luigi Ledda (Diretor Didático das escolas Italianas do Estado) entre outros.
1936	Cidade de Porto Alegre, no Bairro Belém Novo próximo às margens do Guaíba	75 meninos e 75 meninas (de 8 a 14 anos)	<i>Umberto I, Princesa Elena, Dante Alighieri, Vittorio Emanuele II</i>	Além dos professores das escolas italianas, o Diretor Geral da Instrução Pública do Estado prof. Augusto Meirelles de Carvalho, acompanhado pelo professor Guilherme Gaelzer, visitou várias vezes o acampamento.
1937	Cidade de Rio Grande – Praia do Casino (Vila Luchsinger)	80 meninos e 80 meninas (8 a 16 anos)	10 alunos das escolas públicas da capital	Cônsul italiano G. Barbarisi, prof. Luigi Ledda e vice-cônsul da Itália em Rio Grande, entre outros.

Fonte: Jornal *A FEDERAÇÃO*; LICHT (2003a).



Figura 72: Desfile dos alunos liderados pelo cônsul Guglielmo Barbarisi, na praia do Casino, em Rio Grande (1937)  
Fonte: LICHT (2003a).



Figura 73: Alunos com o professor Adolfo Madile na praia do Casino (1937)  
Fonte: LICHT (2003a).

Na Figura 73, pode-se ver o professor Adolfo Madile. Segundo Licht (2003a), o professor Madile havia deixado a família, com 10 filhos, para lutar na Guerra da Abissínia, em 1936. Ele era professor de italiano na *Scuola Dante Alighieri*. Viñao Frago (2008, p. 204) expõe que disciplinas escolares não podem ser estudadas “[...] separadas dos principais agentes que lhes dão vida”, que são os professores dessas disciplinas, pois não são entidades abstratas e estáticas, mas carregadas da perspectiva e da ênfase pessoal. Nesse sentido,

pode-se interpretar que o zelo pelo fascismo do professor Adolfo Madile contagiou sua perspectiva pedagógica e conteudística. As disciplinas, enquanto apropriações de um corpo profissional que é reconhecido por sua formação, direcionam os saberes a serem apreendidos.



Figura 74: Colônia Marina Rosa Maltoni (1937)  
Fonte: LICHT (2003a).

Na Figura 74, observa-se, à direita, um conjunto de barracas. Na colônia, em Rio Grande, os meninos maiores acamparam em barracas vindas da Itália, usadas na Guerra da Abissínia, algumas ainda com mensagens e recordações dos soldados, como refere Licht (2003a). Ainda, na mesma imagem, observa-se a inscrição no prédio “Colônia Marina Rosa Maltoni”, numa clara alusão à colônia de mesmo nome inaugurada na Itália, em 1933.

## 5.9 EXPANDINDO A REDE

*“Foi verdadeiramente prodigioso o impulso dado pelo nosso cônsul geral para as escolas italianas no Estado. E que este impulso tenha tomado agora raízes profundas entre nós bem se vê pela febre de entusiasmo que invadiu todos os nossos compatriotas não somente em Porto Alegre, mas também os principais centros da nossa colônia no interior do Estado.”*  
(LA VOCE D'ITALIA, 30/04/1937, p. 4)

Quando da saída do cônsul Barbarisi do consulado de Porto Alegre, o jornal *A Federação* publicou a seguinte manchete: “O cônsul Barbarisi foi homenageado pelas escolas italianas”. (*A FEDERAÇÃO*, 17/05/1937, p. 2). Muitas pessoas foram na sede da *Dante Alighieri* na data de sua saída, ocasião



em que foi criada uma biblioteca cujo nome foi dedicado à esposa do cônsul:

Na sede da Sociedade *Dante Alighieri*, em que se notavam numerosas exmas. famílias e cavalheiros realizou-se, sábado último, à noite a homenagem promovida pelas escolas italianas ao cônsul Barbarisi e sua exma. Esposa, pelo motivo de seu próximo regresso à Itália. Entre os presentes, ocupando postos de honra, se encontravam os srs. Telo Rosa, secretário da Educação e Saúde Pública; Dr. Cesar Scarani, diretor da sucursal do Banco Francês e Italiano; tenente Chiapini, fiduciário do *Fascio* local; cav. Atilio Marsiaj, presidente da Dante; professor Julio Lebrum, da Diretoria de Instrução Pública; cav. Gino Battocchio, diretor do curso de língua italiana. A homenagem teve início ao som do Hino Nacional, seguindo-se saudações ao Rei, ao Duque e ao Brasil, os hinos *Giovinezza*, brasileiro e das legiões, **pelos alunos das escolas italianas. Entre aplausos, inaugurou-se, a seguir a Biblioteca Angela Barbarisi, falando então o professor Luigi Ledda, diretor das escolas que teve palavras de carinho ao cônsul e a senhora consulesa. Seguiram-se saudações ao cônsul pelos alunos, coro de alunos menores da Dante Alighieri: um número cômico a cargo da Sociedade Elena di Montenegro, poesia por uma aluna da Sociedade Rosa Maltoni.** E, depois de um discurso do cav. Gino Battocchio, que aludiu carinhosamente às relações ítalo-brasileiras, um coro de homens cantou “A primavera”, sob aplausos gerais, houve, em continuação, uma hora de arte, que agradou em cheio, concluindo a homenagem ao cônsul Barbarisi e sua exma. esposa, os quais foram cumprimentados por todos os presentes. (A FEDERAÇÃO, 17/05/1937, p. 2; grifo nosso).

Os alunos das escolas italianas também se fizeram presentes com cânticos patrióticos, acompanhados do Diretor Didático. Barbarisi encerrou sua atividade como cônsul, deixando sua marca na educação entre italianos e descendentes, pois atuou de forma ativa para a manutenção das escolas italianas da capital e pelo revigoramento das escolas do interior, como bem pode-se ver, através da proposição de criação de uma escola, em Caxias do Sul, a *Principe di Piemonte*, solenemente inaugurada, com autoridades caxienses.

**Por iniciativa do senhor Comendador Guglielmo Barbarisi, cônsul da Itália em Porto Alegre, foi fundada, nesta cidade, uma escola primária, destinada ao ensino das línguas portuguesa e italiana, e da história e geografia dos dois países. Esse estabelecimento, que recebeu excelente material escolar, fornecido pelo consulado do país amigo, acha-se confortavelmente instalado no prédio em que funcionou a Escola Complementar<sup>321</sup>, à rua Pinheiro Machado. A Inauguração oficial do estabelecimento realizou-se ontem com a**

<sup>321</sup> Quanto à localização da escola complementar, há divergência com relação ao que informa Bergoza e Luchese (2010, p. 124): “A Escola Complementar de Caxias foi criada em 28 de fevereiro de 1930. Porém, só foi instalada em 15 de junho de 1930, na Avenida Júlio de Castilhos, no centro da cidade”. O jornal *Il Giornale dell Agricoltore* de 20/05/1936, p. 5, apontou o endereço como sendo, de fato, à rua Pinheiro Machado, número 2295.

presença do cônsul italiano, que se achava acompanhado de sua excelentíssima esposa, do senhor Dante Marcucci, prefeito municipal e demais autoridades. (*O MOMENTO*, 24/08/1936, p. 1).

Tal iniciativa, em Caxias do Sul, durou pouco mais de um ano. Vê-se, no relatório de 26 de novembro de 1937, enviado à Direção Geral das Escolas no Exterior, que a referida escola tinha 32 alunos na primeira série, 17 na segunda e 15 na terceira, conforme informou o seu diretor, professor Aniello Calabrese. Aliás, além de diretor da escola, o senhor Aniello era professor nos cursos de italiano oferecidos na cidade de Caxias do Sul<sup>322</sup>.



Figura 75: Cabeçalho da folha timbrada da *Regia Scuola Principe di Piemonte* (1936)  
Fonte: ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Cor. ANIELLO CALABRESE, 26/11/1937. Maço 62.

Na Figura 75, acima, bem se pode ler no cabeçalho: “Direção Didática de Porto Alegre”. A escola de Caxias do Sul tinha uma relação direta com o consulado e com a Direção Didática exercida pelo professor Luigi Ledda. Além disso, a escola era sede da O.G.I.E. de seu município.

<sup>322</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Cor. ANIELLO CALABRESE, 26/11/1937. Maço 62. No mesmo mês de novembro de 1937, o professor Aniello enviou duas correspondências ao MAE.





Figura 76: Alunos da escola *Principe di Piemonte* de Caxias do Sul (1937)

Fonte: ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Cor. ANIELLO CALABRESE, 15/11/1937. Maço 62.

Na Figura 76, aparecem os alunos da *Scuola Principe di Piemonte* durante o ensaio ginástico, na presença do cônsul Santovicenzo Magno, do Secretário dos Fâscios de Porto Alegre, Tenente Chiapini, e de autoridades brasileiras. A foto foi enviada como anexo para a DGIE. Ainda em 1937, outra ação promotora da italianidade, levada a efeito por Barbarisi, foi a inauguração dos cursos de língua italiana na *Scuola Principe Di Piemonte*. Acompanhado do professor Ledda, do tenente Chiappini, Barbarisi fez a inauguração dos cursos. O Jornal *La Voce d'Italia* assim se referiu ao evento:

Foi verdadeiramente prodigioso o impulso dado pelo nosso cônsul geral para as escolas italianas no Estado. E que este impulso tenha tomado agora raízes profundas entre nós bem se vê pela febre de entusiasmo que invadiu todos os nossos compatriotas não somente em Porto alegre, mas também os principais centros da nossa colônia no interior do Estado. (*LA VOCE D'ITALIA*, 30/04/1937, p. 4; tradução nossa).

No Rio Grande do Sul, a ação fascista evidenciou-se com a reorganização das escolas, em 1933, igual período em que ocorreu a propagação do ensino de italiano nos ginásios da capital, como já referido neste trabalho. Os cursos de italiano, tanto na capital como no interior, foram uma ação italianizante. No interior, precisamente em Caxias do Sul, novamente, pode-se ver o cônsul Barbarisi incentivando a criação de cursos de língua e de cultura italiana que passaram a ter lugar na escola ítalo-brasileira um ano antes

por ele também inaugurada.

Realizou-se sábado, com toda a solenidade, e com a presença do Comendador Guglielmo Barbarisi, real cônsul de sua Majestade o Rei da Itália e Imperador da Etiópia e excelentíssima consulesa, a inauguração dos cursos de cultura italiana, anexos à Escola Italiana Príncipe do Piemonte desta cidade. [...] Passou-se a palavra ao ilustre e talentoso professor Barbarisi, que, em belíssimo improviso, falou sobre a necessidade de se aprender a língua de Dante enaltecendo em seguida a pessoa de Mussolini, e fazendo votos pela prosperidade das duas nações – Brasil e Itália. (*O MOMENTO*, 26/04/1937, p. 1).

O cônsul Barbarisi também empenhara-se em organizar para os universitários da capital uma excursão à Itália na qual os estudantes Osmar Pilla, Vanius Lubisco e Hygio Ferreira eram os membros do comitê da viagem. Esta deveria ser composta “[...] unicamente de acadêmicos de nossas escolas superiores” (*A FEDERAÇÃO*, 08/11/1934, p. 4). Considerando, porém, inúmeros pedidos de inscrição para a viagem de pessoas alheias à classe universitária, Barbarisi tomou ciência das solicitações e “[...] acedeu em estender a todos os que desejassem se inscrever as vantagens até agora só concedidas aos acadêmicos [...]” (*A FEDERAÇÃO*, 08/11/1934, p. 4). A partida de Porto Alegre foi marcada para dia 5 de janeiro de 1935. Na lista de viajantes, incluíam-se acadêmicos, médicos da capital e do interior que, conforme o planejamento, iriam com o navio Neptunia e se hospedariam nos “[...] melhores hotéis italianos, com visitas a várias cidades e passeios”. (*A FEDERAÇÃO*, 23/10/1934, p. 5).

Com a saída do cônsul Barbarisi, seu sucessor, Santovicenzo Magno, deu continuidade às tratativas de envio de professores para Pelotas, para Rio Grande e para Santa Maria. Abaixo, na solicitação de professor para Pelotas enviada para a DGIE, com cópia para a Embaixada Italiana no Rio de Janeiro, salientou a urgência do envio de docente e a defesa da necessidade de ter escolas italianas bem organizadas.

Porto Alegre, 31 de dezembro de 1937.

Com relação a telegrama de 13 de outubro passado sobre a oportunidade de enviar um professor a Pelotas, rogo sejam dados os encaminhamentos práticos urgentes pois o início do novo ano escolar é eminente e, de outra parte a necessidade de providências parece sempre maior. Resulta evidente a importância de uma escola nossa, bem organizada e bem dirigida, naquela cidade sede de Universidade, coisa que já propus no meu relatório número 1485/229 de 8 de julho

de 1937. O régio cônsul Santovicenzo Magno.<sup>323</sup> (Tradução nossa).

Santovicenzo começou a fazer parte da realidade das escolas italianas de Pelotas, de Santa Maria, de Rio Grande e de Caxias do Sul. A questão de ter bons professores era uma constante, e tanto Pelotas como Santa Maria enviariam correspondências solicitando-os. Lentamente, buscava-se expandir a proposta de escolas bem organizadas para além da cidade de Porto Alegre.

## 5.10 UM POUCO SOBRE LIVROS DIDÁTICOS

*“[...] foram doados, pelo que subscreve e pelo cônsul geral, cuidando-se para escolher as melhores traduções, nossas obras primas para a infância. Crê-se que, considerando a orientação italianíssima de nossas escolas, que a biblioteca em questão, em não muito tempo, disporá de inúmeros e belos livros. Esta direção, com os livros enviados por este régio ofício, já há tempo organizou uma pequena biblioteca italiana que, claramente, com a iniciativa dos professores de português, torna-se absolutamente inadequada ao seu objetivo, principalmente porque não é possível comprar livros novos.”*  
(ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1945. Rel. LUIGI LEDDA, 02/07/1936, p. 9. Maço 64)

Pelo estado da arte das investigações sobre as escolas italianas no Rio Grande do Sul, observa-se que, quanto ao aspecto da sistematização do material didático, particularmente dos livros utilizados nas escolas étnicas, há, ainda, muito a organizar e investigar. Neste trabalho, apenas fez-se uma reflexão, a partir de alguns livros didáticos encontrados no Arquivo<sup>324</sup> da Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul, antiga *Principessa Elena di Montenegro*, única sede ainda existente do conjunto das sociedades italianas que mantiveram iniciativas escolares na capital.

É provável que, em alguns relatórios que estão no *Archivio Storico del Ministero degli Affari Esteri*, possam ser encontradas indicações mais precisas sobre os materiais didáticos, especificamente sobre os livros didáticos enviados

<sup>323</sup> ASMAE-Archivio Scuole 1936-1945. Cor. SANTOVICENZO MAGNO, 31/12/1937, Maço 63.

<sup>324</sup> Na sede da Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul foram encontradas dezenas de caixas, contendo livros de literatura italiana, livros didáticos e revistas de origem italiana. Esta análise se deteve sobre alguns dos livros didáticos encontrados. Outra observação importante é que, nesse arquivo, há material bibliográfico das várias sociedades analisadas neste trabalho o que leva a concluir que a *Principessa Elena*, por nunca ter cessado suas atividades, acabou por catalizar um pouco do que as sociedades possuíam. Outra observação importante é que a Sociedade *Dante Alighieri*, depois de ter sido refundada, nos anos 1970, manteve uma biblioteca, o que fica evidenciado por inúmeros livros carimbados e fichários encontrados na *Principessa Elena* bem como pelas identificações na lombada de alguns livros que foram submetidos a cadastramento por algum bibliotecário. Por fim, também cabe destacar que a maioria dos livros encontram-se em péssimo estado de conservação e de higiene. Conforme relato do administrador da Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul, muito se perdeu por conta de alagamentos quando o material estava acondicionado no térreo da edificação.

e utilizados nas escolas subsidiadas. Todavia, durante a presente pesquisa, não se pôde ter acesso a esses dados.

Giron (1994) sublinha que os livros didáticos, tanto nas antigas escolas étnicas italianas, antes do fascismo, como nas escolas do período fascista, traziam conteúdos que eram totalmente inadequados à realidade brasileira, na medida em que elementos conteudísticos diziam respeito à Itália, como as estações do ano, bem como a história, a geografia e a língua. Giron (1994) também aponta que os textos didáticos elaborados antes da reforma fascista eram pouco interessantes, pois eram longos, entediantes, com poucas gravuras configurando extensos textos descritivos. Já os livros do período fascista possuíam um atrativo visual com mais figuras, apresentando melhor qualidade didática e de impressão em cores, textos mais breves e acompanhados de gravuras ilustrativas, adequadas ao assunto abordado, com constantes atualizações de conteúdo e com suas edições devidamente datadas.

Aspecto relevante a destacar é o endereçamento dos livros: antes da era fascista, o livro parecia ter sido escrito para os italianos ainda residentes na Itália. A partir de 1922/23, o direcionamento da literatura escolar enfatiza o destino: “para os italianos no exterior” (GIRON, 1994, p. 103).

Luchese (2012) analisando livros didáticos depois da reforma de Gentile, portanto após a ascensão do fascismo, voltados para as escolas italianas no exterior, referiu que, no conjunto dos livros por ela investigados, eram frequentes:

[...] os discursos sobre símbolos, representações e ideias que o fascismo pretendia incutir. [...] pretendia-se instituir uma identificação entre o ser italiano e a simbologia fascista, realçando as concepções sobre o que caracterizavam o povo italiano. (LUCHESE, 2012, p. 5)

Barausse (2015, p. 6) refere que, durante o período pré-fascista “[...] vários foram os sujeitos envolvidos no processo de aprovação de livros escolares no exterior” a serem distribuídos às escolas governamentais, bem como às escolas subsidiadas. Porém, somente “[...] em 1921 é que foi instituída a comissão especial para exame dos manuais”. (BARAUSSE, 2015, p. 6). Sobre isso, é importante referir que:

Condicionando a tipologia dos produtos editoriais destinados às

escolas italianas no exterior intervieram os novos programas lançados pela normativa de primeiro de outubro de 1924 pensados para uma função da escola destinada a assumir uma relevância fundamental, evidenciada nas palavras que acompanhavam as instruções aos professores [de] sentinela da pátria distante. (BARAUSSE, 2015, p. 8).

Na investigação realizada, identificou-se que o jornal *Stella* publicava, frequentemente, a propaganda de livros escolares que estavam de acordo com os últimos programas governativos. Nos anos de 1902, 1903 e 1904, as propagandas reproduziam, repetidas vezes, as mesmas dicas para compra, informando que eram baratos (*a buon mercato*). Os títulos ofertados no *Stella* (03/04/1902, p. 1) para aquisição junto à Tipografia do Centro, na rua Dr. Flores, número 32, eram: *Il Sillabario* de D. Bonfanti; *L'Abbaco* de A. Cavezzali; *Prime regole di grammatica*; *Primo libro di Mario*; *Sillabario di Mario e Elisa*; *Secondo libro di Lisa*. Nesse período, é de se supor que tais livros circulavam nas escolas italianas estabelecidas em Porto Alegre.

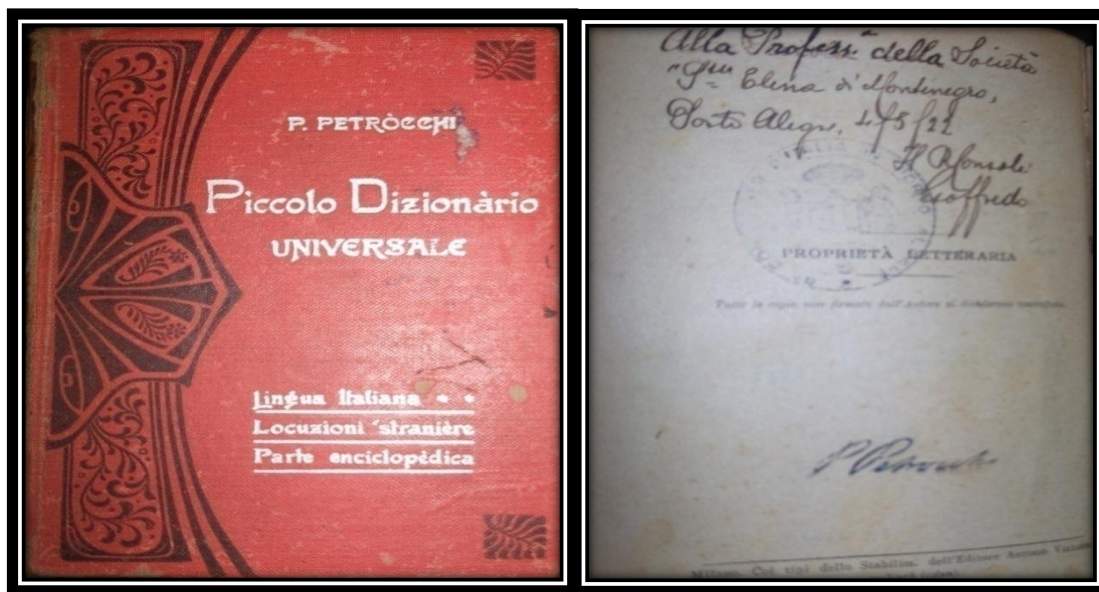


Figura 77: Capa e página interna do dicionário doado pelo cônsul Massimo Goffredo  
Fonte: Arquivo da Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul.

Massimo Goffredo, cônsul da Itália de 1920 a 1923, pareceu ser um dirigente interessado pela educação em Porto Alegre. Foi dele que a *Scuola Elena di Montenegro* recebeu um dicionário, com a dedicatória datada de 4 de maio de 1922 para a professora Amélia Sanguin, diretora à época. Na página interna do dicionário, aparece a dedicatória: *Para a professora da Sociedade*



*Elena di Montenegro. Porto Alegre, 4/05/1922. Régio cônsul Massimo Goffredo.*



Figura 78: Capa do livro *Consigli alle Fanciulle* (1889)  
Fonte: Arquivo da Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul.

O livro apresentado na Figura 78 é um dos poucos materiais específicos da época encontrado sobre a *Scuola Umberto I* antes do advento fascista. Na capa, vê-se o carimbo da sociedade *Umberto I* e, no interior, várias páginas marcadas e textos sublinhados com lápis colorido. O livro *Consigli alle Fanciulle* (Conselhos às crianças), datado de 1889, reforça o que Giron (1994) afirma sobre os livros publicados antes da ascensão do fascismo: eles eram pouco atraentes. Na capa do referido livro, há o carimbo da Sociedade Italiana *Umberto I* de Porto Alegre. De fato, comparando-se com os livros publicados a partir de 1923/1924, há uma considerável modificação, como frisa Giron (1994).

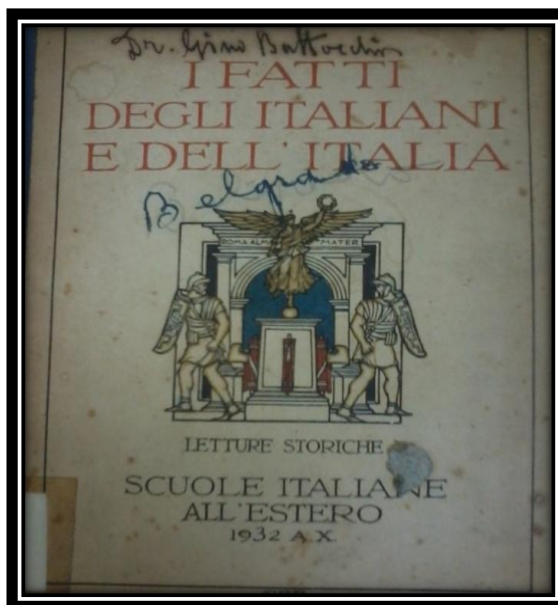


Figura 79: Capa do livro *I fatti degli italiani e dell'Italia*  
 Fonte: Arquivo da Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul.

A Figura 79 traz o livro *I fatti degli italiani e dell'Italia*. Vê-se, no alto, a assinatura do professor Gino Battocchio. O livro, datado de 1932, é ilustrado e colorido. Fazia parte da literatura escolar específica da era fascista nos moldes semelhantes aos que observou Luchese (2012).

No Arquivo da Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul, antiga *Principessa Elena di Montenegro*, na qual se encontram livros com carimbos da Sociedade *Dante Alighieri*, identificaram-se inúmeros exemplares da *Collezione Scolastica Mondadori*. Com a Reforma Gentile de 1923, a editora Mondadori, que já tinha em seu catálogo livros escolares, adaptou-se ao controle sistemático da produção escolar na Itália que “[...] ficava entre as exigências da Reforma e às crescentes exigências do regime fascista”. (REBELLATO, 2008, p. 14). Os livros encontrados dessa coleção abrangem a primeira classe até a quinta classe da escola elementar.

Conforme se observa na Figura 80, na capa do livro, há um carimbo com a inscrição *Scuole Italiane All'estero del Rio Grande del Sud* e, no centro do carimbo, a expressão *DIREZIONE DIDATTICA*. A publicação é de 1925 e, na apresentação interna da obra, na página 2, há referência de que a publicação está “[...] de acordo com os programas governamentais de primeiro de outubro de 1923: textos aprovados definitivamente pelo ministério”. Outro elemento a destacar é a expressão “GRATUITO”, também posta por carimbo, o que revela

que os livros não eram vendidos, mas distribuídos. Tal carimbo pôde ser encontrado em vários exemplares.



Figura 80: Livro da Classe Quinta (1925)

Fonte: Acervo da Biblioteca da Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul.

Evidencia-se, pois, que, sob os auspícios do fascismo, recém tendo galgado ao poder com a Marcha sobre Roma, iniciou-se um processo direcionado de formação. A escola étnica é um dos alvos, e as escolas de Porto Alegre orquestradamente foram atingidas.



Figura 81: Reprodução do carimbo da Direção Didática

Fonte: Arquivo da Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul.

Quanto ao uso de livros em português, Ledda registrou que os professores de português, com o acordo da Direção Didática, haviam fundado uma biblioteca com livros em língua portuguesa para os alunos das escolas italianas. Segundo a avaliação de Ledda, para essa biblioteca, foram oferecidos



muitos livros bons e adequados:

[...] foram doados, pelo que subscreve e pelo cônsul geral, cuidando-se para escolher as melhores traduções, nossas obras primas para a infância. Crê-se que, considerando a orientação italianíssima de nossas escolas, a biblioteca em questão, em não muito tempo, disporá de inúmeros e belos livros. Esta direção, com os livros enviados por este Régio ofício, já há tempo organizou uma pequena biblioteca italiana que, claramente, com a iniciativa dos professores de português, torna-se absolutamente inadequada ao seu objetivo, principalmente porque não é possível comprar livros novos.<sup>325</sup> (Tradução nossa).

Ledda advertiu, em seu relatório de 1936, que eram necessários muitos livros em italiano para combater o novo perigo com êxito, ou seja, de que a biblioteca de livros em português não ficasse maior do que aquela dos livros em italiano, destacando que, com relação aos alunos concluintes, estes, quando “[...] terminados os estudos somente uma boa biblioteca poderia mantê-los em contato com a escola que logo abandonarão<sup>326</sup>”. (Tradução nossa).

Nesse mesmo relatório, Ledda se manifestava relatando que “quase todo o material solicitado chegou regularmente<sup>327</sup>”; no entanto, insistia sobre a necessidade de que as escolas italianas da capital fossem dotadas de uma Enciclopédia Mondadori para os meninos. Advertia, ao final, que ainda era necessário ampliar a biblioteca para o uso dos professores, visto que os docentes italianos, especialmente, não tinham meios de preparar as suas lições fora do usual enquanto os professores de português tinham à disposição a biblioteca do Instituto de Educação.

No relatório de junho de 1935, escreveu ao MAE de forma enfática: “O subscrito roga vivamente a esta Direção o favor de enviar para que venha todo o material solicitado, incluindo os cadernos, os vocabulários e a biblioteca<sup>328</sup>”. (Tradução nossa). Ledda recordava ao ministro que os livros enviados para as escolas no início de 1935 não haviam sido suficientes e que “[...] foram fornecidos os livros velhos<sup>329</sup>”. (Tradução nossa).

No Quadro 36, há uma breve relação de livros que foram encontrados no Arquivo da Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul. Como aqui já se referiu,

<sup>325</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1945. Rel. LUIGI LEDDA, 02/07/1936, p.9. Maço 64.

<sup>326</sup> Ibidem, p. 10.

<sup>327</sup> Idem.

<sup>328</sup> Ibidem, p. 9.

<sup>329</sup> Idem.

no mencionado arquivo existem muitos livros; contudo, esta pesquisa optou por referir somente alguns que possuíam os carimbos da Direção Didática na capa ou no interior ou somente os que possuíam sinais evidentes de uso de alunos ou de professores das escolas italianas da capital. Ainda, o critério priorizou as publicações impressas depois de 1923 (Reforma Gentile), com exceção do livro *Fuori Del Guscio*, de 1917.

**Quadro 36: Livros didáticos das escolas italianas de Porto Alegre**

<b>Título e complementos</b>	<b>Autor</b>	<b>Editores e Cidade</b>
<i>Fuori del Guscio – libro de lettura per La Terza classe elementare</i>	Prof. A. Cuman Pertile	R. Bemporad & Figlio Editori. Firenze. 1917
<i>Grapopolo d'Oro. Letture per le scuole urbane e suburbane maschili e femminili. Classe seconda</i>	Dino Provenzal e Olindo Giacobbe	Industrie Riunite Editoriali Siciliane. Palermo. 1925
<i>Italia Lontana. Libro di lettura per le classi superiori delle scuole elementari italiane all'estero, premiato e approvato dal Ministero degli Affari Esteri. Volume I.</i>	Alarico Buonaiuti	R. Bemporad & Figlio Editori. Firenze. 1926
<i>Come le Rondini - Corso di letture per le scuole italiane all'estero. Classe seconda</i>	Giovani Marchi e Vincenzina Battistelli	R. Bemporad & Figlio Editori. Firenze. 1927
<i>Sole d'Italia. Letture Classe V - La Patria</i>	Prefácio de Piero Parini	Officine Grafiche di A. Mondadori. Verona. 1930
<i>Il Luogo Natio. Letture Classe IV</i>	Paolo Monelli	Officine Dell'Istituto Poligrafico dello Stato. 1930
<i>Brevissime note di Grammatica per La quinta classe elementare</i>	Daniele Ercoli	Mondadori. Milano. 1929
<i>Albo di Geografia per le scuole elementari</i>	Federico Crescenzo	Mondadori. Torino. 1929
<i>Letture di Religione (per le Scuole Elementari italiane all'Estero) Volume I - Classe II e III</i>	Giuseppe Fanciulli	A. Mondadori. Verona. 1932
<i>Il Libro della III Classe Elementare</i>	Scuole Italiane All'estero	Libreria dello Stato. Roma. 1932
<i>Albo di Scienze per le scuole italiane all'estero</i>	Augusto Sichirollo	Mondadori. Milano. 1932
<i>Scuole Italiane all'Estero: storia e geografia per la IV classe elementare</i>	Scuole Italiane all'estero	Mondadori. Verona. 1937

Fonte: Arquivo da Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul (Porto Alegre).

Na Figura 82, vê-se as capas dos livros referidos no Quadro 36.



Figura 82: Capas de livros didáticos das escolas étnicas italianas de Porto Alegre  
Fonte: Arquivo da Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul.

Este trabalho não adentrará na análise do conteúdo dos livros, para a qual seria necessário bem mais do que um breve tópico. Restringir-se-á, então, a um texto do livro *Italia Lontana* (BOUNAIUTI, 1926, Volume I) encontrado no Arquivo da Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul; trata-se de um livro de leitura para as classes superiores e para as escolas elementares italianas no exterior, que traduz o sentimento de italianidade e, de certa forma, dá a entender a postura dos governantes italianos que, junto aos “italianos no exterior”, propunham aos alunos o aprendizado da língua estrangeira, na medida em que tal aprendizagem se tornava útil para os que adotavam o país em que se encontravam, bem como não os deixava esquecer de suas origens.

Tanto o livro *Italia Lontana* como o *Cuore Lontano*, segundo Barausse (2015, p. 10):

[...] faziam parte da produção de livros com a orientação de favorecer a transmissão de modelos educativos fundados no orgulho das tradições culturais italianas e, simultaneamente, na capacidade de ser bons cidadãos brasileiros.

No conjunto de livros encontrados nos arquivos da antiga Sociedade *Principessa Elena di Montenegro*, constam vários volumes de *Italia Lontana*, com seus textos eivados de zelo pela Itália.

De fato, o texto em apreço, *La lingua*, conduz ao reconhecimento das outras línguas como “instrumento” necessário; contudo, deixa claro, repetidas vezes, que a língua italiana é superior. O texto tem dois movimentos claros: um de rejeição da utilização de palavras estrangeiras em substituição às expressões para as quais o italiano possuía sinônimos. Nesse sentido o texto admoesta o aluno/leitor. Na sequência, no segundo movimento, ocorre a explicação mais detalhada dada pelo professor que organiza os argumentos da primeira admoestação. Na sequência do texto, o professor incentiva o estudo da língua estrangeira, tendo em vista a adaptação aos país hospedeiro. A construção do discurso tem uma forma didática e persuasiva, como os demais textos do livro, abordando elementos históricos e cotidianos, recheados com o tom nacionalista, objetivando que os leitores não esqueçam da Itália distante (*Italia lontana*). Veja-se na íntegra:

La lingua. Ad un alunno che aveva adoperato la parola *menù* per indicare la lista del pranzo, Il maestro aveva detto: - Fanno malissimo tutti coloro che introducono nel loro linguaggio parole straniere, vi sono, sì, cose che non trovano um vocabolo corrispondente nella nostra lingua, e allora è indispensabile adoperare l'altrui; ma, quando questa parole c'è, perchè ricorrere agli altri? Alle cieco amore per tutto ciò che viene da altre nazioni, amore che si manifesta anche nelle usanze e nella scelta degli oggetti, è sommamente biasimevole, e dimostra poco attaccamento alla Patria. La parola straniera, non necessaria, nel periodo italiano è una stonatura, è un non senso, è una posa che appare ridicola a chi abbia Il dovuto rispetto per Il suo idioma nazionale, Il più melodioso e Il più nobile del mondo. Ma Il padre di Tullio Fondi era andato a dolersi a scuola che Il figlio avesse detto in casa di non voler più studiare altre lingue che la sua, la più bella di tutte, e allora Il maestro spiegò meglio: - Amare ed apprezzare in altissimo grado la propria lingua non vuol dire disprezzare le altre. La nostra lingua è la più melodiosa per la chiarezza dei suoi suoni, per La facilità delle sue flessione, per la gentilezza dei suoi legamenti, V'è chi la chiama la lingua del canto. Ed anche è la più nobile perchè in essa è scritta la Divina Comedia, che è la più antiga, la più alta opera morale, civile, umana, religiosa che sia stata scritta nelle letterature moderne. Ma ciò non toglie che anche altre lingue siano melodiose e nobili. La lingua che si parla qui è dolce anch'essa, e graditissima ad ogni orecchio. Ed anch'essa ha nella sua letteratura capolavori famosi. E, allà fine, si rivolse a fondi in particolare, dicendogli: - Poniti dunque a studiarla questa lingua. E studiala, non solo perchè essa merita di essere conosciuta e coltivata. E, a volerne fare una questione pratica, ti dirò che, se non la imparerai, rimarrai estraneo a questa popolazione così gentile e buona e, quel ch'è peggio, ti troverai chiusa la via ad ogni utile occupazione. (BOUNAIUTI, 1926, p. 33-34).

Pode-se concluir que a estratégia adotada pelas escolas étnicas italianas da capital, especialmente na década de 1930, favorecia a manutenção da língua italiana nas próprias escolas e permitia ao alunos a inserção no meio social prevalentemente falante do português. A efetivação da estratégia de defesa da italianidade e o ideário passava pela escola e pelos livros das escolas.

## 6. AS ESCOLAS ÉTNICAS ITALIANAS DA CAPITAL: JUNTAS ATÉ O FINAL

*“Decretar leis que importasse em fechar todas as escolas chamadas estrangeiras seria um indefensável atentado à inteligência; permitir a sua continuação, sem propor alterar sua estrutura seria um crime de lesa pátria.”*  
(CORREIO DO POVO, 08/04/1938, p. 14)

Kreutz (2010), analisando o processo de nacionalização do ensino no Brasil, aponta que ele ocorreu de forma compulsória entre 1937-1945, embora já se verificasse, desde o início da imigração, uma preocupação do Governo das Províncias para com as escolas étnicas. Kreutz salienta que:

[...] no Rio Grande do Sul, por exemplo, estabeleceu-se não só uma remuneração especial para os professores nas escolas de imigrantes que ensinassem o português, como também se autorizava a contratação de professores para as escolas públicas da região colonial que utilizassem a língua da região, em não havendo professores com habilitação para tal objetivo. Ainda, com a Lei n. 579 de 1864, transparecia o claro objetivo de incentivar o vernáculo. (KREUTZ, 2010, p. 75)

Luchese (2012) destaca que, embora no final dos anos 1930 a quantidade de escolas italianas fosse inexpressiva e as autoridades gaúchas já não consideravam problemática a situação das áreas de colonização italiana no Rio Grande do Sul com relação à cooptação fascista, os relatórios recebidos pelo secretário de educação do Estado, senhor José Pereira Coelho de Souza (1937-1945), apontavam que essas poucas escolas étnicas italianas que se mantinham eram centros de difusão dos ideais fascistas. No relatório consta que:

Nas zonas de colonização italiana, pela maior afinidade de língua e costumes, a integração do imigrante se ia processando vagarosa, porém seguramente. Nas grandes cidades o problema oferecia aspectos diferentes: os responsáveis pelos estabelecimentos alemães diziam ministrar o ensino em ambas as línguas, o mesmo acontecendo com os italianos. (RELATÓRIO, 1939).

Ainda, de acordo com Kreutz (2010), o Decreto n.º 7.212, de 08 de abril de 1938, foi a primeira legislação específica sobre a nacionalização do ensino no Rio Grande do Sul. Tal decreto foi assinado pelo Interventor do Estado, à época o senhor Oswaldo Cordeiro de Farias. Na sequência, no mesmo ano de 1938, foi emitido o segundo decreto, o de número 7.247, de 23 de abril,

assinado pelo Secretário da Educação, Coelho de Souza, que complementava os dispositivos do decreto anterior do Interventor, dispondo instruções sobre o registro das escolas particulares na Diretoria da Instrução Pública. Por ocasião do anúncio do decreto, leu-se, no *Correio do Povo*, a manifestação do Coronel Interventor, que explicava que o decreto defendia a “brasilidade” e, segundo ele, não visava a destruir as iniciativas educacionais existentes.

Atende o decreto que vem a ser hoje assinado, a dois aspectos grandemente significativos: um, de importância geral, educativo, ferindo de fundo o problema da nacionalização do ensino, num sentido forte e firme de brasilidade. O outro, mais denso, que concilia os interesses e o grande trabalho educacional já existente na região colonial do Rio Grande do Sul, que é a falta de professores e, mesmo, de organização do ensino no Estado, permitindo o seu desenvolvimento sem uma orientação uniforme. Não tem, portanto, o decreto, uma finalidade destruidora da obra já existente nos núcleos de origem imigratória, mas sim o de ser aproveitado o eficiente trabalho já feito num sentido legítimo de brasilidade. (*CORREIO DO POVO*, 08/04/1938, p. 14).

No âmbito do governo estadual, identificava-se nas populações ítalo-germânicas do Estado uma vinculação estreita com os movimentos políticos de extrema direita que se desenvolviam no país e na Europa na década de trinta, nomeadamente o fascismo de Mussolini e o nazismo de Hitler na Europa e, no Brasil, o integralismo de Plínio Salgado. Assim, as escolas estrangeiras alemãs e italianas, particularmente, caracterizavam-se, mais ainda, como focos desnacionalizantes e vinculava-os às determinações da política externa da Alemanha e da Itália. Alemães e italianos eram identificados, indiscriminadamente, como propagandistas do ideário nazifascista. De acordo com René Gertz, “germanismo, nazismo, integralismo forneceram a justificativa para a ação estatal conhecida como Campanha de Nacionalização”. (GERTZ, 1991, p. 63).

O Secretário Coelho de Souza, na ocasião, também, manifestou-se julgando que o teor do decreto espelhava uma justa medida entre a radicalidade e o laxismo, tendo em vista a defesa da pátria e salientando que só seriam fechadas as escolas que desobedecessem ao decreto e se obstinassem no erro.

Os governos anteriores, permitindo a formação no Rio Grande de núcleos desnacionalizados, servidos por centenas de escolas em que se desconhece a língua portuguesa entregando-nos o poder com um número deficientíssimo de colégios públicos e com limitadas possibilidades orçamentárias, colocaram-nos nessa grave obrigação: conciliar imperativos da cultura humana com os vitais interesses do Brasil – ambos por igual relevantes. Decretar leis que importasse em fechar todas as escolas chamadas estrangeiras seria um indefensável atentado à inteligência; permitir a sua continuação, sem propor alterar sua estrutura seria um crime de lesa pátria. Nessa séria conjuntura, o governo atual procurou a justa medida, na sabedoria e na moderação. Não baixou decretos radicais, capazes de provocar o aplauso fácil do chauvinismo, mas dificilmente exequíveis; procurou, ao contrário, agir com equilíbrio e orientação. Diligência, no decreto hoje assinado, por nacionalizar e incorporar aos quadros da nossa instrução às escolas até agora desnacionalizadas e só fechará as que se obstinarem no seu erro. Do mesmo passo, criará nas zonas até agora servidas pelas chamadas escolas estrangeiras outras tantas escolas públicas; para isso, instalará, ainda este mês, trinta novos grupos e manterá esse ritmo, enquanto permitirem as possibilidades orçamentárias. Dessa arte servirá à Pátria e à Instrução. Cumpre notar que o decreto de hoje também prevê sobre as escolas particulares genuinamente brasileiras, que até agora não se destacaram pelo ensino cívico. Firmando essa orientação, o senhor interventor federal se revela mais uma vez um homem de governo, orgânico, criador e equilibrado, que merece o aplauso dos verdadeiros patriotas. (*CORREIO DO POVO*, 08/04/1938, p. 14).

Coelho de Souza destacou que seriam criadas mais escolas para atender as áreas onde havia instituições de ensino estrangeiras. Tratava-se de um plano organizado com várias estratégias. O cônsul italiano, à época do decreto de nacionalização do ensino, era o senhor Santovicenzo Magno. Alguns dias após a assinatura do decreto, o cônsul referiu que as escolas que existiam no Estado – nesse momento eram somente cinco em Porto Alegre, uma em Santa Maria, uma em Pelotas e outra em Caxias do Sul – encontravam-se nacionalizadas, conforme abaixo:

As escolas que aqui existem encontram-se nacionalizadas. [...] Em cada uma delas, há um professor brasileiro designado pela Secretaria de Educação, que se encarrega de ministrar o ensino das coisas do Brasil. [...] concordo com o ato das autoridades rio-grandenses. Aqui estamos para acatar, com maior respeito, as ordens e as leis brasileiras. (*CORREIO DO POVO*, 14/04/1938, p. 16).





Figura 83: Cônsul Santovicenzo Magno  
Fonte: Revista Ecos Rosariense (1937, p. 86).

Santovicenzo Magno aqui enfrentou uma difícil situação. Defensor das escolas italianas, já sentira fortemente a antipatia às escolas étnicas no ano de 1937, quando as escolas italianas da capital participaram do desfile de Sete de Setembro com 250 alunos. O professor Ledda recebera um comunicado da Secretaria da Educação do Estado, informando que as escolas não poderiam desfilar com a bandeira da Itália; somente com a do Brasil. Se assim fosse, segundo o cônsul, as escolas não desfilariam. O dirigente relatou a necessidade de buscar apoio pessoal do Governador do Estado, que liberou o desfile com a bandeira da Itália. Tal relato, consubstanciado no relatório ao Ministério das Relações Exteriores da Itália, com cópia para a Embaixada da Itália no Rio de Janeiro<sup>330</sup>, revela que a campanha da nacionalização começara a chegar na soleira das escolas italianas da capital. Santovicenzo concluiu o relato destacando seu empenho em não permitir o desfile sem a bandeira da Itália. No relatório, salientou que se não tivesse agido com diligência e mantido uma posição firme, os riscos no futuro seriam maiores dado que, cada vez mais, observava atitudes restritivas.

A coisa, mesmo que de ordem cerimonialística, tinha porém uma importância notável, porquanto se tratava de reafirmar o caráter italiano dessas nossas escolas e de opor-se à tendência desta Secretaria da Educação da ingerência sempre maior nas instituições escolares estrangeiras. Se tivéssemos cedido na primeira vez, poder-se-ia ficar seguros que não faltariam outras e mais prejudiciais intervenções com o fim de transformar, pouco a pouco, as nossas escolas em instituições simplesmente brasileiras. Torna-se aqui

<sup>330</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Cor. SANTOVICENZO MAGNO, 29/09/1937. Maço 62.

oportuno repetir que a corrente contrária aos institutos de ensino estrangeiros se torna, neste País, sempre mais forte e começa a tomar, neste campo, providências restritivas que, se não foram até hoje adotadas, não é por falta de vontade, mas somente por deficiência de instituições similares nacionais e de bons professores.<sup>331</sup>  
(Tradução nossa).

As exigências se tornariam mais rígidas e, pouco menos de um ano depois do episódio, as escolas seriam fechadas.

## 6.1 “FECHADAS, ONTEM, CINCO ESCOLAS ESTRANGEIRAS NA CAPITAL”

*“O Dr. Ney Britto dirigiu-se, então, aos respectivos diretores, informando-lhes que expirara o prazo para registro das escolas estrangeiras e que, portanto, estavam funcionando irregularmente pelo que determinava o seu fechamento, o que foi imediatamente feito.”*  
(CORREIO DO POVO, 26/05/1938, p. 10)

No Rio Grande do Sul, com a saída do governador Flores da Cunha assumiu como interventor o general Daltro Filho, até janeiro de 1938, quando, então, foi nomeado o coronel Oswaldo Cordeiro de Farias<sup>332</sup>, que deu novo impulso à Campanha de Nacionalização no Estado, como se viu acima.

Kreutz (2014) destaca que no período da nacionalização, foram desencadeadas medidas preventivas e repressivas. Kreutz (2014, p. 171) descreve que:

A partir de 1938, a campanha de nacionalização passou para uma ação mais ostensiva e repressiva, especialmente nos núcleos em que houvesse alguma resistência. Estendeu-se também às sociedades culturais. Houve casos em que a animosidade se radicalizou, com a ação policial invadindo domicílios, arrancando inscrições já existentes há cinquenta ou mais anos em túmulos.

<sup>331</sup> ASMAE- Archivio Scuole, 1936-1940. Cor. SANTOVICENZO MAGNO, 29/09/1937, p. 2. Maço 62.

<sup>332</sup> Oswaldo Cordeiro de Farias (1901-1981) foi interventor federal no Rio Grande do Sul de 4 de março de 1938 a 4 de setembro de 1943. Militar brasileiro que participou de diversos levantes militares contra o governo federal inclusive da Coluna Prestes, o qual comandou um dos quatro destacamentos em que se subdividia a Coluna. Em 1930, participou do movimento que derrubou o Presidente Washington Luiz e impediu a posse de Júlio Prestes. Em 1942, foi promovido a General. Em 1954, foi eleito Governador do Estado de Pernambuco. Em 1961, ocupou o posto de Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas nomeado por Jânio Quadros. Participou do golpe militar de 1964 e durante a ditadura militar ocupou o cargo de Ministro do Interior.



Figura 84: Coronel Oswaldo Cordeiro, interventor Federal, durante ato de assinatura do Decreto 7.212 de 8/04/1938<sup>333</sup>

Fonte: *Jornal Correio do Povo* (08/04/1938, p. 14).

Como também demonstra Torres (1999), o Governo Federal realizou, nos primeiros anos que se seguiram à Carta Magna de 1937, uma obra de nacionalização do ensino primário nos estados de acentuada imigração de origem estrangeira e, a partir de 1938, o Estado passava a conviver com uma forma mais sistemática e repressiva na campanha nacionalizadora por parte de Cordeiro de Farias, devido a “[...] denúncias de nazistas no Sul do país, o que favoreceu o recrudescimento das medidas de ação política e educacional”. (TORRES, 1999, p. 155).

No mês seguinte à publicação do primeiro decreto da nacionalização, o jornal *Correio do Povo* publicou uma carta do cônsul Santovicenzo Magno, na qual o representante italiano expunha o seu entendimento de que as escolas italianas no Estado já estavam enquadradas e atendiam os aspectos que descrevia o decreto. Aqui transcreveu-se, na íntegra, a carta divulgada pelo cônsul:

Com muito prazer tive a oportunidade de ler no conceituado jornal por vossa senhoria dirigido, edição do dia 14 de abril, o tópico relativo à nacionalização do ensino no Rio Grande do Sul. No que se refere às perguntas que me foram dirigidas pelo vosso redator na entrevista, certamente, devido ao meu pouco conhecimento desta bela e canora língua, houve uma diversa interpretação sobre o assunto que nele foi tratado. **No que concerne à organização das escolas limitei-me a declarar ao vosso redator que tinha lido o decreto e que, conforme meu ponto de vista, as escolas italianas estavam, desde seu início, enquadradas no que a respeito determina o recente**

<sup>333</sup> Ladeando o Coronel Oswaldo Cordeiro, Interventor Federal, estão, à direita, o senhor Coelho de Souza e, à esquerda, Miguel Tostes.

**decreto do governo do Estado.** Nem podia dizer diversamente, enquanto pelas funções que me foram confiadas pelo meu governo, não posso nem devo entrar em apreciações sobre o que concerne à política deste hospitaleiro país. Minha única e constante preocupação é fortalecer, cada vez mais os laços de sincera amizade entre a Itália e este grande e nobre Brasil. Declarei também que o governo do meu país ajudava o funcionamento das referidas escolas com a remessa de material escolar (livros, etc.). Portanto, confio que vossa senhoria não deixará de retificar quanto foi publicado no jornal de hoje, pelo que vos agradeço de antemão e aproveito o ensejo para reiterar a vossa senhoria os protestos de minha alta estima e distinta consideração. O Régio Cônsul da Itália Santovincenzo Magno. (*CORREIO DO POVO*, 1/05/1938, p. 10; grifo nosso)

Vê-se na reportagem do *Correio do Povo* do dia dezoito de maio de 1938, a qual abria com a chamada *O secretário da Educação declara que mandará fechar, por intermédio da polícia, as escolas que não obedecerem às exigências do decreto de nacionalização*, que assim se manifestou o secretário de Educação Coelho de Souza: “Certas escolas aparentam astuciosamente desconhecer a decretação dessas medidas. Os que se mantiverem dentro dessa atitude, no dia seguinte ao do encerramento do prazo, serão fechadas pela polícia”. (*CORREIO DO POVO*, 18/05/1938, p. 12).

De fato, o governo estadual havia baixado em 9 de abril de 1938 um decreto dispondo sobre a nacionalização das escolas estrangeiras que, por informações de Coelho de Souza, “[...] eram mais de 3000 em todo o Estado”. (*CORREIO DO POVO*, 26/05/1938 p. 10). Assim o articulista da matéria se expressava sobre a ação de fechamento das cinco escolas ítalo-brasileiras da capital:

Para fazer cumprir as determinações do referido decreto, o Dr. Coelho de Souza, secretário da Educação, designou o Dr. Ney Britto, segundo oficial da Diretoria de Instrução Pública. No desempenho de suas funções, esse serventuário daquela repartição notificou todos os interessados daquela medida, declarando que o prazo para o seu integral cumprimento expiraria a 23 de maio, tomando logo todas as providências para que, decorrido esse tempo, não houvesse escolas em contradição com o estatuído no decreto em apreço. Passando o período legal, verificou o Dr. Ney Britto que algumas escolas não tinham cumprido as disposições do decreto de nacionalização do ensino pois não haviam feito o competente registro e mais providências indispensáveis. Em vista disso, após conferências com o capitão Aurélio de Lima Py, chefe de Polícia do Estado, o Dr. Ney Britto dirigiu-se às escolas *Dante Alighieri*, à rua Misericórdia, *Rosa Maltoni*, à Avenida Getúlio Vargas, a *Elena di Montenegro*, à rua João Telles, à *Vittorio Emanuele II*, à rua 7 de setembro e à *Umberto I*, à Avenida Visconde do Rio Branco. Estavam todas funcionando, com mais de 200 alunos de ambos os sexos. **O Dr. Ney Britto dirigiu-se, então, aos respectivos diretores, informando-lhes que expirara o prazo**

para registro das escolas estrangeiras e que, portanto, estavam funcionando irregularmente pelo que determinava o seu fechamento, o que foi imediatamente feito. A Secretaria de Educação teve informações de que também em Pelotas e Caxias do Sul as escolas italianas não procederam ao necessário registro determinado pela lei. Diante disso, o chefe de Polícia telegrafou aos delegados daqueles municípios afim de que providenciassem o imediato fechamento das escolas que não hajam atendido as prescrições legais. (CORREIO DO POVO, 26/05/1938, p. 10; grifo nosso).

Na notícia, identifica-se que as cinco escolas estavam em funcionamento com cerca de 200 alunos. Não foi possível confirmar com outros documentos o número estudantes, mas é importante referir que em setembro de 1937, 482 era a quantidade de alunos matriculados.



Figura 85: Manchete do *Correio do Povo* sobre o fechamento das escolas italianas da capital.  
Fonte: Jornal *Correio do Povo* (26/05/1938, p. 10).

Na mesma edição do *Correio do Povo*, assim se manifestou o Secretário Coelho de Souza:

Decretando a nacionalização de escolas estrangeiras fizemos uma legislação liberal e tolerante para que todos colaborassem nessa obra e para que, também o governo fosse encarado no assunto como um amigo que vem ao encontro das populações imigratórias e não como um inimigo com o fim de hostilizá-las. As chamadas colônias alemã, polonesas e judaicas, vieram ao encontro de nossos desejos tendo promovido o registro de 1500 escolas e providenciado para completar o processo de outras tantas, ou seja, num total superior a 3000. **O mesmo não se verificou [...] com grande surpresa para todos nós, da parte da laboriosa e digna chamada colônia italiana que, pelos elementos representativos, nenhuma providência tomou no sentido de proceder ao imediato registro dos seus colégios, registro esse que as integrara nos quadros de nacionalização e fiscalização.** Agimos, ainda uma vez, com toda a moderação. O decreto de nacionalização foi baixado no dia 8 de abril sob o número 7212, estabelecendo o prazo de 30 dias para cumprimento das respectivas disposições por parte dos colégios particulares. Entretanto, fizemos correr esse prazo a partir de 23 daquele mês, data da promulgação do regulamento de fiscalização, dando, assim, margem a mais 15 dias de tolerância. Além disso, pela imprensa, repetidamente, adverti que os colégios que não obedecessem àquela prescrição incorreriam nas penalidades da lei, e que teriam o seu fechamento imediato. (CORREIO DO POVO, 26/05/1938, p. 10; grifo nosso).

Na sequência da reportagem, Coelho de Souza referiu que a coletividade italiana seria a primeira a reprovar a ação de alguns membros que haviam mantido as escolas fora dos padrões estabelecidos. Salientou, ainda que, para as escolas italianas não bastava o registro, mas uma integração ao “espírito novo da brasilidade”.

[...] sei que o cônsul italiano se disse pronto a promover as “demárches” para o registro das escolas italianas em face da atitude que assumimos. Quero notar, porém, que a exigência da lei não é apenas essa providência burocrática do registro mas, e sobretudo, **a integração das escolas no espírito novo de brasilidade, de civismo**. Isso não significa, entretanto, que fique prejudicado o ensino da língua italiana nas referidas escolas, mas sim, que o espírito do decreto tem de ser cumprido. (*CORREIO DO POVO*, 26/05/1938, p. 10; grifo nosso).

O segundo secretário, Dr. Ney, descreveu sua ação ressaltando que havia conversado diretamente com o Diretor Geral das Escolas Italianas junto à *Italica Domus*, professor Mariano Berlingeri, bem como com as diretoras das escolas. Assim procedeu:

Tratei, hoje pela manhã, de cumprir apenas o decreto, cujo teor foi amplamente divulgado por toda a imprensa. **Quando me dirigi à Italica Domus [...] interpelei sobre o assunto o diretor geral das escolas italianas [...]**. Disse-me ele que, de fato, lera nos jornais o decreto segundo o qual o respectivo registro devia ser processado até o dia 23 do corrente. Acrescentou ele que procurou entender-se com o cônsul da Itália, autoridade a quem está subordinado, tendo o representante daquele país respondido que aguardasse ordens emanadas do próprio cônsul para, então, agir a respeito. Ficou, pois, aguardando essas instruções mas, até hoje, estas não haviam chegado ao seu conhecimento. **Mais ou menos idêntica declaração ouvi, ainda, das diretoras das outras escolas**. (*CORREIO DO POVO*, 26/05/1938, p. 10; grifo nosso).

O Dr. Ney ainda discorreu sobre como encontrou as escolas, o que confere com o Relatório de 1939 de Coelho de Souza. Os ambientes estavam eivados de referências a Mussolini e os diretores não haviam procurado a Secretaria para regularizar a situação, pois aguardavam instruções do cônsul.

Ao penetrar nas aulas, constatei, de imediato, que elas, pela sua orientação, fogem às disposições regulamentares, pois, segundo estas, nos estabelecimentos de ensino não pode haver sinais de homenagens a chefes estrangeiros, nem nas paredes, máximas e sentenças em outro idioma que não seja o nosso. **Em todas elas encontrei, porém, numerosas frases de Mussolini, uma das quais dizendo “Mussolini tem sempre razão, Mussolini não pode errar”**.

**Isso é completamente irregular, bem podendo ser evitado com um pouco de boa vontade, mormente quando tratamos de realizar tudo da melhor forma possível.** O Dr. Ney, discorrendo que houve contato com todos os diretores para fazerem os devidos registros, tais registros não haviam sido feitos pelos diretores das escolas italianas. A contragosto, tenho a declarar – não se deu com as escolas italianas, cujos diretores não nos procuraram nem estiveram na Secretaria da Educação afim de se informar devidamente sobre o cumprimento da lei. Aliás, eles próprios confessaram isso, pois aguardavam instruções do respectivo cônsul. (*CORREIO DO POVO*, 26/05/1938, p. 10; grifo nosso).

No relatório de Coelho de Souza<sup>334</sup> de 1939, consta a queixa das professoras públicas que estavam ligadas às escolas por conta das aulas de português. Elas que referiam haver forte atividade fascista nas escolas.

O consulado italiano mantinha cinco aulas nesta capital e três no interior do Estado – Caxias, Pelotas e Santa Maria, em cada uma das quais, a pedido do consulado, colocara o Estado uma professora pública. Constantes eram as queixas dessas professoras com referência à obra de catequese política que lá se procedia. **Entretanto, desaparelhado como se encontrava o Estado, éramos obrigados a cruzar os braços e a assistir impassíveis à absorção da nossa meninada pelos exotismos ideológicos lá predcados.** (RELATÓRIO, 1939; grifo nosso).

O Relatório de 1939 é rico em detalhar elementos da cultura escolar das escolas da capital:

Em presença do Sr. Berlingeri, Diretor Didático das escolas italianas, foi-me dado o verificar quão grave era a situação. Todo o corpo de professores era formado por elementos oriundos da península, **noventa por cento dos quais não se expressavam em português.** Ambiente puramente italiano, vendo-se pelas paredes, em profusão retratos do Sr. Mussolini, de S.S. M.M. os Reis da Itália, dísticos da propaganda fascista, gravados em gesso e bronze, frases do *Duce*, por forma alguma aplicáveis à atividade pedagógica, com os seus incitamentos bélicos, e até atentatórias da soberania nacional, como um grande letreiro, onde em tipos garrafais se afirma que Mussolini, sempre e em qualquer lugar era assistido pela razão. (RELATÓRIO, 1939; grifo nosso).

---

<sup>334</sup> José Pereira Coelho de Souza, (Porto Alegre, 27 de outubro de 1898 - Porto Alegre, 12 de março de 1982), foi um advogado, historiógrafo e político brasileiro. Formou-se, aos 26 anos, como Advogado pela Faculdade de Direito de Porto Alegre e foi eleito para a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul em 1935 para o mandato de dois anos (até 1937). Em 1951 assumiu uma cadeira na Câmara Federal, como deputado, ocupando a vaga até 1962. Entre 1937 e 1945 foi Secretário de Educação e Cultura do RS. Foi professor de História e Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Foi eleito para a cadeira nº 23 da Academia Rio-Grandense de Letras em junho de 1968.



De fato, com o decreto de Mussolini de 19 de abril de 1923, número 932, impôs-se aos professores das escolas governamentais no exterior, como àquelas escolas subsidiadas pelo Governo, a obrigação de pronunciar um solene voto profissional que previa, entre outras coisas, “[...] educar os estudantes no mais puro sentido de amor ao nosso país e a mais profunda devoção ao Rei e às instituições da Pátria”. (FLORIANI, 1974, p. 59).

Santovicenzo Magno assim declarou ao jornal *Correio do Povo*, após tomar conhecimento do fechamento das escolas.

Hoje, ao ter conhecimento do fechamento das escolas italianas, dirigi-me à Secretaria da Educação, a fim de entender-me sobre o caso. Com o Dr. Coelho de Souza, que, doente, não se encontrava na Secretaria. Atenderam-me, entretanto, os doutores Eurico Rodrigues, chefe do gabinete do secretário, e Ney Britto, funcionário destacado para exercer a fiscalização do cumprimento da lei de nacionalização das escolas estrangeiras. [...] **Há cinco anos que as escolas vêm sendo fiscalizadas pelas autoridades escolares do Estado, cujo governo sempre lhes deu professoras de Português e História, aliás, pagas pelo próprio Estado.** Além disso, representantes do governo têm assistido aos exames das escolas; nas comemorações cívicas realizadas nesta capital, sempre os estabelecimentos escolares italianos concorreram com todo o entusiasmo e boa vontade; frequentemente, as escolas recebiam formulários remetidos pelos departamentos oficiais do ensino, preenchendo-os logo, devidamente. Enfim, as escolas italianas mantinham contato permanente e estreito com os poderes oficiais, com as iniciativas de brasilidade, com todas as festas patrióticas organizadas. Nessas condições [...] pareceu-me que a lei de nacionalização não atingia as escolas italianas, tanto que declarei isso à imprensa certa vez. (CORREIO DO POVO, 26/05/1938, p. 10; grifo nosso).

Conforme Corsetti, Kistemacher e Padilha (2007, p. 179), nem sempre essas diretrizes, previstas nas leis mencionadas, foram seguidas pelas escolas, como ocorreu nos educandários italianos que estavam estabelecidos na capital e nas grandes cidades, os quais não realizaram tais determinações, pois entendiam que elas se referiam, em especial, às escolas germânicas e não às de influência italiana, uma vez que o governo italiano gozava de uma excepcional relação com o governo brasileiro. Quanto ao prestígio das escolas italianas, pode-se verificá-lo na notícia do jornal *A Federação*:

O secretário da Educação em vista a colégios ítalo-brasileiros. Acompanhado do cônsul da Itália neste Estado, comendador Guglielmo Barbarisi, o senhor Otélio Rosa, secretário da Educação e Saúde Pública, visitou, ontem os colégios ítalo-brasileiros *Dante Alighieri* e Rosa Maltoni. **Sua excelência, que trouxe a melhor impressão**



**dessas visitas**, foi significativamente homenageado em ambas as escolas. (A *FEDERAÇÃO*, 01/08/1936. p. 2; grifo nosso).

Após o fechamento das cinco escolas, o cônsul Santovicenzo Magno manifestou sua crença de que “[...] tudo seria resolvido satisfatoriamente, pois outro não é o seu desejo, e nesse sentido, tomará todas as providências necessárias”. (*CORREIO DO POVO*, 26/05/1938, p. 10). De fato, o decreto 7.212, de 1938, nos artigos 16 e 17, previa que “nenhum estabelecimento particular de ensino, salvo os que forem fiscalizados pelo Governo Federal, poderá funcionar sem estar registrado na Diretoria da Instrução Pública”. Justamente as escolas italianas da capital não haviam cumprido esse quesito inicial. Luchese (2012, p.10) salienta que:

[...] mesmo que as escolas étnicas fossem em número reduzido ao final dos anos de 1930, as que existiam eram espaços propagadores dos ideais fascistas. Após os decretos 7212, de 8 de abril, e 7247, de 23 de abril de 1938, tornou-se obrigatório o registro de todos os estabelecimentos particulares de ensino e a proibição de usarem mais de uma hora de atividade escolar no estudo e uso da língua estrangeira. Conforme o relator, as medidas foram amplamente anunciadas na imprensa e que o prazo máximo estabelecido para o registro fora 23 de maio de 1938. Após, os estabelecimentos seriam fechados. No entanto, o consulado italiano não acatara a normatização, acreditando que se aplicava somente às escolas alemãs.

Veja-se o texto de 7 de junho de 1938 do Jornal *Correio do Povo*, antecedido pela chamada *Não serão mais reabertas as escolas italianas?*

Estaria se verificando desinteresse para registro de tais estabelecimentos – há démarches para a solução favorável do caso. A imprensa já noticiou amplamente que, por não terem requerido registro de acordo com as determinações da recente lei de nacionalização do ensino, foram fechados nesta capital e no interior do Estado, todos os estabelecimentos italianos que, então, funcionavam. Para justificar tal atitude, declarou o cônsul da Itália, nesta capital, que não haviam cumprido as ordens estaduais, porque aguardavam o pronunciamento do embaixador, no Rio de Janeiro. Interessado em solucionar o assunto da melhor forma possível, o Dr. Coelho de Souza, secretário de Educação, permitiu aos colégios italianos uma dilatação no prazo estabelecido para o respectivo registro. **São passados, porém, vários dias, sem que nenhuma providência fosse tomada pelo representante daquele país em Porto Alegre, continuando aqueles estabelecimentos de ensino com as aulas suspensas.** Essa demora na solução, segundo nos informaram, está acarretando algumas dificuldades. Conseguimos saber, ao mesmo tempo em fontes autorizadas, que as escolas chamadas italianas não mais

seriam reabertas. Há, entretanto, por sua vez, démarches nos círculos interessados, a fim de que o impasse venha a ter solução satisfatória, dentro do mais breve prazo possível. (*CORREIO DO POVO*, 7/06/1938, p. 5).

Para Giron (1994), a presença das escolas confessionais particulares, a inexistência de recursos para mantê-las, seja por parte do governo italiano que contribuía apenas com o material escolar, ficando o pagamento dos professores a cargo das mensalidades pagas pelos alunos, seja por parte dos pais; a baixa qualidade de ensino, já que apenas as noções rudimentares de leitura, escrita e aritmética eram trabalhadas, sendo que quando havia o ensino da história e da geografia eram referentes à Itália apenas, são fatores que, considerados no conjunto permitem compreender a curta duração da maioria das escolas étnicas italianas. Diferente, pode-se concluir, era a situação das escolas na capital, cuja assistência e empenho do governo italiano se faziam sentir. O fechamento das escolas na capital deve ser explicado também por outros fatores já mencionados, como a não realização dos registros.

Segundo Bertonha (2001a), as escolas italianas do país sofreram um processo de decadência lento, mas contínuo e quase linear, como visto. Em Porto Alegre, a rede escolar brasileira estava bastante disseminada e, com o processo da nacionalização, começava a se ampliar. Kreutz (2014) afirma que, no início da nacionalização compulsória, as escolas étnicas já não tinham muita expressão.

A recente publicação do livro *Uma gota amarga: itinerário da nacionalização do ensino no Brasil* (2014) traz vários textos que enfocam o processo de nacionalização e a intervenção estatal no âmbito da escolarização especialmente nas regiões Sul e Sudeste do país. A nacionalização do ensino induziu a uma acentuada destruição da memória histórica.

## 6.2 UM POUCO DEPOIS DO FECHAMENTO

*“[...] se as escolas primárias forem reabertas todo o pessoal, sejam diaristas, locais ou de carreira, terão o seu emprego; ao contrário, se permanecerem fechadas, uma parte deste pessoal será supérflua e, portanto posta em liberdade.”*  
(ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Cor. SANTOVICENZO MAGNO, 9/12/1938, p. 2. Maço 62)

Santovicenzo, em correspondência de 22 de junho de 1938, comunicou a embaixada no Rio de Janeiro que o governo rio-grandense, após o

fechamento das escolas, havia transferido as duas professoras cedidas às escolas italianas. O cônsul atribuía tal fato a duas intenções da Secretaria de Educação. A primeira tendia a provocar uma resposta sobre o registro das escolas na Secretaria de Educação, como o decreto 7.212 exigia, e a segunda, interpretava o cônsul, “[...] tendia, evidentemente, tirar das nossas escolas, se elas quisessem reabrir, um dos elementos necessários para o seu funcionamento<sup>335</sup>”. (Tradução nossa).

Para o cônsul, havia uma alternativa para as aulas de português no caso de querer reabrir as escolas ainda no segundo semestre de 1938. Propunha contratar professores de português entre os filhos de italianos e pagar os seus salários como ele já havia sugerido em outra correspondência ao MAE. Lembrava, ainda que, se as escolas fossem reabertas, isso deveria ocorrer até o final das férias do inverno; caso contrário, “[...] seria desastroso, ao menos quanto à frequência dos alunos neste ano, pois nenhum ou quase nenhum retornaria para as nossas aulas<sup>336</sup>”. (Tradução nossa).

Em outra correspondência do cônsul Santovienzo Magno, de 9 de dezembro de 1938 ele pondera que, com relação à manutenção das escolas em Porto Alegre, não recebera nenhuma decisão da embaixada e nem do MAE. Na comunicação, o cônsul se mostra preocupado com o destino dos professores que ele mantém: “evidente que a sorte dos professores depende da manutenção ao menos das citadas escolas e, sobre este ponto, quanto me consta, nenhuma decisão foi tomada<sup>337</sup>”. (Tradução nossa).

Na mesma comunicação, o cônsul retoma o processo vivido no fechamento das escolas e informava ao MAE que o consulado, à época, havia feito a solicitação de registro das escolas junto ao Ministério da Justiça no Rio de Janeiro, conforme solicitava o Embaixador Italiano com base no Decreto Federal 383. Acrescentava que julgava que, mesmo que tivesse sido aceito o registro pelas autoridades federais, este seria negado no Rio Grande do Sul.

---

<sup>335</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Cor. SANTOVICENZO MAGNO, 22/06/1938, p. 1. Maço 62.

<sup>336</sup> Idem.

<sup>337</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Cor. SANTOVICENZO MAGNO, 9/12/1938, p. 1. Maço 62.

[...] dificilmente as nossas escolas teriam sido autorizadas a funcionar no Rio Grande do Sul, pois as autoridades deste Estado pretendiam que o registro fosse feito junto à Secretaria de Educação em base ao Decreto Estadual 7212 de 8 de abril de 1938 e relativo regulamento como já havia informado em correspondência n. 1520 datada de 25 de maio passado.<sup>338</sup> (Tradução nossa).

Com esta comunicação, Santovicenzo se colocava em compasso de espera do MAE para encaminhamentos para o ano de 1939, ficando à disposição para conhecer as diretivas que o Ministério pretendesse dar à questão escolar no Rio Grande do Sul. Mais adiante, em sua correspondência, salienta que “[...] se as escolas primárias forem reabertas, todo o pessoal, sejam diaristas, locais ou de carreira, terão o seu emprego; ao contrário, se permanecerem fechadas, uma parte deste pessoal será supérflua e, portanto, posta em liberdade<sup>339</sup>”. (Tradução nossa). De fato, as escolas não mais foram abertas. Um ciclo se fechara. Ao Diretor Didático, professor Berlingeri, coube o acompanhamento dos cursos de italiano.

As aulas de italiano nos ginásios da capital continuaram até 1940. As escolas ítalo-brasileiras porém, pararam de funcionar em 1938 e não mais reabriram. No *Annuario delle Scuole e delle istituzioni culturali italiane all'estero 1939-1940*, publicado em 1942, não há mais a referência às turmas de alunos das escolas subsidiadas. Há, porém, a referência de cursos de italiano mantidos pela *Dante Alighieri* e pela *Principessa Elena di Montenegro* e dados sobre os ginásios da capital com o ensino da língua italiana.

As sociedades italianas de Porto Alegre, com o processo de nacionalização e fechadas as atividades escolares que haviam sido mantidas por anos, também vão, aos poucos, fechando. A *Giuseppe Mazzini*, embora sem atividades escolares, sofreu o reflexo da nacionalização e findou suas atividades em 1938; a *Vittorio Emanuele II* fechou suas atividades em definitivo em 1941. A *Dante Alighieri* continuaria com os cursos de italiano até 1942, ao menos pelo que se pôde apurar. Seu suntuoso prédio seria demolido. A *Principessa Elena di Montenegro* mudaria de nome como foi visto e, com interrupções, mantém seus cursos de italiano até hoje.

Por fim, a rede escolar que foi, solenemente e estrategicamente,

<sup>338</sup> ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Cor. SANTOVICENZO MAGNO, 9/12/1938, p. 2. Maço 62.

<sup>339</sup> Idem.

inaugurada na manhã de março de 1933, apoiada pelo Governo estadual, encerrou suas atividades, abruptamente, numa triste manhã de maio de 1938.

## CONCLUSÃO

Na cidade de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, antes mesmo de 1875, registrou-se a chegada de imigrantes italianos. No entanto, foi a partir desse ano que o município recebeu significativas leva desses imigrantes. Em 1910, possuía uma população de 119.548 pessoas e, destas, cerca de 6.000 eram italianos e descendentes. Em 1923, já havia cerca de 30.000 italianos nessa cidade. Ao lado de uma elite, foi se estabelecendo em Porto Alegre uma pequena burguesia relativamente autônoma, formada por pequenos proprietários dos arredores da cidade, principalmente artesãos e comerciantes italianos, que buscavam firmar sua identidade através de suas sociedades e escolas, dentro do período investigado nesta tese, compreendido entre 1877 e 1938.

A identidade dos italianos e dos descendentes enquanto processo construído culturalmente não ficou à margem dos desdobramentos políticos da Itália. Num primeiro momento de constituição do processo identitário, os italianos chegados em Porto Alegre foram elaborando seu pertencimento étnico. Com o passar do tempo, as mudanças de regime na Itália, com ascensão do fascismo, fizeram com que houvesse um reforço na construção de uma nova identidade, utilizando símbolos evidentes, extraídos da nova pátria, em seu modelo moderno, ordeiro e progressista. Passava-se a divulgar uma nova Itália e a fazer dos emigrados do país “italianos no exterior” (BERTONHA, 2001a), e o fascismo italiano, por sua vez, buscou nas sociedades italianas de Porto Alegre, nos jornais e nas escolas um meio de difusão e de conquista de adeptos.

Em Porto Alegre, particularmente foram as sociedades italianas as responsáveis por agregarem os italianos e seus descendentes, tendo colaborado para a difusão/construção do sentimento de pertença ou a dita *italianità*. Várias sociedades italianas surgiram e permaneceram por muitos anos atuantes na capital do Rio Grande do Sul. A primeira foi a *Vittorio Emanuele II*, em 1877. Na sequência, formaram-se a *Principessa Elena di Montenegro*, a *Unione Meridionale*, a *Società Giuseppe Mazzini*, a *Moranesi Uniti*, a *Giovanni Emanuel*, a *Umberto I*, a *Canottieri Duca degli Abruzzi* e a *Dante Alighieri*. Muitas delas tiveram iniciativas escolares, com exceção da *Moranesi Uniti*, da *Società Giuseppe Mazzini* e da *Canottieri Duca degli Abruzzi*.

No conjunto dos dados avaliados do recorte temporal, concluiu-se que, em Porto Alegre, ocorreu um processo duradouro de manutenção e de preservação da escola étnica. Nesse contexto, pretende-se ressaltar o fato de as sociedades italianas, juntamente à representação consular sediada na capital, terem sido as instituições que lideraram e articularam as principais iniciativas escolares, formando, na década de 1930, uma rede escolar sob a égide da ideologia fascista

As escolas étnicas italianas mantidas pelas sociedades italianas de Porto Alegre receberam, com relativa frequência, apoio do governo italiano, especialmente com o envio de livros e de materiais didáticos, antes do advento fascista. Os dados apontam que, a partir de 1928, essas sociedades passaram por um processo de cooptação promovida pelo fascismo que as envolveu e as direcionou, ao menos do ponto de vista de suas escolas. Assim, suas instituições de ensino passaram a ser conduzidas por uma Direção Didática ligada ao Consulado Geral da Itália no Rio Grande do Sul.

Pela análise documental, foi possível estabelecer três períodos distintos relativos à trajetória da constituição e da organização da escola étnica italiana em Porto Alegre.

O primeiro período situa-se entre 1877 e 1914 e se caracterizou pelo surgimento das primeiras iniciativas escolares e pela fundação da maioria das sociedades italianas da capital.

Desde a fundação da mais antiga sociedade italiana de Porto Alegre, a *Vittorio Emanuele II* até o início do século XX, poucas são as informações que permitiram detalhar as origens da escola étnica italiana em Porto Alegre. A primeira escola étnica de que se teve notícia foi ligada à Sociedade *Vittorio Emanuele II* que, como indica o *Cinquantenario* (1925), manteve, desde sua fundação, uma escola elementar. No entanto, sobre ela, poucos dados foram obtidos. Soma-se a esta, nos primeiros anos, a informação do relatório do cônsul Pascale Côte, em 1882, que indica o surgimento de uma iniciativa particular: “em Porto Alegre está para constituir-se uma escola feminina sob a direção de Adele Lazzari in Bianchi, professora licenciada que por lá se estabeleceu”. (CORTE, 1882, p. 10; tradução nossa). Ainda contribuíram para a educação dos imigrantes italianos a escola da Sociedade Italiana *Unione Meridionale*, de vida breve (com apenas 4 anos de atividade escolar) e a escola

da Sociedade *Giovanni Emanuele* (com cerca de 12 anos de atividade escolar).

Observou-se que vários cônsules se queixavam da falta de escolas ou, até mesmo, da inexistência de uma associação que cuidasse, exclusivamente, da instrução. Foi possível constatar, também, que havia uma dissonância entre os educandários, no que tange ao ensino, ou, como afirmava o inspetor escolar Adelchi Colnaghi, um defensor das escolas étnicas, não havia uma homogeneidade no ensino dessas iniciativas, o que ele considerava um problema grave. Sobre isso, Colnaghi afirmou que “[...] do ponto de vista da qualidade e da unidade de conteúdo ainda deve-se avançar”. (STELLA, 24/07/1904, p. 1; tradução nossa). Ciapelli (1901), cônsul italiano, registrou que a instrução era pouca e descuidada e que as escolas estavam em condições didáticas e financeiras pouco satisfatórias. Um destaque para este período pareceu ser o desejo de organização das escolas relativo ao qual Adelchi Colnaghi envidou esforços, mas sem sucesso. O jornal *Stella d'Italia* do qual o inspetor era editor foi um veículo de divulgação e de promoção das escolas, ao menos nos anos de 1902, 1903 e 1904, sendo que, relativo a esse período, foi possível acessar todas as edições bissemanais do periódico.

O subsídio destinado pelo consulado às escolas da capital, embora insuficiente, era dado, entre outros motivos, porque os programas dessas iniciativas correspondiam aos programas emanados pelo governo italiano, como se observou em vários relatórios consulares. Ao menos, pelo que se pôde constatar, a *Scuola Vittorio Emanuele II*, a *Scuola Principessa Elena di Montenegro* e a *Scuola Umberto I* receberam subsídios nesse tempo.

Destacaram-se no panorama das escolas da capital a *Scuola Principessa Elena* e a *Scuola Umberto I*, ambas mantidas pelas sociedades homônimas surgidas, respectivamente, no século XIX e XX. Elas atravessaram décadas, mantendo firme a proposta de educação étnica, em meio a dificuldades, sobretudo financeiras. Aliás, a *Scuola Principessa Elena* foi a mais duradoura iniciativa étnica em Porto Alegre, pois funcionou por cerca de 40 anos. A Sociedade *Principessa Elena di Montenegro*, manteve, inclusive, por alguns anos uma escola de arte para adultos.

O segundo período situa-se entre 1914 e 1928 e é marcado pelo surgimento do comitê da *Dante Alighieri* em Porto Alegre, em 1914, que buscou liderar as sociedades italianas, criando e fomentando cursos de italiano entre



outras ações. No *Cinquantenario* (1925), viu-se que a educação entre italianos e descendentes poderia ficar melhor e mais organizada se a Sociedade *Dante Alighieri* tomasse para si a organização das escolas. O desejo de certa homogeneização no ensino e um ordenamento das iniciativas não era só do redator do Jornal *Stella d'Italia*, Adelchi Colnaghi no início do século XX. De certa forma, depositava-se na *Dante Alighieri* o dever de tal tarefa, dado que um de seus objetivos fundacionais era “reunir em um só feixe toda a colônia e formar um verdadeiro centro planetário em torno da *Dante Alighieri*” (*D'ARTAGNAN COLONIALE*, 6/06/1915, p. 2, tradução nossa), como havia afirmado o seu primeiro presidente, Dr. Cini. Essa sociedade de Porto Alegre foi palco de inúmeras manifestações da italianidade e, na década de 1930, o *locus* das manifestações fascistas.

O interesse pela educação entre os membros da *Dante Alighieri* ficou evidente, considerando a criação de cursos de italiano, a abertura de sua escola elementar, na década de 1930, e a sua proposta de criação de um ginásio durante o Primeiro Congresso das Sociedades Italianas do Rio Grande do Sul em 1937. Tal iniciativa, porém, não se concretizou. Na década de 1930, a *Dante Alighieri* foi a sede da Direção Didática, e seus sócios com melhores condições financeiras ajudaram as escolas étnicas italianas da capital cujos alunos eram, na sua maioria, pobres.

Outro destaque desse período foi a fundação do Instituto Médio Ítalo-Brasileiro Augusto Menegatti, em 1916, pelo casal de professores, vindos da Itália, Augusto Menegatti e Linda Menegatti. Esse colégio veio suprir um vazio da colônia, sendo, no período de 1916 até 1930, a única iniciativa étnica italiana de ensino médio existente na capital. Nele, falava-se o italiano e se exaltava a glória romana, sendo equiparado aos institutos existentes na Itália.

O Instituto Médio Ítalo-Brasileiro Augusto Menegatti era um internato que dispunha de uma escola elementar e de um curso técnico, com duração de três anos, no qual se aprendia contabilidade e línguas, como italiano, português e francês e, opcionalmente, inglês e alemão. Esse instituto visava à preparação prática e rápida dos jovens para a vida dos negócios, à difusão da cultura nacional italiana, educando na alma dos filhos dos compatriotas o sentimento de amor à pátria de seus pais e, ao mesmo tempo, oferecendo o estudo da língua e da história do Brasil. Quanto aos professores, pelo que se pôde investigar, o

instituto reuniu nomes de destaque da sociedade porto-alegrense, como Francisco de Leonardo Truda e Roque Callage. O colégio também recebeu subsídios do Governo Italiano, sendo os exames de conclusão acompanhados pelos cônsules italianos estabelecidos em Porto Alegre. O cônsul Manfredo Chiostrì, em visita ao instituto, em 1928, externou sua boa impressão pela organização em que o havia encontrado e destacou que “um dos programas do *Duce* era a maior divulgação da instrução porque esta, certamente, iria prestar relevantes serviços às coletividades italianas quer residentes no Reino quer no estrangeiro”. (A FEDERAÇÃO, 21/06/1928, p. 4).

Não obstante ter contribuído com a coletividade italiana da capital e do Estado, o instituto encerrou suas atividades no início da década de 1930. Mario Carli, cônsul italiano em Porto Alegre, não se interessou em reabri-lo. Os motivos do fechamento e as interrupções no envio de subsídios exigem novas investigações. Seu diretor queixava-se, frequentemente, das dificuldades para manter o instituto em funcionamento.

Nesse período, houve a percepção, por parte das autoridades italianas, de um processo de desnacionalização da coletividade com reflexos nas escolas. Pôde-se constatar, pelo relatório do cônsul Luigi Arduini de 1925, que a situação das escolas italianas no Rio Grande do Sul era tida como “desastrosa” e só restavam nesta data a *Scuola Principessa Elena*, a *Umberto I* e o Instituto Ítalo-Brasileiro Augusto Menegatti em funcionamento na capital. No *Cinquantenario* (1925, p. 402; primeira parte; tradução nossa), vê-se que a preocupação com as escolas, à época, não era só relativa à quantidade, mas, “[...] à falta de uma verdadeira e própria organização dos meios indispensáveis, o que as tornam deficientes”.

Luigi Arduini expôs sua preocupação quanto ao processo de desnacionalização, fato que observava estar aumentando e, já em 1925, referia que as autoridades locais não viam com “bons olhos” as escolas estrangeiras, por mais modestas que fossem, e que tentavam de todas as maneiras fechá-las.

Não obstante o esforço fascista, o fenômeno da decadência das escolas étnicas italianas não ocorreu somente no Rio Grande do Sul, mas foi uma tendência no país inteiro (BERTONHA, 2001a). De fato, pôde-se identificar um declínio no número de escolas que se acentuou ainda mais nas décadas de 1920 e 1930. O pedido para a vinda de congregações italianas com a finalidade

de abrir colégios que fomentassem a cultura italiana foi uma realidade tanto na capital como no interior. Em Caxias do Sul, o Intendente Municipal Celeste Gobatto, por carta, chegou a pedir a interferência direta de Benito Mussolini.

Na década de 1920, o relatório do professor Vittore Alemanni sugeriu a adaptação da escola italiana ao país que a recebia e, em se tratando do Brasil, salientou que se devia fazer a concessão do ensino de português, além de outros elementos, para que os italianos e descendentes fossem atraídos para a escola. As proposições de Alemanni indicavam a necessidade de investimento e de uma tomada de decisão política por parte do Governo italiano, ao lado de salientar o papel do professor, que deveria ser preparado para dar conta da escola. Da mesma forma, identificava que faltavam muitos professores para atender à demanda.

O terceiro período, entre 1928 e 1938, caracterizou-se pela presença de cônsules fascistas que reorganizaram as escolas dentro da perspectiva da escola fascista, buscando, além da divulgação da língua e da cultura, a formação de perfeitos *balillas* e de bons italianos, como salientava o Diretor Didático professor Luigi Ledda. Nesse período, a identificação da italianidade como adesão ao fascismo ficou evidenciada.

Manfredo Chiostrì, Mario Carli, Guglielmo Barbarisi e Santovicenzo Magno foram os cônsules, nessa época, que defenderam o fascismo para o qual a retomada das escolas foi uma de suas estratégias. Com esses cônsules, deu-se o assalto fascista às associações italianas, marcando, decisivamente, a investida fascista no Rio Grande do Sul.

Mario Carli articulou uma estratégia em defesa da italianidade com cursos de língua italiana nos ginásios da capital, com a reorganização das escolas étnicas italianas, além da criação do serviço de inspeção médica e, a partir de 1933, com a implantação do Patronato Escolar, reunindo senhoras da coletividade italiana visando a auxiliar as escolas étnicas italianas da capital. Os cursos de italiano oferecidos pelas sociedades e pelo consulado eram gratuitos, e Gino Battocchio, antigo agente consular em Bento Gonçalves, foi especialmente designado para lecionar nos ginásios de Porto Alegre, atividade que desenvolveu até o início da década de 1940.

Outra importante ação de impulso à italianidade foi a criação da Federação das Sociedades Italianas de Porto Alegre, a qual tinha como

preocupação impulsionar e desenvolver as escolas. O primeiro posto nessa Federação foi reservado aos membros do partido fascista na capital, os quais se faziam presentes em várias atividades escolares. Com a constituição de uma federação, ficaria mais fácil o apoio às escolas, segundo a estratégia definida por Mario Carli.

Na mesma linha de afirmação dos italianos e descendentes e de reforço da italianidade, em Porto Alegre, situou-se a criação do Instituto de Cultura Ítalo-Rio-grandense, em 1936, congregando diversos intelectuais, autoridades, políticos e religiosos, além da elaboração do programa de rádio “Hora italiana”, veiculado na Rádio Difusora de Porto Alegre. Retomou-se o incentivo para a vinda de congregações religiosas italianas para o Rio Grande do Sul, que era, segundo Chiostri, uma providência considerada como uma eficiente propaganda da italianidade, na medida em que, através do auxílio delas e com o aumento do número das mesmas, poder-se-ia preparar uma nova reorientação cultural e um renovado espírito de italianidade.

Nesse último período, as escolas étnicas italianas sofreram uma reorganização arquitetada em 1932, mas levada a efeito no início de 1933. Assim, a partir desse ano, observou-se, de forma incisiva, a presença da Direção Didática das Escolas Italianas no Estado, a qual, por muitos anos, foi desempenhada por Luigi Ledda (1932-1937) e, posteriormente, pelo professor Mariano Berlingeri (1938), vindos da Itália para assumirem a função. Tais eventos foram importantes na definição do formato da rede escolar italiana na capital na década de 1930 e das dinâmicas escolares então constituídas.

Luigi Ledda, além de Diretor Didático das escolas italianas da capital, era o organizador dos *balillas* e *avanguardistas* de Porto Alegre, uma evidência da proximidade dessas escolas italianas com a proposta fascista de educação.

O professor Ledda, antes de efetivar a reorganização, elaborou um diagnóstico sobre as escolas, justificando a iniciativa consular à luz da escola italiana então vigente na Itália e decorrente da Reforma Gentile. Segundo ele, as escolas *Umberto I* e *Princesa Elena*, os únicos educandários em funcionamento em 1932 e mantidos pelas sociedades italianas homônimas, haviam sido organizadas, empiricamente, de tal forma que não correspondiam mais às exigências da escola moderna. Segundo ele, eram limitadas quanto ao material escolar em geral e, sobretudo, faltava-lhes controle, de modo a não

acreditar que elas fossem o lugar mais adequado para “formar as almas”. De fato, os elementos analisados indicam que ambas tinham poucos alunos e permaneciam em funcionamento de forma tímida; ademais, mostravam-se distantes do projeto de escola moderna proposto por Luigi Ledda.

Ledda apontou também como aspectos relevantes que nas escolas não existiam programas didáticos detalhados e que os inspetores didáticos, como normalmente eram chamados, eram incompetentes quando não analfabetos e que as escolas não gozavam de boa fama. Quanto aos estudantes, em 1932, afirmou que não sabiam ler o italiano ou o liam de forma péssima. O mesmo ocorria com relação à leitura em português. Luigi Ledda julgou ser o momento oportuno para organizar essas instituições e para fazer com que os alunos amassem a Itália fascista, com a qual seriam levados a estabelecer relações intelectuais e econômicas.

Mario Carli foi o proponente principal da reorganização das escolas, tendo deixado evidente à DGIE que, com uma escola étnica organizada e com professores de português nela inseridos, seria mais fácil obter do governo rio-grandense a reciprocidade de instituir nas escolas médias oficiais o ensino, ao menos facultativo, do italiano. Nesse sentido, a proposta de reorganização foi submetida e aprovada pela DGIE e pelo Governo estadual, com um duplo interesse de estender o ensino de italiano às escolas da capital e de evitar o apagamento da língua, da história e dos costumes da Itália. A nova estrutura escolar, que passou a contar com a presença sistemática de professores de português cedidos pelo Estado, ensejou que fosse conhecida como escola ítalo-brasileira, denominação que se observou, além da frequência nos jornais, na fachada de algumas escolas. Em 1933, no primeiro ano da reorganização, o número de alunos inscritos subiu 108% em relação ao ano de 1932, o que, em números absolutos, significou o incremento de 124 estudantes. A quantidade de alunos cresceu e, em 1936, chegou a 402 inscritos em toda a rede, que contava com cinco escolas. Em 1937, havia passado para 482 discentes.

Evidenciou-se que o Governo Italiano contribuiu financeiramente para o sucesso da proposta de reorganização. O cônsul Mario Carli salientou, em seus relatórios, que o Governo Italiano não deveria economizar no envio do material escolar.

Do ponto de vista didático, o professor Luigi Ledda buscou repelir o

entendimento à exterioridade da cultura e da erudição, a vaidade da doutrina mnemônica e mirar no desenvolvimento e no aperfeiçoamento da interioridade, conforme um método que era imitado em todo mundo, como referiu por ocasião da reinauguração das escolas. Buscou, pois, na década de 1930, modernizar a escola étnica italiana na capital. Tais colocações, dentre outras, sugerem a adesão às propostas da Escola Nova. Giron (1994) destaca que, com a investida fascista nas escolas, buscou-se imitar o modelo aplicado na Itália. Sob o ponto de vista curricular, significava a redução das aulas teóricas, o aumento das aulas práticas e o acréscimo de uma educação física militar, de caráter eminentemente fascista, o que, pelos relatórios analisados, parece ter ocorrido nas escolas da capital.

Ledda referiu em seus relatórios que, antes mesmo da reinauguração das escolas, ele mesmo reunira muitas vezes os professores na sala da direção, orientando-os quanto aos novos métodos e procedimentos, em vista da mudança e dos resultados desejados. Professores do Estado foram cedidos para lecionarem português e ao menos quatro professores vieram da Itália especialmente para atuarem nessas escolas, além do Diretor Didático.

Pelo que referiu Ledda, a proposta de um ensino moderno, com a diminuição dos exercícios escritos, em favor dos exercícios orais e do empenho dos professores, havia atingido seus objetivos: os alunos passaram a falar o italiano, a ponto de, na sala de aula, ninguém se atrever a exprimir-se em português.

No conjunto da reorganização, salientou-se a inauguração da *Scuola Rosa Maltoni*, a qual era mantida exclusivamente pelo consulado. Quando da sua inauguração, em 1936, a fala do cônsul Barbarisi enfatizava que a condução da escola seguia a doutrina fascista de “crer, obedecer e combater”, em vista da formação do caráter dos alunos.

Quanto à presença do fascismo nos programas didáticos, observou-se, no fragmento do caderno da professora Ada Carignani, que lecionava, na *Scuola Umberto I*, o detalhamento do programa didático destinado à segunda classe. Esse programa foi enviado em 25 de abril de 1938 para o “visto” do Diretor Didático, na época Mariano Berlingeri. Ao ser aprovado, recebeu o carimbo da Direção Didática e a assinatura de Berlingeri, prática que parece ter sido seguida de forma mais rigorosa a partir de 1933. Nesse programa,

encontraram-se elementos que, mais do que compor propriamente uma disciplina, propunham um direcionamento no ensino dos alunos. A orientação explícita dizia: *Todas as disciplinas de ensino terão a finalidade de desenvolver nos alunos o amor e o apego à pátria distante; à terra onde nasceram os pais; à Itália fascista e grande; pequenas composições, desenhos, leituras, noções várias sobre a vida do Duce e as datas mais memoráveis do Fascismo*. Esses elementos ajudaram a moldar a cultura das escolas étnicas italianas da capital. Assim, mesmo que se possa relativizar a adesão ao fascismo por parte dos italianos e descendentes em Porto Alegre, considerando-se que também havia antifascistas, não se pode ignorar que, ao menos no nível dos dirigentes, particularmente os cônsules, a ação fascistizante ficou evidenciada e teve seu reflexo na cultura escolar.

Santovicenzo Magno, em 1937, destacou que muito se podia esperar das escolas de Porto Alegre; contudo, para que as instituições fossem verdadeiramente úteis, era necessário, segundo ele, dar a elas nova e adequada organização. Nesse sentido, a organização devia consistir na reunião das escolas em um só edifício, com salas amplas e equipadas, com todos os serviços para o bom funcionamento. Sugeriu aumentar a cifra estabelecida para o subsídio, ao menos de até 50 contos anuais, autorizando a compra de um ônibus para o transporte dos alunos. Pôde-se constatar, durante esta pesquisa, por meio dos relatórios consultados, que essa proposta não se concretizou.

A unidade de ação das escolas italianas de Porto Alegre e seu trabalho em rede, além de uma proposta curricular comum examinada pelo Diretor Didático, professor Ledda, e pelo professor Berlingeri, pôde ser evidenciada por um conjunto de elementos, a saber: a) rotinas, como o início e o término das aulas no mesmo período, bem como a divulgação conjunta das atividades das escolas; b) a presença de professores pagos pelo consulado e de docentes que lecionavam em várias escolas, como o professor de educação física e os de canto e música; c) exposições didáticas nas quais as escolas participavam conjuntamente, bem como a promoção do *Grande concurso “Guglielmo Marconi”*, liderado pelas escolas como foi divulgado na imprensa; d) práticas estendidas às instituições de ensino, tais como refeições escolares realizadas de forma sistemática e integrada; e) atendimento do serviço de odontologia, cuja atividade foi autorizada pela Direção Didática das escolas; f) várias despesas,



como transporte, energia elétrica, telefone, salários de professores e funcionários e aluguéis relativos às escolas foram pagos pelo consulado.

Outros elementos também puderam indicar a formação de uma rede escolar, na medida em que os alunos participavam, conjuntamente, nas manifestações de celebração da italianidade – eivadas de tom fascista –, como a recordação da entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial. Ademais, os alunos pertenciam em massa à O.G.I.E e, como *balillas*, participavam em todas as datas comemorativas, organizados com suas bandeiras, flâmulas e tambores. O ensinamento artístico e o ensino da ginástica eram realizados com entusiasmo, sendo alugado um campo esportivo para esse fim, o qual era utilizado por todas as escolas. No sábado, havia a saudação à bandeira, cantos, recitações e o registro da presença dos alunos.

Outro elemento típico das escolas da capital, realizado em conjunto, eram os *campeggi* e as colônias de férias, atividades desenvolvidas com os alunos dos educandários italianos no período de recesso escolar. Essas atividades de recreação e de disciplina ao ar livre, desenvolvidas no litoral ou em acampamentos na floresta, alinhavam-se às atividades praticadas na Itália, e foram mormente lideradas pela autoridade consular.

Destaca-se também que a proposta de uma direção única e da ampliação da rede para Pelotas, Rio Grande, Santa Maria e Caxias do Sul foi mais uma iniciativa do consulado. Em Caxias do Sul, tal ação ficou expressa com a inauguração da *Scuola Principe di Piemonte*. Há necessidade de ampliação dos estudos sobre essas escolas e sobre a atividade da Direção Didática com relação a elas nesses municípios.

Ademais, o envio de material didático para as escolas foi uma realidade e os dados apontam para a uniformidade do material utilizado nas instituições de ensino da capital, especialmente os livros didáticos. Dentre os livros enviados pela Itália, observou-se que continham o carimbo da Direção Didática, bem como o carimbo de “gratuito” em vários dos que foram analisados.

Em maio de 1938, as cinco escolas étnicas italianas foram fechadas sob o pretexto primeiro de não terem realizado o registro junto à Secretaria de Educação do Estado. Elas aguardavam as orientações do cônsul Santovicenzo Magno para a realização dos referidos registros. No Relatório de 1939, Coelho de Souza observou o fato de os ambientes das escolas, no momento do



fechamento, estarem eivados de referências e elogios a Mussolini: “em todas elas encontrei, porém, numerosas frases de Mussolini, uma das quais dizendo ‘Mussolini tem sempre razão, Mussolini não pode errar’”. (RELATÓRIO, 1939).

Depois do fechamento em maio de 1938, muitas foram as tratativas para a reabertura. Porém, o processo de nacionalização avançava, e a decisão de não reabri-las foi tomada somente ao final de 1938.

As aulas de italiano, nos ginásios da capital, continuaram até o início dos anos de 1940. No *Annuario delle scuole e delle istituzioni culturali italiane all'estero 1939-1940*, publicado em 1942, há a referência de cursos de italiano mantidos pela *Dante Alighieri* e pela *Principessa Elena di Montenegro*, bem como dados sobre alguns ginásios da capital com o ensino da língua italiana após o fechamento das escolas étnicas.

Cabe ressaltar que as sociedades italianas de Porto Alegre, com o processo de nacionalização, também vão, aos poucos, fechando. A *Principessa Elena di Montenegro* mudou o seu nome e, com interrupções, foi a única que continuou a existir e a oferecer cursos de italiano. Seu prédio foi preservado e abriga a Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul, uma referência para italianos e descendentes em Porto Alegre.

Uma rede escolar foi fechada. Esta pesquisa abriu a discussão sobre ela. Porém, ainda há muito a investigar.

## FONTES CONSULTADAS

### ÁLBUNS

Álbum de Porto Alegre, organizado pelos fotógrafos Virgílio Calegari e Luiz Coimbra Júnior. Porto Alegre, 1945, s/d.

**Álbum Recordações de Porto Alegre: 1835 – Primeiro Centenário da Epopéia Farroupilha – 1935.** Porto Alegre: Livraria do Globo, 1935.

BARTOLOTTI, Domenico. **Il Brasile meridionale: la capitale federale, Rio de Janeiro, San Paolo, Minas Geraes, Espirito Santo, Paranà, Santa Caterina, Rio Grande del Sud.** Roma: Alberto Stock, 1930.

BERTASO, Henrique D'Avila; LIMA, Mário de Almeida. **Álbum comemorativo do 75 aniversário da colonização italiana no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Revista do Globo, 1950.

**CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA.** Porto Alegre: Editora Edel, 1975.

**CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD.** Porto Alegre: Livraria do Globo, 1925.

CUSANO, Alfredo. **Il paese dell'avvenire: Rio Grande del Sud.** Roma/Buenos Aires/San Paolo: Editrice L'Italo-Sudamericana, 1920.

FRANCO, Álvaro. et al. **Porto Alegre: biografia de uma cidade. Monumento do passado. Documento do presente. Guia do futuro.** Porto Alegre: Tipografia do Centro, s.d. [1941]. (Álbum do bicentenário da colonização de Porto Alegre)

### ANUÁRIOS, REGULAMENTOS E BOLETINS

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Ordinamento pedagogico delle scuole elementari all'estero 1889.** Ispettorato Generale Delle Scuole italiane all'Esterio. Roma, 1889.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Scuole italiane all'estero durante l'anno scolastico 1880-1881.** Roma: Tipografia del Ministero degli Affari Esteri, 1882.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Annuario delle scuole italiane all'estero: governative e sussidiate - 1904.** Roma: Tipografia del Ministero degli Affari Esteri, 1904.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Annuario delle scuole italiane all'estero: governative e sussidiate - 1908**. Roma: Tipografia del Ministero degli Affari Esteri, 1908.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Annuario delle scuole italiane all'estero: governative e sussidiate - 1909**. Roma: Tipografia del Ministero degli Affari Esteri, 1909.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Annuario delle scuole italiane all'estero: governative e sussidiate - 1913-1914**. Roma: Tipografia Edictrice Nazionale, 1914.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Annuario delle scuole italiane all'estero - 1924**. Roma: Libreria dello Stato. 1925.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Annuario delle scuole italiane all'estero - 1925**. Roma: Tipografia del Ministero degli Affari Esteri, 1926.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Annuario delle scuole italiane all'estero - 1927**. Roma: Provveditorato Generale Dello Stato, 1928.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Annuario delle scuole italiane all'estero - 1930 - VIII**. Roma: Tipografia Del Ministero Degli Affari Esteri, 1930.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Orari e programmi di classe delle scuole medie italiane all'estero (Regio decreto 12 agosto 1937-XV, n. 1590)**. Roma: Istituto Poligrafico Dello Stato Libreria, 1937.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Annuario delle scuole e delle istituzioni culturali italiane all'estero 1939-1940**. Roma: Tipografia del Ministero degli Affari Esteri, 1940.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Bollettino Consolari**, Roma: Libreria dei Fratelli Bocca, volume XXIII, parte II, 1887, p. 654-656.

#### **ARQUIVO HISTÓRICO DO MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI – Roma (ASMAE)**

ASMAE-Archivio Scuole, 1888-1920. Cor. VICENZO MONTEGGIA, 19/04/1923. Maço 437.

ASMAE-Archivio Scuole, 1888-1920. Cor. ASSOCIAZIONE NAZIONALE PER SOCORRERE I MISSIONARI ITALIANI, 24/12/1923. Maço 437.

ASMAE-Archivio Scuole, 1888-1920. Rel. SEGHETTI, 01/08/1923. Maço 437.

ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Rel. BOZANO, 04/01/1928. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Rel. LUIGI ARDUINI. 1925. Maço 595.

ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Cor. AUGUSTO MENEGATTI, 26/12/1926. Maço 702.

ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Cor. CELESTE GOBATTO, 06/12/1927. Maço 702.

ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Cor. EMBAIXADA BRASILEIRA, 13/08/1928. Maço 702.

ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Cor. MAE AO CONSULADO DE PORTO ALEGRE, 02/05/1928. Maço 702.

ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Cor. MANFREDO CHIOSTRI, 23/04/1929. Maço 702.

ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Cor. MANFREDO CHIOSTRI, 25/07/1928. Maço 702.

ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Rel. BOZANO, 18/02/1927, Maço 702.

ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Rel. VITTORE ALEMANNI, 01/1923. Maço 702.

ASMAE-Archivio Scuole, 1923-1928. Rel. MANFREDO CHIOSTRI, 30/05/1928. Maço 702.

ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Cor. CAMILLA RONCORONI, s/d [mas de 21/03/1932].

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935, Cor. AUGUSTO MENEGATTI, Julho/1925. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. AUGUSTO MENEGATTI AO MAE, 26/01/1929. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Cor. GUGLIELMO BARBARISI, 18/07/1936. Maço 876.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. PRINCIPESSA ELENA, 11/04/1929, Maço 785

ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Cor. GUGLIELMO, 03/05/1935. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Cor. MANFREDO CHIOSTRI, 10/01/1929. Maço 785

ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 02/05/1935. Anexo. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, maio de 1933. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole 1929-1935. Rel. SCUOLA UMBERTO I. 12/12/1929. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 16/12/1932. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 2/06/1935. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. FASCI ITALIANI ALL' ESTERO, 8/04/1935. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. GINO BATTOCCHIO, 6/08/1934. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. GIOVANNI CAMPANA, 02/1929. Maço 785

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. GUGLIELMO BARBARISI, 30/07/1934. Maço 933.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. LUIGI LEDDA, 30/03/1935. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. MANFREDO CHIOSTRI, 7/01/1930. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. MARIO CARLI, 04/10/1932. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. MARIO CARLI, 20/05/1933. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. MARIO CARLI, 8/11/1932. Maço 933.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. REGENTE GIGHI, 28/04/1934, Anexo. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. REGENTE GIGHI, 28/04/1934. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. GUGLIELMO BARBARISI, 26/12/1934. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. RECIBOS VÁRIOS, 30/06/1936. Maço 933.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. RECIBOS VÁRIOS, 1936. Maço 933.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 30/09/1932. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 10/09/1935. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. MARIO CARLI, 04/10/1932, Anexo. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. REVISTA PALESTRA EDUCATIVA. Edição de 1924. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. REVISTA PALESTRA EDUCATIVA. Edição de 1928. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. SCUOLA UMBERTO I – PINA MOTTOLA, 17/04/1929. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. LORENZO LOTTI, 30/05/1932. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. MANFREDO CHIOSTRI, 17/07/1929. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 2/06/1935, Anexo I. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. MAE, 15/05/1934. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Rel. LUIGI LEDDA, 31/12/1935. Maço 785.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1936. Cor. GUGLIELMO BARBARISI, 10/04/1935. Maço 876.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1936. NOTA FISCAL, 31/07/1934. Maço 933.

ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1936. Rel. LUIGI LEDDA, 11/12/1935. Maço 876.

ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Cor. BENVENUTTO CROCETTA, 29/05/1937. Maço 62.

ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Cor. ANIELLO CALABRESE, 15/11/1937. Maço 62.

ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Cor. ANIELLO CALABRESE, 26/11/1937. Maço 62.

ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Cor. MAE, 11/11/1937. Maço 62.

ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Cor. SANTOVICENZO MAGNO, 22/06/1938. Maço 62.

ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Cor. SANTOVICENZO MAGNO, 29/09/1937. Maço 62.

ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Rel. GINO BATTOCCHIO, 15/07/1937. Maço 62.

ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1940. Rel. LUIGI LEDDA, 12/09/1937. Maço 62.

ASMAE-Archivio Scuole 1936-1945. Cor. SANTOVICENZO MAGNO, 31/12/1937. Maço 63.

ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1945. Cor. GUGLIELMO BARBARISI, 21/03/1936. Maço 64.

ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1945. Rel. LUIGI LEDDA, 2/07/1936. Maço 64.

ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1945. *SCUOLA UMBERTO I* - ADA CARIGNANI, 25/04/1938.

ASMAE-Archivio Scuole, 1936-1945. Rel. LUIGI LEDDA, 02/06/1936. Maço 64.

### **ARQUIVO DO CONSULADO GERAL DA ITALIA NO RIO GRANDE DO SUL – Porto Alegre (ACGIRS)**

ACGIRS. Cor. GINO BATTOCCHIO AO MAE, 7/02/1946. Pasta s/n: BATTOCCHIO, Gino.

ACGIRS. Cor. GINO BATTOCCHIO AO MAE, 6/03/1942. Pasta s/n: BATTOCCHIO, Gino.

ACGIRS. Cor. GINO BATTOCCHIO AO MAE: Stato di servizio, 8/09/1948. Pasta s/n: BATTOCCHIO, Gino.

ACGIRS. PROFESSOR FRANCISCO DE PAULA CASADO: Attestato, 20/04/1976. Pasta s/n: BATTOCCHIO, Gino.

ACGIRS. Cor. EMBAIXADA DA ITALIA NO RIO DE JANEIRO, 17/09/1947. Pasta 740: GATTONI, Angelo.

ACGIRS. Cor. ATILIO BOLLATTI AO MAE SOBRE BENEFÍCIO A BEATRICE LUPI, maio de 1949. LUPI, Beatrice. Pasta s/n.

ACGIRS. Cor. LINDA VIGHI MENEGATTI, 12/12/1954. Anexo. Pasta s/n. MENEGATTI, Linda Vighi.

## **ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL**

RELATÓRIO apresentado ao Ex. Sr. Dr. J. P. Coelho de Souza, D. D. Secretário da Educação e Saúde Pública pelo diretor da seção administrativa, encarregado dos serviços atinentes à nacionalização do ensino 1939. Instrução Pública – Maço 17 – caixa 8, AHRGS.

## **ARQUIVO HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE MOYSÉS VELLINHO (AHPAMV)**

Projeto de orçamento para exercício de 1918. Apresentado ao Conselho Municipal de Porto Alegre pelo intendente Engenheiro José Mountaury de Aguiar Leitão na sessão ordinária de 1918. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da “A federação”, 1919.

Projeto de orçamento para exercício de 1919. Apresentado ao Conselho Municipal de Porto Alegre pelo intendente Engenheiro José Mountaury de Aguiar Leitão na sessão ordinária de 1919. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da “A federação”, 1920.

Projeto de orçamento para exercício de 1920. Apresentado ao Conselho Municipal de Porto Alegre pelo intendente Engenheiro José Mountaury de Aguiar Leitão na sessão ordinária de 1918. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da “A federação”, 1921.

Projeto de orçamento para exercício de 1924. Apresentado ao Conselho Municipal de Porto Alegre pelo intendente Engenheiro José Mountaury de Aguiar Leitão na sessão ordinária de 1923. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da “A federação”, 1923.

## **JORNAIS**

A Federação (edições completas de 1884 a 1937 - Hemeroteca Digital Brasileira)

A Época

Bento Gonçalves

Caxias

Città di Caxias

Correio do Povo (edições completas de 1895 a 1937)

COLNAGHI, Adelchi. CARTA ABERTA do Jornal Stella d'Italia de 7 de fevereiro de 1902.

Diário de Notícias

D'Artagnan Coloniale

Il Giornale dell'Agricoltore

Il Progresso

Il Trentino

Italia

Jornal da Manhã

L'Avvenire



La Nuova Italia  
 La Patria Italo-Brasiliana  
 La Voce d'Italia  
 L'Unione  
 O Brazil  
 O Momento  
 Patria Nuova  
 Stella d'Italia (edições completas de 1902, 1903 e 1904; várias edições de 1908, 1909, 1910, 1911, 1913, 1916 e 1920)

## ACERVOS PARTICULARES

Acervo particular Nei Alberto Bassegio (Porto Alegre – RS)  
 Acervo do professor Mário Gardelin (Caxias do Sul - RS)  
 Acervo do professor Dari Simi (Canoas - RS)  
 Acervo particular de Lorena L. Termignoni (Guaporé - RS)

## MENSAGENS

Mensagem e Proposta de orçamento enviadas à assembleia dos representantes do Estado do Rio Grande do Sul pelo **Presidente Antonio Augusto Borges de Medeiros** na terceira sessão ordinária da oitava legislatura em 20 de setembro de 1919. Porto Alegre: Oficinas gráficas d' A Federação, 1919. Disponível em: <[http://www.seplan.rs.gov.br/upload/1436190692\\_1919\\_Antonio\\_Augusto\\_Borges\\_de\\_Medeiros.pdf](http://www.seplan.rs.gov.br/upload/1436190692_1919_Antonio_Augusto_Borges_de_Medeiros.pdf)> Acesso em 03 abr. 2015.

## RELATÓRIOS DE CÔNSULES E AGENTES CONSULARES ITALIANOS

BRANDOLINI, Dall'Aste Angelo. La colonia italiana nello stato del Rio Grande del Sud (Brasile). In.: **Bollettino del Ministero degli Affari Esteri**. Anno 1898. Roma: tipografia Del Ministero Degli Affari Esteri, 1899, p. 12-15.

CAMPANS DI BRICHANTEAU, Edoardo. In.: **Emigrazione e colonie**: Rapporti di RR. Agenti diplomatici e consolari. Roma: Tipografia Nazionale di G. Bertero, 1893. (Ministero degli Affari Esteri)

CIAPELLI, Enrico. Lo Stato di Rio Grande del Sud (Brasile). In: **Bollettino dell'Emigrazione**. Roma: Tipografia Nazionale de G. Bertero, 1901.

CIAPELLI, Enrico. Lo Stato di Rio Grande del Sud. In: **Bollettino dell'Emigrazione**. Roma: Tipografia Nazionale de G. Bertero, vol. 12, 1905.

CORTE, Pascale. **L'Italia all'estero nell'ultimo decennio**. Roma: Tipografia Eridi Botta, 1882.

CORTE, Pascale. **Le colonie agricole italiane della Provincia di Rio Grande del Sul del Brasile all'esposizione nazionale di Torino**. Montevideo: La nacion, 1884.

DE VELUTIIS, Francesco. Lo Stato di Rio Grande del Sud e la crisi econômica durante l'ultimo quinquennio. **Emigrazione e colonie: raccolta di rapporti dei RR. Agenti diplomatici e consolari**. V. III Roma: Cooperativa Tipografica Manuzio, 1908.

LEGRENZI, Angelo. L'emmigrazione nello Stato di Rio Grande del Sud. In.: **Bollettino del ministero degli affari esteri**. Roma: Tip. Dell'Unione Cooperativa Editrice, 1896.

PETROCCHI, Luigi. Os italianos do distrito consular de Bento Gonçalves. In.: COSTA, Rovílio, et. al. **As colônias italianas Dona Isabel e Conde D' Eu**. Porto Alegre: EST, 1992.

VITALONI, Girolamo. Alcuni cenni statistici sulla Provincia di San Pedro do Rio Grande do Sul e sulla la condizione dei coloni che vi si dirigono AL invitto e a spese del governo del Brasile. In.: **Bollettino consolare**. Ministero per gli Affari Esteri. Roma: Libreria dei Fratelli Bocca, 1877.

### **LIVROS DIDÁTICOS DO ARQUIVO DA SOCIEDADE ITALIANA DO RIO GRANDE DO SUL (ASIRGS)**

BATTISTELLI, Vicenzina; MARCHI, Giovanni. **Come le rondini**. Corso di letture per le scuole italiane all'estero. Classe seconda. Firenze: R. Bemporad & Figlio, 1927.

BOUNAIUTI, Alarico. **Italia lontana**: libro di lettura per le classi superiori delle scuole elementari italiane al' estero, premiato e approvato dal Ministero degli Affari Esteri. v. I. Firenze: R. Bemporad & Figlio Editori, 1926.

CRESCENZO, Federico. **Albo di geografia per le scuole elementari**. Torino: Mondadori, 1929.

COLLEZIONE SCOLASTICA MONDADORI. **Classe quinta**. Milano: Mondadori, 1925.

ERCOLI, Daniele. **Brevissime note di grammatica per la quinta classe elementare**. Milano: Mondadori, 1929

FANCIULLI, Giuseppe. **Letture di religione per le scuole elementari italiane all'Estero**. Classe II e III. v. I. Verona: A. Mondadori. 1932.

GIACOBBE, Olindo; PROVENZAL, Dino: **Grapopolo d'oro**. Letture per le scuole urbane e suburbane maschili e femminili. Classe seconda. Palermo: Industrie Riunite Editoriali Siciliane, 1925.

MONELLI, Paolo. **Il Luogo natio**. Letture Classe IV. Milano: Mondadori, 1929.

PERTILE, A. Cuman. **Fuori del guscio**. Libro de lettura per la terza classe elementare. Firenze: R. Bemporad & Figlio, 1917.

PETROCCHI, P. **Piccolo dizionario universale**. Milano: Antonio Valardi Editore, 1918.

SCUOLE ITALIANE ALL'ESTERO. **I fatti degli italiani e dell'Italia**. Letture Storiche. Roma :Libreria dello Stato, 1932.

SCUOLE ITALIANE ALL'ESTERO. **Sole d'Italia**. Letture Classe V - La Patria. Officine dell'Istituto Poligrafico dello Stato.1930.

SCUOLE ITALIANE ALL'ESTERO. **Il Libro della III classe elementare**.Roma: Libreria dello Stato, 1932.

SCUOLE ITALIANE ALL'ESTERO. **Storia e geografia per la IV classe elementare**. Verona: Mondadori, 1937.

SICHIROLLO, Augusto. **Albo di scienze per le scuole italiane all'estero**. Milano: Mondadori, 1932.

THOUAR, Pietro. **Consigli alle fanciulle**. Torino: Ditta G. B. Paravia e Compagnia,1889.

## REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Dionísio Fuentes. **Ir. Dionisio Fuentes Alvarez**: Autobiografia adaptada. Tradução e adaptação Ir. Elvo Clemente. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

ANTISERI, Dario. REALE, Giovanni. **História da filosofia**: do romantismo até nossos dias. v. 3. São Paulo: Paulinas, 1991.

ANTUNES, Celso. **Glossário para educadores (as)**. Petrópolis: Vozes, 2001.

ARAGÃO, Milena; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Práticas dos castigos escolares: enlaces históricos entre norma e cotidiano. **Conjectura**, v. 17. n. 2, p. 17-36, maio/ago. 2012.

ARRIADA, Eduardo. **A educação secundária na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: a desoficialização do ensino público**. Tese de doutorado em Educação. Porto Alegre: PUCRS, 2007.

AZEVEDO, Thales de. **Italianos e gaúchos**. Os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro-DAC/SEC, 1975.

AZEVEDO, Thales de. **Os italianos no Rio Grande do Sul**: cadernos de pesquisa. Caxias do Sul: EDUCS, 1994.

AZZI, Riolando. Fé e italianidade: a atuação dos escalabrinianos edos Salesianos junto aos imigrantes. In.: DE BONI, Luis Alberto (Org.). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In.: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.

BAKOS, Margarete Marchiori. **Porto Alegre e seus eternos intendentess**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

BARAUSSE, Alberto. Os livros escolares como instrumento para a promoção da identidade nacional italiana no Brasil durante os primeiros anos do fascismo (1922-1925). In.: **Anais**. VIII Congresso Brasileiro de Educação. Universidade Federal de Maringá: Maringá, 2015, p. 1-15,

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil (1900-2000). Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARROS, José d'Assunção. **Teoria da História**: A escola dos Annales e a Nova História. v. V. Petrópolis: Vozes, 2012.

BARTH, Fredrick. Grupos étnicos e Suas Fronteiras. In.: POUTIGNAT, Philipp.e STREIFFFENART, Joceline. **Teorias da etnicidade**. São Paulo, SP: UNESP, 1997.

BASTOS, Maria Helena Câmara Bastos. Espelho de papel: a imprensa e a história da educação. In.: ARAÚJO, J.C.S.; GATTI, Jr., D. (Orgs.). **Novos temas em história da educação brasileira. Instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2002, p. 151-174.

BERGOZZA, Roseli Maria Bergozza; LUCHESE, Terciane Ângela. Escola complementar: primeira escola pública para formação de professores primários na cidade de Caxias do Sul – 1930-1961. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 15, n. 3, set./dez. 2010.

BERTONHA, João Fábio. Entre a bombacha e a camisa negra: notas sobre a ação do Fascismo italiano e do Integralismo no Rio Grande do Sul. **Revista de Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, n. 2, v. 24, p. 247-268, 1998.

BERTONHA, João Fábio. **Sob a sombra de Mussolini**: os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo, 1919-1945. São Paulo: FAPESP; Annablume, 1999.

BERTONHA, João Fábio. Divulgando o *Duce* e o fascismo em terra brasileira: a propaganda italiana no Brasil (1922-1943). **Revista de História Regional** 5(2): 83-112. Inverno de 2000.

BERTONHA, João Fábio. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001a.

BERTONHA, João Fábio. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o fascismo italiano, o integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil. In.: **Revista Brasileira de História**, vol. 21, número 40, São Paulo, 2001b.

BERTONHA, Fábio. I fasci dell'ideologia fascista. In.: BEVILACQUA, Piero. DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio. **Storia dell'emigrazione italiana: Arrivi**. Volume I. Roma: DONZELLI EDITORE, 2009.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

BORGES, Stella. **Italianos: Porto Alegre e trabalho**. Porto Alegre: EST, 1993.

BOTTOMORE, Tom; OUTHWAITE, William. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1996.

BRUM, Rosemary Fritsch. **Caderno de pesquisa: notícias de imigrantes italianos em Porto Alegre, entre 1911 e 1937**. São Luiz: EDUFMA, 2009.

BRUM, Rosemary Fritsch. **Uma cidade que se conta**. Imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre nos anos 20-30. São Luís: EDFMA, 2009.

BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia: a escola dos Annales (1929-1989)**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CÂMARA MUNICIPAL DE BENTO GONÇALVES. **Centenário do Colégio Scalabriniano**. Disponível em: <[http://sapl.camarabento.rs.gov.br/sapl\\_documentos/materia/9102\\_texto\\_integral](http://sapl.camarabento.rs.gov.br/sapl_documentos/materia/9102_texto_integral)>. Acesso em: 22 ago. 2015.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

CAPPELLI, Vittorio. Pequenas pátrias, a Pátria, outras pátrias: as complexas identidades dos italianos no Brasil e na América Latina. Naveg@mérica. **Revista electrónica editada por la Asociación Española de Americanistas**, 2014, n. 13. Disponível em <http://revistas.um.es/navegamerica/article/viewFile/209351/167251>. Acesso em 04/02/2015.

CARMO, Jefferson Carriello do. **Giovanni Gentile e a reforma da escola italiana nos primórdios do fascismo**. Dissertação de Mestrado em Educação. São Paulo: Unicamp, 1999.

CHAGAS, Carlos. **O Brasil sem retoque: 1808-1964**. A História contada por jornais e jornalistas. Rio de Janeiro: Record, 2001.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. Ed. Lisboa: Difusão Editorial, 1998.

CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, volume 7, número 13, 1994, p. 97-113.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, 11 (5), abril de 1991, p. 173-191.

CHERVEL, Andre. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, n. 2, p. 177-229, 1990.

CHIOSTRI, Manfredo. **Legislatura XXVII del Regno**. [http://dati.camera.it/ocd/deputato.rdf/dr4560\\_27](http://dati.camera.it/ocd/deputato.rdf/dr4560_27). Acesso em 15 de abril de 2015.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Italianos meridionais em Porto Alegre: estudo para a História Social. In.: DE BONI, Luís Alberto. (org). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1990, v. 2.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina: imigrantes na sociedade porto-alegrense**. Porto Alegre: EST, 1991.

CONSTANTINO, Núncia Santoro. Italianidade (s): Imigrantes em Porto Alegre. XXI Encontro da ANPOCS. **Anais**. 1997.

CONSTANTINO, Núncia Santoro; OSPITAL, Maria Silvia. Construção da identidade e associações italianas: La Plata e Porto Alegre (1880-1920). **Estudos Íbero-Americanos**. PUCRS. Volume XXV, n. 2, p. 131-146, dez. 1999.

CORONA, Fernando. 50 anos de formas plásticas e seus autores. **O Rio Grande atual**. In.: Enciclopédia Rio-Grandense vol. 3. Canoas: Regional, 1957.

CORSETTI, Berenice. A política educacional no Rio Grande Do Sul e a questão da Nacionalização do Ensino (1930/1945) pp. 173-192) **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 23, p. 173-192, Set/Dez 2007 Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>.

CORSETTI, Berenice. O crime de ser italiano: a perseguição do Estado Novo. In.: DE BONI, Luís A. (org). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1987, v. 1.

CORSETTI, Berenice. **O poder em migalhas**: a escola no Rio Grande do Sul na primeira república. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1997.

CROCETTA, Benvenuto. Un cinquantennio di vita coloniale: gli esponenti individuali e collettivi della colônia italiana nel Rio Grande del Sud. In.: **CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1925.

CROCETTA, Benvenuto. **Relazione morale-finanziaria della gestione sociale della Dante Alighieri di Porto Alegre**. Porto Alegre, 1937.

DAL PASSO, Fabrizio. **Storia della scuola italiana**. Roma: Università di Roma, 2003.

D'APREMONT, Bernardin; GILLONNAY, Bruno de. **Comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul**: (1896-1915). Caxias do Sul, RS: UCS, 1976.

DE BONI, Luis Alberto; COSTA, Rovílio. **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Riocell, 1987. v. 1

DEMARTINI, Zeila. Culturas escolares: algumas questões para a História da Educação. In: FERREIRA, António G. **Escolas, culturas e identidades**. Coimbra, Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação/Fundação Calouste Gulbenkian, v. 1, 2004, p. 91-102.

DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA. **Radamés Gnattali**. Disponível em: <<http://www.dicionariompb.com.br/radames-gnattali/biografia>>. Acesso em: 12 dez. 2014..

DILLENBURG, Sérgio Roberto. **Correio do Povo**: história e memórias. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 1997.  
Disponível em: <http://colubhe2012.ie.ulisboa.pt/wp-content/uploads/COLUBHE-2012-pp.-3221-final1.pdf>

DREHER, Martin Norberto; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo; Simpósio de História da Imigração e Colonização 15., São Leopoldo, RS). **Imigração & imprensa**. Porto Alegre: EST, 2004.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990-1994. 2 vol.

ESCOLANO BENITO, Augustín. Presentación. In.: **Cien años de escuela em España (1875-1975)**. Salamanca: Kadmos, 1990.

ESCOLANO BENITO, Augustín. **Tiempos y espacios para la escuela**. Madrid: Editora Biblioteca Nueva, 2000.

ESCOLANO BENITO, Augustín; VIÑAO FRAGO, Antonio. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ESPIG, Márcia. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre: PUCRS- PPGH. V. XXIV, n.2. dez. 1998, p. 269-289.

FANFULLA. **Il Brasile e gli italiani**. Firenze: R. Bemporad & Figlio, 1906.

FÉLIX, Loiva Otero. **Coronelismo, borgismo e cooptação política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato. **Aprendendo história: reflexão e ensino**. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004.

FLORIANI, Giorgio. **Cento anni de scuole italiano all'estero**. Roma: Armando Editrice, 1974.

FORTUNATI, Luigi Pier. **Manfredo Chiostrì**. Casa Editrice Pinciana: Roma, 1928.

FRAGO, Viñao. Historia de la educación e historia cultural. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n.0, p. 63-82, set./dez.1995.

FRANCO, Sérgio da Costa. A evolução da imprensa gaúcha e o Correio do Povo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, n. 131, p. 33-40, 1995.

FRANZINA, Emilio. **Gli italiani al nuovo mondo: l'emigrazione italiana in America (1492-1992)**. Milano: Mondadori, 1995.

FRANZINA, Emílio; SANFILIPPO, Matteo. **Il fascismo e gli emigranti**. Bari, Itália: Editori Laterza, 2003.

FROSI, Tiago; MAZO, Janice. O abasileiramento do clube de remo dos italianos em Porto Alegre nas décadas de 1930-1940. In.: **Movimento**. Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 51-71, jul/set, 2012.

GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. **Povoadores da colônia Caxias**. 2.ed. Porto Alegre: EST, 2002.

GARRIDO, Jose Luis García. **Diccionario europeo de la educación**. Editorial Dykinson: Madrid, 1996.



GERTZ, René. **O perigo alemão**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1991.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertand Brasil, 1989.

GIRON, Loraine Slomp. **As sombras do littorio**: o fascismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Parlanda, 1994.

GIRON, Loraine Slomp. Colônia Italiana e educação. In: **Revista História da Educação**. Pelotas: UFPel, n.º 3, v. 2, set. 1998, p. 87-106.

GOMES JUNIOR, Antonio Carlos. Breves apontamentos da trajetória do ensino profissional comercial e o pensamento dos clássicos Adam Smith e Jean-Jacques Rousseau. In.: **Empreendedorismo, gestão e negócios**. v. 2, n. 2, Março/2013, p. 151-161.

GONÇALVES, Dilza Pôrto. **A instrução pública, a educação da mulher e a formação de professores nos jornais partidários de Porto Alegre/RS (1869-1937)**. Tese de doutorado em Educação. Porto Alegre: UFGRS, 2013.

GRASSI, Tiziana; LICATA, Delfina; CAFFARELLI, Enzo. (Orgs.) **Dizionario Enciclopedico delle migrazioni italiane nel mondo**. Roma: Società Editrice Romana, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

IANNI, Otávio. **Raças e classes sociais no Brasil**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2004.

IOTTI, Luiza Horn. **Imigração e poder**: a palavra oficial sobre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (1875-1914). Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

IOTTI, Luiza Horn. **O olhar do poder**: a imigração italiana no Rio Grande do Sul, de 1875 a 1914, através dos relatórios consulares. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 1, jan./jun. 2001, p. 9-43.

KATANI, Maria Nascimento Monteiro. **Entre o vinho e a política**: uma biografia de Celeste Gobbato (1890-1958). Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1991.

KREUTZ, Lúcio. **Escolas étnicas dos imigrantes alemães no Brasil**. s/d. Manuscrito.

KREUTZ, Lúcio. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil. In.: **Revista Brasileira de Educação**, n.15, Set/Out/Nov/ Dez de 2000.

KREUTZ, Lúcio. A educação de imigrantes no Brasil. In.: LOPES, Eliane M.T e outros (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

KREUTZ, Lúcio. Língua de referência na escola teuto-brasileira. In.: CUNHA. Jorge Luiz da; GÄRTNER, Angelika (Org.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul: história, linguagem, educação**. Santa Maria:Ed. da UFSM, 2003a, p. 133-158

KREUTZ, Lúcio. Escolas Étnicas no Brasil e a Formação do Estado Nacional: a nacionalização compulsória das escolas dos imigrantes (1937-1945) **Poiésis** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado – Unisul, Tubarão, v. 3, n. 5, p. 71 – 84, Jan./Jun. 2010.

KREUTZ, Lúcio; LUCHESE, Terciane Ângela. Educação e etnia: as efêmeras escolas étnico-comunitárias italianas pelo olhar dos Cônsules. In.: **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel. Pelotas, v. 14, n. 30 p.227-258, Jan/Abr 2010. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>.

KREUTZ, Lúcio. A educação de imigrantes no Brasil. In.: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cyntia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

KREUTZ, Lúcio. A nacionalização do ensino no Rio Grande do Sul: medidas preventivas e repressivas. In.: QUADROS, Claudemir de. **Uma gota amarga: itinerários da nacionalização do ensino no Brasil**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2014.

LASEN, Giulia. **La promozione della cultura italiana all'estero: l'istituto italiano di cultura di Amburgo**. Università degli Studi di Modena e Regio Emilia. Tesi Facoltà di Lettere e Filosofia corso di Laurea in Lingue e Culture e Europee, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

ITÁLIA. **Legge 27 maggio 1929, n. 810**. Esecuzione del Trattato, dei quattro allegati annessi, e del Concordato, sottoscritti in Roma, tra la Santa Sede e l'Italia, undici febbraio 1929. Disponível em: [http://www.edscuola.it/archivio/norme/leggi/l810\\_29.html](http://www.edscuola.it/archivio/norme/leggi/l810_29.html). Acesso em 16 out. 2014.

LEITE, Mirian Moreira. **Retratos de família**. São Paulo: EDUSP, 1993.

LICHT, Henrique. **Colônias de férias para escolares no Rio Grande do Sul: subsídios históricos.** Repositório Lumen, UFGRS, 2003a.

LICHT, Henrique. **Merenda, refeição e sopa escolares: subsídios históricos.** Repositório Lumen. UFGRS, 2003b.

LORENZONI, Julio. **Memórias de um imigrante italiano.** Trad. de Armida Lorenzoni Parreira. Porto Alegre: Sulina, 1975.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In.: PINSKI, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2005

LUCHESE, Terciane Ângela. **O processo escolar entre imigrantes na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, 1875 a 1930. Leggere, scrivere e calcolare per essere alcuno nella vita.** Tese de doutorado em Educação. São Leopoldo: UNISINOS, 2007.

LUCHESE, Terciane Ângela. **Relações de poder: autoridades regionais e imigrantes italianos nas colônias Conde D'Eu, Dona Isabel, Caxias e Alfredo Chaves: 1875 a 1889.** Curitiba: CRV, 2009.

LUCHESE, Terciane Ângela. Manuais didáticos para os italianos no exterior: circulação e difusão de ideias fascistas em escolas étnicas no Brasil (1922 - 1938). In.: **IX Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**, 2012, Lisboa, Portugal. Rituais, espaços & patrimônios escolares - IX Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (Atas). Lisboa, Portugal: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2012. v. único. p. 5181-5195.

LUCHESE, Terciane Ângela. Difundindo ideias fascistas através de manuais didáticos: os italianos no exterior e suas escolas (1922-1938). In.: XXVII Simpósio Nacional de História. **Anais.** Natal: ANPUH, 2013. p. 1-18. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364222612\\_ARQUIVO\\_TextocompletoANPUH2013.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364222612_ARQUIVO_TextocompletoANPUH2013.pdf). Acesso em 12/01/2015.

LUCHESE, Terciane Ângela; KREUTZ, Lúcio. XERRI, Eliana Gasparini. Escolas étnico-comunitárias italianas no Rio Grande do Sul: entre o rural e o urbano (1875 – 1914). **Acta Scientiarum. Education.** Maringá, v. 36, n. 2, p. 211-221, July-Dec., 2014a

LUCHESE, Terciane Ângela (Org.). **História da escola dos imigrantes italianos em terras brasileiras.** Caxias do Sul: EDUCS, 2014b.

LUCHESE, Terciane Ângela. **O processo escolar entre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul.** Caxias do Sul: EDUCS, 2015.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul.** São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em SciELO Books.

MAESTRI, Mario. **Os senhores da serra**: a colonização italiana no Rio Grande do Sul. 1875 -1914. Passo Fundo: UPF, 2005.

MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro; Fórum de Estudos Ítalo-brasileiros 9., 1996. **Anais**. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.

LOMBARDI, José Claudinei (orgs). **História da educação**: perspectivas para um intercâmbio internacional. Campinas: Autores Associados, 1999.

MARMENTINI, Paulo Afonso Lovera. **O Fascismo para os colonos: *Il giornale dell'agricoltore*** e a divulgação do fascismo entre italianos e descendentes no Rio Grande do Sul (1934-1938). Dissertação de mestrado. Unisinos: São Leopoldo, 2014.

MAZZINI, Giuseppe. **Deveres do homem**. Tradução de Antonio Piccarolo e Leonor de Aguiar. Rio de Janeiro, 1950.

MEDICI, Lorenzo. **Dalla propaganda alla cooperazione**: La diplomazia culturale italiana nel secondo dopoguerra (1944-1950). Italia: Casa Editrice Dott. Antonio Milani, 2009.

MONTEIRO, Charles. **Breve história de Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. da Cidade; Letra & Vida, 2012.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas**: história e memórias da cidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MOTTIN, Antonio J. S.; CASOLINO, Enzo. **Italianos no Brasil**: contribuições na literatura e nas ciências (séculos XIX e XX). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

NÓVOA, Antonio. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português. In.: CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (Org.) . **Educação em revista**: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 11-31.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. **Cadernos de Pesquisa**. Cortez, n. 104, jul. 1998, p. 144-163.

PELLANDA, Ernesto. Aspectos gerais da colonização no Rio Grande do Sul. In.: BERTASO, Henrique D'Avila; LIMA, Mário de Almeida. **Álbum comemorativo do 75 aniversário da colonização italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Revista do Globo, 1950.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma outra cidade**: o mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008a.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Imagem, memória, sensibilidades: territórios do historiador. In.: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosangela; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Imagens na história**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008b.

PESCIOLINI, Ranieri Venerosi. **Le colonie italiane nel Brasile meridionale**: estati di Rio Grande do Sul – Santa Catarina – Paraná. Torino: Fratelli Bocca, 1914.

PESSANHA, Eurize Caldas; DANIEL, Maria Emília Borges; MENEGAZZO, Maria Adélia. Da história das disciplinas escolares à historiada cultura escolar: uma trajetória de pesquisa. **Revista Brasileira de Educação**, Set/Out/Nov/Dez 2004, n. 27, p. 57-69.

PORTO ALEGRE, Aquiles. **História popular de Porto Alegre**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1940.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Cultura. **Acervos: jornais, revistas e almanaques do Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho** / Projeto e coordenação de Silvia Rita de Moraes Vieira; texto e pesquisa Aryanne Cristina Torres Nunes, Mariane Rocha Dias e Silvia Rita de Moraes Vieira. -- 2. ed. rev. e ampl. -- Porto Alegre: AHPAMV, 2011. 168 p.

POSSAMAI, Paulo. **“Dall’Italia siamo partiti”**: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: UPF, 2005.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

POZENATO, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp. **100 anos de imprensa regional: 1897-1997**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

Prefeitura Municipal de Porto Alegre. **Porto Alegre**. São Paulo: Habitat Editora Limitada, 1953.

PRETELLI, Matteo. Fascismo e giovani italiani all'estero. In.: DOGLIANI, Patrizia. **Giovani e generazioni nel mondo contemporaneo. La ricerca storica in Italia**. Bologna: CLUEB, 2009. p. 151-159.

PRETELLI, Matteo. **La via fascista alla democrazia americana; cultura e propaganda nelle comunità italo-americane**. Quaderni 7. Edizioni Sette Città. Primeira Edição, 2012. Ebook

QUADROS, Claudemir de (Org.). **Uma gota amarga**: itinerários da nacionalização do ensino no Brasil. Santa Maria: Editora da UFSM, 2014.

REBELLATO, Elisa. **Mondadori**: catalogo storico dei libri per la scuola (1910-1945). Milano: Franco Angeli, 2008.

RECH, Gelson Leonardo. Jornal Stella d'Italia e a defesa da escola italiana. **ANAIS 19º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - ASPHE/RS**. Pelotas: ASPHE/RS, 2013. v. 1. p. 654 – 666.

RECH, Gelson Leonardo. Homogeneidade do ensino nas escolas italianas do Rio Grande do Sul. In.: **Trabalhos completos X ANPED SUL**. Florianópolis, 2014, p. 1-17.

RECH, Gelson Leonardo; TAMBARA, Elomar Antonio Callegaro. O jornal Stella d'Italia e a defesa da escola italiana (1902-1904). **Revista História da Educação**, v. 19, n. 45, 2015, p. 159-182.

**Revista Ecos Rosarienses**. Edições de 1933 até 1943. Disponíveis em: <<http://colegiomarista.org.br/rosario/exalunos/revista-ecos-rosariense>> Acesso em: 15 maio 2015.

ROSA, Cristina Souza da. Pequenos soldados do Fascismo: a educação militar durante o governo de Mussolini. **Antíteses**, v. 2, n. 4, jul.-dez. de 2009, p. 621-648 <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>. Acesso em 19/01/2014.

SALVETTI, Patrizia. Le scuole italiane all'estero. In.: BEVILACQUA, Piero. DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio. **Storia dell'emigrazione italiana**: Arrivi. v. 1. Roma: DONZELLI EDITORE, 2009.

SALVETTI, Patrizia. Governo italiano, diplomacia e escolas italianas. In.: LUCHESE, Terciane Ângela. **História da escola dos imigrantes italianos em terras brasileiras**. Caxias do Sul: EDUCS, 2014.

SAVIANI, Dermeval. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, número especial, p. 28-35, agosto 2006.

SAVIANI, Dermeval. História das ideias pedagógicas no Brasil. 3. Ed. ver. Campinas: Autores Associados, 2010 (Coleção Memória da Educação).

SCALABRINI, João Batista; RIZZARDO, Redovino. **A emigração italiana na América**. Porto Alegre: EST, c1979. 232 p. (Coleção imigração italiana ; 31).

SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). **Bom Fim: um bairro, muitas histórias**. Porto Alegre: Museu da UFRGS/PROEXT, 2011.

SILVA, Jandira M. M. da et. al. **Breve histórico da imprensa Sul-Rio-Grandense**. Porto Alegre: CORAG, 1986.

SILVA JUNIOR, Adhemar Lourenço. **As sociedades de socorros mútuos: estratégias privadas e públicas** (estudo centrado no Rio Grande do Sul-Brasil, 1854-1940). Tese de doutorado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004.

SULIANI, Antônio. **Etnias & carisma: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

TACCHI, Francesca. **Storia illustrata del fascismo**. Firenze: Giunti, 2000.

TAMBARA, Elomar. **Introdução à história da educação no Rio Grande do Sul**. Pelotas: Seiva, 2000.

TOLEDO, Cézar de Alencar Arnaut de; Oriomar SKALINSKI JUNIOR, Oriomar. A imprensa periódica como fonte para a história da educação: teoria e método. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 48, p. 255-268 Dez. 2012.

TORRES, Andréa Sanhudo. **Imprensa: política e cidadania**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

TRABALZA, Ciro. **La scuola e la cultura italiana all'estero**. Roma: Tipografia Popolo d'Italia, 1923.

TRECCANI, la cultura italiana. **Benito Mussolini**. Disponível em: <<http://www.treccani.it/enciclopedia/benito-mussolini/>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

TRECCANI, la cultura italiana. **Ciro Trabalza**. Disponível em: <<http://www.treccani.it/enciclopedia/ciro-trabalza/>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

TRECCANI, la cultura italiana. **Giuglielmo Marcóni**. Disponível em: <<http://www.treccani.it/enciclopedia/guglielmo-marconi/>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

TRECCANI, la cultura italiana. **Tommaso Tittóni**. Disponível em: <<http://www.treccani.it/enciclopedia/tommaso-tittoni/>>. Acesso em: 07 fev. 2015.

TRENTO, Angelo. **Fascismo italiano**. São Paulo: Editora Ática. Coleção Princípios, 1982.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989.

TRENTO, Angelo. **Imprensa italiana no Brasil: séculos XIX e XX**. São Carlos: EdUFSCar, 2013.

VIDAL, Diana Gonçalves. Luciano Mendes de Faria Filho; André Luiz Paulilo. Irlen Antônio Gonçalves. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e práticas escolares: a escola como objeto de pesquisa. In.: **Culturas escolares**. Estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas: Autores Associados, 2005, p. 21-69

VEIGA, Cyntia Greive. **História da educação**. São Paulo: Ática, 2007.

VIDAL, Diana Gonçalves & SCHWARTZ, C.M. Sobre cultura escolar e história da educação: questões para debate. In.: **História das culturas escolares no Brasil**. Vitória: SBHE/EdUFES, 2010, p. 13-36.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In.: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de (Org.). **Cinco estudos em história e historiografia da educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Fracasan las reformas educativas? La respuesta de um historiador. In: SBHE (org). **Educación no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2001, p. 21-52.

VIÑAO FRAGO, A. A história das disciplinas escolares. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 8, n. 3, p. 174-208, 2008.

WERLE, Flávia Obino. **Práticas de gestão e feminização do magistério**. Cad. Pesqui. vol.35 n.126, São Paulo Sept./Dec. 2005, p. 609-634.



## ANEXOS

## ANEXO 1: Programa didático da Scuola Umberto I – 1929

FONTE: ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. SCUOLA UMBERTO I – PINA MOTTOLA, 17/04/1929. Maço 785.

<p>Programma.</p> <p>Classe 1<sup>a</sup>.</p>	
Educazione morale.	Preghiera. Norme e pratiche della condotta. Pulizia personale. dell'orario. Rispetto verso i superiori. Doveri verso Dio e il prossimo. del sentimento di pietà verso i deboli e i deformi.
Disegno.	Disegno libero. Esercizi per la distinzione dei tre colori fondamentali: giallo, rosso e turchino, in relazione con gli esercizi per l'educazione del senso visivo.
Calligrafia.	Esercizi d'avvicinamento alla scrittura verticale. Maniera d'impugnare la matita o porta penna. Scrittura dritta. Alfabeto maiuscolo e minuscolo. Nomi propri nella famiglia e nella scuola. Brevisime sentenze educative.
Lingua.	Letture ed esercizi di lingua. Le vocali. I dittonghi. Copiatura e dettatura. Esercizi orali.
Aritmetica.	Concetto dell'unità. Numerazione orale e scritta dal numero 1 al 100. Le 4 operazioni.
Nozioni varie.	Giorno, la giornata, giorni del bambino. Cibi e bevande. I cinque sensi. I giorni della settimana. I mesi dell'anno e le stagioni.
Ginnastica.	Esercizi ordinativi. Movimenti elementari. Movimenti nell'aula. Esercizi all'aperto.
<p>Classe 2<sup>a</sup>.</p>	
Educazione morale.	Preghiera. I comandamenti. Episodi principali dei vangeli. Pulizia personale. Diritti e doveri dello scolaro. Rispetto.
Disegno.	Disegno libero. Continuazione degli esercizi della prima classe sulla distinzione dei colori. Disegni di oggetti semplici.
Calligrafia.	Esercizi di scrittura verticale. Applicazione delle lettere maiuscole, con serie di nomi propri e di cose. Proverbi di facile comprensione.



Lingua.

Lettura corrente, con spiegazione e riassunto. Vocaboli. In-  
terrogazione del nome e dell'aggettivo. Dettato. Esercizi di com-  
posizione. Rime e similitudini. Esercizi mnemonici.

Aritmetica

Numerazione progressiva e regressiva. Le operazioni.  
Calcoli mentali e scritti. Aggiunta allo studio della  
tavola Pitagorica. Soluzione di facili problemi pratici.  
Concetto della frazione ordinaria e dell'unità di  
misura di peso, capacità, lunghezza. Misure. Doppio.

Nozioni varie

Giune. Nomenclatura zoologica rudimentale (mammiferi più  
comuni, domestici) e di stagioni. I tre regni della Natura. La  
terra. Le piante tessili. Il corpo umano. Il locale scolastico. Le  
età della vita: l'infanzia (età del bambino, sino a che non parla)  
l'adolescenza (età dai sedici ai dodici anni) l'gioventù (età del  
soldato) l'vecchiaggia (età del nonno) -

Divisione del tempo (anno comune e bisestile, biennio, semestre,  
trimestre. La corte. Le strade. I fenomeni naturali. Rime  
del tempo.

Ginnastica

Esercizi elementari nell'aula. Movimenti ritmici. Esercizi  
all'aperto.

### Classe 3<sup>a</sup>.

Educaz. morale  
e civile.

Leggenda. Letture religiose. L'avvento del Messia. La predica-  
zione del Battista, e il Battesimo di Gesù. I dieci comanda-  
menti. La Trasfigurazione. Morte e Resurrezione di Gesù.  
Fatti generali della Chiesa. Il governo. I tribunali. Il po-  
destà. Il prefetto. Il capo del governo. Il Re.

Lingua

Lettura espressiva e recitazione. Rime. Punteggiatura.  
Composizioni. Analisi grammaticale. Verbi ausiliari, e alcuni  
verbi regolari di 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> coniugazione. Ortografia.  
Esercizi mnemonici.

Aritmetica e  
Geometria.

Numerazione decimale e scritta. Le operazioni. Numeri interi e  
decimali. Divisione di 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup>. Misure. Sistema metrico



- Calligrafia** - disimile. Problemi. Idee Geometriche. Figure piane. Le aste e i filletti. Consonanti a uno e due corpi di scrittura. Grafia delle lettere curve. Frasi e pro verbi in bella scrittura.
- Riscorso** - Il disegno dal vero. I colori e loro applicazioni.
- Nozioni varie** - Corpo umano. La voce. Le valanghe. I tre regni della Natura. Lezioni d'igiene. Igiene degli alunni della casa, della scuola, delle herculee, dei sensi, del corpo. Malattie contagiose.
- Storia** - L'Italia. 4<sup>1</sup>° Re d'Italia. Il Re attuale. I sette Stati. Le cinque giornate di Milano. Le dieci giornate di Brescia. Daniele Manin. Giuseppe e Anna Garibaldi. Giuseppe Mazzini. I mille. La terza guerra d'Indipendenza. Herdan. Terzo. La guerra europea. La 1<sup>a</sup> campagna Italiana. Caporetto. Vittoria di Vitt. Veneto. Cesare Battisti. Nazario Sauro. Il primo. Benito Mussolini.
- Geografia** - La terra. Orientamento. La bussola. Carte geografiche. L'Italia in generale. Le grandi città Italiane.
- Scienze** - Apparato digerente. Apparato respiratorio. La circolazione. Idei sullo scheletro umano.
- Ginnastica** - Esercizi ordinabili. Movimenti in classe.

## Classe 4<sup>a</sup>.

- Educaz. morale civile** - Preghiere. Lettere di Igione (continua, della 3<sup>a</sup> classe) Diritti e doveri dell'uomo. Il governo Italiano. Regione. Provincia. Comune.
- Lingua** - Lettura e spiegazione. Rassegni. Analisi logica e grammaticale. Composizione di verbi regolari e irregolari. Temi dettati.
- Aritmetica** - Numerazione scritta entro i milioni. Frazioni ordinarie e decimali. Numeri romani. Moltiplicazione e divisione dei numeri interi e decimali per le potenze di 10, 100 e 1000. Le operazioni. Calcoli mentali. Problemi orali e scritti. Sistema metrico decimale. Misure di superficie. Quadrati.



- Geometria* Corso. Superficie. Linea e punto. Quadrato, Triangoli. Rettangolo. Trapezio. Circolo. Figure piane. Metro quadrato. Misure agrarie. Misure Cubiche.
- Storia.* Storia. ~~Storia~~ L'età della pietra; del bronzo; del ferro. I primi popoli. Fatti ed eroi della storia Greca e Romana. Fondazione di Roma. Romolo e Remo. Vasto Colosse. Muzio Sordano. Clelia. Coriolano. Circimato. Cenni di storia moderna. Il fascismo.
- Geografia* Orientamento. Nomenclatura. Torrenti, fiume. Porto, molo, golfo ecc. Rivi, fiumi d'Italia. R. fiumini. Coste. Regioni d'Italia. Colonie. Le parti del mondo.
- Scienze* Topica. Epidemie. Malaria. Malattie contagiose. Schifetro. Medicamento urgente delle peste, delle morfirature di cause idropiche, viperi, insetto ecc. Animali Vertebrati; invertebrati. Insetti. Mammiferi. Uccelli. Pesci. Vegetali. Il suono. Mezzi di riscaldamento. Carmosiniali. Microscopio. Orecchio. Naso. Occhio. Tatto. Gola. Fotografia. Elettricità. Carbone bianco e nero.
- Ginnastica* Esercizi ordinari. Movimenti nell'aula.

La maestra  
 Anna Mottola Finzi

**ANEXO 2:** Programas do Curso Comercial do Instituto Médio Ítalo-Brasileiro Augusto Menegatti. FONTE: ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935, Cor. AUGUSTO MENEGATTI, Julho/1925. Maço 785.

Instituto Medio Italo Brasileiro  
A. MENEGATTI

Porto Alegre, Julho 1925.

Fundador e Director Prof. A. Menegatti

PORTO ALEGRE  
RIO GRANDE DO SUL — BRASIL

DIRECTORIA

Telefone Central N.º 185  
Endereço telegraphico: MENEGATTI

PROGRAMMI

per il Corso Commerciale ( 4 anni ).

-----

ALLEGATO A                      Lingua Italiana.

CLASSE I.

1. Lettura e spiegazione di prose e poesie facili e brevi del nostro secolo.
2. Grammatica; tutte le parti del discorso. Esercizi di memoria. Esercizi frequenti di composizione.

CLASSE II.

1. Lettura e spiegazione di prose e di brevi poesie del nostro secolo, e di alcune dei secoli precedenti che per lingua e stile si avvicinano alle moderne.
2. Grammatica: la sintassi.
3. Pochi precetti e molti esempi sulla purità e proprietà della lingua; sui sinonimi, sui traslati e sulle figure.
4. Norme pratiche sull'arte del comporre, con qualche nozione sui principali generi letterari.
5. Esercizi di memoria. Esercizi frequenti di composizione.

CLASSE III.

1. Lettura e spiegazione di prose scelte, riguardanti in particolar modo l'agricoltura, le industrie, i commerci, i viaggi ed ogni maniera di cognizioni utili.
2. Lettura e spiegazione di passi scelti e facili di poeti.
3. Norme per la composizione di lettere commerciali, di relazioni, di memoriali, di petizioni.
4. Qualche nozione intorno alle varie specie di versi e di strofe.
5. Brevi cenni sui più notevoli prosatori e poeti e sulle principali



opere loro.

6. Esercizi di memoria. Esercizi frequenti di composizione.

#### CLASSE IV.

1. Ripetizione generale di tutta la materia svolta nei tre anni precedenti.
2. Precetti di letteratura.
3. Conoscenza elementare delle opere principali di Omero - Plutarco - Virgilio.
4. Studio più accurato e più ampio su Dante, Ariosto, Tasso, Parini, Alfieri, Manzoni e Carducci.
5. Frequenti esercizi di composizione su argomenti trattati nella scuola.

#### Lingua francese.

#### CLASSE I.

1. Pronunzia e ortografia.
2. Declinazione dei nomi e degli aggettivi.
3. Coniugazione dei tre verbi regolari preceduta dalla coniugazione degli ausiliari AVOIR e ÊTRE.
4. ESERCIZI: Esercizi graduati di lettura. Esercizi di nomenclatura. Studio di poesie brevi e facili, anche per esercizio di memoria. Esercizi elementarissimi di scrittura sotto dettato. Esercizi elementarissimi di traduzione dal francese. Versione di facili proposizioni dall'italiano in francese, per esercizio di applicazione delle regole studiate.

#### CLASSE II.

1. Ricapitolazione pratica della parte grammaticale studiata nella prima classe.
2. Regole sugli aggettivi numerali e sui gradi di comparazione.



3. Aggettivi e pronomi possessivi. Aggettivi e pronomi dimostrativi. Pronomi personali, relativi e interrogativi.
4. Verbi regolari e irregolari.
5. Esercizi: lettura di prose francesi. Versione letterale dal francese, quindi versione libera, a voce ed in iscritto, di luoghi scelti. Versione di proposizioni, di frasi, di luoghi facili di autori dall'italiano in francese. Studio a memoria di dialoghi e poesie. Esercizi di scrittura sotto dettato.

#### CLASSE III.

1. Verbi riflessi in italiano e non in francese, e viceversa. Verbi che si coniugano con diverso ausiliare nelle due lingue. Principali verbi difettivi. Cenni sull'aggettivo verbale e sulla concordanza dei participi passati.
2. Parti invariabili del discorso; avverbi e locuzioni avverbiali; principali preposizioni e locuzioni congiuntive; interiezioni.
3. Regole di sintassi che sono di più frequente applicazione, insegnate praticamente sopra esempi. Breve fraseologia francese concernente lo stile epistolare commerciale ed i più comuni idiotismi italiani. Proverbi.
4. Esercizi: Lettura di prose e poesie francesi ed esercizi di traduzione improvvisa in italiano. Esercizi di memoria. Esercizi di scrittura sotto dettato.

#### CLASSE IV.

1. Ripetizione della materia svolta nei tre anni precedenti.
2. Versione di luoghi scelti dall'italiano in francese per applicazione delle regole spiegate.
3. Traduzione in francese di brevi racconti, favole, lettere. Favole e racconti in versi da esporsi in prosa. Qualche breve racconto per imitazione.



4. Lettere commerciali e familiari, date successivamente per imitazione, per traccia, per argomenti. Esercizi di conversazione in francese.

#### Matematica.

#### CLASSE I.

- ARITMETICA - 1. Nozioni preliminari. Numerazione. Le quattro operazioni fondamentali sui numeri interi e regole per eseguirle, Prove delle quattro operazioni.
2. Divisibilità di un numero per un altro. Criteri per riconoscere se un numero intero è divisibile per una potenza di dieci o per uno dei numeri, 2, 4, 8, 5, 25, 3, 9, 11. Prove per 9 e per 11 delle quattro operazioni sui numeri interi.
3. Regole delle divisioni successive per calcolare il massimo comun divisore di due numeri interi. Caso di tre o più numeri. Numeri primi fra loro.
4. Numeri primi. Regola per formare una tavola di numeri primi; per conoscere se un numero è primo; per decomporre un numero in fattori primi; per trovare tutti i divisori di un numero e per trovare i divisori comuni di due o più numeri.
5. Composizione del massimo comun divisore di più numeri mediante i loro fattori primi.
6. Regola per calcolare il minimo multiplo comune di due o più numeri interi e gli altri multipli comuni.
7. Frazioni ordinarie. Regola per trovare la parte intera di un numero frazionario; per ridurre una frazione ai minimi termini; per trasformare una frazione in un'altra equivalente di un dato denominatore; per ridurre le frazioni a denominatore comune o al primo denominatore comune.
8. Le quattro operazioni fondamentali su le frazioni; regole per eseguirle. Potenze di una frazione.



9. Numero decimale. Moltiplicazione e divisione di un numero decimale per una potenza di dieci. Regole per eseguire le quattro operazioni fondamentali sui numeri decimali.
10. Riduzione di una frazione ordinaria in decimale. Decimali finiti e periodici. Riduzione di un numero decimale, finito o periodico, in frazione ordinaria.

11. Sistema metrico decimale.

12. Numerosi esercizi e facili problemi.

#### CLASSE II.

- ARITMETICA - 1. Prodotti di più numeri interi e di potenze di un numero intero. Moltiplicazione di due potenze di base eguale. Estrazione della radice quadrata da un numero intero e decimale, e dalle frazioni.
2. Numeri complessi. Riduzione di un numero complesso in frazione ordinaria e decimale e viceversa. Addizione e sottrazione dei numeri complessi. Conversione di misure antiche, specialmente del luogo, in misure del sistema metrico decimale.
  3. Rapporti e proporzioni fra numeri interi e frazionari. Dati tre termini di una proporzione trovare il quarto. Proporzionalità diretta e inversa. Regola del tre, sia semplice, sia composta, col metodo delle proporzioni e con quello della riduzione all'unità.
  4. Regola per dividere un numero qualunque in parti proporzionali a numeri dati, interi e frazionari.
  5. Numerosi esercizi e problemi relativi a tutte le parti del programma.

#### CLASSE III.

ARITMETICA - 1. Ripetizione generale della materia svolta nei due anni precedenti.

GEOMETRIA - 1. Nozioni preliminari, assiomi, postulati. Angoli; rette per-

*JLH*



- pendicolari ed oblique; principali teoremi intorno ai triangoli.
2. Rette parallele; teoremi intorno ai parallelogrammi. Poligoni equivalenti, trasformazione di un poligono in un triangolo equivalente e di questo in un quadrato equivalente. Teorema di Pitagora e sue applicazioni.
  3. Principali teoremi intorno al cerchio, alle secanti e alle tangenti di esso.
  4. Intersezione e contatto delle circonferenze.
  5. Angoli del cerchio. Triangolo e quadrilatero inscritti e circoscritti.
  6. Regole pratiche per la misura delle rette degli angoli, dei triangoli, dei quadrilateri e dei poligoni. Problemi inversi.

#### CLASSE IV.

ARITMETICA - 1. Ripetizione di tutta l'aritmetica svolta nei tre anni precedenti.

GEOMETRIA - 1. Linee proporzionali, triangoli simili e poligoni simili.

2. Regole pratiche per la misura della circonferenza e della superficie di un circolo in funzione del raggio; e per la misura della superficie e dei volumi dei principali solidi geometrici, premesse le necessarie definizioni e nozioni.

3. Esercizi numerici e problemi. Problemi inversi, premessa la regola pratica per l'estrazione della radice cubica da un numero intero e dalle frazioni.

CALCOLO LETTERALE O ALGEBRA - 1. Nozioni preliminari. Prime quattro operazioni sulle quantità intere e frazionarie (omessa la divisione dei polinomi per polinomi).

2. Equazione di primo grado a un'incognita. Esercizi e facili problemi.

3. Sistemi di più equazioni di primo grado con altrettante incognite. Diversi metodi di eliminazione.



## Storia.

## CLASSE I.

1. Breve esposizione della geografia d'Italia ai tempi della fondazione di Roma.
2. Origine di Roma. I re. Cacciata dei Tarquini ed istituzione della repubblica. Crazio Coclite. Muzio Scevola. Clelia.
3. Patrizi e plebei. Coriolano. Veio e i Fabi. Cincinnato. I decemviri. Virginia.
4. I Galli. Cammillo.
5. I Sanniti. Le forche caudine.
6. Pirro. Fabrizio.
7. La prima guerra punica. Caio Duilio, M. Attilio Regolo.
8. La seconda guerra punica. Annibale. P. Cornelio Scipione Africano. Porcio Catone Censorio. L. Emilio Paolo.
9. La terza guerra punica. P. Cornelio Scipione Emiliano. I Gracchi. Cornelia.
10. Mario Silla. Pompeo Magnó. Catilina. Cicerone. Cesare. C. Ottaviano Augusto.
11. L'impero. Gl'imperatori di casa Giulia. I Flavi. Traiano. Adriano. Gli Antonini. Diocleziano. Costantino. Il Cristianesimo.
12. I barbari. Attila e gli Unni. Odoacre. Teodorico. Giustiniano.
13. L'invasione e la dominazione dei Longobardi in Italia. Alboino. Teodolinda. S. Gregorio Magno. Desiderio.

## CLASSE II.

1. Carlo Magno e l'impero franco. I successori di Carlo Magno.
2. Il Regno d'Italia e i due Berengari. Ungheri e Saraceni.
3. Venezia.



4. Ottone di Sassonia. Arduino d'Ivrea.
5. Enrico IV e Gregorio VII. Le crociate. I Normanni.
6. Origine di Casa Savoia. Umberto Biancamano.
7. Federico Barbarossa e la Lega lombarda.
8. Federico II. I Guelfi e i Ghibellini. Manfredi e Carlo d'Angiò. I Vespri Siciliani.
9. Bonifacio VIII. I Papi in Avignone.
10. Enrico VII. di Lussemburgo. Matteo Visconti signore di Milano. Re Roberto di Napoli. Cola di Rienzo.
11. Il Duca di Atene a Firenze. I Ciompi.
12. Vittor Pisani. Marin Faliero.
13. Gian Galeazzo duca di Milano.
14. Amedeo V. Amedeo VI. di Savoia. Il Conte Rosso. Amedeo VII. Amedeo VIII.
15. I Condottieri. Il Conte di Carmagnola. Francesco Sforza duca di Milano.
16. Cosimo padre della patria. Congiura dei Pazzi. Lorenzo il Magnifico.
17. Cristoforo Colombo.

#### CLASSE III.

1. Stato d'Italia sullo scorcio del secolo XV.
2. Lodovico il Moro. Carlo VIII. in Italia. Pier Capponi.
3. Fra Girolamo Savonarola. Francesi e Spagnuoli in Italia. I Borgia.
4. Giulio II e la Lega di Cambray. Leone X. Francesco I e Carlo V.
5. Giovanni dalle bande nere. Andrea Doria.
6. Caduta della libertà fiorentina. Francesco Ferruccio. Alessandro e Cosimo de' Medici.
7. Emanuele Filiberto. Battaglia di S. Quintino. Trattato di Castel Cambésis.
8. Lutero e la riforma. Concilio di Trento. Pio V. Battaglia di Le-



panto.

9. Carlo Emanuele I. Vittorio Emanuele I. Carlo Emanuele II.
10. Dominazione spagnuola in Lombardia e Napoli. Masaniello.
11. Venezia e i Turchi. Francesco Morosini.
12. Il Principe Eugenio. Vittorio Amedeo II e l'assedio di Torino.
13. I Borboni a Parma e a Napoli.
14. Carlo Emanuele III. Cacciata degli Austriaci da Genova.
15. La Rivoluzione francese. Napoleone Bonaparte. Stati d'Italia al tempo della Rivoluzione francese. Invasione francese in Italia. Campoformio.
16. Austriaci e Russi in Italia. Battaglia di Marengo. Napoleone Bonaparte imperatore e re d'Italia.
17. Effetti della dominazione francese in Italia. Preponderanza francese in Europa. Campagna di Russia. Caduta di Napoleone.
18. Trattato del 1815 e vicende italiane dopo la Ristorazione.
19. Carlo Alberto e lo Statuto. La prima guerra d'indipendenza nel 1848 e nel 1849.
20. Vittorio Emanuele II. Cavour. Garibaldi. La seconda guerra d'indipendenza nel 1859. Patti del 1860. Le annessioni.
21. La terza guerra d'indipendenza nel 1866.
22. Mentana. Il 20 settembre 1870. Roma capitale del regno d'Italia. Morte di Vittorio Emanuele.

#### CLASSE IV.

1. Ripetizione generale di tutta la materia svolta nei tre anni precedenti.
2. Il Risorgimento italiano trattato estesamente ( Checchi ). Formazione del regno d'Italia. Espansione coloniale. Guerra mondiale.



## Geografia

## CLASSE I.

1. La terra e il sole nel sistema solare. Moto diurno e moto annuo della terra. La luna, suoi movimenti e sue fasi. Eclissi di sole e di luna. Sfera terrestre, cerchi massimi e minori. Carte geografiche e loro uso. Orientamento.
2. Nomenclatura geografica.
3. Descrizione generale del globo. Continenti, oceani, mari, arcipelaghi e grandi isole.
4. Descrizione generale dell'Europa.
5. Descrizione generale dell'Italia, e del Brasile.
6. Descrizione particolareggiata del Brasile.
7. Schizzi sulla lavagna reticolata; iscrizioni di nomi su carte mute.

## CLASSE II.

1. Ripetizione delle nozioni cosmografiche date nel primo corso e della descrizione generale dell'Europa.
2. Descrizione particolare, fisica, politica ed amministrativa dell'Italia e del Brasile.
3. Principali linee ferroviarie d'Italia e del Brasile.
4. Descrizione sommaria, fisica e politica degli altri Stati d'Europa e dell'America.
5. Schizzi sulla lavagna ed esercizi cartografici, con particolare riguardo ai luoghi di importanza storica.

## CLASSE III.

1. Nozioni generali sulle altre parti del mondo. Studio sommario della geografia fisica e politica delle regioni e degli Stati principali che ad esse appartengono.
2. Ripetizione generale, con riguardo speciale all'Europa e specialissimo all'Italia ed al Brasile. Principali linee ferroviarie interna-



zionali.

3. Quadro comparativo della estensione e popolazione dei principali Stati d'Europa.
4. Quadro comparativo della superficie, della lunghezza delle coste e della popolazione dei singoli continenti.
5. Schizzi sulla lavagna ed esercizi cartografici, come nelle classi precedenti.

#### CLASSE IV.

1. Ripetizione di tutta la materia svolta nei tre anni precedenti.
2. Nozioni sulle ricchezze naturali, sui prodotti agricoli e industriali dei più importanti Stati del mondo ed in particolar modo dell'Italia e del Brasile.
3. Cenni intorno al commercio dell'Italia con l'estero e specialmente col Brasile. Principali paesi di provenienza e di destinazione delle merci importate in Italia ed esportate da essa.

#### Computisteria.

#### CLASSE III.

- I. COMPRA E VENDITA DI MERCI PER CONTO PROPRIO E PER CONTO ALTRUI.
  1. Misure italiane e misure brasiliane, misure estere. Riduzioni di misure. Adeguati di prezzo. Miscugli. Riduzione di misure e di prezzi.
  2. Contratti di compra-vendita, documenti e calcoli relativi.
- II. TRASPORTI E ASSICURAZIONI DELLE MERCI. - Documenti e calcoli relativi.
- III. PAGAMENTO A CONTANTI E A TERMINE. - 1. Monete brasiliane e italiane. Monete estere. Surrogati della moneta. Aggio. Parità monetaria. Riduzione di monete.



2. Metalli nobili e calcoli relativi.
  3. Distinte di versamento. Ricevuta. Quietanza. Mandati e ordini di pagamento. Credenziali.
  4. Interesse semplice e sconto. Formole relative. Metodo di riduzione all'unità. Divisori fissi.
  5. Cambiali. Varie specie di cambiali. Biglietto all'ordine in derrate. Assegno bancario o CHECK. Vaglia cambiario. Sconto di effetti cambiari. Distinta di sconto.
  6. Cambio interno ed esterno, diretto ed indiretto. Parità cambiaria. Listino dei cambi. Negoziazione di cambiali sull'estero e relative distinte.
- IV. AQUISTO E CESSIONE DEI TITOLI DI CREDITO! - 1. Debito pubblico dello Stato: consolidato, redimibile, fluttuante. Certificati nominativi e cartelle al portatore. Capitale nominale. Rendita. Corso.
2. Prestiti provinciali e comunali. Titoli relativi.
  3. Azioni ed obbligazioni industriali e bancarie. Capitale nominale. Capitale versato. Interesse. Dividendo. Corso. Listino di Borsa. Calcoli relativi ai fondi pubblici e privati.
- V. Conti correnti ad interesse coi metodi diretto, indiretto e scalare.
- CLASSE IV.
- I. NOZIONI GENERALI. - 1. Amministrazione economica. Azienda. Classificazione delle aziende. Elementi dell'azienda.
  2. Proprietario, amministratore, agenti e corrispondenti.
  3. Beni immobili. Sostanza attiva e passiva. Sostanza netta. Inventario.
  4. Rendite e spese. Bilancio di previsione.
  5. Fatti di gestione.
- II. - 1. Scritture cronologiche e sistematiche. Conto. Classificazione



dei conti.

2. Metodi di scrittura semplice e doppia. Registrazioni di apertura, di esercizio, di chiusura. Bilancio di verificaione. Correzioni delle registrazioni errate. Rendiconto.

- III. AZIENDE COMMERCIALI. - 1. Industria, commercio, vari rami del commercio. Atti di commercio. Persone commercianti. Capacità giuridica di esercitare il commercio. Diritti e doveri dei commercianti. Commessi di commercio. Institori. Mediatori pubblici. Sensali. Istituzioni proprie del commercio. Società commerciali. Fallimento.
2. Disposizione di legge sui libri di commercio. Tenuta dei libri di commercio. Esercizi completi di tenuta dei libri di aziende commerciali.

Nozioni di Scienze naturali.

## CLASSE II.

ZOOLOGIA E BOTANICA. - 1. Corpi naturali inorganici e organici. Corpi organici animali e vegetali.

2. Descrizione dei più importanti e più comuni animali, prendendo occasione per accennare alle classificazioni zoologiche, e per dire brevemente ed elementarmente degli organi e delle funzioni di nutrizione e di relazione negli animali superiori e specialmente nell'uomo.
3. Descrizione delle piante più comuni e più utili del luogo, appartenenti a ciascuno dei tre tipi dicotiledoni, acotiledoni, monocotiledoni, prendendo occasione per accennare alle classificazioni botaniche e per dire brevemente ed elementarmente degli organi e delle funzioni di nutrizione e riproduzione nelle piante.

## CLASSE III.

FISICA. - 1. Proprietà generali dei corpi. Forze. Movimenti. Macchi-



ne semplici.

2. Peso dei corpi. Bilancia. Centro di gravità. Pendolo.
3. Equilibrio dei liquidi. Pressione. Corpi immersi. Areometri. Capillarità.
4. I gas. Pressione atmosferica. Barometri. Areostati. Trombe. Macchina pneumatica.
5. Cause fisiche del suono. Sua velocità. Eco.
6. Effetti generali del calore. Termometri. Cambiamento di stato dei corpi. Idea di una macchina a vapore. Venti e meteore acquose.
7. Corpi luminosi e illuminati, diafani e opachi. Specchi piani. Diverse forme di lenti e loro usi. Descrizione dei cannocchiali e dei microscopi. Camera oscura. Fotografia. Colori.
8. Descrizione di una macchina elettrica, della bottiglia di Leida, della pila. Telegrafo. Telefono. Campanello elettrico. Motori elettrici. Luce elettrica. Galvanoplastica. Fulmine e parafulmine.

CHIMICA. - 1. Corpi semplici e corpi composti. Combinazioni. Legge delle proporzioni definite. Differenze principali fra miscugli e combinazioni. Cenni intorno alla nomenclatura chimica.

2. Proprietà principali dell'ossigeno, dell'azoto, dell'idrogeno, del carbonio, del cloro. Proprietà principali del ferro, dello zinco, del rame, del mercurio, dell'argento e dell'oro.
3. Composizione e proprietà principali dell'aria e dell'acqua. cenni intorno alle proprietà di alcuni fra gli acidi, ossidi e sali più importanti.

#### CLASSE IV.

1. Ricapitolazione generale della materia svolta nei due anni precedenti.
2. MINERALOGIA. - Osservazione e descrizione dei minerali più importanti, specialmente del luogo, traendone argomento per dire dei ca-



19.  
ratteri dei minerali in generale.

3. MERCEOLOGIA.- Nozioni di merceologia teoriche-pratiche sulle caratteristiche dei principali prodotti industriali (Combustibili, sostanze alimentari, filati e tessuti, pelli, metalli, ecc.).- Adulterazioni e contraffazioni.

#### Disegno.

##### CLASSE III.

DISEGNO CON GLI ISTRUMENTI.- Le figure geometriche più semplici e più usate. Combinazione delle figure stesse a scopo ornamentale.

##### CLASSE III.

DISEGNO CON GLI STRUMENTI.- Le curve più importanti e più usate. Ornamenti geometrici svariati.

##### CLASSE IV.

DISEGNO CON GLI STRUMENTI.- Ornamenti geometrici a colori. Riquadrature, trafori e frastagli usati nell'architettura. Le modanature e i profili più semplici usati nelle arti e nei mestieri. Riduzione dei disegni. Nozioni elementarissime della pianta, dell'alzato e del profilo di oggetti semplicissimi.

#### Calligrafia.

##### CLASSE I.

Esercitazioni sul carattere inglese posato di varie altezze e sul corsivo inglese.

##### CLASSE II.

Continuazione degli esercizi sul carattere inglese, specialmente corsivo. Italiano. Rotondo. Bastardo.

##### CLASSE III.

Esercizi sui caratteri studiati nelle classi precedenti. Stampatello aldino. Gotico antico, gotico moderno.

##### CLASSE IV.

Esercizi sui caratteri studiati nelle classi precedenti. Stampatello romano. Distribuzione estetica dei vari caratteri.

#### LINGUA PORTOGHESE.

##### STORIA DEL BRASILE E STORIA UNIVERSALE.

I programmi governativi del Ginnasio " Julio de Castilhos " di Porto Alegre pareggiato al Ginnasio " Don Pedro II " di Rio de Janeiro.

**ANEXO 3: Apresentação de Gino Battocchio.**

**FONTE:** ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. GINO BATTOCCHIO, 6/08/1934, Maço 785.

C O P I A

Porto Alegre 6 Agosto 1934-XII

Illustre Comm. Guglielmo Barbarisi  
DD. Console Generale di S.M. il Re D'Italia - PORTO ALEGRE

-----  
Signor Commendatore,

Permetta la S.V. che, appena a titolo d'informazione, trascriva l'elenco dei miei titoli e lo stato di servizio in pubblici uffici, già richiesti dal Comm. Carli nel novembre del 1933.

- 1 - Diploma di Licenza in Filosofia e Lettere, conseguito alla R. Università di Padova in Luglio 1897.
- 2 - Diploma di Laurea in Lettere, conseguito nella R. Università di Padova in novembre 1897.
- 3 - Cinque pubblicazioni critiche-storico-letterarie.
- 4 - Una pubblicazione di Geografia Economica.
- 5 - Pubbliche Conferenze; a) - Sulla Emigrazione italiana (Feltre 1904); b) sulla Evoluzione della Repubblica Romana (Feltre 1902); c) I Poeti del Risorgimento (1910); d) Pel Cinquantenario della Indipendenza d'Italia (1911); e) Nell'Annale del Natale di Roma - Aprile 1916, Porto Alegre; f) La nostra grande guerra di redenzione - Mag. 1916, Porto Alegre; g) Pel VII Centenario della morte di Dante Alighieri, Sett. 1921 in Porto Alegre, presenti Autorità Civili, Militari, Religiose; h) Pel VII Centenario della morte di S. Francesco d'Assisi, 1926.

STATO DI SERVIZIO

- 1 - Dodici anni ininterrotti d'insegnamento nell'antico ginnasio e nella Scuola Media Commerciale di Feltre.
- 2 - Nominato Maestro R. Agente e inviato a Bento Gonçalves con Decreto 7 Dicembre 1908 dal R. Ministero degli Affari Esteri e dal Commissariato per l'Emigrazione con missione ispettiva alle Scuole Italiane.
- 3 - Istituita in Bento Gonçalves nel 1910 una Scuola di studi complementari ad opera per iniziativa del Giudice di Comarca, del Promotore Pubblico e mia, ne tenni un corso regolare di lingua italiana finché durò la scuola.
- 4 - Cura assidue e vigilanza attiva per tutte le piccole scuole rurali della zona, altre avendone organizzate e aperte fino all'anno 1915.

5 - Durai nella predetta missione fino a tutto il 1921, anno in cui sono stati soppressi i Maestri-Agenti, ma l'opera mia, per quanto ormai limitata, continuai negli anni seguenti.

6 - Chiamato ed incaricato nell'Aprile del 1933-XI per un corso di lingua italiana nei Ginnasi Statali di questa Capitale, ed anche nella "Dante Alighieri". Incarico riconfermatomi dal 1° Gennaio al 31 Dicembre 1934.

Questo il mio modesto Stato di servizio nei pubblici uffici, perfettamente documentato; ma mi sia concesso ricordare taluni dati che possono attestare dei miei sentimenti e dell'opera mia di cittadino italiano.

1° - Fino dallo scorcio del 1920 e dai primi giorni del 1921 io facevo pubblica ed esaltavo in Bento Gonçalves la bellezza e la santità della causa e dell'azione del Fascismo avendo organizzato per questo, anche solenne cerimonia, mentre da lunghi anni sono iscritto al Fascio di Porto Alegre, al quale ho rimesso in tempo larghi contributi in denaro per le opere assistenziali.

- 2 - Socio fondatore della Lega Navale Italiana - 1899.
- 3 - Socio fondatore della "Nazionalissima Sezione di Feltre della "Trento e Trieste" - 1905-1906.
- 4 - Socio della Società Monarchico-costituzionale di Feltre.
- 5 - Socio Benemerito della "Dante Alighieri", Sezione di Porto Alegre
- 6 - Socio fondatore del "Corriere d'Italia" in Roma, 1° gennaio 1900
- 7 - Corrispondente dell'Eco del Baldo" e del "Messaggero" di Riva e di Rovereto (Trento)
- 8 - Corrispondente ordinario della "Gazzetta di Venezia" e della "Gazzetta di Treviso"
- 9 - Corrispondente a azionista della "Stella d'Italia" (Porto Alegre) e del "Bento Gonçalves" in Bento Gonçalves
- 10 - Fondatore e socio proprietario, col Rev. Padre D. Poggi (con gravi perdite e sacrifici) del "Corriere d'Italia", che tanto valse alla causa della italianità - Bento Gonçalves 1913-1917
- 11 - Mio largo contributo ai prestiti di guerra, all'"Italcable", all'"ICIE" etc. nonché agli ospedali di Bento Gonçalves e alla Società "Regina Margherita".

Mentre ringrazio vivamente la S.V. per l'interesse che ha dimostrato per la mia causa, mi sottoscrivo con la dovuta osservanza.

Dev. mss Gino Battocchio



**ANEXO 4:** Cursos de Italiano nos Ginásios da Capital – Cônsul Barbarisi  
**FONTI:** ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1936. Cor. BARBARISI, 10/04/1935, Maço 876.

U

**R.° CONSOLATO GENERALE D'ITALIA**  
nel Rio Grande del Sud

Num. Pr. 1112/113

Posiz. Scuole

All: vari

Porto Alegre, 10 aprile 1935/XIII

REGISTRATO

Signor Ministro,

Ho l'onore di comunicare all'E.V. che l'opera di diffusione della nostra lingua negli istituti di educazione di Porto Alegre, prosegue con ritmo intenso e soddisfacente.

Dal 30 marzo a tutt'oggi hanno avuto luogo, con solennità ed alla mia presenza, dei Presidi e del Corpo insegnante, l'inaugurazione dei corsi nei ginnasi e scuole d'istruzione media - Seigné- Bom Conselho- N.S. do Rosario- Anchieta- N.S. das Dores; ai quali si sono aggiunti quest'anno, la Scuola Normale Femminile ed il Collegio Americano.

Questi corsi già imponenti per efficienza numerica, sono frequentati per speciale concessione dei Capi d'Istituto, rispettivamente, anche dagli antichi alunni, appartenenti ora, alle varie Facoltà Universitarie.

La frequenza per ogni istituto si aggira sugli 80 alunni; sono in complesso 560 allievi, oltre gli universitari, che senza dubbio, portano in ogni ambiente locale la ripercussione di quanto apprendono con notevole vantaggio ai fini della nostra propaganda.

L'insegnamento risponde oltre ai criteri di divulgazione, anche all'illustrazione del più importanti istituti Fascisti, della nostra civiltà e storia, al quale compito attende con perizia, dedizione e particolare tatto il Prof. Gino Battocchio; confermato in tale carica da V.E. con telegramma N°14 del 15 dicembre 1934/XIII u.s.

La scolaresca ha accolto con visibile compiacimento ed entusiasmo la riapertura di tali corsi. La riprova della continuità nell'iniziativa è rilevata dalla stampa locale e dalla simpatia dei Capi d'Istituto, e dello stesso Interventore Federale, Gen. Flores da Cunha, che in un recente colloquio mi fece intravedere la possibilità di rendere obbligatorio nei ginnasi statali, l'insegnamento della nostra lingua.

Giovedì sera 4 corr. nei locali della "Dante Alighieri" ho anche inaugurato il corso gratuito serale d'italiano.

All'atto solenne erano presenti più di 300 iscritti, giovani, signore e signorine della buona società PortoAlegrense, pervasi da un vero entusiasmo per l'occasione che loro si offriva, di imparare, il prescelto nostro idioma.

In tutte le cerimonie inaugurative è stato messo in rilievo, che l'insegnamento oltre ad essere un potente vincolo nell'intercambio culturale, esercita un'elevata funzione di avvicinamento riflettentesi in ogni campo delle relazioni Italo-Brasiliane.

Onoromi far presente, che la rilevata forza numerica degli iscritti, è superiore a quella dell'anno scorso, cosa che ha reso necessario la divisione delle lezioni in due sezioni di due ore settimanali per ciascun Istituto, rendendosi così insufficiente l'opera di un solo insegnante; ma, per ragioni di economia, ho pregato il Prof. Battocchio di intensificare il suo ufficio, conciliando gli orari, sobbarcandosi anche a delle ore supplementari.

Mi sono stati pure richiesti da parte di ferrovieri ed impiegati pubblici in genere, l'istituzione di corsi speciali di lingua italiana, in armonia alle ore libere delle singole occupazioni, ciò che altamente dimostra tutto l'interesse che i corsi destano in ogni ambiente Brasiliano.

Nell'allegare i resoconti della stampa, mi permetto sottolineare il quotidiano "A FEDERACAO" organo ufficiale del Governo dello Stato, il cui commento riflette tutta l'approvazione delle sfere responsabili all'iniziativa della divulgazione della nostra lingua.

Voglia gradire, Signor Ministro, gli atti del mio profondo ossequio.


R. MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI  
Direzione Gen. delle Scuole all'Estero  
e per conoscenza: ROMA  
R. AMBASCIATA D'ITALIA- RIO DE JANEIRO

LE R. CONSULE GENERALE

Barbarisi

**ANEXO 5:** Contratação da professora Beatrice Lupi.

FONTE: ASMAE-Archivio Scuole, 1929-1935. Cor. MAE, 15/05/1934, Maço 785.

  
*Ministero degli Affari Esteri*  
DIREZIONE GENERALE  
DEGLI ITALIANI ALL'ESTERO

*Roma* 16 MAG 1934 Anno XVI  
PER POSTA AEREO

*Protocollo N.º* 842944 / 88  
*Riscontro alla nota del*  
*N.º*

*OGGETTO*  
Maestra giornaliera Lupo Bice

Conferimento al rapporto 1668/59 si ha il pregio di comunicare che V.S. è autorizzata ad assumere in qualità di giornaliera a L.14,70 il giorno oltre la rifusione cambio per i soli effettivi giorni di lezione la signorina Bice Lupi.

Per ogni altra sistemazione si attende ulteriore dettagliato rapporto.

*f.º Parini*

*Allegato N.º*

16 MAGGIO 1934

R. CONSOLATO GENERALE D'ITALIA  
PORTO ALEGRE